COLEÇÃO
SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

VOLUME 1

A FORJA
Um jornal dos alunos do Colégio de Aplicação

DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (1955-1967)

Libânia Xavier
Fábio Garcez de Carvalho
Jéssica de Azevedo Gomes
Isabel Leanza Machado

UNIRIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UFRJ
FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Libânia Xavier
Fábio Garcez de Carvalho
Jéssica de Azevedo Gomes
Isabel Leanza Machado

VOLUME 1

A FORJA
Um jornal dos alunos do Colégio de Aplicação

DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (1955-1967)

UNIRIO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UFRJ
FAPERJ Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Reitor: Roberto de Andrade Medronho
Vice-Reitora: Cássia Curan Turci

Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Decano: Vantuil Pereira
Substituto eventual: Paulo Cesar Castro

Faculdade de Educação
Diretora: Maria Muanis
Vice-Diretor: Thiago Ranniery

Programa de Estudos e Documentação, Educação e Sociedade - Proedes/UFRJ
Coordenadora: Ana Lucia Cunha Fernandes
Vice-Coordenador: Jucinato de Sequeira Marques

PROJETO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA - FAPERJ

Coordenadora: Libânia Xavier (Prof. Titular FE-UFRJ)
Vice-Coordenadora: Nailda Marinho (Prof. Titular FE-UniRio)

Bolsistas de Treinamento e Capacitação Técnica Faperj:
Fábio Garcez de Carvalho
(Doutor PPGEH-UFRJ / CAp-UFRJ e Prof. História)
Rodrigo Antunes Correa
(Mestre Prof. História / Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré – CEDFS / São Pedro da Aldeia)
Ronaldo Elói da Silva Sant'Ana
(Mestre Prof. História / Escola Estadual Professora Cordélia Paiva - Duque de Caxias)
Flavia de Moura Osório Pereira Freire
(Mestre PPGEdu-UniRio / Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral – CEIAA)

Bolsistas de Iniciação Científica Faperj:
Ana Carolina Amim Molossi (IH-UFRJ)
Fabiane dos Santos Silva (FE-UFRJ)
Hugo Caetano Andrade Silva (EH-UniRio)
Jéssica de Azevedo Gomes (IH-UFRJ)
Larissa da Silva Candido Vanda (FE-UFRJ)
Laura Viana Pego (FE-UFRJ)
Lorena Oliveira de Araújo (FE-UFRJ)
Maria Guilhermina Tasso de Alcantara (IH-UFRJ)
Scarlet da Rocha Cunha (IH-UFRJ)

Bolsistas Jovens Talentos Faperj:
Isabel Leanza Machado (Aluna do CAp-UFRJ)
Kaike Barros Porto (Aluno CEDFS)
Clara de Souza Brandão (Aluna CEIAA)

Bolsistas de Extensão:
Rômulo Rodrigues Moraes Queiroz (EE-Unirio / Bolsista PIBEX – UniRio)
Viviane Beatriz Ribeiro Pontes Nunes (FE-UFRJ / Bolsista Profaex-UFRJ)

Preparação editorial

Versão preliminar
Pesquisa: Libânia Xavier; Fabio Garcez de Carvalho; Jéssica de Azevedo Gomes e Isabel Leanza Machado
Projeto gráfico e diagramação: Alfredo Rebello
Capa: Lívia de Fátima Conceição

Versão final
Supervisão: Libânia Xavier
Revisão: Ligia Cabral
Projeto gráfico e diagramação: Sense Design & Comunicação

Copyright © Autoras e autores
Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F721 A Forja: um jornal dos alunos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1955-1967) / Libânia Xavier, Fábio Garcez de Carvalho, Jéssica de Azevedo Gomes e Isabel Leanza Machado – Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação, 2023.
238 p. : il. -- (Coleção Sua Escola Tem História; v. 1)

ISBN (Coleção) 978-65-01-22353-7 (versão on-line).
ISBN 978-65-88-57913-8 (versão on-line).

1. Educação - História - Brasil. 2. A Forja (Jornal). 3. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Colégio de Aplicação - Atividades. 4. Jornais na educação. 5. Imprensa estudantil. I. Xavier, Libânia. II. Carvalho, Fábio Garcez de. III. Gomes, Jéssica Azevedo. IV. Machado, Isabel Leanza. V. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

CDD: 370.981

Elaborada por: Érica Resende (CRB-7 5105)

SUMÁRIO

A Coleção Sua Escola tem História 8

Prefácio, por Alessandra Carvalho 11

Estudantes em cena, um convite à leitura de A Forja 11

Explorando o arquivo do Colégio de Aplicação da UFRJ 17

Impressões parciais sobre A Forja 21

A Forja (Ano I, nº 1) 29

A Forja (Ano V, nº 22) 66

A Forja (Ano V, nº 23) 73

A Forja (Ano V, nº 25) 82

A Forja (Ano V, nº 26) 89

A Forja (Ano VI, s/nº) 103

A Forja (Ano VI, nº 4) 108

A Forja (Ano VI, nº 6) 111

A Forja (Ano VII, nº 1) 116

A Forja (Ano VII, nº 2) 124

A Forja (Ano VII, nº 3) 131

A Forja (Ano VIII, nº 1) 139

A Forja (Ano VIII, nº 3) 145

A Forja (Ano VIII, nº 4) 150

A Forja (Ano VIII, nº 5) 155

A Forja (Ano VIII, nº 3) 164

A Forja (Ano VIII, nº 7) 169

A Forja (nº 1/ "1964") 178

A Forja (nº 2/ "1964") 185

A Forja (nº 3/ "1964") 194

A Forja (nº 2/ "1965") 203

A Forja (nº 3/ "1965") 213

A Forja (Ano XI, nº 4) 222

A Forja (Ano XII, nº 2) 231

Tabela 236

A COLEÇÃO SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

A **Coleção Sua Escola tem História** reúne os resultados do projeto de mesmo nome que recebeu suporte do Edital de Apoio à Melhoria das Escolas da Rede Pública Sediadas no Estado do Rio de Janeiro (2021-2024), financiado pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). O ponto de partida foi promover o levantamento de estudos e pesquisas relacionados à memória e às histórias das escolas fluminenses, de suas experiências pedagógicas e da participação de seus sujeitos, promovendo a divulgação sistemática deste conteúdo ao público em geral.

Com uma equipe formada por quatro professores da educação básica, que durante dois anos contaram com bolsas de Aperfeiçoamento Técnico Faperj, mais alunos de cursos de graduação (com bolsas de Iniciação Científica Faperj, de extensão Profaex-UFRJ e Pibex-UniRio), e, ainda, com alunos do ensino médio (com as bolsas Jovens Talentos Faperj), sob a supervisão das coordenadoras do projeto, foi possível realizar os levantamentos das histórias das quatro escolas conveniadas: o Colégio Estadual Dr. Feliciano Sodré (São Pedro da Aldeia - RJ); o Colégio Estadual Inácio Azevedo Amaral (Rio de Janeiro - RJ); a Escola Estadual Professora Cordélia Paiva (Duque de Caxias - RJ); e o Colégio de Aplicação da UFRJ (Rio de Janeiro - RJ).

As instituições estão localizadas em diferentes regiões do estado e atendem aos ensinos fundamental e médio, assim como à formação de professores no curso Normal. Isso garante uma boa diversidade de questões e certa abrangência às atividades didáticas desenvolvidas, como se vê pelos temas abordados nos outros e-books da coleção.

Forjado nesse intercâmbio voluntário, os resultados do projeto articulam reflexões e ações atinentes ao ensino da História e à formação

de professores, em conexão com as atividades de pesquisa e extensão. Para além de um *site* e da divulgação nas redes sociais – Facebook e Instagram – os *e-books* visam promover a divulgação dos conhecimentos produzidos ao longo do tempo de duração do projeto (2022-2024). Nesse intuito, alguns *e-books* abordam aspectos das histórias das escolas conveniadas a partir de fontes documentais, de depoimentos orais, fotografias, plantas arquitetônicas e trabalhos de alunos, entre outras. Além disso, divulgam as atividades didáticas que foram experimentadas nessas escolas, tais como aulas especiais e oficinas, compondo o repertório de temas abordados.

Consideramos que a escola pública é uma instituição potente para a construção de um modelo de educação e de sociedade democráticos. Essa ideia ganha centralidade redobrada diante dos ataques que a escola pública, os professores e a pesquisa científica vêm sofrendo nos últimos anos, sobretudo a partir do ano de 2016, quando as escolas, os professores e as universidades públicas foram duramente atacados e, junto com eles, o conhecimento científico. Nesse contexto adverso, o estímulo ao desenvolvimento das atividades de extensão universitária e de divulgação do conhecimento produzido a partir de pesquisas científicas se tornou um imperativo.

Em tempos pós-pandemia, ainda marcados pela circulação de falsas informações e de ideias prejudiciais à saúde física e mental, reforça-se a importância do uso dos equipamentos de informática e das mídias digitais na comunicação com os alunos, com os nossos parceiros profissionais e com o público em geral, de modo a divulgar os conhecimentos balizados pela pesquisa científica e pelos saberes escolares. A série de *e-books* - livros virtuais e gratuitos - atende, assim, aos objetivos que nortearam o projeto Sua Escola tem História, entre os quais destacamos os seguintes:

> Promover a preservação da memória e da história da educação, por meio do conhecimento e do registro de experiências pedagógicas relevantes, de lutas pelo direito à educação e de políticas educacionais que permearam as histórias de nossas escolas;

Reconhecer o protagonismo dos sujeitos escolares, buscando dar visibilidade às suas memórias, expertises e opiniões;

Chamar a atenção do público em geral para a importância da instituição escolar no acesso aos códigos letrados e às informações científicas, tão centrais na vida contemporânea;

Dar maior visibilidade ao conhecimento da história das escolas, tendo em vista que esse conhecimento atribui sentido ao seu trabalho de socialização, de disseminação dos conhecimentos científicos e de construção de cidadania.

O volume 1 da coleção Sua Escola tem História reúne os exemplares do jornal dos alunos do Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp UFRJ), publicados entre os anos de 1955 e 1967, intitulado A Forja. Cada exemplar demonstra a importância do colégio ter se tornado uma escola que abrigava, ainda que em apenas uma turma, o experimentalismo pedagógico. A ideia de que o aluno deve ocupar o centro do processo de ensino e aprendizagem é potente e resulta em criatividade e participação ativa, como se vê na documentação aqui reunida. Outro aspecto que salta aos olhos é o perfil do aluno do CAp desse período, muito próximo do que poderíamos chamar de uma elite cultural da cidade do Rio de Janeiro, reunindo filhos de jornalistas, médicos, economistas e escritores, entre outras profissões de alto valor social. Muitos desses alunos se tornaram profissionais renomados em suas áreas de atuação, o que explica o alto nível das reportagens apresentadas no jornal A Forja. Sobre os temas e questões abordados, o leitor terá um rico material a ser explorado.

Boa leitura!

Libânia Xavier
Coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

Nailda Marinho
Vice-coordenadora
Projeto Sua Escola tem História

PREFÁCIO, POR ALESSANDRA CARVALHO

Estudantes em cena, um convite à leitura de A Forja

Para Ana Célia Castro, Afrânio Garcia, José Sérgio Leite Lopes, Alfredo Veiga e Denise Moraes, tão presentes nas histórias vividas e contadas n'A Forja e revividas nas reuniões do MemoCAp[1]

""Professora, eu li um artigo n'A Forja que não acreditei! É mais ou menos a mesma coisa que a gente discute hoje!" Assim, com todas as exclamações típicas da juventude, uma estudante do 2º ano do ensino médio me mostrou o editorial intitulado *Objetivos do Zé Capiano*, publicado em 1964 no jornal do grêmio estudantil do CAp-UFRJ.[2] Atuando como bolsista de iniciação científica num projeto ligado ao MemoCAp, a estudante tinha como uma de suas atividades a leitura dos números d'A Forja e estava mobilizada pelo texto escrito em torno das seguintes questões: "Todos nós vamos todos os dias ao colégio. Mas será que dele tiramos real proveito? Que pensamos sobre o colégio, suas finalidades e nossos objetivos em geral?" A partir destas perguntas, seguiram algumas respostas dos editorialistas: ir ao colégio para estudar, para tirar notas altas, para passar no vestibular, para, assim, conseguir su-

1 *MemoCAp: uma história social do Colégio de Aplicação da UFRJ (1948-2022) é um projeto de pesquisa sediado no Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE-UFRJ) e liderado pela Professora Ana Célia Castro, cuja equipe é composta por diversos/as capianos/as – os/as ex-alunos/as a quem este texto é dedicado, ex-técnicos/as, ex e atuais docentes e bolsistas. Tem como objetivos investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas no CAp-UFRJ, as vivências de docentes e estudantes e os usos do aprendizado da fase escolar feitos ao longo da vida, abrindo horizontes de carreiras profissionais. Nos últimos anos, as atividades do projeto se voltaram para o levantamento e tratamento de dados do corpo discente capiano como ferramenta para analisar as relações entre experiências educacionais, mobilidade e desigualdade sociais.*

2 *A Forja, v. II, 1964, p. 2.*

cesso na vida... E, bem ao então estilo capiano de ser, a estas respostas vieram a análise e a crítica: a problematização da ótica individualista, a valorização do projeto coletivo – ou "sucesso social", nos termos dos jornalistas-alunos – e a defesa de uma ética do aprender contínuo como o melhor legado da escola. No final, o texto convocava os/as estudantes a abraçar uma postura ativa, tomando parte nas atividades dentro e fora da aula, indagando sobre a Teoria da Relatividade e as lutas raciais e se dedicando a construir "alguma coisa socialmente válida (por menor que seja)".

Não é difícil entender por que 1964 e 2022 se conectaram através de um texto d'A Forja. Temos, em um e outro tempo, jovens estudantes com seus sonhos, receios e projetos de futuro num Brasil de sobressaltos; lá e cá, há também o colégio e seus enquadramentos, as notas, as matérias, as provas, o vestibular, o horário, o uniforme, o muro; o eu e o nós; o que esperam de nós e o que esperamos fazer no mundo... A estudante que se via nas indagações colocadas ao Zé Capiano, no tenso ano de 1964, vivia em 2022 a experiência do governo de extrema-direita de Jair Bolsonaro e o retorno das aulas presenciais após dois anos de ensino remoto resultante da pandemia de Covid-19, que sacudiu a escola de alto a baixo. Ao mesmo tempo, tentava entender as discussões em torno da implantação do Novo Ensino Médio e da Base Nacional Comum Curricular que prometiam um espaço para o protagonismo e as escolhas discentes.[3] Para ela, então, fazia todo o sentido perguntar: afinal, o que é a escola diante do que vivo/vivemos? Para que ela – me? nos? - serve? Onde estou/estamos nela e o que quero/queremos?

Ao longo do tempo, os estudantes do CAp-UFRJ não se cansam de colocar estas perguntas e defender suas diferentes respostas nos con-

3 Implementado a partir do ano de 2022, o Novo Ensino Médio alterou a grade curricular e carga horária desta etapa da escolaridade básica, sobretudo nas escolas públicas, reduzindo a carga horárias de algumas disciplinas para introduzir itinerários formativos por áreas baseados no que seria o interesse do/a estudante. Essa nova proposta teve como alicerce a Base Nacional Comum Curricular, aprovada em 2018.

selhos de classe, nas conversas com os/as professores/as, em seus debates internos e, também, nos números d'A Forja, órgão oficial da representação estudantil do colégio. Parte das edições deste impresso está agora reunida nesse *ebook*, abrindo inúmeros e emocionantes caminhos para enxergarmos a escola e seus diferentes personagens pelos olhos daqueles/as que, afinal, são, ou deveriam ser, seus/suas protagonistas: os/as estudantes. Olhos que traduzem a escola em poesia, prosa, ilustração, charge e muita ironia e iconoclastia; que delineiam uma arquitetura invisível de concreto e afeto forjada nos corredores, vestiários, quadra, salas de aula e cantos; que denunciam hierarquias naturalizadas, interpelam os limites da liberdade e da autoridade e que, de vez em quando, nos expõem, os/as professores/as, como seres um tanto ridículos pois esquecemos que a juventude pode ser, e geralmente é, bem mais intensa, apaixonante e definitiva que a aula, a nota, a ortografia, o material organizado...

Para além desses aspectos instigantes, a seleção d'A Forja aqui apresentada guarda algumas marcas que merecem ser destacadas. Publicadas entre 1955 e 1967, elas são parte de dois processos constitutivos das histórias e memórias contadas sobre o, então, Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) da Universidade do Brasil. Refiro-me, em primeiro lugar, ao período compreendido entre a criação do CAp, em 1948, e meados dos anos 1960, quando o colégio se estabeleceu como uma referência na educação pública na cidade do Rio de Janeiro em razão de suas experimentações pedagógicas e das expectativas de que fosse capaz de garantir o acesso ao ensino superior a seus/suas estudantes. Nestes anos, liderado por Luiz Alves de Mattos, professor da cadeira de Didática da FNFi, o colégio adotou formas de seleção discente extremamente exigentes e seletivas, recrutando alunos/as, sobretudo, entre as classes médias da zona sul carioca. Essa história foi tratada na obra de Alzira Alves de Abreu, que dedicou especial atenção também às características do corpo docente e dos/das

licenciandos/as na conformação do funcionamento do colégio, e na tese de doutorado de Glaucia Monassa Martins sobre as dinâmicas de construção e de manutenção do prestígio escolar do CAp-UFRJ ao longo de quatro décadas (1948-1988).[4]

Em estreito diálogo com essa história, o segundo processo a ser sublinhado se refere à emergência, nas décadas de 1950 e 1960, de uma "identidade capiana discente" que unia a busca pela excelência acadêmica e a participação política, concebida em sentido amplo – como uma responsabilidade de cada pessoa com seus/suas colegas e com a construção de ações coletivas na escola e fora dela... Não à toa, o título da obra de Abreu sobre o CAp atribuiu os adjetivos de "intelectuais" e "guerreiros" aos/às estudantes capianos/as, interagindo com os dois traços desta identidade. Sendo A Forja o órgão oficial da Caixa Escolar e, posteriormente, do grêmio estudantil, ela foi um espaço fundamental no qual os traços identitários do corpo estudantil foram propostos, divulgados e disputados pelos/as responsáveis por sua publicação, alinhando-se, ao lado de outros impressos estudantis, como uma fonte preciosa para a pesquisa das culturas juvenis cariocas em interação com experiências pedagógicas transformadoras e um Brasil industrial e urbano em construção.

Ao longo dos anos 1960, o fortalecimento dos movimentos estudantis secundarista e universitário e o engajamento de parte do corpo discente capiano nas ações de resistência à ditadura civil-militar ocuparam de maneira crescente as páginas d'A Forja, assim como os corredores do colégio, as conversas entre os/a estudantes e as salas dos/as professores/as e da direção, originando inúmeros confrontos. Ainda

4 ABREU, Alzira Alves de. Intelectuais e guerreiros. O Colégio de Aplicação da UFRJ de 1948 a 1968. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1992. Disponível em: https://editora.ufrj.br/wp-content/uploads/livros/pdf/Intelectuaiseguerreiros_compressed.pdf. MARTINS, Glaucia Moreira Monassa. PRESTÍGIO ESCOLAR: UMA CORRIDA DE OBSTÁCULOS – um estudo sobre o Colégio de Aplicação da UFRJ. Universidade de Campinas. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, 2015.

está para ser investigada com maior profundidade a repressão aos/às estudantes promovida dentro do colégio, mas dela podemos encontrar indícios em algumas pesquisas já realizadas e nas memórias de muitos/as ex-alunos/as.[5] Aqui, a repressão está vívida e explícita no número d'A Forja que encerra o ebook: publicado em junho de 1967, o jornal exibiu espaços em branco em todas as suas quatro páginas no lugar dos textos vetados por uma ação denunciada pelos/as estudantes como "censurientação". Na esteira dos conflitos cada vez maiores entre a direção e parte do corpo discente, o grêmio estudantil foi fechado e A Forja suspensa, sendo retomada somente no ano de 1979, de acordo com Patrícia Mafra.

Desde então, o CAp tem escrito e reescrito sua história, tema que vai além do escopo deste texto-convite. Destaco, todavia, uma questão que tem transformado todas as pessoas que habitam esse colégio: as mudanças nas formas de seleção do corpo discente iniciadas em meados dos anos 1990 que culminaram, em 2023, na decisão coletiva de abolir qualquer tipo de prova para preenchimento das vagas, substituindo-a pelo sorteio. Aliado às políticas afirmativas de caráter étnico racial, social e para pessoas com deficiência, a seleção por sorteio tem alterado profundamente o perfil de nossos/as estudantes e levado à constituição de uma escola muito diversa, atravessada por todas as desigualdades que singularizam a sociedade brasileira e pelos desafios da invenção de uma educação democrática. Por tudo isso, vale a pena retornar ao artigo d'A Forja que iniciou esse texto: "Todos nós vamos todos os dias ao colégio. Mas será que dele tiramos real proveito? Que pensamos sobre o colégio, suas finalidades e nossos objetivos em geral?"

5 MAFRA, Patrícia Henriques. Uma escola contra a ditadura: a participação política do CAp-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2006; KAIUCA, Miriam Abduche, MIRA Y LÓPEZ, Emilio e PAGE, Cheilamar Prates (org.). Gratidão e memórias dos capianos de todos os tempos ao Cap-UFRJ. Rio de Janeiro, 2023.

E vale muito a pena ler os números d'A Forja reunidos nesse *ebook*, pois as vozes, ideias e criações dos/as estudantes ali reunidas não só nos conectam com uma experiência cheia de vida, energia, emoções, ambições e projetos vivida no CAp entre os anos 1950 e 1960, como também nos fazem perceber melhor o que está à nossa volta, na escola do presente.

Alessandra Carvalho
Rio de Janeiro, setembro de 2024.

EXPLORANDO O ARQUIVO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ

Esta publicação compõe a coleção Sua Escola tem História, financiada pela Faperj. Considerando que o compromisso ético do pesquisador é parte do ofício a que se dedica, entendemos ser necessária a divulgação para um público mais amplo dos resultados do projeto *As classes experimentais, o ensino de História e a formação de professores no Colégio de Aplicação da UFRJ*. Para que o leitor possa acompanhar os caminhos que o grupo de pesquisadores optou por seguir para a execução da pesquisa, vale tecer algumas considerações. Ao iniciarmos o projeto, nos propusemos a investigar parte da história de uma instituição criada em 1948 com o propósito de ser um espaço escolar de experimentação pedagógica.

Integrada ao projeto Sua Escola tem História, que reúne quatro colégios públicos em torno de uma proposta que contribua para a investigação sobre a história da escola e sua inserção na comunidade, tendo como agentes e lugar de realização no âmbito curricular os professores de ensino básico, os/as discentes e o ensino de História no ensino básico, a pesquisa sobre as classes experimentais do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia (CAp da FNFi) contribui para colocar em foco um projeto pedagógico de âmbito nacional voltado para a reforma curricular do ensino secundário ao final dos anos 1950. A investigação ganha amplitude se considerarmos que o CAp da FNFi, além de um laboratório de novas práticas pedagógicas, era também espaço pedagógico para a formação de professores secundários. Os estudantes de graduação teriam na instituição uma experiência pedagógica inovadora a ser replicada nas escolas.

Portanto, o lugar que o Colégio de Aplicação da FNFi assumiu na educação da cidade do Rio de Janeiro era de uma escola universitária, na qual os estudantes dos cursos de graduação realizavam o seu estágio profissional. Não seria absurdo considerar que para as autoridades governamentais o Colégio de Aplicação poderia soar como estratégico para a implantação e avaliação das classes experimentais. A instituição, com seu corpo docente composto por professores universitários e jovens egressos do estágio, oferecia espaço para a experimentação pedagógica e formação docente para o ensino renovado.

Com vistas à realização da investigação, tivemos a oportunidade de dispor de um conjunto de documentos do Colégio de Aplicação classificados, conservados e arquivados no Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (Proedes) da UFRJ. Gostaríamos também de salientar que a pesquisa tem se concentrado em fontes que foram digitalizadas por Fernanda Gomes Vieira para a pesquisa de mestrado que originou sua dissertação *O Serviço de Orientação Educacional e o governo dos/as estudantes das classes secundárias experimentais do Colégio de Aplicação da FNFi (1959-1963)*, ou seja, partimos de um conjunto de documentos sistematizados a partir de sua relação com as classes experimentais. A extensa relação de documentos digitalizados nos obrigou a selecionar os que mais se aproximavam de nossos objetivos imediatos, quais sejam:

1) analisar o lugar das classes experimentais no contexto das reformas pedagógicas dos anos 1950;

2) investigar a relação entre o projeto das classes experimentais e a cultura escolar do Colégio de Aplicação;

3) pesquisar o desenho curricular proposto e em vigência no período 1959-1963. Daí termos inicialmente explorado os documentos produzidos pela administração escolar.

Outra fonte que nos chamou a atenção à medida que a pesquisa documental avançava foram os impressos estudantis, particularmente

o jornal A Forja, uma publicação que perdurou durante anos no colégio. Diferentemente das fontes administrativas, A Forja trazia em suas páginas a pulsação do cotidiano escolar, as relações entre a direção da escola e os estudantes, a relação dos estudantes com o espaço escolar, o imaginário político dos estudantes e a relação dos estudantes com o mundo. O desafio de descrever este cotidiano nos possibilitou indagar a respeito da relação entre as classes experimentais e a construção de uma cultura escolar marcada por forte presença da participação estudantil. O jornal nos abriu as portas para explorar as microrrelações que materializam as propostas pedagógicas, sendo apropriadas em diferentes contextos disciplinares e conferidos a elas significados diversos.

Sendo o jornal A Forja produzido por estudantes secundários, as informações sobre os conteúdos escolares, as dinâmicas pedagógicas em curso, as críticas jocosas a situações da vida escolar nos eram trazidas a partir da sensibilidade e do olhar de jovens estudantes. A cada publicação, observávamos que os estudantes construíam a sua identidade como capianos, simbolizando os espaços e conferindo sentidos e significados às redes de sociabilidade no interior do espaço escolar. Configura-se um tipo de agência que podemos interpretar como protagonismo discente, ou seja, a habilidade de construir redes de relações sociais, políticas e simbólicas no espaço escolar, conferindo a elas um sentido de compromisso com princípios éticos e de solidariedade. Este protagonismo discente nos interessa, pois é a partir dele que podemos investigar de que maneira o novo desenho curricular proposto pelas classes experimentais foi incorporado e traduzido pelos diferentes sujeitos escolares.

À essa altura, é possível entender a opção por organizar este volume da coleção Sua Escola tem História com edições de A Forja. A coleção oferece ao leitor um recorte instigante do pulsar da vida escolar a partir do olhar dos estudantes. Mas a opção pelo jornal estudantil

se relaciona também com o lugar em que se localiza o pesquisador que assina este texto, e este lugar é a docência no Colégio de Aplicação. Durante aproximadamente trinta anos vivenciei e compartilhei a cultura escolar capiana. Pude acompanhar o ressurgimento de A Forja em novos formatos e em outros tempos. A consulta aos jornais dos anos 1960 sempre me provocou curiosidade e prazer, ao folhear o impresso. Este livro talvez seja um desejo de compartilhar com um público mais amplo o sentimento de prazer que a leitura me proporcionou.

Informar ao leitor os caminhos da investigação em curso é indispensável, pois o lugar em que se localiza o pesquisador produz efeitos de conhecimento variados e significativos. E o meu lugar é a disciplina História, ministrada no Colégio de Aplicação da UFRJ (antiga Universidade do Brasil). O colégio assume um duplo papel nesta investigação: é o lugar onde me tornei profissional docente e é objeto de investigação em sua historicidade. Para o desenvolvimento do projeto sobre as classes experimentais, tenho contado com a participação da bolsista de Iniciação Científica Jéssica de Azevedo Gomes, aluna do curso de História da UFRJ, e da bolsista do programa Jovens Talentos Isabel Leanza Machado, aluna de ensino médio do Colégio de Aplicação e apaixonada por História. Resumindo, o lugar onde habitamos e encontramos as ferramentas para interpretar o mundo social é a História.

Fábio Garcez de Carvalho
Prof.º Dr. Colégio de Aplicação

IMPRESSÕES PARCIAIS SOBRE A FORJA

Este volume da coleção Sua Escola tem História é um convite ao público em geral para um mergulho na imprensa estudantil, em particular no impresso A Forja, produzido por alunos do Colégio de Aplicação (CAp) da então Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), vinculada à Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Tratamos de impresso porque A Forja surge como revista em 1955, apresenta formato de boletim em edições posteriores e adquire formato de jornal nos anos 1960.

Para o pesquisador interessado na investigação da instituição escolar, a imprensa estudantil é uma fonte instigante. Como toda e qualquer fonte histórica, a imprensa escolar é um recorte da realidade, com um complexo cruzamento de olhares particulares. Composto por textos elaborados pelos alunos e por agentes da administração escolar, além de ilustrações e fotografias, o impresso A Forja oferece um amplo leque de informações e registros de lugares emblemáticos do espaço escolar, que nos possibilitam um mergulho no cotidiano da comunidade capiana.

O cotidiano escolar é um pulsar de vidas. Quem o conhece sabe que esse pulsar é vigoroso e fértil de situações para a investigação. As ações dos múltiplos agentes se esfumam com o passar do tempo, mas algumas deixam seus registros materiais e simbólicos. Podemos dizer que a imprensa escolar é um fragmento material de um investimento afetivo de jovens que deixam suas marcas em um espaço onde as ações e as palavras são voláteis.

A Forja nos dá algumas pistas sobre as finalidades do Colégio de Aplicação, as disputas que permeiam as relações entre estudantes, as tensões que mobilizam os jovens e a administração escolar e os acontecimentos que merecem, aos olhos dos alunos, serem divulgados e registrados, tanto fatos relacionados aos objetivos educacionais do Colégio de Aplicação e ao cotidiano escolar quanto ao mundo da política, da cultura e da sociedade. Não por acaso, vemos no primeiro número, publicado em 1955, artigo sobre o diretor Luiz Alves de Mattos, onde há o destaque ao trabalho com a licenciatura no colégio. Vale lembrar que a criação do colégio expressava uma concepção pedagógica de que a universidade deveria oferecer um espaço de troca e experimentação pedagógica, indispensável para a formação profissional da docência, portanto, se propunha a pensar a docência como profissão, e não como mera vocação.

No que diz respeito à vida escolar, podemos destacar artigos que oferecem ao pesquisador a possibilidade de adentrar a "caixa preta" da escola, ou seja, as práticas e códigos escolares que se configuram em sala de aula no âmbito das diferentes disciplinas, sendo de difícil acesso para o pesquisador, conforme destaca Augustín Escolano Benito, em *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Podemos dizer que o impresso A Forja possibilita ao pesquisador percorrer os meandros do currículo em movimento. As referências críticas às disciplinas escolares e até mesmo a distribuição de carga horária da disciplina na grade curricular são questões presentes nos impressos, assim como referências aos professores. Temas do cotidiano escolar que acabavam por ser transformar em fato jornalístico. Vale destacar que o movimento de construção do fato jornalístico por si só já evidencia o exercício do protagonismo discente. É na seleção de fatos, no tipo

de abordagem e de questões propostas que o fazer discente se materializa. Nos diversos artigos é que o pesquisador poderá encontrar visões de mundo, valores compartilhados entre estudantes e sensibilidades que indicam os tipos de problemas e desafios que mobilizavam os jovens.

A própria mudança para um formato de jornal impresso já evidenciava as opções e desejos dos jovens em produzir um suporte de informação assemelhado a um jornal, com uma estrutura gráfica que comportasse artigos, entrevistas, ilustrações, fotografias e editorial, a partir do qual os responsáveis pela publicação emitiam as suas opiniões à comunidade escolar. As mensagens que circulavam no jornal acabavam por compor um universo simbólico e uma rede de relações, registro da vivência de jovens que compartilhavam no espaço escolar afetos e esperanças. A escola era um dos espaços pelos quais os jovens se integravam ao mundo exterior. Vale destacar que eram tempos de Guerra Fria, de lutas dos povos do Terceiro Mundo por sua libertação e de mobilização social para o combate à pobreza e ao subdesenvolvimento do Brasil.

Impressionam os artigos escritos por alunos de diferentes séries sobre os problemas políticos mundiais. Por meio de A Forja, temos aos nossos olhos um rico painel da cultura juvenil de uma geração de estudantes. Se nos dias de hoje a cultura juvenil está mergulhada em tempos de comunicação digital globalizada, nos anos 1950/1960, para o jovem que se escolarizava, a imprensa estudantil era um veículo de informação que o conectava com os acontecimentos do tempo presente. Produzir um jornal no espaço escolar, portanto, era expressar o desejo de construir uma janela aberta para o mundo.

Não seria exagero afirmar que A Forja se constitui com o passar do tempo como um imenso exercício de mobilização da comunidade com vistas a construir um veículo de comunicação aberto às diferentes tendências e polêmicas. Em suas páginas, encontramos debates intensos sobre a própria manutenção do jornal. O leitor, ao visualizar as várias edições de A Forja, poderá acompanhar as transformações gráficas, os temas abordados e a criação de seções temáticas, a composição dos artigos e a própria mudança de periodicidade das publicações. De certo modo, os diferentes formatos que A Forja assume ao longo dos anos espelham o impacto das mudanças políticas, as transformações sociais e os desafios enfrentados pela sociedade brasileira.

Nesse sentido, vale ressaltar a fina sintonia de A Forja quanto ao momento político vivido pelo país nos anos 1960. O avanço das lutas populares e a vibrante defesa de democracia com justiça social e desenvolvimento estampavam alguns artigos que se propunham a tratar dos problemas brasileiros. As relações dos estudantes capianos com a política estudantil, exemplificadas pela mobilização da comunidade capiana para a participação em congressos estudantis, evidenciavam uma intensa mobilização e sensibilidade para a participação no debate político. Não por acaso, o fim do ciclo democrático e o início da ditadura civil-militar impacta o cotidiano da vida escolar. A presença da censura e de um ambiente de tensões crescentes envolvendo as instâncias administrativas do colégio e os estudantes vão se tornando cada vez mais agudas.

Como não entender A Forja como a plena materialização de uma proposta pedagógica que se fundamentava na ideia de que o aluno deveria ser o centro do processo educativo? Mas este que era um princípio

caro ao ideário do escolanovismo é posto à prova no contexto político de ditadura. Como conciliar uma proposta renovadora destinada à formação de espíritos livres se o regime civil-militar de 1964 se propunha a amordaçar os estudantes? Estas contradições estão estampadas em alguns números de A Forja. Acompanhar as páginas do impresso durante a consolidação do regime civil-militar nos leva a um contexto de crescente angústia e tensões vividas por uma geração.

Se parte da história do Colégio de Aplicação tem a cultura política como vertente formativa dos jovens estudantes, a cultura escolar não se resume a essa dimensão. Encontramos também as práticas que emergem da interação entre os diferentes sujeitos escolares com a administração escolar, de modo a compor uma complexa rede de relações no cotidiano escolar. A exploração de A Forja nos oferece ricos registros de rotinas, de atividades sociais e de produção de cultura.

As atividades de sociabilidade tanto no interior da escola quanto no espaço externo chamam atenção. Alguns desses eventos são anuais, compondo quase como um ritual de congraçamento entre os diferentes agentes escolares. Eventos que se repetem a cada nova geração de estudantes. São os casos das festas e atividades coletivas que produzem um variado acervo de símbolos e ações que constroem a identidade dos estudantes como parte de uma comunidade escolar. As formaturas de estudantes e as homenagens aos professores são comumente noticiadas, destacando-se como eventos de alta importância para a comunidade. As festas de aniversário do Colégio de Aplicação já eram notícia desde o primeiro número. Existem ainda os eventos relacionados às atividades pedagógicas organizadas a partir de uma concepção interdisciplinar, eram as atividades comumente chamadas de extraclasse. O simples fato de ser notícia é uma evidência do valor que a atividade tinha para os alunos participantes.

Outra dimensão a ser considerada na cultura escolar são os saberes pedagógicos, que produzem conhecimentos sobre a escola e os processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o colégio, por ser uma unidade de ensino básico na universidade, onde os licenciandos realizavam o seu estágio supervisionado, acabava por ser um campo de circulação de ideias pedagógicas. A menção à licenciatura e aos seus sujeitos no impresso é fato recorrente, inclusive com a indicação do licenciando destaque do ano. Um registro que evidencia a integração dos licenciandos ao trabalho pedagógico com os alunos, sendo parte da cultura escolar capiana.

Ao ler as edições de A Forja, o leitor se depara com as ideias pedagógicas que vigoravam à época: valores, concepções de aprendizagem e de formação de professores. Aliás, no primeiro número de A Forja, os idealizadores do jornal não poderiam ser mais explícitos: "o CAp é a realização da Escola Nova". É possível também identificar conteúdos disciplinares que circulavam no CAp, os ditos saberes de referência, que são fundamentais para a legitimação do saber escolar.

A despeito de haver uma lacuna temporal entre a primeira edição de 1955 e a edição de 1960, não devemos cair na armadilha de considerar que o impresso não tenha conquistado um lugar importante na história do colégio. Muito pelo contrário, ao avançar pelos anos 1960, as publicações foram intensas e ofereciam à comunidade um canal para externar opiniões e promover debates. A Forja ganhava dinâmica com o surgimento de novas seções. O êxito da proposta de elaboração de um jornal é tão visível que em uma edição de 1965 encontramos a menção ao I Curso de Jornalismo Estudantil do Colégio de Aplicação, promovido pelo Setor Cultural do grêmio. A Forja fazia escola.

Sem ter a pretensão de compor esta pequena publicação com todas as edições de A Forja existentes nos arquivos do Proedes / Faculdade de Educação / UFRJ, a nossa proposta é oferecer ao leitor um conjunto de exemplares digitalizados para fins de mapeamento de temas que se apresentam nas páginas do impresso estudantil. Mapear o espaço escolar e suas tramas, este é nosso objetivo com esta publicação. Como todo exercício de mapeamento, propomos inicialmente ao leitor um olhar mais amplo sobre a fonte. Caso se encante em explorar a fonte, poderá calibrar o foco das lentes de observação para projetar um olhar para os fenômenos microscópicos. Para tanto, elaboramos antes de cada exemplar um texto contendo os temas abordados em diferentes artigos e sessões. Não deixa de ser um convite para participar do jogo de escalas, caso o leitor deseje se aprofundar em algum tipo de tema ou pretenda explorar rastros de práticas do cotidiano escolar relatadas no jornal.

Podemos afirmar que esta primeira publicação da coleção Sua Escola tem História é elaborada de modo a cumprir o objetivo de contribuir para a socialização da história das escolas para um público mais amplo. Pelo que foi exposto ao longo do texto, é possível entender a opção pela publicação dos impressos estudantis. A Forja é uma fonte que nos permite circular no complexo mundo da cultura escolar.

Para o leitor em geral, os impressos estudantis podem aguçar as suas lembranças de escolarização, além de se deliciar com a fina ironia e o bom humor nas inúmeras ilustrações. Esta publicação cumpre o seu papel se tocar o leitor pelo prazer da leitura. Aos pesquisadores, por sua vez, A Forja pode ser uma porta aberta para investigar a cultura juvenil dos anos 1960, a cultura escolar, e o próprio Colégio de Aplicação como um espaço de experimentação pedagógica, inclusive no que tange à implantação das classes experimentais, com suas pro-

postas curriculares inovadoras, sendo as classes experimentais um tema com vasto potencial de exploração.

Por fim, esperamos que este livro, junto com as demais publicações da coleção, possa contribuir para conhecermos a história das instituições escolares da cidade e do estado do Rio de Janeiro em diferentes tempos e espaços.

Fábio Garcez de Carvalho
Prof.º Dr. Colégio de Aplicação

Isabel Leanza Machado
Graduação em História da UFRJ

Jéssica de Azevedo Gomes
Ensino Médio do CAp da UFRJ

Passei a minha infância me imaginando em outra vida, com mais dinheiro, morando numa casa maior e se possível falando inglês sem legendas. Até o bloqueio americano a Cuba em 1962 eu ainda torcia pelos mocinhos. Depois a História me ajudou a começar a mudar de opinião. Veio o golpe de 64 e as coisas ficaram difíceis de engolir. Pouco tempo depois, já no Colégio de Aplicação desde 1962, comecei a ver o mundo com um olhar mais crítico. Por causa do colégio minha curiosidade foi aguçada e percebi que os dogmas da igreja e do sistema existiam para serem contestados. Depois que li Demian, de Hermann Hesse, a visão se abriu. Deve ter acontecido com muita gente. Os mocinhos começavam a perder as batalhas. Mas, assim mesmo, era muita história para ser revista. A posição política já havia mudado, mas a compreensão da sociedade, seus desvios, seus atalhos, isso foi vindo com o tempo.

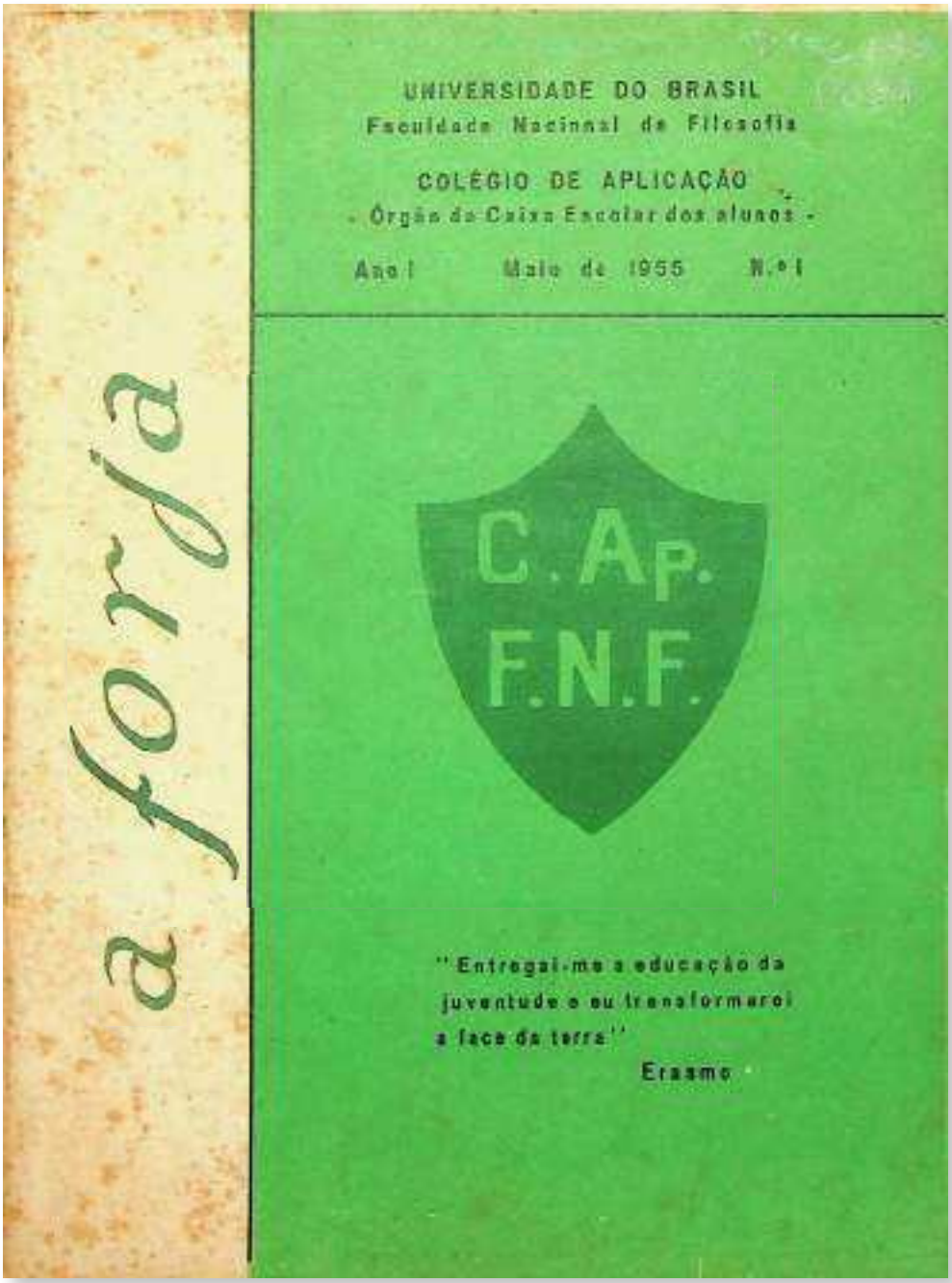
Miguel Paiva (2021)

publicado no site de notícias Brasil 247

1

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 138
EDIÇÃO: A Forja (Ano I, nº 1)
DATA: 1/5/1955

Esta primeira edição de A Forja - com pouco mais de 30 páginas - apresenta o grupo responsável pela produção do jornal, tendo como redatores um grupo de alunos; como revisora a professora do CAp Adolfina Portela Bonapace e como conselheiro, o coordenador do colégio, Dr. Ary Sartorato. Além deles, conta também com a colaboração de ex-alunos e outros funcionários. Como endereço da redação do jornal discente, se informa a localização da Caixa Escolar dos Alunos do CAp, situada à Rua Esteves Júnior, 42, Praça São Salvador. A publicação teve início em 1953, sendo composta por representantes de turma que, no ano de 1954, tiveram a ideia de criar uma revista capiana. As primeiras páginas explicam como se deu a criação do nome do jornal, que foi decidido por meio de uma votação. Deve-se destacar que há também a explicação do significado dado pelo autor do título, um aluno da terceira série ginasial que "compara o colégio a uma 'forja' onde se formam diversos profissionais que utilizarão os conhecimentos adquiridos em prol do progresso da ciência e da nação". Em seguida, uma matéria, assinada pelo próprio diretor e fundador do colégio, Luiz Alves de Mattos, relata a história da fundação do Colégio de Aplicação da FNFi. Outro texto, intitulado *As aparências enganam*, apresenta a experiência dos licenciandos do colégio. Na página seguinte, vem o relato de uma reunião de posse dos representantes de turma do ano de 1955, na qual estavam presentes o diretor do CAp, a representante do Setor de Orientação Educacional, o coordenador, alunos e ex-alunos do colégio. Nesta edição, há diversas contribuições feitas, não somente por alunos, mas também por funcionários e professores, entre textos, poemas, jogos, lendas brasileiras e curiosidades. Há também as seções de humorismo, passatempo, esporte, problemas de Matemática e notícias da Secretaria, acompanhadas de avisos para os alunos como *O mural* e *A capa de nossa revista*.


a forja
UNIVERSIDADE DO BRASIL
Faculdade Nacional de Filosofia
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
- Órgão da Caixa Escolar dos alunos -
Ano I Maio de 1955 N.º 1
C. Ap.
F.N.F.
"Entregai-me a educação da juventude e eu transformarei a face da terra"
Erasmo

A FORJA

DIREÇÃO: Conselho da Caixa Escolar dos alunos do C.Ap.

REDATORES: Um grupo de alunos

REVISORA: Profª Adolfina Portela Bonapace

COLABORADORES: Alunos, ex-alunos, professôres, funcionários e amigos do C.Ap.

CONSELHEIRO: Dr. Ary Sartorato - Coordenador do C.Ap.

REDAÇÃO: Caixa Escolar dos alunos do C.Ap. - - Rua Esteves Júnior, 42 - Praça São Salvador - Tel. 45-2189

NÃO SE DEVOLVEM ORIGINAIS

*****

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS DO C.Ap.
Representantes de turma para 1955

Armando Ivo de Carvalho Abreu..... 3º Científico

Leny Autran ..... 2º "

Denis Lupovici ..... 1º "

Marcos Augusto Leal Azevedo ..... 4º Ginasial

Paulo Roberto Cardoso ..... 3º "

Marcio Vieira ..... 2º "

Joaquim Ignácio Cardoso Filho ..... 1º "

DISC 138
P059

O NOME DA NOSSA REVISTA

Por Paulo Roberto Cardoso da
3ª série do Curso Ginasial

No ano de 1954 foi sugerida pelo Conselho da Caixa Escolar a criação de uma revista para o nosso colégio. Depois de aprovada a idéia, procuramos o melhor método de escolher o seu nome. Surgiram várias idéias e então ficou resolvido pelos conselheiros a escolha por votação.

Quase todos os alunos deram o seu nome preferido. Dentre êles foram escolhidos cinco: "Lamparina", "A Corujinha", "A Forja", "Aspiração", "Conquista", saindo vitoriosa "A FORJA". Em segundo lugar classificou-se "A Corujinha", sendo autora dêste a nossa colega Rozélia Póvoas.

Como autor do título vencedor, justo é que explique a minha preferência.

O que é uma forja ? Uma oficina, em que ferreiros e outros operários trabalham em peças de metal para caldeá-los. É, portanto, um local de trabalho criador, de onde surgem vários tipos de ligas com variadas aplicações, de utilidade para tôda a coletividade.

Igualmente é o nosso colégio uma "forja" onde se preparam aquêles que, mais tarde, nas diversas profissões - médicos, engenheiros, militares, professôres, advogados, economistas, etc - utilizarão os conhecimentos adquiridos em prol do progresso da ciência e da nação.

Foi em face da semelhança entre uma forja e um colégio que me veio à idéia sugerir êste nome.

Aproveitando a oportunidade, agradeço a preferência dada ao nome por mim lembrado, o que me proporcionou o prêmio estipulado pelo Conselho da Caixa Escolar dos alunos do Colégio de Aplicação.

UMA GRANDE NOTÍCIA - O Conselho de Representantes dos alunos do C.Ap. em sua reunião de 12 do corrente, aprovou a criação do DIA DO EX-ALUNO DO C.Ap. que será comemorado, concomitantemente, com o aniversário do Colégio de Aplicação - - 20 de maio. A FORJA congratula-se com o Conselho pela feliz iniciativa.

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Colaboração do Sr. Diretor do C.Ap.
Prof. Luiz Alves de Mattos.

O Colégio de Aplicação da F.N.F. ? Uma esplêndida realidade em marcha! Durante 10 anos pleiteamos, com insistência, das autoridades superiores da Universidade do Brasil a criação de um colégio de aplicação, onde as novas gerações de professôres, formados pela Universidade, pudessem observar e praticar aquilo que lhes era ensinado nas cadeiras teóricas, ativando suas aptidões e aprimorando sua capacidade para bem conduzir e orientar a nossa juventude escolar.

Mil objeções e dificuldades tiveram que ser vencidas, até que enfim, em 1948, com a colaboração generosa da Fundação Getúlio Vargas, que nos ofereceu uma sede provisória, a Universidade nos deu os recursos mínimos necessários para iniciarmos o que, no entender de muitos, era uma extravagante aventura.

Em agôsto dêsse ano iniciaram-se os trabalhos com exíguos recursos, mas com um grande saldo de entusiasmo e de boa vontade da parte de todos aquêles que foram chamados a colaborar.

Em 1951 o C.Ap. teve que se mudar para sua sede atual, e os trabalhos continuaram com redobrado entusiasmo.

Apesar da pobreza de suas modestas instalações num prédio vetusto e insuficiente, lutando sempre com escassez de verbas para atender às suas múltiplas necessidades e anseios de expansão, o C.Ap. vem galhardamente se desincumbindo de sua difícil e complexa tarefa de atender, ao mesmo tempo, a duas grandes finalidades.

A primeira é a de ser um educandário modelar tanto pela boa qualidade de seus métodos de ensino, como pela ambiência e orientação educativa que proporciona aos seus alunos, favorecendo o desenvolvimento harmônico de sua personalidade e incentivando nêles ideais e sadias atitudes em face da vida e da sociedade.

A segunda é a de iniciar os licenciandos da Faculdade Nacional de Filosofia na prática do ensino, aprimorando sua técnica docente, fazendo-os conhecer, compreender e estimar os adolescentes, instruí-los nos estudos e orientá-los

DISC 138
P059

na vida.

Essa dupla e complexa tarefa está sendo cumprida. Em cada ano partem do C.Ap. levas de adolescentes confiantes em si mesmos e preparados para enfrentar os vestibulares da Universidade e as lutas da vida. A excelente colocação obtida pelos alunos do C.Ap. na maratona inter-colegial do ano passado e nos vestibulares dos cursos superiores é prova sobeja disso. Ao mesmo tempo, formam-se no C.Ap., todos os anos, mais de uma centena de novos professôres secundários, senhores de uma técnica docente mais racional e progressista, aliada a uma alta consciência ética de seus deveres profissionais para com a juventude e a sociedade.

Êsses são os frutos da boa vontade, esfôrço e dedicação de todos os que cooperam para esta obra, e dela participam: os assistentes da cadeira de Didática, os professôres regentes, os técnicos da Coordenação e do Serviço de Orientação Educacional, o pessoal da Secretaria, os licenciandos da Faculdade, os próprios alunos do C.Ap., e os nossos dedicados serventes. Todos reunidos constituimos uma grande família educacional. E, como uma grande família, unidos e confiantes, continuaremos a trabalhar para a concretização dos nossos melhores anseios e ideais, que são também os da coletividade brasileira. Avante, pois! ...

Numa das ilhas do sul do Brasil a natureza foi tão pródiga que até os ocasos têm inspirado a poetas e artistas pelo seu deslumbramento.

E por isso aquêle pedaço de terra foi chamado "a ilha dos ocasos raros".

Acontece, porém, que vez por outra os seus habitantes, na sua vida pacata e rotineira, são surpreendidos por um fenômeno social, o que deu origem à expressão que até hoje é usada "a ilha dos casos raros".

COLEGA ! Colabore com a Caixa Escolar, adquirindo uma flâmula do C.Ap.

AS APARÊNCIAS ENGANAM

Todos os anos, dezenas de licenciandos, jovens de ambos os sexos, chegam ao C.Ap. Depois de 3 anos de estudos na F.N.F., habituados àquela vida de estudante e, eis que surge a etapa final, o 4º ano, a Didática. Sim, 3 longos anos naquele edifício da Av. Antônio Carlos. Salas amplas, confortáveis, sem poeira; um belo auditório e, para completar, a vista da Baía de Guanabara.

Realmente, é penoso no final do Curso ter de mudar de itinerário, principalmente em se tratando da Rua Esteves Jr. 42. Sim, é aí mesmo que está o C.Ap.. O nosso tão querido C.Ap., que aparece a êsses jovens e futuros mestres, nos seus 7 aninhos de existência como um menino maltrapilho. É isso mesmo, caros licenciandos. Tamanha foi a surprêsa que pensastes em voltar; mas como, se era ali que se encontrava o tesouro que buscavas.

Diante dêstes remendos, buracos e feiura tiveste de tomar uma decisão e, finalmente, entrastes neste casarão, dando logo de frente com o busto do já nosso conhecido Senador Corrêa.

E depois fôste vendo o resto: duas longas escadas, sem elevador, janelas sem vidro e outras tantas coisas a que tens de te acostumar porque a profissão que escolheste exige de ti sacrifício e abnegação.

Passam-se os dias, os teus problemas e preocupações te absorvem de tal maneira que as primeiras impressões já se apagaram da tua mente.

Verificas, então, que o menino maltrapilho encerra dentro de si uma plêiade de jovens adolescentes, dotados de boa inteligência e que, também, serão trabalhados por ti.

Sim, êles te auxiliarão na tua tarefa; êles procurarão fazer de ti um mestre e por isso não te aborreças quando êles brincam; lembra-te de que êles também te experimentam. Por isso dá mostra de ser um bom professor. Estuda, porque tua carreira assim o exige. Tua responsabilidade é grande; não te esqueças de que a formação da juventude de-

DISC 138
POS 9

pende de ti. Sê bom mestre e ela será boa.

Aqui estamos licenciando mais êste ano para que nos ajudes a te auxiliar na difícil, mas nobre carreira que escolheste.

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS DO C.Ap.

CRIADA EM 16/4/1953

A 30 de abril, no auditório do C.Ap., teve lugar a posse dos representantes de turma para 1955. A sessão foi aberta pelo colega Armando Ivo, do 3º Científico, que convidou o Prof. Mattos, Diretor do Colégio, para dirigir os trabalhos.

Após a leitura e assinatura do têrmo de posse, usou da palavra o colega Ivo que numa breve alocução disse das finalidades da Caixa Escolar.

Em seguida, pelo Diretor do Colégio, foram entregues os prêmios conferidos aos 1º e 2º colocados no concurso do nome desta revista:

> Paulo Roberto Cardoso que obteve o 1º lugar com "A Forja" e Rozélia Póvoas, o 2º lugar com "A Corujinha".

Encerrando os trabalhos, o Prof. Mattos agradeceu a honra de ter presidido aquela sessão, felicitou os jovens vitoriosos no concurso e congratulou-se com as Diretorias de 1954 e 1955.

Estavam presentes à reunião a Orientadora Educacional, o Coordenador, alunos e ex-alunos do C.Ap.

COLEGA !

O C.Ap. É O TEU COLÉGIO;
SUA FLÂMULA DEVE ESTAR EM
TUA MESA DE ESTUDO.

A QUEDA DA BASTILHA

de Hildegard Luz da 4ª série do Curso Ginasial

Rufam os tambores,
Em cada coração uma angústia atroz,
O povo silencia num momento de expectativa.
Num ato lento e penoso,
O carrasco levanta a lâmina
No patíbulo, um homem com aspecto cruel, diz
"Vem tu, oh ! cascavel do trono".
Alguém com aspecto cadavérico toma uma iniciativa.
Deita a cabeça num cepo,
Os tambores rufam com violência.
A lâmina desce, como uma chibatada.
O corpo decepado estremece, como se numa despedida à vida
Outros e outros tiveram o mesmo fim.
A posição e a fortuna já nada adiantava.
O povo encolerizado tinha sêde de vingança.
Era o fim de uma realeza cruel.

VAMOS VER QUEM SABE MAIS

Colaboração do aluno Geraldo Pereira da 4ª série do C. Ginasial

1) *Quando houve a tomada de Paissandú, na Guerra do Paraguai ?*

2) *Quando foi decretada a lei Eusébio de Queiroz que punia com penas severas os que transportassem negros para o Brasil ?*

3) *Qual o maior rio do mundo ?*

4) *Onde fica o lago Balaton ?*

5) *Onde fica a cidade denominada Vladivostock ?*

6) *Onde fica a cidade denominada São Batista de Amaquam ?*

As respostas se encontram na página 8 desta Revista.

DISC 138
POS 9

"A TAQUIGRAFIA"

Contribuição do aluno da 4ª série ginasial: Geraldo Pereira

Taquigrafia é a arte de transcrever por meio de pequenos sinais a palavra falada dentro do tempo em que é pronunciada. Sua origem ninguém sabe.

É possível que ela já exista há séculos.

Há quem afirme que ela venha dos fenícios. Não se sabe como apareceu.

Nos EE.UU. ensina-se taquigrafia nas escolas primárias e na Argentina seu estudo é obrigatório em todos os ginásios. É de se lastimar que no Brasil não seja obrigatório o seu estudo, graças aos enormes benefícios que nos proporciona.

São inúmeras as vantagens de sua aplicação: nos discursos, notas de aulas, sermões, escritório, inprensa, enfim em todos os ramos do saber humano onde haja necessidade de uma escrita mais rápida. Seu estudo não é um "bicho de sete cabeças", como muitos pensam, pois existem métodos de extrema facilidade, ao alcance de tôdas as inteligências.

Existem vários sistemas de taquigrafia, entre os quais podemos citar os de "Taylor", "Pitman", "Oscar Leite Alves", "Marti" etc.

Esperamos que dentro de pouco tempo o estudo de taquigrafia no Brasil seja uma realidade.

O CORAL DO C.Ap.

Êste ano a novidade é o Coral do C.Ap. Mais de 40 alunos do ginásio fazem parte do grupo que, pela 1ª vez, se apresentará, em público, no aniversário do Colégio. São dignos do nosso aplauso a professôra de canto e a entusiástica equipe do coral. É possível que em breve tenhamos o hino do C.Ap. entoado por êsses jovens cantores.

COLABORE COM "A FORJA". ELA É A SUA REVISTA

TIIM... TI ..I. IM

Por Maria Regina Pereira da
2ª série do Curso Científico

Meu Deus, o que será isto ? Será que o Sr. Oscar arranjou um novo tipo de campainha ? Ou será que estamos a ouvir um distante sino de igreja... Sei lá... Estou intrigada com êste barulhinho que, de vez em quando, desvia a minha atenção. O mais interessante é que estou percebendo, pela regularidade com que o ouço, que êle vem do Científico. Sou a luna nova no C.Ap. e ainda não conheço os segredos dêste casarão do tempo do Império. Pensei que fôsse da sala, qualnga da... Mudamos de sala e a coisa continuou... E agora, como uma perseguição, ouço-a, com freqüência ao meu redor. É, essa coisa é do 2º científico. Preciso descobrir, tenho de perguntar a alguém.

Saio de classe com minhas colegas e aquêle barulhinho me acompanha como sombra; ora no corredor, ora no pátio e até mesmo na saída do Colégio.

Em todo lugar há sempre êste estranho som que espanta tôda gente.

Não,. não posso mais. Contei tudo à Leny que entre espanto e riso, assim falou:

— Ora, nao seja tôla, isto é apenas o ***ESPIRRO DA LUCIA.***

Respostas de "VAMOS VER QUEM SABE MAIS" da página 6.

1) *Em 2 de janeiro de 1865.*
2) *Em 4 de setembro de 1850.*
3) *O rio NILO com 6.500 Km.*
4) *Na planície da Hungria.*
5) *Na Rússia Asiática.*
6) *No Rio Grande do Sul.*

NOS RECREIOS PROCURE " Octacilia's BAR " no pátio do C.Ap.

DISC 138
P059

SÉRIE DE LENDAS BRASILEIRAS

Contribuição do aluno da 4ª série ginasial: Hildegard Luz

I - IARA:

A lenda da Iara nasceu numa noite tropical do Amazonas, saturada de perfume e mistério.

Diz que um índio tapuio vogava nas águas mansas de um igarapé, quando ouviu uma voz de mulher. Fascinando-o, a voz silenciou depois, reavivando os burburinhos da selva e o rumor da grave cachoeira de Turumã.

Enleado e alerta, o selvagem encostou a igara, e afastando a cortina de vegetação, descobriu uma mulher desnuda, reclinada à beira do igarapé em abandono de tentação.

O moço tapuio sentiu a vertigem de quem se inclina sôbre o abismo. Caiu de joelhos. Debruçou-se e, quando esquecido do mundo, quis agarrar a imagem feiticeira, a princípio cauteloso, mas depois afoito, precipitou-se nas aguas soturnas e nunca mais apareceu.

O sentido fundamental da lenda, contudo, é simbolizar a perfídia feminina. Nem sempre há perfídia na mulher, mas o amor dos sentidos deixa sempre no homem um ressaibo de decepção. É talvez por isso que a alma poética do povo do norte, como desabafo a essa universal decepção, criou a lenda da Iara.

Iara, nascida das águas, sereia de um rio majestoso como o mar, é sinônimo indígena de Afrodite. Sedutora e enganosa, seu nome é Mulher.

NOTA: Esta lenda é a primeira de uma série de doze que poderá ser publicada em cada uma das doze primeiras edições de "A FORJA".

"O Preço da Paz" é a peça teatral de autoria da Profa., Adolphina Bonapace que, em breve, será encenada em um dos nossos teatros.

EM DEFESA DA ARTE MODERNA

Carlos A. Camargo
Funcionário do C.Ap.

Muito se tem escrito a favor da arte moderna, com concepções amplas e explanações minuciosas, sôbre os problemas da arte, suas soluções particulares e suas mais recentes diretrizes. Vamos abordar êste assunto de uma maneira geral. Não visamos aqui à aceitação imediata dos cânones atualmente adotados, mas nosso objetivo é puramente o de evitar essa crítica leviana, que tão freqüentemente vem sofrendo a arte moderna.

A arte, como tudo na vida, sofreu um ciclo evolutivo. Partiu das primeiras e rudimentares manifestações pré-históricas através do Egito dos Faraós, da Grécia áurea do V século, do renascimento italiano até aos atribulados dias de hoje.

Para uma total compreensão dos problemas artísticos, temos pois de estudar a artenas suas origens. Precisamos buscar sua gênese. Foi da justa apreciação do período arcaico que surgiu o classicismo grego. Foi corrigindo a obra de Ageladas e Kalamis, que apareceram Fídias, Miron ePolicleto e, igualmente, da apreciação de Fídias, Miron e Policleto é que despontaram, com o período helenístico, as primeiras manifestações do Barroco, êsse mesmo Barroco doze séculos depois ressurgiria purificado e em seu maior esplendor com Tiepolo, Caravagio e Bartoni.

De um modo geral até aqui o leigo compreende e admira a obra de arte, porque até aqui a arte desenvolve fielmente o tema tratado. Seguiu-se então o ciclo evolutivo e com posteriores modificações veio a público o impressionismo francês. Quando surgiu o primeiro quadro impressionista em 1877, julgaram que o autor era um incompetente. As pessoas ficaram estupefatas com o estilo dos quadros de seu precursor, Auguste Renoir. Em sua obra, êle procurou fixar a expressão momentânea e generalizada que cria o esplendor da luz ao cair sôbre uma cena qualquer, principalmente uma cena ao ar livre. As formas das pessoas, das cadeiras, da vegetação difundem-se tôdas em um conjunto de incertas manchas de luz, sem minúcias, sem maiores exatidões, sem sombras escuras. Isto naturalmente perturbou os que entendiam que o artista

Disc 138
Pos 9

lhes escamoteava aquêles minúsculos pormenores a que êles se haviam habituado, e ainda mais ao ver que os impressionistas, em lugar de pintarem o preto, usavam o verde, o laranja, o roxo, para tornar o efeito geral mais luminoso. Isto traduzia uma importante vitória; o artista libertava-se a si mesmo da idéia de que o quadro deveria ser uma imitação literal dos pormenores e da côr natural.

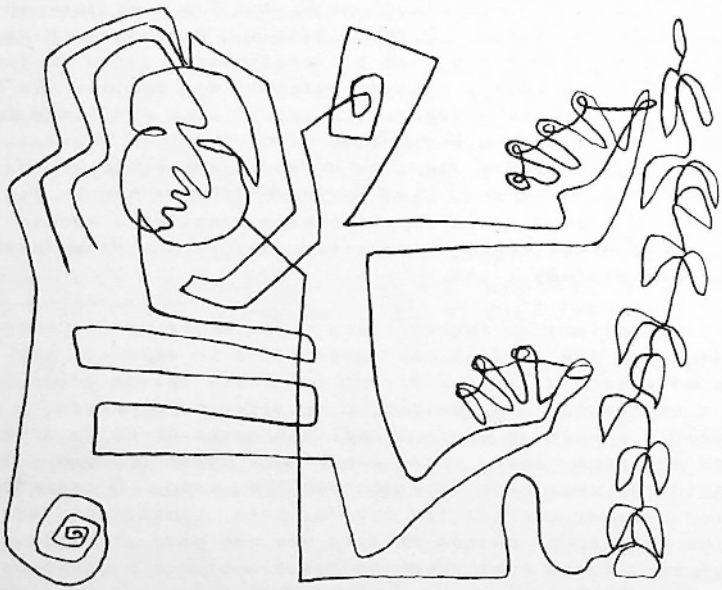
Os impressionistas escolheram uma variedade infinita de temas e os pintaram, explorando o prazer dos fatos exatos, e os pensamentos que tais fatos insinuam. Seus quadros, no entanto, não deixam de ser um registro do mundo externo a nós. Mas todos nós sabemos que há outros mundos além dêsse mundo externo dos fatos. Há o mundo mental, o mundo das emoções, o mundo da imaginação e o mundo do sentimento. Os quadros expressionistas são importantes por darem nítida expressão à ação transformadora dêsses sentimentos interiores sôbre as imagens ou formas do mundo externo. São às vezes difíceis de serem compreendidos até sabermos qual a intenção dos artistas. A "Noite Estrelada" de Vicent Van Gog, foi pintada num momento crítico. Durante anos sua arte tornara-se um campo de batalha entre o fato e o sentimento, entre o mundo exterior dos sentidos e o mundo interior das emoções. Na "Noite Estrelada" venceu o expressionismo. Pintou uma linha de ciprestes flamejantes, a Via Láctea transformada em cometas, as estrêlas que esplendem, tudo se arrebata num ritmo grandioso, vertiginoso e universal. Van Gog naturalmente não as viu assim, mas pintou-as assim impelido pela esmagadora emoção de um homem estàticamente apercebido das fôrças da natureza, cósmicas e divinas.

O cubismo, o surrealismo, o fovismo e outras correntes de arte, são quadros expressionistas na espécie, mas diferem no gênero. Todos êles, porém, os que buscam acima de tudo é a expressão, a ordenação, o equilíbrio, a pureza, a serenidade. É preciso que contemplemos essas obras de arte com nossos próprios olhos, nosso espírito e nosso coração. Sejamos antes de mais nada honestos conosco mesmo. E assim como existem pessoas que não têm ouvidos para música ou facilidade de expressão, outros existem que não possuem vista para a pintura. Assim como educamos nosso ouvido e procuramos melhorar nossos pendores oratórios e literários por meio de es

tudo, deveríamos também procurar o sentido real da pintura, pesquisar onde reside a sua beleza, a sua finalidade, a sua grandeza. Em verdade a arte de pintar é como uma linguagem que precisamos aprender. Há quadros fáceis como a cartilha, outros difíceis como idéias complexas. Diremos também que dentro da pintura existem diversos idiomas traduzidos pelas escolas que ela resenta. Os maiores artistas modernos são pioneiros e exatamente como os cientistas e inventores, sofreram o descaso, a descrença e o ridículo.

O artista antes de mais nada é um ser humano como todos nós, e sua arte é um símbolo. Um símbolo visível do espírito humano na sua busca da verdade, da libertação e da perfeição. Vamos estudá-los. Vamos compreendê-los.

Consultas: "O que é a pintura moderna", livro editado pelo Museu de Arte Moderna de New York.



Disc 138
P059

PÁGINA SOCIAL

Aniversários no trimestre maio, junho e julho

1º Ginasial

Maio - dia 4 - Márcio Cardoso
Junho - dia 8 - Noemí Bursztyn
Julho - dia 11 - Anna Maria Rodrigues
dia 15 - Sérgio Candiota da Silva
dia 19 - Liana de Alencar

2º Ginasial

Maio - dia 31 - Roberto Faria
Junho - dia 9 - Fernando de Jesús Fernandes
dia 19 - José Martins
dia 19 - Maria José Tarlé
dia 20 - Hélio José Wolter
dia 29 - Cesar Maurício Duarte Pereira
Julho - dia 4 - Ângela Cecília Leal de Azevedo

3º Ginasial

Maio - dia 1 - Vânia Hinds de Oliveira
Junho - dia 4 - Heliantho de Andrade Pires
Julho - dia 17 - Doris Mello Carvalho

4º Ginasial

Julho - dia 5 - Vera Loise Marroig
dia 17 - Alberto Zagury

1º Científico

Maio - dia 14 - Dulma de Barros Amaral
Junho - dia 18 - Isaac Kucuruza
Julho - dia 8 - Santuza Furtado de Mendonça
dia 9 - Antônio Carlos Tourinho dos Santos

2º Científico

Maio - dia 1 - Isany Mendel
Junho - dia 5 - Maria Regina Pereira

Junho - dia 21 - Leny Autran
Julho - dia 18 - Roberto Gama e Silva
dia 20 - Elias Gomes

3º Científico

Julho - dia 11 - Caio Paulo Penteado de Araujo

O VII ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Colaboração da aluna Vânia Hinda de Oliveira - 3º Ginasial

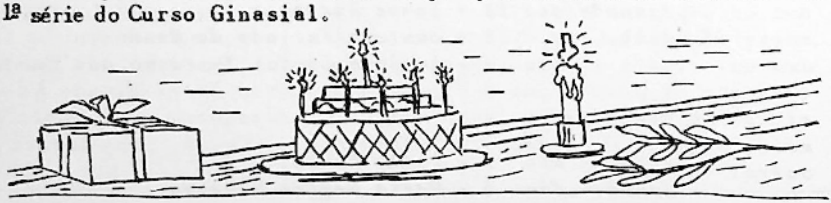
20 de maio ! Aniversário do nosso Colégio. Data festiva para todos nós. É nesse dia, que nos lembramos dos momentos de alegria que o C.Ap. nos têm proporcionado. Cada dia, cada ano que passa é maior o nosso orgulho em pertencer a êste Colégio, onde, num ambiente cordial e amigo, aprendemos tanta coisa útil para a vida.

Não temos um prédio novo com piscina "de verdade", nem tabelas de basquetebol, mas que importa isso se o principal nós temos: o bom ensino dentro de um Colégio onde se confraternizam alunos, professôres e funcionários ?

Felicitemo-nos, pois, nesse dia como se comemorássemos o nosso aniversário. 7 anos de vida, 7 anos de luta, 7 anos devotados à educação da juventude.

Por isso - Colégio de Aplicação - a ti a nossa gratidão.

Alunos do 3º Científico - a vós os nossos parabéns. Fazeis parte da 1ª turma do C.Ap. que iniciou os estudos na 1ª série do Curso Ginasial.



Disc 13
Pos 9

À MINHA MÃE

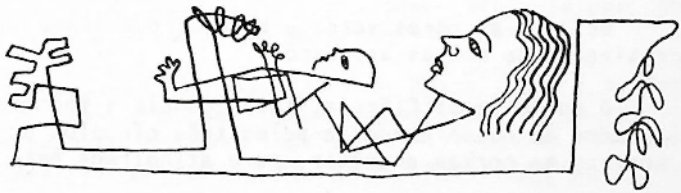
Contribuição da Aluna Marilena Mattos Vieira da 1ª série do Curso Científico

Sinto-me com o coração embargado pela emoção e pleno de felicidade ao tentar prestar à minha mãe esta simples, mas, sincera homenagem, neste glorioso dia.

Não quero que os que aqui pousarem os olhos, pensem que o faço apenas por dever ou colaboração, mas, sim com o intuito de testemunhar à minha querida mãe o grande amor de que ela é merecedora, enfim, o sentimento grandemente significativo e profundamente enraizado que ela inspira em meu íntimo.

Faz muito tempo... eu, que por primeira vez via a luz do dia, cresci, passando da infância à mocidade, sempre amparada e guiada por entre os espinhos desta estrada difícil e enganadoramente bela que é a vida, por esta doce e suave criatura, esta alma eleita que me incutia os ensinamentos mais básicos e indispensáveis, os sentimentos mais puros e sublimes, os gostos mais cuidados e delicados...

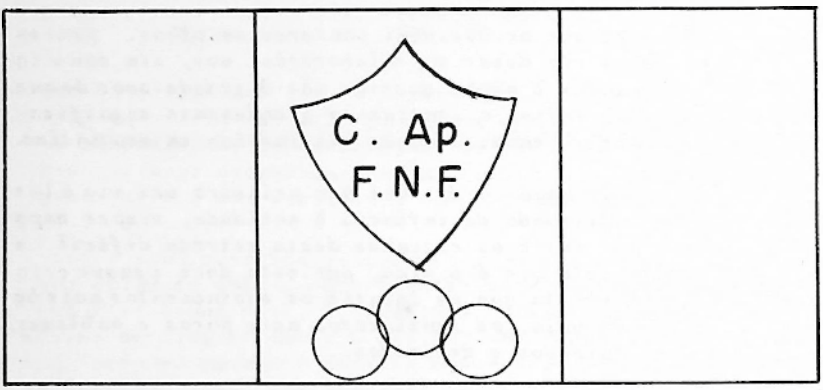
Hoje, vendo e sentindo os frutos de sua benéfica influência, agradeço à minha adorada mãe, e tenho certeza de que todas as felizes filhas, como eu, fá-lo-ão também às suas, rendendo graças, agora e sempre, a êsse ser esplêndido e inimitável: nossa mamãe.



PÁSCOA DOS ALUNOS DO C.Ap. - Já se tornou uma tradição para os alunos do C.Ap. Todos os anos a Páscoa tem sido realizada a 20 de maio, data do aniversário do C.Ap. Êste ano, porém, atendendo ao pedido de uma autoridade eclesiástica, a Páscoa foi feita no dia 12. O trabalho de preparação e organização coube às ex-alunas Maria de Lourdes Pessoa, Anna Arruda de Albuquerque, e Maria Amélia Schmidt Carneiro e às alunos Lúcia Costo, Leny Autran e outros.

A BANDEIRA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Por Doris Mello Carvalho,
do 3º ano ginasial.



Como o Colégio de Aplicação não tivesse um símbolo que retratasse seus objetivos, foi criada por ex-alunos dêste Colégio a Bandeira, cujo desenho acima se vê. Foram êles, portanto, os pioneiros da sua introdução no C.Ap.

Ostenta as côres verde e branco, que simbolizam a concretização de nossas aspirações.

O nosso lema: Ciência, Inteligência e Vontade, representados em nossa Bandeira pelos três círculos do saber, nos mostram as normas a seguir, para atingirmos êste fim.

... E aconteceu numa aula de Educação Física. Tendo faltado o professor, os garotos do 1º.Ginasial tiveram a sua aula que foi ministrada por dois colegas de classe. Fizeram uma preparatória seguida de corridas, saltos e, por fim, uma parte recreativa.

Êsses garotos prometem... Parabéns garotada do 1º Ginasial pelo belo exemplo.

CURIOSIDADES

Contribuição do aluno da 4ª série ginasial: Hildegard Luz

Origem do Tênis:

A origem do tênis remonta à 1874. Nesse tempo praticava-se um jogo chamado "Spharis-tike" com o auxílio de uma bola e raquetas.

O major Wirglied da guarda do rei da Inglaterra teve a idéia de dar a êsse jôgo uma forma unificada e prática, a qual aplicou editando um livro em que expunha as vantagens de utilizar terrenos cujas dimensões seriam sempre iguais, bem como raquetas e uma rêde, o que constituia uma grande inovação.

Em 1875 dois clubes de Londres adotaram êste esporte, ao qual deram o nome de Tênis. O jôgo foi acolhido com entusiasmo pela nobreza britânica.

* * * * *

Você sabia que o "João de Barro" (Furnarius rufus), a cujo ninho de barro, tão conhecido no nosso interior, êle deve o nome, é um pássaro essencialmente monógamo ?

Escolhe sua companheira e, com ela, constrói sua casa de barro; na época da postura, a fêmea aloja-se num dos dois compartimentos do ninho para chocar os ovos.

Se, todavia, o nosso "João de Barro", que é bastante ciumento, desconfia de alguma infidelidade, veda completamente a entrada da casa, sepultando viva no seu interior a espôsa infiel, que morre por asfixia ou inanição.

Lenda ? O fato é que se encontram, freqüentemente, ninhos abandonados, completamente murados; demolindo-os encontramos no seu interior o cadáver mumificado da fêmea, deitado sôbre três ou quatro ovos gorados.

O COLÉGIO DE APLICAÇÃO é o pioneiro
da Escola Nova no Brasil,
no âmbito do ensino secundário

VOCÊ SABIA ...

... que se multiplicar 530743306 por 8374 achará ... 4444444444444 ?

*****

... que algumas nuvens (os altíssimos e encarolados cirrus) são formados de cristais de gêlo ?

*****

... que na península Escandinava não se fabrica pão, aos domingos, desde 1897 ?

*****

... que o escritor Chateaubriand ditava seus trabalhos enquanto caminhava descalço ?

*****

... que o Banco do Brasil S.A. foi criado em 12 de outubro de 1808 ?

*****

... que a borboleta mais rara do mundo é a "Antheica Roley", que se encontra na Austrália e que apresenta, como principais características, asas muito longas e a cabeça semelhante a da coruja ?

*****

... que Gutenberg, o inventor da Imprensa, chamava-se realmente Johann Gensflesch; no entanto, pelo fato de morar em Gutenberg Wolf tornou-se êle conhecido por êsse nome?

*****

... que o primeiro censo do Rio de Janeiro foi feito em 1799 e registrava 43.376 habitantes ?

*****

... que a ponte do Mississipi, nos Estados Unidos, de via dupla, tem 3.000 metros de comprimento e pesa 25.000 toneladas ?

*****

... que a maior escada do mundo é a montanha sagrada Tal-Shan, na China, que tem 6.000 degráus; do primeiro ao último degráu sobem-se 1.810 metros e, para isso conseguir, os chineses levam, às vêzes, uma semana, parando nas diversas hospedarias e pagodes que se encontram no caminho ?

*****

... que o primeiro vapor que navegou o rio Amazonas, de Belém a Manáus foi o vaso da armada nacional "Guapiacú", em 1842, viagem essa que durou dez dias ?

*****

... que o periscópio foi inventado pelo francês Jean Rey, em 1891, e aperfeiçoado por outro francês, Carpentier, que lhe deu a sua forma definitiva ?

*****

... que a primeira fotografia do Rio foi tirada pelo abade Combés, passageiro da corveta francesa "L'Orientale", em 1840 ?

*****

... que Galileu, notável astrônomo e matemático italiano, nascido em Pisa, em 1564, foi quem construiu o primeiro telecóspio e quem inventou também o termômetro ?

ESTA FRASE ESTÁ CERTA OU ERRADA ?

A esquadra brasileira entrava, na baía de Guanabara, a esquadra alemã.

A resposta certa se encontra à página 25 desta Revista.

- 20 -

HUMORISMO

— É verdade: estava para casar com aquela mulher, quando soube que ela gastava mais de 50 contos por ano na sua costureira.

— E você que fêz ?

— Casei com a costureira.

*****

O pai surpreendeu o professor de piano beijando a filha:

— O que vem a ser isto, Sr. ? É para isto que eu lhe pago ?

— Não senhor, isto eu faço gratuitamente.

*****

Em frente da vitrine duma loja de chapéus:

Ela: — Ó Carlos, olha que lindo chapéu ... é mesmo um poema !

Êle: — É sim; mas vamos embora. Não rima com a minha bôlsa.

*****

"Tudo explicado"

Sabes, o João está no hospital !

— Mas não é possível. Eu o vi ontem dançando num clube com uma loira do outro mundo.

— Pois é, a mulher dêle também viu.

*****

"Êsses fumantes"

— Há 2 meses que não ponho 1 cigarro na boca.

— Sei.. Deixou de fumar.

— Não. Comprei uma piteira.

*****

"Dona de casa"

Marido — Esta salada está com um gôsto horrível. Você a lavou ?

Mulher — Naturalmente, e com sabão !

*****

"Espertalhão"

Professor: — De tôdas as plantas que conhecequal a que não tem plantas nem flores ?

Aluno: — A planta do pé.

*****

Médico — Noto por seus olhos que sofre de apendicite, anemia perniciosa e ...

Cliente: — Mas doutor, examine o outro ôlho que êsse é de vidro.

*****

Professôra — Zéca, você tem Cr$ 10,00 no bôlso, perdeu Cr$ 3,00, o que você tem no bôlso?

Aluno: — Um buraco.

*****

— Quer me vender um tubo de monoaceticoacidoester do ácido salícitico ?

— O que os senhor quer é Aspirina ?

— É, mas nunca me lembro dêsse nome.

"MÃE SÔ HÁ UMA"

Contribuição de Rozélia Póvoas da Silva - 3º Ginasial

Passou-se com um professor que pediu aos alunos que fizessem uma redação sôbre o tema "Mãe só há uma".

Um certo aluno, não sabendo como começar, resolveu contar o que tinha sucedido em sua casa.

Chegaram umas visitas, e sua mãe pediu-lhe que fôsse buscar na geladeira 3 garrafas de guaraná.

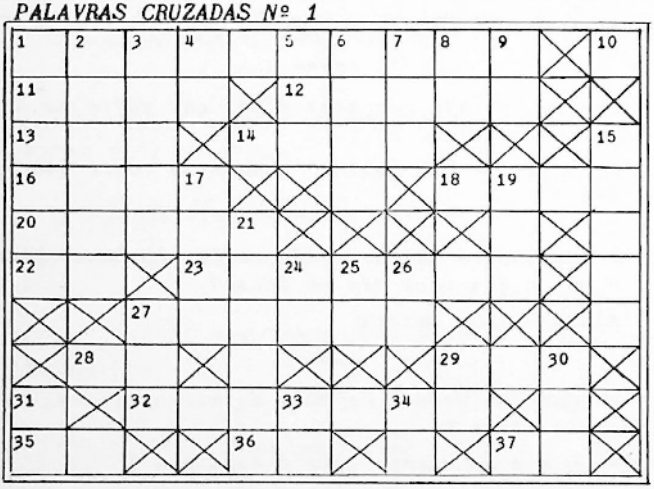
Como só encontrasse uma e não as 3 garrafas de guaraná, êle respondeu:

— "Mãe, só há uma"

*****

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS Nº 1



Contribuição de Sérgio Porto da Luz - 1ª série do Curso Ginasial.

HORIZONTAIS

1. Calma
10. Incógnita em matemática
11. Adorar
12. Espécie

VERTICAIS

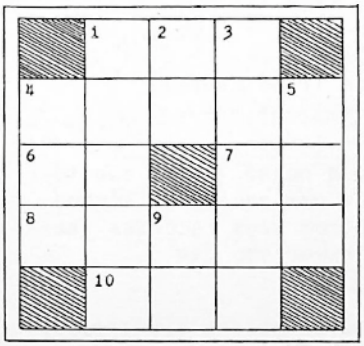
1. Branco em tupi-guarany
2. Que não é profissional
3. O que se refere ao nariz
4. Senhor (abreviatura)

13. Título abissínio
14. Canoa de casca de madeira usada pelos índios do Amazonas
16. Nome próprio masculino
18. Aviamento
20. Coberta de lona
22. Caminhar
23. Relativa a Turquia
27. Lamentação
28. Cidade da Caldéia
29. Vigésima primeira letra do alfabeto grego
32. Fim
35. Tênia
36. Interjeição que exprime espanto
37. Está (gíria)

5. Sétima letra do alfabeto grego
6. Equipe
7. Interjeição exprime espanto
8. Nota musical
9. Do verbo ser
15. Prefixo que designa amarelo
17. Cheiro
19. Nome próprio masculino
21. Tolo (gíria)
24. Orlando Nunes
25. Mácio Teles
26. Masculino de à
27. Prefixo que designa passado
29. Rio da Itália
30. Ódio
31. Exímio pilôto
33. Medida itinerária chinêsa, equivalente a cêrca de 576 metros
34. Nome da letra G

NOTA: A solução se encontra na página 31 desta Revista.

PALAVRAS CRUZADAS Nº 2



Contribuição de Lúcia Arruda de Albuquerque, da 3ª série do Curso Ginasial.

HORIZONTAIS

1. Tempêro
4. Enfeite de pescoço
6. O mais
7. Nota musical
8. Restos lançados pelo vulcão
10. Chefe etíope

VERTICAIS

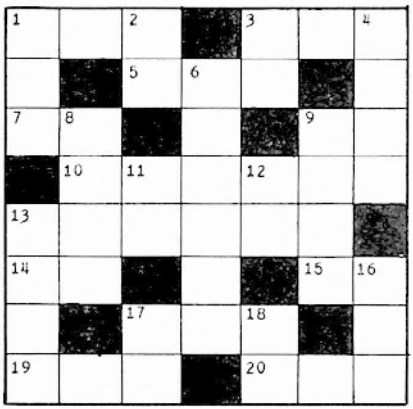
1. Do sol
2. Sigla de Alagoas
3. Lodos

4. Pó de caiar casa
5. Gracejas
9. Ande

NOTA: A solução se encontra na página 31 desta Revista.

PALAVRAS CRUZADAS - Nº 3

Contribuição de Lúcia Arruda de Albuquerque da 3ª série do Curso Ginasial.



HORIZONTAIS

1. Que atrai
3. 65 romanos
5. Rio de limite brasileiro
7. Nota musical
9. Sigla de Alagoas
10. Curará
13. Parte da palavra
14. Carta de jogar
15. Nota musical
17. Acidente geográfico
19. Beira do chapéu
20. Fileira

VERTICAIS

1. Pronome pessoal francês
2. Rio suiço
3. Naquele lugar
4. Cavadura para escorrer água
6. Estado do Brasil
8. Deusa egípcia
9. Lago central da Ásia
11. O mais
12. Preposição latina
13. Cômodo da casa
16. Liga
17. Sigla do Maranhão
18. Deus egípcio

NOTA: A solução dêste problema encontra-se na página 31 da Revista.

O MURAL - precursor de "A FORJA", é o nosso jornal que tôda semana é organizado por uma equipe de alunos. O Mural instrui e diverte com seus recortes, suas poesias, sua seção de humorismo etc ...

COLEGA ! A Biblioteca da Caixa Escolar está à tua disposição. Não te esqueças que o livro é o teu melhor amigo.

NOTÍCIAS DA SECRETARIA DO C. Ap.

Informam-nos que haverá exame de seleção em julho, pois a Diretoria do Colégio está interessada em preencher as vagas existentes nas diferentes turmas do Ginasial e Científico.

Êsse exame será realizado na 1ª semana de julho e as inscrições estarão abertas na 2ª quinzena de junho.

A FORJA lança um apêlo aos alunos do C. Ap. para que divulguem essa notícia aos seus amigos que se desejam transferir para o Colégio de Aplicação.

A CAPA DE NOSSA REVISTA

Em virtude da deliberação do Conselho de Representantes em aguardar novas sugestões para a capa de nossa revista, o 1º número de "A FORJA" sai com uma capa provisória. Procuramos, por isso mesmo, apresentar neste 1º número uma capa simples, porém, significativa e expressiva.

ESTA FRASE ESTÁ CERTA OU ERRADA ?

Resposta: A frase está CERTA.

Porque entrava é do verbo entravar.

LICENCIANDO - Aguardamos tuas impressões sôbre o Colégio de Aplicação, seus alunos e sôbre a prática de ensino, a fim de publicá-las no próximo número desta revista.

- 26 -

O ESPORTE NO C.Ap.

É claro que êste primeiro número de A FORJA não poderia deixar de dizer alguma coisa no tocante ao setor esportivo.

Armando e Elias são os dirigentes do futebol e volibol nas competições internas e externas.

Êsses dois comandantes, realmente, têm se esforçado para que tudo corra bem. De vez em quando êles dizem que têm de falar com energia com os colegas, a fim de que deixem de lado o comodismo e o indiferentismo, tão prejudiciais ao esporte e injustificáveis entre jovens cheios de vida.

E êles têm razão quando se queixam da falta de cooperação e coleguismo. Vamos, caros colegas, deixar isso de lado e colaborar mais decididamente com os responsáveis pelo bom nome esportivo do C.Ap.

Sejamos bons comandados, obedientes e disciplinados, pois só assim se contrói alguma coisa.

****

C.Ap. x Grêmio Colégio Joaquim Nabuco

Em comemoração à passagem do aniversário do C.Ap., defrontar-se-ão as equipes acima num amistoso jôgo de volibol.

BOA NOTÍCIA - Aos vitoriosos serão entregues medalhas gentilmente oferecidas pelo nosso conhecido BARMAN OCTACÍLIO.

****

O DEPARTAMENTO ESPORTIVO - Êste ano tem andado ativo. Já houve jogos de futebol com a Escola Técnica do Exército no Forte Duque de Caxias, volibol com a Fundação Getúlio Vargas e recentemente futebol de salão com o Instituto Central do Povo.

****

É sôbre êste jôgo, arranjado pelo professor Edgar Kuhlman, o comentário a seguir, feito pelo ex-aluno do C.Ap. José Marcos Montebelo.

" SENSACIONAL 1 X 1 "

EQUIPE DO C.Ap. - João, Alberto e Fred; Elias e César. Reserva - Reynaldo.

O jôgo foi bem disputado pelas duas equipes, o que indica o apertado escore de 1 x 1.

O adversário entrou em campo disposto a liquidar logo o C.Ap. Mas isso não se deu; o C.Ap. resistiu e contra-atacou com impetuosidade, mostrando assim os grandes valores que o nosso Colégio possui.

Três arrancadas de Elias puseram a defesa adversária em polvorosa.

O Goal do C.Ap.

Aos 6 minutos, controlando a pelota com categoria e classe, Elias, depois de a receber de Alberto em ótimas condições, atirou sem permitir sequer um ligeiro gesto de defesa.

Logo em seguida, Elias engana o adversário e atira no canto; o goleiro contrário defende, espalmando o couro para os pés de César que o colocou na trave.

Segundo tempo

Devido talvez ao péssimo preparo físico dos nossos jogadores e também a falta de prática dêsse esporte, o nosso time recuou para aguentar o placard, o que conseguiu até o 14º minuto.

Reynaldo entrou aos 10 minutos no lugar de Fred, saindo de novo aos 15 minutos.

É de salientar-se a performance da nossa defesa nesse segundo tempo.

O nosso time, apesar de bastante ajudado pela sorte (cinco bolas na trave), jogou com fibra suficiente para êste resultado.

Demonstrou que pode enfrentar outros times.

*****

A FORJA ENTREVISTA UM CALOURO

Reporter: Ignácio Obadia - 3º ginasial
Entrevistado: Fernando Janczur - 1º gin.

— De que Colégio veio você ?
— Eu vim do José de Alencar, onde cursei o primário.
— Por que deixou êsse Colégio ?
— Porque só tem o primário.
— Qual foi a sua primeira impressão do C.Ap. quando veio fazer o exame ?
— A minha impressão foi a de ter um grande Colégio pela frente.
— Qual foi a sua média global ?
— Cinco e meio.
— Que acha do ensino secundário ?
— Muito puxado e tem muitas matérias.
— Quais são as matérias em que você tem menores notas ?
— Matemática e Geografia porque são as mais difíceis.
— Qual a sua opinião sôbre o regulamento do C.Ap.?
— Bom, mas um pouco rigoroso.
— Que acha da direção esportiva ?

— Muito boa, pois, no Colégio em que estava, não praticávamos esportes.

— Que acha dos professôres ?

— Bons, sem exceção.

— Que diz do prédio e sua direção ?

— Prédio velho, direção boa.

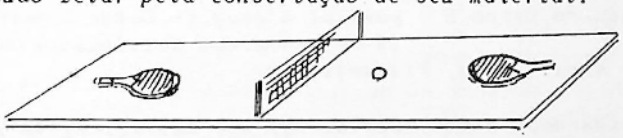
******

TÊNIS DE MESA

Quatro mesas ! Que maravilha ! Acabou-se o problema, pois agora com o horário estabelecido pela Coordenação, todos podem praticar essa modalidade de esporte.

Algumas turmas já iniciaram o torneio de classe. Desta forma, esperamos no segundo semestre organizar um torneio inter-classe para conhecer "o melhor".

No entanto, não nos devemos esquecer que, se quisermos ter sempre êste esporte ou outro qualquer, devemos, antes de tudo zelar pela conservação de seu material.



A Forja Congratula-se com as alunas da 3ª e 4ª séries do Curso Ginasial pela confecção da toalha da mesa do auditório e da Bandeira do Colégio.

Também merece os nossos parabéns a Professôra de Trabalhos Manuais - Sra. Duverlina Santos.

PROBLEMAS DE MATEMÁTICA

Colaboração do Prof. Luiz
Adauto da Justa Medeiros

Nota: Os problemas aqui apresentados têm por finalidade trabalhar o aluno e despertar nêle o interêsse e o gôsto pelas ciências exatas.

As soluções deverão ser entregues ao Sr. Coordenador. A melhor solução será publicada no próximo número desta Revista.

Problemas do Grupo A - para os ginasianos que se destinam ao Colégio Naval, Escolas Preparatórias, Instituto de Educação etc...

1) Um dos lados não paralelos de um trapézio mede $\sqrt[3]{32}$ e dista de $\sqrt{2}$ do meio do outro lado não paralelo. Calcular a área do trapézio.

2) Uma bola de borracha pula, cada vez que toca o solo, a uma altura igual a 2/5 da altura de onde ela caiu. a) deixa-se cair a bola de uma certa altura. Que a fração desta altura alcançará a bola quando pular pela terceira vez ?

b) Sabendo-se que, depois de ter tocado o solo três vezes ela alcançou uma altura de 60cm., encontrar de que altura teria primitivamente caído.

Problemas do Grupo B - para os alunos do Curso Científico que se destinam aos vestibulares de Engenharia, Arquitetura, Filosofia etc.

1) Consideramos cinco números x_1, x_2, x_3, x_4, x_5 em progressão geométrica. Determinar êstes números, sabendo-se que a soma dos têrmos de ordem ímpar é igual a 481/24 e os têrmos de ordem par valem 25/2.

2) Formando-se um octaedro pela união dos centros das faces de um paralelepípedo retângulo de arestas $2a = 6$, $2b = 4$ e $2c = 2$, pede-se

a) A superfície lateral do octaedro

b) O volume do sólido obtido, suprimindo-se no pa-

ralelepípedo o sólido em questão.

(Faculdade Nacional de Filosofia - 1955)

3) Na equação

$$x^4 - (3m + 4)x^2 + (m + 1)^2 = 0$$

Determinar m, para que as quatros raízes estejam em progressão aritmética.

PALAVRAS CRUZADAS

Nº 1 - Soluções

Horizontais:

1 - Mansuetude
10 - Y
11 - Amar
12 - Tipos
13 - Ras
14 - Aama
16 - Adão
18 - Fita
20 - Toldo
22 - Ir
23 - Otomano
27 - Pranto
28 - Ur
29 - Psi
32 - Epílogo
35 - So
36 - Oi
37 - Tá

Verticais:

1 - Marati
2 - Amador
3 - Nasal
4 - Sr.
5 - Eta
6 - Time
7 - Upa
8 - Dó
9 - És
15 - Xanto
17 - Odor
19 - Ivo
21 - Otário
24 - O. N.
25 - M. T.
26 - Ao
27 - Pré
29 - Pó
30 - Ira
31 - Ás
33 - Lí
34 - Ge
35 - Só

Nº 2 Soluções

Horizontais		Verticais	
1 - Sal	7 - Mi	1 - Solar	4 - Cal
4 - Colar	8 - Lavas	2 - Al	5 - Ris
6 - Al	10 - Ras	3 - Lamas	9 - Vá

Nº 3 - Soluções

Horiz.	Vert.
1 - Ímã	1 - Ils
3 - LXV	2 - Aa
5 - Apa	3 - Lá
7 - Sí	4 - Vala
9 - Al	6 - Paraná
10 - Sarará	8 - Isis
13 - Sílaba	9 - Aral
14 - As	11 - Al
15 - Lá	12 - Ab
17 - Mar	13 - Sala
19 - Aba	16 - Ata
20 - Ala	17 - Ma
	18 - Ra

Í N D I C E

Pág.

O Nome da nossa Revista 1

O Colégio de Aplicação 2

As Aparências Enganam 4

Caixa Escolar dos alunos do C.Ap. 5

A Queda da Bastilha 6

A Taquigrafia 7

Tiim ... Ti ..i . im 8

Série de Lendas Brasileiras 9

Em Defesa da Arte Moderna 10

Página Social 13

O VII Aniversário do C.Ap. 14

À Minha Mãe 15

A Bandeira do Colégio de Aplicação 16

Curiosidades 17

Você Sabia 18

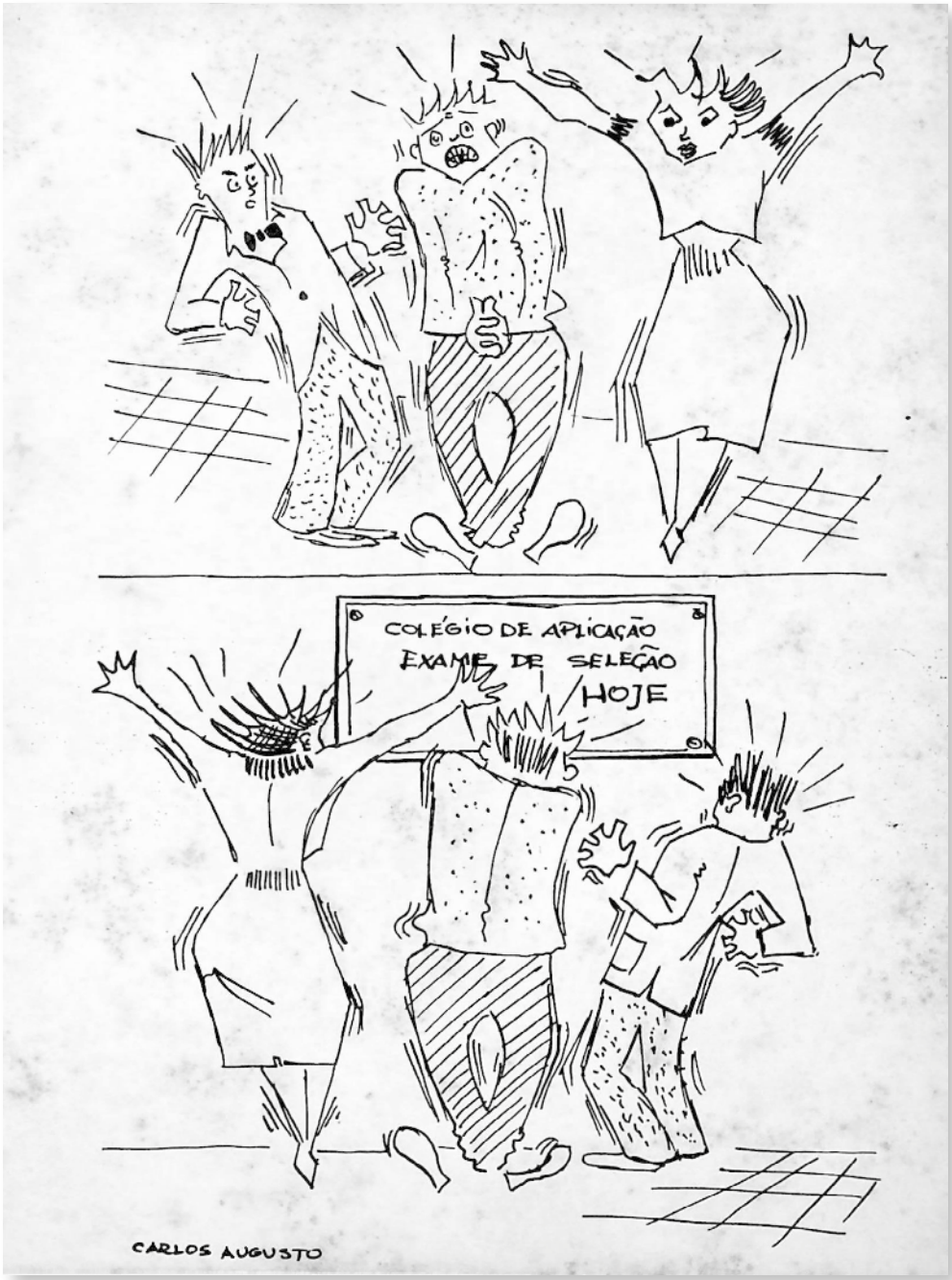
Humorismo 20

Passatempo - Palavras Cruzadas 22

O Esporte no C.Ap. 26

A FORJA Entrevista um Calouro 28

Problemas de Matemática 30


COLÉGIO DE APLICAÇÃO
EXAME DE SELEÇÃO
HOJE
CARLOS AUGUSTO

UNIVERSIDADE DO BRASIL
Faculdade Nacional de Filosofia

COLÉGIO DE APLICAÇÃO
Rua Esteves Jr. 42 - Praça S. Salvador
Tel: 45-2189

DIRETORIA

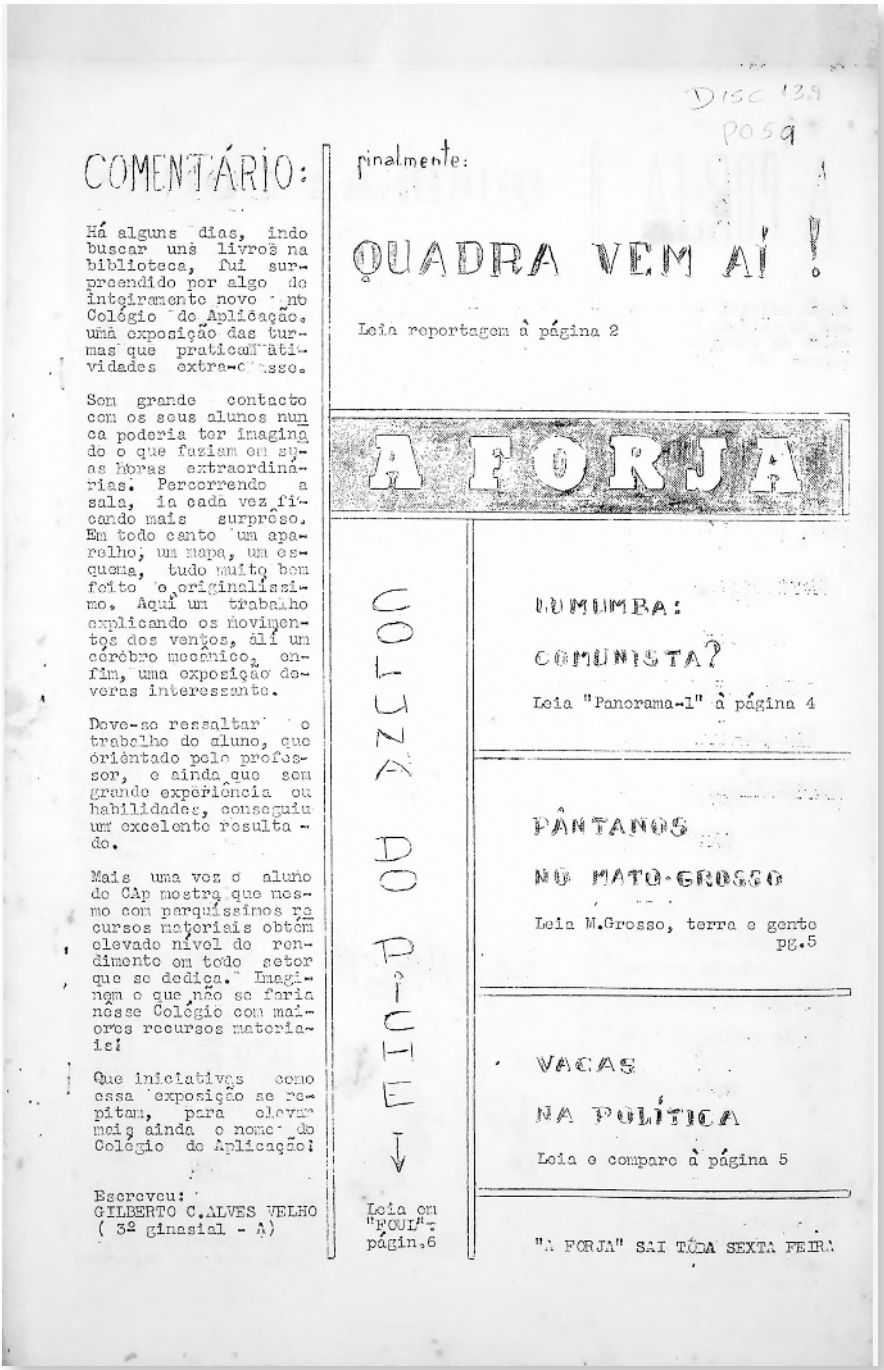
Diretor	- Prof. Luiz Alves de Mattos
Coordenador	- Dr. Ary Sartorato
Orientador	- Profa. Doris de Mello Brito
Secretário	- Sta. Heloisa Maria Ribeiro de Camargo
Funcionários	- Hebe Silva
	Maria Emília de Oliveira Alves
	Oscar Gomes
	Maria Araujo
	Carlos Augusto Ribeiro de Camargo
	Lais Esteves Lofredi
	Octacílio Porto
	José Marcos da Silva
	Luiz Hélio Ignácio Alves
	Ernesto de Souza

2

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 139
EDIÇÃO: A Forja (Ano V, nº 22)
DATA: 16/9/1960



Na capa desta edição, há o texto de um aluno do terceiro ano ginasial que relata sua visita a uma exposição de turmas que praticam as atividades extraclasse, na qual ele ressalta o fato dos trabalhos terem tido excelentes resultados apesar da escassez de recursos materiais, o que dá prestígio ao nome do colégio. O jornal anuncia a construção de novas instalações, com 12 salas e um salão, ainda que provisórios, junto da quadra de esportes financiada por doações das famílias dos estudantes. No artigo *La dolce vita*, um aluno do então denominado segundo ano do científico conta sobre sua repetitiva e cansativa vida cotidiana, incluindo uma ilustração, de próprio punho, da paisagem urbana. Em Panorama 1, um aluno do segundo ano científico escreve sobre geopolítica, em matéria intitulada: *Bélgica, URSS e o futuro do Congo*. Em *Panorama 2*, se apresentam os tópicos sobre o intervencionismo estatal no mercado cafeeiro e a crise da indústria automobilística norte-americana. No artigo *Mato Grosso, terra e gente*, um estudante do primeiro ano científico comenta sobre o bioma Pantanal na região do Mato Grosso. Para finalizar, o último artigo, chamado *Vacas na política*, vem acompanhado de uma ilustração que apoia a utilização de exemplos figurativos para explicar os diferentes sistemas econômicos e políticos.



DISC 139
P059

finalmente:

QUADRA VEM AÍ !

Leia reportagem à página 2

A FORJA

COMENTÁRIO:

Há alguns dias, indo buscar uns livros na biblioteca, fui surpreendido por algo de inteiramente novo no Colégio de Aplicação, uma exposição das turmas que praticam atividades extra-classe.

Sem grande contacto com os seus alunos nunca poderia ter imaginado o que faziam em suas horas extraordinárias. Percorrendo a sala, ia cada vez ficando mais surpreso. Em todo canto um aparelho, um mapa, um esquema, tudo muito bem feito e originalíssimo. Aqui um trabalho explicando os movimentos dos ventos, ali um cérebro mecânico, enfim, uma exposição deveras interessante.

Deve-se ressaltar o trabalho do aluno, que orientado pelo professor, e ainda que sem grande experiência ou habilidades, conseguiu um excelente resultado.

Mais uma vez o aluno do CAp mostra que mesmo com parquíssimos recursos materiais obtém elevado nível de rendimento em todo setor que se dedica. Imaginem o que não se faria nesse Colégio com maiores recursos materiais!

Que iniciativas como essa exposição se repitam, para elevar mais ainda o nome do Colégio de Aplicação!

Escreveu:
GILBERTO C.ALVES VELHO
(3º ginasial - A)

COLUNA DO PICUÍ

Leia em "PICUÍ": págin.6

LUMUMBA:
COMUNISTA?

Leia "Panorama-1" à página 4

PÂNTANOS
NO MATO-GROSSO

Leia M.Grosso, terra e gente pg.5

VACAS
NA POLÍTICA

Leia e comparc à página 5

"A FORJA" SAI TÔDA SEXTA FEIRA

A FORJA

órgão oficial dos alunos do colégio de aplicação da faculdade nacional de filosofia

ano V- nº 22 - 16/9/60
publicação semanal

supervisor:
prof. jorge lúcio monteiro de castro

diretor-responsável:
carlos milazzo

diretor-redator:
cesar milazzo

diretor-cultural:
suely kinds

diretor-secretário:
josé carlos dunham

diretor de reportagens:
sérgio kohis

ilustrador:
paulo pinho

redator:
marcelo nogueira

colaboradores:

márcio cardoso

roberto c.nascimento

luiz felipe miranda

[illegible]
croc o. dilo

tiragem:
500 exemplares

endereço:
r. batista da costa 55
jardim botânico
estado da guanabara

QUADRA : COME-

A atual sêde do Colégio de Aplicação não estava capacitada para bem acolher seus alunos. Os laboratórios e a biblioteca ocupados por classes, dificultavam o preparo de experiências e aquêles que queriam ler ou pesquisar nas horas de recreio. A sua sala de Trabalhos Manuais, improvisada, assim como a das atividades extra-classe não se coadunavam com o nível do ótimo padrão do Colégio. Havia ainda a exigüidade de espaço para as 4 turmas de licenciandos da FNF que aqui vinham tomar aulas de didática e para as novas turmas de 1as. séries que deverão ser criadas em 1961. A necessidade de novas instalações era óbvia.

Com uma verba de 8 milhões em 1959 e a liberação agora de uma nova, de 5 milhões, conseguiu-se o necessário à obra. O esqueleto de concreto que podemos observar agora, terá quando terminado, ao fim deste ano, 12 salas

LA

DOLCE

VITA

Trim!!! bate o despertador. Acordo. É hora de ir para o colégio. Que azar, outra vez. Hoje eu não vou, estou com dor de cabeça (dá culpa). Não adianta, ninguém cai nessa!

Não há outro jeito; levanto-me. O banheiro está ocupado, é sempre assim, podiam ter-me deixado dormir mais cinco minutos.

Sento à mesa, tomo o café. Mais um pouco. Não (é sinal do aborrecimento)! Pego a mala... saio. Olho-me no espelho, cara de sono. Volto.

- O que você esqueceu desta vez. O dinheiro onde está?

Saio novamente.

Mais aborrecimento, o elevador não anda. Qual

Disc 139
P059

- CA A CONSTRUÇÃO

ê um amplo salão, que servirão para desafogar bastante os serviços didáticos, proporcionando assim maior aproveitamento por parte dos alunos. Estas novas instalações, ainda não são provisórias. Nossa sede definitiva deverá ser construída na utópica "Cidade Universitária". Levará ainda alguns anos a concretizar-se.

A QUADRA DE ESPORTES

O esporte une os homens e faz-se portanto necessário em todos os meios. O CAp não é exceção. Necessitamos urgentemente de um campo de esportes a fim de que possamos sair desta indolência da Educação Física na Lagoa.

A construção da quadra já foi iniciada com os donativos dos pais de alunos, que muito gentilmente contribuiram ao colocaram-se a par de nossa necessidade o da Caixa Escolar. São os supervisores técnicos da obra o professor Barbosa, o arquiteto Carlos Camargo e o nosso colega Sérgio Salgado, presidente da Caixa Escolar. A quadra deverá, se tudo correr bem, ser terminada no fim deste mes. Até o presente momento, podemos apenas fazer o cimentado e as tabelas. Faltar-nos-á somente a cêrca de tela, que se espera possa ser adquirida com a contribuição dos que ainda não o fizeram. Foi o que nos disse o Sr. Diretor.

Por isso renovamos o apelo aqui o pedido de contribuição de todos os alunos para podermos completar a nossa quadra.

Reportagem de
SÉRGIO KOKIS
(2º científico)

---

o remédio? Escada. Faço sinal para uns dez lotações, depois de muitos, um para. Entro, mal me encaminho para o único lugar no último banco o chofer arranca. Piso nos pés de uns 3 passageiros. Não faz mal, é sempre assim.

O lotação para, sai um velhinho ao meu lado, entra uma senhora gorda. O lotação anda, ela escorrega, cai no colo do cavalheiro ao lado, me joga a bolsa no rosto. Desculpe (de que adianta). Chego ao Colégio. Cinco aulas. Muito sono. Cada aula de 50 minutos dura quase duas horas.

Meio dia e quinze, acabaram-se as aulas. É hora da luta pelo lugar no lotação. Levo chute, não dou (mentira).

Chego em casa. Isto é hora de chegar? Vai ter comida fria (qual o remédio?). Depois do almoço, sonho que pago a conta da luz, gás, telefone, etc. Assim não posso estudar (pretexto). Não estudei, já é hora do jantar. Estou muito aborrecido. Pego o jornal. Vejo os filmes. O primeiro que vejo é "La Dolce Vita". Penso no dia que passei. Fico nervoso. Rasgo o jornal. Deito-me. Durmo pensando que amanhã será a mesma coisa de sempre.

Não faz mal, não há nada a fazer.



Escreveu:
LUIZ FELIPE P.MIRANDA
(2º científico)

PANORAMA 1

Bélgica, URSS e o futuro do Congo

A Bélgica é uma restrita faixa de terra situada ao norte da França. O seu limitado território não é suficiente para sustentar tôda a economia. A sua reserva sempre foi o Congo. O govêrno belga sabia que, mais cêdo ou mais tarde, a colônia libertar-se-ia, deixando-o sem nada. A solução (a mesma dos franceses) foi dar liberdade política ao Congo e continuar com o domínio da economia.

Mas os belgas sabiam que a união faz a fôrça, e previam que se o Congo continuasse unido acabaria por libertar-se também do jugo econômico.

No momento, a Bélgica está aparentemente afastada das convulsões africanas. Na realidade, a separação de Catanga e Cat. foi obra de inspiração belga. Ainda agôra, as tropas de Catanga são instruídas por oficiais daquela nacionalidade. Se consumada a separação das três partes do Congo, estará garantida, pelo menos por algum tempo, a economia da Bélgica.

No centro de todo êste turbilhão está um personagem singular: Lumumba. Chamam-no comunista pôrque está sendo ajudado por comunistas. No entanto, pode ter acontecido que êle tenha aceito êste auxílio como último recurso, na condição de um homem que vê a sua pátria desintegrar-se por ação de estrangeiros, e que procura todos os meios para salvá-la. Procurou apoio no ocidente; negaram-no. Os comunistas aproveitaram a boa oportunidade.

PANORAMA 2

Concretizada a intervenção do govêrno no mercado do café. Apesar de ser a safra dêste ano bem inferior à do passado, as vendas estão tão difíceis que chegavam a ser feitas ilegalmente, isto é, abaixo do teto mínimo de 33,77 "cents" por libra pêso, estabelecido pelo IBC. A intervenção solucionou inúmeros problemas, que iam pouco a pouco acumulando-se.

A prática do intervencionismo estatal é adotada em muitas democracias do mundo. Usada contínua e frequentemente, ela torna-se anti-produtiva, gerando vários vícios no sistema econômico. No entanto, há oportunidades onde a sua adoção se impõe. Nos Estados Unidos, por exemplo, várias vêzes o govêrno comprou parte da produção de trigo e milho, para evitar colapsos. Os excedentes são geralmente objetos de acôrdos bilaterais, onde são trocados por outros produtos.

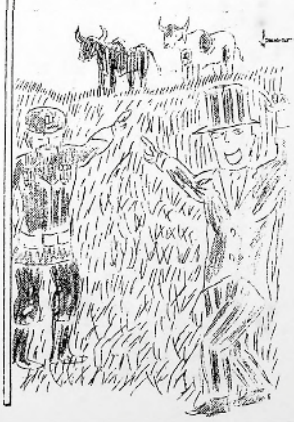
A indústria automobilística norte-americana vem enfrentando séria crise. Existe uma grande saturação do mercado, sendo êste problema agravado pela importação de carros europeus. Atualmente existem cêrca de 5 200 diferentes automóveis à disposição do comprador americano. Apesar disto, continuam os lançamentos de "compactos", na guerra contra os modêlos estrangeiros. Deverão aparecer no início de outubro os seguintes: Oldsmobile F-85, Pontiac Tempest, Buick Special e Dodge Lancer.

ESCREVEU: MÁRCIO ALVES CARDOSO (2º Científico).

mato grosso, terra e gente:

O pantanal: olhando o mapa do Mato Grosso, encontramos ao sul da cidade de Cuiabá e a leste de Corumbá uma grande área de traços, demarcando a zona pantaneira.

A maioria dos leitores, antes de conhecer o pantanal, imagina sôbre êste coisas muito diferentes. Em vez de encontrar, como na Irlanda e outros lugares pantanosos brêjos de areia movediça, na qual o atoledo significa a morte, encontramos uma imensa planície de areia e terra firme. Coberto de capim e arbustos com aglomerações de cárandas e babaçus, transladõ de riozinhos de água salgada (salobra, água salitrada, magnesiana), encontrámos as mais lindas pa-



Disc 139
P059

Isagens de Mato Grosso.

Imensamente rico em su a vegetação terrestre e de sua fauna terrestre e também aquática. Assim encontramos aqui o cervo, o veado branco, o veado pardo, a anta, a onça pintada, a onça parda, a jaguatirica, o gato do mato, o gato mourisco, o lôbo, o lobinho, o cachorrinho vinagre, a capiyara, a pâca; como também inúmeros bandos de cutítus, porcos-do-mato, quatis, e macacos, como o bugio, o saguí, o saguí cara branca, o macaco-bôca-d'água, o macaco comum; como também diferentes espécies de tatús, como o tatu cascudo, tatu liso e o tatu canastra. Ainda encontramos também, com raridade, o tamanduá bandeira, tamanduá mirim, a lontra, a cutia, como também sombras de diversas espécies. Entre as aves, encontramos a espécie rara da ema, o tauiú, a colhereira, o carão-cará, o pato selvagem, a anhuma, o imponente urubú-rei, o tucano, e muitas outras espécies de aves terrestres e aquáticas. Nas águas, encontrâmos o jacaré, o sinimbu, a sucurí, a cobra d'agua. Os peixes são vários: a arraia, a piranha, o surubim, o dourado, o pacú. Como exemplar exotico, encontramos aqui o peixe-agulha. Também exemplares de camarões foram pescados no rio Paraguai. No pantanal, cria-se gado pantaneiro, robusto e sadio. Profundidade média: 1,5 metros.

Os desafios: é muito comum haver [illegible] nas cidades e nas fazendas, nas festas ou à noite, quando se reunem os "peões", junto à uma fogueira. Os versos são muito pitorescos e retratam o espírito simples do homem do campo. Não se preocupam muito com a métrica. Eis-los:

Moça morena é quitute;
Moça branca é canjã fria,
Quero morena pra sempre
E a branca nem pra um dia.

Mulheres há para tudo,
Para o amor e pra tacá
Umas acabam no altar,
Outras na ponta da faca.
. . . . . .

E mais:

- Ora pois que desafôro!
Cala a bôca ó peladinho!
- Que aquí mesmo é o a viola
Vou te quebrar o focinho!

"Então venha maleriado
Com o teu coxo de pinho,
Que aquí tenho o "cane-caxa"
p'ra surrar um barbadinho"
. . . . . .

Ou ainda:

"Vancê diz que Deus é grande,
Maió do que Deus ou sou:
Sou maió nos meus pecados,
Porque Deus nunca pecou.

Escreveu:
ROBERTO NASCIMENTO
(1º científico)

VACAS NA POLÍTICA...

O Departamento de Agricultura publicou, para os alunos da Escola de Agronomia, um manual em que são explicadas, com exemplos vivos, as diferenças entre os diversos sistemas econômicos e políticos. O postulado é: "se você tiver duas vacas..."

Vejamos pois o que ocorre nos diferentes regimes:

Socialismo: você fica com uma vaca e dá a outra.

Capitalismo: você vende uma delas e compra um touro.

Imperialismo: você fica com as duas vacas e rouba um touro.

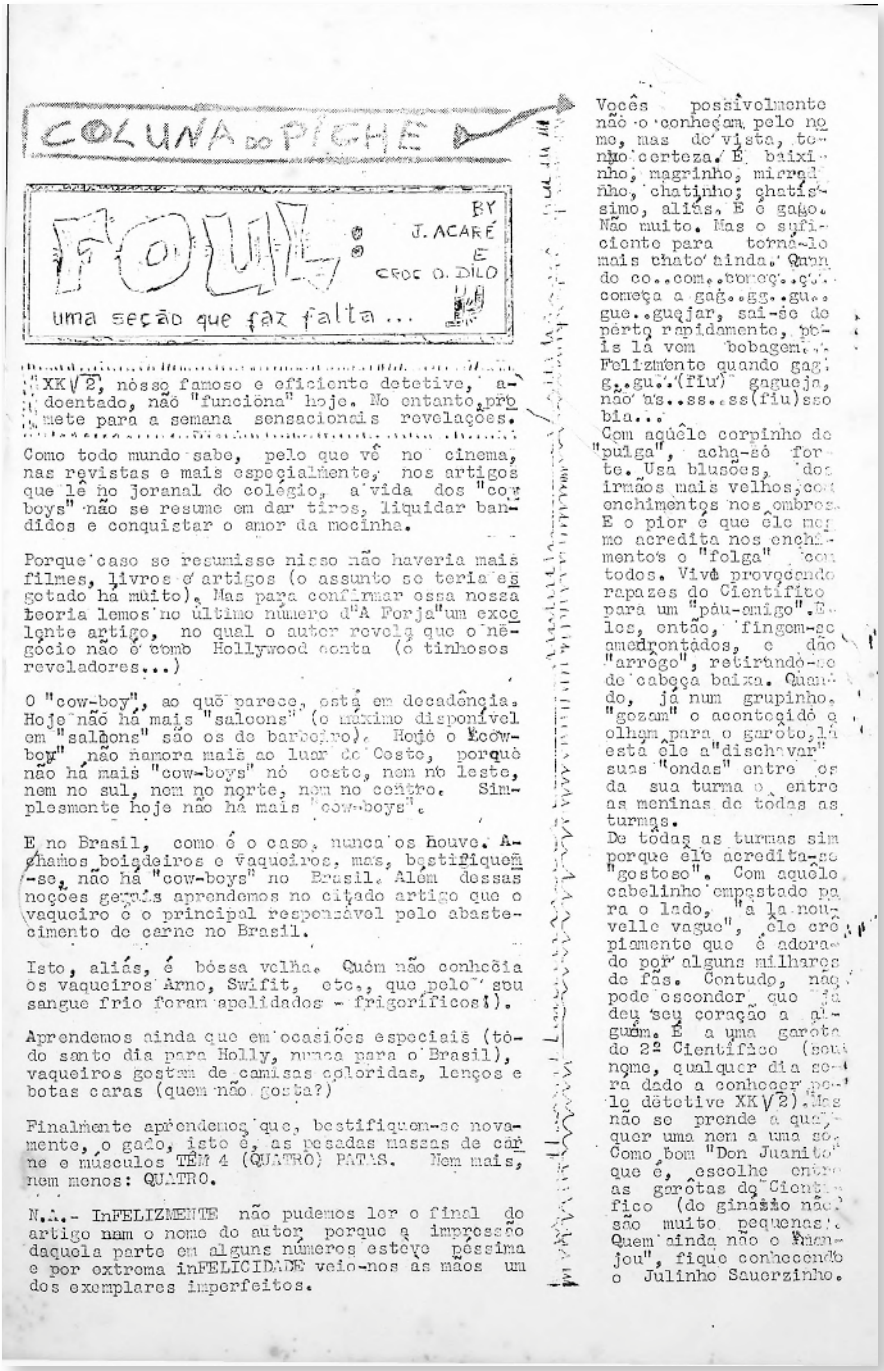
Comunismo: o govêrno toma-lhe as duas vacas e em troca lhe dá um pouco de leite azedo.

Nazismo: o govêrno toma-lhe as vacas e depois fuzila-o.

Anarquismo: seu vizinho rouba-lhe uma das vacas e mata a outra.

Colaboração de
JOSÉ CARLOS DUNHAM
(1º científico)





COLUNA do PIGHÉ

FOU!

BY J. ACARÉ E CROC O. DILO

uma seção que faz falta ...

XK√2, nósso famoso e eficiente detetive, aposentado, não "funciona" hoje. No entanto, promete para a semana sensacionais revelações.

Como todo mundo sabe, pelo que vê no cinema, nas revistas e mais especialmente, nos artigos que lê no jornal do colégio, a vida dos "cow boys" não se resume em dar tiros, liquidar bandidos e conquistar o amor da mocinha.

Porque caso se resumisse nisso não haveria mais filmes, livros e artigos (o assunto se teria esgotado há muito). Mas para confirmar essa nossa teoria lemos no último número d"A Forja"um excelente artigo, no qual o autor revela que o negócio não é tomb Hollywood conta (e tinhosos reveladores...)

O "cow-boy", ao quê parece, está em decadência. Hoje não há mais "saloons" (o máximo disponível em "salôons" são os de barbeiro). Hoje o "cow-boy" não namora mais ao luar do Costo, porquê não há mais "cow-boys" nó oeste, nem nó leste, nem no sul, nem no norte, nem no centro. Simplesmente hoje não há mais "cow-boys".

E no Brasil, como é o caso, nunca os houve. Achamos boiadeiros e vaqueiros, mas, bestifiquem-se, não há "cow-boys" no Brasil. Além dessas noções gerais aprendemos no citado artigo que o vaqueiro é o principal responsável pelo abastecimento de carne no Brasil.

Isto, aliás, é bóssa velha. Quêm não conhecêia os vaqueiros Arno, Swifit, etc., que pelo seu sangue frio foram apelidados - frigoríficos!).

Aprendemos ainda que em ocasiões especiais (tôdo santo dia para Holly, nunca para o Brasil), vaqueiros gostam de camisas coloridas, lenços e botas caras (quem não gosta?)

Finalmente aprendemos que, bestifiquem-se novamente, o gado, isto é, as pesadas massas de carne e músculos TÊM 4 (QUATRO) PATAS. Nem mais, nem menos: QUATRO.

N.A.- InFELIZMENTE não pudemos ler o final do artigo nem o nome do autor porque a impressão daquela parte em alguns números esteve péssima e por extrema inFELICIDADE veio-nos as mãos um dos exemplares imperfeitos.

Vocês possivelmente não o conheçam pelo nome, mas de vista, tenho certeza. É baixinho, magrinho, mirradinho, chatinho; chatíssimo, aliás. É o gago. Não muito. Mas o suficiente para torná-lo mais chato ainda. Quando co..com..começ..ça a ga..gu..gue..guejar, sai-se de pérto rapidamente, pois lá vem bobagem... Felizmente quando gag..gu..(fiu) gagueja, não ta..ss..ss(fiu)sobia...

Com aquêle corpinho de "pulga", acha-se forte. Usa blusões, dos irmãos mais velhos, com enchimentos nos ombros. E o pior é que êle mesmo acredita nos enchimentos e "folga" com todos. Vive provocando rapazes do Científico para um "páu-amigo". Eles, então, fingem-se amedrontados, e dão "arrêgo", retirando-se de cabeça baixa. Quando, já num grupinho, "gozam" o acontecido e olham para o garôto, lá está êle a"dischavar" suas "ondas" entre os da sua turma e entre as meninas de tôdas as turmas.

De tôdas as turmas sim porque êle acredita-se "gostoso". Com aquêle cabelinho empastado para o lado, "a la nouvelle vague", êle crê piamente que é adorado por alguns milhares de fãs. Contudo, não pode escondor que já deu seu coração a alguém. É a uma garota do 2º Científico (seu nome, qualquer dia será dado a conhecer pelo detetive XK(√2). Mas não se prende a qualquer uma nem a uma só. Como bom "Don Juanito" que é, escolhe entre as garôtas do Científico (do ginásio não, são muito pequenas). Quem ainda não o "conhecjou", fique conhecendo o Julinho Sauerzinho.

3

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 140
EDIÇÃO: A Forja (Ano V, nº 23)
DATA: 7/10/1960

Nesta edição de A Forja é apresentada uma novidade aos capianos, a Semana do Estudante, com foco em proporcionar uma maior união entre os alunos. O evento, instituído a partir de uma reunião entre representantes de turma e setores curriculares junto ao prof. Jorge, do Setor de Orientação Educacional, contava com uma programação de exposições de trabalhos, sessões de cinema, palestras e debates, programas artísticos e jogos esportivos. Em um artigo escrito pelo aluno do 1º ano ginasial, Paulo Henrique Amorim, o autor se despede de um funcionário e amigo dos alunos e do colégio. Em *Panorama 1* e *Panorama 2*, autor não identificado trata de temas político-econômicos do momento, a exemplo da Assembleia Geral da ONU, que reuniu importantes nomes do cenário político internacional, em Nova York, e do anúncio da criação do Banco de Exportação do Brasil. Há também um artigo chamado *África, um gigante que acorda*, escrito por um aluno do 1º ano ginasial, que explica a situação de diferentes países africanos em relação à independência do domínio francês. Em *Mensagem 2571*, um professor escreve sobre temas de espiritualidade e religião. O Centro de Matemática e Física utilizou o jornal para apresentar sua programação de atividades junto de algumas curiosidades e de uma biografia de Isaac Newton. A página final do jornal conta com um desenho em quadrinhos que ilustra alguns elementos da vida cotidiana do CAp, como as obras do pátio, o uniforme e as aulas de Educação Física.



– Diana – 2º Cient
Disc 19
Prof

Novidade no Cap. 1

SEMANA DO ESTUDANTE:

o que é

pôr que

para que

como será

A FORJA

ORGÃO OFICIAL DOS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ

leia reportagem à página 2

BOLETIM DO CENTRO DE MATEMÁTICA

PANORAMA

MENSAGEM - 5271

NOTÍCIAS DA COORDENAÇÃO

A FORJA

órgão oficial dos alunos do colégio de aplicação da faculdade nacional de filosofia

ano V - nº23 - 7/10/60
publicação semanal

supervisor:
prof. jorg hutter
diretor-responsável:
carlos milazzo
diretor-redator:
cesar milazzo
diretor-cultural:
suely hinds
diretor-secretário:
josé carlos dunham
diretor de reportagens:
sérgio kokis
ilustrador:
carlos cesar carvalho
redator:
marcelo nogueira
colaboradores:
paulo henrique amorim
m.dantas loureiro

tiragem:500 exemplares

endereço: r.batista da costa 55— Guanabara

2ª SEMANA DO

primeiras informações — o que é-

Com o intúito de haver maior união entre os alunos do Colégio, realizou-se na 5à.feira, 13 de setembro, à tarde, uma reunião entre representantes das diversas turmas e setores, com presença do prof. Jorg, do SOE, a fim de deliberarem sôbre a possibilidade de instituir-se aqui a "Semana do Estudante".

Foram criadas diversas comissões encarregadas da programação geral, para a concretização da "Semana" do dia 10 a 15 de outubro, a fim de enriquecer as atividades dos alunos no Colégio.

Dependendo ainda de aprovação final, ficou estabelecido o seguinte roteiro:

Segunda feira, dia 10: durante a primeira aula haverá uma solenidade de abertura, com a presença do professor Eremildo Viana; inauguração da exposição de trabalhos de alunos, hasteamento da Bandeira e canto do Hino Nacional.

Na terça e na quinta, à noite, uma sessão especial de cinema, através do 'Cine Clube do Colégio. Durante esses dias, alguns professo-

[redacted]

ADEUS, "SEU



Da. Clarice, nossa primeira professora de Latim, desde à nossa chegada ao CAp, fez com que tomássemos conhecimento do "Octacílio's Bar", onde encontraríamos o sanduíche da merenda, às 10 h 10m.A princípio, o encaramos como um simples funcionário, como qualquer dos outros, mas aos poucos fomos sentindo que êle já era uma espécie de patrimônio do Colégio, não só por ser do nosso quadro de servidores desde a fundação, como também por ser uma espécie de "homem dos sete instrumentos", trabalhando tanto na venda de refrigerantes e guloseimas, como, ainda, nos sêtores de carpintaria, eletricidade, portaria, etc.

Quem passava a sentir o Colégio da mesma maneira que nós, encarava aquêle homem por um áspecto diferente e sentia que não só as obrigações profissionais o prendiam aos alunos, pois algo mais sutil o tornava um verdadeiro camarada de todo estudante da Praça São Salvador. Compreendíamos, pouco a pouco, que apesar de certas dificuldades de cunho estritamente material, êle se dedicava às fun

DISC 1.70
P059

ESTUDANTE 99

por que — para que — como será

res farão palestras ou debates nas suas aulas, com temas relativos ao assunto.

Na sexta feira, dia 14, em lugar das aulas teremos algumas solenidades e comemorações com programas artísticos; à tarde alguns jogos esportivos, possivelmente na quadra do Flamengo, na Gávea, assim como uma "ginkana" após completa o programa a festa à noite, animada por um conjunto de alunos.

Sábado não haverá aula.

A fim de que a nossa "Semana do Estudante" venha a obter pleno êxito, necessitamos do comparecimento e prestígio de todos os alunos em tôdas as solenidades e atividades.

Esperamos poder, quando aproximar-se a data, trazer aos nossos colegas o professôres maiores detalhes, pois muitas idéias e projetos ainda estão dependendo de resposta e contribuições. Até lá então!

Reportagem de Sérgio Kokis, em palestra com o prof. Jorg, do SOE.

notícias da coordenação

SEMANA DO ESTUDANTE: 10 a 15 de outubro.

Dia 10 - 1º tempo: Solenidade de início da Semana do Estudante. Não haverá aula nesse tempo.

Dia 14 - Encerramento da Semana. Não haverá aula.
Dia 15 - Dia do Professor. Não haverá aula.

2a. PROVA PARCIAL: O início das provas está marcado para o dia 1 de dezembro. O encerramento das aulas será dia 26 de novembro.

OCTACÍLIO" !

ções naquêle prédio velho e caindo aos pedaços, com um grande entusiasmo e, sem dúvida, grande parcela de idealismo. Temos certeza de que via as tarefas no CAp, não como mais uma forma de fazer frente às aperturas naturais de chefe de uma grande família.

Tinhá prazer em servir-nos, e talvez tenha sido êsse o maior motivo pelo qual era sobrecarregado de serviço, em certas ocasiões.

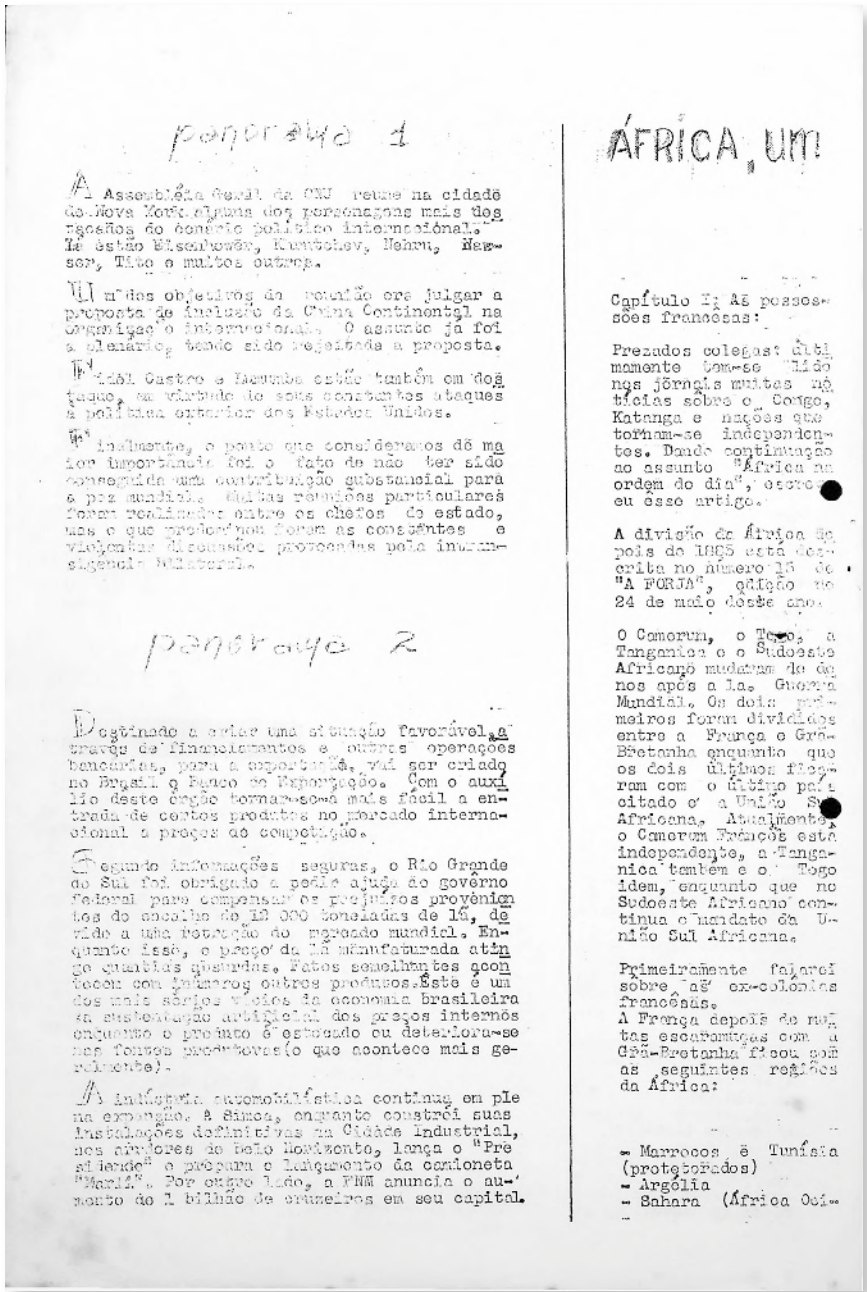
Não é nosso intuito tentar fazer elogios e comentários mais generosos que merecidos a alguém que já não participa do nosso convívio; contudo sentimos a falta de qualquer tipo de reação por parte dos alunos, quando do desenlace. Talvez por ter ocorrido em período de férias, tenha-nos deixado de dar o nosso testemunho de solidariedade à sua família, o que não impede, em absoluto, que venha-mos desta forma prestar uma justa homenagem.

Não seria a sua ausência, que faria com que disséssemos algo a que êle não fizesse jus. Reconhecíamos em "seu Octacílio" um funcionário exemplar, que à nós, particularmente, tocava de uma forma especial pelo seu tipo simpático e amigo dos alunos, que tanto trabalho lhe davam.

Concluiríamos, dizendo que foi "seu Octacílio" um grande camarada dos alunos e acima de tudo um funcionário que dignificou a sua função.

Adeus, amigo Octacílio.

Escreveu:
Paulo Henrique Amorim
1º clássico



parágrafo 1

A Assembléia Geral da ONU reune na cidade de Nova York, alguns dos personagens mais dos agsados do cenário político internacional. Lá estão Eisenhower, Khrutchev, Nehru, Nasser, Tito e muitos outros.

Um dos objetivos da reunião era julgar a proposta de inclusão da China Continental na organização internacional. O assunto já foi a plenário, tendo sido rejeitada a proposta.

Fidel Castro e Nkrumha estão também em destaque, em virtude de seus constantes ataques à política exterior dos Estados Unidos.

Finalmente, o ponto que consideramos de maior importância foi o fato de não ter sido conseguida uma contribuição substancial para a paz mundial. Muitas reuniões particulares foram realizadas entre os chefes de estado, mas o que predominou foram as constantes e violentas discussões provocadas pela inconsequente Diplomacia.

parágrafo 2

Destinado a criar uma situação favorável através de financiamentos e outras operações bancárias, para a exportação, vai ser criado no Brasil o Banco de Exportação. Com o auxílio deste órgão tornar-se-á mais fácil a entrada de certos produtos no mercado internacional a preços de competição.

Segundo informações seguras, o Rio Grande do Sul foi obrigado a pedir ajuda do govêrno federal para compensar os prejuízos provenientes do encalhe de 12 000 toneladas de lã, devido a uma retração do mercado mundial. Enquanto isso, o preço da lã manufaturada atinge quantias elevadas. Fatos semelhantes ocorrem com inúmeros outros produtos. Êste é um dos mais sérios vícios da economia brasileira - a sustentação artificial dos preços internos enquanto o produto é estocado ou deteriora-se nas fontes produtoras (o que acontece mais geralmente).

A indústria automobilística continua em plena expansão. A Simca, enquanto constrói suas instalações definitivas na Cidade Industrial, nos arredores do belo Movimento, lança o "Presidente" e prepara o lançamento da camioneta "Chambord". Por outro lado, a FNM anuncia o aumento de 1 bilhão de cruzeiros em seu capital.

ÁFRICA, UM!

Capítulo I: As possessões francesas:

Prezados colegas: Ultimamente tem-se lido nos jornais muitas notícias sobre o Congo, Katanga e nações que tornam-se independentes. Dando continuação ao assunto "África na ordem do dia", escrevi eu êsse artigo.

A divisão da África depois de 1945 está descrita no número 15 de "A FORJA", edição de 24 de maio dêste ano.

O Camarum, o Togo, a Tanganica e o Sudoeste Africano mudaram de donos após a 1a. Guerra Mundial. Os dois primeiros foram divididos entre a França e Grã-Bretanha enquanto que os dois últimos ficaram com o último país citado e a União Sul Africana. Atualmente, o Camarum Francês está independente, a Tanganica também e o Togo idem, enquanto que no Sudoeste Africano continua o mandato da União Sul Africana.

Primeiramente falarei sobre as ex-colônias francêsas.
A França depois de muitas escaramuças com a Grã-Bretanha ficou com as seguintes regiões da África:

- Marrocos e Tunísia (protetorados)
- Argélia
- Sahara (África Oci-

DISC 140
P059

GIGANTE QUE ACORDA

dental Francêsa).
- Tchad, Oubangui-Chari, Gabão e Médio Congo (África Equatorial Francêsa).
- Madagáscar
- Somália Francêsa
- Algumas ilhas
- Dahomei e Costa do Marfim

Depois da 1a. Guerra Mundial, como já disse, a França ficou com o Camerum francês e o Togo francês (onerava-do entre o Dahomei e Gana).

Depois de 1950 a França viu que tinha que fazer a política de boa amizade com os povos de suas colônias e formou-se a Comunidade Francêsa que hoje tem poucuissimos países, pois quase todos já os tão independentes.

Em 1960 a África acordou definitivamente (ao menos parece!). Nada menos de 17 colônias se tornaram independentes, na maioria ex-possessões francêsas. Quem deu o exemplo foi o Camerum Francês, que no dia 1º dêsse ano se desligou da França. Outros o seguiram. Na África Equatorial Francêsa:
- Rep. Tchad
- Rep. Centro Africana (Oubangui-Chari)
- Rep. Congo (Médio Congo).
- Rep. Gabão

Não ficou nenhuma co-lônia.

Na África Ocidental Francêsa:
- Rep. Senegal (que formou a federação do Mali e se desligou)
- Rep. Costa doMarfim
- Rep. Dahomei
- Rep. Voltense (Alto Volta)
- Rep. Niger

Ficou na Comunidade Francêsa a Mauritânia.

Na Ilha de Madagáscar formou-se a Rep. Malgaxe que com êsse nome era país da Comunidade Francêsa.

Antes dêsse ano outros países que pertenceram a França ficaram independentes. São: o Marrocos, a Tunísia e a Guiné (ex-Guiné Francesa).

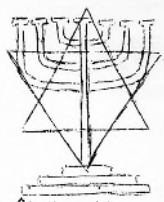
Daquêle enorme império o que sobrou foi a Argélia, que não é membro da Comunidade Francêsa e luta por sua liberdade e a Somália Francesa que também não é membro da citada comunidade. Ambas são possessões.

Vê-se por isso que a África está acordando.

No momento oportuno falarei sobre as possessões britânicas.

Escreveu:
M. Dantas Loureiro
1a. série ginasial

MENSAGEM 5271



A você, Jacob,
A você, Môisés,
A você, Isaac,
Também ao Aarão, ao Abrahão,
Ao David...
E a todos de lá e daqui
Cujos sobrenomes
Têm muitas consoantes
e poucas vogais.

E a tantos mais
Cujos nômes se acham,
imortais,
No Vêlho Testamento.
E os que,
Saídos do Novo Alento
Das Sagradas Escrituras,
Se chamam Jesus, José,
Maria,
Ou outros nomes mais.

Católico e judeu;
Espírita; mussulmano;

Recebam
Como os que hoje comemoram
A mensagem de fé,
De crença em Deus
Que alguns festejam
No seu Novo Ano.

.....

Escreveu:

Prof. Mauricio S. Silva

SEÇÃO DO CENTRO DE MATEMÁTICA E FÍSICA

Rio de Janeiro, 3 de outybro de 1960

Depois de um período de certa calma em suas atividades, o Centro de Matematica e Fisica, resolveu fazer um programa mais positivo e dedicado.

A nova diretoria, resolveu estabelecer um contato mais direto com as turmas. Para tanto entramos em entendimento com o jornal do colegio e pretendemos de agora em diante apresentar estas duas paginas.

Contamos com a sua colaboraçao; qualquer manifestaçao de interêsse sera bem acolhida.

Pela diretoria,

DIRETOR

A MATEMÁTICA E SUAS CURIOSIDADES

A Matemática sempre nos oferece aspectos curiosos. Por exemplo; na multiplicaçao do numero 37 por tres e seu multiplos ate o nº 27 verificamos uma coinci dência interessante. Observem:

37	37	37	37	37
x3	x6	x9	x12	x15
111	222	333	444	555

Bem, troquemos agora os algarismos, procedamos da mesma forma, e novamente notaremos outra curiosidade:

73	73	73	73	73
x3	x 6	x 9	x12	x15
219	438	657	876	1095

Várias observações poderao ser feitas. Se repararmos o ultimo algarismo do resultado veremos que aparece a seguinte sucessao: 9,8 7,6,5,4,3,2,1.

Podemos notar ainda mais, ate o quinto produto os primeiros algarismos formam a serie par: 2,4,6,8,10, e os segundos à serie impar 1,3,5,7,9.

Assim como essas, existem muitas outras curiosidades que voce encontrara no decorrer do seu curso.

PAULO ROBERTO

PROCESSO PRÁTICO DE MULTIPLICAR POR NOVE

Suponhamos que queremos multiplicar o nº 34.875.695 por 9.O produto sera achado se acrescentarmos um zero ao numero; Assim formado um novo numero, escrevemos por baixo dele o primeiro e fazemos a subtraçao, assim:

348;756.950
34.875.695 -
313.881.255

Êste processo tem ainda muito maior utilidade se temos a multiplicaçao por 99 ou 999, ou por qualquer numero apenas constituido por noves.

(Se a multiplicação desejada fôsse por 999, tres noves, acrescentariamos tres zeros e assim por diante).

-- X --

PERGUNTAS QUE NOS DESAFIAM

Um tijolo pesa 6kg e metade do seu peso. Quanto pesa o tijolo?

-- X --

Num cêsto estavam doze maças. Vieram 12 rapazes, cada um tirou uma e ainda ficou uma no cesto. Que aconteceu?

-- X --

Daqui a 3 anos, João tera 3 vezes a idade que tinha a 3 anos atraz. Qual sua idade?

Talvez por despeito, mas muitos dizem que o numero sete é a conta do mentiroso. O sete e tambem considerado um numero mistico. Entretanto o sete esta presente em momentos decisivos. O mesmo sete tem particular virtude na religiao como o é no budismo e na religiao crista. São sete os dias da semana, são sete as notas musicais, são sete as cores do arco-iris. Segundo a Igreja, são sete os pecados capitais e sete os sacramentos. A Biblia nos conta a respeito do sonho de Jose das sete vacas magras, das sete vacas gordas, das sete dôres. Tambem sao sete as colinas de Roma. O sete esta presente no belo e no saber, pois sao sete as Maravilhas do Mundo e tambem sete os sabios da Grecia.

EU SOU O???

DÊ-ME UM NOME!



Disc 140
P059

BIOGRAFIA DA SEMANA

ISAAC NEWTON

Êste matematico e físico ingles nasceu no ano de 1642. Foi um dos maiores nomes que apareceu no mundo da Física e da Matematica.

Já aos quinze anos conhecia profundamente a Geometria de Descartes e a Aritmetica dos Infinitos de Wallis; a formula dos coeficentes do binomio de enesimo grau parece tambem ter sido descoberta nesta epoca.

Seu nome no entanto aparece mais ligado a Física. Neste campo fez descobertas que foram desde a mecânica a Ótica.

Podemos enumerar algumas de suas atividades:

- De 1669 até 1671, em Cambridge, fez a teoria da decomposição da luz, explicou os fenômenos do arco-íris, e inventou o telescópio de reflexão.
- Em 1687 publicou os "Princípios Matemáticos da Filosofia Natural", onde trata da atração Universal.

- Em 1704 publicou seu tratado de "Ótica", que em francês se chamava Treatise on the Reflexions and Colours of Light - onde faz observações sôbre a difração da luz, descoberta por Grimaldi. Nesta obra faz um estudo das curvas; encontrou na equação do terceiro grau 72 espécies diferentes de curvas.

O começo de sua reputação ção se deu em 1707 com a publicação da "Aritimética Universal"

Mas não é só; Newton teve ainda outras atividades para a gloria da Humanidade!

Entrosou-se na política, onde não teve sucesso. Foi membro e o presidente até a sua morte da Sociedade Real de Lôndres, membro do parlamento, inspector e diretor da Casa da Moeda.

Teve grave debate com Leibinitz em relação ao calculo diferencial. Chegaram ambos as mesmas conclusões, por caminhos deferentes, mas Newton nao quiz reconhecer originalidade neste outro.

Morreu em 1727, aos oitenta e cinco anos, deixando-nos grande parte da base da Física Moderna.

Como viram, Newton foi um "Cobra" com C maiusculo.

ABRAÃO FIDEL

-- X --

Você é f capaz de formar todos os algaris mos usando sempre quatro 4 ?

Ex: 1 = $\frac{44}{44}$

Pense e resolva:
Tem-se um ângulo W e 1 ponto A compreendido entre os seus lados. - Podem-se: traçar um segmento de reta BC passando por A, tal que B pertença a um dos lados, C ao outro e BA = = BC.

Os retângulos ABCD e DEFG, estão em dois quadrantes da circunferencia abaixo.
Provar que a soma:
BC + FG = cte.



-- X --

O Centro de Matemática e Física comunica que em Assembleia Extraordinaria constituiu-se nova diretoria:

DIRETOR:
Ugo Marotta
(3º Cient)

VICE-DIRETOR:
Abrahão Fidel
(3º Cient)

TESOUREIRO:
Paulo R. Oliveira
(3º Cient)

SECRETÁRIA:
Ana Maria de A.
(4º gin.)

ENCAR. MATERIAL:
Ênio Perelberg
(1º Cient)

BIBLIOTECÁRIA:
Maria Cecília
(2º gin.)

A ROLDANA

É um tipo de máquina simples, que consiste numa roda que pode girar em tôrno de um eixo que passe pelo centro e que seja perpendicular ao seu plano. Esta roda é sustentada por uma peça em forma de U invertido, e, sôbre a sua circunferência se observa um sulco, por onde passa o fio que sustenta o corpo a ser erguido.

A roldana pode ser fixa ou movel.

Quando e fixa, o esfôrço feito numa extremidade da corda é igual ao peso que se quer erguer na outra extremidade.

(continua no próximo numero)

------X------

COLABORE COM O CENTRO

AGUARDE AS BASES DE SENSACIONAL CONCURSO DE INVENÇÕES!

QUALQUER MANIFESTAÇÃO SUA, SERÁ POR NÓS BEM ACOLHIDA!


OBRAS DO PÁTIO
A Que pena, esqueci-me da meia branca! Não vou poder entrar!
ÊTA, GINÁSTICA PUXADA!
SAYONARA MODÊLO CAp
AGÊNCIA FUNERÁRIA C. AP.
FIGURA DA SEMANA
QUEM SERÁ?

4

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 141
EDIÇÃO: A Forja (Ano V, nº 25)
DATA: 28/10/1960

Vale destacar que o jornal informa aos seus leitores a homenagem a D. Therezinha Lisboa, escolhida como Professora do Ano pelos alunos, no encerramento da Semana dos Estudantes. A professora comenta um pouco sobre sua vida em uma entrevista para A Forja, publicada junto de seu discurso no Dia dos Professores para toda a comunidade capiana. Outras homenagens também se destacam: a Licencianda do Ano e a Colega do Ano. Há menção a um filme exibido durante a Semana dos Estudantes pelo cineclube, em que as duas primeiras sessões tiveram muito sucesso, alcançando um público de 140 pessoas, na primeira sessão, e de 100, na segunda. Há também um artigo escrito por um aluno do 1º ano científico e presidente do Setor Esporte do CAp, sobre os jogos e suas classificações que ocorreram durante a Semana dos Estudantes. Na página do verso do jornal, há ilustrações humorísticas sobre o uniforme do CAp, o clima quente, o pátio do colégio e a figura da semana.



D. THEREZINHA:
PROFESSÔRA
DO ANO
pág 2

A FORJA

ORGÃO OFICIAL DOS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FNE

PARA
OS
QUE
CRÊEM
EM
NÓS
TEMOS
DE
TRABALHAR

PALAVRAS DE
D. THEREZINHA
EX ALUNA DESTE
NO. X

BEVI?
COLEGA
DO ANO;
D. DINA:
LICENCIANDA
DO ANO;
CAP PERDE
NO
FUTEBOL!

DIAS E
DATAS
HISTÓRIA

PÁGS. 4 e 5

A FORJA

órgão oficial dos alunos do colégio de aplicação da faculdade nacional de filosofia

ano V -nº 25- 28/10/60
publicação semanal

supervisor :
prof. jorg hutter

diretor-responsável:
carlos milazzo

diretor-redator:
cesar milazzo

diretor-cultural:
suely hinds

diretor-secretário:
josé carlos dumham

diretor de reportagens:
sérgio kokis

ilustrador:
carlos cesar carvalho

redator:
marcelo nogueira

colaboradores:

prof.therezinha lisboa

sérgio marques

henrique meyer

tiragem:
500 exemplares

endereço :
r.batista da costa 55
jardim botânico
estado da guanabara

D. THEREZINHA: PROFESSÔRA DO ANO

D. Therezinha Lisboa é uma das mais queridas professôras dêste, queirido também, nossa CAp. A prova disso é que foi escolhida como a "Professôra do Ano" Homenageada por ocasião do encerramento da nossa "Semana do Estudante"; pronunciou breve oração que, com sua aquiescência, publicamos hoje. Procuramos saber alguma coisa a respeito de sua vida

"PARA AS PESSOAS QUE

"Exmo. Sr. Prof. Dr. Eremildo Luís Viana, Exmo. Sr. Prof. Dr. Luís Alves de Mattos, Senhores Professôres, alunos do Colégio de Aplicação, meus alunos:

Há no diário de um jovem poeta e professor de português, Sebastião da Gama, a respeito, justamente, do seu trabalho de professor as palavras seguintes:

"Para as pessoas que crêem em nós e que temos de trabalhar; para não corar diante delas".

Para as pessoas que crêem em nós... quais serão essas pessoas no meu caso?

Os meus professôres de ontem, que a minha dignidade não me permite trair, porque êles me confiaram uma parte da continuidade da missão formadora que lhes toca. São os meus colegas de hoje, a que me sinto presa como uma pequena fôrça convergente, dentro do sistema de fôrças que está operando o milagre transformador que é a educação nêste Colégio. São aquêles que nos confiaram os seus filhos, com a tranquilidade de que a nossa Escola não continua somente o seu teto mas também o espírito do seu lar.

São, sobretudo, os nossos alunos, origem e fim da nossa profissão.

Essas pessoas são, portanto, as para as quais temos de trabalhar, pois que acreditam em nós; para as quais temos de trabalhar bem, a fim de que não tenhamos de corar diante delas.

Meus alunos, no momento em que fazeis a escolha de um, entre os Professôres do Colégio de Aplicação, o vosso gesto nos emociona certamente, mas cada um de nós tem no íntimo a certeza de que essa eleição é puramente simbólica. É simbólica porque se dirige muito menos a um nome do que

DISC 141
P659

como mostra. Eis suas próprias palavras:

"Depois de dez anos sem estudar, ingressei na Faculdade Nacional de Filosofia para fazer o Curso de Letras Neolatinas (sonho adormecido durante aqueles dez anos).

Em 1959, ainda como licencianda fui convidada pelo Prof. Luís Alves de Mattos, para fazer parte do corpo docente do nosso querido CAp. Claro que aceitei imediatamente pois desde o começo do ano flertava com o Colégio. Aqui ingressei êste ano para dar Português (1º B e 1º Científico) e cá pretendo continuar até...

Aquêle "flirt" de que falei acima transformou-se em "amor violento" e, hoje (para usar a linguagem dos adolescentes), adoro o CAp tanto que no próximo no largarei os outros colégios em que leciono para dedicar-me inteiramente aos "meus filhos" do CAp.

Tenho certeza absoluta de que nasci para ser professôra...mas professôra do CAp. Por isso, disse aos alunos no dia do Professor as palavras abaixo:

CRÊEM EM NÓS TEMOS DE TRABALHAR"

ao grupo a que pertencemos. É o vosso reconhecimento coletivo que se manifesta a quem está cuidando de vós, de cada um individualmente, e de todos.

Desejais fazer a vossa pública demonstração de carinho por esta Casa, mas sabeis que alguém deve representá-la, com ouvidos para atender-vos e palavras para vos responder. Assim me escolhestes êste ano.

Eu vos agradeço por essa escolha, que não representa um prêmio individual mas que me dá, individualmente, o mais sincero júbilo e a mais viva emoção.

Sou apenas aquela pequena fôrça, dentro de um conjunto coerente e harmônico em seus propósitos e em sua ação.

Sou, hoje, um mero veículo do calor com que amais o vosso Colégio. Êsse calor nos compensa a todos pelo trabalho que nos dais, trabalho que é, êle próprio, compensação e alegria bastante.

Não me vou despedir de vós com o pensamento de que a minha tarefa é perfeita. Sei que cada hoje é realizada melhor do que ontem, justamente porque o meu convívio convosco, com os meus colegas, com o espírito de nossa Instituição vai aperfeiçoando-a em cada dia, em cada instante.

Essa certeza de aperfeiçoamento talvez já seja o começo do meu pecado, pecado de ambição ou de vaidade; de abençoada ambição e de fecunda vaidade!

Mas o que me absolve dêsse pecado... permiti que mais uma vez eu repita palavras de Sebastião da Gama, professor e poeta:

"O que me absolve é que tenho o propósito de ir melhorando o de chegar o dia em que serei quase um bom professor; é justamente nesse dia que eu morrerei: quando fôr quase um bom professor".

ALUNOS:

FIM E ORIGEM

DA PROFISSÃO

DE MESTRE

TEMOS

DE TRABALHAR

BEM

A FIM DE

NÃO CORAR

QUANDO FÔR

QUASE

UM BOM

PROFESSOR —

NÊSSE DIA

MORREREI!

D. DINA: LICENCIANDA DO ANO

D.Dina Thereza de Souza foi escolhida a "Licenciandа do Ano". Está terminando seu curso de Letras Clássicas (poderá lecionar Português, Latim e Grego) na Faculdade Nacional de Filosofia. Como licenciandа deu aulas nas turmas do 1º ginasial, 1º e 2º clássico. Há uma particularidade interessante na vida dessa já bastante querida mestra: já está lecionando em nosso CAp, dando aulas de latim para a turma do 3º ano ginasial B. Isso quer dizer que, terminando oficialmente o curso na Faculdade de Filosofia, D.Dina será efetivada professôra no Colégio de Aplicação.

Falando sôbre nossa casa do ensino e sôbre o elemento humano que aqui atua, ela foi pródiga em élogios, afirmando que, sinceramente, gostou muito da qui.

Olhando o outro lado da medalha, podemos dizer que assim como ela gostou do CAp e seus alunos, êsses também apreciaram bastante a sua pessôa, quer como mestra, quer como amiga.

Quem duvidar poderá perguntar a qualquer aluno do 1º Ginasial, 1º e 2º clássico ou do 3º GinasialB. Se bem que isso não seja lá muito necessário, pois basta saber que D.Dina Thereza de Souza foi escolhida a "Licenciandа do Ano" nêste 1960.

O acontecimento de maior importância ocorrido nas exibições de filmes durante a Semana do Estudante foi a excelente frequencia das sessões: cêrca de 140 pessoas na primeira e 100 na segunda. Esperamos que isso se repita nas próximas sessões do Cine-Clube, que funciona regularmente às tergas-feiras (ou quartas) às 20 hs. e aos sábados às 10hs. 30m. da manhã.
Moby Dick (um dos filmes exibidos durante a SE) de John Houston, um dos grandes problemas enfrentados pelos jovens estudiosos de cinema, é a supervalorização de certos filmes, pregada pela crítica brasileira. Moby Dick é um dêsses casos. Vários críticos rotularam-no de 'obra prima', de genial, de admirável, e o filme apresenta apenas uma sequencia (a da calmaria) realmente digna do talento de Houston.

CAP PERDE INVENCIBILI-

Quem lhes escreve é o aluno Sérgio Marques de Almeida, presidente do Setor Esporte do nosso Colégio. Pediram me para escrever um artigo sôbre a "Semana do Estudante" que, infelizmente, passou. Sendo do Setor Esporte nada mais lógico do que comentar a participação dêsse setor nas festividades.

Na sexta féira, dia 14 de outubro, foram efetuados dois jogos sob a orientação do setor que presido. O primeiro foi o de volei, entre professôres e alunos, vencido pelos últimos: 2x1. O segundo foi entre o time de futebol de salão do Colégio e uma equipe do Clube Piraquê. Perdemos: 4x1.

A nota cômica dessa tarde esportiva foi dada pelo coordenador Carlos Camargo, que jogou volei com camisa de mangas compridas e gravata. Êle mesmo, pouco depois, teve que sair do jogo, pois havia machucado o polegar da mão direita. Nó seu lugar joguei eu, mas, "mesmo assim" os professôres perderam. Na minha opinião os professôres jogaram bem e poderiam ter vencido caso não combinassem que o prof. Paulo, de Educação Física, não poderia cortar, pois o le joga volei no Fluminense. Entre os professôres sobressaíram-se o acima citado Paulo, pela sua técnica, e o prof. Victor pela sua grande vontade de ven-

DISC 141
P059

BEVI: COLEGA DO ANO

Luiz Carlos Bevilaqua - o "Bevi" - foi escolhido o "Colega do Ano". Sempre disposto e bem humorado é um indivíduo bastante apreciado, não só por seus colegas do primeiro científico, mas, por todos os que vivem nêsse nosso CAp.

Nascêndo num 20 de abril, em 1944, diz, porém, que só começou a viver de verdade depois que entrou para o Colégio de Aplicação. É ativíssimo nas atividades extra-classe: foi um dos maiores colaboradores de "A FORJA", no seu passado, chegando, inclusive, a chefia de reportagem. Foi também secretário (e depois presidente) de um jornal que seria lançado pelo Clube de Geografia.

A 15 de outubro de 1959 tomou posse como presidente do Clube de Geografia (diz Bevi que não se arrependeu de fazê-lo).

Diz que gosta do CAp, dos alunos do CAp, das férias no CAp, do Clube de Geografia.

Pretende a presidência do Clube de Geografia em 1961 e, saindo do CG, diz que ajudará vivamente o Clube de Ciências (e desde já Bevi pede para que colaborem com êle nêsse futuro empreendimento).

Para um futuro mais distante: quer ser médico, porém, para satisfazer aos que o contradizem, diz que estudará medicina, engenharia e filosofia (línguas neo-latinas).

Eis aí, em síntese, quem é o Bevi, o "Colega do Ano" em 1960

O grande defeito do filme aflora à uma análise superficial: sua atmosfera literária. Houston se propôs apenas a transpor o livro para a tela, sem recriar, humildemente (essa nossa afirmativa é confirmada por declarações de Houston de que seria um simples artesão cinematográfico da obra de Herman Melville). A lentidão é inevitável; aliás, esta é uma regra geral no cinema: densidade literária ou teatral resulta narrativa monótona.

Outra falha do diretor se reflete na escolha de Gregory Peck para o papel de Anab. Peck era inadequado para interpretar um personagem tão complexo, atuando de maneira inexpressiva e por vêzes ridícula.

No balanço geral, Moby Dick é sofrível, sendo mesmo o ponto negativo da carreira de John Houston.

HENRIQUE MEYER - 3º Ci

DADE NO FUTEBOL DE SALÃO

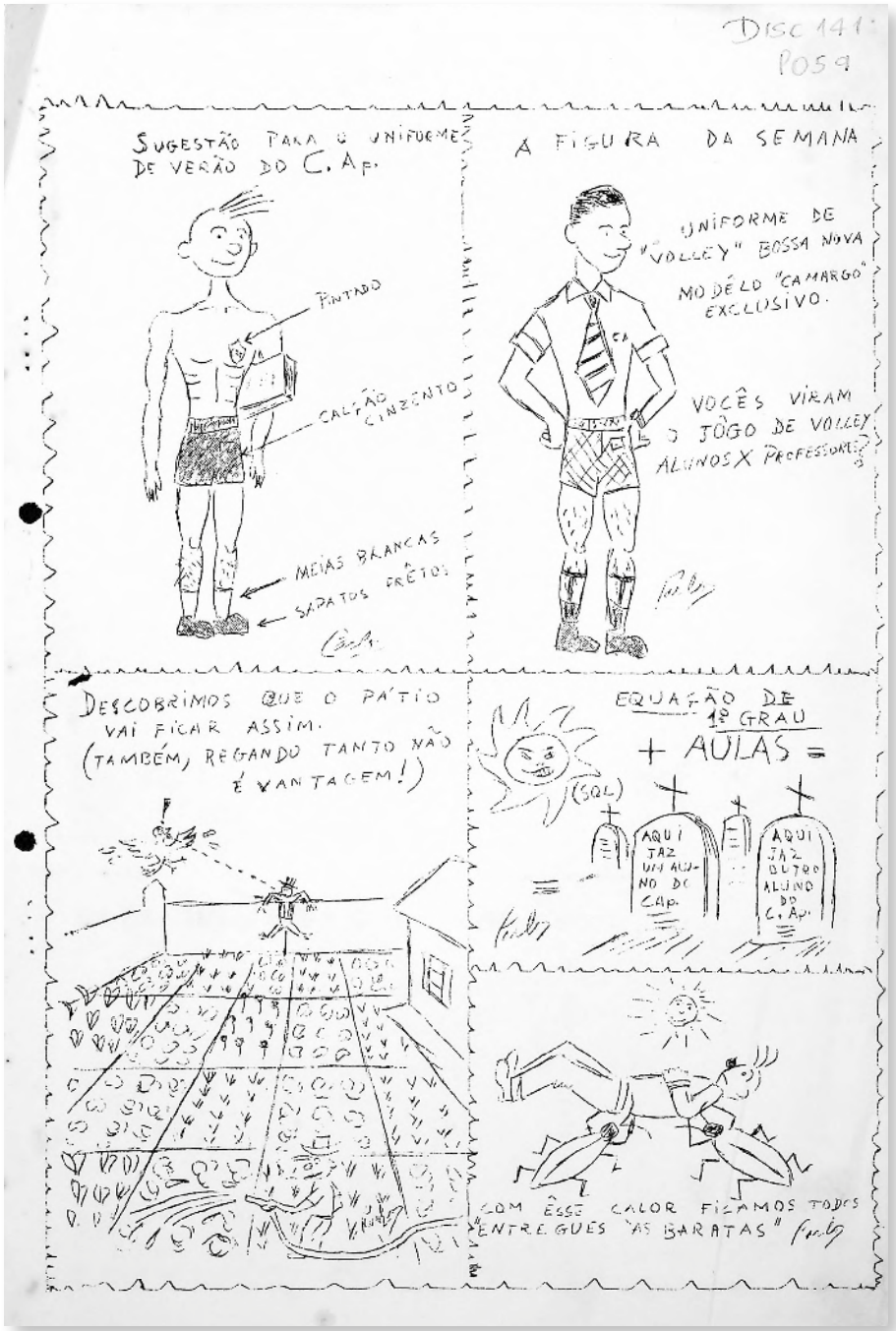
cer, comum a todos, mas sobressaindo-se nêle.

Quanto à partida de futebol de salão, nada tenho a comentar, além de que jogamos muito mal e poderíamos ter feito muito mais.

De uma forma geral, gostaria de agradecer aos que lá foram e de lastimar a ausência dos que não nos prestigiaram com o entusiasmo de que tanto precisávamos. Por fim, gostaria de agradecer a colaboração de todos os professôres que, antes de tudo, nos honraram ao serem nossos adversários. De uma forma especial, gostaria de dizer o meu muito obrigado à D. Ella e ao prof. Jorge, que nos ajudaram muito na programação dêsses dois jogos; sem êles não teríamos feito nada, podem crer.

Como êsse artigo versa sôbre a Semana do Estudante, aproveitando a oportunidade, gostaria de expressar, não só a minha opinião como a de muitos colegas meus: estas festividades em comemoração à nossa Semana foram as maiores e melhores até hoje feitas pelo nosso Colégio, e, sem dúvida alguma, as devemos à professôra Ella Grynstajn, Coordenadora do Núcleo de Atividades Extra-Classes, no qual alguns não acreditam, mas que faz muito por todos nós, os alunos do CAp.

SÉRGIO MARQUES - 1º Ci


SUGESTÃO PARA O UNIFORME DE VERÃO DO C. Ap.
PINTADO
CALÇÃO CINZENTO
MEIAS BRANCAS
SAPATOS PRETOS
A FIGURA DA SEMANA
UNIFORME DE "VOLLEY" BOSSA NOVA
MODÉLO "CAMARGO" EXCLUSIVO.
VOCÊS VIRAM O JÔGO DE VOLLEY ALUNOS X PROFESSORES?
DESCOBRIMOS QUE O PÁTIO VAI FICAR ASSIM.
(TAMBÉM, REGANDO TANTO NÃO É VANTAGEM!)
EQUAÇÃO DE 1º GRAU
+ AULAS =
(SOL)
AQUI JAZ UM ALUNO DO CAp.
AQUI JAZ OUTRO ALUNO DO C. Ap.
COM ÊSSE CALOR FIZEMOS TODOS "ENTREGUES "AS BARATAS"

5

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 142
EDIÇÃO: A Forja (Ano V, nº 26)
DATA: 18/11/1960

Esta edição se inicia com o artigo *Ocupação dos profissionais liberais*, que exibe dados sobre a distribuição de profissionais liberais no Brasil - engenheiros, arquitetos, agrônomos, veterinários, médicos, advogados -, recolhidos pelo IBGE no Censo de 1950 e transcritos da revista *Flagrantes Brasileiros* de 1958. O jornal também apresenta uma transcrição de um documento, assinado em 1960 pelo diretor Luiz Alves de Mattos, sobre as condições que os alunos do ginasial e do colegial precisavam atender para serem dispensados da realização das provas finais no CAp. No *Panorama*, foram publicadas algumas breves notícias sobre o cenário econômico brasileiro. Já em *Microscópio social do segundo reinado* é abordado o interesse artificial da elite cafeeira pela música. Ao lado, há um artigo sobre o que seria poesia e um sobre o novo clube de História. Seguindo na temática musical, as matérias Maestro italiano aborda os concertos da *Orquestra Sinfônica Brasileira* e *Valorizando o que é nosso* apontam o desprezo dos brasileiros aos ritmos e às melodias nacionais. Sobre o cotidiano escolar, há um texto que descreve os alunos de uma turma da 2ª série do colegial e há alguns desenhos sobre estudantes e funcionários do CAp. Por fim, a direção do jornal elaborou uma enquete com perguntas a serem respondidas pelos leitores no intuito de dar “uma nova forma” ao periódico no ano seguinte.


"A FORJA"
VAI PARAR?
A FORJA
ATENÇÃO
COLEGAS:
NÃO
FAÇAM
PROVAS
ORAIS
VALORIZANDO
O QUE
É NOSSO
PANORAMA
OCUPAÇÃO
DOS
PROFISSIONAIS
LIBERAIS
MICROSCÓPIO
SOCIAL



A FORJA

órgão oficial dos alunos do colégio de aplicação da faculdade nacional de filosofia

ano V - nº26 - 18/11/60

supervisor:
prof.jorg hutter

diretor-responsável:
carlos milazzo

diretor-redator :
cesar milazzo

diretor-cultural:
guely hinds

diretor-secretário:
josé carlos dunham

diretor de reportagens:
sérgio kokis

ilustrador:
carlos cesar carvalho

redator:
marcelo nogueira

colaboradores:

prof. arthur weiss
prof. jorg hutter
prof.mauricio s.santos

david naidin

eliane zagury

gilberto c.alves velho

maria cecília cordeiro

tiragem :
500 exemplares

endereço :

r.batista da costa 55
jardim botânico
estado da guanabara

OCUPAÇÃO DOS PROFISSIONAIS LIBERAIS

Enquanto os engenheiros e arquitetos têm sua principal ocupação na indústria, os agrônomos e veterinários na administração pública, os médicos e advogados preferem trabalhar por conta própria. Os dados recolhidos pelo IBGE no Censo de 1950 mostram, de maneira expressiva, a distribuição dos profissionais liberais no Brasil segundo o ramo de atividade. Exercem a profissão nos diversos setores econômicos 12 785 engenheiros, 1 077 arquitetos, 2 268 agrônomos, 1 177 veterinários, 22.002 médicos e 15 566 advogados. Numerosos diplomados não seguiam a carreira.

Dos engenheiros 44,5% prestavam seus serviços na indústria, 21,7%

PODERÃO SER DISPENSADOS DA PRESTAÇÃO DE PROVAS FINAIS (ORAIS OU PRÁTICO-ORAIS) OS ALUNOS DOS CURSOS GINASIAL, CLÁSSICO E CIENTÍFICO QUE SATISFIZEREM AS SEGUINTES CONDIÇÕES:

(1) - ter alcançado setenta e cinco por cento de frequência em relação a totalidade das aulas dadas no conjunto das disciplinas da série e setenta e cinco por cento das sessões dadas em Educação Física;

(2) - ter obtido, em cada disciplina, um mínimo de quarenta e dois (42) pontos na soma das notas ponderadas da média anual dos exercícios, da primeira e da segunda prova parcial, considerados os pesos dois, dois e três, respectivamente.

(3) - só poderão gozar do direito que estabelece a Portaria nº 294 de 15 de junho de 1960, os alunos regularmente matriculados no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

(4) - terá direito a requerer a isenção de prova oral em la.época o aluno maior de idade ou o menor, por intermédio do seu responsável.

4.1 - o requerimento a que se refere o item anterior deverá ser entregue, condicionalmente, na Secretaria do CAp até oito dias antes do início da Segunda Prova Parcial.

(5) - Nenhum aluno poderá ser impedido de prestação de prova oral ou prático-oral .

DISC 142
P059

na administração pública, 10,5% nos transportes e só 10,4% operavam como profissionais independentes. Os arquitetos apresentavam menores parcelas no primeiro grupo (50,3%) e no último (25,5%). Apenas 0,8% dos engenheiros e 1% dos arquitetos apareciam no comércio de imóveis. Os agrônomos e veterinários figuravam com elevadas percentagens nos quadros da administração pública: 63,7% e 67,6% do total respectivo. As quotas na agropecuária alcançavam 15,5% e 7%.

Era redazido o número de médicos e advogados que, de forma preferencial, exerciam a profissão na indústria (0,96% dos primeiros e 2,5% dos segundos) e na administração pública (4,5% e 9%). A proporção dos que trabalhavam por conta própria era de 51,9% entre os médicos e de 75% entre os advogados. Deve-se esclarecer que tais percentagens se referem à presença dos profissionais na atividade declarada como principal; todavia, muitos deles prestavam seus serviços em mais de um setor. Não estão incluídos os diplomados que trabalhavam fóra da especialidade.

Colaboração do
prof. Jorg Hutter
SOE

Transcrito da revista:
"Flagrantes Brasileiros", nº 11, de junho de 1958, do IBGE.

LEIA ISTO COM ATENÇÃO

se a ela tiver direito de acôrdo com a lei vigente;

(6) - o aluno que fôr dispensado apenas das provas orais de algumas disciplinas e que, em conseqüência das provas orais prestadas nas outras, não tenha alcançado a média global cinco no conjunto das disciplinas, poderá submeter-se, na mesma época, à prestação das provas orais de que foi dispensado, mediante requerimento ao Diretor do CAp.

(7) - o regime de provas, em 2a. época, não foi alterado, continua de acôrdo com o que dispõe a Portaria nº. 501 da Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura.

... .

Essas informações foram transcritas de um documento comunicando

Alteração no Regimento Interno do Colégio de Aplicação da FNF na forma do disposto no artigo 3º da Portaria Ministerial nº 294 de 15 de junho de 1960,

datado de 30 de setembro de 1960 e assinado pelo Diretor do CAp, prof. Luiz Alves de Mattos.

EDITORIAL

Este é o último número de "A Forja" publicado em 1960. Com êle encerramos as atividades do Setor Imprensa nêsse ano, conscientes de ter produzido alguma coisa, e sempre intencionados a servir ao nosso Colégio de Aplicação. Vale salientar que tudo o que se viu foi resultado do entrosamento de uma equipe, funcionando coordenadamente desde a supervisão a mais modesta colaboração.

Registramos o nosso agradecimento a todos que conosco cooperaram: professôres, funcionários, licenciandos e colegas.

Inclusive àqueles que cooperando, não viram seus artigos publicados, o que justificamos com a falta de espaço (as duas páginas em branco do último número existiram unicamente em conseqüência de um êrro técnico, nada mais).

Para o próximo ano os plânos surgem apontando enormes progressos. Cada um de nós terá uma pequena influência neles a medida que respondermos ao questionário que está sendo realizado em todas as turmas, e, principalmente, à medida que nos dispusermos a prestar nossa colaboração.

Durante o ano vindouro serão feitas radicais transformações na atual equipe de diretôres e redatores, visando dar oportunidade aos estudantes que se mostrarem interessados, vibrantes, capazes, entusiastas do jornalismo estudantil. É possível que você seja um dêles. Então, "A FORJA" conta consigo para 61.

PANORAMA

Deverão aparecer até o fim do ano as primeiras cédulas de cinco cruzeiros confeccionadas no Brasil. No momento, o nosso país gasta preciosas divisas para importação de papel-moeda das seguintes companhias: Thomas de La Rue, Wterlow Sons, American Bank Note Company, e British American Note Company. As notas de 1 e 2 cruzeiros chegam a custar mais do que valem.

Em 1959:
- o Brasil produziu 955 005 toneladas de sal; o estado do Rio Grande do Norte foi responsável por mais de 50% do total.
- importamos 692 toneladas de água oxigenada, sendo a maior parte proveniente da Hungria.
- a produção total de ovos de galinha foi da ordem de meio bilhão de dúzias.

Eis a opinião do chefe da missão americana do comércio, que recentemente nos visitou, sôbre o nosso país: "O Brasil não é mais o país do Amazonas. É um gigante industrial que trabalha e ama a democracia".

ALGUMAS

Apesar de encerradas as apurações, continuam surgindo novos fatos sôbre o pleito de 3 de outubro. Um dêstes é o recurso para recontagem de votos impetrado por uma candidata a constituinte: ela alega que os seus votos são em número inferior aos elementos de sua família, que, ela tem certêza, votaram todos nela. É interessante notar que a referida senhora não recebeu votos na seção onde votou o seu marido.

Depois de ter reconhecida a sua utilidade em inúmeros ramos da atividade humana, a psicologia serve para explicar o aumento do rendimento de determinada profissão no corrente mês. Segundo dados da polícia carioca, o aumento do número de veículos roubados nêsse período deve-se à elevada temperatura reinante, que estimula física e mentalmente os ladrões a exercerem sua profissão.

Escreveu: Márcio Alves Cardoso (2º científico)

Fazer música foi também preocupação da nobreza improvisada do segundo reinado. A boa sociedade daquela época formou-se na estabilidade que a produção cafeeira deu ao Império. Barões de título comprado, enriquecidos pelo esforço do escravo, viveram na côrte bons momentos que o desafogo econômico lhes permitia.

Com o dinheiro que com prava posições importou-se a música italiana e ir à ópera, realizar saraus artísticos, tornou-se "bem" o obrigatório.

Mas só a etiquêta o exigia, a educação não preparava convenientemente o meio. Naquela época, moças de boa família estudavam pouco e, aos quinze anos, seus pais tiravam-nas da escola para casá-las com homens mais velhos. Porisso não era estranho surgirem anúncios como êste, em 1852, no Jornal do Comércio: "Precisa-se de uma senhora branca, de afiançada conduta, e com inteligência bastante para fazer companhia a uma menina casada de menor idade e qüal precisa de algumas instruções próprias ao seu estado. Quem estiver nessas circunstâncias, anuncie por esta folha, para ser procurada..."

O tom geral da sociedade era pouco cuidado. O interêsse pela arte, em muitos era artificial. O notável crítico da época que foi França Júnior, escrevia que os frequentadores de óperas dividiam-se em três categorias:

"os que vão para ouvir, os que vão para ver, e os que vão para

Disc 142
P059

MICROSCÓPIO SOCIAL ... DO SEGUNDO REINADO

ser vistos."

Um novo-rico da época dizia que ia as temporadas líricas "porque é tão agradável conversar ou dormitar ao som da boa música; é um ba



rulho suave, quando não batom mais no bombo..."

Uns versos anônimos, possivelmente de algum estudante que não perdoava a falsa erudição dão um retoque final no público da música "de classe", no segundo reinado:

"....
A tocata nunca mais quer s'acabar
....
Num crescendo vão-s'os olhos apertando
E os melhores amadores cochilando.
....
Quando em bagas suando os professores
O alfarrabio acabaram d'esgotar,
....
Como aquêles qu'alliviam certas dôres
Um suspiro geral faz s'escutar
Os semblantes risonhos tomam côres,
No salão é completo o acordar.
....
Sai a turba cochichando alègremente
Schubert, Haydn, Mendelssohn elogiando,
Mas in petto pensa coisa diferente,
Pois concorda, sem um voto discrepando,
Foi concêrto o que deu maior regalo,
Foi o fim, o princípio, o intervalo."

- - - - x x x - - - -

Mas não levemos ao exagêro o panorama. Afinal até que melhoramos um pouco.

Escreveu:
Prof. Arthur B. Weiss

Bibliografia:
Luiz Heitor: "Música do tempo desta casa".
Wanderley Pinho: "Salões e damas do segundo reinado".

O QUE É POESIA

Poesia, para mim
Tem que ter rima,
Não é muito necessária
A métrica,
Pois poesia
É inspiração
Posta, em palavras
Em pequena série de
frases,
Verticais.

Poesia, para mim,
Vem d'alma, é certo,
Mas não é nem
Bitolada
Qual escada,
Nem desgarrada,
Sem sentido
Que nem ...
... nada.

Poesia, para mim,
Tem que ser feita
Direita,
Bem feita
Diferente desi
Que escrev

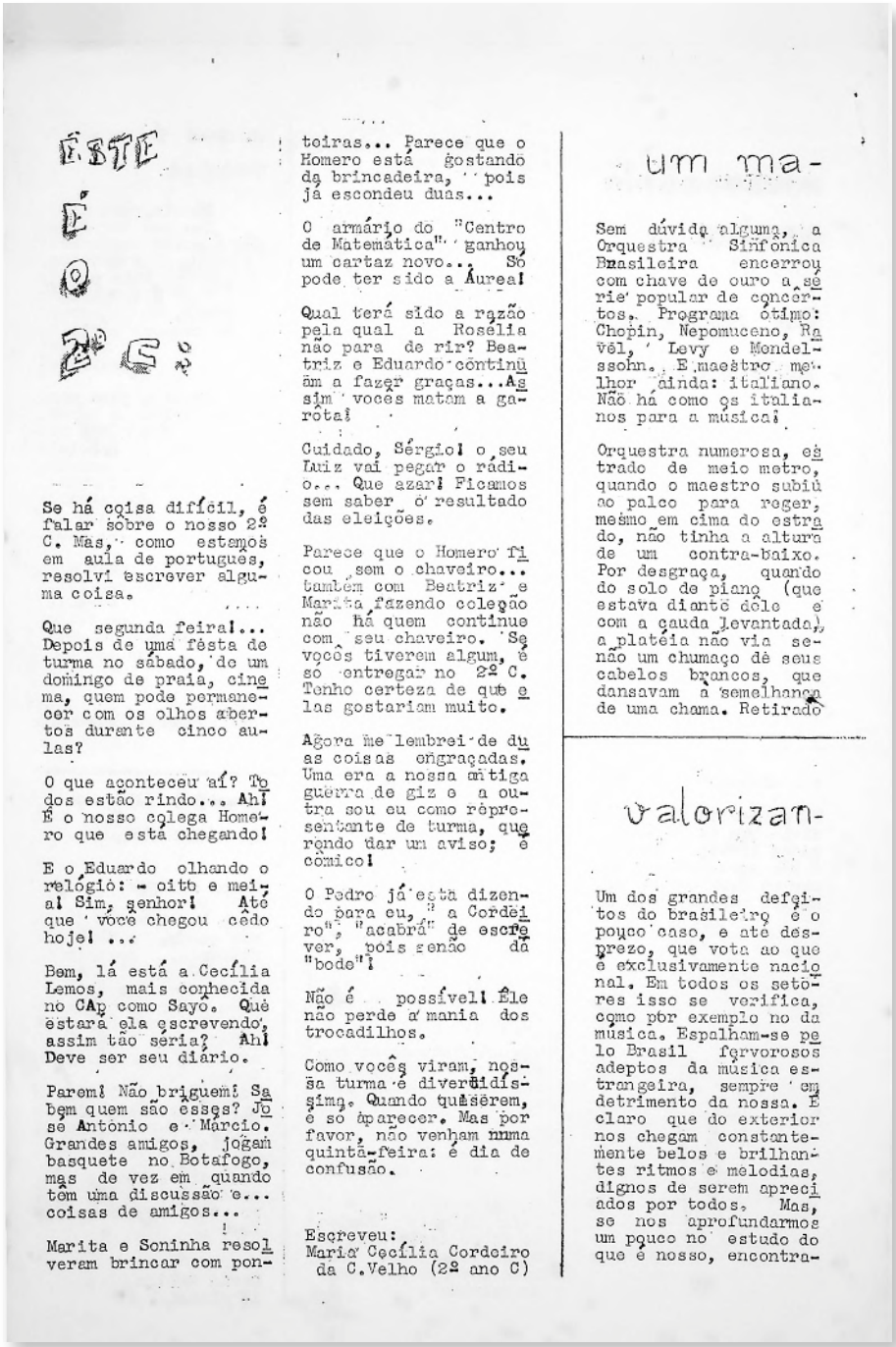
Escreveu:
Prof.Mauricio S.Santos

CLUBE DE HISTÓRIA

Caros colegas:

Como todos vocês já devem saber, o Clube de História, organizado pelo 1º ginasial A, está em organização.
É um setor novo que merece todo o apôio possível, pois tratará de assuntos agradáveis a todos.
No Clube de História haverá debates, discussões, excursões, conferências, juris simulados, etc.
Cada dia cresce o número de sócios. Não deixe você de ser um deles!

David Naidin
1º ginasial A



ESTE É O 2º C.

Se há coisa difícil, é falar sobre o nosso 2º C. Mas, como estamos em aula de portugues, resolvi escrever alguma coisa.

Que segunda feira!... Depois de uma festa de turma no sábado, de um domingo de praia, cinema, quem pode permanecer com os olhos abertos durante cinco aulas?

O que aconteceu aí? Todos estão rindo... Ah! É o nosso colega Homero que está chegando!

E o Eduardo olhando o relógio: - oito e meia! Sim, senhor! Até que você chegou cedo hoje! ...

Bem, lá está a Cecília Lemos, mais conhecida no CAp como Sayo. Que estará ela escrevendo, assim tão séria? Ah! Deve ser seu diário.

Parem! Não briguem! Sabem quem são esses? José Antonio e Marcio. Grandes amigos, jogam basquete no Botafogo, mas de vez em quando têm uma discussão e... coisas de amigos...

Marita e Soninha resolveram brincar com ponteiras... Parece que o Homero está gostando da brincadeira, pois já escondeu duas...

O armário do "Centro de Matemática" ganhou um cartaz novo... Só pode ter sido a Áurea!

Qual terá sido a razão pela qual a Rosélia não para de rir? Beatriz e Eduardo continuam a fazer graças... Assim vocês matam a garota!

Cuidado, Sérgio! o seu Luiz vai pegar o rádio... Que azar! Ficamos sem saber o resultado das eleições.

Parece que o Homero ficou sem o chaveiro... também com Beatriz e Marita fazendo colegão não há quem continue com seu chaveiro. Se vocês tiverem algum, é só entregar no 2º C. Tenho certeza de que elas gostariam muito.

Agora me lembrei de duas coisas engraçadas. Uma era a nossa antiga guerra de giz e a outra sou eu como representante de turma, querendo dar um aviso; é cômico!

O Pedro já está dizendo para eu, "a Cordeiro", "acabrá" de escrever, pois senão dá "bode"!

Não é possível! Êle não perde a mania dos trocadilhos.

Como vocês viram, nossa turma é divertidíssima. Quando quiserem, é só aparecer. Mas por favor, não venham numa quinta-feira: é dia de confusão.

Escreveu:
Maria Cecília Cordeiro
da C.Velho (2º ano C)

um ma-

Sem dúvida alguma, a Orquestra Sinfônica Brasileira encerrou com chave de ouro a série popular de concertos. Programa ótimo: Chopin, Nepomuceno, Ravél, Levy e Mendelssohn. E maestro melhor ainda: italiano. Não há como os italianos para a música!

Orquestra numerosa, estrado de meio metro, quando o maestro subiu ao palco para reger, mesmo em cima do estrado, não tinha a altura de um contra-baixo. Por desgraça, quando do solo de piano (que estava diante dêle e com a cauda levantada), a platéia não via senão um chumaço de seus cabelos brancos, que dansavam à semelhança de uma chama. Retirado

valorizan-

Um dos grandes defeitos do brasileiro é o pouco caso, e até desprezo, que vota ao que é exclusivamente nacional. Em todos os setores isso se verifica, como por exemplo no da música. Espalham-se pelo Brasil fervorosos adeptos da música estrangeira, sempre em detrimento da nossa. É claro que do exterior nos chegam constantemente belos e brilhantes ritmos e melodias, dignos de serem apreciados por todos. Mas, se nos aprofundarmos um pouco no estudo do que é nosso, encontra-

DISC 192
P059

-estro italiano

o plano de sua frente, pôde ser apreciada toda a sua ginástica rítmica e coreografia italiana. Sonhou nos "Sonhos de uma noite de verão", chorou e enlaguesceu na "Pavane pour une enfant défunte", Mas, o ponto culminante foi o "Batuque". Aí, o maestro batucou, dansou macumba, e até rogou ao Ogum dos infernos pela música erudita. Fingeu mentira, mas aquele maestro italiano "encantava" mais que qualquer pai de santo de um terreiro de Copinha. Ao ver tamanha brasilidade num "italiano legítimo gente", os músicos não aguentaram e caíram na gargalhada. Não sei se de espanto, ojeriza ou vergonha de serem talvez menos brasileiros que o italiano.

No auge da batucada, o maestro se curvava, agachava as perninhas secas, e, abrindo-se a casaca em leque, mais parecia um besourinho nervoso a espernear.

Mas, com de ser assim mesmo? Maestro é maestro. Ritmo é ritmo. Melodia é melodia, e entusiasmo é força viva.

Maestro só é maestro se juntar tudo isso num conjunto de emoções superiores e exteriorizá-las num rodopio de movimentos sucessivos.

Escreveu:
Eliane Beguay
(1º clássico)

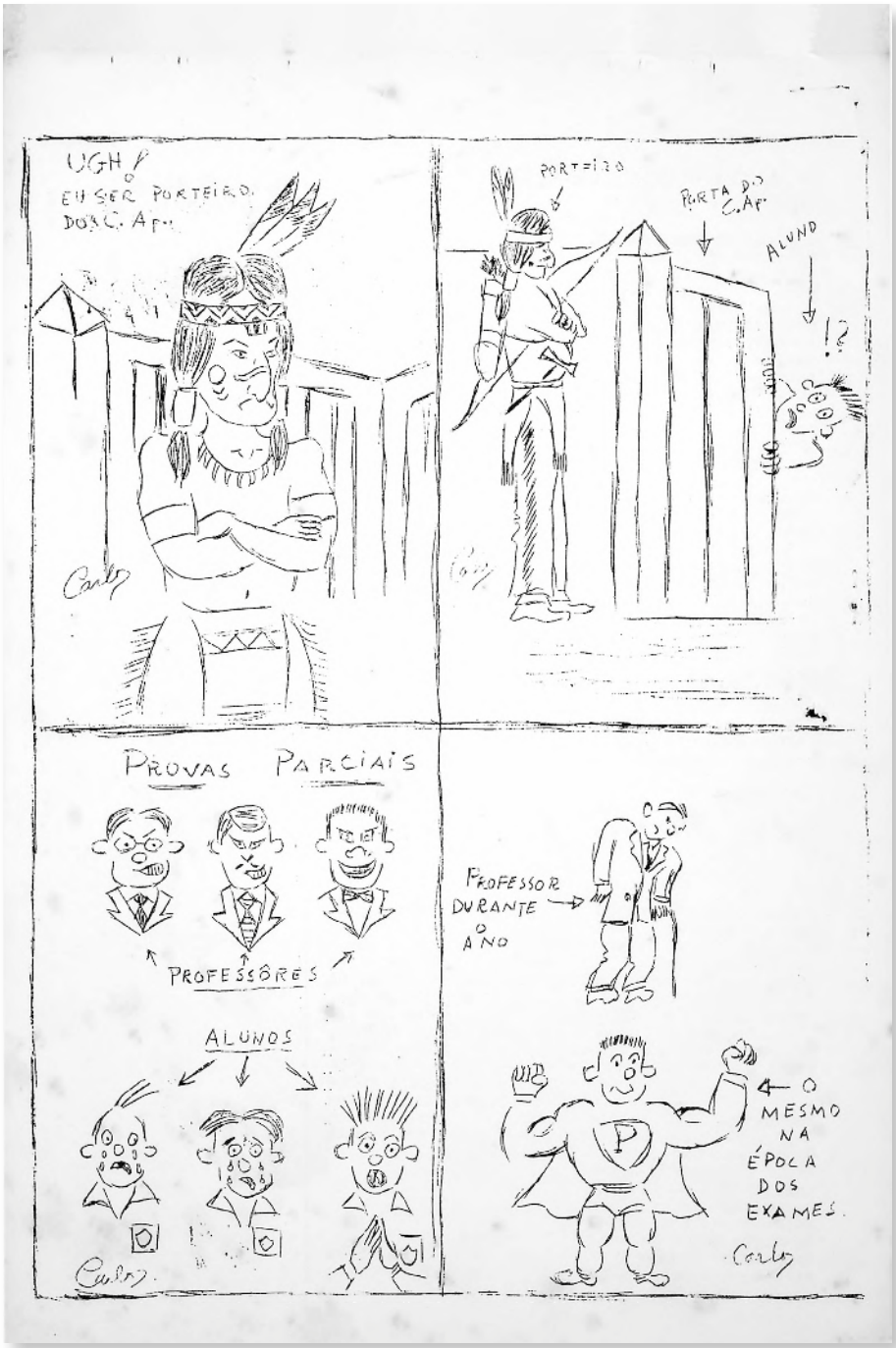
-do o que é nosso

bemos verdadeiras jóias de lirismo e beleza musical. O que acontece, no entanto, é a quase que total ignorancia da nossa cultura musical, que, infelizmente, é causada, em grande parte pela falta de interesse.

Temos tido oportunidade, em nossas aulas de Canto Orfeônico com D. Maria Junqueira, de apreciar alguns belíssimos pontos da música folclórica brasileira. Do norte e sul do nosso país há trechos musicais extraordinários, repletos de poesia e encantamento. Já houve quem dissesse que a música brasileira é a mais rica do mundo. Cabe a nós, brasileiros, portanto, explorar êsse depósito imenso, cheio de ritmo, beleza, graça e fascinação. Admiremos a música estrangeira, mas primeiramente estudemos e exaltemos a nacional.

Escreveu:
Gilberto C.Alves Velho
3º ginasial A




UGH!
EU SER PORTEIRO DO C. Ap.
PORTEIRO
PORTA D.º C. Ap.
ALUNO
!?
PROVAS PARCIAIS
PROFESSÔRES
ALUNOS
PROFESSOR DURANTE O ANO
O MESMO NA ÉPOCA DOS EXAMES



LEITOR AMIGO:

No intuito de dar nova forma ao jornal "A Forja" e dá-lo cada vez melhorá-lo cada vez mais, lançamos o efeito este enquete, do qual resultado depende a elaboração do nosso. Esperamos pois de você, leitor amigo, uma opinião sincera e críticas construtivas a fim de atingirmos nesse objetivo.

Agradecemos imensamente sua colaboração.

A Direção

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DOS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRJ

1. Você [illegible] "A Forja"? (sim:( ) (não:( ) (às vêzes:( )

2. Quantas pessoas lêem (emprestado) o seu "A Forja"? 1:( ) 2:( ) 3:( ) 4:( )
5:( ) mais de 5:( )

3. Que é que você mais aprecia em "A Forja"?

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

4. Qual a secção ou secções que mais lhe interessam? . . . . . .

. . . . . .

5. Qual a secção ou secções que menos lhe interessam? . . . . . .

. . . . . .

6. Caso fôsse possível editar o jornal com apresentação melhor e mais completa, que secções opinaria como necessárias?
Notícias gerais do Colégio ( ); Crônica social ( ); Reportagens ( ); Secção de discos ( ); Pequenas crônicas ( ); Crônica literária ( ); Charadas ( ); Modas ( ); Curiosidades ( ); Passatempos ( ); Decoração ( ); Secção cinematográfica ( ); Secção esportiva ( ); Secção humorística ( ); Secção cultural ( ); O Perfil ou Personagem do mês ( ); Teatro ( ); Secção feminina ( ); Conheça seus colegas e professores ( ); Música ( ); Medicina ( ); Informações úteis e avisos ( ); Anúncios ( ); Fotografia ( ); Artes plásticas ( ).

7. Caso ache que está faltando alguma(s) secção (ou secções) importantes, cite aqui:

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

DISC 142
P059

8. Pelas perguntas precedentes, você poderá aquilatar a grande necessidade de colaborações efetivas e trabalho. Por isso solicitamos respostas às perguntas a seguir:

- Daria você um pouco de seu tempo, fazendo parte da direção como membro de uma equipe?
- Caso a resposta à pergunta anterior seja negativa, você poderia dar su a colaboração constante em uma das secções da pergunta 5?
- Você escreve à maquina? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?
- Você tem jeito para desenhar? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?
- Você tem veia humorística? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?
- Se pelo menos uma das respostas às perguntas acima fôr positiva, registre aqui seu nome, turma, endereço e telefone:

Nome: . . . . . .

Endereço: . . . . . .

Telefone: . . . . . Turma: . . . . . .

9. Para que se realize o que você assinalou, acha que "A Forja" deveria ser

semanal ( ) - quinzenal ( ) - mensal ( )

10. Gostaria de acrescentar outras sugestões ou, mesmo, críticas? Quais?

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Obrigado, leitor amigo. Com esta sua colaboração poderemos, com a ajuda dos órgãos competentes, dar-lhe sempre mais.

. . . . . .

Nome: . . . . . .

Turma: . . . . . Data: . . . . . .

DISC 142
P059

8. Pelas perguntas precedentes, você poderá aquilatar a grande necessidade de colaborações efetivas e trabalho. Por isso solicitamos respostas às perguntas a seguir:

- Daria você um pouco de seu tempo, fazendo parte da direção como membro de uma equipe?

- Caso a resposta à pergunta anterior seja negativa, você poderia dar sua colaboração constante em uma das secções da pergunta 5?

- Você escreve à maquina? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?

- Você tem jeito para desenhar? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?

- Você tem veia humorística? Poderia (em caso positivo) emprestar sua colaboração nesse setor?

- Se pelo menos uma das respostas às perguntas acima fôr positiva, registre aqui seu nome, turma, endereço e telefone:

Nome: . . . . . .

Endereço: . . . . . .

Telefone: . . . . . Turma: . . . . . .

9. Para que se realize o que você assinalou, acha que "A Forja" deveria ser

semanal ( ) - quinzenal ( ) - mensal ( )

10. Gostaria de acrescentar outras sugestões ou, mesmo, críticas? Quais?

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

. . . . . .

Obrigado, leitor amigo. Com esta sua colaboração poderemos, com a ajuda dos órgãos competentes, dar-lhe sempre mais.

. . . . . .

Nome: . . . . . .

Turma: . . . . . Data: . . . . . .

6

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 143
EDIÇÃO: A Forja (Ano VI, s/nº)
DATA: 1961

No editorial desta edição, A Forja é apresentada como "jornal de colégio, do nosso colégio e órgão máximo de união", para o qual se pede a colaboração de todos da comunidade capiana para um melhor funcionamento do jornal com um forte "espírito de união". No artigo *O novo pavilhão do CAp*, o professor e diretor Luiz Alves de Mattos escreve sobre a mudança de endereço do colégio, da Praça São Salvador para o prédio no Jardim Botânico, e a construção do necessário pavilhão de 12 salas e de um salão que atenderá às necessidades estruturais do colégio, financiada pela verba liberada pelo Ministério da Educação e Cultura. Em uma palestra sobre o ensino de Literatura Brasileira para os alunos do terceiro ano científico, é registrada a presença da escritora Clarice Lispector. É também mencionada a cerimônia de posse dos novos representantes de turma, a partir da eleição da nova diretoria da Caixa Escolar, em que esteve presente toda a comunidade escolar do colégio: alunos, professores, funcionários e o diretor, prof. Mattos. Esta edição também conta com vários outros artigos como *Sobre um quadro, Homenagem, Colega, Em dia com a Caixa Escolar* e uma seção descontraída com fofocas do colégio e um diálogo chamado *Namoro*. Por todo o jornal, há propagandas dos clubes e setores do CAp, convidando os alunos a participarem, como o Clube de História, o Clube de Cinema e o Clube de Letras entre outros.

CLARICE LISPECTOR VISITA O CAp

Dando início a uma série de palestras pertencentes ao plano de ensino de Literatura Brasileira da Prof. Suely Svartman, para o 3.º ano científico tivemos a honra de receber a genial contista de "Laços de Família". No dia 7 de abril, às 8,25 hs., no laboratório de Química, realizou-se um agradável batepapo, entre a referida escritora e os alunos. Declarou Clarice Lispector, no início da palestra, que era muito pouco falante. Dizem que é verdade. Mas, no pouco que falou, transmitiu muito. O que é mais importante. Aproveitando-me agora de um comentário de D. Adolphina, que estêve presente, digo que Clarice Lispector é tôda a sua obra. A verdade é que tanto falando quanto escrevendo, uma palavra lhe basta para dizer tudo.

Iniciou a palestra fazendo uma breve explanação da situação atual do conto moderno. Em seguida, a pedido da aluna Liana de Alencar, a escritora explicou a significação do seu conto "A Imitação da Rosa". Seguiram-se então perguntas em tôrno da atitude do escritor em relação à obra que vai compor, e em relação à que já compôs. Nesse meio tempo, D. Adolphina, formulou uma pergunta sôbre o primeiro romance publicado de Clarice Lispector: "Perto do Coração Selvagem", obra de extraordinária maturidade para um começo. Em seguida, o Prof. Gilberto fêz uma pergunta em relação à Psicologia criadora do escritor, ou melhor, do artista em geral. Seguiu-se, então, a pedido da Prof. Suely Svartman, em "avant-première", uma exposição resumida do conteúdo do seu próximo romance a ser lançado: "A Maçã no Escuro".

Após alguns autógrafos, Clarice Lispector deixou o CAp., deixando também, marcadas dentro de nós, profundas impressões. Não podemos deixar de agradecer à Prof. Suely Svartman a iniciativa, e a Clarice Lispector a imensa boa-vontade, que nos deram esta oportunidade num horrível dia de chuva.

Texto de *Eliane Zagury*

ESCREVA

PARA

A FORJA!

REPRESENTANTES DE TURMA TOMAM POSSE

No dia 15 de abril, às 10,50 os alunos entraram no auditório, com grande algazarra. Pouco depois, às 11 hs. chegavam o Prof. Eremildo Luiz Viana, diretor da F. N. F., e o Prof. Luiz Alves de Mattos diretor do CAP, sendo imediatamente dado início aos trabalhos. O presidente interino da Caixa Escolar, Paulo Henrique Amorim, convidou para participar da mesa o Prof. Eremildo Luiz Viana, o Prof. Luiz Alves de Mattos, o orientador educacional, Jorg Hutter, o coordenador, Ari Sartorato, e a prof. de Canto Orfeônico, D. Maria Cerqueira. Então, todos os presentes entoaram o Hino Nacional Brasileiro, e a aluna Eva Lucia Kauffman tocou ao piano o Hino do CAP.

Paulo Henrique entrega ao Prof. Eremildo Luiz Viana a direção dos trabalhos da posse, e êste lhe passa a palavra. Paulo Henrique ressalta as duas realizações mais importantes da CE no ano passado: o pátio e a cadeia de alto-falantes, agradecendo o auxílio do Prof. Eremildo, sem o qual não teria sido possível a realização dessas duas ambições dos alunos do CAP. "Tentamos popularizar a CE, "alunizar" a CE", disse P. H. "Ela não é um orgão de distribuição de verbas simplesmente, e sim rm lugar onde os alunos podem se projetar, discutir e trabalhar pelo CAP. Será êste o programa da CE: um palco melhor, a perda do cunho meramente burocrático, maior difusão entre os alunos através da publicidade" (pois poucos sabem realmente o que é a CE). "Pediremos mais colaboração dos professôres, coordenadores, funcionários e alunos do CAP", acrescentou. Falou em seguida da necessidade de autonomia da CE, autonomia esta que ainda não foi pedida, mas que já é merecida. Segundo P. H., o fato de ser presidente da CE implica em transformar-se no aluno que mais lida com o CAP, que mais trabalha para o CAP; em seguida agradeceu ao coordenador Ari Sartorato a prestimosa colaboraçao que êste tem dado à CE. Sob a ovação de todos os presentes abraçou e presenteou o Sr. Ari com a tôda a gratidão da CE.

O Sr. Ari Sartorato confessou-se surpreendido pela homenagem de que era alvo. Começou falando sôbre a opinião dos alunos antigos de que o espírito do CAP mudou; disse êle que o espírito do CAP não mudou e ainda é o mesmo. A respeito do último número de "A Forja", chegou à conclusão de que a CE existe, e que ela não é inoperante, nem só existe em balancete de mural, pois o balancete de mural é o retrato da CE, e não a CE propriamente dita; ela não é desconhecida, porque os pais ao pagarem a contribuição anual de seus filhos, automàticamente tomam conhecimento dela; porque as opiniões de Ana Maria Tornaghi em suas declarações a "A Forja" provam que a CE é conhecida e admirada fora do CAP. Ela é modesta como é o CAP, não podendo deixar de sê-lo, pois apenas atualmente o CAP é conhecido em todo o Brasil. Se o CAP realizou, também a Caixa não deixou de realizar; e quem quiser conhecê-la intimamente, trabalhe com ela.

Os momentos seguintes deram lugar à posse dos representantes de turma. Um a um vieram à mesa, assinaram a ata da reunião e cumprimentaram os participantes da mesa. São os seguintes os representantes:

— ginásio:

1.º A — Elizabeth Cruz Muller
1.º B — Sérgio Jacques Flaksman
1.º C — Ingrid Falke da Cunha Carneiro
2.º A — Julio Cézar Zélner Gonçalves
2.º B — Lavinia Teixeira Borges
3.º A — Eliane Souza Lapitz Machado
3.º B — Cláudio Cézar Santoro
3.º C — Maria Cecília Lemos de Almeida
3.º D — Alvaro Kacelnik
4.º B — Gilberto Cardoso Alves Velho
4.º B — Rafael Przytyk

— Científico:

1.º — Hedyl Rodrigues Valle Júnior
2.º — Rubens de Araújo Filho
3.º — Eugênio da Rocha Pagano

— Clássico:

1.º — Nilo de Souza Martins
2.º — Paulo Henrique dos Santos Amorim
3.º — Regina Celi Cardoso da Silva

Em seguida falou o representante do 1.º ano científico, Hedyl Valle: "depois de 4 anos ginasiais afastados da CE, resolvi fazer alguma coisa por ela, resolvi devolver alguma coisa ao CAP"; finalizou dizendo que esperava que tivesse uma boa gestão como representante do 1.º científico, e agradeceu à turma a honra por tê-lo eleito.

O Prof. Luiz Alves de mattos elogiou o carater democrático de que se revestiram as eleições para representantes de turma, a direção da Caixa cujo mandato expirava, que muito fêz pelo CAP; agradeceu ao professor Eremildo Viana pelo precioso auxílio que dera ao ideal de melhorar maiorialmente o CAP, porém a respeito disse frizou: "podemos ter o pior colégio do mundo no melhor predio do mundo, e também o melhor colégio do mundo no pior predio do mundo". Criticando a declaração de um aluno de que não mais existe a "familia CAP", o Prof. Mattos declarou que a "familia CAP" não deixou de existir, mas apenas cresceu. Falou aos alunos da boa vontade da direção em aceitar críticas construtivas, críticas essas que serão levadas em consideração sempre que possível.

A seguir o Prof. Eremildo Viana pronunciou o seu discurso: disse que considerava o CAP como um dos melhores colégios do Brasil, porém precisava melhorar suas condições materiais; sempre se bateu pela melhoria dessas condições, o que não significava dizer que protegia o CAP, pois afinal, o CAP faz parte da F. N. F.; declarou que admirava o nosso trabalho, do qual toma conhecimento através de seu diretor, dos professôres e alunos "quer sob a forma de reclamações, quer sob a forma de louvores; isto me faz crer que o Colégio é fruto de um esfôrço conjunto". "Existe no CAP ambiente de corpo, espírito que não se encontra em outros colégios". Louvou a tenacidade dos alunos da CE em conseguir o que querem sem se cansar. Declarou que quanto à demora da colocação da cadeia de alto-falantes do colégio, a culpa não cabe à CE, nem a êle, mas sim, aos homens que foram contratados para instalá-las; disse que se sente como um aluno do CAP não vendo pronta a cadeia de alto falantes. Relembrou que assim que chegou ao CAP, recebeu uma espécie de "facada pelas costas": a CE quer uma excursão a Buenos Aires (viagem de formatura da 4.ª série, segundo se apurou); frizou que sempre que puder ajudar a CE, esta poderá contar com êle; disse ainda mais uma vêz que o CAP é a F. N. F. Exortou os alunos a ajudarem a CE, não para transformá-la num órgão de inimizades, perseguições e hostilidade à direção do colégio como acontece às vêzes com os diretórios acadêmicos, mas para fazer dela o que realmente deve ser: fator de união.

Ao meio-dia encerrava-se a sessão.

Texto de Marcello Nogueira e Luiz Moacyr

Disc 14
Pos 9

SÔBRE UM QUADRO

A Mona Lisa. Obra prima. Sorriso indecifrável, celebrizou um rosto. Rosto de mulher, sorriso de mulher. Já se falou em gravidez para explicar a expressão facial. Ainda não chegaram a uma conclusão. Eu espero, porque um sorriso de mulher é sempre um sorriso de mulher.

Até pouco tempo, um quadro.

Hoje é monumento. Da arte. Quadro, monumento. Tela e monólito. Impossível ser duas coisas ao mesmo tempo. A dualidade só existe na dupla personalidade: a falsa e a verdadeira. Que podem ser resumidos: o sonso. São coisas de português..

Leonardo, que era de Vinci, foi o pintor de tal maravilha. Leonardo era bom pintor. Pintava em paredes e em telas. Pintou Mona Lisa. Para êle era mais um trabalho. Apenas o modêlo tinha um estranho sorriso. Mas êle estava ali e tinha que ser pintado. Afinal, para que servem os pincéis? E o sorriso ficou, maravilhoso até agora. Iluminado. Salas escuras e salas de museu, que vem a dar na mesma. Luz grátis.

No Louvre, detetives montam guarda. Foram feitas reproduções e tiradas fotografias. A Fama fêz a sua parte.

Com tanta Mona Lisa pelo mundo, topei com uma ontem à noite. Mona Lisa só de nome: cadelinha de madame. E não sabia sorrir.

Ronaldo Nogueira

COLEGA

Que sabe você da profissão que pretende seguir? e sôbre as que não vai seguir? O que o levou a escolher uma determinada profissão?

Muitas vêzes os motivos não são os mais certos, por desconhecimento das novas oportunidades que Você tem para suas aptidões, interêsses, vocações etc.

Aqui no colégio, o Serviço de Orientação Educacional (S.O.E.) faz o possível, porém não pode falar tudo sôbre uma certa profissão, porque isso, além de muito trabalhoso, exigiria muito tempo.

Pensando nisso tudo é que o seu Jornal Mural vai fazer uma série de visitas a várias escolas, Faculdades, Companhias, etc., para recolher informações sôbre as profissões mais interessantes para Você.

Essa é apenas uma das atividades do Jornal Mural para êsse ano. As outras, dependem de Você: agradecemos recortes, fotografias, desenhos, artigos. Tudo sôbre qualquer assunto.

Recortes que sejam claros, curtos, escritos em linguagem simples. No quadro ao lado do S.O.E., Você poderá ver uma amostra do que será o seu, o meu, o nosso JORNAL MURAL!

Alomar Baleeiro Filho — (2.º científico) responsável pelo JORNAL MURAL em 1961.

CONTRIBUA

PARA O

JORNAL MURAL!

Colabore com o

CLUBE DE

GEOGRAFIA

Sendo mais um Sócio!

EM DIA COM A CAIXA ESCOLAR

Neste primeiro contacto da Caixa Escolar, por intermédio de "A FORJA", com todos os alunos de colégio, cabe-nos informar e esclarecer o que já aconteceu nestas duas primeiras reuniões e o que pretendemos fazer durante o ano de 1961.

Na primeira reunião, realizadas no dia 20, foi eleita a nova diretoria da Caixa Escolar para a gestão de 1961, que assim ficou constituída: Presidente: **Rubens de Araujo Filho.** — Vice-Presidente: **Paulo Henrique dos Santos Amorim.** — Secretário: **Regina Céli Cardoso.** — Tesoureiro: **Hedyl Rodrigues Valle Junior.**

Na segunda reunião, a diretoria tomou posse, sendo, então, resolvida a série de assuntos seguintes:

— Divisão da verba destinada às turmas que vão se formar; esta será feita proporcionalmente ao número de alunos de cada turma.

— Melhoramento nos vestiários masculinos e femininos.

— Formação de uma comissão, constituída por Rubens de Araujo Filho, Hedyl Valle Júnior, Gilberto Alves Velho, Nilo de Souza Martins, Álvaro Kacelnik, para estudar as obras mais necessárias do colégio e a fórmula para a conclusão do pátio.

Dentro do plano de atividades para êste ano, além de concluirmos o pátio e reformarmos o palco, pretendemos dar grande apoio a todos os clubes e setores, pois tôdas as atividades dêstes clubes e setores são em primeiro lugar atividades da Caixa Escolar. É bom deixar claro êste ponto, pois muitos pensam que atividades de certos setores e clubes só pertencem a êstes órgãos.

De agora em diante saibam todos que qualquer atividade no colégio e de qualquer setor e clube pertencem, antes de tudo, à Caixa Escolar.

Rubens de Araujo Filho

HOMENAGEM

Nosso intuito, aqui, é o de homenagear, muito justamente, uma professôra do C.Ap. que, não sendo muito antiga no colégio, conseguiu uma rápida ascenção em mais ou menos 6 anos.

Vejam bem quanta justiça merece esta professôra: começando em 1954, é licenceada em Geografia e História, foi assistente da cadeira de Antropologia da Faculdade Nacional de Filosofia, é até hoje professôra do C.Ap. e, depois de muito subir em sua carreira, é atualmente chefe da cadeira de História do Colégio e como tal, dirige a atuação dos licenciandos.

A nós, seus alunos, faz com que absorvamos muito da matéria ensinada, indicando-nos livros a ler e comentar, fazendo júris simulados que nos obrigam a desenvolver a eloqüência, a desembaraçarmo-nos.

Acêrca de sua pessoa, então, temos muito a falar.

Perdoe a intimidade, mas a nossa querida professôra é, para nós, como uma irmã mais velha. Qualquer problema que tenhamos, seja qual fôr o setor, podemos confiar-lhe que ela, prontamente, nos ajudará e os resolverá. Trata-nos com igualdade e faz com que nela tenhamos uma grande confiança e amor.

E poderíamos citar muito mais, porém preferimos dizer:

"Parabens, D. Lydnéa! Consideramos justissimo o seu sucesso, e pediremos sempre a Deus que a ajude a continuar a subir na vida, como a senhora o vem fazendo até hoje".

PRESTIGIE

O SEU

CLUBE

DE

LETRAS

HUMORISMO CAPIANO

Ouvida no 3.º científico: Quem não fizer o dever de casa será obrigado a tomar um copo inteirinho de vitamina do "Afonso's Bar".

Tudo agora é uniforme:
Começou pelos alunos. Roupa cinza, tôda cinza, e meia branquinha, branquinha... e escudinho, escudinho, escudão...

Depois foram os serventes — roupa de trabalho.

Aí veio o S.O.E., e as "canarinhas" começaram a "gorjear" a Psicologia Educacional em bossa-nova...

Foi aí que a moda do "pijânio" desceu do planalto "candanguense" e atingiu o CAp. Sob a ilustre forma de jaleco e guarda-pó.

Atenção, alfaiates, modistas, tintureiros, lavadeiras e linguarudos — fôstes prejudicados!

TIRE
SUAS
DÚVIDAS
NO
Centro
de
Matemática
E
Física!

A FORJA

CAIXA ESCOLAR

ESSA GENTE FALA...

A disciplina capiana foi incrementada e agora até filas indianas existem...

XXX

As nossas caras colegas aderiram à moda dos cabelos curtos. Em compensação alguns rapazes do científico deixaram o cabelo crescer. Concorrência? Ou lei das compensações?...

XXX

A Srta. Lilian Pinto quase não fala com ninguém. Orgulho ou preconceito?

XXX

O nosso querido Bevi auspiciou-nos por ocasião do seu "niver" com Coca-Cola gratis. Os demais aniversariantes queiram adotar a mesma iniciativa...

XXX

Tive oportunidade de ver o colega Aliomar Baleeiro Filho auxiliando uma senhorita a carregar cadeiras para o auditório à tarde. Parabéns pela "iniciativa"!

XXX

Aniversariaram em abril:
Maria do Socorro (2.º clássico)
Maria Lúcia (2.º clássico)
Mário (1.º científico)
Aliomar (2.º científico) — como é baiano, completou 16 "côcos".

XXX

Enquanto isso, o Prof. Victor continua a treinar basquete durante as aulas. Isto é, está sempre teniando encestar o giz no quadro-negro.

XXX

Geralmente na sala do 2.º clássico existe um "round": Paulo Henrique versus Irene Emília. Estarão disputando algum campeonato?

XXX

Há uma Srta. no 1.º clássico que revive as historias de D. Juan, só que e ao contrário.

XXX

Existe uma simpática e ilustre professôra que, morando no Rio Comprido, não perde um só domingo de praia em Copacabana. Sera que esta namorando o sol?

XXX

Em plena aula de francês, quando o 2.º clássico estava dando a opinião de Boileau sôbre Cid, a Eliane perguntou se Boileau era abstêmio...

XXX

Houve uma licenciando de Filosofia que deu aula sôbre as relações entre o Psiquismo e o Sistema Nervoso. Nunca vi aula tão expressiva. Era o proprio Sistema Nervoso dando aula.
Agora, "stop".

Aurélia (isto é, AORELHA)

NAMORO

— Quem era aquêle cara?
— Quem?
— Que estava falando com você, quando você me viu?
— Ah, o Roberto...
— "Ah, o Roberto..." Quem é Roberto?
— Foi colega meu...
— Seu colégio não é feminino?
— Não, "seu colégio" é masculino. Não sabe português?
— Não brinca não. E misto?
— Quem, o Roberto?
— Seu colégio é misto?
— Como êle está sério...
— O que seu colégio é afinal?
— "De muié"...
— Como é que êle foi seu colega, então?
— Curioso...
— Olha vamos parar com isto...
— Hum.
— Quem é êste Roberto?
— Um rapaz que foi colega meu no colégio onde eu estudava, que era misto. Chega?
— Por que não disse isso antes?
— Orá...
— Hein?
— Hum?
— Não sabe falar, não?
— Não.
— Você quer terminar, é?
— Hein?
— Quer terminar?
— Se você quiser.
— Você quer ou não quer?
— Você quer?
— E com você.
— Então vamos terminar.
— Tá certo. Até logo.
— Alô?
— Alô!
— Escuta...

Aliomar Baleeiro Filho

Prestigie o
CLUBE
DE
CINEMA
Comparecendo
às sessões!

Dsc 143
P059

A FORJA

CAIXA ESCOLAR

Diretor-Responsável Eliane Zagury

Tesoureiro Leonardo Castilho

Supervisor Jorg Hutter

EDITORIAL

Este primeiro número de "A Forja" significa a vitória de nossos esforços. De fato, significa que temos um jornal. Não que nunca tivéssemos tido antes, mas agora as nossas perspectivas se ampliaram enormemente. Conseguimos agora algo impresso de verdade, com reportagens e fotografias — o que é a nossa vitória.

Além dessa melhoria material, estamos trabalhando também para uma melhoria de conteúdo, no sentido de fazer de "A Forja" o que ela deve ser: jornal de colégio, do nosso colégio; e órgão máximo de união. É preciso que o CAp. seja sempre um corpo unido, trabalhando em conjunto. E "A Forja" é exatamente o órgão que mais pode garantir esta união. "A Forja" é jornal de colégio, e portanto deve funcionar dentro dêsse espírito de união. Deve escrever do colégio para o colégio.

Assim, pedimos colaboração de todos. Alunos, professôres, coordenadores, licenciandos — não importa — mas que sejam todos! Escrevam para "A Forja"! Colaborem para que o CAp. seja o que tem que ser!

"A FORJA" — Colégio de Aplicação
R. Batista da Costa 55

SEJA SÒCIO DO

CLUBE

DE

HISTÓRIA!

CONTRIBUA

PARA

"A FORJA"

O NOVO PAVILHÃO DO CAp

Desde a mudança do Colégio de Aplicação do velho casarão da Praça São Salvador, em julho de 1958, para o prédio atual, vinhamos pleiteando mais amplas instalações para que o nosso Colégio pudesse ter um funcionamento normal e abrigasse maior número de turmas. Nesse ano da mudança tinha o CAp 160 alunos distribuidos por oito turmas. Atualmente, o Colégio ministra instrução a 470 alunos escalonados em dezessete turmas. Com êsse crescimento de quase 300% na matrícula, as novas instalações tornaram-se de todo insuficientes, impondo esssa situação pesados sacrifícios aos alunos, aos professôres e à administração da casa.

Graças à compreensão e ao decidido apoio que o Professor Eremildo Luiz Vianna, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, sempre dedicou ao Colégio de Aplicação, obteve-se do Ministério da Educação e Cultura a verba necessária para a construção do novo pavilhão, que tanto se tornava necessário. Mas, todos os alunos de 1959 estarão lembrados das ano para conseguir a prometida verba e da situação aflitiva por que tivemos de passar para que êsse desideratum se concretizasse.

Finalmente agora podemos colher os frutos de tôda essa luta e dêsse sacrifício. Aí está o novo pavilhão, com dore novas salas e um amplo salão em fase final de acabamento. Isso nos permitiu instalar melhor as turmas do Cograndes dificuldades que tivemos nesse légio restituir os laboratórios e a biblioteca à sua legítima função, além de reservar as duas salas menores para os professôres e para a Direção. O resultado é uma sensação de desafôgo e de maior conforto, o que permitirá aos alunos e aos professôres cumprirem melhor suas tarefas em proveito da nossa juventude e da sociedade brasileira.

Esperamos que as melhorias introduzidas concorram para um funcionamento mais ordeiro e regular das aulas e das atividades educativas dêste Colégio e que todos — alunos, professôres e funcionários — contribuam para formarmos em nosso Colégio um *ambiente realmente educativo*, em que os trabalhos da inteligência e da vontade se processem sem atritos, sob a inspiração da simpatia e da compreensão humana, formando todos uma grande família — a família do CAp.

Prof. Luiz Alves de Mattos
Diretor do CAp

1961

7

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 144
EDIÇÃO: A Forja (Ano VI, nº 4)
DATA: 21/09/1961



A edição se inicia com uma entrevista com o reitor da Universidade do Brasil, Pedro Calmon, para a série de reportagens sobre o cenário educacional e artístico brasileiro. Também há uma entrevista com o diplomata e deputado Afonso Arinos sobre sua profissão. Em editorial, a equipe de A Forja se pronuncia contra a proibição da entrada de alunos de curso orgânico no turno da tarde em dias de atividades extraclasse. Eles questionam o motivo e julgam como uma ação injusta por parte da direção. Na segunda página, há o relato da excursão feita pelos diplomandos, que contam as aventuras e passeios da viagem ao interior de Minas Gerais, acompanhados pelos professores. Há uma seção escrita pelo aluno Paulo Henrique Amorim, que expressa infelicidade quanto à organização da Caixa Escolar, afirmando a necessidade de reestruturação. Ele escreve sobre o que considera errado, apresenta suas propostas de melhorias e comenta sobre as eleições da diretoria da Caixa Escolar. Ao final do jornal, o Setor Social Radiofonia traz um artigo sobre suas atividades no colégio e pede a colaboração de professores, licenciandos e funcionários.

DISC 144
P059

A FORJA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS
Rua J.J. Seabra s/n

Diretor-Responsável: **Eliane Zagury** Tesoureiro: **Leonardo Castilho**

Supervisor — **Jorg Hutter**

ANO VI — N.º 4 TIRAGEM — 600 EXEMPLARES RIO, 21-9-61

Pedro Calmon fala a "A FORJA"

Continuando a série de reportagens que "A Forja" vem realizando no cenário educacional e artístico brasileiro tivemos a honra de entrevistar o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, no seu próprio local de trabalho.

Através de seu secretário, Jorge Góis, a quem muito agradecemos a oportunidade, travamos conhecimento com o homem que, apesar de sua posição em nosso país se honra de se chamar Professor Pedro Calmon.

Sem interromper o seu trabalho, o Reitor nos recebeu com a cortesia que lhe é peculiar e, ao ser indagado se estava a par das últimas atividades do CAp, mais ou menos assim se expressou: "Como não estaria?! O Colégio de Aplicação é um dos centros educacionais de maior importância para o meio estudantil de nosso país. Um colégio de real valor, o orgulho dos que lá estudam". Disse êle que gostaria imensamente de fazer uma visita ao CAp., por intermédio do Prof. Eremildo e do Prof. Mattos, — o que não deixaremos de cobrar.

A respeito da portaria baixada no dia 1.º de agôsto, proibindo a entrada de menores nos cinemas e estações de rádio, durante os dias úteis, à tarde, disse êle que a portaria era providencial e visava sòmente o interêsse do aluno mas que os colégios deveriam marcar, em suas cadernetas, o horário das aulas, o que eliminaria muitos aborrecimentos que porventura pudessem sobrevir de tal proibição.

Durante a reportagem travamos conhecimento com D. Zaira Cardin, sua secretária, bem conhecida nos meios estudantis brasileiros, que, assim como o Reitor, interessou-se vivamente pelo nosso colégio, e como prova disso, promoverá dentro em breve uma surprêsa aos nossos colegas.

Como última pergunta, foi indagado ao Prof. Pedro Calmon o que achava de sua própria posição, como Reitor e chefe supremo de todos os estudantes brasileiros, ao que respondeu: "É a maior honra e o pior emprêgo do Brasil. A maior honra porque considero excelente o estudante brasileiro; e o pior emprêgo porque tenho a responsabilidade de lidar sem verba e vigiar dia e noite pelo funcionamento do meio estudantil de todo o país". E concluiu... "é justo, portanto, que considere um sonho poder, oportunamente, recolher-me às minhas atividades de professor que exerço atualmente na Faculdade Nacional de Direito.



Na foto, o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Prof. Pedro Calmon, com a equipe de reportagem

Ao Reitor Professor Pedro Calmon e também à D. Zaira Cardin, que nos receberam com tanta cortesia e atenção, aguardando o prazer de tê-los em nosso Colégio, o muito obrigado d'"A Forja" e de todos os alunos do CAp.

Luis Moacir Nascimento Pereira
Marcelo Nogueira Cruz
Rita Kauffman
Vera Lúcia de Souza Conde

O ENTREVISTADO DE HOJE É...

Continuando a série de entrevistas e reportagens visando a orientação profissional de nossos colegas, o JORNAL MURAL e "A FORJA" apresentam, êsse mês, a profissão Diplomata. Agora, daremos a palavra ao nosso entrevistado — o deputado e diplomata Afonso Arinos Filho, que nos atendeu em meio ao grande movimento comum da Assembléia Legislativa. A reportagem sôbre Diplomacia está no JORNAL MURAL, no quadro ao lado do SOE.

P — Como foi levado a escolher esta profissão?

R — Lendo a notícia do concurso no jornal. Eu tinha bom conhecimento de

COLEGAS

Há tempos, o nosso colega Cláudio Vettori, inVettori uma música, que se tornou o hino do colégio. Porém, ainda falta algo de muito importante: a letra do hino. Já foram instituídas várias campanhas para que se dessem tratos à bola, e principalmente nossos colegas que racham o crânio em cima de 5 linhas paralelas aprendendo música.

Talvez esta seja a última tentativa; depois desta, nenhuma esperança nos restará.

Um hino sem letra é como um corpo sem alma.

Ao cantarmos o nosso hino, teremos a sensação do poder intelectual e da dedicação que prestamos ao nosso CAP.

Portanto, mãos à obra!

Setor Social

EDITORIAL

Fomos informados de que não será permitida, à tarde, a entrada no colégio de alunos de curso orgânico em dia de atividades extra-classe para as turmas experimentais. Sob pena de suspensão.

O que terá levado a direção do Colégio de Aplicação a fazer isso? Mêdo de que os alunos do curso orgânico causem desordem? Acho que não. Os alunos do CAP. não estariam sob tal suspeita. Ou não poderiam ser orgulhar do colégio onde estudam, da cultura e da educação que lá recebem. Depois, *ninguém*, por mais excêntrico que seja, perderia a sua tarde num colégio, com o fito de fazer desordem. Há lugares mais apropriados. Bem, o motivo não sabemos. Sabemos apenas que é injusto. Ninguém escolhe experimental ou orgânico. Há muita gente dos cursos orgânicos (incluindo o 2.º ciclo) que gosta de colaborar. Cada qual tem seu prazer. Felizmente para a juventude de hoje, tão difamada e desacreditada, existe gente assim. *Por que impedi-la de ajudar, de elevar o nome do CAP, de mostrar que a juventude não é perdida como dizem? POR QUÊ?*

O ENTREVISTADO DE HOJE É...

(Cont. da pág. 1)

línguas, cultura geral e adaptabilidade a diversos ambientes. Estava também aborrecido pelo trabalho em meu escritório de advocacia.

P — Que influências recebeu?

R — Da família. Há vários diplomatas na família. Mas não foi tão grande a influência.

P — Que tipos de dificuldades encontrou no começo da carreira?

R — Nenhuma.

P — Que julga o Sr. poderia ter recebido desde cedo, para facilitar o seu trabalho?

R — O que poderia ter recebido — e recebi — foi uma boa base de línguas, e cultura geral.

P — Qual a parte mais penosa do seu trabalho?

R — Atividade social excessiva.

P — Qual a mais agradável?

R — Viagens.

P — Que outras profissões escolheria se não fôsse diplomata?

R — Político. E foi justamente o que aconteceu.

P — Que conselhos daria a alguém que sente inclinação e pretende escolher a sua carreira?

R — Desapêgo a hábitos regionais. Não se deve cultivar amor pela Bahia, Rio, ou um lugar qualquer, nem se acostumar demais a um meio. Em suma: adaptabilidade.

Aliomar Baleeiro Filho

HIPNOSE

No dia 17 de agôsto, o Dr. Luiz Ramos, Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Reflexologia; Membro do Centro de Estudo da Beneficência Portuguêsa; Diretor do Hospital Pedro Alcântara e Professor da Sociedade Brasileira de Reflexologia; esteve no Colégio de Aplicação, quando falou sôbre hipnotismo na aula do S.O.E. do 1.º clássico.

Começando a palestra, o Dr. Luiz Ramos deu um apanhado sôbre a história do hipnotismo, falou sôbre a necessidade de o hipnotismo ser praticado por pessoas responsáveis, com conhecimento de medicina, psicologia, etc., falou sôbre a regressão de idade pela hipnose, discorreu sôbre a anestesia hipnótica, no parto sem dor através da anestesia hipnótica, sôbre o poder da hipnose de penetrar nos reflexos incondicionados (instintos) de uma pessoa. Falou sôbre os sinais convencionados entre o paciente e o operador para provocar a hipnose instantânea. Por fim falou sôbre o fato de, atualmente, não ser mais praticada a hipnose por fixação de olhares, e a sugestão pós-hipnótica.

À COLEGIAL
UNIFORMES E ENXOVAIS PARA TODOS OS COLÉGIOS
ROUPAS PARA MOÇAS E RAPAZES
CALÇADOS. PASTAS, PORTA-CADERNOS, ETC.
À COLEGIAL
Largo de S. Francisco, 38/40
FILIAIS:
Ipanema: Rua Visconde de Pirajá, 8 A
Tijuca: Rua Conde do Bonfim, 270
Meier: Rua Lucídio Lago, 38
Ramos: Rua Uranos, 1.063
Petropolis: Av. 15 de Novembro, 1.008
Niterói: Av. Amaral Peixoto, 96
VENDAS A PRAZO

Eles voltaram... Contando o que fizeram

Os nossos diplomandos dêsse ano, com exceção do 3.º científico, fizeram a já clássica excursão de formatura ao interior de Minas. Ei-los que contam suas aventuras:

EXCURSÃO DO 4.º-A

Durante seis dias, professôres e alunos do CAP., com alguns convidados, visitaram o estado de Minas Gerais. Numa viagem em que se mesclaram harmoniosamente o espírito de pesquisa cultural e o divertimento puro, tivemos oportunidade de admirar algumas das maravilhas que o Brasil oferece. Observando a natureza e as realizações humanas, ficamos todos um pouco mais brasileiros, tocados pelo ambiente grandioso que nos cercava.

É importante que se diga que em nenhum momento deixamos de ser membros da família do Colégio de Aplicação. A lembrança do CAP. era uma presença constante a nos unir e confraternizar. Nas mais diferentes situações e locais, fôsse nos museus e igrejas de Ouro Prêto e Sabará, ou nas largas avenidas de Belo Horizonte ou ainda nas grutas de Lapinha e Maquiné, a nossa turma era um órgão do CAP. que se deslocava para Minas Gerais mas que não perdera suas características básicas de união e fraternidade. Nosso grupo voltou ainda mais unido, mais coêso, mais responsável. É difícil imaginar o valor de uma excursão destas, quando passamos a nos conhecer melhor com novas experiências e contatos.

Aproveito a oportunidade para agradecer em nome da turma, pùblicamente, às professôras Silvia Barbosa e Aneris Basíos que nos acompanharam, sempre prestativas e amigas, não medindo esforços para que tivéssemos uma excursão alegre e organizada. Agradeço também à Caixa Escolar, ao S.O.E., à Diretoria do Colégio e à Diretoria da Faculdade que nos ampararam e incentivaram nos nossos propósitos.

Gilberto Cardoso Alves Velho

EXCURSÃO DO 4.º-B E DO 3.º CLÁSSICO

Saímos da Central do Brasil às 21,10 h. no trem de aço Vera Cruz. Estávamos animadíssimos! Logo que o trem partiu, a festa começou: cantamos, tocamos violão, isto é, os que sabíam.

A nossa chegada estava marcada para as 9 h., porém, o atraso foi enorme, pois o trem só às 13,30 h. parou em Belo Horizonte. Na estação todos nos olhavam, porém nós tratamos de ir para o Hotel, pois a fome aumentava. Fomos para o Brasil Palace. Depois do almôço, tomamos um ônibus da Exprinter, para conhecermos a capital: fomos à Pampulha, visitamos o Retiro das Pedras — tudo era realmente adorável. Um dos bairros que mais impressionou foi Cidade Jardim — nunca vimos casas tão bonitas. E o Leonardo resolveu distribuí-las a todos nós! Quem dera! Ainda em Pampulha, visitamos o Museu de Arte, antigo cassino; na pista de dança, alguns excursionistas sapatearam e no palco, alguns "artistas" sobressaíram-se como Leonardo e Bluma. Já a esta altura a amizade nossa pelos dois mestres era enorme e nos sentíamos em família. Conhecemos também a igreja (obra de Niemeyer). Na volta do passeio passamos pelo Colégio Santo Antônio, e algo nos chamou a atenção: na frente do mesmo estava uma estrutura em forma de giz; a fachada da escola retratava a régua; ao lado, um pequeno prédio lembrando uma borracha, e mais atrás estava o mata-borrão (Niemeyer). É realmente deveras interessante.

Fomos dar uma volta pela Praça Sete e logo encontramos alguns elementos do 4.ºA, que iam nos visitar.

Sexta-feira: — Pela manhã fomos ao Parque Municipal. Depois de almocarmos, tomamos um ônibus e fomos conhecer Congonhas do Campo; aí está o que há de mais belo na arte barroca brasileira, encerrando o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, a magnífica obra do Aleijadinho, representada pelos 12 profetas em tamanho natural, esculpidos em pedra sabão; fomos também conhecer as Capelas dos Passos que contém 66 imagens esculpidas em cedro, os últimos trabalhos do Aleijadinho.

O Sábado foi dedicado à visita a Sabará, que foi fundada por Borba Gato, às margens do Rio das Velhas. É uma das mais antigas cidades de Minas e do Brasil, evoca-nos um passado glorioso, oferecendo a todos que por lá passam várias atrações; visitamos a igreja de Nossa Senhora do Ó (pintada a ouro com motivos orientais); Igreja de Nossa Senhora da Conceição (com os altares mor e laterais, ricamente pintados a ouro); Igreja de N. Senhora do Carmo (com admiráveis obras do Aleijadinho).

Fomos à sucursal do Diário Carioca; lá batemos um longo papo, e tiramos umas fotografias do grupo.

No domingo, nosso destino era Ouro Prêto que é chamada de cidade monumento, antiga capital de Minas. Ouro Prêto é história, arte e tradição, tendo sido visitada por inúmeros turistas e podemos dizer que foi o que mais nos agradou. Para o visitante de Minas é imprescindível uma viagem a Ouro Prêto, repositório de monumentos de inestimável valor histórico. E os lugares visitados:

a) Museu Inconfidência (antiga câmara e prisão)

b) Casa dos Contos (onde se cobravam os impostos chamados quinto do ouro)

c) Igreja de S. Francisco de Assis (estilo barroco, projeto de Aleijadinho)

d) Casa de Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa.

O almôço foi-nos servido no Grande Hotel (projeto de Niemeyer), única construção moderna existente na cidade.

Passamos uma tarde divertidíssima em Ouro Prêto e sentimo-nos bem "inconfidentes". Tomamos o ônibus de volta para Belo Horizonte. Segunda-feira, pela manhã, fomos visitar a Lagoa Santa e a famosa gruta da Lapinha. Esta gruta apresenta um fenômeno raro: um grupo de estalactites que, ao ser golpeado, produz sons agradáveis, valendo-lhe por isso a denominação de Piano. E assim terminamos a nossa agradável excursão, porém tenho outras coisas a acrescentar: nossas viagens de ônibus pareciam verdadeiros programas de auditório: sim, pois cantávamos, ou seja, berrávamos tôdas as músicas conhecidas e desconhecidas e como poetas não faltavam, foram feitos desafios engraçadíssimos! Deixamos um amigo em Belo Horizonte: o guia João.

E viva Minas Gerais!

Regina Celi.

DISC 144 POST

HOMENAGEM

As fôrças armadas e a aeronáutica ficaram de prontidão. O radar havia marcado alguma coisa esquisita, que não tinha uma forma bem definida e que às vêzes sumia como uma rajada.

A coisa sumiu mesmo. Nada foi noticiado aos jornais, apesar da insistência dos repórteres.

O dia corria numa fusão brusca. Derretia horas. Calor e um vento. Vento forte e quente que vinha do mar e espanava o pó das janelas imundas da Avenida Beira Mar. Têrça-feira. Têrça-Feira sem ser feriado. Homens trabalhando na prodigiosa máquina burocrática que forja nações. Mulheres se escondendo de mansinho do vento. Vento.

Na rua uma poeira fina veio do atêrro. Os carros fecharam os olhos. Lojas baixaram vidros. Gentes arriaram pestanas e subiram lenços aos olhos.

Infernal!

Sômente nas repartições a coisa continuava na mesma. Os vidros impediam ventos e bailados de papéis.

Um nevoeiro surgiu sabe-se lá de onde! Surgiu e veio surgindo mais perto da rua, como se escondesse algo fabuloso.

Era um nevoeiro nebeado; não explicado aquele dia quente de vento quente, poeira quente e de Coca-Cola gelada no bar da esquina.

O nevoeiro veio surgindo mais perto da rua, como se escondesse algo fabuloso...

Escondia.

De fato um homem barbudo (e barba negra) saltou galhardamente da caravela e pegou um barco. Remaram-no sôbre o atêrro e o homem ancorou na rua.

Era a primeira vez que Cabral voltava á terra que havia descoberto.

Pouco mudada da do seu sonho. Sonhava o Rio como êle era. Só que tem que as ruas deveriam ter um odor desagradável (como as do seu tempo) e não aquêle perfume moderno de "flit" soltado por chaminés nas conduções.

Muitos pensaram ser propaganda de casa comercial, tal aparição.

Cabral alheiou-se aos que lhe cercavam e deu uma voitinha pela cidade. Foi a uma casa de câmbio na Rio Branco e trocou seus escudos por cruzeiros. Depois comprou uma peneira indígena e viu que os tempos estavam mesmo mudados.

Pegou um lotação e foi até Copacabana aonde molhou os pés e lavou a mão num bar.

Recorreu primeiro a um popular que passava com chinelinha japonêsa e uma camisa Ban-Lon.

Mostrou-lhe o papelzinho. O homem fêz um sinal largo com o dedo. Virou ruas entortando a mão e dobrou esquinas, entortando o braço. O homem do Leme usava óculos italianos.

Obrigado.

Partiu.

Partiu num circular (10) Leme-Gávea. Saltou perto da ponte de Tábuas e teve que andar um bom pedaço para chegar ao CAp.

As botas o incomodavam. Foram presentes da sogra e foram presentes de sogra.

Um ônibus passou movimentado e cheio de gritos. Assustou-se (natural). Encontrou-se então com um rapaz. Recorreu pela segunda vez, ao rapaz. Mostrou o papelzinho.

— Êle saiu agora mesmo neste ônibus.

Ouvia-se um samba de breque lá do outro lado da Lagoa. Era o ônibus. O rapaz sorri:

— É êle. Antigamente tinha gaita, mas como a vida tá cara, teve de gastá-la.

Pediu outros dados. O rapaz fêz um esqueminha num papel e notou a roupa estranha do indivíduo. Não perguntou a causa. Imaginou se tratar de um excêntrico qualquer.

Cabral agradeceu dizendo que escreveria de Lisboa pela primeira caravela.

Desta vez partiu Cabral de bonde. Voltou ao pôrto terrestre e comeu um pouco de bacalhau.

Esperou baterem três horas na tôrre da Mesbla.

Dirigiu-se com uma rapidez fabulosa para um prédio cinza. Tão maltratado estava o pobre que conseguiu ver um tijolo. Depois veio a saber que o tijolo era para arrematar uma obra no último andar.

O elevador do edifício cinza não tinha cabineiro. No sétimo parou. Cabral mostrou o bilhetinho a umas gentis senhoritas e elas mostraram-lhe uma cadeira. Cabral explicou-lhes quem queria. Elas mostraram-lhe novamente a cadeira e como bom português, mesmo sem entender, sentou-se. Parece que era isto que elas queriam.

Esperou pouco.

Do primeiro andar o vento trouxe um samba. Um samba sem acompanhamento de gaita (dizem que foi vendida). Era êle. Não havia dúvida. Olhou o grande mapa no seu nariz: "Brasil, publicação do IBGE".

Chegou enfim ao sétimo, um homem de guarda pó branco e dentes brancos (dizia vir de uma aula). Identificou-se: sambista, gaitista, bateirista, piadista, trocadilhista e Mauricio geográfico.

Cabral mostrou-lhe o papelzinho:

Já de longa fama vem e data
O saber que muitos procuram e um cata,
Sendo êste um (difícil a sua achada)
O Mauricio Silva Santos e a sua gaita.

CAMÕES 1960

Cabral então se expressou, motivo de tão grande procura: — As Índias, meu caro Mauricio; eu quero ir para lá.

E Mauricio sorridente mostrou o caminho. Cabral se foi e levou o nevoeiro.

Mauricio mergulhou num mapa de Geografia e de repente, veio-lhe a vontade. Foi para a janela (não fumou). Cantou um dos sambas de breque e deu um adeus a Cabral que se ia lá longe.

No dia seguinte foi dar aula no CAp.

Estamos esperando
a sua colaboração,
Professor!

CE: ORGANIZAÇÃO CADUCA

A Caixa Escolar está precisando de uma completa reestruturação, já que pouco tem funcionado como um órgão realmente congregador de alunos. Não há, absolutamente, culpa de diretorias ou conselhos de representantes. O que existe, de fato, é uma organização caduca que supria as necessidades de uma época de mais de dez anos atrás, quando foi criado o Colégio de Aplicação, onde os problemas eram menores e muito menos complexos.

Ela não tem funcionado, até então, como o órgão líder dos alunos. Falta-lhe personalidade, prestígio, difusão e penetração. Vivendo em função da atividade de Clubes e Setores a ela anexos, tem uma participação indireta nas atividades do Colégio. Os alunos, exceção feita a alguns mais novos no que puderam contar com uma elucidação de professôres do SOE, não sentem nela o organismo vibrante e ativo que deveria ser.

O QUE ESTÁ ERRADO

Embora alguns representantes da atual gestão e da passada tivessem tentado tirar da Caixa Escolar o restrito aspecto de banco que subvenciona os órgãos a ela subordinados, só com uma reorganização, onde tenha maior ascensão e maior fôrça sôbre êstes órgãos, poderá ter uma função mais ativa para se tornar um verdadeiro organismo congregador de alunos. Todo seu prestígio depende da maneira pela qual os Clubes e Setores empregam a verba que ela lhes distribui. Mesmo que tenha feito uma política de economia e uma preparação conscienciosa para lhes dar verbas maiores, os méritos da CE só serão reconhecidos depois que houver a aplicação dessas subvenções. Levando-se em consideração que poucos alunos estão interessados em saber se o clube tal ou o setor tal estão funcionando a contento, chega-se à conclusão que só em medidas como construções de pátios e instalação de radiofonias poderá a CE conquistar certo prestígio. Mas o grosso das suas realizações é por intermédio dos Clubes e Setores e mesmo, muitas vêzes, sabendo não estarem funcionando devidamente, não pode interferir por terem êles autonomia.

PROPOSTA

"A FORJA" resolve, então, lançar uma proposta a todos os departamentos que decidem sôbre os problemas dos alunos: Direção, SOE, Coordenação e Núcleo de Atividades Extra-Classes. Estudem com os membros da atual diretoria uma fórmula para que se crie um órgão que realmente lidere os alunos do CAp. Um órgão que tenha mais penetração e mais prestígio. Embora alguns neguem que a CE precise de uma injeção fortificante, há muitos outros que só tomam conhecimento dela quando têm que votar para representante de turma. Falta ao CAp um centro de convergência para os alunos. Não só para poder dar uma maior dinamização aos Clubes e Setores, mas também para que exista uma instituição que programe atividades de todos e não só de amigos de ciências, geografia ou letras. Poucas vêzes sentimos movimentos gerais dentro do colégio e, mesmo assim, surgiram de grupos de alunos.

Precisa-se estudar até que ponto os alunos das classes experimentais são da Caixa Escolar. Afinal, contribuem tanto quanto os outros e no fim ficam impossibilitados de participar de campeonatos esportivos ou programas de Clubes, porque lhes falta tempo ou horário!

ELEIÇÕES

Dentro dêste espírito de tentar uma maior dinamização da CE através de uma reestruturação, surge a sugestão final: que no ano que vem todos os alunos votem para a diretoria da CE. Seria uma fórmula para, pelo menos uma vez por ano, todos os alunos participarem de um movimento coletivo e de interêsse geral, e com uma eleição direta escolherem seus candidatos.

Paulo Henrique Amorim

ESSA GENTE FALA...

Dizem que a música predileta do nosso colega Ronaldo (2.º Ci.) é: "É aquêle cheiro de saudade"...

* * *

Deve sair dentro em breve no mural, perdão, "flanelógrafo", a notícia do escalonamento do Prof. Maximiano para a equipe capiana de futebol... Desculpai, ó Rui! Perdoai êste estrangeirismo que me ia saindo das fauces, perdoai êste libelo contra a língua-mater. Com amor e respeito eu queria dizer: equipe capiana de "ludopédio".

* * *

O Paulo Henrique durante uma aula declarou: "Se eu fôsse espanhol, seria toureiro; como sou brasileiro, prefiro enfrentar a Irene Emília"...

* * *

Não é por nada, mas há um bocado de gente invejosa! Imaginem que a coitada da diretora nem pode ficar doente, que a revisora inventa logo uma doencinha complementar!

* * *

Em primeira mão podemos anunciar as incríveis aventuras excursionistas da bela Bluma com o tesoureiro de "A Forja". Infelizmente, não há flagrantes, porque NÃO SE SABE COMO a máquina fotográfica da Miss Lotte caiu no lago. Sabotagem...

* * *

Ouvi dizer que vão fundar um clube novo no CAP.: "Os solitários do recreio". Vou descobrir o nome dos sócios...

* * *

Ouvi dizer que o 3.º D está numa disposição incrível de dar presentes. É só insinuar que falta alguma coisa que os filantropos do CAP tratam logo de arranjar. Escuta, D. Maria Beatriz, se eu fôsse a senhora, eu pedia um carro novo... que desse para mais caronas...

* * *

Dizem que a licencianda Antonieta anda com os olhos fundos. Pudera! Depois de matar tanta gente na Ilíada, no 2.º clássico, alguma coisa tinha que sobrar para ela!

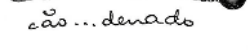
* * *

"Dilzem" por aí que a D. Dilza está doente. Por causa "dilsso" estamos de professôra nova. O que será que ela tem? "Dilzepsia"?

* * *

Agora, "stop".

Aurélia (isto é, AORELHA)



ISTO NÃO É CRÔNICA

"— Olha, Zagury, o seu jornal está péssimo."

Eu acho uma pena, porque poucas vêzes vi se trabalhar com tanta vontade de fazer uma boa "A Forja" como agora. Outras vêzes já vi bons jornais, mas, ou não conseguiam sair, ou não havia condições financeiras suficientes e o resultado era lastimável.

"— Eu tenho a impressão de que é indispensável se fazer uma votação para aprovar uma verba boa para a Imprensa e termos um bom jornal. No ano passado saíam muitos números, mas a impressão nem sempre era boa e os matérias deixavam muito a desejar."

"— O problema, para mim, não é mudar a forma e o espaço de tempo entre as tiragens. O problema é de conteúdo. "A Forja" é um jornal que cuida dos problemas do Colégio de Aplicação, não devendo ser uma cópia de seção internacional de "O Globo", com matérias totalmente estranhas ao ambiente do colégio."

Êsse era o diálogo da "cúpula" da diretoria da Caixa Escolar (coitada... tem tanta vontade de ser um órgão prestigiado, quando o próprio SOE acha que ela (em tomado umas medidas que só fazem desprestigiar os representantes das turmas menores). Ficou assentado, de acôrdo com o primeiro personagem do diálogo que se tornou, depois de tremendas confusões político-partidárias, o atual brilhante presidente da Caixa Escolar, que "A Forja" seria impressa, com fotografias e matéria nossa, interna. Campanha Desenvolvimentista e, acima de tudo, Nacionalista, dentro dos mais verdadeiros padrões do chamado "entusiasmo do adolescente".

O DEPTO. DE IMPRENSA GASTA COM CADA NÚMERO DA "A FORJA" CERCA DE CR$ 7.000,00.

E "A Forja" saiu sem ser mimeografada, mas com o conteúdo fraco e com uma porção de anúncios totalmente sem nexo:

"Colabore com o Clube de Geografia"

"Tire suas dúvidas no Centro de Matemática"

Será falta de matéria, ou os clubes funcionam tão bem que vão prestar grandes serviços aos alunos, que ao invés de "pegarem" uma prata no sábado depois das aulas e jogarem vôlei na ótima quadra de esportes construída pelas brilhantes gestões da CE de 60 e 61, vão para o laboratório de física se preparar para a prova mensal?

Zagury, não ligue para êsse pessoal da "oposição sistemática". Se "A Forja" estiver lhe amolando muito, dê o fora e vá cuidar de suas poesias. Se os outros também não gostarem, e acharem que não servem (eu, por exemplo, não gostei de algumas), mande essa turma "plantar batata", porque você escreve o que bem entende e ninguém tem nada com isso. A minha opinião é que desde o momento em que se senta na máquina, tem-se o direito de escrever o que vem à cabeça. Quem senta na máquina (na cadeira em frente a ela, é claro), exceto o consertador e o aprendiz da Escola Remington de Datilografia, é independente. Ele escreve o que lhe dá na venêta. De minha parte, vou seguindo nesses princípios: acabo de mostrar como NÃO se deve escrever uma crônica para "A Forja"...

Anônimo

SETOR SOCIAL — RADIOFONIA

Se aqui mencionássemos Clube de Geografia em vez de Setor Social, temos certeza de que todos, inclusive os mais novos alunos saberiam aqui definir e explicar bem o que é, o que faz ou como funciona. Sem dúvida alguma, e por motivos diversos, até o ano passado, atividade da Caixa Escolar, em última analíse, queria dizer atividade do Clube de Geografia. Ano novo, vida nova. Com uma quadra de esportes, uma rêde interna de alto-falantes, etc..., que justiça seja feita, obras iniciadas no período referente à diretoria precedente, foram dados à nova diretoria trunfos para que modificasse aquela bitolação existente em matéria de atividade. Temos também um Setor Social. Não é em absoluto um orgão novo, mas é também desconhecido como antigo. Se tentássemos definí-lo, poderíamos dizer que é o órgão da Caixa Escolar encarregado da programação e promoção das festas oficiais do Colégio. É muito mais ainda, pois tôda atividade de caráter social está também no seu encargo. Sendo assim e seguindo "metas" da nova diretoria, resolvemos torná-lo ativo e empreendedor. Fizemos estatutos, e definimos bem suas atividades e finalidades, e estamos prontos para agir.

Outra atividade que devemos bem definir é a da Radiofonia. Esta porém, por todos é conhecida pelo seu lado negativo, passivo. Por motivos que aqui não abordamos, pois não viemos "chorar mágoas" ela ainda não está funcionando e mesmo o lema que surgiu durante a última festa, o "custa mais sai", está indo por água a baixo, pois está "custando mais do que saindo".

Paremos com as lágrimas e voltemos ao sério. A Radiofonia, por determinação da Caixa, é o órgão de difusão das atividades do setor social.

Como no caso do próprio setor, seu regulamento interno e a idealização de programação estão prontos, e assim que estiver totalmente instalado — e não antes — iniciaremos o trabalho. De início, procuraremos fazer uma programação diária durante os recreios e nos sábados a partir das 10,10 h. Apresentaremos músicas, avisos e notícias; estas últimas de interêsse único e exclusivo do Colégio. Mais tarde poremos anúncios e outras programações sôbre o que trataremos em ocasião mais propícia. Como poderão averiguar em outro artigo desta mesma edição, estamos tentando iniciar os nossos trabalhos; procuramos dar uma letra ao nosso hino.

Além disso, gostaríamos que também professôres, licenciandos e funcionários do Colégio colaborassem, pois todos hão de convir que formamos aqui no Colégio um todo uniforme. Como em tôda organização, principalmente quando nova, acreditamos existir muitas falhas, portanto são de utilidade e proveito suas críticas e sugestões.

Antes de finalizarmos queremos tornar geral nosso agradecimento às Radios Jornal do Brasil e Globo, que por intermédio, respectivamente de seu diretor artístico Prof. Dymas, e seu diretor geral Dr. Rubem Amaral, pela maneira gentil e acolhedora com que nos receberam e muito mais ainda pelo interêsse com que voluntàriamente se ofereceram para auxiliar na compra e renovação de discos.

Muito obrigado às Radios Globo e Jornal do Brasil.

Bruno Del Bianco

8

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 145
EDIÇÃO: A Forja (Ano VI, nº 6)
DATA: 17/11/1961

Nesta curta e última edição do ano, os alunos celebram a mudança de sede do colégio. Já em *Caixa Escolar, um órgão prestigiado*, os redatores defendem a Caixa Escolar após uma série de críticas que ela recebeu. Uma das suas iniciativas foi a Semana do Estudante, que teve a sua rica programação - com atividades políticas, culturais e recreativas - noticiada neste exemplar. Um dos seus eventos foi um concurso do Clube de Letras e o conto premiado, com o título *Ódio e liberdade*, foi publicado na íntegra no jornal. Além disso, também por meio do Setor Social, a Caixa Escolar realizou uma excursão a Campos do Jordão (SP) e A Forja enfatizou o valor deste órgão executivo para o colégio. Finalizando a edição, a turma da terceira série do colegial clássico escreveu uma matéria se despedindo do CAp.

A FORJA

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS
Rua J.J. Seabra s/n

Diretor-Responsável: Eliane Zagury — Tesoureiro: Leonardo Cacilhas

Supervisor — Jorg Hutter

Doação de J. L. P. Fernandes da Silva
Em 26 de 4 de 1970

ANO VI — N.º 6 — TIRAGEM — 600 EXEMPLARES — RIO, 17-11-61

EDITORIAL

Uma pergunta: O Colégio de Aplicação está bem instalado? Resposta: Claro que está! Pois não temos um prédio novo, com novas instalações, uma linda quadra de esportes, moderníssima, e uma espetacular cadeia de alto-falantes? Ah, estamos bem longe da escola cambaleante no prédio antigo da Praça São Salvador. Enfim, para a alegria geral estamos progredindo.

Muito bem. Que o progresso existe, não discutimos, porque participamos dêle. Há uma ressalva a fazer, porém: **progresso sem conservação e apenas uma superposição de derrotas**. E não uma escala progressiva de vitórias. Se temos instalações não ideais, porém satisfatórias, por que não cuidar delas? O fato de o auditório do prédio velho não ser o ideal, não significa que devemos deixá-lo entregue às baratas, que têm uma verdadeira civilização dentro do CAp.

Dirigimo-nos a todos os responsáveis pela limpeza do Colégio. Direta e indiretamente. **Cuidem do Cap!** Uma escola padrão como a nossa tem de dar todos os bons exemplos possíveis. Não negamos que o Cap seja um vivo exemplo de cultura, civilidade e sociabilidade. É, porém, inacreditável que uma escola de tão alto nível seja o protótipo da sujeira — com os seus banheiros imundos, as suas portas enseba das e as suas janelas cobertas de poeira. O prédio velho, principalmente. Basta dizer que nos basculantes do 2.º clássico, notando a grossa camada de poeira dos vidros, um colega nosso escreveu alguma coisa de brincadeira, lido no primeiro semestre. Pois bem, ali hoje o que êle escreveu está lá. Se o CAp é escola padrão, há que se sentir vivamente não a defesa do princípio da higiene, porque a sujeira é um dos maiores inimigos do desenvolvimento.



O professor que hoje vocês terão pela frente não é o mercador de palavras, vazias. Pensem no bom professor, no paisagista, boa e alegria, no cantador, cheio ou sorriso; não é o mercador para o qual o único vocabulário são as más notas, as faltas. Se não pelo nosso prazer. Ele sabe que outras verdades devem ser nossas companheiras. O seu professor sabe que há outros meios de registro em que ele pode se estabelecer e ficar rico. Mas ele quer — e não sabe não sabe dizer — que a fé no saber seja viável para todos, uma responsabilidade muito maior, uma opção muito mais digna de ser o de mercador — a serviço de ideais.

E o professor que hoje vocês terão pela frente, hoje está encarcerado.

(Trecho do discurso do Professor do Ano, Prof. Marcio Silva Santos)

(Cont. na pág. 4)

Caixa Escolar, um Orgão Prestigiado

Depois de uma série de críticas que tem sofrido a Caixa Escolar, cabe-nos agora, defendê-la.

Estou ignorando muito nossos críticos, o coro de que algumas são realmente consideráveis.

Pelo que a Caixa Escolar é essa organização inútil?

Não, eles não são "reformistas". Eles começam acabar de concordar em pontos que tanto trabalho deu nossos pais para ajudá-los a conseguirem uma sede própria, pois até há bem pouco tempo funcionávamos em barracões que só nos podia servir de vergonha frente às outras que conhecendo, bem ou mal, nos recebiam, pela menos com que se lidar e a Caixa Escolar, bem ou mal, nos deu e uma prova de que Ela está presente e atuante.

A Caixa Escolar não é uma organização tão pobre assim, visto a que ela consegue realizar nos seus cofres as dificuldades da ordem financeira.

O que Ela realmente necessita é solucionar a outros problemas nos setores a um patrocínio que é o entusiasmo da Caixa Escolar Rocha de Atividades Estudantis.

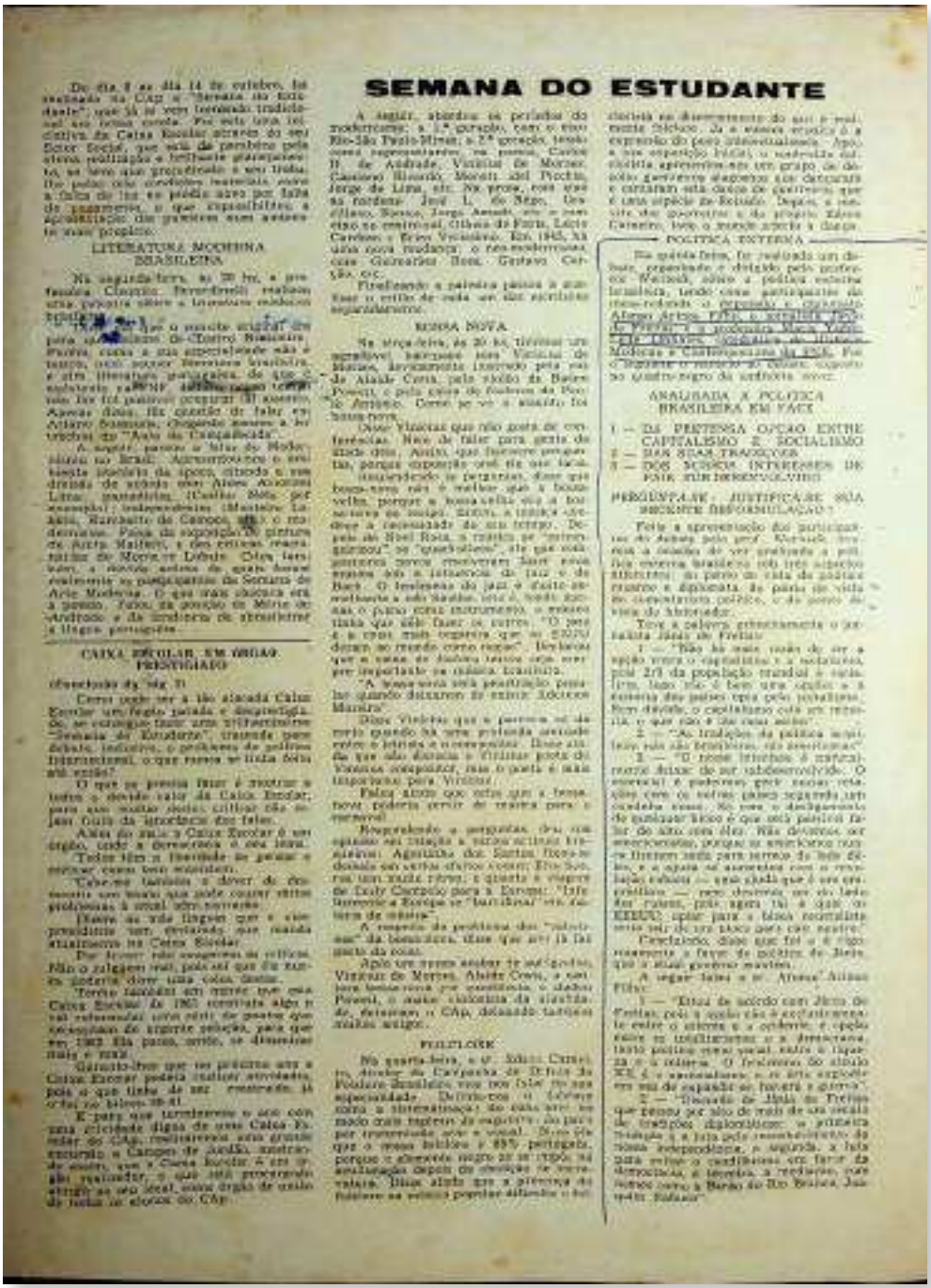
Ao hoje muito acrescer à Caixa Escolar nosso Apoio Geral.

Quero lhe crer que por si só calado, proclamando a Caixa Escolar como um órgão empreendedor, decerto interessante.

Como pode ser Ela incentivada se consegue fazer circular aquelas obras beneficentes auditorias no prédio da Caixa e Arrecada, quando ela é a própria a O. E. deixa pobre a Caixa de cada? Onde estão aquelas bonequinhas?

Caixa pode ser Ela um órgão de prestigiado se para alcançá-lo se os alunos, como quer alvo com nosso mesmo carinho de estudantes, não o apoiarmos ao máximo?

(Cont. na pág. 3)



SEMANA DO ESTUDANTE

Do dia 8 ao dia 14 de outubro, foi realizada na Cap a "Semana do Estudante", que já se vem tornando tradicional em nossa escola. Foi esta uma iniciativa da Caixa Escolar através do seu Setor Social, que teve de parabéns pela ótima realização e brilhante participação, as duas que precederam a esta. Do pleno êxito conhecido baseado nisso a falta de luz se pôde atuar por falta de pagamento, o que esperamos, a apresentação das palestras com assunto de suma relevância.

LITERATURA MODERNA BRASILEIRA

Na segunda-feira, às 20 hs, a professora Cleonice Berardinelli realizou uma palestra sôbre a literatura moderna brasileira.

Disse que o nascer original dos para os irmãos de Castro Rabello Pedro, cuja a sua especialidade são a poesia, não apenas literatura brasileira, e sim literatura portuguesa, de que é exímio professor. Pedro [illegible] nos fez passar [illegible] quando [illegible] Apesar disso, fêz questão de falar em Ariano Suassuna, chegando mesmo a ler trechos de "Auto da Compadecida".

A seguir, passou a falar do Modernismo no Brasil. Apresentou-nos o movimento dividido da época, dando a sua divisão de acôrdo com Alceu Amoroso Lima: pentatrilho (Castro Alves, por exemplo); independentes (Machado de Assis, Euclides da Cunha, etc.) e modernistas. Para da exposição de pintura de Anita Malfatti, e nos relatou resumidamente de Mário de Andrade. Citou também, a revista cujos números de quais houve realmente as participantes da Semana de Arte Moderna. O que mais chocara era a poesia. Falou da posição de Mário de Andrade e da tendência de atualizar a língua portuguêsa.

CAIXA ESCOLAR EM ORDEM PRESTIGIADO

(Conclusão da pág. 1)

Como pode ser a tão alcada Caixa Escolar um fogão parado e desorganizado, se estivesse tendo uma interessante "Semana do Estudante", trazendo para debate, inclusive, o problema da política internacional, o que nunca se tinha feito até então?

O que se pretende fazer é mostrar a todos o devido valor da Caixa Escolar, para aos muitos poder utilizar não só suas ótimas instalações.

Mas para isso a Caixa Escolar é um órgão, cuja a diretoria o seu bom.

Todos têm a liberdade de gerar e merecer nossa boa atenção.

Cabe-nos também o dever de denunciar aos todos que pode causar sérios problemas à vida sem correção.

Disse ao vice-diretor que a sua presidência um, deixando que nada atualmente na Caixa Escolar.

Por fazer não compreende as críticas. Não o julgamos mal, pois sei que de nada adiantaria dizer uma coisa dessas.

Temos também um ponto que nos Caixa Escolar. De 1967 acontece algo a vai reformular, uma vez de gastos que necessitam de urgente solução, para que em 1968 ela possa, então, se dinamizar mais e mais.

Gostaria-mos que os pequenos atos a Caixa Escolar pudesse realizar atividades, pois o que tinha de ser construído já o foi no início de 61.

E para que terminemos o ano com uma atividade digna de uma Caixa Escolar do CAp, realizaremos uma grande excursão a Campos de Jordão, amanhã, de maio, com a Caixa Escolar. A ela o ônibus, que não precisando ser reformado, ainda se encontra em ótimo estado de limpeza e conservação.

A seguir, abordou os períodos do modernismo: a 1ª geração, com o nosso Rio-São Paulo-Minas; a 2ª geração, tendo como representantes os poetas Carlos [illegible] de Andrade, Vinicius de Moraes, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Jorge de Lima, etc. Na prosa, com esse as mesmas: José L. do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, etc. e com esse os romancistas Otávio de Faria, Lúcio Cardoso e Érico Veríssimo. Em 1945, há uma nova mudança: o pós-modernismo, com Guimarães Rosa, Gustavo Corção, etc.

Finalizando a palestra passou a analisar o estilo de cada um dos escritores supramencionados.

BOSSA NOVA

Na terça-feira, às 20 hs, tivemos um agradável serão com Vinicius de Moraes, devidamente trazido pela mão de Alaíde Costa, pelo violão de Baden Powell, e pela voz de Roberto de Paula de Janeiro. Como se vê a mistura foi bossa-nova.

Disse Vinicius que não gosta de conferências. Mas de falar para gente de nosso tipo, assim, aqui [illegible] porque [illegible] porque oposição [illegible] de uma [illegible] inquietação e perguntas, disse que bossa-nova não é melhor que a bossa-velha, porque a bossa-velha era a bossa-nova de outros tempos. Assim, a música deve a necessidade de seu tempo. Depois de Noel Rosa, a música se "internacionalizou" se "quadrilhou", ela que vinha pintores novos renovaram. Sem essa mesma são a intuição do jazz e de Bach. O brasileiro do jazz é muito semelhante a nós mesmos, uns e outros [illegible] o povo [illegible] o nosso [illegible] o nosso [illegible] que são fazer os outros. "O povo é o povo, mais negativo que se [illegible] deram ao mundo como negro". Devemos que a causa de [illegible] seja sempre importante na música brasileira.

"A bossa-nova será positiva [illegible] quando deixarem de existir [illegible] Maninha".

Disse Vinicius que o parceiro só de certo quando há uma profunda amizade entre o letrista e o compositor. Disse ainda que não discute o direito [illegible] de Vinicius compositor, mas o poeta é mais importante para Vinicius.

Falou ainda que, ora que a bossa-nova poderia servir de mestra para o samba!

Respondendo a perguntas [illegible] opinou [illegible] a [illegible] Agostinho dos Santos [illegible] dando [illegible] Elis Soares, [illegible] um [illegible] [illegible] e [illegible] de Luiz Carlos [illegible] para a Europa: "Isto [illegible] a Europa se "bate [illegible] em [illegible] de ostra".

A respeito da política dos "colarinhos" da bossa-nova, disse que até [illegible] nasta da coisa.

Após um novo acabar de [illegible] Vinicius de Moraes, Alaíde Costa, e [illegible] Powell, o nosso [illegible] da [illegible] de, [illegible] o CAp, deixando [illegible] muitos amigos.

FOLCLORE

Na quarta-feira, o Sr. Edison Carneiro, diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, veio nos falar [illegible] sua especialidade. Detalhou-nos o [illegible] sobre a [illegible] do [illegible] [illegible] modo que [illegible] de negativo [illegible] [illegible] por [illegible] [illegible] e visual. Disse [illegible] que o nosso folclore é 85% português, porque o elemento negro só se [illegible] na [illegible] depois de [illegible] se [illegible] valores. Disse ainda que a presença do [illegible] [illegible] [illegible]

Por fim, aspirado o tempo da exposição oficial do Governo, Nívio Antero Filho, falou o prof. Maria Yedda Linhares.

1 — "Concordo com Júlio de Freitas. Acredito que o mundo marcha para o socialismo."

2 — "A respeito das divergências com as tradições da política brasileira, dos 3 governos desde 1930, o atual era o eighth, e ver se explica pela nossa descendência estrangeira. Quando envolvemos o ser do subdesenvolvimento, é que queremos ser independentes."

3 — "O Brasil já tem os elementos básicos para sair do subdesenvolvimento. Precisamos ilustrar a nossa consciência de cada. E levantar com o pagão na mão nossos brasileiros da vontade de lutarem para o escolher."

Após uma exposição oral, debateram os nossos divergentes por 3 períodos, perguntas do auditório que foram respondidas a boa responsabilidade.

CINEMA DIDÁTICO

Na sexta-feira, por iniciativa do nosso clube, assistimos ao filme "Cro Amarelo", "western" ao gosto dos apreciadores do gênero. Após a sessão houve um bate-papo a respeito da estrutura do cinematógrafo.



EXCURSÃO FEITA DA CAIXA ESCOLAR

É um sonho, se todos realmente realizado. A Caixa Escolar ótima de ser um "clube" preparado apenas participar de reunião geral, para realmente elevar como órgão executivo.

Porém a idéia ficou a favor do real recebido de sua realização. Foram então, durante uma reunião realizada, solicitados a comprar o Clube de Ciências e o Clube de Geografia, um pertencente correspondendo a grandeza da realização, passando à disposição da Caixa. A visita deste dois clubes será de grande valia, pois ela irá permitir experiência de escolher, cedo por boa empreendedor o seu destino.

O local escolhido foi Campos de Jordão, a data 17 de dezembro. Será uma excursão ótima, cedo e cedo pouco sela bastante gente. Sua finalidade é congregar os alunos do CAp, aumentando cada vez mais a amizade entre eles (principal finalidade da Caixa Escolar).

Nunca durante toda a existência do Colégio viveu algo assim calmo. Este excursão representa um grande salto da pequena Caixa Escolar que tentamos a pôr, tentou a vida de atividades, colocou os alunos em atividade, representa também uma resposta dentro que são muitos desconhecidos, ou o que é pior, procuram desconhecer à atual Caixa, alvidando a sua tentativa criativa.

A êles, que pretendendo ao apossarem-se restos que diretores alheios ao nosso cotidiano de e incompetentes de dirigi-nos escolar, é necessário que saibam que a Caixa com a mentalidade de um aluno do CAp, só será cedida no dia em que deixar de haver pessoas que queiram trabalhar por ela.

RETROSPECTIVA



"DIA DAS HOMENAGENS"

Na sábado pela manhã verificaram uma série de homenagens aqui no CAp.

Primeiramente, o ex. prof. D. Ricardo Luiz Vieira foi recebido e mereceu receber os descumprimentos da placa inauguração do novo pavilhão que recebeu o nome "Pavilhão Professor Ricardo Luiz Vieira". Quatro discursos pronunciados e homenagear o diretor de apresentação e agradecimento da professora Sonia Kinder, o do nosso colega Bruno, da 3.ª científica, e do professor Mattos, e o de agradecimento do prof. Ricardo.

Diligenciamos estão no auditório com, todo presentes e homenagens a professor, o homenageado, e o diretor do CAp. Além de uma homenagem oriental as



MANHÃ RECREATIVA

Tivemos então a parte esportiva, com a participação de dois colégios de fora, convidados pelo Centro de Educação Física.

O primeiro jogo foi de futebol de salão onde se confrontaram os quintos de Pedro II e do CAp. Tivemos o CAp depois de uma boa reação, por pouco quase de sucesso e primeiro tempo de 2x1. e as las vitórias por 2x1. Os goals do CAp foram realizados por Ernesto (2), Jose Arthur (1), e os de Pedro II zero marcaram 4 e 0. A relação normal dos jogadores de colégio visitante não que é conhecida porque dos seus nomes a súmula. Pelo CAp jogaram: Emanuel, Jose Arthur, Cesar, Eugenio, Ricardo, Sergio e Roberto. Tivemos outro debate a Afrânio (5.ª B), nesse local e Eduardo (3.º C), e nesse igualador Sérgio Marques (2.º C).

A segunda equipe a entrar no nosso campo de esporte, foi a do colégio Batista, que veio jogar vôlei, tendendo duas vezes a CAp, em partidas de 15x13 e 15x13. Pelo Batista jogaram: Calazans, Luiz Eduardo, Alberto, Sérgio, Rui, Reinaldo e Xavier, e pelo CAp: Carlos Cesar, João Luiz, Ricardo Marcos, Mauro, Paulo Ribeiro. Como agradecimento do convite Batista Infantil e nosso árbitro e local Pedro Leal.

Agradecemos aqui a participação do funcionário Nelson Leal pelo juiz que nos prestou ajudando-nos na arbitragem desse jogo.

Prof. Orlando de Queiroz. Foi encarregado-chefe de cartazes apostos o nosso professor do ano: o Prof. MARCELO SILVA SANTOS, que fez o cartazes diversos. Após a "carioca", chamamos a homenagem do nos alunos-mestre do curso de professor, MARY, SRA. RUIZ LACARRA, que também fez um discurso todos juntos que ficaremos pelo em face de nós evento. Foi então a vez do nosso colega do ano NOEMI BENETTI, do 2.º clássico, que nos preparou discurso, falando de impressões depois "turma que é tão preocupada, mas que é tão minha."

JULGAMENTO FINAL — DELEG.

No dia 28, às 18 hs. nesse do corrente, ocorrerá a última parte do Julgamento de Tentativa de Estudante: a parte criminal, que consiste do grupo "O JULGAMENTO FINAL — DELEG" especialmente aqui para a escolha pelo colega Júlio Kohn, de um número de vítimas de 28 Vítimas, de um assistente executivo e de um juiz reprovado. Trabalharão no grupo Carlos Cesar, Sérgio Kohn, Hebe, Eugênia, Maria Lúcia Menezes, Deth, Luiz Felipe e Maria Célia. A nosso convite com a direção de D. Nilcéia, participação de Maria Alexandre Jansen, pessoas de Carlos César Carvalho e os colegas de Clóvis. Nosso colaborador deve trabalhar o maior distrito do CAp.

Marcelo Nogueira de Cruz
Elsaiz Zagury
Isolda d'Ambrosio Moreira Assis

JAZZ

No dia 11 de novembro, sábado, pela manhã, o nosso colega Mauro (3.º C) realizou uma palestra ao auditório sobre Jazz. Foi a primeira atividade artística inteiramente patrocinada pelo Clube de Música. Foi abrilhantada inicialmente por discos. Parabéns, Mauro!

ENTREGA DE PRÊMIOS

Sábado, 11 de novembro, no auditório velho, antes da palestra de Mauro, realizou-se entrega de prêmios do concurso de contos do Clube de Letras. Os premiados receberam das mãos de D. Adelpheia os livros a que fazem jus, que foram: "A Casa do Bode", de J. Cardoso Lisboa, "Antologia Poética" de Henriqueta Lisboa, e o romance "Iaiá" de Ambrosina Portella Bevilaqua, tia da nossa professora D. Adelpheia.

"A FORJA"

SE DESPEDE ATÉ O ANO QUE VEM, DESEJANDO BOAS PROVAS A TODOS



SISA GENTE FALA

E, pirou que a última coisa no CAp é andar capengando. Quase todos se apinham vão de jeito machucado. Você já experimentou a moda? (antes que fique atualíssima) Não deixe para amanhã, se puder começar hoje! Madrugue já!

Eu não sabido com orrugo, mas a Irene Emília (1º Cl) só tão na Universidade Rural. Diz que está estudando e em agricultura, e que de vez em quando, lá pelo tempo que vai sobrar de aproveita. Querida, quando é que fazes isso? Pode ser que eu te mande um trator de presente.

Você achou que o CAp anda de cabeça com os Iates? A Universidade Regional, por exemplo, anda em apuros com os "novos". A Arlene (1º Cl), uma das muitas galerinhas baixas, e o 2º B (a...bela) e vítima dos mais. Resultados da luta de Cobertas.

Parece que vão haver um outro clube aqui no CAp, o clube de lá afficionados del Cha-cha-cha. "Los Latinos Del Caribe", que são orgulho ao terem dado para o ano que vai. "Os Incas Dançam". (inaugurado o Inca do passo a Irineu e o Nicéia do Lucas Cabo.

Você acham que há um palavreado de empresa no 4º D?

Pergunta inocente das Senhas dos alunos do CAp: — "Por que será que os professores não estão usando as "Duas Fases Orbe"? Respostas diversas: — Eles não leem pra gente." ao aluno de turma presente. "Eles são muito respeitos". Enquanto nos, corkenzinhos do Ginásio Pedro II" Cl): "Eles não se entendem!" Nas penúltimas e nas últimas. Hipótese: Será para se ver se espelha das Aulas? Pergaminhos. Aula de Sala?

Estudam nos bermudeiros, a moça da Mercearia e uma vizinha de Zalvar, os cinco verdes da Olivar, o diabo do Antonelli e a representação do Rosário... e o resto de cada um.

Saudades dos professores: o quarto pé de D. Terezinha, as fitas de D. Dinah, o sorriso do Prof. Marcos, o gaguejar de D. Helena e a voz do Prof. Warwick, as provas do Prof. Fajer, a bolsa de D. Stella e... vamos parar por aqui que as provas vêm aí.

Agora, "chega".

AURÉLIA (6º) E ADMELINA (

(Cont. da pág. 3)

Tenho isso certeza que não vai ocorrer aqui e que não sinta triste, ou até expresse minha tristeza quando alguém viajar, mas que eu me sentirei particularmente contente e orgulhoso se todos a desejar me para sempre o bom colégio e à nossa Faculdade.

Nenhuma forma de agradecimento me parece mais justa e mais difícil do que esta "despedida".

(Trecho do discurso da Linda Maria Rodrigues de Azevedo Brito Marques) Rui Lauria)

EDIO E LIBERDADE

(Carta proibida ao censor do Chile ao Zaire)

Senhor ex:

As imagens permanecem tão vivas em minha mente que, por vezes, julgo estar vendo as mesmas coisas que, há tantos anos, fixaram-me olhar e mente. Deus e os alemães.

Vagões de gado para os quais eram levadas aos milhares as famílias...

Crianças arrancadas dos braços das mães e metralhadas para os campos em condições desumanas...

Alemães passando, orgulhosos, diante dos livros, após a execução de outros compatriotas a qual diziam rebeldes e traidor...

Cadáveres que encontrávamos pelos campos, muitos pela tortura dos coturnos forçados...

Fumaça avolumando-se dos altos fornos crematórios onde eram queimados nossos irmãos e irmãs.

Humilhação! Fome cotidiana! Torturas uma ao dia e a cia, sendo o canso!

Estupefaciamento mental e físico gradativo, sem possibilidade de reação...

Mortos vivos ao crematórios lotados aproximando-nos cantos...

Olhe a gôla, a faca do 3º batalhão chora, brandindo sua ira desgraça...

Finalmente, as vozes libertadoras irromperam nos campos, pondendo novos verdugos e liberdade aos...

Liberdade? Campos esfarelados, nem ao menos uma sacudidas pelos sentimentos? Como voltar à vida normal

Depois e Ada tenho por hábito uma rotina correspondentes cotidiana.

Ode!

Caso eu lida a expressão do seu sentimento ao ter perdido esse querido de nossos irmãos e amigos?

Olhava o friozinho nos que a alguns metros alcançam nossos rostos nos bancos escolares...

Olhava as fotografias inacreditáveis a um povo cuja inteligência era ser jovem.

Crime? Ainda não considerado...

Mas nos casos acima crianças se que assassinaram os próprios assassinos, os pais, simples fato de são professores e nossos colegas?

Escapei... Morber, meu colega nosso, de morte por tempos frios...

Hoje, quase anos passados, delirio-da a dia, recaio assustada pelo sofrimento e, como tarefa presente para mim, ao ouvindo só nos as recordações que aparecem em pesadelos.

Esquecer!... Impossível!

Mesmo aqueles que constituíram-se em tarefas, desde logo sentir à vontade e são felizes, conscientes, os lembranças de coração as atrocidades sofridas no negro período de 1939 a 1945.

Meu único intuito é que as horrores nunca mais possam ser experiências nunca a ser não poderão...

Que nunca mais haja cenários para gritos e ais de mais simples direito de ser homem sejam assassinados. Ignoro do de semelhante e direito à vida!

Odair... Sra.

Eleanor... Cleo?

ANETTE COLOMBO

4 grupal 5

O 3.º Clássico se Despede

Bem antes da "festa" jazia do ar. Algo diferente "estourava" nos fins de corredor lotados de pedido nulos, mas que teriam servido de refúgio para as aulas abrevem... o 2º clássico e o 4º B que o digam!

— "Deve ser triste perdemos a esse horror de cinco vitórias, não?" Este é o pequeno mal comum que nos bate.

Claro que não! Nosso nome já era dos melhores mesmo que já acabemos em nossas vitórias. Nossos homólogos em todos os aspectos, com exceção das vitórias, não é 3º Anno? Nossos vizinhos colegas, nossos amigos, nossos irmãos. Em cada vitórias ou não. Nossas vidas são recheadas sucessivamente. Participamos de seu problemas e, se vitória, ajudamos a resolvê-los.

A Moreel, por exemplo, a quem estraga do seu corpo, as olhos com certos problemas inclusive, segundo a pequena, o seu. Nossas vitórias são relativamente lúdicas, contudo a sua notação medida — Pois Nosso! Sempre cercada de uma maneira, mas colocamos (o adjetivo colorido Nosso), um problema é a partir nos nossa simpatia do CAp. Quando eu se zanga com o Leonardo, e o Sec. Agora garantiu-se com ele (ao é seu "Mapinsen" Sabia falando em todo o colégio. Nossos são cabeças, o Leonardo não consegue acabar um quarto "problema" horrendo. Como o gosto do Leonardo sobre com o José Arthur? O título Sr. é o "Belo-Horte", pois é cabeleira pelo ombro da e M. e o orgulho da vila. Nem sabe deixam as somas de todos dos que se mostra tornarem corretos das de cargaste.

E a Regina Cal, a nossa brilhante e eficiente secretária de C. E. que não precisa mais de secretária ocidental, mas que tem tempo para receber correspondência com assinala atualizada as pagantes.

E a Olga. Sra. a Olga é vista pois acaba de voltar dos Estados Unidos e até no colégio como carioca. E como tida visita, mesmo em bem trajada. Não parece, educada, inteligente. Olga pretende aperfeiçoar a história de Berlim para poder escrever-se com "alguém" que lhe é muito caro.

Bem, nossa turma é uma. Se verdade temos sido, que cantamos, acompanhamos a princípio de todos quando Maria do Socorro do 1º clássico.

Ficamos por aqui. Claro ainda que tenhamos um vestíbulo mas que não se acovardou pela tristeza e esperamos calmal e amai do CAp.

1º CLÁSSICO

RECADO

As lembro mesmo, com tristeza e saudade antecipadas, mas com profundo reconhecimento por saúde e ar dessas coisas materiais que só aprendemos com vez ou vez.

Um dos nossos materiais são que poderia ser completamente artística.

MARIA DO SOCORRO

9

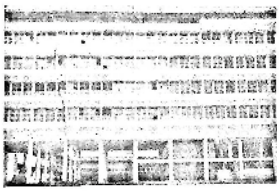
LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 146
EDIÇÃO: A Forja (Ano VII, nº 1)
DATA: 20/6/1962

Este exemplar contém um artigo que se propõe a apresentar a Cidade Universitária aos alunos do CAp, para que eles conheçam a sua dinâmica de funcionamento, prédios, possibilidades de locomoção no local, até para fazerem algumas críticas, se for o caso. Em Caixa Escolar e Setor Imprensa, há um anúncio de que a nova diretoria da Caixa Escolar do ano de 1962 passa a ser composta, pela primeira vez na história, apenas por estudantes do ginásio. A notícia vem acompanhada da explicação de como a Caixa Escolar vai passar a funcionar, tendo em vista as inovações anunciadas. Há, também, um artigo que conta como foram as festividades de aniversário do colégio que, à época, fazia 14 anos de existência. Em *Avante, Setor Teatro*, Maria Lucia Torres Menezes escreve sobre o que seria feito no *Setor Teatro do CAp* naquele ano, pedindo a ajuda de todos para que fosse um bom trabalho, de modo a evidenciar o esforço do setor. O texto Henriqueta Lisboa no CAp apresenta um relato sobre a visita da poeta Henriqueta Lisboa ao colégio para uma conversa com os alunos do terceiro ano B. Em *Spasibo, Beriozka* temos o relato de alguns alunos que tiveram a oportunidade de assistir ao Conjunto Coreográfico Estatal Beriozka e de entrevistar o bailarino Anatoli Medvedev. Há um artigo, escrito pela bailarina francesa de origem russa Tatiana Leskova, sobre o balé no Brasil. Em *Cardiologia* e *A moderna cardiologia* aborda-se o tema da Cardiologia no Brasil e a importância do cuidado com a saúde do coração. O primeiro artigo tem a colaboração do Instituto Brasileiro de Cardiologia, mais especificamente do dr. Aloysio Franchini Mello, e o segundo, do dr. Mauro de Freitas Muniz. Na quinta página, o leitor encontra: uma homenagem ao prof. Werneck, docente de História; o texto Converso Comigo, do aluno José Maurício Gradel; e um poema, *A uma Ciranda de*

Villa Lobos, de Luiz Guilherme R. Horto. Em *Programa do Cineclube da Caixa Escolar para 1962*, o aluno Júlio Celso Ramos apresenta o programa do cineclube e seus planos para o ano. Por fim, há *Dicionário Capiano* e *Essa Gente Fala*, que abordam um pouco do cotidiano capiano de uma forma humorística.

Disc 146
Pos 1

CIDADE UNIVERSITÁRIA

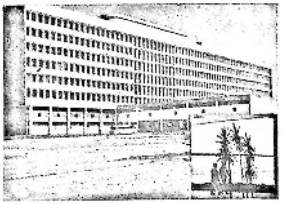


Visão externa da ENE.

"A FORJA" traz agora aos colegas uma reportagem sôbre a Cidade Universitária, que é um assunto que há tempos vem interessando os alunos do CAp, pois mais cedo ou mais tarde para lá iremos junto com a Faculdade Nacional de Filosofia.

Ao chegarmos na ilha do Fundão, dirigimo-nos primeiramente para a Faculdade Nacional de Arquitetura, onde almoçamos (atualmente o refeitório da FNA é o refeitório da Cidade Universitária, pois o da Escola Nacional de Engenharia não está pronto) e depois para a Escola Nacional de Engenharia. Esses são os dois cursos que funcionam atualmente na Cidade Universitária. Na ENE só o 1.º ano funciona. O prédio da Medicina está em meio de construção. Para se locomover dentro da Cidade Universitária (as distâncias são enormes), há os ônibus da Faculdade de Arquitetura, que saem da praça das Nações em Bonsucesso. Alguns alunos moram lá mesmo na Cidade Universitária, mas infelizmente não tivemos tempo de visitar os alojamentos.

Uma das críticas que se faz à Cidade Universitária é que algumas obras foram planejadas já há tempo, e atualmente as exigências, os padrões são outros. Também se nota o pequeno entrosamento entre os alunos, problema aliás brasileiro, pois a nossa Universidade do Brasil não é nada mais que um conjunto de várias faculdades separadas umas das outras. Apesar desta Cidade Universitária não ser o melhor que se esperava, devemos nos bater pela sua concretização como perspectiva de um futuro da UB como uma Universidade mesmo, e não fugir dela, como muitas faculdades que relutam em instalar-se na Cidade Universitária; todavia, reconhece-se que o entrosamento dos alunos é um pouco utópico, pois geralmente o estudante tem que trabalhar,



Visão externa da FNA. e detalhe do andar térreo. Foto cedida e detalhe por Silvio Rocha

não podendo ter muito contacto com os colegas fora das aulas.

E, como não houve um bom planejamento na distribuição das verbas, a primeira faculdade a ser construída (a FNA) levou muito dinheiro e, em consequência, a ENE outras construções ficaram prejudicadas.

Queremos agradecer a colaboração do secretário-geral do Diretório Acadêmico da FNA, Fernando Pereira Burkhardt, que nos deu inestimável ajuda na realização da reportagem.

A FORJA
CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS DO CAP. FNF.

Caixa Escolar e Setor Imprensa

O ano de 1962 marca uma nova era na história do Caixa Escolar dos Alunos do Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia. Pela primeira vez temos uma diretoria totalmente composta por membros do Ginásio. São três representantes do 4.º série, de três turmas diferentes: o presidente Afrânio Raul Garcia Junior, do 4.º B, o vice-presidente Miguel Fernández y Fernández, do 4.º D., e o tesoureiro Luis Moacyr Nascimento Pereira, do 4.º A. É uma geração nova, cheia de bons propósitos, que sem dúvida realizará.

Há ainda outros inovações: a) o voto direto que elegeu a diretoria; b) o agrupamento em 5 setores dos atividades extra-curriculares dos alunos: Teatro e Cinema, Social e Excursões, Radiofonia e Música, Esporte, e Imprensa; c) os responsáveis pelos setores, de meros agregados à Caixa Escolar, passam a formar, junto com a diretoria, o Conselho Deliberativo da Caixa; d) os representantes de turma são o Conselho Consultivo e elegem um presidente, que fará parte também do Conselho Deliberativo.

Assim funcionará a Caixa Escolar êste ano.

O Setor Imprensa pretendia fazer um número mensal de "A FORJA", nos padrões dêste que apresentamos. Infelizmente, a Caixa só poderá ceder dinheiro para dois números. Se conseguirmos uma certa quantidade de anúncios faremos três. Isto, porque a diretoria de "A FORJA" faz absoluta questão de não regredir tècnicamente, e sim melhorar sempre. Não deixaremos de imprimir o jornal para mimeografá-lo. Não deixaremos de publicar fotografias. Tudo o que veio fazendo de "A FORJA" um projeto de jornal, será melhorado, cuidado. Preferimos a qualidade à quantidade. O que poderia sair em três números de 4 páginas, sairá em um número de 6 páginas.

"A FORJA" está sempre aberta às colaborações, tanto na parte material quanto na parte técnica. Desde já agradecida.

a Diretoria

NESTE NÚMERO

Entrevista exclusiva do Conjunto Coreográfico Estatal Beriozka. . . (pág. 3)

CAP. faz 14 anos (pág. 2)

Tatiana Leskova diz o que é o ballet no Brasil (pág. 3)

Teatro Moderno Brasileiro em 3 atos. . . . . (pág. 2)

Dr. Mauro Muniz escreve com exclusividade sôbre a Moderna Cardiologia (pág. 4)

Luiz Guilherme tem 12 anos e se inspira em Villa Lobos . . . . . (pág. 5)

20-6-62 — Pág. 2

ANIVERSÁRIO DO C. A. P.

Em 20 de maio de 1948 era fundado um colégio nôvo. Nôvo, não porque sua casa fôsse moderna, pelo contrário, o local onde iria funcionar nem lhe pertencia. Nôvo era, por causa de suas finalidades e métodos. Da necessidade de praticarem os alunos da Faculdade Nacional de Filosofia o que viria a ser a sua profissão, surgiu a idéia de um estabelecimento de ensino em que êles observassem e praticassem a didática ensinada.

Quatorze anos depois, em 1962, comemora o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, mais um aniversário.

As festividades tiveram início na manhã do dia 19, sábado, com a missa tradicional da Páscoa, seguida de concorrida mesa de doces. Às 9,30, teve início o jôgo programado entre os alunos e ex-alunos do CAp. A equipe dos alunos funcionou com: Roberto, depois Afrânio, Guilherme, Paulo Henrique, Bruno, Sérgio Marques, Mário Sérgio, Ronaldo e Ênio. Os ex-alunos com Artur, José Artur, Márcio, Artur Paulo, Carlos César, Milazzo, Ricardo e João Luís. Na arbitragem Miguel Fernández y Fernández. Jôgo movimentado em que a animação superou a técnica. Os antigos alunos mostrando um jôgo mais concreto, mais efetivo, lograram larga margem no placar. Resultado final: 5x3 para ex-alunos.

De noite tivemos a tradicional parte artística.

Êste ano marcou um nôvo teatro no CAp., largaram-se os "sketches" e apresentou-se uma peça em 1 ato, de Martins Pena, "Quem casa quer casa", muito bem montada; deve ser louvado o setor teatro por esta melhoria considerável. Esperamos que o progresso seja ainda maior em outras apresentações. Também muito bem ensaiada e escolhida a poesia "Muerte de Antoñito, el Camborio", de Garcia Lorca, lida por Maria Lucia Torres Meneses e Eliane Zagury, 3.º clas. Quanto à parte de "show", estêve muito bom o conjunto Sauer, sendo digna de nota a inovação trazida pelo Mauro com sua flauta.

A coreografia "Aquarela do Brasil" foi muito bem apresentada e estêve ótima no papel principal a aluna Ângela Barbosa, do 2.º clas. cujo talento os colegas já conhecem de outras festas. Quanto ao Orfeão, D. Maria Cerqueira merece os parabéns de todo o colégio.

No domingo, dia 21, tivemos uma festinha dançante. Embora não estivesse boa como se esperava, com algumas falhas da Radiofonia, sentimos que esta fêz o melhor que pôde para dar animação ao "arrasta-pé" dos alunos e ex-alunos.



Cena de "Quem casa quer casa". Foto gentilmente cedida por Hélio Valdetaro.

AVANTE, SETOR TEATRO!

O meu intuito aqui é de participar a vocês o que será feito no setor Teatro do CAp. êste ano. E devo deixar claro que o que fôr realizado será a primeira vez, pois não considero teatro o que foi feito até êste ano.

Sim, meus colegas, mutilar uma peça de um grande autor americano simplesmente para que as crianças possam vê-la não é fazer teatro. O mutilamento é, acima de tudo, uma irreverência ao autor. Já que, estando num colégio, trabalhando nêle, devemos fazer um trabalho ao nível de todos, procuremos com mais paciência, sem pretensões, uma peça boa ao alcance de todos.

Acho também que esquetes, bailados, chanchadas, tudo misturado, não é teatro, e sim "show".

Vontade, gente boa disposta a trabalhar, colaborações de pessoas mais experientes que nós, não nos faltam.

Precisamos de um método de trabalho, de um planejamento, de uma boa direção, e por que não dizer, do apoio de nossos superiores.

Por isso, se tudo correr bem, poderemos dizer ainda êste ano que temos um "teatro amador" no nosso colégio. Um teatro de verdade, coisa boa, bem dirigida e divulgada. Não nos limitaremos a nos apresentar no CAp. Levaremos nosso trabalho a público, e será evidenciado nosso esfôrço.

Peço então aos colegas que não se neguem a nos ajudar. O que ensaiarmos será encenado.

Esperançosos do melhor auxílio que nos será dado, faremos o possível para oferecer senão um teatro de grandes pretensões pelo menos espetáculos sérios que mostrem a todos o nosso empenho em fazer o melhor.

Maria Lucia Torres Menezes

Teatro Moderno Brasileiro em 3 atos

ATO I

Luísa Barreto Leite

produção: Suelly Svartman
cenário: 3.º clássico

O primeiro grito de teatro moderno é em 1936-1937, com a iniciativa de Álvaro Moreira, Eugênia Moreira, Aníbal Machado e outros. Isto, porque o movimento revolucionário de Oswald de Andrade em S. Paulo tinha sido acabado pela ditadura de então. Em 1937, já havia dois movimentos concomitantes: "Os Comediantes" e o "Teatro do Estudante", de Paschoal Carlos Magno. Não foram, porém, movimentos muito bem sucedidos.

ATO II

Maria Clara Machado

produção: Teresinha Pinto
cenário: 1.º A

Comecei fazendo teatro de bonecos. "O Boi e o Burro no Caminho de Belém" foi a primeira peça para ser representada por gente que escrevi. Foi a falta de textos que me fêz escrever. Teatro exige uma técnica especial, uma maneira especial de escrever: a linguagem de palco. Não pode ser descrição, tem de ser ação. Outra coisa que não se pode esquecer é que teatro é equipe. O texto é um dos elementos.

De minhas peças, gosto mais de "O Cavalinho Azul", mas não se pode dizer que seja uma escolha definitiva, porque sempre gosto mais da peça que ainda não escrevi. Não gostei muito de "A Gata Borralheira" depois de encenada. Achei que talvez seja mais para o adolescente que para a criança, por causa da parte crítica à sociedade, o que está acima da compreensão infantil.

ATO III

Oduvaldo Viana Filho

produção: Teresinha Pinto
cenário: 3.º B

Meu teatro é para o povo, para trazer-lhe uma solução. Não amo o povo pelo que êle é, mas pelo seu potencial inativo, pelo que êle poderia ser.

O teatro brasileiro contemporâneo está dividido em duas gerações: a) a que termina, que apresenta a realidade pela realidade, sem maiores preocupações do que dizer: isso existe. (Nélson Rodrigues, por exemplo). b) a geração que inicia, que apresenta a realidade e a solução para melhorá-la (Guarnieri, por exemplo). Além dessa diferença temática, há a tendência e a preocupação de racionalizar mais o diálogo.

"Chapetuba F.C." surgiu do drama do esvaziamento humano. Não gosto dela, porém, porque a acho pouco profunda. "A Mais Valia Vai Acabar, seu Edgard", pela sua comunicação mais densa, é mais valida como experiência.

HENRIQUETA LISBOA NO CAP.

No dia 21 de maio, a poeta Henriqueta Lisboa, cuja obra completa está reunida sob o título de Lírica e que acaba de lançar uma antologia de poesia brasileira e estrangeira para a infância e juventude, veio bater um pouco com o 3.º B, a convite da professôra Teresinha Pinto. Não foi propriamente uma palestra, mas sim um "bombardeamento" de perguntas dos alunos, verdadeiros "monstrinhos" em precocidade literária. A poetisa falou da evolução contínua do poeta autêntico e do direito permanente de pesquisa estética assegurado pelo modernismo. Disse também que a motivação da sua obra lírico-épica está num livro que leu na infância: História da Terra Mineira, de Carlos Góis, que fala do Aleijadinho, Bárbara Heliodora, Tiradentes, etc.

DISC 149
P059

S P A S I B O , B E R I O Z K A

Tivemos a oportunidade de ver, ouvir e admirar o extraordinário Conjunto Coreográfico Estatal Beriozka. O ineditismo de uma técnica tão apurada e cristalizada, de uma coreografia tão espacialmente geométrica, a serviço do folclore, nos causa um efeito de equilíbrio materialmente perfeito. Madame Nadejda Nadejdina é a responsável por êsse sucesso cênico. Por sinal, ela nos declarou ter achado o público brasileiro muito sensível às menores sutilezas do seu trabalho coreográfico — de sua poesia coreográfica, diríamos nós.

Na verdade, poesia pura porque de temática popular, não contaminada por intelectualismos doentios, é a expressão exata. É uma dança líquida que flue pelo palco. O acompanhamento vocal em português espanta muito a platéia brasileira, pouco acostumada a êsse tipo de valorização por parte de companhias estrangeiras.

Na maior parte dos números, a noção de conjunto sobrepuja completamente a atuação individual, não dando, portanto, oportunidade a "estrelismos" perniciosos para a concepção de arte coreográfica.

Entrevistamos o bailarino Anatoli Medvedev:

P — Como se chega a ser bailarino do Beriozka?

R — Depois de terminado o curso secundário, tendo sido comprovados por testes vocacionais o talento e as aptidões, somos encaminhados para o curso de ballet tradicional, de 9 anos de duração. Depois, faz-se 5 anos de especialização no Teatro Bolshoi, onde se escolhe ballet folclórico ou erudito. Os melhores da corrente folclórica são admitidos no Beriozka.

P — Qual das duas correntes de ballet é a mais solicitada?

R — Não há corrente mais solicitada. Há equilíbrio na escolha.

P — O povo soviético está realmente identificado com o ballet?

R — Sim.

P — Como é feita a difusão popular da dança artística?

R — Além das companhias profissionais, há um grande número de amadores que dão espetáculos públicos.

P — Existe um culto nacional em relação à figura de Nijinsky?

R — Não. Nijinsky é muito valorizado pela sua atuação na história do ballet. Mas, todos os grandes valores são igualmente considerados.

P — Vocês ainda consideram Pavlova como a maior bailarina russa?

R — Tradicionalmente, na história do ballet, sim. Mas a maior bailarina russa atual é Ulanova.

P — A URSS oferece bôlsas de estudo para bailarinos estrangeiros?

R — Sim.

P — Como poderia um bailarino estrangeiro, no caso um brasileiro, receber uma bôlsa?

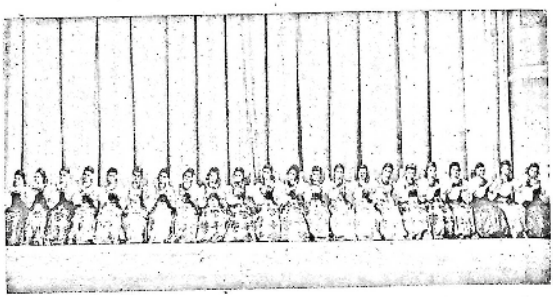
R — Sinceramente, não estou informado a respeito.

P — Há bailarinos russos estudando no exterior?

R — Não. Tenho conhecimento da existência de cantôres russos estudando no exterior; bailarinos, não.

P — Existe na URSS um "centro" de ballet?

R — Não. O ballet está igualmente difundido em tôda a URSS. Há, evidentemente, nas grandes cidades de cada república, um centro cultural maior. Todavia, podemos considerar Moscou e Leningrado como os grandes centros.



Cena do bailado das fiandeiras

P — Quais são as garantias profissionais de um bailarino soviético em caso de acidente?

R — O bailarino soviético acidentado continua recebendo o seu salário. No caso de não poder voltar ao palco, ainda continua recebendo, colocando-se na maioria das vêzes como professor de dança.

P — Está havendo na URSS algum movimento de renovação no ballet?

R — Sempre há tentativas de renovação. Mas não chegam a formar um "movimento", creio eu.

Agradecemos imensamente a Anatoli e sua comunicabilidade dificultada pela diversidade de língua. Agradecemos a Madame Nadejda Nadejdina, ao Sr. Taizline, e ao intérprete que infelizmente ficou no anonimato. Agradecemos à menor partícula que faça parte do conjunto, porque tudo é importante no Beriozka. Spasibo, Beriozka!

O Ballet no Brasil

de Tatiana Leskova, especial para A FORJA

Desde 1945, o Ballet no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, sem esquecer a experiência infelizmente efêmera do Ballet do Quarto Centenário, vem experimentando um desenvolvimento a cada ano mais intenso. Já conta com um público assíduo para os espetáculos de Ballet Nacional, público, aliás, completamente diferente do das Companhias de ballet estrangeiro, e, na maioria, composto de gente jovem que assiste ao ballet pelo seu amor a esta arte, já plenamente entendida em assuntos de ballet, conhecendo os ballets clássicos, apreciadora, pois, do chamado "ballet moderno". Infelizmente, o setor financeiro em que inevitàvelmente se assentam as criações novas tem sido particularmente prejudicado, o que nos impede o desenvolvimento da criação nacional como seria desejado, porém, tenho certeza de que, com as novas diretivas êste ano tomadas no Teatro Municipal, êste problema será, muito em breve, superado.

Nosso Ballet é relativamente novo — uns 30 anos de existência — não constituindo uma tradição como acontece na França, na Rússia e na Itália êste último, país de origem desta magnífica arte, ali em estado de decadência há mais de 50 anos. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, porém, a arte do Ballet se tem desenvolvido consideràvelmente e, note-se, não é mais antiga que aqui entre nós. A explicação para êsse impulso, encontramos no interêsse do público e a ainda intelectual e financeira de particulares, sendo que na Inglaterra há por iniciativa do Govêrno um trabalho de equipe dirigido para um só fim, estimulando criações renovadoras tendo como base uma sólida escola de Ballet.

No Brasil até há pouco, de ballet existia apenas um conjunto exclusivamente para participar de Ballets de Operas, não havendo, dêste modo o necessário interêsse dos dirigentes e responsáveis visando maiores criações, pois que atendiam apenas os eventuais ballets de Opera. Este ponto de vista se vem modificando de vez que os espetáculos de ballet nacional vêm demonstrando a excepcional qualidade dos nossos bailarinos, obtendo cada vez mais sucesso.

O brasileiro é, sem dúvida, bem dotado pela Natureza para a dança como também para as artes plásticas, literatura, música e teatro falado, formas de arte em pleno desenvolvimento do que muito nos orgulhamos pois que podemos competir vantajosamente com quaisquer outros artistas de países onde estas formas de arte nasceram séculos atrás.

O Brasil é um país onde fervilha a criação pelo espírito e natureza de seu povo e creio firmemente que no terreno do Ballet também poderemos brevemente assumir a liderança. Já temos o material humano competente e nossas escolas de Ballet se tornam cada vez mais prestigiosas, mantendo estudo aprimorado, procurando, contudo, adotar um estilo próprio nosso, na nossa dança teatral, inspirado no imenso folclore brasileiro tão rico, como o fêz o ballet russo clássico nas suas danças folclóricas que tanto enriqueceram a técnica do clássico.

Precisamos de tempo e meios pois que a vontade por si só não basta. A arte da dança é uma arte complexa, composta não só de passos técnicos que são apenas um dos meios de expressão, mas sobretudo, na música, como base inicial, tra-

(Cont. na pág. 4)

20-6-62 — Pág. 4

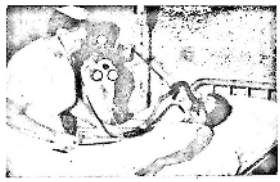
CARDIOLOGIA

CARDIOLOGIA

Não esquecendo a ciência, "A FORJA" escolheu para assunto desta reportagem externa do Suplemento Cultural a cardiologia, assunto êste que na nossa civilização é de grande importância, visto que os males cardíacos causam 50% das mortes naturais, e dessas doenças cardíacas as de maior incidência são a arteriosclerose e a hipertensão arterial (75%).

Para a elaboração da reportagem, a equipe teve a colaboração dos médicos do Instituto Brasileiro de Cardiologia, especialmente o Dr. Aluysio Franchini Mello.

No Instituto Brasileiro de Cardiologia são feitos os diagnósticos dos casos, contando para isso com modernos aparelhos de eletrocardiograma, fonocardiograma e vectorcardiograma (aparelho que registra a ativi- No setor destinado à diagnose, tem-se além das salas para os exames acima mencionados, quatro consultórios e um centro de estudos onde são discutidos os casos aparecidos durante o dia; pois a cardiologia atualmente é antes de mais nada uma especialidade de equipe. Há também um setor de emergência, onde são internados os doentes na fase crítica, há neste setor 5 leitos e 3 médicos, tendo também todos os modernos recursos quanto à assistência do paciente, e modernas ambulâncias. O terceiro setor é o de internação.



Socorros prestados a uma paciente cardíaca

Feito o diagnóstico, às vêzes faz-se necessária a cirurgia cardiovascular, e esta cirurgia exige uma grande inversão de dinheiro, que não pode ser feita por instituições particulares como o Instituto Brasileiro de Cardiologia, e além do mais são pouquíssimos os pacientes que podem pagar uma operação cardíaca; então quem arca com as despesas é o Estado, ou então uma instituição particular bastante poderosa que possa suportar os prejuízos da cirurgia cardisvascular como a Fundação Rockefeller ou outros semelhantes. No Brasil, a parte cirúrgica da cardiologia é feita no Hospital dos Servidores do Estado no Rio de Janeiro, e no Hospital das Clínicas em São Paulo.

O Ballet no Brasil (Cont. da pág. 3)

duzindo idéias literárias, psicológicas e filosóficas, por meio da movimentação do corpo em vez de palavras, envolvida de cenários sugestivos que criam o ambiente e atmosfera necessários. A arte da dança é uma arte universal pois que, dispensando idiomas é compreendida por todos os habitantes dêste Planeta; é uma arte cara que não pode prescindir da ajuda do Govêrno ou de financiadores particulares. Um bailarino precisa de mais horas de trabalho para criações do que um músico que tem à frente as partituras para ler. O coreógrafo não pode criar um ballet sòzinho em casa como o faz o compositor escrevendo a partitura musical. Precisa o coreógrafo de trabalhar ao vivo, com o elemento humano formando grupos, poses e combinações de passos e de ações sôbre a música escolhida de acôrdo com o libreto não se tratando de um ballet abstrato. O tempo é ouro, custa caro, sem falar de uma orquestra completa, de 80 elementos, para os últimos ensaios, sendo tais espetáculos, a meu ver, a forma de arte mais difícil pois que corpo e instrumento devem estar em permanente aprimoramento visando a obtenção do máximo de técnica e expressão. Não se pode relaxar o regime de trabalho do bailarino já em si rigoroso, sendo a saúde de primacial importância.

Os bailarinos são verdadeiros atletas na forma artística, suportando cansaços extremos de trabalhos onde os nervos desempenham papel preponderante. Penso mesmo que a maioria do público não avalia o que representa em horas de esfôrço e trabalho um espetáculo onde tudo parece tão fácil.

Precisamos prestigiar os nossos bailarinos que dedicam ao Ballet uma grande parte de sua vida para oferecer um prazer visual e intelectual a um público que assiste por duas horas a um espetáculo sem se dar conta que estas duas horas custaram às vêzes 200 horas de amor, trabalho e dedicação a êstes artezões da maravilhosa Arte do Ballet.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LIVRARIA

LER

RUA MÉXICO, 31-A

A Moderna Cardiologia

do Dr. Mauro de Freitas Muniz — especial para "A FORJA".

1 — O tratamento das urgências cardiovasculares tem sofrido grandes progressos, em virtude dos numerosos medicamentos novos, mas também pelo treinamento em equipe e por instalações das modernas salas de recuperação, providos de todos os aparelhos necessários para diagnóstico e tratamento, e que funcionam com assistência médica permanente.

2 — Avanços extraordinários estão sendo obtidos na cirurgia cardiovascular. Hoje existem numerosos aparelhos que executam temporàriamente as funções do coração e dos pulmões, permitindo que o cirurgião abra o coração e corrija suas lesões sob visão direta. Atualmente numerosas cardiopatios congênitas e adquiridas encontram no tratamento cirúrgico sua solução ideal.

3 — No campo da medicina social, a profilaxia das lesões cardiovasculares decorrentes da sífilis e da febre reumática também tem apresentado progressos dignos de nota. Nos centros em que isso tem sido levado a sério, a incidência de cardiopatias reumáticas e sifilíticas tem diminuido significativamente.

4 — Não se considera mais a arteriosclerose uma consequência inevitável da idade. Diversos estudos epidemiológicos, clínicos e experimentais têm demonstrado que a arteriosclerose é doença degenerativa que sofre influência de diversas causas e apresenta importante relação com o metabolismo das gorduras. Em todos os centros de pesquisas, os médicos têm procurado estudar os meios preventivos da afecção em causa. A orientação atual é de se procurar ver, em cada paciente, quais fatôres que são capazes de provocar a doença e combatê-los de forma orientada, quer através de medidas higiênico-diztéticas, que através dos numerosos medicamentos hoje disponíveis.

5 — Em relação à hipertensão arterial, os resultados positivos das investigações têm tido êxito em dois campos: no do diagnóstico e no da terapêutica. No diagnóstico, em virtude dos inúmeros métodos existentes para diagnosticar com precisão as causa da hipertensão em muitos pacientes; e no terapêutico, em razão dos numerosos preparados altamente eficientes que têm aparecido nos últimos anos.

Disc 146
P054

20-6-62 — Pág. 5

A FORJA

Rua J. J. Seabra, s/n.
Tiragem: 650 exemplares.
Ano VII n.º 1

Diretor-Responsável:
Eliane Zagury

Tesoureiro:
Gil Soares Júnior

Redator-Chefe:
Teresinha Pinto

Repórter-Chefe:
Marcelo Nogueira Cruz

Assessor Técnico:
Sérgio Jacques Flaksman

Agradecemos a colaboração de Marcos Flaksman, Silvio Rocha, Hélio Valdetaro, Tatiana Leskosa, Dr. Mauro de Freitas Muniz e Dr. Aluisio Franchini.

Homenagem

Sotaque Carioca

Mineirinho que não gosta nem de correinha nem de balas, o moço nasceu. Foi então que lhe ensinaram:

"Magnum tapete est lex
Deinde use gumex"

E o menino obediente não esqueceu. Tem o cabelo mais penteado do CAp. Também não deu trabalho quanto à alimentação: tomou os suas mamadeiras; os seus mingauzinhos regulares, e nunca deu as vitaminas e o cálcio para o gato. Por isso, dizem que êle é gordo. Mas está errado: todo gordo que ri é gordinho. O gordinho mais simpático da História. Que não é marquês nem general, mas advogado, professor e criador de galinhas.

Cigarrinho de palha, Rossini, Guimarães Rosa e molecagens dos garotos — domingo intelectual. De vez em quando, uma praiazinha. No mais, Marquês de Pombal, mercantilismo, fisiocracia, shogunato e Caio Prado Júnior. Os trabalhos de pesquisa são originais: "A História Psicológica dos Galináceos no Brasil", "O Estudo da História por Processos Químicos de Análise".

Dono de um famoso Atlas Histórico, dono de uma não menos famosa pasta preta que traz as provas (não menos negras), a estas alturas, já estará franzindo o nariz em altitude de menino um pouco arrependido. Assim é o ôlho histórico mais penetrante do século. Tão penetrante que descobre até o que os antigos pensaram e não escreveram. Enfim, o "magister" é dos bons, dos que enxergam longe e bem. Não é dos que ficam na superfície. É análise do mundo que foi e do mundo que é. Não é Werneck, é Wertudo.

Programa do Cine-Clube da Caixa Escolar para 1962

Venho, por intermédio desta coluna, apresentar o programa que nossa equipe planejou para o corrente ano.

Ofereceremos uma série de dez filmes, pois, infelizmente, não nos foi dada permissão para mais. Êsses filmes deverão ser encarados como cinema de arte e não como "cineminha de graça" com o único objetivo de passar o tempo. Haverá em "A Forja" uma seção especial para o Cine-Clube, onde se publicará uma crítica do aluno. Para que isto seja conseguido, esperamos colaboração de vocês. A crítica deverá versar sôbre algum dos filmes por nós apresentados. Na mesma seção publicaremos notícias sôbre cinema, tais como: próximos lançamentos, fichas técnicas de filmes, etc, além de uma pequena história do cinema.

No mural do Cine-Clube poderão ser encontradas notícias relativas a cinema, bem como uma crítica semanal a alguns dos filmes em exibição nos cinemas do Rio, além de uma recomendação sôbre os mesmos.

Finalizando, quero dizer mais uma vez que precisamos de muita colaboração dos colegas para fazermos o que planejamos.

Julia Celso Ramos

CONVERSO COMIGO MESMO

José Maurício Gradel

É um bom passatempo. É também uma espécie de alívio. Não é uma conversa formal, metódica, e sim um bate-papo entre amigos, o José de fora e o José de dentro, o José corpo e o José alma, eu e eu.

Falamos sempre de assuntos variados, mas sempre tocamos em um assunto mais grave, que preocupa o Zé de dentro e que foi praticado ou sofrido pelo Zé de fora.

O Zé de dentro não é parecido com o Zé de fora; nem um pouco. Deve ser esta a causa do ditado "as aparências enganam" e "quem vê cara não vê coração". Fiz um outro ditado, que serve sòmente para os Josés do mundo: Quem vê Zé não vê o Zé.

Mas, como ia dizendo, falamos sôbre futebol, praia, cinema, escola, provas, notas (e que notas...), família, etc...

É uma estranha sensação esta que temos ao ver que o "consigo mesmo" é um outro Zé, uma outra pessoa, uma consciência.

Tenho que acabar esta redação, pois o Zé de dentro está me chamando para uma "conversinha" (sermão) sôbre a última prova de Português.

— Está bem, Zé. Estou indo!!!...

A UMA CIRANDA DE VILLA LOBOS

Luiz Guilherme R. Horta

Parece samba
mas é canção
parece feia
mas é linda
parece bruta
mas é meiga
parece indecente
mas é decente
parece Terezinha do Diabo
mas é Terezinha de Jesus.

Essa Gente Fala...

Nosso colega Luis "montanha" Moacyr está de parabéns pela sua sociabilidade. Realmente, o rapaz faz questão de acompanhar religiosamente o período de integração no colégio de uma certa lourinha do 2.º ano.

* * *

Contam que uma certa professôra de Português recebeu o apelido de "Mamãe Sabe Tudo" por parte de seus alunos. Quem será?

* * *

O Marcos Dantas bem merece participar da radiofonia. Pelo seu espírito de "continentalidade". Realmente, não há conferência, cursinho, concêrto, ballet, teatro, a que o menino não compareça.

* * *

Êste ano, o CAp está sofrendo de uma doença coletiva: a doença do sono. E não apenas às segundas-feiras. Qualquer dia. Foi por isso que a D. Balina entrou na sala com um enorme despertador.

* * *

Ouvi dizer que o 3.º clássico vai abrir uma listinha por todo o colégio, com o fim de suprir certas necessidades primárias que estão sendo descuidadas. Parece que começa assim: um pente para o Felipe, um relógio para a D. Suelly, óculos para a Isolda, um caderno de caligrafia para o Odylo Pimentinha, etc... Queiram colaborar.

Aliás, certas meninas dessa turma resolveram sofrer de amor naval. Uma delas, então, quando vir o filme "Cid, el Campeador" verá subitamente o Charlton Heston transformado em guarda-marinha espanhol. E a sua épica-lírica será camoniana:

"Irme quiero, madre
A aquella galera
Con el marinero
A ser marinera."

Aah! Maria Bonita espanholizada!

* * *

Agora, "stop".

Aurélia (isto é, AORELHA)

P.S. — Parece que alguém muito bisbilhoteiro foi mostrar o conteúdo da coluna para a D. Suelly. O fato é que agora ela vem de relógio todo o dia e ainda varia, para mostrar que tem até dois. Se isso funcionasse em relação à letra do Odylo e ao cabelo do Felipe...

Dicionário Capiano

Prof. Assado de Machis

Expressões do verbo ser:

Ser artista é bolar piadas iguais às da Isolda.
Ser complacente é acreditar no Júlio Celso.
Ser milionário é comprar no "seu" Afonso.
Ser mudo é discutir com o Paulo Henrique.
Ser paciente é esperar pelo alambrado.
Ser profundo é gostar de Clarice Lispector.
Ser puxador é pegar carona com a D. Beatriz.
Ser realista é enfrentar o banheiro do Cap.
Ser surdo é não ouvir a risada da Socorro.
Ser tapado é não assistir ao cinema do Cap.

"A F. E. B. - Pelo seu Comandante"

Do Marechal Mascarenhas de Moraes

Acaba de aparecer, revista e ampliada, a segunda edição dêste livro, o mais importante documento sôbre a ação do Brasil na segunda guerra mundial, em que o seu autor — MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES — com a autoridade de quem exerceu além-mar o comando-em-chefe das fôrças brasileiras, oferece ao país e ao mundo, uma narrativa fiel e autêntica dos gloriosos feitos de nossos soldados junto a seus aliados nos campos da Itália.

Farta documentação, mapas coloridos das principais etapas, nítidas fotografias, reprodução abundante de documentos idôneos.

Volume de quase 500 páginas, impresso em ótimo papel Cr$ 250,00

LIVRARIA SÃO JOSÉ — Rua São José, 38 — Rio

Remetemos livros para todo o Brasil pelo Reembôlso Postal e contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado. — No Rio também entregamos a domicílio. Pedidos pelos fones: ..... 31-0555 e 31-0954.

BENNETT: "QUEM CASA QUER CASA"

O grupo de teatro dos alunos do CAp apresentou-se em 9 de junho, no palco do Colégio Bennett com o mesmo espetáculo que havia encenado na festa do nôsso XIV.º aniversário: "Quem casa quer casa", de Martins Pena. Embora o público fôsse reduzido, a renda que não deu para cobrir os prejuízos com a festa de aniversário, foi dividida entre os dois colégios. "A Forja" agradece a colaboração de D. Iracema, que cedeu o auditório do Bennett e a D. Glória diretora do Grêmio Filantrópico.

BALÃO VERMELHO

Foi por nós apresentado 5.ª feira, dia 7 de junho, o filme de Albert Lamorisse, Balão Vermelho.

O filme nos conta a história de um garôto que possuía um balão e o perde...

Quem viu êste filme deve ter se lembrado imediatamente do "Pequeno Príncipe" de aint Exupéry. Isto porque a singeleza da apresentação, a aparente ingenuidade do tema e a poesia do enrêdo, aproximam, sem dúvida alguma, êstes dois artistas.

Finalizando esta apreciação podemos dizer que Lamorisse é o Saint Exupéry do cinema.

10

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 147
EDIÇÃO: A Forja (Ano VII, nº 2)
DATA: 29/9/1962



No primeiro artigo deste número, *Encontro com o CAp da UMG*, são mencionadas as condições físicas e a organização do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais. Em *Parabéns, prof. Mattos!*, os alunos o parabenizam pela sua defesa de tese para a cátedra vitalícia de Didática na FNF. Ainda na capa, A Forja publicou uma matéria "em defesa de nossos colegas africanos" recém-chegados ao Brasil, que sofreram racismo em Minas Gerais. Além disso, neste exemplar foram noticiadas as atividades realizadas durante a festa junina do colégio e a excursão feita a São Paulo. No tocante às artes, há artigos sobre o barroco brasileiro, a pintura contemporânea e a música erudita, além de uma crônica literária e de um poema em francês escrito por alunos. A equipe de reportagem visitou, ainda, o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas da Universidade do Brasil.

Encontro com o CAP da UMG

A Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais possui um Colégio de Aplicação, situado à Rua Carangola 288, no bairro de Santo Antônio, um dos mais altos e elegantes da cidade de Belo Horizonte. É um prédio anexo à Faculdade, cujas instalações novas são moderníssimas. As condições físicas do Cap, contudo, são bastante precárias. Apesar dos seus poucos alunos (cerca de 130 ao todo), está sendo construído um anexo para as novas turmas de ginásio. Mais tarde, o prédio será demolido e construído em seu lugar um outro mais confortável e moderno. Há uma biblioteca pequena; mas não há laboratórios próprios: utilizam-se os da Faculdade, quando possível. Não há campo de esporte, e a E. física, como a Educação Física, no plano do colégio, quando não há acúmulo de material de construção.

O Cap. da UMG funciona em dois turnos: de manhã e à tarde, com 15 turmas de cerca de 30 alunos. São 8 turmas de ginásio (2 à tarde) e 5 à tarde); 4 turmas de científico (todas de manhã) e 2 turmas de clássico (também de manhã).

Um aluno do 3.º científico, José Wenic, gentilmente se prontificou a nos dar uma entrevista.

(Continua na pág. 2)

VOCÊ GOSTA DE MÚSICA?

— leia na pág. 5



Momento da Entrevista com D. Maria

PARABÉNS, PROF. MATTOS!

Foi com grande satisfação que pudemos assistir, no dia 15 de junho, à defesa de tese, para a cátedra vaga, feita de Didática da FNF, do nosso diretor, Prof. Luis Alves de Mattos. Foi este o último de suas provas, o mais esperado e não desmentindo a expectativa, o mais brilhante. Candidato único, o Prof. Mattos obteve a nota 10 por unanimidade. Notou-se que a maior parte da banca deu-lhe 10 em todas as provas, fazendo com que sua média final fosse 9,8. Constava a banca do Prof. Geminiano Pacheco (catedrático de Didática da Universidade do RGS), Prof. Aroldo Lisboa de Oliveira (UMG), Prof. Pe. Geminiano Vivaldo de Castro (PUC) e Profs. José de Faria Góes Sobrinho e Dycar Lima Menezes, nossos colegas da FNF.

A FORJA acompanhou de perto as provas e aproveita a ocasião para felicitar mais uma vez o nosso diretor.

A FORJA

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS DO CAP. FNF.

EM DEFESA DE NOSSOS COLEGAS AFRICANOS

Alguns dos alunos do Cap. que, no seu interêsse cultural, estavam fazendo um curso de conferências sôbre a África, pelo Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, sediado no Ministério da Educação e Cultura, foram apresentados pelo Prof. Joaner Pinheiro da Silva a alguns estudantes bolsistas africanos recém-chegados aqui. Alguns dos mais tarde, o nosso confrade professor-sambista Maurício Silva Santos trouxe os nossos estudantes africanos para conversarem com seus alunos do 3.º científico e 3.º clássico (turma da qual é paraninfo, aliás). O ambiente foi de extrema cordialidade e simpatia de ambas as partes, havendo até pequenas de trocar lições de dialetos africanos e gíria carioca. Vocês não os estão lembrados dêles: Celete Dabiou, do Senegal; Fashina, da Nigéria; e Christophe Moraes, de Cabo Verde.

Foi com bons e agradável que tivemos conhecimento de uma série de fatos desagradáveis e ilegais que lhes aconteceu com êsses nossos colegas. Imaginem que, como bons estudantes, Celette, Christophe e um outro colega que não tivemos a prazer de conhecer aqui, Fidélis Cabral, tiveram a idéia de visitar as nossas cidades históricas de Minas. O hotel recusou-lhes os quartos no Brasil Palace Hotel de Belo Horizonte. Ao chegar lá, porém, o Sr. Perrin, gerente do casa, proibiu-lhes a entrada por serem negros.

Não entrando sequer no mérito do que foi determinado o Sr. Afonso Arinos (que mandou com que se puna severamente os atos que demonstrem preconceito racial, ou no próximo de haver sido prévia de reserva do próprio interessado), queremos lembrar que Celette, Christophe e Fidélis, assim como tantos outros, são hóspedes do governo brasileiro e seus bolsistas. Porém, muito mais do que combater e desobedecer as conveniências legais, queremos nós, nesse de A FORJA (e assim estamos convictos de que nossos colegas todos nos apoiarão de inteiro), mostrar o nosso repúdio a coisas desse tipo que envergonham não só o nosso país e o nosso povo, mas sobretudo o homem, em geral. Queremos dizer a vocês, Celette, Christophe e Fidélis — não que somos liberais e não temos preconceitos, não que somos tolerantes e não temos preconceitos, mas que somos sêres humanos como vocês, jovens como vocês e estudantes como vocês.

NESTE NÚMERO

Para onde vai a Pintura Contemporânea? E o que nos diz Frank Schaeffer na pág. 3.

O maior Centro de Pesquisas Físicas da América Latina é no Brasil. Leia na pág. 4.

No 1.º B se fez poesia na aula de francês, leia na pág. 4.

José Fernando conta o que foi a excursão do 4.º C na pág. 2.

Encontro com o CAP da UMG

(Conclusão da pág. 1)

P — Quais são as atividades extra-curriculares de vocês e como são organizadas?

R — Nós temos o Grêmio (Diretório Estudantil do Colégio de Aplicação) que organiza as atividades de imprensa (revista e periodicidade associativa), Teatro Esporte (competições e campeonatos intercolegiais) e Sociais (festas, jantares, etc.).

Há também um Clube que é a responsável do Grêmio, mas que só apresenta filmes de 8 em 8 meses, mais ou menos. Nessas atividades há muita participação do Colegial, por uma questão grande da parte do ginásio. No ano passado, tentamos formar um coral, mas não foi para o Ginásio. Não sei dos colegiais.

P — Quais as relações entre alunos, professores e licenciandos?

R — Nossos professores, em geral, participam muitas das atividades do Grêmio, sendo o ambiente muito cordial. Com os licenciandos, porém, nossa relação é pouca, talvez por uma atitude de prevenção de ambas as partes, principalmente do aluno.

P — Qual o resultado do estágio de vocês?

R — O regime de estágio varia de professor para professor. A diretora nada constando, restando a ela do estágio dirigido e trabalho de grupo completado com reuniões semanais de professores.

P — Qual a situação da Orientação Educacional no Cap da UMG?

R — O SOE não pode dar conta de tudo o serviço, porque lá apenas duas orientadoras para todo o colégio sendo que atualmente só há uma, porque a outra está em viagem de bolsa de estudos. O SOE faz a orientação psicológica, pessoal e profissional em particular.

A FORJA

congratula-se

com o

brilhante corpo

do Jornal Mural

Parabéns!

FESTA JUNINA

Seguindo a tradição dos anos anteriores, tivemos no nosso colégio, também, nossa festa junina. Como de costume, a quadrilha e as danças foram apresentadas pelos alunos do 1º ginasial.

Tivemos depois dois jogos de futebol. No primeiro, jogaram 3º ano x 2º ano, vencendo que o último venceu por 3 a 1. No segundo, o último venceu por 3 a 1. No segundo, jogaram 3º ano x 1º ano, vencendo que

SUPLEMENTO CULTURAL

O BARROCO BRASILEIRO



O produto foi eficientemente raptado de Congonhas pela equipe de A FORJA na porta de uma igreja de S. João Del-Rei

Aparentemente, o "quadrilátero ferrífero" mineiro é uma zona de contrastes. Ouro e ferro, Aleijadinho e Niemeyer, Portinari e Mestre Ataíde. Duas épocas que se chocam, mas dois ciclos de mineração que produzem uma arte. A viagem de S. M. a Sabará é de pouco mais de meia hora. No entanto, a distância é de quase dois séculos.

Qual será o ponto de contato entre a capela de São Francisco de Assis, de Niemeyer e Portinari, e as igrejas de São Francisco de Assis, de Aleijadinho e Mestre Ataíde? São elas abrasileiradas no gênero e cumprem da História da Arte. Propiciadas, sem dúvida, por uma temática sério, não sofrendo do alienismo artístico da "pura" especulação estética. Para que haja o artista em plenitude de estilo, é necessário que haja o homem em plenitude de convicções, sejam quais forem. Porque apenas a arte condicionada a certos distritos de pensamento tem finalidade. Senão, a "forma de expressão" perde o "expressão" e fica sendo apenas "forma". Há ainda um outro ponto de contato: assim como a maior parte dos nossos "modernos" compreendeu que só é possível fazer a Arte com vivência própria, sendo portanto o Modernismo algo nacionalíssimo — Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, possui uma identidade marcante, contrastando fortemente com o barroco europeu. No verdade, o seu barroco não é requintado, possui antes o preconceito de muito sensível, a personalidade de colônia americana, em contraste com a literatura dos poetas da Arcádia. É antes "o gótico do clima de Aleijadinho" imerso de conflitos humanos e sociais "que toma forma plástica". De fato, aparentemente anacrônico, a formação artística do mestre vinha dos velhos álbuns barrocos portugueses ou de livros da biblioteca dos conventos a serviço dos quais trabalhou. O estado de colônia propiciava ainda menos a chegada aqui das renovações estéticas extra-literárias. Há ainda mais um ponto de contato entre o artista mineiro e Portinari: as deformações. Na verdade, mais uma vez impondo a sua sensibilidade às convenções de "perfeição" estética, temos as figuras desgraciosas e "feias" dos retirados romeiros na "Via Crucis", contrastando com um Cristo visivelmente mais humano e plástico nos mandamentos, porém, hoje vistos também o erotismo e o movimento.



Igreja do Pampulha. No detalhe a mural interno

Para onde vai a pintura contemporânea?

Ida pelo Frank Schaeffer especial para A FORJA)

Do início, afigurem-se no panorama atual da pintura duas correntes estéticas: as abstracionistas e outras de tendência mais moderna que se opõem aos outros, fazendo uma pintura mais despojada, usando um mínimo de material e um mínimo de efeito, para salientar a expressão. Fazem parte desta corrente, a pintor americano Motherwell e o pintor inglês Scott — dos brasileiros, Volpi e Milton da Costa.

Na minha opinião, o Abstracionismo limita muito o artista. Na verdade, este nada justificado de representar o real para não cair no academicismo "clássico" vai paradoxalmente se constituir numa nova forma academicista. E o que se tem visto são repetições e mais repetições.

Não se pode saber se o novo corrente vai ser bem sucedida ou não, mas representa uma reação contra o esquecimento da mensagem em favor da técnica formal fria e calculada, que prefere mais decoração do que Arte. Por outro lado, o problema de "épater les bourgeois" tem sua razão histórica, o seu momento, após o primeiro grande guerra. Não há mais razão para essa procura de elementos fora da pintura como libertação. E a verdade é que os grandes pintores do século XX são bastante despojados de efeitos, como por exemplo, Matisse ou Picasso.

Atualmente com a morte de três dos nossos grandes figurativos — Goeldi, Portinari e Guignard — a maioria dos nossos pintores é abstracionista. No entanto, chegam-me notícias de fontes autorizadas de que na Europa há cada vez maior número de pintores figurativos.

É muito difícil prever os rumos da Arte. Penso, porém, que não há Arte sem mensagem. A forma fria e calculada, a Arte puramente cerebral, não abrange por completo o espírito do homem — daí o declínio do concretismo. A Arte não pode ser superficial — ela deve sempre trazer mensagem, ainda que por vários meios diferentes. Particularmente não sou um anti-abstrato, apenas não faço abstracionismo, e creio que dependendo do tipo de mensagem ela poderá ser expresso pelo Abstracionismo ou pelo Figurativismo. Tudo depende da necessidade da cultura-ambiente que determina em grande parte o artista. Pelo despojamento, creio que se chegará a um ponto em que as diferenças entre o figurativo e o abstrato serão muito sutis. Haverá apenas o problema do homem dar uma resposta à realidade circundante ou em não criar algo apenas semelhante a ela.

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS



A equipe de reportagem examina o acelerador de electrões

Tivemos ocasião de visitar o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas da Universidade do Brasil, situado no terreno da Reitoria, na Avenida Pasteur.

Pudemos entrar em contacto com o Centro através da colaboração dos alunos do Núcleo de Física do nosso Faculdade Nacional de Filosofia.

O Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas é um dos maiores centros do mundo na especialidade, em nada fi-cando a dever aos estrangeiros. Ali são estudados vários assuntos, como: física nuclear, eletrônica, estados sólidos, etc. Sua biblioteca especializada é a mais completa da América do Sul, apesar de ter sido destruída pelo fogo, juntamente com todo o pavilhão, em 1959. Mantém intercâmbio de livros e revistas com todos os centros físico-químicos do globo. A quase totalidade dos livros e publicações que possui são escritos em inglês, alemão e russo, língua que atualmente tem aumentado muito de importância na ciência.

No setor de física experimental vimos uma aparelhagem de rádio astronomia, que estava captando emissões do Sol. Há também um acelerador de electrons em fase de conclusão, faltando apenas a proteção contra irradiações.

No setor de estudo e estado sólido, estão aperfeiçoando uma pequena peça que substitui o tubo condutor de contador Geiger.

No Centro, também fabricam os aparelhos: vimos um espectrômetro e um medidor de retração.

No setor de microscopia fazem-se emissões de chapas que "fotografam" o movimento das partículas atômicas por meio de uma emulsão especial para esse fim. Curioso é que esse ensino microscópico é efetuado somente por mulheres, pois está provado que só elas têm capacidade de manter-se concentradas durante quatro horas numa mesma coisa.

Além da experimental, estuda-se no Centro, a física teórica, fazem-se seminários com professores brasileiros e estrangeiros, dão-se cursos, etc.

A direção científica do Centro está a cargo do Prof. Leite Lopes, e até o momento somente o Prof. Jaime Tiomno, o Prof. César Lattes, todos três professores da nossa F.N.F.

Queremos agradecer a todos que nos permitiram visitar o Centro de Pesquisas Físicas e, principalmente, a colaboração do estagiário Roberto Argolo que muito gentilmente nos cedeu uma hora livre, colaborando com a ausência para que pudéssemos publicar essa reportagem.

A todos o nosso Muito Obrigado.



Esta é a aparelhagem de Rádio Astronomia

PROCURE NAS LIVRARIAS OS VOLUMES DA COLEÇÃO DA JUVENTUDE

Histórias Maravilhosas (Alexandre Dumas)
Aventuras de Tartarin de Tarascon (A. Daudet)
Os Últimos Dias de Pompéia
Os Cavaleiros da Távola Redonda
As Mais Belas Histórias da Bíblia (Monteiro Lobato)
O Mágico de Oz
A Ilha do Tesouro (Robert Louis Stevenson)
As Mais Belas Histórias da Mitologia
As Cruzadas — o Romance da Idade Média
A Guerra dos Cem Anos
Histórias da Terra e do Homem
Caçadores de Tesouros — O Romance das Escavações
Noventa e Três (Victor Hugo)
Ivanhoé (Walter Scott)
Rob Roy (Walter Scott)
Livros famosos adaptados especialmente para os jovens.

Edições da Distribuidora Record

A FORJA

Rua J. J. Seabra, s/n.

Tiragem: 650 exemplares

ANO VII — Nº 2

Diretor-Responsável:
Eliane Zagury

Tesoureira:
Gil Soares Pinto

Redator-Chefe:
Terezinha Pinto

Repórter-Chefe:
Marcelo Nogueira Cruz

Assessor Técnico:
Sérgio Jacques Flakman

Agradecemos a colaboração de Joel Weiss, Frank Schaeffer, D. Josefina Lacaze Ruiz e Roberto Argolo

L'HIVER

Eleonora Albano

Maintenant le ciel est gris,
Il n'y a pas de fleurs,
Il n'y a pas de poésie...
Nous sommes en hiver!...
La neige tombe, la terre est blanche
Tous les jours sont laids
Lundi, mardi, mercredi ... dimanche.
Il fait froid
Le soleil ne brille pas
Les jours sont courts,
Et la nuit n'a pas d'amour



28-8-62 SUPLEMENTO CULTURAL Pagina 3

Você Gosta de Música?

1) Porque é que infelizmente o estudante brasileiro detesta música erudita?

2 — A orientação de uma educação musical exige certo preparo ou pelo menos educação fundamental. Havendo ao lar ambiente favorável à música e pessoas com a orientação adequada nas escolas pode demonstrar interesse, além por deles cruéis. Em conjunto uma Orquestra de 8 anos que liga o receptor para ouvir Mozart, Villa-Lobos e revela ate certa preferência por J. S. Bach. E preciso ressaltar que uma criança é adestradora de sonata, fuga, etc.

3) E qual seria o caminho mais adequado para a educação musical?

3 — O ensino do Canto Orfeônico tem aplicação a um campo coletivo. Não acreditar que se obtenham bons resultados na pessoa após de estudo. Educação musical tem que ser feita "a longo prazo", ou seja, com 7 anos de Colégio ainda que isso tem nada por sessão do 2.º ciclo, e, por favor, sem nota. Não ser a musical. As fases do curso o jovem sentir-se-á à vontade para certo e saber saber, até compreender e criticar as manifestações artísticas no terreno da música e demais artes.

4) Por que razão a Sra. colocou as artes demais artes?

4 — As finalidades do Canto Orfeônico comportam um passo mais amplo do que despertar o coletivo o interesse pelo folclore, orientação de vocalização, o interesse pela música. E um dos seus objetivos a educação estética por intermédio da música, tendo os jovens ao fim do curso condições para sentir, respeitar e criticar uma obra de arte no terreno da música, pintura, escultura, etc.

5) E porque a despeito de estudo de Canto Orfeônico, o estudante não se interessa por música?

5 — Marcelo, vc seu produto do Canto Orfeônico. O estudante se interessa pela música que ele está à altura de sentir. O que acontece é que ao professor de Canto Orfeônico, em geral, falta tempo, número de aulas suficiente, extensão do curso, ambiente, o material necessário. O seu trabalho é incompleto. Ele só realiza a primeira etapa. Em geral quando o aluno chega à 4.ª série é que revela interêsses por música. E aqueles do CAp., o ensino vai só até a 3.ª série. As mesmas condições quanto ao material são regulares em relação às pessoas da maioria dos colégios. Graças à Cadeira Escolar, temos uma vitrola, um certo número de discos, uma discoteca pobre e um plano modesto. Assim, eu diversos do grande musicólogo Renato Almeida quando disse a "Folha" que os professores só conseguem fazer com que o aluno não goste de música. É preciso sentir e gostar será pode sentir sem haver vibrado.

6) Não acha que o ensino como atividade pessoal realizada no CAp. é insuficiente?

6 — Perfeitamente. Sempre foi meu desejo fazer outras atividades no Colégio. Se não as faço é por falta de oportunidade, pois, não sendo professora de outra classe, não disponho de local horário ou para variar as atividades nas classes. Tenho feito ultimamente o Orfeão que considero um grande trabalho de equipe. A atual diretoria do "setor musical" da Cadeira Escolar pretende fazer conjuntos instrumentais e versão de música popular e erudita brasileira e estrangeira, banda, conjunto de percussão, audições comentadas etc.

Pelo nosso entrevista, Marcelo, um concerto aos pontos do 2.º ciclo para participarem do Orfeão do CAp. e aprender para lecionar que talvez como musical. Para os grupos e que o deixa sem contratempos marcantes. Sem dúvida, é a via humana e mais belo instrumento musical e o canto em conjunto o mais sublime conquista que se pode obter.

Mas abraço a todos os Capianos.

Marta de Cerqueira

HOMEM + A + GEM
– O + L' + V + AR

É uma equação matemática. Mas como foi criada por um homem como não os há no face da terra, é equação monomática.

Trata-se de um poeta Prugônico ou Omni Kosônico que está sempre atrás dos fugitivos geométricos. É um poeta risonho, meio gordo, com o mar de sua temática nos óculos ray-ban.

Dizem que ele está à cata do infinito. Na verdade, ao sua travessia alexandrina o álgebra e problema divisionário, final, ultrapassada. Quanto à geometria, "elementar, meu caro Watson". É de elementares em elementares, os Watsons vão penetrando no vocábulo do Sherlock, se embriagando na fumaça do sabedoria saturnina.

Infelizmente, o geômetra mudou de observatório. Seus ex-aprendizes fazem-lhe esta homenagem, na promessa de desenvolverem seus empreendimentos na medida do possível.

Obrigado, Prof. Oliveira! A passagem de um cometa, pela vaidade, apesar de breve, sempre deixa marcas.

EU OUÇO...

Jorge Portugal

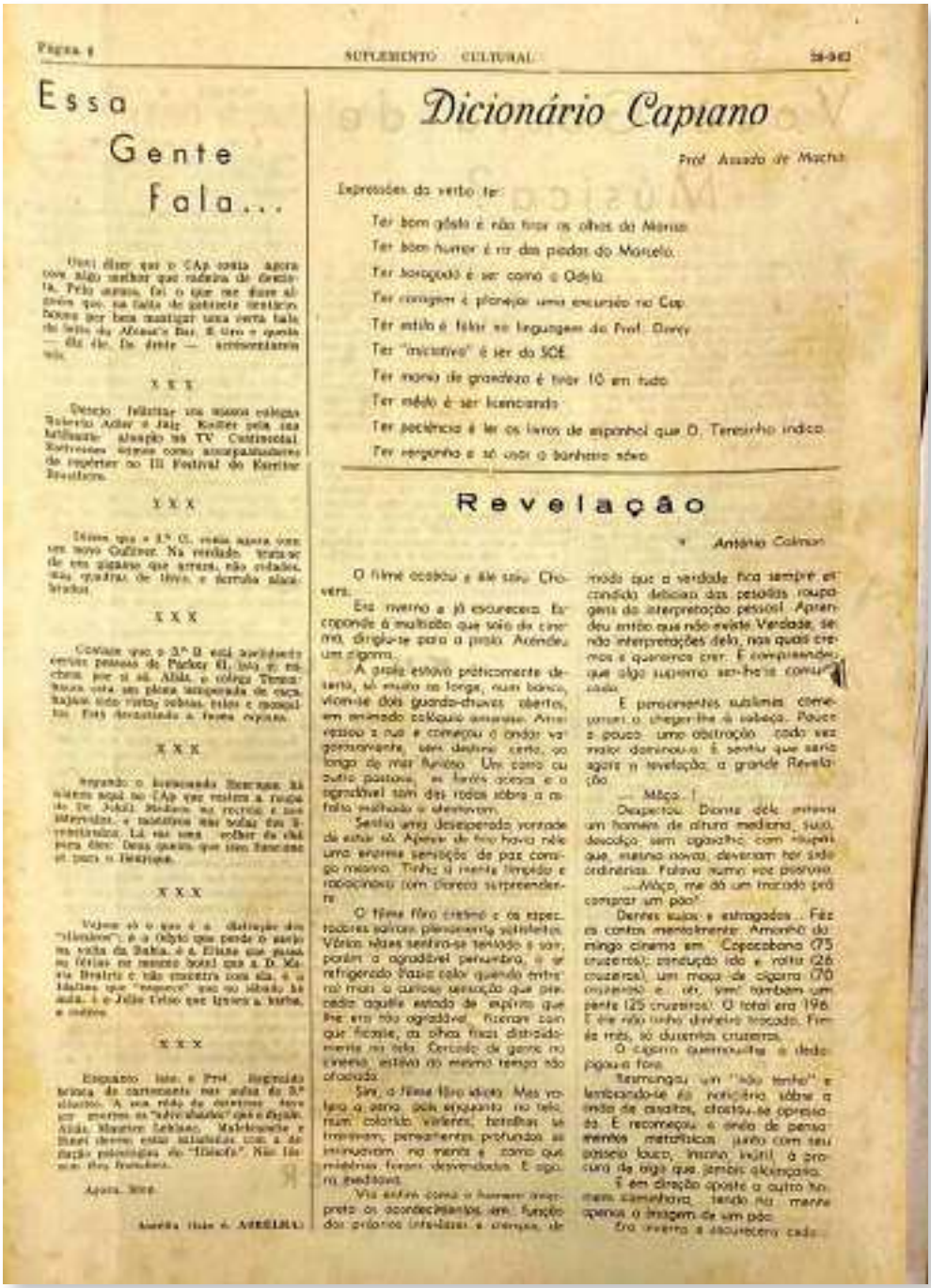
"Eu ouço ao longe o barulho das ondas, o piar dos pássaros, o ruído dos ramos agitados pela leve brisa". Assim disse um romântico do século passado inspirado neste título. Naqueles tempos, ele só tinha mesmo, para ouvir, os ecos, os pássaros, os ramos e o vento. Mas o homem progride, e muitos aparelhos de fazer barulho ele inventou, que o que eu ouço é um pouco diferente.

Neste momento, o que escuto é um disco antigo que os vizinhos estão tocando na rotação errada, um aparelho ou um gerador chato (não sei ao certo) marulando furiosamente, um locutor apaixonado tentando ultrapassar os buzinas da rua e o barulho consequente, crianças berrando (creio que os estão estrangulando), e por incrível que pareça, escuto o piar dos passarinhos. Mas estes, são passarinhos modernizados, engaiolados, refundidos para piar de 10 em 10 segundos e que comem alimentos concentrados, esterilizados, enclausurados e importados.

Eu tenho pena do meu cérebro que tem o trabalho desagradável de selecionar tôda esta barulheira. E chego a invejar os meus "semelhantes" anestesiados, que não tinham vizinhos chatos, máquinas infernais e pássaros martirizados, para escutar.

E me desespero, pois os vizinhos resolveram aumentar o volume do rádio, o garôto chato arranjou um amigo para ajudá-lo a martelar, o louco da locação velha enguiçou e está tocando sózinho, ainda não consegui-ram estrangular as crianças que berram, o papagaio da casa ao lado está discursando, o seu companheiro (um baixo emplumado) está latindo, e eu estou com uma dor de cabeça...

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
LIVRARIA
LER
Rua México, 31-A



Página 6 SUPLEMENTO CULTURAL 28-9-62

Essa Gente Fala...

Ouvi dizer que o CAp resta agora com algo melhor que rodeira de dentista. Pelo menos, foi o que me disse alguém que, na falta de gabinete dentário, bateu por bem mastigar uma certa bala de leite do Afonso's Bar. E teve o queixo — diz ele, lá deste — arrebentado pela.

X X X

Dizem felicitar os alunos colegas Roberto Adler e Jaig Koifler pela ótima brilhante atuação na TV Continental. Sortessem agora como acompanhadores de repórter no III Festival do Samba Brasileiro.

X X X

Dizem que o 3º G. vem agora com um novo Gulliver. Na verdade, trata-se de um pigmeu que arrasa, não cidades, mas quadras de ônibus e derruba alucinados.

X X X

Contam que o 3º B está sofrendo certas pressões de Pacheco El, pois o recebeu, por si só. Ainda o colega Tereza Souza vem um pleno temporada de cuspe. Sujou toda rotina sobras, bolos e mongolos. Foi devastado a fome negrão.

X X X

Segundo o humorado Henrique da Silveira aqui no CAp que vestem a roupa de Dr. Jekil. Modesto no recreio e nos intervalos, e malvadeza nas aulas dos 3-vestibulares. Lá vai uma voltar do chá para dizer: Dona queira que seu francês vá para o Inferno.

X X X

Vejam só o que é a distinção dos "filósofos": é o (algo que pende o sorriso vida da Bahia, é a Elisa que passa as férias no mesmo hotel que a D. Maria Beatriz e não encontra com ela, é a Idalina que "esqueceu" que no sábado há aula, é o Julio Celso que lavou a barba, e outros.

X X X

Enquanto isso, o Prof. Augusto Severo de carinhosamente nas aulas do 3º clássico. A sua vida de caminhos teve um encontro na "Sala Aberta" que é depois. Aldo, Maurice Leblanc, Maiakowsky e Duvel devem estar satisfeitos com a declaração psicológica do "Diário". Não lhe acha, Dra. Francisca.

Agosto, 1962.

Amélia Dias de ARRUDA

Dicionário Capiano

Prof. Assado de Macho

Expressões do verbo ter:

Ter bom gosto é não ficar os olhos do Marcio

Ter bom humor é ri das piadas do Marcelo.

Ter boniqueté é ser como o Odelo.

Ter coragem é planejar uma excursão no Cap.

Ter estilo é falar na linguagem do Prof. Darcy.

Ter "iniciativa" é ser do SOE.

Ter mania de grandeza é tirar 10 em tudo.

Ter medo é ser humorando.

Ter paciência é ler os livros de espanhol que D. Terezinha indica.

Ter vergonha é só usar o banheiro alheio.

Revelação

Antônio Colmon

O filme acabou e ele saiu. Chovera.

Era inverno e já escurecera. Escapando à multidão que saía do cinema, dirigiu-se para o ponto. Acendeu um cigarro.

A praia estava praticamente deserta, só muito ao longe, num banco, viam-se dois guarda-chuvas abertos, em animado colóquio amoroso. Atravessou a rua e começou a andar vagarosamente, sem destino certo, ao longo do mar furioso. Um carro ou outro passava, as luzes acesas e o agradável som dos rodas sobre o asfalto molhado o atenuavam.

Sentia uma desesperada vontade de estar só. Apesar de tudo havia nele uma extrema sensação de paz consigo mesmo. Tinha a mente limpida e racionava com clareza surpreendente.

O filme fora crítico e os espectadores saíram pensativos, satisfeitos. Várias vezes sentira-se tentado a sair, porém a agradável penumbra, o ar refrigerado (frio calor quando entra) no mais a curiosa sensação que precedia aquele estado de espírito que lhe era tão agradável, fizeram com que ficasse, os olhos fixos distraidamente no tela. Cercado de gente no cinema, estava ao mesmo tempo tão afastado.

Sim, o filme fora ótimo. Mas voltou o zero, pois enquanto no tela, num colorido variante, batalhas se travavam, personagens profundos se revelavam no mente e como que mistérios foram desvendados. E ago, no realidade.

Via outras como o homem insignificante do acontecimento em função dos grandes interesses e crenças, de modo que a verdade fica sempre encoberta delicias das pessoas roupagens de interpretação pessoal. Aprendeu então que não existe Verdade, senão interpretações delo, nas quais cremos e queremos crer. E compreendeu que algo superior aos-he-is comum.

E pensamentos sublimes começaram a chegar-lhe à cabeça. Pouco a pouco uma obstração cada vez maior dominou-o. E sentiu que seria agora a revelação, a grande Revelação.

— Miço...!

Despertou. Diante dele estava um homem de altura mediana, suja, descalço, sem agasalho, com roupas que, mesmo novas, deveriam ter sido ordinárias. Falava numa voz grossa:

— Miço, me dá um trocado pra comprar um pão?

Dentes sujos e estragados. Fez os contas mentalmente. Amanhã domingo cinema em Copacabana (75 cruzeiros); condução ida e volta (26 cruzeiros), um maço de cigarro (70 cruzeiros) e... ah, sim! também um pente (25 cruzeiros). O total era 196. E ele não tinha dinheiro trocado. Fim de mês, só duzentos cruzeiros.

O cigarro queimava-lhe o dedo, pagou e foi.

Tremendo um "não tenho" e lembrando-se do noticiário sobre a onda de assaltos, afastou-se apressado. E recomeçou o onda de pensamentos metafísicos junto com seu passeio louco, inútil, à procura de algo que jamais alcançaria.

E em direção oposto a outro homem semelhante, tendo na mente apenas a imagem de um pão.

Era inverno e escurecera cedo.

11

EDIÇÃO: A Forja (Ano VII, nº 3)
LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 148
DATA: 12/12/1962

Esta edição se inicia com um artigo chamado *CAp na Ames*, relatando a participação do grêmio estudantil do CAp no XVI Congresso dos Estudantes Secundários. É relatada uma preocupação por parte dos membros da bancada em manter uma posição responsável, consciente e independente, sem filiação a nenhuma corrente, mas que defenda a classe estudantil e uma ala mais progressista e reformista. Em seguida, há um artigo que conta sobre a Semana dos Estudantes e as atividades que aconteceram durante o evento: a exibição do filme *O sol por testemunha*, que na quarta página do jornal ganha uma resenha escrita por um aluno; uma palestra mediada por um repórter e um jornalista que foram ao CAp falar sobre o Bicampeonato Mundial do Brasil no Chile; e uma festa dançante de coroação. A matéria *CAp Campeão das Olimpíadas* recomenda a participação do colégio na primeira Olimpíada Regional da Lagoa, que ocorreu no Clube de Regatas do Flamengo. No quadro *Por que há tantos alunos sem média em Matemática*?, professores, alunos e funcionários apresentam relatos e emitem suas opiniões em relação ao baixo aproveitamento dos alunos em Matemática. Em *Conferências*, são registradas três palestras oferecidas aos alunos do CAp: uma, intitulada *Aviação e Santos Dumond*, organizada pela professora Sary Hauser Steinberger e proferida por um professor catedrático de francês do Colégio Pedro II; em seguida, um debate sobre a África, organizado pelos professores Maurício Silva Santos e Luis Werneck da Silva; e a terceira, com o romancista Adonias Filho, que falou sobre as suas técnicas para escrever romances, junto de um diplomata e de um jornalista que falaram aos alunos sobre suas profissões. Em *Teatro do CAp*, o autor do artigo informa sobre os avanços recentes feitos pelo Setor de Teatro do CAp; ele também pede aos alunos que tratem o setor

com mais seriedade. Além disso, há uma homenagem a um professor, um pequeno conto e uma poesia chamada *José Capiana* que, parodiando o grande poeta Carlos Drummond de Andrade, propõe reflexões sobre o fim do ano letivo. Os textos foram escritos por uma aluna e um aluno, respectivamente. A última página da edição, mais descontraída, inclui um *Dicionário* que relaciona sentimentos com momentos do dia a dia do CAp.

DISC 148
P059

SEMANA DO ESTUDANTE!

— Leia na pág. 2 —

CAP NA AMES

Depois de algumas representações sem ter participação direta, o Colégio de Aplicação compareceu ao XVI Congresso dos Estudantes Secundários, que se realizou de 24 a 31 de outubro. Com a bancada composta de Paulo Henrique (3.º cl.), Nilo Martins (2.º cl.), Ana Maria Araújo (2.º cient.), Gilberto Velho (1.º cl.) e Afrânio Garcia (4.º B), embora houvesse uma inexperiência compreensiva, devido à falta de prática neste tipo de congressos estudantis, o CAp. conseguiu a participação de três de seus membros da bancada em cargos de importância dentro do Congresso: Paulo Henrique foi escolhido por maioria absoluta do plenário para presidente da Comissão de Programa Mínimo, que estabeleceu os pontos mínimos a serem cumpridos pela diretoria eleita; Nilo Martins foi escolhido para candidato ao cargo de secretário-geral na chapa para a diretoria derrotada, ou seja, a chapa "Luta e Unidade", e Gilberto Velho, numa das várias conversações para a formação de uma chapa único que dirigiria a AMES, foi convidado para presidente desta chapa de coalisão, o que não foi aceito por êle próprio, embora, mais tarde, esta idéia tenha sido abandonada.

(Leia na pág 2)



Na foto, os três "do ano"

A FORJA

CAIXA ESCOLAR DOS ALUNOS DO CAP FNF

"É como se, a meio do caminho, parássemos para descansar e, deposta a bagagem dos sacrifícios de cada um de nós, eu os visse sùbitamente arrancados à condição pedagógica de alunos e transformados em professôres meus: professôres de bondade, professôres de afeto, professôres de solidariedade humana! Então minha voz se cala e ouço as suas, em unissono, vozes orquestrais, temperadas da mais sonorosa juventude e fiadoras da mais risonha mensagem de confraternização; e é ouvindo-as, nesta pausa de emoção, que me permito indagar do nosso ideário, das nossas obrigações recíprocas, da nossa meta."

(Trecho do discurso do **Prof. Darcy**)



Os Campeões Olímpicos Regionais da Lagoa

(Leia na pág. 3)

NESTE NÚMERO

Por que há tantos alunos sem média em Matemática? — é o que a enquete de A FORJA procura responder. pág. 3

Antônio Calmon faz uma análise crítica de "O Sol por Testemunha". pág. 4

ÚLTIMA PÁGINA

— Humorismo a cargo do JORAL pág. 6

12-12 - 62 — Pág. 2

CAP NA AMES

Como participantes estreantes dêstes congressos, os membros da bancada que representou o CAp. tiveram a preocupação de manter uma posição absolutamente independente, como ficou bem claro no compromisso assumido por esta bancada quando se submeteu à aprovação pela Caixa Escolar e pela Diretoria do Colégio.

Quis esta bancada levar a contribuição do colégio ao seu órgão de classe, sem contudo filiar-se a qualquer das correntes existentes no Congresso. Como novatos, tínhamos mais a aprender do que tomar uma posição dependente. No entanto, pela própria formação que recebemos como estudantes de um colégio como o nosso, a bancada teve também, a preocupação de não ser um mero assistente, um mero ausente. A bancada do CAp. mostrou, em tôdas as votações para matérias internas do Congresso, uma posição responsável, consciente, participante, e, acima de tudo, livre de quaisquer compromissos com grupos ideológicos atuantes no Congresso.

É preciso deixar claro que não mantivemos uma posição neutra. Sempre que foi necessário os membros representantes do CAP. souberam dar seus testemunhos e em nenhum momento alheiaram-se dos debates por indefinição, fôsse em problemas estudantis ou de ordem política. Tanto assim, que quando foi proposta a extinção das Comissões de Assuntos Nacionais e Internacionais, o Colégio de Aplicação foi contra essa extinção e contra a maioria maciça do plenário. Embora acreditassem êsses membros do CAp. que estávamos num Congresso de Estudantes para decidir sôbre assuntos estudantis, não podíamos, como representantes de um grupo social, deixar de dar publicamente a nossa posição em face dêsses problemas. Realmente, o CAp. teve a preocupação de defender a classe estudantil e encontrar soluções para seus problemas maiores. Tanto é, que a Comissão de Programa Mínimo, que foi presidida por um aluno de nosso colégio, em 15 itens a serem apresentados à próxima diretoria, 14 são sôbre assuntos exclusivamente estudantis.

O Colégio de Aplicação, por intermédio de sua bancada, procurou tomar posições claras. Defendeu a descentralização da entidade e a criação de Grêmios Estudantis, como uma forma de aproximação da entidade com as bases estudantis; lutou por uma campanha de alfabetização patrocinada pela AMES e a promoção de atividades culturais, recreativas, sociais e assistenciais nos colégios de alunos de um baixo nível social e votou a favor de medidas contra a majoração de mensalidades em colégios particulares e o barateamento do livro didático.

Ciente da necessidade de continuarmos enviando representação para congressos estudantis, a bancada do colégio, na chapa para a eleição da diretoria, teve um de seus membros na chapa "Luta e Unidade", encabeçada pelo Colégio Pedro II, e apoiou esta chapa contra a que representava os colégios liderados pelo Santo Inácio e Rui Barbosa, porque acreditou que esta chapa era a que mais defendia os interêsses dos colégios mais pobres e mais necessitados de assistência na Guanabara. Não podia a bancada do CAp. apoiar colégios, como os liderados pela bancada do Santo Inácio, que se opunham a uma definição da classe em face de problemas nacionais e internacionais que afetassem a classe estudantil secundarista. Não podia, também, apoiar um grupo de colégios que na maioria era formado de alunos provenientes das mais altas classes sociais e que evitavam a definição da classe em defesa de colégios como o Pedro II, que por sua estrutura realmente democrática, por ser um colégio para onde ocorrem alunos de tôdas as esferas sociais, defendia realmente os interêsses de uma ala progressista e reformista dentro do movimento estudantil guanabarino. Foi a bancada do Colégio de Aplicação uma defensora dessas correntes reformistas, sem contudo perder sua independência, já que por diversas vêzes teve oportunidade de, públicamente, no plenário, discordar de teses defendidas por Pedro II e Santo Inácio. Ao final dêste XVI Congresso, ficou claro que o Colégio de Aplicação tem o compromisso moral de levar a sua contribuição e a sua participação ativa a êste órgão da nossa classe. Temos condições para enviar a êsses congressos bancadas participantes e conscientes dos problemas estudantis e com isso levar o CAp. a uma posição de destaque dentro do movimento secundarista.

A Semana do Estudante

A Caixa Escolar instituiu para a semana que antecede ao Dia do Mestre, a "Semana do Estudante", durante a qual são realizadas várias palestras, sôbre variados assuntos, por elementos de destaque na vida brasileira.

Êste ano, a "Semana do Estudante" foi organizada procurando-se seguir o exemplo da do ano passado, porém infelizmente alguns conferencistas não compareceram às palestras que tinham prometido dar.

No primeiro dia da "Semana", foi apresentado o filme "O Sol por Testemunha" ("Plein Soleil"), mas por extremo azar só se pôde conseguir uma cópia em prêto-e-branco, o que tirou muito do efeito visual, que é de um belíssimo colorido; e uma dificuldade fêz o filme ficar sem som.

Na terça-feira, apresentou-se o filme do jôgo BrasilxFrança, da Copa de 1958. E na quinta-feira, vieram ao CAp. o comentarista José Maria Scassa, o jornalista Armando Nogueira e Mário Filho, diretor do "Jornal dos Sports", que fizeram uma palestra sôbre o Bicampeonato Mundial do Brasil no Chile.

Após as apresentações feitas por Isolda e Prof. Werneck, falou José Maria Scassa, de cujo discurso reproduzimos uma parte:

"Em vários países difundiu-se de tal forma através da literatura a importância dos esportes, que nas duas últimas olimpíadas, americanos e russos, e nas duas últimas Copas do Mundo, ingleses e russos já compreenderam a importância das competições na vida dos povos, decidindo entre si não a arte de matar e sim de prolongar existências, relegando a plano inferior a técnica do exterminio e transformando aviões a jato em verdadeiras pombas da paz, conduzindo em seu bojo não artistas da morte, mas sim atletas, mensageiros da amizade e da concórdia atletas perfeitos no físico e no caráter, compenetrados de sua nobre missão, sem rancores, sem inveja e sem outras ambições senão a vitória pela fôrça dos músculos e da inteligência."

Após a fala de Scassa, houve algumas exposições de Armando Nogueira e depois Mário Filho ficou trocando idéias com o auditório.

Durante a palestra foram apresentados dois filmes: um que mostrava o treinamento dos russos para a Copa do Mundo e outro sôbre o secrete brasileiro; ambos comentados pelos conferencistas a medida que eram passados.

Esta palestra foi, sem dúvida a atividade que teve maior sucesso na "Semana do Estudante".



Flash da noite de Quinta-Feira

No sábado, tivemos uma festa dançante, e coroando a "Semana", segunda-feira, dia 15 de outubro, Dia do Mestre, houve a solenidade de entrega das medalhas ao professor do ano, Prof. Darci, de latim; ao licenciando do ano, Sérgio Ferretti, de História e à colega do ano, Laura Martins Ferreira, do 2.º A.

Depois da solenidade, foram apresentados vários números artísticos e por último o jôgo professôres x alunos, com a vitória dêstes últimos.

Assim, resumimos o que foi a "Semana do Estudante" dêste ano, que se não foi um sucesso total, contou com a boa vontade dos que nela trabalharam, no desejo de fazer alguma coisa pelo colégio.

DISC 17
P059

12-12 . 62 — Pág. 3

CAP campeão das olimpíadas

O CAp. foi convidado a participar da 1.ª Olimpíada Regional da Lagoa, que se realizou no mês de setembro, no Clube de Regatas do Flamengo. Embora houvesse todos os tipos de esporte, nosso colégio competiu apenas em Futebol de Salão, nas classes de 13 a 16 e 17 a 21. O primeiro dos dois quadros a jogar foi o formado por alunos de 13 a 16 anos de idade e teve por adversário o Ginásio Nelson. Nossa torcida, que era composta em sua maioria por alunos da 4.ª série ginasial, como sempre incentivou os jogadores a conquistar a vitória, que foi clara, mostrando bem nossa superioridade. O marcador terminou com 8x2 para o CAp. Tivemos, no sábado que se seguiu, dois jogos, sendo o Colégio Santo Agostinho o adversário comum. Os mais novos foram ainda os primeiros a jogar. As duas equipes entraram bem confiantes em campo mas, embora o CAp. conseguisse inicialmente impor-se ao time adversário, acabou cedendo para terminar com a contagem de 4x2, favorável ao Santo Agostinho. Após um breve intervalo, entraram em campo outras duas equipes de colégios que também disputavam o título da classe de 13 a 16. Enquanto isso, o outro time do CAp. que iria jogar logo depois fazia o aquecimento habitual, fora do campo. Mais alguns minutos e tivemos a partida CAp. x Sto. Agostinho, classe de 17 a 21. Nosso time estava um pouco nervoso com a estréia, mas aos poucos a calma foi voltando e a partida que começara difícil terminou mais segura para nós, com um escore de 4x3 Sem dúvida, o maior jogador da peleja foi o goleiro Afrânio, que estava numa tarde inspiradíssima, fazendo defesas impossíveis.

Após o jôgo, ouvia-se de todos o mesmo comentário: "Eu não fazia fé nesse gordo, mas êle agarra uma enormidade".

Visto que outros concorrentes tinham sido eliminados, restava ao CAp. a possibilidade de vencer na classe de 17 a 21, faltando para isto um jôgo contra o Colégio Rio de Janeiro. Ficou então marcada para uma terça-feira a decisão final.

Dessa vez uma torcida bem maior do que as anteriores compareceu ao Flamengo. E lá estavam os atletas capianos com seus uniformes verde e branco para levar, de qualquer maneira, a taça que seria conferida aos campeões. Começou o jôgo e já estavam todos sem unhas. O técnico Artur Paulo, dando instruções a nossa equipe, só pedia calma. O nervosismo estava estampado no semblante de cada jogador. Assim que nós demos a saída, Emanuel escapuliu pela esquerda e marcou nosso primeiro gol. A partida se desenrolou com brilho, deixando a desejar sòmente na parte de arbitragem, tendo havido um incidente quanto ao tempo de duração do jôgo. Faltando apenas alguns minutos para o encerramento, o Colégio Rio de Janeiro empatou, mas nem assim conseguiu diferença que lhe desse a vitória. Terminado o tempo regulamentar, fomos informados que haveria prorrogação de cinco minutos. Reiniciada a peleja e havendo decorrido uns dois minutos sem que saísse gol, um capiano recebe uma falta bem perto da área inimiga. Era a nossa oportunidade. O Mário correu, chutou e a bola bateu na barreira, sobrando para a direita, quando Paulo Henrique, que esteve apagado durante o jôgo todo, chutou, mandando a bola para o fundo das redes. A partida estava ganha. Era só aguentar o marcador (4x3), e foi o que aconteceu.

Algumas semanas depois, na Escola do Jóquei, foi entregue ao CAp., por intermédio do Prof. Barbosa, a taça dos Campeões de Futebol de Salão da I.ª Olimpíada Regional da Lagoa.

Os times formaram com: (13 a 16) — Togo, Roberto, Hamilcar, José Sérgio, Ronaldo, Homero, Márcio, José Carlos, Hilton e Eduardo; (17 a 21). Campeões. — Afrânio, Sérgio Marques, Mário Sérgio, Emanuel, Paulo Henrique, Gilberto, Guilherme, Nilo e Celso. Técnico: Artur Paulo.

Márcio Barradas

Porque há tantos alunos sem média em matemática ?

Ricardo Sá Rêgo, representante do 2.º A:

A maioria dos alunos do CAp não tem conseguido bom aproveitamento em matemática. Analisando gráficos de notas, vemos que aquêles que apresentam as notas de matemática são sensivelmente inferiores aos que apresentam os resultados obtidos nas outras matérias.

Já ouvi professôres e mesmo pais de alunos dizerem que a causa dêsses resultados é a falta de estudo. Sinceramente, não acredito. Aqui no colégio temos cêrca de 2/3 de alunos sem média e professôres a dizerem que há falta de estudo. Diante dêsses dados, sou obrigado a acreditar que a falha reside nos professôres ou ainda na orientação que é dada à matéria, pois há um certo desinterêsse por parte dos alunos.

Prof. Oswaldo Assis Gomes, professor de Matemática:

A Matemática é uma das matérias onde há necessidade de muita reflexão. Na época atual, problemas diversos vieram afetar a vida de um modo geral, fazendo com que não haja atenção nas diversas atividades, mormente nas do adolescente.

D. Maria do Socorro Serrão Reiniger, orientadora educacional:

Tenho a impressão de que os alunos estudam de maneira descontínua, não apenas a Matemática, mas também as demais matérias. Nestas, lhes é mais fácil a recuperação no fim do ano, a chamada "virada para as provas". Em Matemática, há, sem dúvida, uma necessidade maior de seqüência e articulação estreita entre as diferentes unidades do programa. Como conseqüência dos graus baixos obtidos, o aluno começa a perder a confiança, torna-se nervoso, fatôres êsses que ainda dificultam a sua situação.

D. Eleonora Lôbo Ribeiro, assistente de Didática Especial de Matemática:

Há várias causas para êste problema: primeiro, o fato de a Matemática responder por uma habilidade específica, o cálculo, e por uma parte problemática. Segundo, o colégio não é responsável pelo estudo do aluno, e portanto, é difícil o treino no cálculo para que o aluno diminua as suas falhas que tanto prejudicam suas provas. Quanto à parte problemática, o objetivo da Matemática no CAp é ensinar o aluno a pensar, a resolver os seus problemas com os elementos que conhece, e não adestrá-lo em tipos "standard" de problemas. Terceiro, os alunos ainda não se adaptaram bem ao regime em que pesa o estudo diário e a assistência atenta às aulas, não tendo eficiência na nossa matéria a chamada "virada" do estudante, que, em vez de ajudá-lo, o intranquiliza, pois apenas na virada êle sente que não dominou a matéria suficientemente, o que o leva à prova sem estar em bom estado de nervos. O nosso aluno despertou para essa realidade êste ano um pouco tarde, mas os seus esforços naturalmente ser-lhe-ão úteis para a vida.

Conferências

Por intermédio da Prof.ª de francês Sary Hauser Steinberg, tivemos no CAp. a presença do Prof. Edgard Liger-Belair, catedrático de francês do Colégio Pedro II, internato, que veio para uma palestra em francês com os alunos do 1.º A. Solicitado pelos alunos, falou sôbre "Aviação e Santos Dumont", assunto de sua especialidade, pois foi amigo de Santos Dumont e az da aviação.

* * *

Tivemos a oportunidade de assistir a um debate sôbre a África organizado pelos Profs. Maurício Silva Santos e José Luís Werneck da Silva, e patrocinado pelo Setor Social da Caixa Escolar. Eram três os expositores: Zuenir Carlos Ventura — professor e jornalista — que discorreu sôbre as relações Brasil — África no passado; Eduardo Portella — crítico literário e presidente do IBEAA — que falou dessas relações no presente; e por fim, o depoimento pessoal africano, Christophe Moraes, estudante bolsista no Brasil.

* * *

O Sr. Adonias Filho, romancista brasileiro de nome, compareceu ao CAp para falar da técnica do Romance e do seu último livro, "Corpo Vivo", considerado o melhor romance publicado êste ano. Sua vinda foi patrocinada pela Profa. Teresinha Pinto.

O SOL POR TESTEMUNHA

Antônio Calmon

Criticar a parte técnica de "Sol por Testemunha" é algo difícil considerando as penosas condições em que o vimos: mudo e sem o colorido. Embora a compreensão e a temática não fôssem prejudicadas, perdeu o filme duas partes importantes, uma das quais essencial (o som) e outra que embora dispensável constitui uma das suas maiores atrações (o colorido). Dêste modo, reconhecendo "a priori" a perfeição técnica do filme, já por outros afirmada, iremos diretamente ao fundo do filme, isto é, à sua parte artística.

René Clement pertence à galeria dos diretores franceses tradicionais; êste filme é como que uma resposta aos inovadores do nôvo cinema francês, da "nouvelle vague", enfim dos que consideram ultrapassados os diretores precedentes e obsoletos seus métodos. Em "Plein Soleil" mostra o diretor ser capaz de abordar um assunto bem no gôsto dos novos, fazer um filme com uma linguagem (já agora nem tanto) revolucionária. A apresentação dos personagens, a exposição da história, tudo é feito de maneira que não corresponde à tradição, anti-acadêmica. Mesmo antes dêste filme Clement era um grande diretor (lembremo-nos de "Brinquedo Proibido") mas seus métodos mudaram de todo. O eterno triângulo aqui mostrado é diferente das outras versões. Quanto à parte artesanal, o trabalho do diretor atingiu o ápice nas cenas do barco onde, em nenhum momento, consegue-se imaginar uma câmara filmando, tal é sua mobilidade e a perícia de quem a dirige.

Afora o antiquíssimo "o crime não compensa" procura-se aqui dar outra lição: é a destruição de um mito, o superhomem dos filósofos. O personagem principal é perfeito em todos os pontos de vista, aparência física, inteligência e o conjunto de capacidades que o tornaram um criminoso quase perfeito, os crimes cometidos são legítima defesa: o primeiro — defesa contra a sociedade que nunca lhe dera nada e muito lhe tomara e o segundo — contra a descoberta de seu crime e a própria destruição. A lei que êle emprega é a fôrça, a derrubada implacável de obstáculos, mas êle falha. Por quê?

Imperícia? Imprevidência? Fraqueza? Não, êle não cometeu nenhum êrro, até o fim nós o vemos tranquilo e confiante. No entanto, êle falha lamentavelmente.

O homem, o mais poderoso, é joguete das circunstâncias. Um fato inesperado, uma chance em mil, tudo arruina o plano perfeito que passara inclume por tôdas as dificuldades. A fraqueza e a miséria são aqui mostradas. Porque, isto é importante: não devemos considerá-lo apenas um criminoso que falhou, digno sòmente de algumas manchetes; êle representa a fôrça e o poder sem limites, que falham. Como êle, outros já caíram tendo nas mãos ótimas cartas.

Deter-se-ia êle, consumados dois crimes perfeitos? A fortuna em suas mãos não seria um perigo? O mundo viu recentemente como um maníaco cheio de complexos e frustações, um anormal, tomou conta de uma nação e quase a venceu. Seu ódio contra tudo e todos levou uma nação, e com ela metade do globo à destruição. Como personagem do futuro tinha êle tôdas as "qualidades" para o que pretendia. E no entanto falhou.

Como Hitler, êle tinha antigas contas a ajustar. A fortuna, repito, a mulher desejada, boas roupas e boa vida lhe bastariam? De qualquer modo nada obteve.

Tudo isto faz de "O Sol por Testemunha" uma das grandes obras do cinema e uma das melhores do ano passado.

O Teatro no CAP

Mário Willmersdorf Jr

Como temos visto, de ano em ano, o Teatro do CAp. vem progredindo, tendo tido como clímax a peça "Quem casa quer casa", de Martins Penna, levada à cena na festa do aniversário do colégio e posteriormente reprisada no Colégio Bennet, com grande sucesso.

Em comparação com o que vinha sendo apresentado nos anos anteriores, o nosso teatro progrediu bastante. Porém ainda não chegou onde queremos, isto é, no teatro propriamente dito, com peças sérias, que é coisa que não falta. Tinha-se, por exemplo, programado para a festa do Dia dos Mestres "A Farça do Advogado Pathelin", que só não foi representada devido à falta de tempo para ensaios e, principalmente, por falta de verba a nossa maior inimiga. É humanamente impossível fazer-se teatro sem dinheiro. Embora poucas pessoas saibam, a montagem de uma peça, por mais simples que seja, custa caríssimo. Dando como exemplo uma peça de um ato e de um único cenário. Num cenário de uma sala simples, sem luxo, gastar-se-ia, no mínimo, Cr$ 20.000,00; iluminação, apenas regular, Cr$ 5.000,00; objetos cênicos, Cr$ 2.000,00; além da despesa que se tem com empregados para limpeza e arrumação do palco. Conclusão: com menos de Cr$ 30.000,00 não se pode fazer peça algumas, por mais medíocre que seja.

Aproveito o ensejo para pedir às pessoas que tenham, em casa, roupas e chapéus antigos que em vez de jogá-los fora, doem-nos ao setor Teatro (Prof. Nilcéa).

Meu intuito, ao escrever êste artigo, não foi outro senão de abrir os olhos dos órgãos competentes para que possamos levar peças sérias, e não mais percamos tempo a organizar "festinhas" que só comportam chanchadas, pois todos já sabem que os colegas já estão saturados dêste tipo de festas.

Avante, pois, Setor Teatro.

CRÍTICA

"O Médico à Fôrça"
Autor: Molière.
Teatro: Tablado.
Cotação: Bom.

A peça "O Médico à Fôrça" apresenta-nos um Molière diferente, modernizado, onde contamos com a excelente direção da já nossa conhecida Maria Clara Machado e as brilhantes atuações de Napoleão Moniz Freire, o melhor, e Carmen Sylvia Murgel, uma perfeita ama-de-leite.

Em plano secundário temos Jacqueline Lawrence e Helio Ary Silveira. Os outros atôres atuam discretamente, mas sem comprometer o andamento da peça.

Em suma, "O Médico à Fôrça" é uma peça que nos apresenta várias situações cômicas e um grupo homogêneo e esforçado. Por isso tudo recomendamos a peça de O Tablado.



Você amigo ou amiga
Que tem barata incomodando sua vida
Saiba que esta senhora
Só conseguiu a calma desejada
Quando sua casa foi
Dedetizada

DEDETOR
37-4402 - Luiz Carlos
48-6815 - Bevi

CONFERÊNCIAS... (cont.)

Presente ao CAp. estêve também o diplomata recém-formado em 1.º lugar no Itamaraty, Gilberto Paranhos Velloso, irmão do colega Guilherme do 3.º cl. Veio a pedido do Prof. Jorg Hutter, com o fim de trazer um depoimento do que é a profissão de diplomata, contribuindo para o trabalho de orientação profissional que vem sendo feito pelo referido professor nas suas turmas de clássico. Ainda nessas condições, tivemos a presença do jornalista e crítico teatral Cláudio Bueno Rocha, que nos falou da profissão de jornalista.

LIVRARIA NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Livraria LER

Rua México, 31-A

Disc 148 P059

Homenagem

É preciso pensar muito a fim de encontrarmos palavras adequadas à nossa homenagem a um novo professor do CAp., que talvez seja o contrário do professor Werneck, isto é, não obedecia sua mamãe quando esta lhe dizia que devia tomar direitinho e nas horas certas suas mamadeiras.

Trata-se desta vez, digamos assim, da França personificada — o cotado Monsieur Ballalai. Sim, cotado, porque o cotado não encontra em nosso colégio um só momento para respirar. Se já notaram ou não, esta é a verdade. Os capianos estão sempre à sua volta e cada um fala mais alto que o outro a fim de ser ouvido. Não duvido muito que algum dia dêem as mãos e cantem a "Marseillaise" só para que êle grave suas fisionomias heròicamente. Cá para nós, êle merece.

O nosso primeiro contato deixou-nos forte impressão pois além de chegar atrasado (com certeza para nos deixar curiosos), levamos um bruto susto quando em vez de vermos um rosto, vimos óculos.

Seus cabelos estão sempre bem "penteadinhos" e seus sapatos engraxados. Com certeza tem médo que sua noiva o pegue mal arrumado. E, sua aliança?! Sofro só em pensar que ela é usada em tôdas as turmas em que dá aula. Ela tem importante papel: quando, por ventura, êle quer manter silêncio, põe-na em ação batendo-a na primeira mesa da fila (que por infelicidade é a minha).

Sinto uma pena tremenda quando o vejo com aquela sua pasta. Ela parece pesar mais que o dono pois êle a carrega com uma grande dificuldade... Não é à toa que está magrinho. Também, quem mandou não ouvir a voz da mamãe?

Nos intervalos aproveitamos bastante porque podemos dizer o que queremos a êle. Está sempre com as mãos ocupadas. Numa está a pasta e noutra, um ou dois livros. A única coisa que pode usar é a bôca, e quando a utiliza é para chamar-nos de "Zebra". Porque será? Sentiremos muito que no ano que vem, não seja mais nosso professor, por isso invejamos as turmas de primeiro ano.

Queremos aproveitar a oportunidade para felicitá-lo pelo seu casamento que se realizará no fim dêste ano.

Agradecemos-lhe, professor Ballalai, não só por ser o senhor um ótimo mestre como também um ótimo amigo de tôdas as horas.

Obr'gado!!!

TRAVESSURAS DO LUIS

Maria da Conceição Baptista Chermont

Era assim que todos se referiam àquilo na pequena cidade de Morro Azul.

Todos — menos Luís.

Luís nada dizia.

Pois, para seu pequeno coração de 12 anos o fato tivera uma tremenda importância.

— O circo ficara três dias na cidade. Depois, seguiu. Atrás dêle, Luís. Ninguém ligava pra êle. Enxotaram-no. Ofenderam-no. Em vão. Nada o demovia. A noite desceu fria. Acamparam. O garôto ficou à margem da estrada, um tanto afastado. Tirou os sapatos. Estava cansado, estava com frio, estava com fome. Foi quando percebeu junto a si aquela cara grotesca e feia. Teve mêdo. Quis fugir. Ficou e fêz seu primeiro amigo. O anão, o corcunda, exatamente a quem temera por feio e quase monstruoso, veio com êle repartir o seu jantar feito de pão, salame, aipo e maçãs. E também repartiu a sua tenda.

Depois o circo continuou. Dia a dia, Luís foi conquistando o seu lugar junto à gente simples, divertida e fatalista.

Três semanas decorridas, Luís encontrara o seu elemento. Ajudava daqui e dali. Preparava-se para a estréia de seu pequeno número e já tinha escolhido a sua futura eleita: a filha da bailarina.

Sentia-se feliz, muito feliz.

Foi quando chegou o telegrama. De sua mãe. Sabia-o no circo e não o tinha vindo buscar porque sempre adivinhara o seu grande desejo de seguir aquêle caminho.

Mas chorava. Sentia falta de seu rapazinho. Estava sòzinha, desolada.

Luís queria ficar. O circo o atraía. Era seu futuro, sua vida.

Voltou.

Sua mãe sofria.

Na cidadezinha continuaram a lhe chamar "travêsso".

Luís nunca disse a ninguém que seu coração lá ficou.

José Capiano

Miguel Fernández y Fernández

E agora, José?
O ano acabou,
Você não passou,
Seu pai se zangou
e agora José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros
você que faz provas,
faz testes, orais?
e agora, José?
Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
a nota não veio,
o dia não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia (10)
e tudo acabou
e tudo fugiu
e você não passou,
e agora, José?
E agora, José?
Sua doce palavra
Seu instante de febre
Suas notas e esperanças
sua biblioteca,
seus livros e cadernos,
seu terno do CAp.
sua incoerência,
seu estudo — e agora?
Com o lápis na mão
quer fazer a prova
não existe mais prova
Quer fazer oral
mas a oral acabou;
quer ir para a aula
aula não há mais,
José, e agora?
Se você estudasse,
se você se sacrificasse
Se você gritasse
Se você não cansasse
Se você morresse
Mas você não morre,
você é duro, José.
Sòzinho no mundo
qual bicho do mato,
Sem parede nua
para se encostar
sem cavalo prêto
que fuja a galope
sem diploma na mão,
você marcha, José.
José, para onde?
Para o "Monte Sinai"

P.S. — Homenagem aos colegas que se transferiram para o Instituto Monte Sinai.

Procure nas livrarias os volumes
COLEÇÃO DA JUVENTUDE

Histórias Maravilhosas (Alexandre Dumas)
Aventuras de Tartarin de Tarascon (A. Daudet)
Os Últimos Dias de Pompéia
Os Cavaleiros da Távola Redonda
As Mais Belas Histórias da Bíblia
Moby Dick (Helman Melville)
O Mágico de Oz
A Ilha do Tesouro (Robert-Louis Stevenson)
As Mais Belas Histórias da Mitologia
As Cruzadas — O Romance da Idade Média
A Guerra dos Cem Anos
História da Terra e do Homem
Caçadores de Tesouros — O Romance das Escavações
Noventa e Três (Vitor Hugo)
Ivanhoé (Walter Scott)
Rob Roy (Walter Scott)
Livros famosos adaptados especialmente para os jovens

Edições da Distribuidora Record

A triste história do homem esquecido

Estava eu gozando de um domingo de praia, quando um grande alvoroço me fêz virar a cabeça. Um homem inteiramente nu caminhava entre a multidão de barracas. Quando êle passou por mim, agarrei-o e enrotre a multidão de barracas. Quando êle passou por mil, agarrei-o e enrolei-o numa toalha. Aí êle como que acordou e muito vexado contou-me a

Há alguns anos sua mulher o abandonara e êle bebeu tanto para esquecê-la que acabou sofrendo de esquecizite crônica, doença atestada por vários especialistas. Por isso não conseguia se fixar no emprêgo. De início era chofer de lotação. Trabalhava na linha Lapa-Leblon, via Jóquei. Um dia esqueceu o itinerário e foi parar em Berlim Oriental. Depois de algum tempo, conseguiu voltar ao Brasil quando se engajou no Corpo de Bombeiros, corporação da qual foi expulso por ter, por engano, pôsto gasolina no reservatório de um dos caminhões. E na hora do incêndio foi aquela água. Passou alguns dos anos mais felizes de sua vida na penitenciária, prêso como incendiário. Quando foi libertado ficou noivo de uma môça, esquecendo-se que ainda era casado e quando o pai da môça soube do caso, acertou-lhe dois tiros na barriga. Quando saiu do hospital, pegou o seu carro e foi para casa onde foi prêso alguns dias depois; esquecera-se de que não tinha carro. Hoje, ao vir à praia, esquecera-se de vestir o calção, e depois de vestí-lo despediu-se de mim e mergulhou nas ondas.

Desde êsse dia nunca mais foi visto. Esquecera-se de que não sabia nadar.

— Era o cúmulo da falta de respeito! O sujeito comprou um caminhão e escreveu "Transportes Perfex. transportam o progresso do Brasil."
— E daí?
— E daí — que o caminhão estava vazio!

•

Para cada Villa-Lobos que morre, nascem 200 Caubi Peixotos.

•

O grande perigo do desarmamento é um dêles concordar.

•

Os russos lutam pela independência do Laos. Os americanos lutam pela independência do Laos. Esperemos para ver quem ganhará a independência do Laos.

ANÚNCIOS DESCLASSIFICADOS

Procura-se quem escreveu numa caderneta "M.... meu amor". Se não fôr do sexo dito feminino, é favor não se apresentar.

•

Professor gratifica com Cr$ 500.00 a quem encontrar uma pasta com um maço de provas.

•

Aluno gratifica com Cr$ 1.000.00 a quem não disser nada ao de cima.

Dicionário Capiano

EXPRESSÕES DO VERBO SENTIR:

Sentir alegria é ver o Jornal Mural progredindo.
Sentir ciúmes é ver o Prof. Maurício com o Dauphine.
Sentir inveja é não ser aluno do Prof. Darcy.
Sentir médo é dar aula para os "geniozinhos" do 3.º B.
Sentir náuseas é comer a mariola do Sêo Afonso.
Sentir pena é olhar os cofres da Caixa Escolar.
Sentir prazer é ouvir D. Teresinha falando do 3.º científico.
Sentir saudade é deixar o nosso CAp.
Sentir tédio é assistir às aulas de gramática.
Sentir tristeza é saber da Guerra Fria no 2.º clássico.

Cresce assustadoramente o vulto das apostas sôbre quem reprovará mais alunos no fim do ano. Os professôres que estão na frente prometem derrotar os outros antes mesmo da prova parcial.

* * *

Piada contada pela D. Suelly durante um intervalo (sic!): "Era uma vez uma tartaruga tão míope que namorou dois anos um capacete sem perceber."

* * *

O têrmo COAP não passa de uma corruptela vulgar do inglês GO UP.

* * *

Na arte de imitar o brasileiro é inimitável.

* * *

A polícia entrou na padaria e disse:
— Tôje prêso!
E o assustado padeiro respondeu:
— Por quê?
— Por agitar as massas.

* * *

Como dizia o ministro para o professor:
— Então, o meu filho tirou zero em francês? e você sabe quem fêz o dever?

* * *

Inscrição na sepultura do campeão português de saltos ornamentais: "a piscina estava vazia".

* * *

A parte mais difícil no lançamento de um homem ao espaço é agarrá-lo.

* * *

Os portuguêses também vão mandar um foguete à lua. Só que vão esperar a lua cheia para ser mais fácil.

A FORJA

Rua J. J. Seabra, s/n.

Tiragem: 650 exemplares.

ANO VII — N.º 3

Diretor-Responsável:
Eliane Zagury

Tesoureiro:
Gil Soares Júnior

Redator-Chefe:
Teresinha Pinto

Repórter-Chefe:
Marcelo Nogueira Cruz

Assessor Técnico:
Sérgio Jacques Flaksman

12

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 149
EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 1)
DATA: 1/4/1963



A capa deste número conta com uma foto de Odylo Costa Neto, filho do poeta de mesmo nome e aluno do colégio. O capiano, de apenas dezoito anos de idade, foi morto em um assalto no bairro de Santa Teresa. A Forja expõe a consternação dos alunos, colegas do jovem assassinado, que o homenageiam com a foto e o editorial de capa, além de uma carta a ele dirigida e assinada pelo colega Paulo Henrique Amorim. Em *GECAp*, o jornal aponta as modificações feitas nos estatutos da Caixa Escolar e a sua transformação em Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação. Já em *Restos mortais*, um aluno escreve uma crônica literária. O artigo *Formatura 1962* exibe relevantes trechos de discursos proferidos pela comunidade escolar do CAp. Em *Setor imprensa 1963*, são apontadas as três divisões do Setor de Imprensa e Propaganda (imprensa, jornal mural e radiofonia), bem como as suas equipes e atividades. As matérias *Louco, eu?* e *Balanço de 1962* ironizam o cenário nacional e internacional.

Disc 149
P059

A FORJA

Ano VIII n.º 1 — ORGÃO OFICIAL DO G. E. C. AP. — Abril - 1963

Diretor - Responsável
Marcelo Nogueira da Cruz

Redator - Chefe
Miguel Fernández y Fernández

Há um ano atrás, por esta época, quando retomávamos as lides capianas, saía uma edição da "A FORJA" que você, entre nós, iria ler também. O jornal era seu, era para você, como é para todos os que comungam, nesta Casa, os ideais de cultura.

Posta diante dos nossos olhos, diante de nós, pelo solavanco das aulas que voltavam, — a Vida era um grito, um salto para a frente, um arrepio de Juventude — e nossa voz podia varar a garganta se fôsse para cantar os hinos da Esperança e da Crença no futuro. Éramos atletas de espírito na virada olímpica do amanhecer. E você era um dêsses, um de nós.

A bagagem que carregávamos no alto num toque de luz, tinha o pêso dos nossos sonhos e a dimensão da nossa vontade; debaixo dos braços, inseparáveis, os livros nos ensinavam pátria, civilização, costumes, leis. Mas nada disso ia adiantar para você, ODYLO, ainda que déssemos um pouco de cada um para que adiantasse: do ventre da noite saltaria a bêsta-fera para tragá-lo estúpidamente e talvez impunemente.

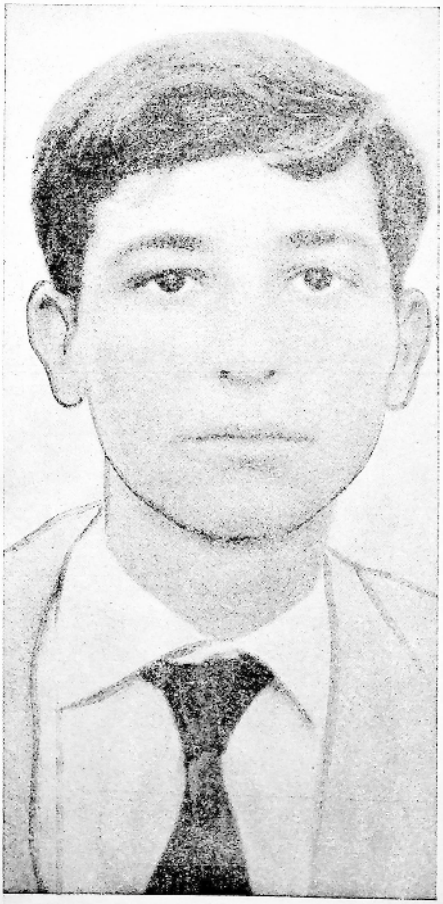
Hoje, com tôda a dor de nosso coração, você ocupa esta página de saudade; nós não o esqueceremos nunca.

Se soubéssemos que isso iria acontecer-lhe, reuniríamos o colégio inteiro e marchávamos para salvá-lo, ainda que contra todos os marginais desta cidade infeliz.

Mas você não precisou de nós: tombou como um Homem.

Na cartada heróica, você deixou de ser o menino puro e nobre que conhecíamos, como lhe chamou Carlos Drumond de Andrade, para ser o gigante de uma atitude máscula. Eis a Lição que nos faltava, mas que não quereríamos receber JAMAIS com o sacrifício de sua vida.

Você continua entre nós, ODYLO, agora mais do que nunca; se tínhamos um ideário, uma norma de vida estudantil, um roteiro de obrigações e responsabilidades no quadro social da Pátria, não conhecíamos êsse lance de coragem quase cívica que transformou você, de uma vez por tôdas, no SÍMBOLO de todos os seus ex-colegas. A nossa homenagem.



Ano VIII - N.º 1 A FORJA Abril - 63

CARTA A UM JOVEM HOMEM

Meu caro Odilo:

Você alguiu definttivamente. Logo agora qque você havia forjado tudo, preparado, muitas vezes sem medo, como era de seu costume, todas as condições para enfrentar o que estava por vir. Quantos de nós já paramos quando estava para ser iniciada a luta. É o temor por um mundo qué esmaga e envolve, que nos desumaniza e nos torna vis e cumplices. Quantos jovens como nós, mesmo antes de iniciarem a luta, já depuseram as armas e se acomodaram diante da guerra e das mortes. Também você, Odilo, teve êste temor. Mas, em nenhum momento senti que você poderia deixar-se sucumbir. Você tinha a garra e a disposição para a luta típica do homem do nordeste. Tinha o amor pelo homem e a terra. Você era responsável e consciente. Você, Odilo, era jovem e sonhava. As vêzes sonhava demais e era preciso trazê-lo de volta. Mas esta era sua maneira de ser. Você havia idealizado em seus vôos um mundo diferente, um mundo menos sufocante e opressor. Você lutaria por êste mundo até que seguiu definitivamente. Já estava tudo preparado. Os estudos sociais satisfariam seus anseios de luta por uma justiça social — o curso de literatura na Espanha satisfaria o que você tinha de artista, de amante do ser humano e das coisas humanas. Estava tudo pronto. Odilo. Todos nós estávamos prontos para iniciar. Você era um dos nossos. Tinhamos pouco tempo de convívio, mas você era da nossa geração e do nosso espírito. Tinhamos o que dizer um ao outro. Tínhamos as mesmas indagações. Você era mais tranquilo, talvez por causa da sua consciência de luta e não só por isto, porque você sabia como lutar. Já havia escolhido definitivamente a sua rota. Eu ainda era indeciso e talvez por isso lhe dessas razões para que você me chamasse muitas vêzes de "panfletário". Mas, eu não tinha ainda a segurança que você tinha. Isto não impedia que tivéssemos a certeza que defenderíamos, pelo o ideal por muito tempo as mesmas idéias. Odilo, você tinha o espírito inquieto e inconformado. Você não era um homem satisfeito. E era isso exatamente que o levava a procurar sempre alguma coisa mais, a procurar uma solução. Você sabia que sempre havia uma coisa por fazer, embora, muitas vêzes, não soubesse exatamente como fazer. Mas, sempre procurava chegar a uma forma de fazê-la. Esta sua maior virtude — não ser um homem acomodado.

Odilo, Carlos Drummond de Andrade foi ao seu embarque. Você sabia que foi sua "Rosa do povo" que nos aproximou. Através dela pudemos discutir e ver onde estavam nossas divergencias. Eram mais quanto a métodos que quanto a objetivos. E foi o homem angustiado que Drummond é em "Rosa do povo" que nos deu a oportunidade de, em comum, analisarmos nossas angustias e nosso inconformismo. Foi a partir daí que pudemos dialogar e pudemos identificar-nos. E, tenho certeza, que foi na Bahia que ficamos presos, afetivamente, um ao outro. Vivemos as mesmas sensações, sentimos as mesmas belezas. Desde o barroco pujante e angustiado da Igreja São Francisco de Assis, até a tranquilidade natural de côres de Itapoã e Abaeté. Mas você perdeu o navio de volta. Talvez fôsse um prenúncio de que você também não seguiria conosco para lutas posteriores.

Odilo, depois de sua ida, fizeram de você um simbolo. O simbolo do jovem vitima. Você passou a ser um instrumento para a reforma de uma instituição pública. A mesma sociedade que era motivo de suas dúvidas e reflexões gerou os elementos causadores de sua ida. Mas você soube lutar contra esta sociedade, porque você era um homem. Tentaram tomar-lhe. quem você amava e você reagiu, porque você era um homem. E é isto que precisam comprender. Você não pode ser transformado em um mito. Você era um ser humano e soube até o fim honrar esta condição. É por isto que seus amigos assumiram um compromisso: temos, mais do que nunca, um trabalho a fazer. Temos, mais do que nunca, lutar e não esmorecer, porque era assim que você concebia a vida. Temos a tarefa de ser corajosos, de ter honra e dignidade, porque você no seu idealismo de jovem, foi corajoso honrado e digno. Temos, enfim, meu caro Odilo, que ser homens, tanto quanto você o foi.

Paulo Henrique Amorim

"A FORJA"
ORGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ESTUDANTIL COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Diretor — Responsável
Marcelo Nogueira da Cruz
Redator — Chefe
Miguel Fernández y Fernández
Secretario
José Fernand Cosentino Tavares
Editor Humoristico
José Ricardo Pinheiro
Reportagem
José Sérgio Leite Lopes

G E C A P

Já há muito se havia notado que os Estatutos da Caixa Escolar precisavam de uma urgente regularização, pois apresentavam várias falhas e algumas incoerências, pois tinham sido feitos com muita pressa. Verificou-se, que na verdade a Caixa Escolar não era uma Caixa Escolar, e sim um autentico Grêmio. As ativinades da Caixa Escolar eram superiores ao que se destina uma Caixa Escolar, órgão coletor de contribuições que geralmente são usadas para ajuuar os colegas mais pobres a estudar. Se a Caixa Escolar era antes de tudo um Grêmio Estudantil, então, por quê o nome Caixa Escolar?

E inclusive sob a alegação de que uma Caixa Escolar não tem funções de Grêmio, a Comissão de Credenciais do Congresso da A.M.E.S do ano passado ia quase impugnando as credenciais da nossa representação, impedindo a participação do C. Ap. no referido Congresso. Porém, felizmente, o impasse foi resolvido a tempo. Agora, episódios semelhantes a êste não acontecerão, e com o nome de G.E.C.AP. (GRÊMIO ESTUDANTIL COLÉGIO DE APLICAÇÃO) a antiga Caixa Escolar terá muito mais penetração junto aos alunos, e, conseqüentemente, exercerá muito melhor o seu papel de associação dos alunos do C. Ap.

Além disso, os nossos Estatutos fizeram algumas modificações nos cargos da Presidência da Caixa Escolar: é extinguido o cargo de Vice-Presidente, que na prática não tinha função nenhuma, e é criado o cargo de Secretário, grande lacuna no antigo Regimento Interno, que será o eventual substituto do Presidente em seus impedimentos.

Para redigir os Estatutos do GECAP, o Presidente da Caixa Escolar de 1963, Afrânio Raul Garcia, nomeou uma Comissão de três membros: Miguel Fernández y Fernández, José Fernando Cosentino Tavares e Marcelo Nogueira da Cruz.

Os Estatutos do GECAP foram aprovados pela Presidência da antiga Caixa Escolar, na forma em que se encontra afixada no Mural.

RESTOS MORTAIS

Ela ali estava. Estendida e sem vida. Irremediàvelmente morta. Insignificante como o fôra enquanto viva. Levara vida de inutilidade, nunca servira para nada, nunca fizera nada, nunca sentira a vida. Vivera calma e, medíocremente, sem nenhuma emoção. Minto: houve uma emoção. A Grande Emoção. O Fim.

Era assustada, temia a aproximação das pessôas; vivera solitária, longe de seus semelhantes. Sua vida fôra um engorda, um aprovisionamento de alimentos, como um boi para o matadouro. Morrera gorda: tendo valor para quê. Nem ao menos a função primordial de fêmea preenchera. Passara a vida comendo, bebendo, dormindo cevada, eve usivamente com suas funções vegetativas.

Inútil, terrivelmente inútil. E, no entanto, fôra com pavor que encarara a morte. Aquela vida mesquinha lhe bastava. Nada pudera fazer, entretanto, e agora ali estava o que dela restava.

Nós três estávamos sentados contemplando-a. Eu e meu irmão esperávamos pelo que diria e como agiria tia Carlota, chefe do que restava da família. Sem uma palavra dela nada se faria. Sabendo disso procurava uma palavra, uma frase, que fôsse adequada ao instante e que se referisse ao que ali estava estendido diante de nós. Uma frase lapidar. Um provérbio.

Decidiu-se e com sua voz empostada, que combinava tão bem com seu vestido escuro e antiquado, com seu rosto envelhecido e com o rigido comportamento que impusera a si mesma, baseando-se em sua condição de solteirona, afinal comentou:

— Vida mais inútil, não é? Só serve depois de morta.

Olhei para meu irmão. Espantara-se também. A autocritica nunca fôra qualidade cultivada por nossa tia. Vendo o sucesso de seu brilhante comentário, ela continuou:

— Eu fico com a asa. Para que asa numa galinha? Ela não voa.

Referia-se à galinha sôbre a mesa, mas pronunciara seu epitáfio.

Coma a inútil asa de sua inútil galinha minha querida, riquissima, e em breve moribunda tia Carlota. Seus dois não mais pobres e inconsoláveis sobrinhos repetirão junto ao seu caixão suas palavras sábias. Para quê dinheiro com uma solitária e mofada velhota? Ela não voa.

Antônio Augusto Du'Pin Calmon

Aguarde:

"A PRESENÇA ESTUDANTIL"

O jornal da A. M. E. S.

DISC 17
P059

Ano VIII - N.º 1 A FORJA Abril - 63

FORMATURA 1962

20 de dezembro no auditório do MEC, formaram-se quatro turmas de ginásio e duas turmas de colégio.

Subindo-se a escadaria do MEC entrava-se no auditório repleto de gente, à frente do qual havia uma mesa comprida onde estavam sentadas personalidades ligadas à nossa vida colegial: o Diretor do CAp. prof. Mattos, o Diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, além de diversos professôres queridos.

Após a acomodação geral nas poltronas do salão e com uma concentração de gente em pé nos espaços onde não havia cadeiras, foi iniciada a sessão.

Foi chamada a oradora Sônia Maria P. Sousa. Iria interpretar o discurso feito por um grupo de trabalho dentro do 4.º D e que representava as turmas de ginásio.

Com aquela vozinha de menina-môça proferiu o discurso do qual transcrevemos uma parte. (Imaginem os leitores aquela voz de menina ao microfone, o papel tremendo nas suas mãos, os aplausos depois do discurso...).

Era a palavra do Ginásio na bôca de suas turmas mais velhas. Notava-se sua consciência crítica comentando o mundo ao seu redor. O seu Colégio, seu elemento humano, suas relações e seu trabalho coletivo, seu país que sai do subdesenvolvimento, seu povo que pouco come e a realidade social do mundo.

Era uma tomada de consciência, representando com autoridade, uma nova geração.

Discursou depois o prof. Werneck, representando os quatro paraninfos do Ginásio. Um discurso de alto nível e de grande conteúdo. Relembrou os fatos cotidianos dos quatro anos de Ginásio: um discurso informal. Referiu-se também ao privilégio dos alunos do CAp: enquanto a grande maioria da juventude brasileira trabalha para outros e para (as vêzes na ilusão de) sobreviver, sem ser-lhe assegurado o direito de instruir-se.

Seguiu-se a entrega dos diplomas aos alunos do Ginásio.

Tinha-se que recebê-lo com a mão esquerda e apertar a mão do professor que nos entregava o diploma com a direita. O resultado foi um pouco de confusão manual.

Mas se por azar a máquina do fotógrafo falhasse, o apêrto de mão, ao invés de ter a duração de três a cinco segundos, variava entre dez a vinte segundos mais, até que o instantâneo fôsse batido (que a essa altura já não era mais instantâneo).

Alguns alunos ao voltarem a seus lugares com o diploma



na mão, constatavam ao abrirem-no que nenhuma coisa estava escrita naquele papel: Universidade do Brasil. Para os que não imaginavam isto, só faltava estar escrito: "peguei um bôbo", "não devia ter aberto", ou coisa parecida.

Anunciou-se então o discurso do curso colegial. Oradora: Terezinha Clara Pereira Pimenta. Infelizmente não podemos transcrever o discurso. Quem estiver interessado em lê-lo na íntegra, procure com a Terezinha. Quando e onde? Aqui mesmo no CAp. pois o bom capiano sempre volta ao Colégio pelo menos uma vez por mês, quase sempre aos sábados, depois que saí do CAp.

Seguiu-se o discurso de D. Terezinha, que representou o paraninfado do Curso Colegial, que se destacou pela emoção causada na platéia, sendo por êsse motivo aplaudida de pé. Foi um discurso verdadeiramente maternal.

Essa emoção continuou e teve seu momento crucial na entrega dos diplomas, onde ocorreram abraços apertados e de grande duração. Destacamos o abraço do Bevi.

As mesmas ocorrências curiosas e cômicas da entrega dos diplomas do Ginásio já citadas, aconteceram na entrega dos mesmos ao Curso colegial.

Após isso o professor Mattos tomou a palavra e encerrou a sessão.

Depois das fotografias de turmas (outra confusão), dos abraços e dos parabéns, as turmas foram para casa ou rumaram para "farras" em comemoração àquele grande acontecimento.

Assim transcorreu a formatura de mais uma geração caiana.

Geração esta, que terá grandes responsabilidades.

Terá que fazer parte do povo: sendo justamente parte de sua vanguarda. Terá de conduzi-lo (ou pelo menos tentar) a uma vida mais humana, a contribuir para a grande causa da implantação de uma sociedade na qual a felicidade de viver seja um direito tranqüilamente assegurado a todos os brasileiros; e que algum dia todos os homens possam formar-se intelectualmente como nós o estamos fazendo!

José Sérgio Leite Lopes

DISCURSOS

Discurso de formatura do Ginásio: "... Estamos conseientes de nossa posição de privilegiados em relação à juventude brasileira, tão sacrificada. Uma juventude sub-nutrida, que não tem opção entre trabalhar ou estudar. Trabalhar para não morrer; ou estudar, onde a dificuldade de viver só encontra medida exata na facilidade de morrer.

Esta, a realidade brasileira, desumana e revoltante.

Assumimos hoje, com o nosso Colégio, o compromisso de um grande futuro. Não um futuro brilhante no sentido de enriquecer ou de "sucesso", mas no sentido de batalhar para um mundo mais humano, em que os privilegiados possam ser todos."...

Discurso de formatura do paraninfado do Ginásio. Orador: prof. Werneck — "... Êste entardecer cobre mais um "até breve" do que um "adeus".

Alguns poucos, já em busca de uma especialização, nos deixarão — como as futuras normalistas "Alvorada" do 4.º A e os eximios "taquígrafos" do 4.º C que anotavam até os dias em que eu mudava de avental!...

A maioria, contudo, permanecerá conosco para percorrer o rijo 2.º ciclo. Para uns e outros, porém, a nossa palavra final é a mesma para os que, por uma infelicidade ocasional, não podem hoje comemorar com vocês: nós acreditamos em vocês!

Representam, dentro de uma jovem elite econômica e social, o que há de melhor formado. Sabem olhar para baixo, compreender, estender a mão. O Brasil, seus pais, nós, esperamos o máximo de vocês. A História será testemunha e julgará sua geração.. "

REGRAS DE ETIQUETAS

Como tratar as visitas.

Nós somos contra as visitas de cerimônia. São práticas, nada práticas, hipócritas que devem ser abolidas.

Se recebemos alguém em nosso lar, é porque êsse alguém merece da gente consideração e estima, logo não deve ser tratado como estranho e sim como se fôsse gente da casa. Ora, as pessoas de casa, nós costumamos tratar aos empurrões, gritos e, não raro, aos pontapés. É lógico que as visitas não apreciarão muito êste tratamento. E irão embora. Azar. Êles também não perguntaram se gostamos de receber visitas!

Os alunos devem prestar muita atenção ao que diz o professor e procurar conter o riso.

É aconselhável também, enquanto o professor estiver falando, fazer uma bola de algodão ou outro material qualquer e meter direito no ouvido, ou no ouvido direito, para que a aula não entre por um ouvido e saia pelo outro.

← A oradora do ginásio lendo o discurso; ao fundo vê-se o Prof. Maurício, Prof. Werneck, D.ª Terezinha e o Sr. Ary Sartorato.

Ano VIII - N.º 1 A FORJA Abril - 63

SETOR IMPRENSA

1963

Este ano, as atividades da Radiofonia e do Jornal Mural, que antes não pertenciam a setor algum, foram enquadradas no Setor de Imprensa e Propaganda. Tomou-se esta medida obedecendo a uma diretriz adotada pela Presidência da antiga Caixa Escolar, agora G.E.C.AP., qual seja a de exercer tôdas as suas atividades através dos setôres.

Assim sendo, o Setor de Imprensa e Propaganda passa a ter suas atividades distribuídas por três divisões: a Divisão de Imprensa, a Divisão de Jornal Mural e a Divisão de Radiofonia.

A Divisão de Imprensa tem o encargo de editar o jornal do Colégio de Aplicação, "A FORJA". A fim de que "A FORJA" possa ter maior penetração junto aos alunos do C. Ap., a Divisão de Imprensa mantém junto às turmas um representante que escolhe a matéria que seus colegas de classe escrevem para o jornal. A existência dêste representante é já uma melhoria no problema das colaborações para "A FORJA".

A Divisão de Jornal Mural, entregue a competente chefia de José Ricardo Pinheiro, do 1º ano científico, cabe preparar semanalmente o Jornal Mural, que é uma outra espécie de jornalismo escolar.

A Divisão de Radiofonia, sob a chefia de Ramiro Hab de Menezes, assessorado por Ronaldo Zieiralves Souto, ambos do 2º ano científico, controla o sistema de radiofonia do C. Ap.

Durante êste ano de 1963 serão introduzidas na Radiofonia inúmeros melhoramentos técnicos, a começar pela instalação no auditório de um conjunto de alta-fidelidade para as festas promovidas pelo Setor Social.

Por fim, está-se estudando a instalação de uma Divisão de Propaganda, que será constituída por um grupo especializado na elaboração de cartazes para promoção das atividades do GECAP.

Em breve a Divisão de Propaganda será uma realidade, constituindo um grande progresso para a Caixa Escolar, agora Grêmio.

O Diretor do Setor é o chefe da Divisão de Imprensa, Marcelo Nogueira da Cruz; a Secretaria está entregue à responsabilidade de José Fernando C. Tavares; e finalmente temos no cargo de Tesoureiro o colega George Leal Diab.

Esperamos, pois, que o Setor de Imprensa e Propaganda tenha a colaboração de todos os alunos do C. Ap., indispensável para o bom êxito das nossas atividades êste ano.

Caros colegas, êste ano "A FORJA" terá uma nova Diretoria, em virtude da saída do C. Ap. da antiga Diretora do nosso jornal, Eliane Zagury, agora universitária.

Foi com Eliane Zagury que se operou um ressurgimento em "A FORJA", que, do quase esquecimento, passou a ser lida, comentada e até criticada. "A FORJA" deixou de ser um jornal mimeografado para ser impresso.

A nova Diretoria pretende pois, continuar a experiência iniciada em 1961 com Eliane Zagury e fazer de "A FORJA" um jornal ativo e dinâmico, voltado inteiramente para os problemas do Colegio de Aplicação e do G.E.C.AP.

Este número talvez apresente algumas falhas, além de ter saído um pouco atrasado, pois não temos ainda em "A FORJA" um professor de Português que possa se dedicar à tarefa de rever nossa matéria, e ainda somos inexperientes na Direção do Jornal. Embora alguns de nós pertencessem ao Setor de Imprensa no ano passado, desconhecíamos os mistérios relativos à Direção do Jornal, que estamos agora desvendando.

Pretende a nova Direção fazer algumas modificações nos métodos de trabalho de "A FORJA", no sentido de melhorar a qualidade do jornal, baseando-se para isso nas críticas que foram feitas a "A FORJA" no ano passado. Este ano, "A FORJA" não terá o professor supervisor dos outros anos, que exercia a "censura" dos artigos, como muitos diziam. Foi-nos dado pelo pro. Luiz Alves de Mattos, Diretor do C. Ap., um crédito de confiança, e nós mesmos faremos a nossa própria "censura".

Queremos agora pedir aos leitores que não deixem de enviar sugestões e críticas a "A FORJA", para que possamos sempre melhorar cada vez mais a qualidade de nosso jornal, já que é o leitor o único juiz dos méritos de nosso jornal.

Queremos, enfim, que o leitor, o aluno do C. Ap., sinta que êle é o dono do Jornal do Colégio, é êle quem escreve os artigos, envia sugestões, e sobretudo, não poupa críticas. Só assim poderemos dizer, orgulhosos, que "A FORJA" é *realmente* o jornal dos alunos do Colégio de Aplicação.

Parece que continuam abertas as inscrições para as bôlsas de estudos oferecidas pelo govêrno francês às lingostas brasileiras que queiram aprender a nadar.

Este jornal foi composto e impresso nas oficinas da
GRÁFICA GUTEKBERG LTDA.
Rua Teodoro da Silva, 982

LOUCO, EU?

O diretor de "A FORJA" acaba de telefonar-me: precisa de matéria para o seu "Jornal do Brasil" de segunda feira. Não estou fazendo nada, só anos; hoje tenho a honra de ficar um ano mais velho. Vou para a varanda, olho para a enseada de Botafogo, o Pão de Açúcar, o céu; está tudo muito lindo neste domingo de março. 5 horas da tarde, aproxima-se um barco a vela que parece ser o de um meu amigo. Vejamos: azul, vela branca. Que mais?... ah, sim, o binóculo, e... exato, na vela as iniciais FD BL6. Penso no dono dêsse "barquinho", segundo êle, não haverá assunto para escrevermos. Vejamos: pensemos nêle como um brasileiro típico, ou um aluno do CAp.

No colégio êle pode beber água gelada quando quiser, abundam bebedouros em perfeitas condições, jorrando H_2O, o alambrado foi um exemplo de perfeição de administração da Caixa Escolar, está lindo, pintado de cinzento claro, colocado no devido tempo, com altura para barrar até um balão de Bellini. O prédio por sua parte é ótimo, principalmente o antigo (as coisas velhas, assim como o vinho são as melhores). E as carteiras? estas sim, estão tôdas em perfeitas condições, e há umas no andar superior do prédio novo que são o máximo em conforto. E... realmente não há do que se escrever. Nem da situação nacional nem da internacional.

No Brasil todos os políticos chegaram a um acôrdo. O Globo e Ultima Hora usam o mesmo editorial. Não há mais injustiças sociais. O nordestino não tem problemas e o povo em geral está de barriga cheia. Os preços são vergonhosamente baixos, e o que hoje se compra por Cr$ 1.000.000,00, amanhã se compra por Cr$..... 500.000,00, enfim, parece até que estamos em Cuba. Foi assinado o desarmamento mundial. A Inglaterra é membro do Mercado Comum Europeu a pedido da França. Kennedy foi convidado a visitar a pérola do caribe, e deve fazê-lo na próxima semana. A República Arabe Unida e Israel fundiram-se numa só república. Francamente Marcelo, eu não sei sôbre o que você quer que eu escreva. Acho que vou é pegar o meu FD BL6 e ir deslizar no macio azul do mar, neste lindo crepúsculo até a jóia das cidades brasileiras: Niterói.

José Capiano

BALANÇO DE 1962

População do Brasil	70.000.000
Menos: maiores de 60 anos	10.000.000
Sobram para trabalhar	60.000.000
Menos: menores de 21 anos	20.000.000
Sobram para trabalhar	40.000.000
Menos: funcionários públicos	16.000.000
Sobram para trabalhar	24.000.000
Menos: militares e seus dependentes adultos	8.000.000
Sobram para trabalhar	16.000.000
Menos: aposentados	9.000.000
Sobram para trabalhar	7.000.000
Menos: os que vivem de seus rendimentos	3.000.000
Sobram para trabalhar	4.000.000
Menos: políticos	1.000.000
Sobram para trabalhar	3.000.000
Menos: prêsos, alienados, inválidos, doentes em hospitais, etc.	2.000.000
Sobram para trabalhar	1.000.000
Menos: boas-vidas	999.000
Sobram para trabalhar	1.000
Menos: capitalistas e latifundiários	998
Sobram para trabalhar	2

Dois, o primeiro e o segundo, e é bom que o segundo começe a se virar, porque o primeiro já está cansado de trabalhar sòzinho e já tem tempo até para escrever estas coisas.

Ano VIII - N.º 1 A FORJA Abril - 63

SETOR IMPRENSA

1963

Este ano, as atividades da Radiofonia e do Jornal Mural, que antes não pertenciam a setor algum, foram enquadradas no Setor de Imprensa e Propaganda. Tomou-se esta medida obedecendo a uma diretriz adotada pela Presidência da antiga Caixa Escolar, agora G.E.C.AP., qual seja a de exercer tôdas as suas atividades através dos setôres.

Assim sendo, o Setor de Imprensa e Propaganda passa a ter suas atividades distribuídas por três divisões: a Divisão de Imprensa, a Divisão de Jornal Mural e a Divisão de Radiofonia.

A Divisão de Imprensa tem o encargo de editar o jornal do Colégio de Aplicação, "A FORJA". A fim de que "A FORJA" possa ter maior penetração junto aos alunos do C. Ap., a Divisão de Imprensa mantém junto às turmas um representante que escolhe a matéria que seus colegas de classe escrevem para o jornal. A existência dêste representante é já uma melhoria no problema das colaborações para "A FORJA".

A Divisão de Jornal Mural, entregue a competente chefia de José Ricardo Pinheiro, do 1º ano científico, cabe preparar semanalmente o Jornal Mural, que é uma outra espécie de jornalismo escolar.

A Divisão de Radiofonia, sob a chefia de Ramiro Hab de Menezes, assessorado por Ronaldo Zieiralves Souto, ambos do 2º ano científico, controla o sistema de radiofonia do C. Ap.

Durante êste ano de 1963 serão introduzidas na Radiofonia inúmeros melhoramentos técnicos, a começar pela instalação no auditório de um conjunto de alta-fidelidade para as festas promovidas pelo Setor Social.

Por fim, está-se estudando a instalação de uma Divisão de Propaganda, que será constituída por um grupo especializado na elaboração de cartazes para promoção das atividades do GECAP.

Em breve a Divisão de Propaganda será uma realidade, constituindo um grande progresso para a Caixa Escolar, agora Grêmio.

O Diretor do Setor é o chefe da Divisão de Imprensa, Marcelo Nogueira da Cruz; a Secretaria está entregue à responsabilidade de José Fernando C. Tavares; e finalmente temos no cargo de Tesoureiro o colega George Leal Diab.

Esperamos, pois, que o Setor de Imprensa e Propaganda tenha a colaboração de todos os alunos do C. Ap., indispensável para o bom êxito das nossas atividades êste ano.

Caros colegas, êste ano "A FORJA" terá uma nova Diretoria, em virtude da saída do C. Ap. da antiga Diretora do nosso jornal, Eliane Zagury, agora universitária.

Foi com Eliane Zagury que se operou um ressurgimento em "A FORJA", que, do quase esquecimento, passou a ser lida, comentada e até criticada. "A FORJA" deixou de ser um jornal mimeografado para ser impresso.

A nova Diretoria pretende pois, continuar a experiência iniciada em 1961 com Eliane Zagury e fazer de "A FORJA" um jornal ativo e dinâmico, voltado inteiramente para os problemas do Colegio de Aplicação e do G.E.C.AP.

Este número talvez apresente algumas falhas, além de ter saído um pouco atrasado, pois não temos ainda em "A FORJA" um professor de Português que possa se dedicar à tarefa de rever nossa matéria, e ainda somos inexperientes na Direção do Jornal. Embora alguns de nós pertencessem ao Setor de Imprensa no ano passado, desconhecíamos os mistérios relativos à Direção do Jornal, que estamos agora desvendando.

Pretende a nova Direção fazer algumas modificações nos métodos de trabalho de "A FORJA", no sentido de melhorar a qualidade do jornal, baseando-se para isso nas críticas que foram feitas a "A FORJA" no ano passado. Este ano, "A FORJA" não terá o professor supervisor dos outros anos, que exercia a "censura" dos artigos, como muitos diziam. Foi-nos dado pelo pro. Luiz Alves de Mattos, Diretor do C. Ap., um crédito de confiança, e nós mesmos faremos a nossa própria "censura".

Queremos agora pedir aos leitores que não deixem de enviar sugestões e críticas a "A FORJA", para que possamos sempre melhorar cada vez mais a qualidade de nosso jornal, já que é o leitor o único juiz dos méritos de nosso jornal.

Queremos, enfim, que o leitor, o aluno do C. Ap., sinta que êle é o dono do Jornal do Colégio, é êle quem escreve os artigos, envia sugestões, e sobretudo, não poupa críticas. Só assim poderemos dizer, orgulhosos, que "A FORJA" é *realmente* o jornal dos alunos do Colégio de Aplicação.

Parece que continuam abertas as inscrições para as bôlsas de estudos oferecidas pelo govêrno francês às lingostas brasileiras que queiram aprender a nadar.

Este jornal foi composto e impresso nas oficinas da
GRÁFICA GUTEKBERG LTDA.
Rua Teodoro da Silva, 962

LOUCO, EU?

O diretor de "A FORJA" acaba de telefonar-me: precisa de matéria para o seu "Jornal do Brasil" de segunda feira. Não estou fazendo nada, só anos; hoje tenho a honra de ficar um ano mais velho. Vou para a varanda, olho para a enseada de Botafogo, o Pão de Açúcar, o céu; está tudo muito lindo neste domingo de março. 5 horas da tarde, aproxima-se um barco a vela que parece ser o de um meu amigo. Vejamos: azul, vela branca. Que mais?... ah, sim, o binoculo, e... exato, na vela as iniciais FD BL6. Penso no dono dêsse "barquinho", segundo êle, não haverá assunto para escrevermos. Vejamos: pensemos nêle como um brasileiro típico, ou um aluno do CAp.

No colégio êle pode beber água gelada quando quiser, abundam bebedouros em perfeitas condições, jorrando H2O, o alambrado foi um exemplo de perfeição de administração da Caixa Escolar, está lindo, pintado de cinzento claro, colocado no devido tempo, com altura para barrar até um balão de Bellini. O prédio por sua parte é ótimo, principalmente o antigo (as coisas velhas, assim como o vinho são as melhores). E as carteiras? estas sim, estão tôdas em perfeitas condições, e há umas no andar superior do prédio novo que são o máximo em conforto. E... realmente não há do que se escrever. Nem da situação nacional nem da internacional.

No Brasil todos os políticos chegaram a um acôrdo. O Globo e Ultima Hora usam o mesmo editorial. Não há mais injustiças sociais. O nordestino não tem problemas e o povo em geral está de barriga cheia. Os preços são vergonhosamente baixos, e o que hoje se compra por Cr$ 1.000.000,00, amanhã se compra por Cr$..... 500.000,00, enfim, parece até que estamos em Cuba. Foi assinado o desarmamento mundial. A Inglaterra é membro do Mercado Comum Europeu a pedido da França. Kennedy foi convidado a visitar a pérola do caribe, e deve fazê-lo na próxima semana. A República Arabe Unida e Israel fundiram-se numa só república. Francamente Marcelo, eu não sei sôbre o que você quer que eu escreva. Acho que vou é pegar o meu FD BL6 e ir deslizar no macio azul do mar, neste lindo crepúsculo até a jóia das cidades brasileiras: Niterói.

José Capiano

BALANÇO DE 1962

População do Brasil	70.000.000
Menos: maiores de 60 anos	10.000.000
Sobram para trabalhar	60.000.000
Menos: menores de 21 anos	20.000.000
Sobram para trabalhar	40.000.000
Menos: funcionários públicos	16.000.000
Sobram para trabalhar	24.000.000
Menos: militares e seus dependentes adultos	8.000.000
Sobram para trabalhar	16.000.000
Menos: aposentados	9.000.000
Sobram para trabalhar	7.000.000
Menos: os que vivem de seus rendimentos	3.000.000
Sobram para trabalhar	4.000.000
Menos: políticos	1.000.000
Sobram para trabalhar	3.000.000
Menos: prêsos, alienados, inválidos, doentes em hospitais, etc.	2.000.000
Sobram para trabalhar	1.000.000
Menos: boas-vidas	999.000
Sobram para trabalhar	1.000
Menos: capitalistas e latifundiários	998
Sobram para trabalhar	2

Dois, o primeiro e o segundo, e é bom que o segundo começe a se virar, porque o primeiro já está cansado de trabalhar sòzinho e já tem tempo até para escrever estas coisas.

13

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 150
EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 3)
DATA: 20/05/1963



Esta edição informa a programação das comemorações do 15° aniversário do Colégio de Aplicação. Em *Orfeão com novo alento*, A Forja critica o desinteresse dos alunos pelo Orfeão do CAp, enfatiza a sua importância para o colégio e parabeniza-o pela sua nova fase. Semelhantemente, a matéria *Teatro sério* comenta sobre uma peça que seria apresentada por esse setor e enfatiza que os artistas amadores do CAp também merecem apoio e consideração. O artigo *Os outros meninos* anuncia a realização de uma campanha de alfabetização promovida por capianos e convida seus colegas a participarem. Em *Nota de última hora*, é divulgada a alteração do nome do grêmio para Grêmio Odylo Costa Neto, em homenagem ao colega assassinado naquele ano. Já em *Latim mais importante que Português*, é criticada a carga horária destinada ao ensino das disciplinas de Letras. Ademais, são publicados poemas e crônicas literárias escritas por alunos, sob os títulos: *Crônica da noite e do dia*; *Solidão*; e *Homenagem*.

VISE 150
P059

A FORJA

Ano VIII — N.º 3 Publicação do GOCN 30 de Maio de 1963

C.A.P. FAZ QUINZE ANOS

Pouco se tem escrito neste Colégio sôbre as atividades de nosso Orfeão, sôbre o trabalho da D. Maria Cerqueira, que, vencendo as dificuldades surgidas a todo momento, conseguiu fazer algo a bem de artístico, com um punhado de alunos que gostam de cantar.

De seu idealismo abnegado nasceu o que hoje chamamos, com justificado orgulho, de Orfeão do C. Ap.

Mas idealismo solitário nada produz. Idealismo necessita de boa acolhida, entusiasmo dos outros também.

O que temos visto até agora é a insensibilidade dos colegas em relação à música coral, uma das mais belas manifestações artísticas.

Orfeão Com Nôvo Alento

Esta frase: "Não tenho tempo para fazer parte do Orfeão", já está batida. Mudem a disco. Deveriam dizer: "Não tenho interêsse pelo Orfeão (nem pelo colégio, há-de se concluir).

O Orfeão, com pesar diremos, vem vegetando no Colégio de Aplicação, tem sido uma sombra, na indiferença de todos.

Mas Orfeão é coisa imprescindível. Imaginem uma festa do Colégio sem o Orfeão. Não se pode imaginar, pois não concebemos o nosso Orfeão morto. Ele é tradição.

D. Maria desgosta-se ao anúncio. Além de cuidar do Orfeão coordena as atividades musicais em todo o Colégio. Esta é a imagem que temos de D. Maria: uma pessoa assoberbada com múltiplas obrigações. Em qualquer intervalo que se procure D. Maria, ela está fazendo algo, cambiando, conversando, inventando.

Agora felizmente, já em nova fase o Orfeão, D. Maria tem uma ajudante que se entrosa bem com sua trabalhar: D. Adélia Demarchi. O trabalho é para, depois, bem dividido (mas **sòmente agora**). Temos certeza que, se tudo se conduzir num ritmo bom até hoje, com mais alguém a trabalhar, o Orfeão só poderá melhorar.

Por isso congratulemo-nos com o Orfeão, quando entra em sua **nova** fase. Composto ùltimamente por aproximadamente meia centena de alunos para as comemorações de 15.º aniversário do Colégio de Aplicação, apresentará números bem ensaiados, apesar de, infelizmente, pela exigüidade de tempo, não poderem ser de mais alta escôlha. Não poderão ser perfeitos. Em compensação podemos afirmar, baseados nas palavras da própria D. Maria, que no segundo semestre, para as festividades da "Dia de Mestre" e "Semana de Estudante", um programa excelente, com música erudita, será apresentado.

É podemos também adiantar que no segundo semestre seremos beneficiados com uma nova atividade sôbre do trabalho e D. Maria Cerqueira — o conjunto de música de câmera do Colégio de Aplicação.

OS OUTROS MENINOS

Êles não são mais meninos. Nem o serão. Mas êles serão filhos. Êstes serão meninos. Êles não tiveram oportunidade de aprender, não conheceram o valor do saber. Seus filhos talvez não venham a conhecer. É necessário então que êles conheçam, para avaliar o seu valor. Nós queremos mostrar-lhes. Talvez você também queira, talvez muitos o queiram.

É preciso então que isto deixe de ser apenas uma vontade e torne-se um fato. Mas para tal é preciso muita fôrça de vontade e apôio. A fôrça de vontade nós temos. O apôio vocês darão, ajudando a **Campanha de Alfabetização**. Mas talvez você queira dar mais que um simples apôio — você tem consciência do problema — então procure-nos.

Componha de Alfabetização — Geny, Ana (3.º cl); Sidney (2.º cl); Mair (1.º cl); Mauro (3.º cl); Marcos (1.º cl).

NOTA DE ÚLTIMA HORA

O Conselho de Representantes, em reunião anteontem, sábado 18, decidiu por unanimidade mudar o nome de nosso grêmio para *Grêmio Odylo Costa Neto* (GOCN) em homenagem ao nosso colega assassinado.

PROGRAMA DAS COMEMORAÇÕES DO
15.º ANIVERSÁRIO DO C. Ap.
20 DE MAIO DE 1963

PARTE DA MANHÃ (no C. Ap.)

Às 8,00 horas:

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS, na capela de São José da Lagôa, ao lado do Colégio.

Às 9h15 minutos:

VOLLEY FEMININO: — ESCOLA NORMAL AZEVEDO AMARAL X C. Ap.
FUTEBOL DE SALÃO: — C.Ap. X EX-ALUNOS

PARTE DA NOITE (no salão Nobre da F. N. F. Av. Pres. Ant. Carlos, 40/4.º andar)

Às 21h30 minutos:

1.ª Parte:

"TOME JUIZO, ALFA!"

Peça teatral de autoria de José Rodrigues Trindade, aluno do C.Ap.

INTÉRPRETES:

CLÁUDIO C. SANTORO
GERALDO LUIS R. NUNES — MARIANA P. SILVA
GILBERTO C. BARBOSA — MARIA C. CHERMONT
ROBERTO R. ADLER

DIREÇÃO: do autor

CENOGRAFIA: Grupo de alunos do C.Ap. sob orientação do Prof. IVALDO RIBEIRO BRANCO

ILUMINAÇÃO E CONTRA-REGRA: MARIO WILLMERSDORF Jr.

SEGUNDO CONTRA REGRA: MARCELO NOGUEIRA

SUPERVISÃO GERAL: Professora NILCÉA R. DE LAS CASAS

2.ª Parte:

ORFEON — Regência — Professôras ADELIA ANTONIETA DEMARCHI e MARIA CERQUEIRA

José Vieira Brandão — "TRABALHAR, PROGREDIR E VENCER"
Francisco Braga — "CHIPANZÉ"
Folclore Mineiro — "PEIXE VIVO"
Harold Arlen — "OVER THE RAINBOW"
Junquilho Norival — "APOTEOSE FINAL" — BRASIL

CRÔNICA DA NOITE E DO DIA

Carlos Alberto Gomes

Sempre em vão, sempre à parte. Em vão e à parte, ir e vir. Nomenclatura vã, resultado vem cá! e sem gôsto naquilo que se faz sem grandes desejos, sem grandes apetites. E giramos em redor de quê? E consistimos? E a multiplicidade do que somos e do que concebemos não existirá em função de nada? Sempre em vão, sempre à parte, sempre, nunca, nada. Falo por obra e graça de qualquer razão, sou coisa nenhuma que flui como tudo, experimento a sensação da continuidade de algo indefinido. Impessoal, frio, inóvel, sem gôsto. Afirmo, talvez, de quando em quando. Afirmo que o frio me faz pensar na criança morta. Estupáceo! Mas o que há de falso numa posição forçada de mãos ou de cabeça me irrita. Quero afirmar algo em respostas ao nada. Sou, falo, dizem muita coisa e às vêzes não quero ouvir. Em frente à janela existe outra janela, em verdade os barcos de pesca são testemunhas da frustração de quem passa por perto da praia, quando êles lá estão, na tarde adormecidos na areia morta. Afirmo que o espírito da madrugada é para sempre livre, algo que os que estão livres o podem sentir e amá-la. Poderão sentir-se num barco de pesca, saberão que a liberdade de um momento é eterna porque é invencível. A imobilidade não os assusta, o frio é um convite à meditação. Pensarão na criança morta, serão autênticos, não serão insensíveis à tristeza do homem que se sente frustrado num barco de pesca adormecido na areia morta, numa praia em que há gente que não se afaga, que não afuma. O dia amanhece, o homem não está mais no barco de pesca. Vê-se uma criança que não está morta. Ela sorri.

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO G.E.C.AP.

Diretor-Responsável
MARCELO NOGUEIRA DA CRUZ

Secretário
JOSÉ FERNANDO COSENTINO TAVARES

Redator-Chefe
PAULO SÉRGIO SOUSA SANTOS

Redatores
JOSÉ FERNANDO COSENTINO TAVARES
JOSÉ RICARDO PINHEIRO
JOSÉ RODRIGUES TRINDADE
SOLANGE WEISZ

Departamento Técnico
NELSON MOCZYDLOWER
HENRIQUE NEBENZAHL

Teatro Sério

O Setor Teatro apresentará na festa do C. Ap. uma peça de autoria de nosso colega José Rodrigues Trindade, dirigida pelo autor. "Tome juízo, Alfa", é o título. No elenco teremos Cláudio Santoro, Roberto Adler, Mariana de Peive Silva, Maria da Conceição Chermont, Geralda dos Reis Nunes e Gilberto Castro Barbosa. A iluminação é de Mário Willmendorf Jr.

Ao falar da peça fizemos antes de mais nada uma análise das condições em que a peça foi montada.

O grupo de teatro do C. Ap. possui realmente talento e uma grande vontade de fazer coisa bôa. Porém além disso nada mais existe. A experiência e principalmente os recursos são limitadíssimos. Os atores fazem uso único e exclusivamente de seu talento inato. Grande poder de concentração notase nesses artistas, que com certeza representar-lão séries papéis com tão pouca idade e vivência.

Apenas a ajuda de D. Nilcéa e da prof. Ivelise Ierardi sustentaram a responsabilidade que pesava sôbre o grupo.

O autor, um rapaz de quinze anos, não poderia de forma alguma ter elementos para comparar-se a um profissional. Apesar disso seu talento pode ser notado nessa peça que é talvez o mais séria e moderno a ser representada pelo teatro amador de C. A. O aparentemente inexperiente autor consegue fazer vibrar o público. Como diretor, savela-se sério e moderado. E é certo que ampliticando suas qualidades através de muito estudo,poderá tornar-se um grande teatrólogo. Sôbre os cenários, sonoplastia e iluminação, não seria necessário afirmar duas vêzes que o Colégio de Aplicação não dispõe de recursos para apresentar algo melhor do que nos será oferecido.

Com o conhecimento de todos êstes fatôres veremos que os artistas amadores do C. Ap. merecem todo o nosso apôio e consideração.

Estamos certos que os colegas ao assistir à peça, serão capazes de sua qualidade e compreender seu significado.

Notas Sôltas

(Conclusão da 4ª página)

de lançar uma campanha de assinaturas dêste periódico para ex-alunos ou pessoas estranhas ao colégio. Se você conhece alguém que deseje fazer uma assinatura de A FORJA, comunique à Secretaria do Setor Imprensa.

No número passado de A FORJA, apareceu um artigo intitulado "Um caminho de estrêlas para Stella", no qual por uma falha na tipografia, não foi publicada o nome do autor, que é o nosso colega Tavares.

"LATIM MAIS IMPORTANTE QUE PORTUGUÊS"

Sob êste título publicamos em nossa última edição um artigo e esperávamos que os responsáveis pelos dados cadernos estudassem nossas opiniões e na medida do possível tomassem as providências necessárias, mas nada disso ocorreu e voltamos então a abordar o assunto.

Além do exemplo citado no outro artigo, isto é, o 3.º clássico, há muitos outros em nosso Colégio. As turmas de 4.ª série ginasial têm 4 aulas semanais de latim e 2 de português, e o que é pior, também 4 aulas semanais de Inglês. Afinal estamos na Inglaterra, França ou no Brasil? Nas turmas de 3.ª série ginasial também êste fato se repete. O Português sempre leva desvantagem. Por que? No curso científico a 1.ª série e a 2.ª têm 2 aulas semanais de Português. Parece que o objetivo do nosso Colégio é formar futuros técnicos altamente especializados em determinado assunto e ignorantes do resto, inclusive a própria língua.

Além disso tudo, numa análise mais profunda do problema do ensino de Português no Colégio de Aplicação, vamos reparar que o ensino tem caído não só quantitativamente como também qualitativamente, o que significa um problema bem mais sério do que o anterior.

As páginas de A FORJA estão abertas a todos os que queiram manifestar-se sôbre o assunto, alunos e professôres, apoiando ou discordando de nossa opinião.

Seria interessante que pelo menos os responsáveis tivessem a curiosidade de examinar o problema e debatessem com os alunos, de modo a que se pudesse chegar a uma solução.

Pedimos desculpas se acaso houve algum excesso em nossas críticas, mas queremos lembrar que o nosso intuito é única e exclusivamente construtivo.

O Colégio de Aplicação está cheio de idealistas. Poderíamos dizer que a juventude ferve nele. Cheio de gente que se interessa, que estuda e discute os problemas nacionais, gente que entende a realidade em que vivemos, mas gente muito atarefada...

Foi isso que ouvi quando começamos a organizar nossa **Campanha de Alfabetização**. Sim, o Analfabetismo é um dos grandes problemas sociais do Brasil. Precisa ser banido, é um câncer social. Bonito né? Sim, bonito seu moço, mas o que é que vamos fazer? Estás disposto a pegar no picareta e com eu suor ajudar a construir um nôvo Brasil? O nôvo Brasil de que tanto falas, que tanto amas e idealizas? Estás disposto a pôr tuas idéias na prática, a viver tuas idéias, a pesar de ser somente um intelectual, um sonhador empolgado e superior pois ser um homem? Um homem entre os homens, um reformador, um guerreiro moderno que constrói com a mesma fé que os antigos destroem.

Se tens idéias e não as pões em prática, morrerás com elas, virarão pó. Tuas idéias têm valor quando lutas quando moldas e mundo por elas. Tua cabeça não serve só para pensar, fazendo apenas isto teu valor é nulo. Tua cabeça serve para guiar teus punhos, teu corpo mortal será bem mais o corpo de um ser humano quanto maior fôr tua influência no destino de humanidade.

Estou vendo até demais, dizes você. Vou discutir com um pedido:

— Idealista (perdão essa palavra) se você não nos ajudar se você não nos der apoio mesmo que seja o mínimo que você puder fazer, por favor, envergonhe-se do próximo vez que abrir a bôca.

Mauro José Costa

SOLIDÃO

ANTONIO AUGUSTO DUPIN CALMON

A onda ira
Azul enorme
Imovel como no começo de um milênio
Em adoração contemplo
Depois ela ulva
Dobra se
Transforma-se em coco verde branco
E nem choro posso
Depois vem outra
E outras
Sentimento ainda moderno
Dói solidão



O T. A. C. AP.

Teatro Amador Do C. Ap.

Precisa De Textos

COLABORE COM O
TEATRO DOANDO
LIVROS DE TEATRO
AO **T.A.C.AP.**

Entregas No Balcão Do Setor
Teatro Ou Com Lila May (1.o cl.)
E Mário Willmeisdorf Jr .(4.o B)

SEJA UM ALFABETIZADOR

CAMPANHA DE ALFABETIZAÇÃO DO C.A.P.

A FORJA

Ano VIII — N.º 3 Publicação do GOCn 20 de Maio de 1963



A rapaziada do Teatro Amador está levando o treinamento à sério...

Notas Sôltas

... E dizem que a televisão não influi no espírito do povo. O nosso Miguel IM. E. y F.L. que quando aparecia em alguma sala para dar avisos da Caixa Escolar não era bem recebido, agora é Lago que ele chega, algum palhaço grita: "Palmas para o Miguel".

O setor antes chamado "Imprensa e Propaganda" do GECAP, desmembrou-se em três novos setores autônomos: "Setor Imprensa", cuidando de A FORJA e do JORNAL MURAL; "Setor Propaganda", com a confecção de cartazes, sob a direção de Rita Kaufman, que vem desempenhando muito bem suas funções, com cartazes muito bem feitos espalhados pelas paredes do C. Ap.; e "Setor Radiofamília", com George e Ramiro.

O setor antes chamado brou-se em três novos setores autônomos: "Setor Imprensa", cuidando de cartazes, sob a direção de Rita Kaufman, que vem desempenhando muito bem suas funções, com cartazes muito bem feitos espalhados pelas paredes do C. Ap.; e "Setor Radiofamília.

A FORJA estuda meios

(Continua na 2ª página)

Filmes Da Quinzena

O ECLIPSE — a hora em que o filme queimou
O FANTÁSTICO SUPER-HOMEM — Afrânio
O GRANDE MOTIM — pergunte ao Miguel
OBSESSÃO MACABRA — prof. Martinho
COMENDO DE COLHER — curso Clássico
É A MAIOR — D. Eleonora
PEQUENO POR FORA — prof. Guilherme
PARAISO DOS NUDISTAS — Vestiários
O GOLPE — União Afrânio-Rafael
A PATRULHA FANTASMA — coordenação
O MAGO DE BAGDÁ — prof. Musso
MINHA VONTADE E LEI — Seu Ary
SEM TEMPO PARA MORRER — prof. Mauricio

Peças De Teatro

FAMILIA POUCO FAMILIA — A "Familia C. Ap."
TIRO E QUEDA — a mariola do Afonso's
O BEM AMADO — Afrânio
BOM MESMO É CARNAVAL — prove de Latim

Frases Célebres

"Asseyez-vous à la française — Ça c'est fort".
"Adler, você é um kágado"
"Aluno não precisa de conforto para estudar".

Coisinhas Que Incomodam

— a pulseira do Pito
— o terno marrom do Silvio
— a Campanha de Alfabetização

Sucessos Musicais

ESTA NOITE EU QUERIA QUE O MUNDO ACABASSE — véspera de prova de matemática
O PASSO DO ELEFANTINHO — Laura, the hostess
MANHÃ DE CARNAVAL — último dia de aula



GALERIA DE CRIMINOSOS

Procurado pela coordenação do C. Ap. Trindade. Exilado pela gavêtas da Ilarigadávia. Exerce suas atividades nefastas principalmente nos meios teatrais de um colégio no Lago. Pensa ser espirituoso, mas a verdade é que é chato mesmo! Alienado. Perturba todos os setores do GECAP, mas o que ele quer mesmo é certa (culdade Rita!)

Nomes falsos que o meliante confessou usar depois de ter sido katukado pelos

INKATUKÁVEIS:

"André Jotta"
"Trindadinho das gordas"
"The Beat"

OS INKATUKÁVEIS
F. B. H. (Federal Bureau of Humorism).

HOMENAGEM

LAURA

— Bom dia, senhores. Podem sentar.

Ela diz esta frase quatro vêzes por semana em minha turma. Depois não se ouve mais nada (a não ser coisas difíceis).

Muitas vêzes distribui zeros. Certa vez, para mudar um pouco, deu em francês: zéro.

Já na metade da aula, começa com seus problemas. Vai um aluno ao quadro e êle repete milhões de vêzes com aquêle seu ar de mau: — Estás caindo, Fulano. — Vais muito mal, Sicrano. E assim vai até o fim.

Nos seus testes de dez minutos todos os alunos se revoltam. Vamos ao S. O. E. Outras meninas "abrem a bôca". Mas não adianta. Se vamos pedir-lhe para anular o teste êle sorri e diz:

— Você tirou zero. E assim por diante. Mas tôda esta raiva passa e se cada um de seus alunos refletissem um pouco acabariam descobrindo que o adoram.

Sim, êle é um ótimo professór. Um dos melhores do Colégio de Aplicação. Digamos enfim, não é um "carrasco" comum. Êle é diferente dos outros carrascos.

Já sabem quem é? É matemática, naturalmente. De quem? Está clara que não podia ser outro.

É palmas para o... Martinho!!!

14

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 151
EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 4)
DATA: 4/6/1963

A capa desta edição dispõe de uma foto de João XXIII, "o papa da paz" e um grande texto em sua homenagem. Ainda na primeira página, no editorial, são mencionados e rebatidos alguns comentários negativos direcionados ao número anterior do jornal. Na página seguinte, também são criticadas as comemorações do 15° aniversário do CAp. Cumpre assinalar que os artigos *Tome juízo, Zé* e *A opinião do 'plagiador' versus a opinião do 'pasquineiro': a opinião do suposto 'plagiador'* discutem de maneira hostil a autoria da peça apresentada pelos artistas do Setor Teatral. A matéria *Associação de ex-alunos* anuncia a sua fundação e a sua data de comemoração. Em *Cobrás saúda a Jorja*, a empresa prestigia a imprensa estudantil. Em *Conjunto anima festa no CAp*, é relatado e elogiado o "arrasta-pé" realizado na instituição. O artigo *Os outros colégios (1)* comenta as preocupantes situações vividas pelo corpo discente do Colégio Pedro II. No texto *Racionamento*, são feitas críticas à desigualdade social. Ademais, em uma nova coluna com informações sobre diferentes profissões e cursos superiores, A Forja publica uma matéria intitulada *Diplomacia - o Instituto Rio Branco*. Na última página, o espaço do jornal é dedicado à seção de esportes.

A FORJA

Ano VIII — N.º 4 | Publicação do Grêmio Dulcy Costa Neto | 4 de junho de 1963

CONJUNTO ANIMA FESTA NO C.AP

SUCESSO RETUMBANTE — O FESTIVAL "AS LIRA" TRANSFORMOU-SE EM TRIUNFAL

JOÃO XXIII — PAPA DA PAZ



EDITORIAL



Página 2 — A FORJA — 1.ª quinzena Junho 63

CRÍTICA ÀS COMEMORAÇÕES DO ANIVERSÁRIO DO C.AP

Tome Juizo, Zé

ASSOCIAÇÃO DE EX-ALUNOS

A OPINIÃO DO "PLAGIADOR" VERSUS A OPINIÃO DO "PASQUINEIRO"

A OPINIÃO DO SUPOSTO "PLAGIADOR"

A FORJA

Cobrás Saúda A Jorja



1ª quinzena - Junho 63 A FORJA Página 3

CONJUNTO ANIMA FESTA NO C.AP

OS OUTROS COLÉGIOS (1)

DIPLOMACIA - O Instituto Rio-Branco

Racionamento



A FORJA

Ano VIII — N.º 4 Publicação do Grêmio Odyla Costa Neto 4 de junho de 1963

ESPORTES

Óptica Vidal

A CIENCIA A SERVIÇO DOS OLHOS

Filial: Rua 7 de Setembro, 74-B Tel. 22-3632
Matriz: Rua do Carioca, 61 Tel. 42-7286
Rio de Janeiro — Brasil

Especialidade em Ótica. Oficina própria para aviamento das prescrições médicas. Material Fotográfico, Revelações e Ampliações. Álbuns para Fotografias, Cinetas, Chapas para Raio X, etc.

15

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 152
EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 5)
DATA: 1/8/1963

Há neste exemplar agradecimentos às pessoas que colaboraram para a realização da festa junina e com as fotos da excursão a Minas Gerais e do campeonato esportivo interno. Nas páginas seguintes, o artigo *Universidade do Brasil* divulga o Concurso Intercolegial de Química, promovido pelo Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Farmácia. Ao lado, em *Conversa com os alunos do CAp*, há uma resposta a críticas feitas no número anterior às comemorações do aniversário da instituição. Em *Ex-alunos fazem reunião e lançam bases da Associação dos ex-alunos do CAp*, são apontadas algumas questões debatidas nessa reunião. A matéria *E os refletores?* menciona a falta de dinheiro do grêmio e questiona uma compra - considerada inútil - da antiga Caixa Escolar. Em *4º A faz excursão e conta como foi*, os alunos comentam sobre os lugares que visitaram em Belo Horizonte e em Ouro Preto (MG). O artigo *Novo alento para o grêmio* destaca o avanço dos setores e das campanhas do colégio. Já o texto *Ensino?* trata de analfabetismo e ensino no Brasil. Problemas estruturais do colégio são apresentados na matéria *Área entre prédio antigo e o prédio novo interditada. Motivo: desnível das duas estruturas*. Ademais, há uma nova coluna humorística nomeada de *TACAp: trocadilhos associados ao CAp* e alguns docentes são elogiados em *Receita para um bom professor*. Esta edição apresenta também diversas fotos de alunos e de eventos, além de cinco textos literários escritos por discentes.



A FORJA

Ano VIII — N.º 5 Publicação do Grêmio Odylo Costa Neto Agôsto de 1963

A moda apareceu e A FORJA também aderiu. Veja e divirta-se com as FOTO-FOFOCAS de A FORJA, boladas por nosso humorista Jo-se Rivanda ★ Foto-Fofocas, pgs. 6 e 7

★ ☆ ★ ☆ ★ ☆ ★ ☆

A Valorização Do Ensino De Português No CAp

QUADRO GERAL DOS ESPORTES NO C.A.p.

Leia na Página 5

Universidade Do Brasil

[illegible]

CONVERSA COM OS ALUNOS DO C. Ap.

[illegible]

Ex-Alunos Fazem Reunião E Lançam Bases Da Associação Dos Ex-Alunos Do C.A.p.

[illegible]



E OS REFLETORES?

[illegible]

A FORJA

Publicação Oficial do Grêmio Cívico Cruz Novo do Colégio de Aplicação da Fac. Nac. de Filosofia

Diretor-Responsável:
MARCELO NOGUEIRA DA CRUZ

Secretário:
PAULO SÉRGIO DE SOUZA SANTOS

Redator-Chefe:
JOSÉ FERNANDES CORRÊNTINO TAVARES

Departamento Fotográfico:
Zeli Fiuza Barros e Miguel Fernandes y Fernández

Colaboradores:
Eduardo Chaves, Marcelo Gomes Guimarães e Solange Wyse



Agôsto de 1963 A FORJA Página 3

UM SORRISO DE ADEUS

JOSÉ FERNANDO

4.o-A FAZ EXCURSÃO E CONTA...

NÔVO ALENTO PARA O GRÊMIO

Meio-Dia

Rodrigo Otávio

VIDA AMARGA

ALUNA

A Estrada



ENSINO?

LEIA E DIVULGUE
A FORJA

NOTAS SÔLTAS

JOSÉ FERNANDO



EX ALUNOS FAZEM REUNIÃO . . .

gôsto de 1963 A FORJA Página 3

QUADRO GERAL DOS CAMPEONATOS DE FUTEBOL DE SALÃO, VÔLEI E BASQUETE DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

TACAP

NÔVO ALENTO PARA O GRÊMIO





Página 6 A FORJA Agôsto de

4.o A FAZ EXCURSÃO E CONTA COMO FOI

RECEITA PARA UM BOM PROFESSOR



...ato de 1963 — A FORJA — Página 7

QUEM É ELE?

FOTO... FOFOCAS...



A FORJA

Ano VIII — N.º 5 | Publicação do Grêmio Odyle Costa Neto | Agôsto de 1962

AREA ENTRE O PRÉDIO ANTIGO E O PRÉDIO NOVO INTERDITADA. MOTIVO: DESNIVEL DAS DUAS ESTRUTURAS

16

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 153
EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 3)
DATA: Setembro/1963

Na capa desta edição, há uma foto sobre uma das conferências realizadas durante a Semana Brasileira - iniciativa do grêmio estudantil -, além de dois artigos: *Palestra sobre realidade nacional* e *Sete de setembro*, que tratam, respectivamente, do subdesenvolvimento do país e do patriotismo de fachada. Foram publicadas diversas fotos e matérias sobre as atividades promovidas ao longo da Semana Brasileira: *Sérgio Cabral e Cartola no CAp, Teatro brasileiro, Música: maestro José Siqueira e Cinema brasileiro*. O leitor ainda encontra o artigo *Ensino??* em que são tecidas críticas ao artigo *Ensino?*, publicado no número anterior do jornal. Em *CAp presente ao Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular*, uma aluna destaca a formação de órgãos coordenadores e os objetivos do congresso. A matéria Notas soltas aborda o cotidiano escolar e o funcionamento dos setores do colégio. Por fim, há dois textos literários intitulados *Receita para a imoralidade* e *Preferi essa morte*.

semana brasileira



Vão publicados nas páginas deste número de A FORJA artigos dizendo o que foi a Semana Brasileira, iniciativa do Grêmio Odylo Costa, neto, realizada de 2 a 7 de setembro, no C. Ap. Na foto, aspecto de auditório durante as conferências.

ANO VIII — Nº 6
PUBLICAÇÃO DO GRÊMIO ODYLO NETO
7 DE SETEMBRO DE 1963

A FORJA

palestra sôbre realidade nacional

(Pelo sociólogo Cândido M. de Almeida)

Com o auditório razoavelmente cheio, começou a conferência citando a importância de um estudo detalhado que analise a realidade nacional ao contrário de conclusões simplistas sem base real. Exemplo: "Deus é brasileiro", "os polí cos arrumam a país", etc. . . .

Existem explicações para o subdesenvolvimento de país, na verdade, a conferência visava a isso.

Para se melhor entender, começou a fazer um paralelo entre Brasil e EUA. 1) fatôres naturais: a) penetração relativamente fácil nos EUA, enquanto no Brasil ela é bem difícil (Serra do Mar, etc . . .); b) Clima temperado (quase todo os EUA), clima tropical, selvas equatoriais, etc. (quase todo o Brasil); c) os faixa de nesse vigoram no sub-solo: petróleo do Recôncavo Baiano talvez esgote-se em pouco tempo (15-20 anos), exploração provável mas difícil da Amazônia, muito ferro no subsolo mas mal explorado, carvão de baixa qualidade e escasso; nos EUA os minerais acima poderão durar séculos. 2) fatôres econômicos: a) free EUA, os colonizadores eram pessoas segregadas religiosamente e vieram para fixar residência, com seus hábitos, etc., portanto desenvolvendo um comércio ativo. Defendendo a economia do país que era a sua própria contra a metrópole, por exemplo: "Festa do Chá" e outros movimentos. b) no Brasil desembarcavam, a parte colonos sem trabalho em Portugal, marginais, encarcerados mandados para explorar o mundo desconhecido semelhante à Lua para um astronauta que lá desembarcasse nos dias de hoje: e encontrar índios. Em mais fácil portanto, para a metrópole, a exploração do Brasil Não havia a residência dos pequenos comerciantes nacionais mais abundantes dos EUA.

Existem, portanto, já nessa comparação, fatos que esclarecem alguns pontos da realidade do país.

E continuou, abordando aspectos que caracterizam e diferenciam países subdesenvolvidos de desenvolvidos.

1) Renda per capita:

a) países subdesenvolvidos; geralmente com grande população, mas com renda per capita baixíssima (encontram-se países onde os sultões ou marajás são fantasticamente ricos, contrabalançando a miséria popular, pois essa renda nacional dividida pela população dá uma média razoável).

Ex.: Brasil — 10% da renda per capita dos EUA, Índia — explosão demográfica e renda per capita baixa.

b) países desenvolvidos: população grande com renda per capital alta.

2) a) Países desenvolvidos: população ativa está quase tôda na indústria, agricultura industrializada. Ex.: EUA — 10% da população na agricultura e extração.

Existe um processo acumulativo: mercado que se desenvolve gera mercado interno grande, que gera nível aquisitivo alto, o qual gera progresso.

b) Países subdesenvolvidos: quase tôda a população está na agricultura e extrativismo, geralmente em monocultura ou num produto básico central. Ex.: No Brasil 60 da população está na agricultura e extrativismo (notese que o nosso país está em processo de industrialização, outros países, como os da América Central, poderia exemplificar melhor esse item).

Ao invés do processo acumulativo, existe um círculo vicioso: não há desenvolvimento do mercado, o que gera uma mercado interno pequeno que gera um baixo nível aquisitivo, o qual gera a miséria popular que resulta em pouco progresso.

Uma grave contradição: sem elevar-se o nível aquisitivo não há expansão de mercado interno, e sem êste último o primeiro não se eleva (o que, aliás, é uma contradição do capitalismo).

Outra característica do subdesenvolvimento: subordinação a uma monocultura ou um produto extrativo. ex.: café — Brasil, Colômbia, sobre — Chile, estanho — Bolívia, petróleo — Venezuela, Oriente Médio, juta — Índia, cacau, algodão — algumas países africanos, etc. o que acarreta graves consequências (deterioração dos preços dos produtos de exportação que obrigam a produzir mais e receber menos, o que obriga a pagar mais manufaturados, que ocasionam emissões, que ocasionam inflação, etc.).

POLITICA SUBDESENVOLVIDA

Os países subdesenvolvidos são caracterizados por multidão, massa, e não povo (povo, entendido como massa consciente do seus direitos e deveres). A massa é completamente marginalizada, conformada, procurando explicações do seu estado, não as achando, sem consciência. Clássicas oligarquias dominantes decidem tudo. "Revoluções" realizadas pela classe dirigente, exs.: a que ocorreu na Argentina, Peru, América Central, a Independência e a República brasileiras, etc.

(Conclui na terceira página)

sete de setembro

Antônio Dupin — Cabrum

A pátria agora que nem tôo brasileira digo: Independência ou Morte, marchas e tôo disso na televisão, Tiradentes revivo, bandeirantes e paraíso, Brasil verum, avulsos e imprensa dos filhos da pátria o país de minha terra plantamos dá, fogueiras, holofotes, tanques, discursinhos, cantos exaltadores e réu azul, o matas virgens, cafe negro e inferno verde, Brasil do Norte e Sul, América.

Patriotismo.

Foi isso?

Depois de ter sido tocado o último dobrado, cessado do último bombardeio cessar os rojões, guardada a última guarnição desfilar, depois do dia acabou e vai voltar?

NADA.

Assim como lembram os políticos oficiosos dia dos Mortos e dos Pais, assim como só há fraternidade no Natal e amizade no Natal e amizade no Natal, assim como só se lembra dos mortos no dia e dias dedicados, patriotismo só há no dia 7 de Setembro. Patriotismo passou, não atuante, se fechado. Tem pouco duração.

Pátria é povo. Povo brasileiro? Do Brasil 63, completamente mero, oficial do sôlo pátrio, analfabetismo, fome, Século XX (!), doenças, ignorância e outros flagelos menos citáveis...

Tu, aluno dêste Colégio, [illegible] brasileiro. Tu que estudas num país de ignorantes, cemes na terra dos chamados. Tens sôlo no paraíso das doenças, não deves reclamar teu patriotismo e paixões a patriotismo. Que é o tema conhecimento desse mundo de sofredores que é nosso povo, os seus filhos, de sua fome. Não fiquem "pelo ouvir" os responsabilidades; compromissos devores. Nós ignoremos os cantos públicos. Só assim abdicaremos a ideais tão antigos como os do revolução francesa e de outros. Só assim seremos independentes, o país do futuro e civilização que será.

NESTE NÚMERO

★ teatro brasileiro
★ música
★ sérgio cabral e carola no CAp
★ cinema brasileiro
★ receita para a imortalidade
★ CAp presente ao encontro

A FORJA

Publicação oficial do Grêmio Odylo Costa, Neto do Colégio de Aplicação da F. N. Fi.

Diretor Responsável
MARCELO NOGUEIRA DA CRUZ

Redação
JOSÉ FERNANDO CONSENTINO TAVARES
JOSÉ RICARDO PINHEIRO
JOSÉ SÉRGIO LEITE LOPES
PAULO SÉRGIO DE SOUSA SANTOS
RAFAEL MYRA Y LÓPEZ
Departamento Fotográfico
LUIS RENATO BUENO
MIGUEL FERNÁNDEZ Y FERNÁNDEZ

Sérgio Cabral E Cartola No CAp

Para falarmos a respeito dos quintais, a melhor noite da "Semana Brasileira" foi, ao nosso critério, a de Música Popular Brasileira, com Sérgio Cabral e Cartola.

Sérgio Cabral é uma criatura simpaticíssima, muito espontâneo, e não poderia mesmo ser acompanhado por melhor companhia do que Cartola presente. Muito ao contrário, a reunião foi informal e houve muita participação.

Cartola é o fundador da Escola de Samba da Mangueira, de cabeça quase branca e a simplicidade em pessoa.

No início, Sérgio nos fêz uma rápida introdução sôbre a nossa música popular, mas falou pouco, pois logo começou uma conversa amena, conversa de amigo para amigo. Entre outras coisas descobrimos por nós, disse que a palavra "samba" vem de SEMBA, que significa "umbigada", cêrto ao final da uma dança na parceira que iria dançar em seguida. E também que a palavra "favela", cuja origem muito gente desconhece VEIO DE UM MORRO chamado Favela, nome que se generalizou para todos os outros. Deu-nos definições exatas do que era o "chôro", o "batuque", noções que temos hoje bem deformadas.

Tinha levado discos, primeiras gravações de sambas autênticamente do morro, como "O X do problema" e "Pelo telefone" que ouvimos com a radiofonia instalada dentro do auditório novo, interpretados por figuras acudosas que êle recordava com Cartola, contando casos e dando-nos uma visão muito humana da vida de cada um. Noel Rosa, por exemplo, ficou-nos como um amigo íntimo, devido à maneira afetuosa e cômica com que foi descrito.

E sempre, em intervalos, Cartola tocava e cantava pequenas suas totalmente desconhecidas que encantaram esta turma fanática pela bossa e pelo jazz. Entre êles, um então, o "Desiguado" fêz tanto sucesso que ao saírmos, Cartola foi assediado por todos o papêis ansiosos pela letra, que anda agora contada por quem acerca lê.

O mais interessante é que Cartola, no primitivismo de seu samba, não está absolutamente desligado do movimento musical de hoje: muito do contrário, conhece vários personalidades da bossa nova, e já fêz mesmo várias músicas com Carlos Lira, mêste movimento de nacionalização que êle vem há tempos lançando.

Mal tivemos temas de faze umas pequenas e já um vulto grande de eventual brancos fez um sinalzinho discreto para o Afrânio. Hora de fechar o colégio; mas o interêsse foi maior do que a obediência e disciplina, de modo que convidamos os dois para irem "continuar a palestra" no Lagoa. Fomos todos, nos espalhamos pelos gangorros, ficamos lá até quase meia-noite, à luz da lua, à beira do Rodrigo de Freitas escura, despedindo na certa a inveja dos carros que passavam, querendo os sambas lindos de Mangueira, tão nossos, que hoje quase não se ouve mais.

Mariana de Paiva e Silva.



Cartola, ex-aluno Paulo Henrique e Sérgio Cabral

teatro brasileiro

Dando seguimento à "Semana Brasileira", tivemos oportunidade de assistir a uma interessantíssima palestra sôbre "Teatro Brasileiro", proferida pelo Sr. Roberto Freire, diretor do Serviço Nacional de Teatro.

Caracterizou, desde logo, aquêle grande prazer contar com a presença no C. Ap. de tão grande responsabilidade do meio teatral nacional, muitos foram os conceitos e feitos interessantes relatados pelo ilustre visitante. Lamentamos que não houvesse maior comparecimento, pois o que o Sr. Roberto Freire disse estava diretamente relacionado com o estudo do brasileiro, Analisou: algumas breves passagens da palestra do dia 6, o qual seguimos um cordel diálogo:

"O povo não vai experimentar nada ao teatro dávida a uma série de empecilhos com que o é preciso extermínar e, então, a ponta de partida para formar a "consciência de teatro" é fazer com que o teatro se dedique ao povo. O público, desde a atual impossibilidade de suceder o contrário.

Teatro popular, antes de mais nada, é teatro com o povo e não para o povo.

São muito interessantes e de grande importância as experiências que estão sendo levadas à efeito por diversas centras populares de cultura (CPC) e o progressiva criação de novos CPC representa por si só uma nova etapa para o teatro popular.

O povo quer arte, cultura, e é ao mesmo tempo exigente, pois é estendeu-o a sua grande sensibilidade artística e anão temos que manter a velo estético do teatro, porém levandoos através de simplicidade até o mesmo. Chegamos assim, à conclusão de que é preciso mudar o montino de fazer teatro e esta tarefa histórica de renovação atual do teatro brasileiro é uma tarefa dos jovens dos estudantes!"

LEIA E DIVULGUE
A FORJA

música

MAESTRO JOSÉ SIQUEIRA

O título de conferência era música brasileira, mas esse título porem, causava vários sub-títulos, e o primeiro a ser focalizado foi o que diz respeito ao ensino da música. Explicou o maestro José Siqueira as inovações que a lei de Diretrizes e Bases trouxe ao ensino da música, mostrando-o, e o muito que fica ainda a fazer nesse sentido, dada a importância que tem a música para uma formação artística completa. Revelou assim, um dos progressos do ensino da música, certa levá-la como matéria ao Clássico.

Já encantado outro sim-título, a vocação de música, existe aqueles que gostam da música e entregarem-se de corpo e alma ao seu estudo, pois, se assim fizerem só terão a ganhar com as felicidades que ela pode proporcionar. Contou-nos então como aconteceu com êle: gostando muito de música e sabendo tocar apenas um instrumento, veio de sua terra no Nordeste para o Rio.

Depois de algum tempo tinha dinheiro para comprar um piano. Comprou-o e estudou. Hoje é aclamado internacionalmente. Indagado então sôbre o salário dos mús cos, respondeu ser êle satisfatório.

Mas, o problema mais longamente comentado pelo maestro José Siqueira, foi a incompreensão da música brasileira, problema mais importante e urgente, uma vez que se refere não somente aos músicos, mas a todo o povo brasileiro. Explicou então, que é necessário resguardar nossa verdadeira música da influência de músicas européias, para evitar que se perca todo o tesouro artístico-musical que herdamos dos índios e dos negros. Esse tesouro é o folclore nordestino, o candomblé da Bahia, a macumba carioca, etc. A verdadeira música brasileira vem dessas fontes, nas formas de uma música tonta, empolgante, original.

Contou-nos então algo sôbre o carnaval: as escolas, as danças, as pais de santo e a vocabulário de sua música, constituído quase todo de palavras de certos dialetos africanos.

Mostrou-nos ao piano, como tem uma escala de apenas 5 notas, as índios e negros conseguem sons muito mais harmoniosos do que outros que se costumam tocar em nossas escolas clássicas.

Também nos fez ver, cantando a letra de uma música, como certas formas de arranjação popular são muito mais bonitas que as formas gramaticais corretas. Por exemplo, nas lhe parece ser muito mais suave cantar "balanço eu" ao invés de "balanço-me"?

O trabalho a que se tem dedicado o Sr. José Siqueira, é dar a essas músicas uma forma mais erudita em suas composições, em que aparecem além dos instrumentos primitivos com que são tocadas, outros instrumentos como piano e violino. Mas não se pense que suas composições são apenas adaptações; elas são inspiradas naquelas músicas e surgem graças à sua imensa capacidade criadora. Esses dois fatores lhe deram grande fama no exterior, e é assim que com justo orgulho, disse ter sido o primeiro a produzir música brasileira mesmo (Carlos Gomes e Villa-Lobos não o fizeram porque não sofreram dos influenciados europeus).

É bem que você procure ouvir um de seus discos, para conhecer, sentir e apreciar, aquilo que temos em nossa terra para deslumbrar o resto do mundo. Esse deslumbramento para congregação de nossa música, encontrará com sua divulgação. E nesse sentido, disse-nos o maestro José Siqueira que o Ministério da Educação e Cultura possui programas em diversas países onde são transmitidas gravações de músicas dêste gênero.

"ensino??"

(Continuação da última página)

Não adianta ou vir falar de problemas da educação primária na GB, nem de analfabetismo no Congo, país aquêles sôbre os quais "A FORJA" tem penetração, nada poderão fazer. O nosso jornal tem de servir à nossa realidade.

De contrário não será lido.



Fisionomia da palestra do diretor Marcel Borges

Setembro de 1963 A FORJA Página 3



palestra sôbre realidade nacional

(Conclusão do primeiro tema)

Esse político apresenta ainda, entre outras, duas características:

1) — coronelismo: é pessoal e a troco-a-viso no processo político nacional. Danilo a economia nacional, além de remessa sumidouro-da, em consequência surgem partidos locais como PSD, UDN, etc.. Dentro o campo e o Congresso, fabricando a Reforma Agrária), e é inclusive obstáculo a industrialização por vêzes, por outras, torna-se industrial canhoto.

2) — Clientelismo: compreende a participação do Estado, emprêgo, empreguismo, etc. Quanto mais analfabetizado o país, mais cargos públicos tem.

Outras características: nos países subdesenvolvidos os partidos só representam uma classe, a dominante; a alienação cultural; imitação fiberal de modelos estrangeiros (ex.: Pedro Municipal, Biblioteca Nacional, Praça Paris). A alienação começa a desaparecer quando surge uma consciência popular no processo de industrialização. Aparece então uma arte participante nas transformações históricas locais-se a elementos regionais, os quais na medida em que são suficientemente regionais, tornam-se universais. Ex.: Guimarães Rosas (Vidas Secas, e o filme), Jorge Amado, João Gabriel de Melo neto, José Lins do Rêgo, Vila Lobos, Noel Rosa, etc.

Para finalizar a conferência, Candido Mendes advertiu aos universitários responsabilidades de vanguarda para um mundo melhor.

Deu-nos exemplos de importância profissional para o país:

1) — economistas, que sejam bandos ao idealismo;

2) — técnicos, cientistas, médicos.

3) advertiu-nos: "O Brasil é um país mais do presente que do futuro", pois preferiu no projeto de gerações particulares, responsáveis.

Êste é um dos caminhos para a libertação dos povos subdesenvolvidos (dois têrços da população mundial), passo primordial para uma verdadeira fraternidade humana.

JOSÉ SERGIO LUTER LOPES.

Cinema Brasileiro

(Conclusão do último página)

2 — A chanchada formou técnicos excelentes.

3 — Surgiram dentro do meio cinematográfico, como no resto dos meios artísticos e intelectuais do país, grupos progressistas preocupados com os problemas da realidade brasileira.

4 — A concorrência da televisão, de características muito mais imediatas que a chanchada, fêz com que se esgotasse êste público. Já não havia mais um mercado garantido.

5 — O superespetáculo estrangeiro e as produções de baixo categoria explorando sexo atraíam muito público.

Surge o cinema novo. Mensagem social, problemática nacional, doutrinas estéticas e vanguardismo são suas características.

Mas há problemas. É o diretor Miguel Borges sabe disto por experiência própria. A legislação CINEMATOGRÁFICA pouco forta (características aliás de maior parte das legislações nacionais) é importante para prevenir os abusos ocasionados pela concorrência estrangeira, pela corrupção dos distribuidores e dos donos de cinema. São fatos muito longos e complexos para ver aqui.

Há outra razão no Brasil se tem medo de determinadas verdades. São pequenos de auritanismo sangue que querem esconder de qualquer maneira as contradições e a fachada, mesmo que o interior seja podre. O filme de Miguel Borges vem sendo perseguido e cortado, impedido de ser apresentado por mostrar o verdade: o crime compensa. Quem disse que um filme como "Canalha em Crise", que mostra um problema social é um filme imoral. A fatal ignorância. Os filmes que mostram os vilões castigados são conformistas e não ajudam sôbre a corrupção. E no Brasil atualmente o corrupção domina. Mas tempos novos se anunciam, junto com mudanças drásticas.

Um filme corajoso como êste e um realizador como é Miguel Borges, devem ser aplaudidos e defendidos porque dizem verdades amargas e dão um pontapé no conformismo de qualquer um.

C.A. presente ao Encontro nacional de alfabetização e cultura popular

Como representante do Estado da Guanabara, estêve presente ao Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, a aluna do Colégio de Aplicação, Irene Lowenstein, que agora nos conta o que foi o Encontro:

O 1.º Encontro Nacional de Alfabetização e Cultura Popular, realizou-se em Recife de 13 a 21 de setembro, patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura e outros movimentos independentes.

Anteriormente ao Encontro Nacional em Recife houve um Encontro Inter-Estadual na Guanabara bem como em cada qual todos os Estados da Federação.

OS OBJETIVOS:

Êste Congresso Nacional objetivou 3 (três) objetivos principais:

1.º) troca de experiências entre as diversas campanhas de alfabetização e movimentos de cultura popular.

2.º) unificação dêste movimentos, após o Congresso.

FORMAÇÃO DOS ÓRGÃOS COORDENADORES:

"O pensamento dominante nas Comissões é de que essa coordenação é imprescindível, a fim de dar unidade à ação dos nacionalistas e cultura popular e possibilitar o desenvolvimento de suas atividades mediante o auxílio de verbas oficiais (item 2.º do Relatório da Comissão Coordenadora do 1.º Encontro de Alfabetização e Cultura Popular, Sôbre a Possibilidade de Coordenação Nacional dos Movimentos de Cultura Popular).

"Por outro lado, tornou-se evidente que os meios de efetivar essa coordenação deveriam ser sugeridos pelas próprias bases, a fim de evitar a formação de órgão de cúpula, que, não representativo e permanente dos movimentos de cultura popular, tenderia a desvirtuar o seu objetivo, comprometendo, de modo irremediável, a sua própria sobrevivência" (item 3.º do mesmo relatório).

Os dois itens supracitados significava que:

— a pedo da MEC se tinha-tinha a coordenação burocrática e a ajuda financeira.

— cada movimento terá inteira liberdade de ação, não sofrendo ameaças à mudanças na orientação dos ministérios.

Como, por motivo de fôrça maior, foi impossível a comparecimento de todos os movimentos ao Congresso em Recife, será portanto necessário um levantamento próximo, em cada Estado, de todos os movimentos existentes, a fim de programar-se um Encontro estadual. Êste encontro terá como objetivos estabelecer a coordenação, estadual, de acôrdo com as peculiaridades de cada Estado e de maneira que nela todos os movimentos se sentissem representados. Num ensio dialogar e aprovar as sugestões para a Conferência nacional dos movimentos de cultura popular do País. Essa conferência nacional será objeto de um seminário a realizar-se dentro de prazo de 90 dias, no qual estarão representados todos os Estados, através de delegados e observadores pessoas credenciadas pelas Encontros estaduais" (item 5.º do já referido Relatório).

CULTURA POPULAR E ALFABETIZAÇÃO:

Mais coletas, esta é primeira vez que um organismo universitário junto a MEC visa a uma real difusão da cultura popular à democratização da cultura à erradicação do analfabetismo. É necessário uma coordenação de todos os movimentos para que haja troca de experiências e se evite a repetição de erros. As campanhas não se processam a um trabalho desta monta não podem isolar-se umas das outras, pois, o trabalho é necessário em fabrico nacional e o mínimo é imprescindível, entretanto uma série de esforços isolados e infrutíferos. Não se trata de unir em um individualismo sem sentido todas as estruturas-se um plano geral de ação embora respeitando as características de cada região, e o tipo de método empregado — se tenta vários Brasis (no sentido cultural, geográfico, etc.. Temos, a idéia essencial um só Brasil subdesenvolvido.

Talvez alguns já tenham pensado por que se denominou êste Congresso de Alfabetização e Cultura Popular. Êste é na realidade formal: consiste para a organização dos trabalhos durante o Congresso e não como indagação-ciência entre dois assuntos distintos. Quando estudamos a Realidade Brasileira, vemos que a alfabetização não é um fim em si, mas apenas uma etapa satisfatória de um movimento geral de cultura popular.

E preciso que êste movimento de alfabetização tenha noção exata que não é êle que vai erradicar o analfabetismo no Brasil e além que existe maior possibilidade desta erradicação com a união de todos os que militam nos setores de cultura popular e alfabetização.

Irene Loewenstein

Receita Para A Imortalidade

José Octaviano de Andrade Pinto

Uma turma de sol. Um certo que frio, um corpo que treme no estádio. Será que vale a pena a vida moderna cheia de atribulações, desenganos e medos? Será que vereemos o dia em que a morte será algo que nos fará lembrarmos com tristeza por tudo que não voltará mais?

Sim, o dia chegará. O futuro da Humanidade é a imortalidade, pois é evidentemente humano é imortal perante os séculos que a Terra já viu passar. Dia a dia o conhecimento humano progride, levando-nos à novas descobertas. Porém nada é feito sem fé, vontade, esperança e DISCIPLINA; pois sem disciplina, nada se pode. Basta verificarmos a constatação dicriplinar dos gregos e de outros povos que já tiveram seus tempos áureos.

A nós, brasileiros, que pelas costeiras, da nossa terra somos chamados o povo do futuro, só falta a fé demonstrada nos rostos dos que sofrem, a esperança nos corações dos jovens, a constância no trabalho dos nossos pais, e a vontade de todos os que querem ser algo mais do que um ser que veio à Terra apenas para viver.

O pois disso tudo podemos nos considerar imortais perante a nossa consciência.

Sabem, eu gostaria de ser professor: são homens a qualquer doença, são crianças, difícilmente se excitam e sabem perdoar. Sabem, muitos gostariam de ser assim, será não é?

Não, é preciso consciência e responsabilidade. Prof. OSWALDO acho melhor que eu.



notas sôltas

JOSÉ FERNANDO

Sinal dos tempos. Esta frase foi ouvida durante um dos recreios no CAp. Uma jovem loura menina de 3ª ginásio aproximou-se de um grupo de rapazes do científico e, apontando para um deles, fez um tremendo discurso desmascarando o jovem, diante dos colegas. Começou mais ou menos assim: — "Que negócio é este de você andar espalhando por aí que eu estou "gamada"... por você? Fique sabendo que eu tenho namorado...". O sujeito de científico ficou meio aparvalhado, tentando explicar que tudo não passava de uma brincadeira, mas a menina não queria nem saber de explicação. Terminada sua missão, retirou-se do grupo. Alguém comentou: — "Ela queria pelo menos tornar público que tem namorado".

☆ ☆ ☆

O nosso prédio, numa nova tentativa de quebrar a monotonia do "pet vanilla secular saeculorum" do aprendiz e prova que aprendem das aulas, tentou criar de fato, instituir uma e divertida muitos outros. O desagradável foi que o cal-não-cai impediu e impediu para sempre a reforma e aumento dos vestiários "exuberantes" que possuímos. Por falar nêles, aquilo não é vestiário, é deboche: cinco bicas (ex-chuveiros), para uma média de quatorze alunos por turma.

☆ ☆ ☆

Será realizado nas dependências do Botafogo de Futebol e Regatas, um torneio Interno do colégio, em que concorrerão três equipes já organizadas, equipes estas tendo bandeiras, que serão "Esmeril" chamemagnum a um grande boa-vida que conhecemos", capitaneada por Ary Sartore, capitaneada por Marilo e Luiz Duque.

☆ ☆ ☆

Nosso colegio, rivalizando-se com outros grandes educandários, como MS, AA e outros, já têm o seu emblema de Bossa Nova. São seus componentes, os colegas que assim iniciam algo de "sul-americano" (?!), no terreno musical capiano.

☆ ☆ ☆

Será algo de nôvo dentro do panorama cultativo capiano, tentando assim o professor Barbosa, por intermédio de sua amizade com um diretor do Botafogo (Delamare), o qual agradecemos por tudo, compensar as deficiências de nosso predio no que se refere e estimulo para a prática de atletismo. As três bandeiras competirão nas seguintes provas: futebol, voleibol, natação, atletismo e talvez, judô.

☆ ☆ ☆

O Teatro Amador do Cap ITACAP, está em franca atividade, não só nas ensaios, como também em tentativas bem sucedidas de incrementar no espírito do CAp o hábito de freqüência ao teatro, conseguindo para todos nos abatimentos nos preços das entradas para os principais teatros da Rio. Qualquer aluno do CAp já poderia ter assistido, com o abatimento de cêrca de 50%, as peças "O Bem Amado", "Vestir ou As Crianças no Poder", "A Tia de Carlito", "O Circulo de Giz Caucasiano", entre outras. Congratulações.

☆ ☆ ☆

Não sei se todos notaram, mas a nossa radiofonia mudou muito desde as férias para cá. Muitos muito não é bom o têrmo, consegue funcionar razoàvelmente, apresentando um som regular e uma boa experimentação da programação. Parece que a radiofonia alcançou finalmente seu objetivo, para que foi criada: transmitir música, informações, conflitos aos colegas em horário de recreio.

☆ ☆ ☆

O maior problema de nosso ginásio, atualmente, é a falta de interêsses dos alunos pelas suas produções, realizações ou problemas. Como foi observado na última reunião dos setores, a diretoria ou GOCs não pode, sendo como é, um grupo de alunos com os mesmos problemas as mesmas matérias a estudar que qualquer outro colega, substituir e trabalhar por todo o Ginásio, por todo um Colégio. Notem a seguinte: se todos nos trabalhássemos, dividindo entre todos a tarefa de fazer funcionar cada setor, o trabalho seria suave, e até divertido, tendo assim agradável, pois creio que nada pode ser mais agradável que prepararmos algo que seja so nosso. Foram também enumeradas mais a reunião outros assuntos como: aquisição de novos equipamentos para a radiofonia pequena primeira de presentes às palestras do Seminário Brasileiro, programação que deverão ter vida mais prolongada, pois contou com uma média de quarenta e três alunos; Nova reformulação do regime de A FORJA; a criação extra-oficial de um nôvo setor, "Redo", que já começou a se movimentar para a obtenção de dados para a reformulação e de um Jornal "Diretrizes e Bases da Educação Nacional" e "Diretrizes e Bases das Instituições Públicas", Edevaldo [illegible] O contrato de propaganda da fábrica de bicicletas Marilu, com A FORJA, entre tantos outros empreendimentos.

preferi essa morte

LAVINIA BORGES

Maria Fe de Boi.
Nome horrível, de uma mulher horrível, que levou uma vida horrível.

Nome horrível para você que agora o lê, como para ela;
sabendo o homem a aversão que ela tinha por este nome, por [illegible]maldade, assim a apelidou.
De uma mulher horrível, pois a cachaça a tinha deformado.
De uma vida horrível, pois a sociedade a tinha rejeitado.
Sua casa era o botequim.
Maria Fe de Boi não viveu.
Maria Fe de Boi beleu
Já era um cipo desta rua.
Morreu, era mulher, sumiu.
Como [illegible] simples foi considerado morte, preferi essa morte.
Foi assim sua morte:
Saiu ela de sua casa, o botequim.
Caiu. Ficou estendida no chão.
Foi esta uma das poucas vêzes que realmente se deitava.
Chorou do chão.
Ali ficou.

Agora está cercada de uma multidão, que durante sua vida nunca a olhara.
Se levantou para andar pela primeira vez de carro.
Era um rabecão.
Preferi essa sua morte.
Pelo menos escapou das garras malditas, do mata-mendigos.

cinema brasileiro

Em [illegible] palestra sôbre cinema nacional, o diretor Miguel Borges fêz um esquema do histórico do cinema brasileiro, desde o chanchada até o cinema novo. Mostrou-nos, êle que o mi-nização antiga e o atual dentro da indústria cinematográfico nacional, [illegible] descreve os fatores concretos de ordem econômica, social e política. Êstes fatôres condicionaram tudo dentro e fora do Brasil.

Houve a chanchada, provou-nos êle, porque era o único tipo de cinema para o qual havia mercado. Fêz-se cinema para analfabetos, crianças e débeis mentais porque o resto do mercado era dominado pela produção estrangeira. Isto explica o total imbecilidade dêste tipo de cinema.

Causas do cinema? É-las:
1 — O dinheiro obtido com a chanchada possibilitou a formação de um cinema mais cuidado, da melhor categoria. Pelo censura, formou um capital considerável.

(Conclui no terceiro página)

"ensino??"

MIGUEL FERNÁNDEZ y FERNÁNDDEZ

No último número de a "FORJA", houve um artigo intitulado "Ensino?", que estranhamente tocou em um assunto que não tem lugar dentro do órgão oficial do grêmio, por ser político e por ser uma conclusão errônea de quem escreveu o artigo.

Dizia: "Governos interessados em propaganda demagógica, como o Estado da Guanabara, resolvem o problema da falta de escolas, diminuindo o número de horas diárias de aulas. Fazendo várias turmas e superlotando as salas de aula".

Ora, isto manifesta claramente tendências que nem sequer são ideológicas, mas apenas políticas, e que não condiz com um jornal estudantil.

Além disso, veiculou o que diz a nota: primeiramente que o Governo do Guanabara está interessado em propaganda demagógica. Ora, para mim, que temos tive muita tendências para o grego ou o latim, demagogia, vem do grego, e quer dizer "conduzir o povo através da palavra"; ora, o Estado da Guanabara não está usando palavras, mas sim atos, e se êste é demagogia, viva a demagogia!

Depois o autor diz que o problema da falta de escolas é resolvido diminuindo o número de horas diárias de aulas, fazendo varias turmas, e superlotando as salas de aula. Ora, quanto a esta última afirmação, é completamente inverídica, ele esqueceu o número de salas de aulas criadas na GB, o pelo que eu tenho notado, desde o meu tempo de escola pública, o número de alunos por sala, não aumentou, e que aumentou foi o número elevado desses alunos, felizmente. Quanto a diminuição do número de horas de aulas, fazendo varios turnos, não vejo nada de reprovável, uma vez que foi aumentado de um ano o período do curso primario. Depois, caro cronista, se você não acha a escola primária pública suficientemente boa, existe a particular que deixa muito mais a desejar, e se não quer se valer disso, então paciência, poderá matricular seus filhos futuramente, e para isso que eles estudem o que o Sr. diz você considera mais adiante?

Acho ainda pouco, para salientá-lo, que a escola primária pública na GB seja deficitária, mas que atenda realmente a todo o município, como você mesmo um o nega, dizendo do que [illegible] lei da Continuidade "resolverá o problema....., você deve admitir que é melhor que toda a população tenha uma chance de se alfabetizar, do que apenas alguns, como ocorria anteriormente, o que você mesmo diz a entender mais adiante, pois assim não apenas alguns serão ricos e inteligentes, mas [illegible]-se-á a cada vez a [illegible]mente.

Mais "chocante" primeiro pela ingenuidade. Primeiro diz-se que "a matrícula deverá ser anualmente da alçada de estado, e caberia a particulares", e mais adiante, diz: "... e de graça, por que não [illegible] pago...?". Ainda de rodas, caro cronista, você [illegible] a escola para cima?

Outra coisa de muita coisa as ofensas de que você encheu o artigo. É [illegible] bom esclarecer, quando não são de sua propria autoria, e principalmente quando dizem que apenas 10% da população conclui o primário, mas 11% tem acesso ao ginásio; só se [illegible] que já nasce sabendo.

Outro ponto crucial do artigo, e também que diz que tem havido nos últimos anos maior interêsse das classes camponesas em [illegible] ensino ao alcance de todos, pois a mão de obra especializada é uma das componentes fundamentais do progresso industrial, dizendo ainda mais adiante: "... rêde escolar que serve somente à camada abastada", o que entra em contradição, pois primeiro a educação está ao alcance de todos, e depois não está mais, além de mencionar todo a iniciativa privada, com sistemas de educação que visam a subjugar o povo, e mantê-lo sob o regime escravocrata, doutrinando-lhe na cabeça, coreritas que ele por fôrça terá de adotar. Felizmente isto ainda não ocorreu no nosso país. Depois se você tem essa má fé com a educação no Brasil, porque você não para de estudar este colega, pois assim você não será escravo daquela classe governante que lhe dá a liberdade de escrever o que pensa: e mais triste, caso esta classe venha a ser substituída, então você estude bastante para servir-se a si próprio, pois não poderá nem expressar a sua opinião, de que nossas sociedades (que todos sabem muito bem qual é) o ensino e puramente técnico, para que cada "autômato", seja "um dos componentes fundamentais do progresso" materialista.

Portanto, caro ministro da educação em potencial, pense mais quando escrever sôbre a educação no Brasil.

Não pense com isto que eu estou de acôrdo com esta cultura que nos é dada, e muito menos pela maneira por que ela é dada. Nem pense que eu ache que não existem analfabetos no Brasil, bem que eu acho que não há culpados por isso. Ha, há culpados, há analfabetos, há deficiências, e há soluções. Infelizmente você não atinou nem com os culpados, nem com as deficiências, e quanto as soluções, você apenas cita que os jovens burgueses deveriam pagar sua educação, brasileira com apenas 17 anos, mas apontando falhas. Falhas que eu sinto na carne, e não falhas que outros sentem, e principalmente aquelas que podem adiantar alguma coisa serem ditas aqui em "A FORJA", pois temos um diretor catedrático em didática geral, que ouvinde queixas de seus alunos, e que estejam ao seu alcance resolvê-las, pode muito bem contribuir para uma melhoria do ensino no Brasil, além dos nossos professôres, dos professôres da F. N. FI., e os próprios licenciandos que lêem o nosso jornal, e que futuramente serão os professôres e responsáveis pela educação no país.

(Conclui na página 2)

17

EDIÇÃO: A Forja (Ano VIII, nº 7)
LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 154
DATA: 1/10/1963



Na capa desta edição uma imagem do diretor Luiz Alves de Mattos e uma entrevista que ele concedeu ao aluno Carlos Bernardo Vainer. Na segunda página, o aluno Antônio Du Pin Calmon escreve sobre a presença do presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames), Paulo Vieira, no colégio e explica aos leitores o que é o movimento estudantil e a importância do grêmio. Em *Dia do mestre* o foco recai sobre a homenagem ao professor, aluno e licenciando do ano, que ocorreu no auditório lotado por toda a comunidade capiana, e a fundação da Associação dos Ex- alunos, seguida de uma apresentação de teatro encenada por alunos, um jogral e apresentações musicais. Outro artigo relata os jogos esportivos que foram realizados no dia do mestre, que traz uma imagem de um dos jogos. Há, também, um artigo que pede aos leitores a participação na Campanha de Alfabetização do CAp e ressalta a urgência de ajudar na luta contra o analfabetismo. Em *Um ministro demissionário*, a aluna Irene Lowenstein escreve sobre o pedido de demissão do ministro da Educação, Paulo de Tarso, que foi substituído pelo educador Paulo Freire, que utilizaria seu método para uma campanha de alfabetização da população brasileira. Há uma nota de esclarecimento na qual a equipe de A Forja se pronunciou sobre um artigo de uma edição passada que havia gerado repercussão e polêmica entre os alunos. Na quinta página do jornal, há um extenso artigo sobre a Petrobras e a sua história. Há também artigos como *2x1, Autobiografia, Mau cheiro, Favelas, Notas soltas e Homenagem*. Por fim, há um relato da excursão de 30 alunos à Ilha de Paquetá, que aconteceu em um domingo, junto de uma ilustração sobre o *Vestiário do CAp*.

Neste Número

★ dia de reistre

★ presidente do G.R.E.C. vem ao C.A.P.

★ meu chalng

★ o guarda-chuva

★ esclarecimento

★ excursão a pequeté



ANO XIV — Nº 1
PUBLICAÇÃO DO GRÊMIO
NOVO
DE OUTUBRO DE 1961

A FORJA

PROF. LUIZ A. DE MATTOS FALA AOS ALUNOS DO C.AP.

— Entrevista Concedida A Carlos Bernardo Vainer —

presidente do e.m.e.s. vem ao c.a.p. — o que é o movimento estudantil

por Antônio Da Pin Calmon

DIA DO MESTRE

fundado o esquisito dos ex-alunos do C.A.p.





Outubro de 1963 — A FORJA — Página 3

ESPORTES



por Sérgio Barroso Monteiro

PRESIDENTE DA AMES

o campanha de alfabetização do c. a p. preciso de você

O GUARDA - CHUVA



Página 4 — A FORJA — Outubro de 1963

UM MINISTRO DEMISSIONÁRIO

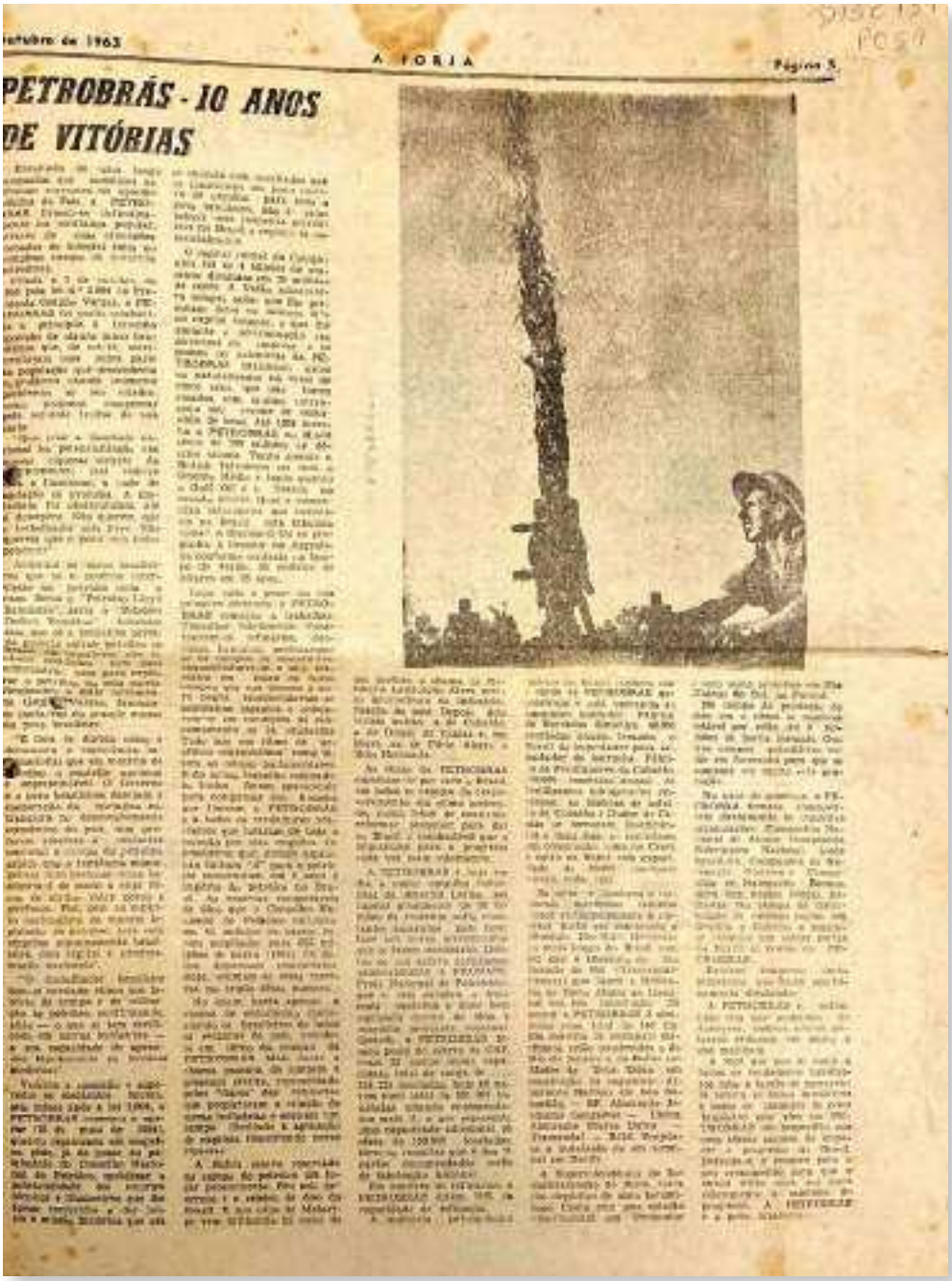
por Irene Loewenstein

"... que ele tome conhecimento deste multidão salvadora que o mesmo povo."

(A. A. Coimbra)

Esclarecimento

A Campanha de Alfabetização...



outubro de 1963 — A FORJA — Página 5

PETROBRÁS - 10 ANOS DE VITÓRIAS



Página 4 A FORJA Outubro de 1963

2 X 1

Autobiografia

MAU CHEIRO

Favelas

A FORJA

LEIA E DIVULGUE A FORJA!



Outubro de 1963 — A FORJA — Página 7

NOTAS SÔLTAS

José Fernando

HOMENAGEM

uma excursão

o paquete

Favelas

Maria Tinoco da Silva

O VESTIÁRIO DO CAP



18

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 155
EDIÇÃO: A Forja (nº 1/ "1964")
DATA: 1964

Este número se inicia com o artigo *O medo da Matemática*, que reflete sobre o ensino dessa disciplina, e com *Nosso amigo Bill*, sobre um aluno que optou pelo curso clássico ao ingressar no colegial naquele ano. *Em Novo ano, nova diretoria*, são mencionados o resultado das eleições para diretoria do grêmio e a tomada de posse da chapa eleita. *O que é o grêmio* enfatiza as funções desse órgão. Em *Diálogo*, são discutidas as dificuldades enfrentadas pelo jornal A Forja e a luta pela alfabetização no Brasil. Já a matéria *Duas atitudes em face da ciência* trata de duas maneiras com que a ciência pode ser encarada. Na coluna de *Cinema*, os estudantes comentam sobre o festival cinematográfico de Cannes e as obras de arte brasileiras que não são aclamadas nesses festivais. E a coluna *Vestibular* discorre sobre a Escola Superior de Agricultura da Universidade de São Paulo. Em *Drama bem parisiense*, há trechos do livro *L'humor noir*, de Alphonse Allais. A reportagem *Quatro rodas* versa sobre o carro de um professor, um Chevrolet 1864, e a experiência de um aluno que viajou nele. A coluna de *Literatura* aborda o gênero policial e a de *Ciência* trata da anatomia e do funcionamento dos olhos humanos. No 16º aniversário do colégio, o Teatro Amador encenou a peça *Auto da Compadecida*, conforme registrado em Alunos recebem a compadecida. Como parte das comemorações, em *No CAp sucesso é bossa*, é noticiado que os sambistas Zé Keti, Ismael Silva, Paulo César e Laurindo do Cabuçu se apresentaram no auditório. Fechando a edição, há a divulgação de um concurso de contos, crônicas e poesia organizado por A Forja, além de destaque para a finalidade da Associação dos Ex-alunos do CAp.

DISC 155
P059

A FORJA

— ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ODYLO COSTA NETO —



O MÊDO DA MATEMÁTICA

(adaptado de "O Encanto da Ma'emática" W. Sawyer).

O mêdo da matemática é muito difundido e muito comum entre os alunos, como, por exemplo, no nosso colégio. A maioria de nossos colegas não tem conseguido bons resultados nas verificações de aprendizagem, havendo casos em que êsses maus resultados não correspondem ao aproveitamento dos alunos em classe. Se dermos uma olhada em gráficos de notas, veremos que a Matemática fica em desvantagem com as outras matérias. Se perguntarmos a qualquer um de nós qual a matéria que lhe inspira mais mêdo às vêzes até o que menos nos dá, a resposta: "— Matemática", será muito comum.

Outra coisa que observamos pela experiência, é que muito gente encara os matemáticos (ou pessoas que gostam da matéria) como constituindo uma raça à parte, possuidora de poderes quase sobrenaturais. Se realmente isto é muito lisonjeiro para nossos professôres de matemática, é muito mau, para nós que por uma razão ou outra procuramos estudar o assunto.

Muitos de nós pensam, inclusive, que nunca serão capazes de compreender a Matemática, mas que poderão aprender o suficiente para enganar os professôres. São como o mensageiro que tem que repetir uma frase numa língua que desconhece — ansioso por transmitir a mensagem antes que a memória falhe, e, em conseqüência, capaz de cometer os êrros mais absurdos. Por exemplo:

É comum encontrarmos alguns êrros provenientes dêsses modos de estudar. Alguns são semelhantes ao seguinte exemplo: Em inglês, os sons de "vowel" (vogal) e "bowel" (intestino), são semelhantes. Sabendo-nos que alguém acostumado a estudar e falar inglês papagueando, confunda as 2 palavras e diga: "The abdomen contains the stomach and the bowels, which are A.E.I.O and U" (O abdomen contém o estômago e os intestinos que são A.E.I.O e U).

Está claro que um tal estudo é uma perda de tempo. O pensamento matemático é um instrumento. Não faz sentido adquiri-lo a não ser que seja para o utilizar. Seria muito melhor despender o tempo em exercícios físicos, que pelo menos desenvolvem a saúde do corpo.

Mas, voltando ao assunto, porque se há de sentir um tal mal estar diante da matemática? Proviria êle da própria natureza do assunto? São os grandes matemáticos essencialmente diferentes das outras pessoas? Ou o defeito reside principalmente nos métodos de ensino?

A prova de qualquer sistema de ensino não é se êle produz estudantes capazes de determinadas habilidades como cães de circo. Um método assim é fútil e intrinsecamente humilhante. Apenas serve para as pessoas passarem em exames sôbre matérias que não compreendem e ficarem habilitadas para a função em que se sentirão infelizes e onde não serão eficientes.

A prova real de qualquer método de ensino, encontra-se muito mais profundamente, e não num adestramento. Desde que tenha sido convenientemente encaminhado, o estudante sente mudar tôda a concepção que formava do assunto. Começa a compreender do que se trata, adquire confiança e sente-se capaz de o dominar, principia a encontrar nêle prazer e a pensar nêle fora das horas de trabalho.

O raciocínio eficaz só é possível quando formamos no nosso espírito uma imagem clara do que estamos a estudar. A imaginação desenvolve-se e torna-se digna de confiança, através do contato prático com o mundo real. O estudo é incentivado quando lhe damos conteúdo humano e social. A Matemática torna-se difícil quando é apresentada como um conjunto de dogmas e fórmulas, alienadas da vida de todos os dias, das quais não se conhece as origens ou motivos.

Infelizmente, é esta a atitude adotada pelos livros didáticos, são êsses os métodos de ensino em todo o país. Estão subordinados à estruturação do ensino, à sua comercialização, etc... (universidades, vestibulares, etc...)

AUTO DA COMPADECIDA
na página 6

DIÁLOGO (Pág. 2.)

CONSELHO DE CINEMA
(Pág. 3)

NOSSO AMIGO BILL

4.o B — 1963

Disseram que você se fôra. Quem acredita nisso?

Quem acreditará que o capoeira Bill se foi?

Ninguém.

Calado, atento, mas sempre disposto a rir e a nos fazer rir, rodeado sempre de uma atmosfera de leve ironia, no seu canto preferido no fundo da sala, exatamente como você era, você ficará conosco enquanto durar o espírito da nossa turma, e êste durará até o último de nós.

Você foi para o clássico com mais alguns colegas e, em vez de dividir-se, nossa turma foi aumentada de novos colegas, que agora parecem velhos amigos.

Sabemos que nossos colegas do clássico também acreditam que você ficará conosco, que ainda teremos lições de capoeira e ainda tomaremos conhecimento das "últimas" do bairro do Jardim Botânico.

É essa certeza que nos une, é essa certeza que nos faz uma turma alegre e confiante, e é com essa certeza que não damos adeus a você, Guilhermino.

Não lhe damos adeus porque você fica, e não nos preocupamos porque, como você dizia, "malandro que é malandro não dorme no ponto".

Nôvo Ano, Nova Diretoria

Carlos Bernardo Vainer, 1.º Científico A

Depois de um mês de aulas, estavam já as chapas apresentadas e com suas campanhas em pleno andamento: uma presidida por Mário Tinoco da Silva e outra por Claudio Santoro.

Passaram-se os dias, e o colégio não podia esconder uma certa ansiedade pelo dia das eleições, ansiedade essa que ia aumentando à medida que êle se aproximava. E de tanto se aproximar, êle acabou chegando: as "urnas" foram às salas, e os votos foram às "urnas". E no mesmo dia, um sábado chuvoso, os resultados foram divulgados: Mário com 329 votos, contra 115 de Cláudio.

Os vencedores muito alegres, e os perdedores, como bons perdedores, aliás, não muito tristes.

Faltava agora, entretanto, a tomada de posse da diretoria eleita, e isto se deu quando da primeira apresentação da peça "O Auto da Compadecida" pelo T.A.C. A. P. Fo. feita leitura da ata de posse por Afrânio, e o Grêmio Odilo Costa, nêle ganhava nova diretoria.

Finalizando, queremos, em nome dos alunos do CAp., agradecer a Afrânio, por duas vêzes consecutivas presidente do nosso Grêmio, que durante dois anos se entregou de corpo e alma ao trabalho, e congratular-nos com o nôvo presidente, desejando que tenha uma gestão dirigida ao trabalho, objetivando unir, cada vez mais, a grande família do CAp.

Duas Atitudes em Face da Ciência

(retirado de "Conceitos Fundamentaos da Matemática", de Bento de Jesus Caraça)

A Ciência pode ser encarada sob dois aspectos diferentes. Ou se olha para ela tal como vem exposta nos livros de ensino (didáticos), como coisa criada e o aspecto é de um todo harmonioso, onde os capítulos se encadeiam em ordem, sem contradições. Ou se procura acompanhá-la no seu desenvolvimento progressivo, assistir à maneira como foi sendo elaborada, e o aspecto é totalmente diferente — descobrem-se hesitações, dúvidas, contradições que só um longo trabalho de reflexão, e apuramento consegue eliminar, para que logo surjam outras dúvidas, outras hesitações, outras contradições.

Descobre-se ainda qualquer coisa mais importante e mais interessante: — no primeiro aspecto, a Ciência parece bastar-se a si própria, a formação dos conceitos e das teorias parece obedecer a necessidades interiores; no segundo, pelo contrário, vê-se tôda a influência que o ambiente da vida social exerce sobre a criação da Ciência.

A Ciência encarada assim, aparece-nos como um organismo vivo, impregnado de condição humana, com as suas fôrças e as suas fraquezas e subordinado às grandes necessidades do homem na sua luta pelo entendimento e pela libertação; aparece-nos enfim, como um grande capítulo da vida humana social.

O QUE É O GRÊMIO

Afrânio Raul Garcia Junior

Hoje em dia as novas concepções pedagógicas nos mostram que o aluno é o fator principal para sua própria educação. É preciso então que êle participe e se integre na vida do Colégio, e a maneira mais fácil de fazê-lo é através do Grêmio.

O Grêmio tem por funções promover atividades recreativas e culturais, e representar o corpo discente junto ao diretor e aos professores, ou em atividades externas. Analisemos então cada uma das funções para uma perfeita compreensão de sua importância.

Para um bom rendimento do estudante é desejável que conheça a fundo seus colegas, que sinta que todos possuem os mesmos objetivos e problemas que o estudo será facilitado sempre que houver ajuda mútua. Evidentemente o estrito contato em sala de aula não lhe proporcionará o ambiente a que nos referimos. Torna-se necessário a promoção de atividades extra-classe (ou seja fora do período de aula); isto deverá ser feito por estudantes que assim, ganharão maior responsabilidade e aprenderão a trabalhar em equipe por uma comunidade. Tais atividades serão tanto de caráter cultural como recreativo devendo, na medida do possível, abranger tôda a vida do estudante. Assim o Colégio deixará de ser visto só como o local onde se aprende uma série de conhecimentos teóricos. O que só proporcionará seu maior interêsse pelo Colégio.

Por outro lado as atividades de caráter cultural, além de ajudar a promoção de um melhor conhecimento, dão o aluno uma vista global da realidade que o cerca, dando-lhe perspectivas que muitas vêzes lhe faltam pela especialização do seu currículo, além de trocas de experiências e de opiniões entre os próprios alunos. Assim palestras, o jornal colegial, o jornal-mural e mesmo o cinema e o teatro constituem certas atividades de caráter cultural.

As outras como esportes, festas, excursões, se prestam a promoção do maior contato entre os alunos.

Sua segunda função é de representação dos estudantes. Vimos que o aluno deve ser sujeito de sua própria formação; assim com a participação efetiva na organização de sua educação poderá pôr em jôgo tal fato. Além disto, por um raciocínio lógico o principal interessado nela é o próprio aluno; portanto é indispensável o diálogo com os professores. É evidente que tal participação não indica que haja um monopólio da organização por parte do aluno, mas sim que este diálogo é uma colaboração frutífera indispensável do estudantado. Tal participação dar-se-ia por meio de críticas e sugestões que quando âmbito de classe, pelos representantes, e quando de natureza genérica pela diretoria da associação de alunos.

A estrutura jurídica de um Grêmio é um traço fundamental em sua vida pois desta dependerá a sua representatividade e mesmo eficiência do trabalho.

Não há uniformidade nessa estrutura entre os Grêmios. Registro aqui a mais genérica. Apresenta primeiramente uma diretoria composta de no mínimo três elementos, eleita diretamente pelo seus associados, com funções de coordenação dos estudantes. A existência dos setores, e portanto de seus dirigentes, deve-se às necessidades de descentralização do trabalho o que possibilita mais eficiência e maior intensidade nêle.

Além disto torna-se necessária ainda um órgão que englobe tôdas as turmas para que haja canalização de críticas e sujestões permitindo assim a maior representatividade da diretoria. Este órgão é contatividade da diretoria. Este órgão é o conselho de representantes, que permite além do dito, um contato permanente entre a cúpula e as bases.

diálogo

Colegas, ao sair o primeiro número de 1964 da FORJA, dando início às atividades do Setor de Imprensa dêste ano, é preciso que os alunos do CAp saibam a que nos propomos e quais são as nossas dificuldades. Êste entendimento, que procuramos começar com êste diálogo é extremamente necessário, se considerarmos que um jornal desligado do seu meio dificilmente cumpre a sua finalidade.

A FORJA, em princípio luta contra duas grandes dificuldades. A primeira, a que mais problemas causa, é a falta de recursos. Dela decorrem várias falhas do nosso jornal. O atraso das notícias publicadas, motivado pelo tempo em que a matéria fica na gráfica sendo revisada, composta e paginada, é causado pela falta de dinheiro, que nos faz compor o jornal em uma gráfica, onde êle demora a ficar pronto, mas é feito por preço acessível. Ainda que a dificuldade financeira não seja um privilégio da FORJA, já que ela existe em todos os jornais brasileiros, fazendo-os sujeitos a pressões econômicas, ela existe. O segundo problema com que nos defrontamos é a falta de contato entre a equipe que faz o jornal e os alunos do colégio. É necessário, para que a FORJA seja realmente representativa, que os alunos do CAp. colaborem com ela, prestigiando-a, criticando-a, quando isso fôr preciso. Se ela fôr, apenas, uma publicação que todos lêm e jogam fora, então, não se terá cumprido a sua finalidade.

Dentro da realidade brasileira, o estudante é um privilegiado, porque num país onde a educação e a cultura são propriedade de uma elite, onde o analfabetismo é lugar-comum, estudar é privilégio. Não podemos, conscientes da existência de milhões de brasileiros que não sabem ler e escrever, nos negar a lhes dar cultura. A luta pela alfabetização nacional, deve ser um dos princípios do estudante brasileiro.

Alfabetização e liberdade são duas coisas que andam sempre juntas. O povo brasileiro só será realmente livre, quanto fôr alfabetizado. Ao dizermos que somos livres, mentimos. Porque enquanto no Brasil existir uma elite e não um todo intelectual nós jamais seremos senhores de nós mesmos.

A Equipe da FORJA

DISC 155
P059

Cinema

cannes 64

gilberto velho

Cada ano que passa, o Festival cinematográfico de Cannes torna-se uma das ocasiões menos indicadas para um julgamento sério de obras de arte. É uma excelente oportunidade para atôres desconhecidos ou decrépitos se exibirem. Bastante boa, também, como acontecimento social. Mas o seu propósito oficial tem sido pisoteado e aviltado na medida em que filmes de alto gabarito são preteridos por obras medíocres ou de caráter puramente comercial. Há dois anos o nosso "Pagador de Promesas" ganhou a Palma de Ouro. Trata-se de um filme razoável, apoiado num texto bastante bom. Como obra cinematográfica pouco diz, seu significado é mínimo. Concorriam nêsse mesmo ano "O Eclipse" e "Os Incorrentes", dois trabalhos excepcionais. Injustiça flagrante. Era um momento em que era "conveniente" a vitória do Brasil. Não nos cumpre entrar no mérito desta questão. O cinema brasileiro não dormiu com êstes falsos louros. Em 1961 enviamos um filme perfeito em sua sobriedade: "Vidas Sêcas", e outro, a maior realização cinematográfica brasileira, "Deus e o Diabo na Terra do Sol", que felizmente tivemos oportunidade de assistir. O primeiro ganhou prêmios fora do Festival, o segundo nem foi mencionado. Venceu "Les Parapluies de Cherbourg", um filme musical sem grandes pretensões. Citemos o jornal francês "Combat": "Se o Festival fosse sério, a Palma de Ouro deveria ser concedida, por unanimidade, a "Deus e o Diabo na Terra do Sol", de Glauber Rocha. Vários críticos sérios franceses, italianos e americanos lançaram o seu protesto, afirmando a importância dos dois filmes brasileiros. Não nos faltou o apoio dos setores cinematográficos importantes. A lição que deve ser aproveitada é sabermos dar o devido valor às obras de arte, que não são aclamadas em festivais, como o de Cannes. É óbvio que os critérios de julgamento tem que independer de promoção comercial e de meros interêsses financeiros.

Conselho de Cinema

... COTAÇÕES...
As cotações variam de ● (péssimo) a ++++ (excelente)

FILMES Maio e Junho/1964	Gilberto Velho	Franklin Martins	José Sergio Leite Lopes	José Fernando
Deus e o Diabo na Terra do Sol	++++	+++++	+++++	+++++
Lawrence da Arábia	++	++		
Cleópatra	+	●	●	●
Mercado de Corações		+	+	+
A Montanha dos Sete Abutres	++++			
Despêro de Amor		●	●	●
O Homem que Matou o Facínora	++++	++++	++++	++++

Vestibular

Agronomia: profissão do futuro

Cana de açúcar, cana de açúcar, cana de açúcar. Para onde quer que se olhe, naquela paisagem do interior de São Paulo, estendem-se vastas plantações de cana-de-açúcar. No meio delas fica Piracicaba. Embora pequena, é progressista e orgulha-se de sua moderna indústria açucareira. Todavia o que mais envaidece a população local é o fato de ser uma cidade universitária. Lá, funciona a Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", pertencente a Universidade de S. Paulo e cuja fama, como centro de altos estudos agronômicos, ultrapassa as fronteiras do Brasil, fazendo com que a ela afluam estudantes de diversos países latino-americanos, principalmente da Venezuela.

Infelizmente, no Brasil, são ainda escassos os institutos agronômicos. O de Piracicaba — fundado em 1901, é, sem dúvida, o principal. Trezentos e cinqüenta e nove alqueires de terra, nos quais se localizam uma fazenda modêlo, campos experimentais, seis pavilhões especializados (incluindo um museu zoológico), imponentes instalações administrativas e muitos outros prédios, acabados ou em construção, eis o panorama da grande e tradicional Escola Superior de Agricultura. Funcionando em regime de externato, mas com tempo integral, a escola concede aos seus alunos, após um intensivo curso universitário de quatro anos de duração (cogita-se de prolongá-lo para cinco), o ambicionado diploma de Engenheiro Agrônomo. Conquanto seja o curso — a cargo de cientistas de reputação internacional - interessantíssimo e a carreira das mais atraentes, além de apreciáveis as possibilidades de aperfeiçoamento no exterior, o n.º de alunos da Escola é ainda inferior à sua capacidade potencial, o que encarece sobremodo o ensino agrícola em nosso país tão necessitado de agrônomos.

O currículo da Escola, na qual se ingressa após um vestibular, que compreende provas de física, química, história natural, e português, oferece nada menos que vinte cadeiras diferentes. O agrônomo aprende desde botânica até desenho de rodovias, de química tecnológica das indústrias agrárias até legislação rural, passando por higiene e veterinária, geologia, e mineralogia, etc., etc. Vinte ao todo, cada qual com trabalhos técnicos e de laboratório, preleções teóricas e pesquisas experimentais. Estas ocupem posição de relêvo nas atividades da Escola, sendo notável a contribuição de seus cientistas ao progresso da agricultura e pecuária.

Os plantadores e usineiros de açúcar e derivados em Piracicaba, em particular, têm-se beneficiado com as experiências da Escola cujo moderno Instituto Zimotécnico, por exemplo, voltado para estudo das indústrias de fermentação em geral, ao abordar o problema da utilização econômica da vizinhança trouxe grande estímulo à indústria regional e do país inteiro. Cabe também a êsse Instituto uma função destacada na pesquisa do aproveitamento de resíduos resultantes da transformação de matérias-primas no vasto parque manufatureiro de S. Paulo, o mais diversificado do Mundo.

Na parte genética, por seu turno, investiga-se com afinco a adaptabilidade das melhores espécies de frutas, hortaliças e cereais às condições peculiares do solo e do clima brasileiro, sendo notáveis os resultados já obtidos com pesquisas, antes inéditas sôbre o melhoramento das goiabas, a seleção do milho e, na parte de ciência pura, com a evolução geral das orquídeas. Forçados pela última guerra a produzir êles mesmos as sementes que anteriormente importavam, os agricultores brasileiros, mediante as complexas experiências de hibridação levadas a efeito na Escola de Piracicaba, obtiveram, entre outros espécimes, plantas de ótima adequação ao meio nacional e um excelente milho sintético, o qual se pode plantar anualmente, dispensando-se, entretanto, o trabalhoso recurso de novas sementes.

Vencendo tôda sorte de obstáculos, entre os quais avulta o da falta de verbas, alunos e professôres da escola, "Luiz de Queiroz", em harmônica conjugação de esforços dirigidos para um elevado escopo comum, experimentam com sementes e projetos de irrigação, experimentam com tubos e retortas, nos laboratórios, experimentam com sua exemplar fazenda-modêlo; enfim experimentam onde quer que algo possa ser feito para o melhoramento da vida rural. É fácil mas errôneo dizer-se que "plantando dá..." Realmente dá, mas trabalhando-se muito!

José Ricardo Pinheiro

UM DRAMA BEM PORISIENSE

Capítulo I

No qual se verá que as pessoas intrometidas fariam melhor não se metendo a sebo.

Um dia Raul recebe o seguinte bilhete: "Se quiser uma vez ao menos, ver sua mulher de bom humor, vá quinta-feira ao Baile dos Incoerentes, no Moulin Rouge. Ela estará mascarada e fantasiada de piroga congolesa. Para bom entendedor meia palavra basta!

Um amigo".

No mesmo dia Margarida recebeu o seguinte bilhete: "Se quiser, uma vez ao menos, ver seu marido de bom humor, vá quinta-feira ao Baile dos Incoerentes no Moulin Rouge. Ele estará mascarado e fantasiado de templário fim de século. Para bom entendedor meia palavra basta!

Um amigo".

Tais bilhetes não caíram em ouvidos de surdos.

Dissimulando admiràvelmente suas intenções, quando chegou o dia fatal, disse Raul à sua espôsa com seu ar mais inocente:

Minha querida, serei obrigado a deixá-la até amanhã de manhã. Negócios da mais alta importância exigem minha presença em Dunquerque.

Ao que respondeu candidamente Margarida:

— Vem a calhar. Acabo de receber um telegrama de tia Aspásia que, doente, me chama à sua cabeceira.

Capítulo II

Em que se verifica que a mocidade de hoje se entrega aos prazeres mais quiméricos e passageiros em vez de pensar na eternidade!

A crônica social do "Diabo Capenga" constatou o brilho excepcional que teve neste ano o Baile dos Incoerentes.

Muitos belos ombros e acetável número de pernas, sem falar nos acessórios.

Dois assistentes não puderam participar da loucura geral: um Templário fim de século e uma piroga congolesa, ambos hermèticamente mascarados.

Ao soarem as três horas da madrugada, o templário aproximou-se da piroga e convidou-a para a ceia.

Como resposta a piroga apoiou a linda mãozinha no braço robusto do templário e o casal se afastou.

Capítulo III

No qual a situação se embrulha

— Deixe-nos um instante, disse o templário ao garção. Vamos consultar o cardápio e logo o chamaremos.

O garção retirou-se e o templário fechou a porta do reservado cuidadosamente.

Depois num movimento repentino, desembaraçou-se do seu capacete e arrancou a máscara da piroga.

Ambos, ao mesmo tempo, deram um grito de espanto ao não se reconhecerem mùtuamente:

Êle não era Raul.

Ela não era Margarida.

Desculpatam-se, mas não demoraram em travar conhecimento, graças a uma ceiazinha, de que não lhes digo nada...

. . . . . .

(Rir até perder o fôlego)

(Alphonse Allais, 1854-1910 — do livro *"L'humor noir"*).

Quatro Rodas

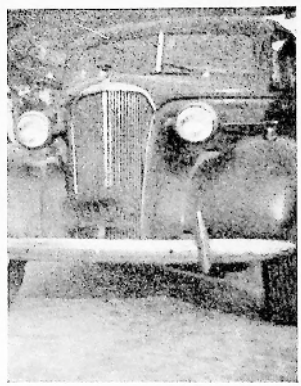
Foi preciso ter um bocado de coragem para fazer esta reportagem. Não foi sem antes ter ido à igrejinha ao lado da escola assistir a uma missa e encomendar minha alma a Deus que me decidi a pedir ao prof. Oswaldo uma "carona" em seu Chevrolet 64 (1864).

Os objetivos tiveram de ser expostos, e sendo assim, o próprio, auxiliou-nos em refazer o histórico do calhambeque. De origem americana, não se sabe ao certo como chegou ao Brasil. O certo é que deve ter sido por volta de 1900. Tinha uma forma bem diferente da atual, como podemos ver nas fotografias. Provàvelmente teve seus dias de glória naquela época, mas com o decorrer do tempo, não resistindo ao conjunto que lhe provocava o contato com as linhas mais modernas dos carros do período de depois da 1ª guerra mundial, a viatura espatifou-se contra um poste da iluminação a gás do velho Rio de Janeiro. Seu primeiro dono vendeu-o então no estado de "ferro meio velho" ao seu segundo dono, que, com enorme paciência, juntando as peças que sobravam a uma nova carroceria, deu-lhe um aspecto parecido com o atual: um misto de diferência do velho oeste, dada a sua origem, e de "hitleri", célebre meio de transporte da época da escravatura. Depois de muito rodar, êste segundo dono da viatura, anunciou em 1962 no jornal, que venha um carro para o ferro-velho. Muito sorrateiramente, apareceu o prof. Oswaldo, dizendo-se agente de ferro-velho, querendo ver o artigo (não teve coragem de dizer ao homem que era para uso próprio). Após marchas e contra-marchas nas negociações, ficou decidido que o carro seria vendido pela astronômica quantia, segundo o nosso professor, de 5 contos de réis, sendo 5065000 à vista, e restante em suaves prestações mensais, em que o comprador pagaria sempre a metade do que ainda devia, com o que o comprador enganou o vendedor, segundo uma aula de matemática em que o mesmo professor já ganhara outro tanto de um aluno. Atualmente, é um carro de côr verde que segundo o proprietário, tem uma "enorme vontade de servir ao próximo" (mecânico). Recentemente, dada a recusa do professor em vender o carro para a "Columbia Pictures", a série de filmes "Os Intocáveis" teve de ser suspensa, pois acabara-se o estoque de carros último tipo daquela companhia.

Impressões ao viajar

Quando nos dirigimos para o carro, o prof. Oswaldo, o prof. Martinho e eu, a primeira pergunta que me veio à bôca foi: — Anda?

Entre um sorriso e outro, o professor foi abrindo a porta, arriando o vidro (na base do empurro, pois a alavanca só sobe o dito nas quatro janelas) e entrando no carro. Enquanto isso eu ia observando os detalhes da estrutura externa do Chevrolata: Rodas da frente diversgentes. Pneus: três pràticamente no fundo, e um em bom estado. Cano de descarga: um pedaço de cano comum; para-choques só se fôr choque elétrico, pois é amarrado ao resto do conjunto de latas por barbante, que é um isolante; nessa altura achei melhor entrar logo, antes que perdesse a vontade. Entrei. Quase que saía e não voltava mais. Fui para o banco de trás (o carro tem duas portas). O prof. Oswaldo disse: — 5, 4, 3, 2, 1, zoooooooim, não pegou. De novo: zonhonhoooooin. Nada. O prof. Martinho sai para empurrar. Eu também me ofereço, e fico pensando em que fria fui me meter. Empurramos, e para felicidade geral o carro pega. Entramos de novo. Descerevo o que é o interior do carro: o volante é constituído por um troço que parece uma ex-roda de bicicleta. A alavanca de mudanças é um pedaço de ferro retorcido que emerge do assoalho(?) do carro, através do qual se vê a rua. O acelerador é um pedaço de tábua e a embreagem, por incrível que pareça, é um pedal mesmo. Freio de pé não existe, ou melhor, não funciona, o negócio pára na base do braço, numa alavanca à direita do carro, sendo que quem tem de acioná-la é o acompanhante, pois o chofer não alcança. Era cômico e triste ao mesmo tempo, o prof. Oswaldo dirigindo e o porf. Martinho freando. No início, eu não queria nem olhar. De repente, bati com a cabeça no teto; é que o molejo do carro é tão bom, que quando passo em um buraco, ao invés de amortecer o pulo, aumenta-o ainda mais. No teto viam-se três furos na forração — "O 1º, disse-me o professor, já veio com o carro; o segundo foi a cabeça de meu filho, num buraco da avenida Brasil; e terceiro foi um caixote que eu ia transportando, e num dêsses pulos..." Um barulho estranho de lata sôlta fazi-se ouvir. É que a carroseria está pregada ao chassi por três parafusos, cada um com pelo menos um dedo de folga".



— Qual a velocidade máxima?
— 76 Km.
— Na descida?
— ...é
— Pode mostrar-me?
— Deixa para quando estiverem vocês dois sòzinhos, tá? (disse Martinho).
— Só posso ir a 40.
— Porquê êle só dá 70?
— A direção está fazendo um "shimmy" fortíssimo, mas é bom que serve para dar corda no relógio. É automático.

Paramos num pôsto.
— Encha o tanque.
— Não temos lenha no momento.
Um silêncio.
— Bote gasolina mesmo, 30 litros, e capriche, porque vou passar êstes feriados em Cabo Frio e sabe hoje às 5 horas.
— Já comprou passagens?
Outro silêncio.
— Calibre os pneus, 20 libras cada um.
— Sabe quanto tem êste aqui?
— 2 libras.
— Matemàticamente faltam 18.
(O professor dá gorjeta, mas o homem devolve).

Seguimos.

Convem ressaltar o entusiasmo com que o professor ultrapassa os carros parados no meio fio.

Uma coisa não se pode reclamar: o carro é arejado. Continuamos o trajeto. Já são duas horas e saimos do colégio a uma hora. Estamos no meio da Voluntários.

— Professor, o senhor não pode andar mais depressa. Minha mãe já deve estar aborrecida; quanto tempo leva até a praia de Botafogo?

— Dentro de 5 minutos estaremos a cinco minutos daqui, posso garantir-lhe, pois eu mesmo fiz os cálculos semana passada. Não tente fazê-lo, pois ainda não tem capacidade. Caiu um problema semelhante no vestibular do ITA. Ninguém acertou. Envolve logarítmos, análise combinatória, coordenadas cartesianas, e no fim vai dar em uma equação do quarto grau.

— Entendi...

A cada fechada de um lotação, ou a cada palavrão de um outro chofer, ou ainda, quando a barbeirada era nossa (para não ficar com tôda a responsabilidade o chofer, uso "nossa"), eu ia ficando em pior estado psíquico.

Finalmente não me contive mais. Ainda faltavam uns 6 quarteirões de tráfego mais intenso até à minha casa, quando resolvi dizer ao professor que eu morava ali mesmo, e que ficaria agradecido se pudesse saltar. O professor Oswaldo desengrena, o prof. Martinho freia e o carro para contra o meio fio. Salto com um leve trauma no canto esquerdo da bôca, tremores espalhados pelo corpo, e a vez mais trêmula dêste mundo, desejo boa viagem, porem com uma dúvida enorme cá dentro.

Miguel Fernandez y Fernandez

Disc 15
P054

Literatura

Franklin Martins

O gênero policial, na literatura brasileira, tem sido muito pouco e mal explorado. As concessões comerciais fizeram com que êste gênero, que eternizou inúmeros escritores como Allan Poe, Conan Doyle e outros, no Brasil se restringisse a obras fracas, de caráter popularesco e de pouca expressão. Os livros de bôlso policiais em sua maioria de autôres americanos de pouco ou de nenhum valor, devido a concorrência e a seu baixo custo fizeram com que o nível dos contos policiais no Brasil abaixasse mais ainda.

Contudo, dentro dêste quadro pouco propício, apareceu um autor paulista, Luis Lopes Coelho, com dois livros publicados que além de atribuir ao gênero policial, no Brasil, um caráter muito mais sério, nos dão uma demonstração do talento e da capacidade do autor. Iniciando-se na nossa literatura com "A Morte no Envelope", livro onde já manifestou a seriedade e o valor da sua obra, Luis Lopes Coelho prossegue com "O Homem que Matava Quadros", que apresenta contos excelentes, como "Ninguem mais se perderá por Luba" (que faz parte de uma antologia de contos policiais mundiais) e "A Escultora Cinzela a Morte", que o situam, lado a lado, com os autôres mais famosos da literatura policial de todo o mundo.

As histórias se passam em São Paulo e têm no velho Leite o seu mais importante e assíduo personagem, que desempenha nos livros de Luis Lopes Coelho o papel de um investigador. É estranho para nós, que vivemos no Rio, que temos na nossa polícia: invernada, choque elétrico e borrachada, acostumarmo-nos com a idéia de um policial observador, frio, inteligente e com lampejos de Sherlock Holmes. Mas vencida esta barreira inicial temos bons contos de um autor que revela bastante talento.

O requinte do detalhe, do inesperado e do mistério, elementos imprescindíveis nos livros policiais encontram em Luis Lopes Coelho um talento que os integra e os dosa dentro de uma história narrada com naturalidade e que faz com que o leitor dela participe, da sua primeira a sua última página. Se o autor conservar a seriedade, prenunciada no seu primeiro livro e confirmada no segundo, com o talento que tem será capaz de escrever mais e bem. Esperemos, apenas, que não se comercialize, o que é tão comum hoje em dia.

LUIZ LOPES COELHO
O HOMEM QUE MATAVA QUADROS

CONTOS POLICIAIS



Ciência

Os olhos para quem quiser saber mais

O ôlho do homem é uma parte do cérebro que foi "empurrada para fora". O de todos os animais invertebrados é formado inteiramente partindo da pele. O dos vertebrados tem as partes mais importantes desenvolvendo-se a partir do cérebro.

As pálpebras existem para proteger os olhos, para interceptar a luz e, principalmente, para lavar o globo ocular. Uma lágrima vem da glândula lacrimal (que está por cima do ôlho e para o canto de fora) e se espalha pela superfície interior da pálpebra superior. Ao piscar a pálpebra lava o ôlho. A lágrima sai, imediatamente por um pequeno orifício na extremidade interna da pálpebra inferior, indo para o nariz.

O homem chora porque a parte do cérebro que está ligada com as glândulas lacrimais fica junto à parte do cérebro que é perturbada quando alguma coisa quebra o nosso equilíbrio nervoso. *Se a arrumação do cérebro fôsse um pouquinho diferente o homem não choraria lágrimas, mas poderia ficar com a bôca cheia de saliva.*

As pálpebras, as sombrancelhas, a conformação craniana e as lágrimas são os "quatro guarda-costas do ôlho".

* * *

A parte da frente do ôlho é uma camada transparente, curvada para fora para melhor focar a luz. (Essa curva não é exatamente igual a do globo ocular).

* * *

A córnea sã é perfeitamente transparente e não tem vasos sangüíneos, a não ser nas bordas. (Os glóbulos brancos ou vermelhos prejudicam a visão). É bem suprida de nervos, correndo quase todos para a superfície da frente a fim de torná-la bem sensível e capaz de sentir a menor partícula de pó e reclamar proteção extra.

* * *

A superfície interior da córnea liga-se com o "branco do ôlho", uma camada espêssa e forte, que é a própria córnea.

* * *

Por trás da córnea, encravada no "branco do ôlho", está um anel redondo e colorido, com um ponto prêto (maior ou menor, dependendo da ocasião). A parte colorida é a íris, um anel muscular. *O ponto prêto é a "menina dos olhos"; e é na realidade um orifício no anel, que parece um ponto prêto porque abre para uma câmara escura.*

* * *

Entre a córnea e a frente da íris há ainda um espaço cheio de um líquido aquoso.

* * *

A íris é o regulador do tamanho da pupila. Quanto menor a intensidade de luz, maior tem de estar a pupila; e vice-versa. Quanto mais distante o objeto focado, maior a abertura da pupila; e vice-versa.

* * *

A côr dos olhos é devida, exclusivamente à íris. Mas não está nas fibras musculares que formam a íris, exatamente iguais em tôdas as pessoas.

À frente e por trás da íris é que está uma camada de células ("estroma iliano") que, contendo pouco pigmento torna a íris branca ou albina. Aí a côr dos olhos é clara. Se os pigmentos são muitos, os olhos são escuros.

* * *

Os olhos azuis e os verdes estão ficando cada vez mais raros; e o castanho ameaça ser, no futuro, a côr de todos os olhos.

CONCURSO DE CONTOS CRÔNICAS E POESIAS

A FORJA vem de lançar um sensacional concurso para você!

Você, que tem facilidade de escrever, aproveite um momento seu de inspiração e prestigie o jornal do nosso GOCN, candidatando-se também a um prêmio-lembrança.

— tamanho: à vontade do autor

— tema: livre, porém damos algumas sugestões:

poesias
crônica do cotidiano
problemas sociais
ficção científica
conto humorístico
conto de suspense

— prazo: até o último dia de aula do mês de setembro poderão ser entregues os trabalhos.

— é necessário uso do próprio, nunca pseudônimo.

— A Comissão Julgadora será composta pelos professôres:

Suelly, Anéris, Maurício, Werneck, Paulo Amoroso e Reginaldo.

TORNAGHI FALA SÔBRE EX-ALUNOS

Explicando a finalidade da Associação dos Ex-Alunos do CAp., Luís Carlos Tornaghi, que como um de seus membros mais atuantes foi um dos organizadores da apresentação de Zé Keti, dos jogos entres alunos e ex-alunos e outras festividades realizadas duranie a Semana do CAp., disse à FORJA:

— "No início de 1955, ano em que se formava a primeira turma do Colégio de Aplicação, um grupo de alunos tomou a iniciativa de fazer uma revista do CAp. E em maio daquêle ano saiu o primeiro número da FORJA.

Cheios de entusiasmo, os "redatores" falavam das vantagens e pretensões do recém-nascido órgão, que dizia logo na primeira página:

"O Conselho de Representantes da Caixa Escolar resolveu, em sua última reunião, instituir o DIA DO EX-ALUNO, que será comemorado no dia 20 de maio, aniversário do CAp."

Com êsse objetivo, de reunir os ex-alunos, de dar continuidade a nossa gostosa "família", surgiu a Associação dos Ex-alunos do CAp.

Alunos recebem bem a Compadecida

Dando seqüência às comemorações do 16.º aniversário do colégio, o Teatro Amador do Colégio de Aplicação (T.A.CA..P.) realizou um velho sonho dos alunos do CAp., e principalmente dos atôres, encenando a peça "Auto da Compadecida", do autor brasileiro Ariano Suassuna. A representação foi muito bem recebida pelo público: alunos, ex-alunos, pais de alunos e convidados, o que motivou o Grêmio a organizar mais três representações, levadas para um auditório praticamente cheio.



Suassuna, no "Auto da Compadecida" faz uma profunda análise da sociedade brasileira e de seus preconceitos, criticando o clero que faz uso da política e que se esquece das verdadeiras origens do cristianismo. o que fêz com que algumas pessoas mais "bitoladas" acusassem a peça de criticar a religião, o que não é compreensível, já que sabemos ser Suassuna um autor reconhecidamente cristão. Diz êle, no início da peça, pela bôca do palhaço: "Auto da Compadecida! O julgamento de alguns canalhas, entre os quais um sacristão, um padre e um bispo, para exercício da moralidade." A crítica que Suassuna faz na sua peça é moralizante. Ele parte do princípio de que não podemos fechar os olhos ao que existe. Não há dúvida que dentro da Igreja há uma grande quantidade de homens que são padres por convicção nos ensinamentos de Cristo. mas não podemos negar que dentro desta mesma Igreja existem homens que apenas se apóiam no seu prestígio para usufruir de benefícios materiais, contrariando os princípios da religião que pregam.

Apesar dos cortes, o público pôde sentir tôda a relação entre Jesus e a Virgem Maria e, também, entre os personagens que são julgados no último ato, o que também aconteceu com o diabo, que no dizer da Compadecida era um fariseu, por ser "muito apegado às formas exteriores".

Com a apresentação do "Auto da Compadecida", o T.A.C.A.P. vence mais uma etapa, dentro de um planejamento sério e capaz, que visa não a representação de comédias inconsequentes, mas sim de peças, que por trás de um humor sadio, façam com que a platéia, deixando o teatro, pense na sua mensagem, na sua moral.

Na Cap. Sucesso é Bossa

Lila May

Como parte das festividades programadas em comemoração do 16.º aniversário do Cap., Zé Keti e sua turma — Ismael Silva, Paulo César e Laurindo do Cabuçu — apresentaram-se no auditório do colégio, mostrando o que é que a bossa velha tem. A parada de samba começou com certo atrazo, que só não foi maior graças à colaboração do Professor Mauricio, que foi buscar os sambistas no Zicar'ola.

Cantando números conhecidos e alguns novos Zé Keti e os outros mostraram a muita gente que o samba não tem moda, que é bom, desde que feito com talento e que independe de campanhas publicitárias. o que, convenhamos, nunca fêz música. O que impressionou na noite de "bossa velha", se empregarmos o têrmo já tão usado, foi a simplicidade, a poesia e a genialidade dos sambas cantados. Sambas autênticos, porque inspirados em temas populares.

Zé Keti teve em "Coisa e coisa", "Viver" e "Opinião" as suas músicas mais aplaudidas, Ismael Silva em "Tira seu sorriso do meu caminho", "Aurora" e "Se você jurar", "Zé da Conceição" e "Trabalho de Terreiro" foram as músicas de Paulo Cesar que mais agradaram, enquanto que os melhores sambas do Laurindo foram "Criança-Mulher" e "Que é isso?".

Pena que não viesse ninguém da turma da bossa nova para que pudessemos estabelecer um confronto entre as duas tendências predominantes da música brasileira, que atualmente faz-se reconhecida no exterior, graças ao talento dos compositores, especialmente os de bossa nova, que são os que tem suas músicas exportadas em maior escala. Em todo o caso, dado o oferecimento espontâneo de Zé Keti, que se dispoz a vir mais vêzes ao Cap., fica a oportunidade de fazermos, realmente, um encontro entre as duas bossas.

Se alguém perguntar por Zé Keti, Ismael, Paulo Cesar e Laurindo diga que foram por aí e bateram no Cap., onde cantaram e encantaram — se me permitem o chavão. E é só.



A FORJA

ORGÃO OFICIAL DO GRÊMIO
ODYLO COSTA NETO

Diretor: José Sergio Leite Lopes
Equipe: Carlos Bernardo Vainer
Franklin Martins
José Fernando Tavares
José Ricardo Pinheiro
Rafael Myra Y. Lopez

19

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 156
EDIÇÃO: A Forja (nº 2/ “1964”)
DATA: 1964

A primeira matéria deste exemplar, *Lincoln e Kennedy morrem iguais*, apresenta as semelhanças entre esses dois ex-presidentes dos Estados Unidos. O editorial discute os objetivos dos alunos ao frequentarem o CAp e a finalidade da educação. Em *Os cavaleiros teutônicos*, é mencionada a exibição desse filme polonês no auditório. O artigo *Xadrez no CAp* anuncia a criação de uma seção desse “jogo-ciência”, aberta semanalmente. Em *CAp vence basquete e xadrez nos Jogos Infantis*, as partidas desses dois esportes e do futebol de salão, no qual os capianos participaram, são resumidas. A matéria *Goldwater: a guerra e os negros* aborda as eleições presidenciais dos Estados Unidos de 1964 e a luta dos negros pelos direitos civis. Embaixo, há um poema crítico intitulado *Alabama ao luar. preconceito e Psicologia* analisa a relação entre a educação extremamente severa e o preconceito. O texto *Concerto no CAp* trata da presença da Orquestra Filarmônica Estudantil do Conservatório Nacional de Música. Em *Festa junina agradou mesmo com chuva*, são relatadas as atividades realizadas nesse evento. Já em *O Parque*, o jornal comenta um filme de curta metragem feito por alunos de iniciação ao cinema de um colégio estadual da Guanabara. O artigo *Teoria da Relatividade* busca resumir esse princípio da Física. Há, ainda, um texto humorístico nomeado *O espelho*. Por fim, em *Benito e Lúcia*, um aluno narra suas memórias do cotidiano na antiga sede do CAp em Laranjeiras. E em *Regulamento dos Jogos Internos* estão as diretrizes do campeonato do Setor Esporte.

DISC 156
P059

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA F.N.Fi.

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ODYLO COSTA, NETO

N.º II — ANO 1964

LINCOLN E KENNEDY MORREM IGUAIS

Doação do J. F. Werneck da Silva
Em 26 de 4 de 1967



Em 1865 foi assassinado o Presidente Abraham Lincoln; em 1963 foi assassinado o Presidente John F. Kennedy. Nos Estados Unidos, um documento intitulado "Estranho, Estranho" está tendo grande repercussão e apresenta 13 similitudes, paralelismos e coincidências entre os casos dos dois estadistas. Vejamos.

1) Os dois presidentes haviam feito seu cavalo de batalha na igualdade de direitos cívicos entre brancos e prêtos.

2) Lincoln foi eleito em 1860, Kennedy em 1960.

3) Ambos morreram em sextas-feiras e diante das espôsas.

4) Todos os dois receberam uma bala na nuca, que os matou.

5) Ambos tiveram como sucessores pessoas de sobrenome Johnson, que eram originários do Sul e haviam sido membros do senado.

6) Andrew Johnson nascera em 1808, Lyndon Johnson em 1908.

7) Os dois assassinos, Booth e Oswald, eram sulistas e defendiam causas impopulares.

8) Booth e Oswald foram mortos antes de serem julgados.

9) O secretário de Lincoln, que se chamava Kennedy, o aconselhara a não ir ao teatro, onde êle seria assassinado. O secretário de Kennedy, que se chamava Lincoln, o havia aconselhado a não ir a Dallas, onde êle seria assassinado.

10) Booth matou Lincoln num teatro e se refugiou num magazine. Oswald matou Kennedy da janela de um magazine e se refugiou num teatro.

11) Os nomes de família dos dois presidentes assassinados contam, cada um dêles, sete letras.

12) Os nomes dos dois sucessores, Andrew Johnson e Lyndon Johnson contam cada um dêles, treze letras.

13) Os nomes completos dos dois assassinos, John Wilkes Booth e Lee Harvey Oswald, contam, cada um dêles, quinze letras.

E, agora, cada um tire as suas conclusões.

(Transcrito da Reportagem Social de Carlos Swann de "O Globo")



FORJA também vai aos E.U.A.

Como consequência de sua atual fase de expansão a "Forja" prepara-se para inaugurar, no fim dêste mês, nossa primeira agência nos EUA. Para dirigi-la foi designado o nosso confrade José Fernando, que há tempos integra a equipe da "Forja".

À alegria desta inauguração contrabalança-se a tristeza pela ausência do nosso colega que embarcou dia 18 de agôsto para Baytown, no Texas, onde se localizará o nosso escritório e de onde José Fernando mandará, durante pelo menos um ano, sensacionais repartagens exclusivas.

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GREMIO ODYLO COSTA, NETO

Diretor: **José Sérgio Leite Lopes**

Equipe: **Carlos Bernardo Vainer**
Franklin Martins
José Ricardo Pinheiro
Rafael Mira y Lopez

Dep. Fotográfico:
Luis Renato Bueno

"OS CAVALEIROS TEUTÔNICOS"

O cinema polonês tem ainda pouco contato com o grande público brasileiro. Mas algumas apresentações recentes obtiveram êxito, não só junto à crítica, como também levaram a se formar extensas filas de expectadores. Talvez o maior sucesso tenha sido "Os Cavaleiros Teutônicos", de Alexander Ford. Os alunos do CAp., tiveram a oportunidade de revê-lo no auditório de "O Globo". O que salta aos olhos nesta obra é o cuidado, o esmêro que tiveram seus realizadores ao concepcioná-lo.

A fidelidade histórica, a preocupação com o detalhe fazem do filme um autêntico painel da Idade Média. Observamos a honestidade com que a direção utiliza os mais modernos recursos do cinema moderno para reviver o passado nacional polonês. É importante caracterizarmos o moivmento nacionalista do cinema dêste país. A preocupação em reviver a luta contra o estrangeiro faz parte de todo um processo na arte polonesa contemporânea. No cinema, no teatro e na literatura, o artista polonês faz questão de afirmar sua origem nacional. A fase de um movimento "internacionalista" já foi amplamente superada. A tese de que o intelectual deve procurar suas raízes mais autênticas em seu próprio país, consolida-se cada vez mais. Os melhores trabalhos do cinema contemporâneo têm partido de temas caracteristicamente nacionais. Assim, o grande vigor do cinema polonês encontra-se na síntese entre a requintada técnica e uma rica temática nacional.

Agradecemos aos professores de Estudos Sociais (e a todos que com êles colaboraram) pela excelente iniciativa.

Compareceram mais de 200 alunos de tôdas as séries. O filme ensina-nos por si só, a mentalidade, a vida na I. Média. Aulas como estas têm um grande rendimento. Dão-nos também grande motivação para a matéria, fazem-nos pensar mais sôbre ela. É um exemplo a ser seguido. Esperamos que experiências semelhantes sejam feitas em relação a tôdas as outras matérias. Os professores terão uma grande recompensa (e nós mais ainda): verão seus alunos gostando da matéria, estudando-a por causa disto e não por outros motivos.

Gilberto Velho

XADREZ no Cap

MILTON
RABINOWITZ

O xadrez, tão pouco difundido no Brasil, conquista agora mais um baluarte, graças ao movimento pioneiro de um grupo do C. Ap. que apoiado nas vitórias obtidas por alguns de seus colegas, (nosso colégio foi campeão invicto de xadrez nos Jogos Infantis), consegue finalmente um seção de xadrez.

No entanto muitos poderão perguntar o porque da necessidade desta seção em um estabelecimento de ensino. Devemos pois, lembrar a êstes, que dentre os desportos, (se assim o podemos chamar), é o xadrez um dos poucos que exige grande atividade mental, e portanto é tanto ou mais útil quanto os desportos tipicamente físicos.

Assim, teremos em nosso colégio um lugar onde os enxadristas capianos virão praticar o jogo-ciência ou arte de Caissanos em seus momentos de lazer.

Prestigiem, pois, comparecendo à seção de xadrez do C. Ap. que estará aberta normalmente aos sábados a partir das 10:30 horas.

—:|:—

Pedimos aos colegas interessados que aos sábados tragam tabuleiros e peças de xadrez ou de damas para auxiliar o funcionamento da seção.

editorial

Objetivos do Zé Capiano

Colegas, êste é o 2.º número de nosso jornal do colégio. Como sempre, êsse espaço é dedicado a algumas idéias nossas, conceitos da equipe que faz o jornal. Sabemos que muitas vêzes êsses sermões são "chatos". No entanto procuraremos tratar aqui de assuntos ligados intimamente às nossas vidas, e portanto merece a atenção de qualquer "Zé Capiano".

Todos nós vamos todos os dias ao colégio. Mas será que dêle tiramos real proveito? Que pensamos sôbre o colégio, suas finalidades e nossos objetivos em geral?

Muitos de nós temos algumas das seguintes idéias sôbre isso: "Devo ir ao colégio para estudar. Devo tirar notas altas, pois só assim passarei de ano. E só passando de ano em ano, e passando no vestibular, poderei formar-me, alcançando meus objetivos: o "sucesso" na vida, realizar-me." Muitas dessas idéias parecem óbvias. Porém (vide começo do artigo "Que é a Teoria da Relatividade") devemos examinar com mais cuidado essas afirmações.

O Zé Capiano que pensa assim tem como objetivo principal o seu sucesso individual. O resto do raciocínio é conseqüência (está em função) disso.

Nós pensamos de modo diverso. Pensamos que nossa principal finalidade na educação que recebemos não é um "sucesso individual", mas uma contribuição para um mundo melhor, um "sucesso social". E acreditamos que a felicidade encontra-se no social ao invés do individual. Portanto, discordamos das idéias acima, do objetivo, e conseqüentemente do resto do raciocínio. E tomaremos atitudes em função do nosso objetivo.

É claro que devemos ir ao colégio para estudar. Porém, que espécie de estudo devemos ter? Serão as notas nosso principal objetivo? O Zé Capiano que pensar assim poderá estar aprendendo apenas certas habilidades em função das notas e dos exames sôbre matérias que não compreende. Passará em exames, mas ficará habilitado para a função onde se sentirá infeliz.

O método de ensino e educação que produz êsse modo de pensar é humilhante. Todos nós sentimos, mais ou menos, que a educação que nos é dada pela estruturação do ensino, pelo rádio, televisão, pela sociedade enfim, poderia ser melhor. Vemos portanto, que são problemas que prejudicam grandemente nossas vidas. Ora, sabemos pela experiência, que sempre que ao homem se apresenta um problema do qual dependa sua vida, individual ou social, êle acaba por resolvê-lo, melhor ou pior. Portanto nós não devemos ficar atrás.

Devemos apenas dizer "ora a educação no país está mal estruturada, não podemos fazer nada", cruzar os braços e continuar a pensar do mesmo jeito? Devemos continuar a estudar principalmente em função da nota? Nós acreditamos que não. Que nosso colégio tem muito mais a nos dar; mais que quaisquer outros tem qualidades para nos educar. Êle deve antes de tudo (e nós devemos procurar isso) dar vida à vontade de aprender armazenada em todos nós. Se sairmos do colegio sem muitas teorias na cabeça mas com vontade de estudar, conseguimos uma grande coisa.

Que podemos fazer que esteja ao nosso alcance? Na nossa opinião devemos tomar consciência do que representa nosso colegio e tirar dêle o melhor proveito. Nós mesmos devemos promover nossa educação (educação fraternal que seria o oposto à educação que descrevemos no artigo "Preconceito"). Não devemos ser passivos. Aproveitar ao máximo o privilégio de estudar nesse colegio não para ter "sucesso" na vida mas para construir alguma coisa socialmente válida (por menor que seja).

Isso tudo é muito bonito, mas como fazê-lo na prática? Devemos aproveitar mais as atividades tanto dentro quanto fora de classe. Perder a timidez, conversar com os professôres fora das aulas sôbre quaisquer dúvida ou assuntos. Participar das atividades fora das aulas, das atividades do grêmio. Procurar os responsáveis pelos setôres e sempre se encontrará um Benito ou uma Lúcia (ver artigo do Bevi).

Por êsses motivos incluímos artigos que tratam de assuntos sôbre fatos que nos rodeiam, desde a teoria da relatividade até lutas raciais. Poderão ser "chatos" para quem pensar como o que está, entre aspas no 3.º parágrafo. Mas se tiver paciência e pensar um pouco, aprenderá alguma coisa.

Zé Capiano, pense sôbre isso.

DISC 156
P059

Edições Delta S.A.

Edições Delta

5 volumes

Dicionário Caldas Aulete

15 volumes

Enciclopédia Delta-Larrouse

DISTRIBUIDORA: Editôra Corrente S A
Travessa do Ouvidor, 22 — 3.º and.
Telefone: 22-9055

C. Ap. vence Basquete e Xadrez nos Jogos Infantis

Êste ano, pela primeira vez, o nosso Colégio concorreu nos Jogos Infantis, campeonato patrocinado pelo Jornal dos Sports. Nossa estréia teve relativo sucesso, pois tiramos o campeonato de Basquetebol masculino, 13 a 15 anos, fomos campeões de Xadrez, inscrevemo-nos também na classe de 13 a 15 anos (vice-campeão na contagem geral), ainda inscrevendo nos em Futebol de Salão (11 a 13 e 13 a 15).

FUTEBOL DE SALÃO — 11 a 13: Na primeira partida: equipe do C. Ap.: Marcio (2.º B), Ricardo (1.º B), Mauro (1.º B), Ivan (2.º A) e Luiz Carlos (2.º A), ficando na reserva Léo (1.º A) e Paulo Sérgio (1.º B). Placard final: 3x3; na prorrogação, perdemos por 4x3, sendo consequentemente eliminados.

FUTEBOL DE SALÃO — 13 a 15: Na primeira partida: equipe do C. Ap.: Luiz Guilherme (3.º B), Ricardo (4.º A), Claudio (4.º B), Érico (4.º C) e Frederico (3.º C) (Josué — 3.º C). Placard: C.Ap 4x3, sendo assim classificados para a 2.ª partida.

2.ª partida: C. Ap.: Luiz Guilherme, Ricardo, Claudio, Érico e Frederico, entrando depois Josué e Gilberto (3.º B). Placard: C.Ap. 1x2, donde fomos eliminados.

O técnico foi Afrânio, e ficaram na reserva Nathan, Pedro e Padilha (todos do 3.º C) e André (4.º A).

XADREZ — Fomos campeões na classe de 13 a 15, e vice na contagem geral, pois não tinhamos equipe inscrita em 11 a 13, o que ocasionou nossa derrota nessa classe.

Jogaram e ganharam: Armando (3.º B), Paulo César (3.º B) e Roberto (4.º A), ficando Jorge (3.º B) na reserva.

BASQUETE — Campeões absolutos em 13 a 15, sendo sem sombra de dúvida a melhor equipe do torneio. Jogaram pelo C. Ap.: Érico (4.º C), Ivan (2.º A), Renato (4.º A), Carlos Maurício (4.º C), Gilberto (4.º B), Paulo (4.º B), Claudio (4.º B) e Ricardo (4.º A). O técnico foi Orlando (2.º C1). Capitão do time: Érico; cestinha: Renato.

ANUNCIE N'A FORJA

— PREÇOS BAIXOS
— VEÍCULO CERTO
— PROPAGANDA GARANTIDA

colabore!

curso vetor

ENGENHARIA
ARQUITETURA
QUÍMICA

AV. N. S. COPACABANA, 928 — 4.º ANDAR

★ o curso que reúne uma equipe consagrada pelos resultados alcançados nos exames vestibulares.

★ teremos prazer em receber a visita dos alunos do C.Ap.

curso miguel couto

AV. N. S. COPACABANA, 605 — 10.º ANDAR

VESTIBULARES: MEDICINA
ODONTOLOGIA
FARMÁCIA

DIREÇÃO: PROF. VICTOR NOTRICA
PROF. A. J. DE VRIES
PROF. ALCIDES L. GOMES

"CUMPRIMENTAMOS ATRAVÉS DA FORJA NOSSOS BRILHANTES EX-ALUNOS: MARIO IGOR E LUIS CARLOS BEVILAQUA"

"a mais perigosa criação de qualquer sociedade é o homem que não tem nada a perder"

(James Baldwin, escritor e líder negro americano)

GOLDWATER: A GUERRA E OS NEGROS

franklin martins

Dentro de poucos meses serão efetuadas as eleições presidenciais nos Estados Unidos. Os partidos democrata e republicano já apresentaram os seus candidatos: Johnson, atual presidente e aspirando a reeleição, e Goldwater. Hoje em dia, com o Mundo dividido em duas ideologias, o simples fato de o govêrno de um país representante de uma delas submeter-se a uma prova eleitoral, pode significar uma mudança total na política internacional. Portanto, as eleições dêste ano nos EUA devem ser encaradas não como uma questão interna da nação americana, mas como um fato que está intimamente ligado ao panorama geral do mundo atual.

A reeleição de Jonhson significaria uma certa continuidade na atual política do govêrno americano: luta pelos direitos civis dos negros — é lógico que sem aquela firmeza do ex-presidente Kennedy —, coexistência pacífica com os países comunistas, na medida em que isso fôsse possível para o prestígio norte-americano, fortalecimento da ONU, enfim significaria uma linha liberal.

A eleição do republicano Goldwater possibilitaria a ascensão da chamada "linha dura" ao govêrno dos EUA e a execução de um programa conservador, apoiado nos seguintes temas principais: a) invasão de Cuba; b) recrudescimento na luta do Vietnan; c) aumento dos gastos militares; d) esvaziamento da Lei dos Direito Civis.

Analisemos o programa republicano. As duas primeiras medidas de Barry Goldwater levariam o Mundo à beira da guerra, limite êste que pode ser ultrapassado se o senador pelo Arizona cumprir a sua promessa de soltar algumas "bombinhas" no Vietnan — do mesmo teor explosivo das usadas sôbre Hiroshima e Nagasaki. A humanidade, hoje em dia, teme a Guerra como nunca temeu. O equilíbrio atômico existente entre os EUA e a Rússia é notório. Uma guerra atômica no momento, não há dúvida, significaria o fim do comunismo. Mas paralelamente, significaria a auto-destruição do capitalismo. Talvez isso seja um preço um pouco caro e os EUA não estejam dispostos a pagá-lo. Goldwater, contudo, pregando êstes pontos-de-vista suicidas é o candidato do Partido Republicano, partido êste de grande expressão. A sua indicação pelo PR mostra que grande parcela da opinião pública norte-americana aplaude êste programa de ação.

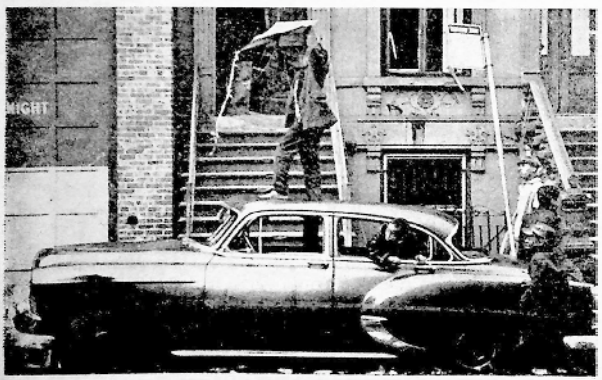
O aumento dos gastos militares é uma necessidade natural dos dois pontos acima citados. O clima de guerra que Goldwater promoverá, caso eleito, vai necessitar de uma economia de guerra.

Dentro do país, em matéria de política interna, o programa do candidato Goldwater se apóia fundamentalmente no esvaziamento da Lei dos Direitos Civis, recentemente aprovada pelo Senado americano. O senador do Arizona votou contra a sua aprovação e pretende tirar-lhe o sentido, fazendo com que ela seja executada pelos Governos Estaduais, que muitas vêzes têm como primeiro mandatário racistas declarados.

O "problema negro" é uma das constantes da atual campanha presidencial. Após a aprovação da Lei dos Direitos Civis a massa negra americana, com seus direitos confirmados, resolveu exigir o que antes já lhe era previsto pela constituição norte-americana, que diz que todos os homens são iguais perante a lei. As manifestações anti-segregacionistas esbarraram na resistência dos racistas, o que vem causando uma série de distúrbios em várias cidades dos EUA. Estes distúrbios vêm fortalecendo a posição do candidato republicano, já que muitos eleitores brancos indecisos vêem nêle a salvação da ordem contra o "perigo negro". Líderes de côr, como Martin Luther King, por esta razão vêm recomendando calma à população negra, já que compreenderam que as manifestações anti-racistas, nas vésperas do pleito, podem influir na escolha presidencial em favor de Goldwater. Exortam calma para que Jonhson seja eleito, o que lhes dará quatro anos para um trabalho consciente e esquematizado, visando a propagação de suas idéias e a união dos homens de côr, em tôrno de uma luta comum pelos seus direitos comuns.

A luta pela calma é a grande batalha dos dirigentes pretos no Harlem e em todos os outros guetos de negros nas cidades americanas, neste momento. O negro, agora por tática, terá que esperar mais um pouco, se quiser ser um cidadão norte-americano depois, com tôdas as prerrogativas que advêm desta condição e com todos os seus direitos e deveres. Os negros, essa imensa massa de homens, espezinhada no seu orgulho, nos seus direitos, na sua carne, através de alguns dos seus líderes já compreendeu que deve esperar. E talvez essa posição de cautela decida as eleições em favor de Johnson e dê chances aos negros de lutar depois por aquilo que a Lei diz que é dêles, mas que homens que usam tanto a Lei para defender os seus privilégios teimam em dizer que não, como justificando que a côr de um homem é que faz um bom cidadão.

nos EUA vida de negro é assim



ALABAMA AO LUAR

José Mauricio Gradel

Cabeças baixas
Como envergonhados
Olhos no chão
Como com remorsos
Vagueavam sem rumo pelas ruas estreitas

Não estavam tristes
Não estavam envergonhados
Não estavam com remorsos

Havia uma enorme lua negra nos céus
(de Alabama

DISC 156
P059

Preconceito e Psicologia

José Sergio Leite Lopes

Freqüentemente, lemos nos jornais manchetes como estas: "conflitos raciais em N.Y.", "execução de judeus chegou à casa de... mortos", "dissolvido pela polícia comício pela igualdade racial nos EUA", etc. São assuntos que envolvem multidões de sêres humanos, assuntos atuais. Sabemos que as causas dêsses distúrbios são devidos a preconceitos raciais. Vamos portanto, abordar alguns aspectos dêsse tema.

Que é um preconceito? "É um juízo negativo, excessivamente generalizado". "É uma atitude hostil em relação a uma pessoa que pertence a um grupo". Talvez a definição mais direta seja a que diz: "preconceitos é pensar mal de outras pessoas sem motivo suficiente".

Sabemos também que o preconceito é algo anti social, mau e perigoso. Entretanto, infelizmente vivemos lidando com preconceitos. Mas, porque isso? Talvez porque precisamos de "encaixar" em esquemas e categorias os sêres humanos.

Como se formam os preconceitos? Como nascem? Na verdade, os preconceitos se aprendem. Quais as causas dessa aprendizagem? Vejamos alguns dos muitos fatôres que contribuem para essa formação.

Uma série de estudos realizados por numerosos investigadores tem assinalado coincidências muito curiosas. As pessoas que têm preconceitos fortes tiveram determinado tipo de educação. Qual? Uma educação rígida, excessivamente severa.

Esta educação considera que os homens têm algo de mau em si mesmos, que os homens dividem-se em bons e maus, que o mundo divide-se no que está bem feito e que não está bem.

Essa educação forma pessoas incapazes de externar qualquer incerteza ou dúvida; têm resposta para tudo e existe claramente para êles o bem e o mau. Ela vigia severamente o mal que pode estar na pessoa e educa-a segundo o que acha certo. Com essa educação a pessoa aprende também que o poder e a autoridade dominam as relações humanas, não a confiança e a tolerância. A igualdade não é a que realmente prevalece. Aprende também a reprimir seus impulsos; teme os e não os conhece. Tem que combater a "perversão" dentro de si. Mas tudo isso é muito difícil para ela. Então tôda essa maldade, que segundo essa educação, pode estar dentro dessa pessoa, ela a projeta sôbre os outros. Os outros é que são maus e perigosos. Quer dizer expressa um preconceito através de uma agressão incontrolada.

Outros estudos realizados, e que abordam o problema sôbre outros ângulos, (aspectos sócio-econômicos) sustentam o que tentaremos expor com brevidade.

Outros fatos a que também estamos acostumados em manchetes, a ouvir no rádio, etc. são os que dizem respeito aos trabalhadores e seu trabalho. Freqüentemente vemos nos jornais estatísticas de desemprêgo, fatos que ocorrem aos desempregados. Em muitas sociedades, os trabalhadores fazem concorrência entre si para arranjar trabalho, e uma grande parcela dêles não consegue. Surgem freqüentes crises na sociedade devido a êsses fatos.

Em algumas dessas sociedades, êsse problema é desviado para lutas raciais. Existe discriminação contra minorias raciais. Dessa forma, os empregos podem ser recusados aos grupos em posição desvantajosa. Os salários e lucros dêsses grupos podem ser reduzidos a níveis bem baixos e as camadas favorecidas da população podem colhêr recompensas.



No entanto, êsse desvio não constitui solução nenhuma para o problema. Como vemos agora nos EUA, os conflitos raciais tomam grandes proporções e põem a nu a estrutura da sociedade.

Vemos que êsses aspectos sôbre preconceito, são apenas formas exteriores de grandes problemas com os quais a humanidade se defronta.

Não desejaríamos que êste espaço fôsse ocupado por um simples anúncio de exaltação às nossas qualidades. Tão pouco é nosso propósito estabelecer confronto entre os serviços que são prestados pelo nosso Banco e os que não o são, por outros.

Queremos, isto sim, nesta mensagem sincera e cordial, dizer que, por acreditar em nossa gente e no seu espírito realizador, temos prestigiado os mais diversos empreendimentos.

Na edição de um livro, na produção de um filme, na arquitetura, na construção de uma galeria de arte, no grande ou no pequeno negócio onde a nossa presença amiga possa significar uma ajuda e um incentivo à energia criadora do homem.

Que êstes objetivos estão sendo alcançados, sabem os nossos clientes e saberá Você, também, o dia em que se valer dos serviços do

BNMG BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S. A.

— O Banco que está ao seu lado —

1944 — 1964

Concêrto na CAP

Realizou-se no colégio, no último dia de aula do 1.º semestre, uma manhã musical. Estêve presente a orquestra filarmônica estudantil do conservatório Nacional de Música.

Nunca tivemos aula de música tão ilustrada. O auditório estava cheio, muitas cadeiras sustentavam duas pessoas (uma sentada no assento, outra no braço da cadeira que serve para escrever). Muitas pessoas ficaram em pé.

Primeiramente, os colegas da 2.ª e 3.ª séries ginasiais nos deram uma aula sôbre os instrumentos que iriam participar na orquestra. Depois que um dêsses colegas fazia uma exposição sôbre um dêsses instrumentos, o dito cujo era tocado pelo componente da orquestra que o possuia. Houve também exposição sôbre as músicas tocadas, o maestro, etc.

Falou depois o maestro, e o orador da orquestra (que tocava o contra-baixo). A orquestra era pequena. Seus componentes são estudantes, alunos do conservatório. O orador falou-nos da dificuldade de formação de uma orquestra. Muitos trabalham, estudando também no conservatório. Convidou-nos a todos que nos interessamos por música, por algum instrumento, que temos vontade de aprender a tocar que compareceêssemos ao conservatório.

Tocaram depois alguns números (com um de canto), e aos gritos de bis, tocaram mais um.

Agradecemos aos professôres de música, pela iniciativa, pela aula interessante que recebemos, pela educação dos colegas do ginásio que expuseram sôbre os instrumentos.

Festa Junina Agradou Mesmo com chuva

Para começar, a festa junina foi realizada em julho. Não deixou de ser por isso, um sucesso.

Sabemos didàticamente que as festividades dividem-se em duas partes: a parte da manhã e a parte da tarde. O CAp., sempre cumpridor das leis, assim fêz com a sua festa.

Pela manhã seria realizado, além da ginçana, jogos esportivos. O 1.º jôgo programado era um jôgo cômico. Nele jogariam em trajes escandalosos (caipira, bermuda côr arco-iris, calça rasgada — daqueles rasgos tão grandes que a gente não sabe se é o rasgo que está na calça ou se é a calça que está no rasgo), 2 times dos maiores "cobras", com duas aspas, do colégio, cuja opinião é a de que a única coisa que atrapalha é a bola. Uma coisa porém podiamos garantir: a arbitragem. Os dois juizes escalados eram do sexo bonito. Podemos imaginar que se o Mário Viana comentasse o jôgo, duas mulheres nunca teriam sido elogiadas com palavras tão bonitas. Isso tudo podemos imaginar como quisermos. Porque São Pedro talvez não gostasse do fato que citamos na primeira frase dessa reportagem. É mandou chuva. E o jôgo (?) não foi realizado. Nem o seguinte onde a seleção de futebol de salão do colégio jogaria contra um time visitante. Os costumeiros "fominhas" (todos sabem quais são) já estavam trocando de roupa e entrando em campo quando a chuva ficou forte. Mesmo assim queriam jogar e tentaram até "dragar" o campo com o auxílio de vários ródos. Quando viram que não podiam mais, para exteriorizar sua raiva, passaram a bola para o melhor jogador de muitos times que estão ganhando apertado (isto é, isolaram a bola no canal). Compreende-se: são "fominhas" e metade dos brasileiros encontram-se nesse estado.

A ginçana realizou-se no pátio coberto. Com as provas cômicas de sempre e a habilidade e o atrapalhamento dos pares. Podemos nessas provas, ver como se comportam nossos colegas diante de certas situações. Concorriam a dois pequenos discos.

Na parte da tarde, realizou-se a quermesse. Contamos com a presença de duas baianas e seus quitutes, churrasquinho (de gato?), milho, etc.

Antes da quadrinha, tivemos um discurso nada demagógico do Zé Trindade. Depois da quadrilha funcionou a festa dançante no auditório ornamentado.

Entretanto, o melhor da festa, infelizmente é aproveitado por muito pouca gente, já que a maioria não tem consciência disso: a preparação da festa.

Nela arranjamos diversões e aventuras trabalhando. Por exemplo, é divertido sair por aí no carro do Ronaldo (prof. Oswaldo foi ultrapassado), de facão na mão, em busca de bambus e fôlhas de palmeiras para a ornamentação. Também é divertido colar bandeirinhas, descascar milhos, batatas, etc. (principalmente quando se tem uma ajudante ao lado). Quem quiser brincar de estivador pode carregar mesas e outras coisas mais. Quem é amigo da onça pode preparar armadilhas para os "penetras". Os ensaios da quadrilha também são divertidos. Houve ensaios de "polka" também, mas ficou para outra festa.

Essa preparação da festa faz parte de nossa educação. Trabalhamos, divertindo-nos. Desenvolve a habilidade de trabalho manual, iniciativa, organização, etc. de cada um. Ampliamos nossas amizades. Tomamos contacto com colegas nossos de várias idades com quem não falávamos, e descobrimos novas pessoas, novos fatos interessantes. Desenvolve também noções de que estamos trabalhando em benefício de todos nós e isso é importante. É algo que o colégio nos dá e é difícil de encontrar em outra parte. Devemos aproveitar isso.

O PARQUE

"O parque" foi um filme de curta metragem realizado pelos alunos do curso de iniciação ao cinema do colégio estadual "Brigadeiro Schorcht". Resultou de um curso experimental de cinema, realizado pela primeira vez num colégio estadual da Guanabara. Nos três meses que constituíram a parte teórica, os alunos aprenderam, com profissionais a conceituação de cinema, sua história, a elaboração de um argumento e de um plano de produção, assim como os primeiros segredos da técnica cinematográfica, montagem, continuidade e direção de atôres.

As seções de argumento, que duravam tardes inteiras, forneceram algumas dezenas de estórias. Uma delas foi escolhida: sua autora tinha 15 anos e freqüentava a 2.ª série ginasial. Tôda a equipe reunida, deu tratamento à estória, transformando-a em roteiro técnico.

Durante algumas semanas, o grupo se ocupou do plano de produção e da escolha dos locais para filmagem. Tudo se passa em Jacarepaguá. O diretor de fotografia foi um rapaz de 17 anos. Operou muitas vêzes completamente sòzinho, em condições precárias, pois o equipamento, cedido por empréstimo, nem sempre era completo nem satisfatório.

O intérprete principal, aluno da 1.ª série ginasial, tinha 11 anos. Os figurantes são os alunos do curso, que acumulavam interpretação com funções técnicas.

A montagem foi realizada por profissionais (gratuitamente), com a participação dos meninos, na residência da professôra responsável.

As filmagens ocuparam os sábados e domingos de julho de 1963.

O filme não tem finalidade comercial. Destina-se à divulgação em escolas, cine clubes e entidades culturais que se interessem pela experiência. Tentaremos trazê-lo para nosso colégio.

O filme tem a duração de 16 minutos.

É uma estória simples, com sentido social.

A estória trata da luta de um menino favelado para conseguir um objetivo para êle muito importante: entrar num parque de diversões. Mostra sua luta para conseguir o dinheiro da entrada. Dá-nos uma amostra de como é e será a vida de muitos garotos nessas condições. Vida de lutas.

O importante é que foi realizado por alunos do curso secundário. E que haja professôres e profissionais dedicados ao assunto, dando essa valiosa contribuição à sua educação.

E não deixa de ser uma tentação, um desafio para nosso colégio. Temos material humano para coisa semelhante.

KATIA NOS DEIXA

Deixou-nos a colega Katia Teivelis (do 2.º ci. e do setor de esportes.) Aqui fica registrado nossa homenagem (precisamos programar uma melhor) à grande colega que nos verá menos freqüentemente (como todo bom ex aluno, ela virá aos sábados.)

ERRATA DO N.º ANTERIOR

1. Pedimos desculpas pela omissão do nome do nosso colega Luis Renato no quadro de colaboradores da FORJA, que foi o responsável pela cobertura fotográfica.

2. Em lugar de ""DUAS ATIVIDADES EM FACE da CIENCIA, (2.ª página), leia-se, ""DUAS ATITUDES EM FACE DA CIENCIA".

DISC 156

Teoria da Relatividade

Muitos poderão estranhar e achar chato um artigo sôbre a relatividade. Tivemos que dividir essa matéria em partes devido à extensão do resumo da teoria. Se tivessemos feito apenas um artigo, êle não nos daria boas noções sôbre o assunto; seria apenas uma "curiosidade". O que tentamos fazer é mais que isto. É cativar a atenção do 2o capixano afim de que êle possa ter vontade de aprofundar-se, ou pelo menos tomar conhecimento desses assuntos. Este artigo é recomendado aos colegas do científico. Não menos aos colegas do clássico: envolve muitas questões filosóficas. Os ginasianos lerão aspectos interessantes como a maneira pela qual um pai pode tornar-se mais moço que o filho, massa que cresce, etc. Adaptamos essa matéria do livro "Que é a teoria da relatividade ?" feita por dois físicos de renome: L. Landau e Y. Rumer, a editora é a Ed. Fulgor.

CAPITULO 1

1) *A RELATIVIDADE COM QUE ESTAMOS ACOSTUMADOS*

Qualquer afirmação tem sentido? Obviamente não. Por exemplo não têm sentido as frases "A água é triangular", "Nosso colégio se resume a uma bola de futebol", etc. Porém nem tôdas asserias são obvias. Algumas afirmações somente perdem seu sentido após um exame cuidadoso. Vejamos alguns exemplos:

— É dia ou noite agora? A resposta depende do local: quando é dia em Tóquio é noite no Rio.

— Frequentemente empregamos os verbos "subir" e "descer". Esses conceitos são absolutos ou relativos? Em diferentes épocas foram dadas diferentes respostas à pergunta. Antigamente imaginava-se que a Terra fôsse plana, e então a direção vertical era considerada um conceito absoluto. Quando se descobriu que a Terra era redonda êsse conceito desmoronou pois em pontos diferentes do globo a direção vertical será diferente. Vemos aí que o absoluto tornou-se relativo. Tudo isso nos parece óbvio hoje. Entretanto a história nos diz que não foi facil aos homens perceberem a relatividade dos conceitos de "encima" e "embaixo". O povo tendia a atribuir um sentido absoluto aos conceitos cuja relatividade não será evidente na vida diaria. Portanto, tomemos cuidado com o "bom senso". Êle dizia na idade media: "A Terra não é redonda, pois como podem as pessoas andar de cabeça para baixo?" Esse argumento está errado pois não considera a relatividade da direção vertical proveniente da descoberta experimental do fato da Terra ser redonda.

2) *O ESPAÇO É RELATIVO*

Frequentemente dizemos que 2 acontecimentos se deram no mesmo lugar, e atribuimos um sentido absoluto à nossa afirmação. Na realidade, isso não tem significado. É o mesmo que dizer: "São 5 horas agora", sem dizer onde, se no Rio ou em Pequim. Vamos exemplificar. Imaginemos que numa excursão do colégio, de trem, nas férias, à Bahia, duas de nossas colegas combinam encontrar-se todos os dias na mesma cabine do trem para escrever cartas às respectivas mães. (A viagem dura mais de 2 dias, por suposição). Suas mães dificilmente concordariam se lhes disséssemos que suas filhas encontravam-se no mesmo lugar no espaço. Elas diriam que passaram por pontos afastados centenas de km. um de outro, pois receberam cartas de cidades diferentes sucessivamente.

Esses acontecimentos — escrever cartas no 1o e no 2o dias de viagem — ocorreram no mesmo lugar no espaço do ponto de vista de nossas colegas (a pessoa cabine do trem), e em lugares afastados de dezenas de km. do ponto de vista de suas mães. Quem estava certo, nossas colegas ou suas mães? Não temos base para decidir. É evidente que o conceito de ao mesmo lugar no espaço é relativo. Quando falamos da posição de um corpo no espaço, devemos nos referir sempre a sua localização em relação a outros corpos. Segue-se que o conceito de deslocamento de um corpo no espaço é também relativo. Uma poeira solta de um avião em vôo, cai em linha reta relativamente ao avião, mas descreve uma curva, relativamente à Terra.

Por isso tudo cabe então a pergunta: Todos os pontos de vista são equivalentes? Quando queremos fazer estudos sôbre assuntos desse tipo (tempo e movimento dos corpos no espaço), escolhemos um lugar de observação por consideração de conveniência e simplicidade. Por exemplo se pedirmos a um fotógrafo que nos retrate para a carteira de cinema do colégio, queremos ser fotografados de frente e não de costas, o que determina a posição no espaço no qual a câmara é colocada.

O movimento de um corpo é influenciado por forças externas. Portanto, um corpo, livre de forças externas está em estado de repouso. O estado de repouso é aparentemente absoluto. Mas, vamos examinar isto melhor. Queremos estudar o movimento. Portanto, imaginemos a seguinte situação. Estamos dentro de um vagão de trem, parado, em estado de repouso. Vemos que os corpos nesse estado comportam-se de determinada maneira. (Se, por exemplo, ficarmos jogando uma bolinha pro alto.) Agora imaginemos que tomamos o trem da Central e vamos até Bangu. Além de podermos observar a vida social dos cariocas durante a viagem, podemos fazer a experiência. O trem move-se em linha reta, com velocidade constante. Jogamos a bolinha pro alto. Veremos que o comportamento da bolinha e dos objetos em geral é o mesmo que em um trem parado. Vamos apelidar o trem parado e o trem em movimento retilíneo e constante, de laboratórios. Concluimos que quando um laboratório se move de modo retilíneo e uniforme, em relação a outro laboratório que esteja em repouso, é impossivel notar-se qualquer diferença no comportamento dos objetos de um para o outro. Somos obrigados a concluir que o estado de repouso e o estado de movimento retilíneo e uniforme não diferem um do outro. Isto significa que não existe apenas um estado de repouso absoluto, mas incontáveis "estados de repouso" diferentes. Assim, o conceito de movimento não é absoluto; é relativo. Chegamos à uma importante lei da natureza: o princípio da relatividade do movimento.

O ESPELHO

Esta aconteceu na China. Um chinês prepara-se para ir ao mercado, que fica a alguns dias de viagem. Está anoitecendo. O chinês despede-se da mulher.

— Até a volta, Mel de Crisântemo. Que quer que lhe traga do mercado?

— Eu queria um pente.

— Um pente? Está bem. Mas eu tenho que comprar tanta coisa, como é que eu vou me lembrar?

— Não precisará mais do que olhar para a lua. Veja: a lua é crescente. Pois bem, o pente que eu quero é exatamente da forma da lua crescente.

— Até a volta.

E o chinês parte. Chega ao mercado. Faz suas compras. Terminando-as, já bem tarde, lembra-se da promessa, mas não se lembra muito bem do objeto desejado pela mulher. Recorda-se então que ela lhe disse para olhar a lua. Esta, que estava no seu primeiro quarto no dia da partida do chinês, agora era cheia.

— Deve ser um objeto redondo — pensou o chinês. Um espelho sem dúvida.

E o chinês compra um espelho, paga o, faz um pacote e põe-se a caminho para a volta.

Ao chegar em casa, a mulher lhe diz:

— Bom dia, meu marido. Trouxe-me o que eu lhe pedi?

— Naturalmente. Eis aqui.

E o chinês dá o pacote à mulher que apressadamente o abre. Essa mulher nunca tinha visto um espelho. E vendo nêle um vulto de mulher, fica indignada:

— Meu marido comprou outra mulher!

E mel de Crisântemo chora tôdas as lágrimas de seu pequenino coração. Os seus soluços chamam a atenção de sua mãe.

— Ah! mamãe, mamãe, — grita ela. Venha ver. Meu marido trouxe para casa outra mulher.

A mãe toma o espelho, olha-o e diz à filha:

— Fica sossegada; é tão velha e tão feia!

MASSAS

miguel fernandez y fernandez

As pessoas vão chegando dentro de latas convencionalmente chamadas carros. Chega a um ponto em que os carros deixam de ser carros e passam a formar um engarrafamento. Então as pessoas saem dos carros e convergem para a entrada, e deixam de ser pessoas e passam a ser "massa".

Essa massa se aglomera nos portões da massa de cimento chamada Maracanã. Antes do portão há uma massinha composta por pessoas que marcaram encontro com conhecidos em fórno da estátua dita do Belint, sem prever que outros teriam a mesma idéia, o que tornava os encontros um tanto difíceis. Mas, depois de amassar um pacote vazio de cigarros, e cansados de esperar os conhecidos, resolvemos entrar.

Nas roletas é um amassamento completo, uma perfeita massagem, que contou com tôda a nossa colaboração, tendo em vista a massa feminina à nossa frente. Passada a roleta, e tendo sido chamado de engraçadinho pela distinta à frente, seguimos com os amigos, e não com a dita cuja, que não deixou de aborrecer com o dito cujo fora.

Lá em cima, estendemos nosso olhar pelas arquibancadas, e notamos contrariados que as laterais já estão ocupadas pela massa, tendo a tribuna de honra, que não é para as massas e sim para os padeiros e vamos nos colocar atrás de um rol, aguardando a partida.

Mas como é muita gente sem fazer nada, logo surgem alguns passatempos, como por exemplo, soltar uns negócios que parecem bolas de aniversário, mas não devem ser, visto a grande resistência, e que todo mundo vai tiando um tapinha, até dar a volta ao estádio. De vez em quando, aparece um chato, que em vez de dar o tapinha, segura a bola, e como ninguém quer dar bola para homem, a massa se levanta indignadada e o "cara" solta a bola, vencido pela "esmassadora" maioria, e antes que leve um "traulitada" de algum criouléo, pois crioulo quando vai a jôgo é para ver o Brasil ganhar e dar "traulitada" nos outros.

Finalmente, entram os times em campo, naturalmente com meia hora de atrazo, pois se Inglês é pontual, brasileiro que se preze não faz hoje o que pode deixar para amanhã.

Para melhores esclarecimentos, o jôgo era Brasil x Inglaterra, e assim não precisamos contar o que houve durante a partida, se você viu muito bem, se não viu azar.

Lá pelas tantas, quando o negócio parecia que ia ficar duro, cada ataque do Brasil todo mundo levantava, e era aquela cena: — Sertal — Sentá! E a tual, etc, quando o Brasil perdia a bola, todo mundo sentava, e ninguém via nada, aliás não sabemos como e que o pessoal sabia que o perigo havia passado e sentava.

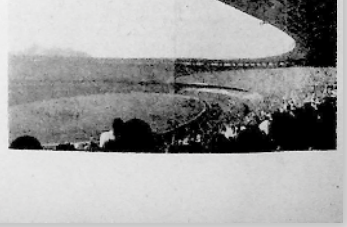
Depois o jôgo foi "moleza", e não há nada de especial a narrar.

A saída, foi novamente aquela massa escorrendo pelas rampas e nos perdemos, por alguma briga, ou coisa que o valha, havia um massão, e ao lado uma massinha, e no meio dessa massinha, alguém que sabia o que se passava no meio do massão, portanto dentro da "lei das massas": a um massão corresponde sempre uma massinha.

Entramos no meio da massinha levados de rojão pela massa, e eis que à nossa frente, está a mesma massa de seres frágil do início da história: novamente nos amassam contra ela, e não nos opomos. Como ela faz o mesmo, resulta que passamos conversa e ela corresponde, e ao perguntarmos porque estava sozinha, diz que se perdera dos pais naquela massa, e nos oferecemos para levá-la até em casa; aliás a esta altura já nem sabia mais onde estavam os amigos, mas o fato é que levamos a menina até em casa (dela), e ficamos esperando com ela a chegada dos pais, pois dizia ela, tinha mêdo de ficar sózinha.

Já que a história está ficando muito grande, devo dizer para terminar, que os pais da menina, não chegaram até eu sair, e até que foi bem.

A massa estava ótima.



Benito e Lúcia

Ainda não me saiu da memória o velho casarão da rua Esteves Junior. O Cap pequeno. Cap com sete turmas apenas, cuja maior contava com trinta e cinco alunos.

Era uma família grande, uniforme, diferente do de hoje, mas uma família.

Pequeno. Eu era pequeno, menor do que sou agora. Muita gente também era pequena. Pequena por dentro, pequena por fora. E muita gente ainda não cresceu por dentro o que cresceu por fora.

Lembro-me do primeiro dia, da primeira aula.

A professôra de Canto Orfeônico: — Tem meio metro de altura e dois de largura!

Dona Maria aparecia então carregando aquela bondade tôda.

Havia um coral, onde D. Maria perdia uns quilos, ensaiando-a sempre: ... vento que embalança as palas do coqueiro...

Não havia extra-classe, e o divertimento único era o ping-pong disputado nos recreios com fúria e desportividade. Éramos todos felizes.

Dia de chuva, o colégio abria as altas portas e inteirinho ficava numa sala de alguns palmos quadrados, agasalhado feito pinto embaixo de galinha.

Foi num dia dêstes, logo nos meus primeiros dias, que dei um espetáculo. Trote.

Naquela época ainda havia um trote. Furar O de jornal com alfinête, medir as tábuas do assoalho com palito de fósforo... Era um trote que "metia médo". Não por ser bruto. Não. É que nós éramos extremamente tímidos e isto é que metia médo. Minha turma quebrou a tradição e não deu mais trote.

Pegaram-me num dia de chuva e me colocaram bem pequeno em cima da mesa da "sala de espera". Tinha de cantar. Cantei: — O meu boi morreu que será de mim...

Risos. Mas tinha de fazer mais.

— Faz um discurso em homenagem à sua barriçe! gritou um.

— Pode repetir o que disse, colega? perguntei.

Quem me interpelava? Por uma graça tão sem graça, que provocou o riso dos outros e o encabulamento do meu inquisidor, vim a travar conhecimento com a coisa mais fantástica que o colégio possuia naquela época. O terceiro científico.

Benito veio logo falar comigo e no recreio me pagou um sanduiche no bar do seu Otacílio (naquela época custava três cruzeiros e cinqüenta centavos). Daí para o resto da turma, foi um pulo.

Eram uns vinte, tão mais velhos do que eu, tão mais compenetrados, calmos, no seu uniforme calça cinza e camisa branca.

Cada um participava de uma atividade no colégio. Um dirigia o jornal, outro o teatro, outro o departamento de propaganda... Pensavam em futuro profissional. Seriam médicos, engenheiros, químicos, e esta conversa tão mais para cima me fascinava. Eram os mais velhos. Coisa que seria um dia.

Passava a maior parte do tempo aprendendo qualquer coisa nova. Colaborava nas atividades e sempre recebia apoio dêles. Posso mesmo até dizer que eram naquela época os meus únicos verdadeiros amigos, apesar de não ter tido consciência disto durante muito tempo.

O Benito sempre conversava comigo de igual para igual, coisa que êle fazia de propósito para me mostrar que os sete anos que nos separavam não tiravam nem de mim nem dêle a condição de igualdade de seres humanos.

Havia nesse emaranhado todo, a Lúcia. Lúcia Lôbo, se não me falha a memória (e se ela me falhasse agora seria bem triste). Mas a Lúcia era um caso à parte.

Não tentava me proteger das brigas tôlas que a gente tem no ginásio, para as quais o Benito sempre me dizia: — fale comigo... Não, com a Lúcia era diferente.

Nunca ralhava, mas sempre tentava me dar umas lições em coisa que eu bem precisava. Reclamava de determinadas atitudes que eu tomava e que segundo sua opinião, não estavam direitas. Na verdade não estavam mesmo.

Apresentava um sorriso calmo e um olhar que talvez fôsse triste, se não fôssem suas efusões entusiásticas de felicidade.

Era adorada e estimada por aquêles de quem se aproximava. Liderava uma série de movimentos no colégio. Era uma espécie de consultora e quebradora de qualquer dificuldade.

Como gostava dela! Como gostávamos dela! Era uma alma viva no CAp.

Um dia me contou:

Quando eu era pequenina, acordei sentindo um formigar na perna. Parecia que tinha dormido com a perna enterrada num formigueiro. Chorei e mamãe me levou a um médico. Era poliomielite. Fiquei sem andar uns tempos mas venci a doença. E olhe, hoje nem parece.

E dizia juntando os pés em posição de sentido para mostrar que não lhe sobrara nenhum defeito.

Não conhecia-lhe namorado nem paixões ardentes. Se as tinha eram discretas e não tornadas públicas. Pensei até que fôsse o Benito o seu eleito, mas estava errado. Eram amigos como o resto da turma era.

Claro que a turma possuia outros elementos, hoje casados, formados, pais de família.

Mas a minha atenção especial se volta para os dois: Benito e Lúcia, que num dia qualquer daquele já distante ano de mil novecentos e cinqüenta e seis, chegaram-se a mim, num banco que ainda existe, na praça São Salvador e pela voz de Lúcia disseram:

— Bevi, nós confiamos em você.

Era a primeira vez que alguém dizia isto para mim.

De Benito, vi-o pela última vez, de motocicleta (casaco de couro prêto e luvas pretas) no largo de São Francisco onde já deverá ter saído da escola de Engenharia.

Da Lúcia, bem, da Lúcia tenho mais recordações do que visualizações. Faz tempo, anos mesmo que não a vejo. Sei que é psiquiatra e cursou a mesma faculdade, os mesmos bancos que eu hoje sento.

Talvez poucos se lembrem de seu rosto risonho e calmo. Talvez poucos, mas poucos que sejam, sabem que ainda existe o mesmo rosto, o mesmo sorriso. E isto é muito bom.

Luiz Carlos Bevilaqua
Bevi

Regulamento dos Jogos Internos

A) *Comissão*

1. Antes do campeonato, será constituída uma comissão composta de 3 alunos mais o Diretor do Setor Esporte, que votará o regulamento e julgará os alunos infracionários nas diversas modalidades de esporte do campeonato, inclusive quando não estiver participando do jôgo mas prejudicar o seu andamento.

B) *Julgamento*

1. A Comissão constituída julgará os alunos em recinto fechado, sem se admitir a presença de pessoas estranhas ao caso.
2. O julgamento será baseado no relatório apresentado pelo árbitro da partida na qual foi cometida a falta, assim como no depoimento de testemunhas do caso.
3. As punições ficarão a critério da comissão.

C) *Uniforme*

1. O uniforme será, obrigatòriamente, o de Educação Física do Colégio.
§ 1.º — Será admitido uniforme diferente sòmente se o mesmo fôr utilizado por todo o time.
§ 2.º O tênis poderá ser de qualquer côr. Será permitido ainda o uso de basquete no lugar do tênis.

D) *Juizes*

1. Será constituido um quadro de juízes no começo do ano para cada esporte, o que ficará a cargo da comissão do campeonato.
§ único — No caso da impossibilidade de seu comparecimento, o juiz escalado deverá avisar antecipadamente à comissão.
3. As turmas não terão direito de recusar o juiz escalado.

E) *Horário dos jogos*

1. A equipe que não comparecer ao campo no prazo previsto, perderá por WO.
2. O horário dos jogos será indicado com a devida antecedência.
3. No caso da impossibilidade de comparecer no horário indicado, a equipe tem o direito de pedir a sua mudança e desde que justificada será aceita, no caso de não prejudicar outra turma.
4. As atividades esportivas dêste ano aos Sábados devem terminar impreterivelmente até 11.30 hs.

F) *Falta de jogadores*

1. As equipes não poderão jogar sem estarem completas.
2. Quando o número de alunos de uma turma não fôr suficiente para completar o time, o seu representante poderá pedir alunos que participem de campeonato diferente.
§ único — No caso de algum acontecimento que impossibilite algum aluno de participar do campeonato, poderá ser feito o pedido de concurso de um outro, que será válido até o aluno poder jogar novamente. Esses casos deverão ser julgados justificados ou não pela comissão.

COMISSÃO DESTE ANO: *Ricardo* (diretor do Setor Esporte) Cid (1º Ci B)
José Carlos (1º Ci A)
Luiz Fernando (2º Ci)

20

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 157
EDIÇÃO: A Forja (nº 3/"1964")
DATA: 1964

A capa desta edição dispõe de um artigo que ocupa toda a página, chamado *A infeliz criança brasileira*, em que o autor, não identificado, escreve sobre os altos números de mortalidade infantil, o ensino brasileiro e o trabalho infantil. Na segunda página, é relatada uma excursão à Praia Grande realizada pelo Setor Social do grêmio, na qual 39 alunos compareceram. Em *Objetivos da Ciência*, o jornal discorre sobre os objetivos e necessidades do estudo e desenvolvimento da Ciência, adaptado do livro *Conceitos Fundamentais da Matemática* do intelectual português Bento de Jesus Caraça. O artigo *Ciência e Sociedade*, escrito por José Sérgio Leite Lopes, diretor de A Forja, colabora com o anterior descrevendo a relação da Ciência com a sociedade, mais especificamente essa relação no Brasil. Em *Falando de bombas*, é abordado o que foi a bomba de Hiroshima e sua potência de destruição. O artigo *Estória de uma criança*, escrito por José Sérgio Leite Lopes, que ocupa toda a quarta página do jornal, conta sobre a vida de Ademir, um menino negro de 10 anos, morador do Morro da Formiga. Embaixo do texto, há uma bela ilustração da história. Em *Superpopulação é fome*, escrito por Rafael Mira y Lopez, são abordadas questões como a superpopulação mundial e o aumento da fome. Em *A Teoria da Relatividade* e *A microquímica a serviço do futuro* são apresentados temas sobre Física e Química, respectivamente. Há também os artigos *Porque os loucos do volante o são*, narrando as agruras que um jovem de 18 anos teve que enfrentar para tirar a sua carteira de motorista; *Max deixa CAp*, sobre a saída de um "aplicado" professor de português e *Ser Jovem*. Ao final da edição, há algumas ilustrações na página *Humor CAp*, que envolvem o afeto pelo colégio dos alunos do terceiro ano científico, quando se afastam para ingressar no ensino superior.

COLEGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

A FORJA

ORGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ODYLO COSTA, NETO

N.º 3 — 1964

A INFELIZ CRIANÇA BRASILEIRA

Até onde vai a felicidade da criança brasileira? Até onde esta criança tem chances de crescer e se tornar adulto? E até onde podemos aumentar estas chances? E estas crianças têm acesso às fontes de cultura, têm possibilidades de se tornarem úteis à sociedade?

No Brasil, a pessoa já nasce ameaçada de morrer dentro de um ano. Em cada mil crianças que nascem, trezentas morrem antes de completar um ano de vida. E se esta percentagem é menor no Rio, maior será nas regiões mais atrazadas do país, onde atinge proporções em São Paulo e em Pôrto Alegre, cifras altíssimas. Os partos mal conduzidos, devido a falta total de higiene, a sífilis, a gastrite e outras enfermidades menos incidentes concorrem, ainda, para o estabelecimento do direito de morrer da criança brasileira. Outra causa fundamental da mortalidade infantil no Brasil é a falta de médicos. As universidades brasileiras formam poucos por ano, e os formandos dedicam-se a clínica em cidades grandes, preferindo um confôrto maior à realização dos ideais da medicina. Contudo, aqui no Rio, onde existem vastos recursos técnicos e médicos também morre muita criança. Em cada mil, 120 não completam um mero de matrículas possíveis nas nossas poucas escolas. Os alunos que conseguirem acabar o curso primário completo, travam, então, a luta pelo direito de cursar o ginásio. E depois, o colegial. E, assim, num verdadeiro funil, cada vez mais fino e deixando menos gente estudar está restrita a cultura brasileira.

A falta de escolas e a necessidade de fazer frente às despezas caseiras levam a criança ao trabalho. Segundo estatísticas, 60% da população infantil do Brasil trabalha, seja na lavoura ou na cidade, e isto se deve ao fato de que todo mundo gosta de empregar menor porque o salário também é menor. No trabalho, sem



vergonhosas e tristes. Em Goiânia morrem 150 mil crianças por ano, em Fortaleza 320 mil e em Terezina 420. Em Natal, para cada mil crianças nascidas registram-se 430 mortos, no recorde nacinoal de mortalidade infantil, recorde bastante alto, por sinal.

Esta mortandade, contudo, está subordinada diretamente à fome. Não vamos dissertar sôbre a fome, porque isto exigiria um exame mais profundo, e a hora não está para isto. A fome, com tôdas as doenças decorrentes dela, é que determina a morte, dentro destas ano. Pois, aqui também existe fome e doença.

Mas, vá lá que a criança escape da primeira prova: a prova da vida. Que ela não esteja entre os que ficaram. Até onde ela pode ser útil à sociedade? Até onde ela pode realmente viver e usufruir a vida? No Brasil, existem três milhões de crianças que não passam do 1.º ano primário, porque não existem escolas. Sòmente 12% dos alunos que cursaram o primeiro ano primário, conseguem acabar o curso mínimo de quatro anos. Dêsses, 2,8% demoraram-se sete anos nêste curso, diminuindo mais ainda o número de matrículas possíveis nas nossas poucas escolas. Os alunos que conseguirem acabar o curso primário completo, travam, então, a luta pelo direito de cursar o ginásio. E depois, o colegial. E, assim, num verdadeiro funil, cada vez mais fino e deixando menos gente estudar está restrita a cultura brasileira.

A falta de escolas e a necessidade de fazer frente às despezas caseiras levam a criança ao trabalho. Segundo estatísticas, 60% da população infantil do Brasil trabalha, seja na lavoura ou na cidade, e isto se deve ao fato de que todo mundo gosta de empregar menor porque o salário também é menor. No trabalho, sem instrução, lutando para viver, qual a infância desta criança? Quais as chances que a nossa sociedade dá a estas crianças de serem, realmente, úteis a ela? Se ela passa no funil, se forma em advocacia ou em qualquer outra profissão, e portanto se torna doutor, muito bem. As portas estão tôdas abertas. Mas, se ela fica em qualquer um dêsses estágios intermediários, com pouca ou nenhuma instrução, a única finalidade dela será passar no mundo, e talvez — e é isso que desanima, gerar filhos, mais crianças que nascerão fadadas a morte prematura ou a perpetuar a miséria no mundo.

Excursão a Praia Grande

Realizou-se uma excursão a Praia Grande, patrocinada pelo Setor Social do Grêmio. A ela compareceram 39 alunos.

Estávamos todos reunidos na Central do Brasil num domingo, na hora em que muitos de nós estamos discutindo com "seu" Álvaro (é o primeiro nome do "seu" Nogueira) para entrar no colégio, pulando o muro, ou outras aventuras do gênero (aliás, já chegamos à conclusão que é mais fácil sair do colégio do que entrar nêle.) Conversávamos sôbre muitas coisas, entre as quais acontecimentos com Cara de Cavalo, na véspera.

Havia alguns grupos que iam jogar uma pelada em algum subúrbio e batucavam enquanto esperavam o trem. Havia também uma exposição sôbre a lepra no Brasil.

Estávamos num lugar que presencia cotidianamente a luta do trabalhador carioca. Pegamos o trem das 7 e 40, que saiu pontualmente (!) Acomodamo-nos em um vagão. Alguns liam jornais, outros cantavam acompanhados pelo violão, outros conversavam e observavam a paisagem do subúrbio carioca.

Alguns davam adeus a quem passava pelo trajeto do trem, uma menina, um operário, um velho..., que correspondiam. Isso dava grande prazer. Expandiamos algo já definido como nossa alma popular, social. Eram pessoas que nunca tínhamos visto nem nunca tornaríamos a ver, e isso talvez fôsse triste. Mas isso não impedia o fato de sermos irmãos e de nos sentirmos muito felizes com uma coisa aparentemente insignificante.

Presenciávamos a paisagem, as favelas, enfim o modo de vida do carioca dessas bandas, o que valia por qualquer aula de Estudos Sociais. Mas o bom é que nos sentíamos felizes. E assim passavam as estações: S. Cristóvão, Madureira, Méier, Campo Grande, Bangu, Vila Kennedy, Muriqui e, finalmente, Praia Grande.

De um lado da estrada de ferro estava a praia e o mar, do outro lado havia um pedaço de cimento com 2 bancos, um teto em cima, e isto assemelhava-se a uma estação. Depois da estação, entre o mar e o morro que se erguia lá atrás, existem algumas casas de fim de semana e um clube. Mas tudo estava bem deserto, o que de certo modo parecia alguma coisa como uma cidade fantasma de um filme de "far-west" ou com Palmeira dos Índios (interior de Alagoas) para quem viu "Vidas Sêcas". Chegamos afinal na casa do anfitrião, colega nosso da 4.ª-série, Marco Aurélio.

Todo mundo pediu então para "lavar as mãos". Mas só havia um banheiro, o que aumentou o sofrimento de alguns. Trocamos de roupa e fomos à praia. Lá então, entramos numa pelada pra valer. Uns oito de cada lado correndo atrás de uma bola (que ficou pesada de tanto cair n'água). Muitos jogavam meio dopados devido à platéia feminina que não era de se desprezar, e não sentiam as sarrafadas que levavam. O jôgo acabou empate (4 x 4) e com muita gente mancando (vide Afrânio na semana seguinte à excursão, que foi a semana brasileira) e mostrando as canelas marcadas.

Banhamo-nos no mar e numa piscina de água corrente existente no clube da localidade. Houve também passeios ao longo da praia, onde se descobriram muitas conchas, ouriços e estrêlas do mar.

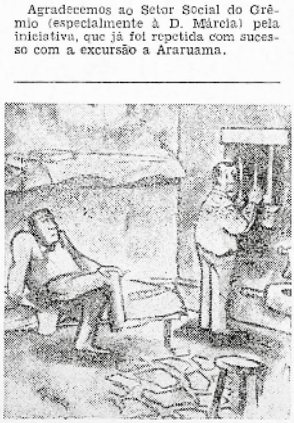
Depois destampamos as marmitas e almoçamos, fazendo uma distribuição fraternal da comida existente. No clube alguns fizeram uma vaquinha e realizaram rodadas de "Bhrama", seguidas de batucada.

Durante a tarde, as atenções dividiram-se entre um campeonato de ping-pong e jogos de vôlei e de biriba. O campeonato de ping-pong estêve muito animado e serviu de treino para os atuais fominhas dos sábados. Houve ainda quem decidisse esquentar os músculos e escalou um morro que havia por lá, de onde se tinha uma linda vista sôbre Praia Grande e Muriqui ao mesmo tempo (vide fotografias no Mural).

Lá pelas 6 e pouco foi dado o toque de retirada. O trem que nos levaria de volta devia passar 20 minutos antes das 7 mas só passou uma hora depois. Durante todo êsse tempo o pessoal berrou algumas músicas, enquanto que outros, ressentidos ainda da pelada, se espalharam pelo cimento e trataram de se acomodar o melhor possível até que chegasse o trem. Tudo isso à luz dos vagalumes, pois Praia Grande, como tôda cidade fantasma que se preza, não tinha luz elétrica. De vez em quando surgiram alguns alarmes falsos de "tai vem o trem!", provocados pelos faróis dos carros que passavam numa estrada próxima à estrada de ferro. Quando por fim se ouviu o trem (só podíamos mesmo ouvi-lo), cada um correu para pegar suas coisas e depois paramos o trem com uma barulhada e um pandemônio terrível, pois tínhamos médo de que o maquinista não nos visse, embora a idéia de dormir ali na estação entusiasmasse alguns dos presentes.

Como o trem vinha cheio, tivemos que nos espalhar por dois vagões para conseguir lugar e tirar nossa soneca. Chegamos na Central por volta das 10 horas, cada um mais cansado que o outro, porém todos contentes com a excursão.

Agradecemos ao Setor Social do Grêmio (especialmente à D. Márcia) pela iniciativa, que já foi repetida com sucesso com a excursão a Araruama.



E para complicar mais as coisas, o meu carro está estacionado em lugar proibido há 14 anos...

Objetivos da ciência

Todos nós já aperreamos bastante nossos pais e professôres com perguntas embaraçosas, — Porque? — é uma palavra que sempre nos vem à cabeça.

A atividade do homem, considerada tanto do ponto de vista individual, como do ponto de vista social, exige, um conhecimento, tão completo quanto possível, do mundo que o rodeia.

Não basta conhecer os fenômenos (as crisas que ocorrem a nós e à natureza). Importa compreender os fenômenos. Importa determinar as razões da sua produção, as ligações de uns com outros.

Nisto, na investigação do "como?", do "porque?" se distingue fundamentalmente a atividade do homem da dos outros animais.

Quanto mais alto fôr o grau de compreensão dos fenômenos naturais e sociais, tanto melhor o homem se poderá defender dos perigos que o rodeiam. Tanto maior será o seu domínio sôbre a natureza e suas fôrças hostis. Tanto mais fàcilmente êle poderá realizar aquêle conjunto de atos que concorrem para a sua segurança e para o desenvolvimento de sua personalidade. Tanto maior será, enfim, a sua liberdade.

A inteligibilidade do universo—mundo cósmico e mundo social — é por conseqüência, uma condição necessária da vida humana. Compreende-se portanto que, desde há muitos séculos, tenham sido realizados notáveis esforços no sentido de atingir uma parcela de verdade sôbre a realidade.

O homem, na sua necessidade de lutar contra a natureza e no seu desejo de a dominar, foi levado, naturalmente, à observação e estudo dos fenômenos, procurando descobrir as suas causas e seu encadeamento.

Os resultados dêsse estudo, lentamente adquiridos e acumulados, vão constituindo o que, no decurso dos séculos da vida consciente da humanidade, se pode designar pelo nomé de Ciência. O conhecimento científico distingue-se, portanto, do conhecimento vulgar ou primário, no fato essencial seguinte: êste satisfaz-se com o resultado imediato do fenômeno (— uma pedra abandonada no ar, cai; uma leve pena de ave paira ou sobe —); aquele faz a pergunta "porque?" e procura uma resposta que dê uma explicação aceitável pelo nosso entendimento.

O objetivo final da ciência é, portanto, a formação de um quadro ordenado e explicativo dos fenômenos naturais — fenômenos do mundo físico e do mundo humano, individual e social.

Adaptado de "Conceitos Fundamentais da Matemática".

Bento de Jesus Caraça

(Êste livro acha-se à disposição na biblioteca do colégio; recomendamos).

DISC 157
P059

CIÊNCIA E SOCIEDADE

JOSE SERGIO LEITE LOPES

Acreditamos que o artigo ao lado ("Objetivos da Ciência"), conseguiu convencer-nos da necessidade, de sua infra-estrutura (que é sua economia), vital da Ciência. Desta maneira, conseguimos encará-la como um instrumento de lutas, um instrumento humano, sempre incompleto, constantemente aperfeiçoado.

Cabe então a pergunta: Quais as relações da sociedade com a Ciência? E, em particular, como são essas relações atualmente no Brasil?

Devemos notar o seguinte: A sociedade faz perguntas, às quais à Ciência cabe responder. Ela é conseqüência das necessidades humanas, como já sabemos. E é assim que ela se desenvolve respondendo às perguntas e necessidades da vida social, as quais evoluem.

A base de uma sociedade, chamada sua infra-estrutura (que é sua economia) produz as coisas que utilizamos e de que necessitamos na vida diária. Essa base é construída pela tecnologia (quem não souber o que é isto, favor consultar o dicionário). A tecnologia, por sua vez, necessita da (e é construída pela Ciência). Mesmo que não pareça, a Ciência (por mais "pura" que seja) é, mais rêdo ou mais tasde, aplicada à vida pràtica. A Ciência é a base da tecnologia. No entanto, a Ciência faz parte da super-estrutura da sociedade (política, religião, educação, cultura, etc.), que depende diretamente da base, a infra-estrutura. Apesar desta confusão tôda, vemos as relações e interdependências entre ciência, tecnologia e sociedade. A conclusão lógica a que qualquer colega nosso dos 1os. anos do ginásio chegaria, é a de que tecnologia, ciência e vida social andam de braços dados. Ou, extendendo o raciocínio, que a sociedade sem ciência e tecnologia será caracterizada (por uma palavra que ouvimos muito) pelo subdesenvolvimento; será pobre assim como seu povo.

O que dissemos nesta última frase, acontece no nosso país (e em muitos outros). Quais seriam as causas disto?

A maioria da indústria que funciona no país é estrangeira, de países desenvolvidos. Essas fábricas não têm o interêsse de formar cientistas e técnicos brasileiros que criem processos industriais ou quaisquer descobertas nossas. Seu interêsse é de que o país importe êstes conhecimentos e técnicas, descobertos em laboratórios da matriz da indústria no exterior. O país tem que comprar êstes conhecimentos (os chamados "royalties"). Não cria, com isto, uma tecnologia nacional. Com isso, não existe a formação de técnicos que a indústria brasileira necessitaria para desenvover-se. Ficaremos surprêsos com a escassez de técnicos, se observarmos alguma tabela que nos mostre seu número.

Sem a procura da tecnologia, com o atrofiamento da indústria nacional, não são muitas as perguntas, as necessidades dessa estrutura da sociedade que cabe à ciência responder. Nesta estrutura, ela não é incentivada, não há condições satisfatórias de trabalho.

Imaginemos um colega nosso, ou nós mesmos, formados, cientistas, amanhã. Será triste não encontrarmos condições de trabalho adequadas. Para que possamos realizar nosso trabalho nas condições em que deveria ser feito, teremos de trabalhar no exterior. E o que acontece com a maioria dos cientistas. Uma outra parte dêles luta por estas condições no país.

Mas pensemos numa coisa que talvez nunca nos tenha passado pela cabeça. Esse colega nosso, ou nós mesmos, cientistas, fez provàvelmente a escola pública primária. Após isso, o curso secundário na C.Ap. ou em outro colégio público. Depois, a universidade. Tudo isto gratuito ao freguês, o que quer dizer, tudo pago pelo trabalho conjunto de todo o povo brasileiro. Cada cientista ou técnico dêsses custa carissimo à sociedade, ou seja, a cada um de nós. E, quando êle se forma, e não encontra condições de trabalho, êle se vai, como mais um presente nosso aos países desenvolvidos. Nós criamos, cultivamos êsses homens (o povo custeia seus estudos) que seriam indispensáveis ao desenvolvimento de nosso país. Quando acabamos de custeá-lo, e êle está em condições de retribuir com seu trabalho indispensável, êle é forçado ao exterior; de presente no maior desenvolvimento dos desenvolvidos.

São êsses, alguns aspectos de nossa situação.

A que conclusões chegamos com êste artigo?

Vimos a necessidade da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento de uma sociedade. Cabe à ciência responder às perguntas e necessidades da sociedade.

E vimos que temos que atacar os problemas estruturais que da maneira que descrevemos mais acima (e de outras maneiras), impedem o desenvolvimento de nosso país.

FALANDO DE BOMBAS

Um dia, uma manhã, parece-me que eram exatamente 8:15, numa cidade japonêsa — Hiroxima — explodiu uma bomba. Numa flama branca de fogo e calor, milhares de pessoas vaporisaram-se e muitos outros milhares ficaram sofrendo e morrendo lentamente. Isso foi foi no dia 6 de agôsto de 1945. Até 2 Km. do centro da explosão todos os edifícios foram destroçados. O sol fôra encoberto por uma enorme nuvem negra e um vento uivante passou a espalhar um incêndio por uma área de vários Km. Inválidos e feridos arrastávam-se lentamente; as roupas em farrapos deixavam à mostra a pele horrivelmente queimada ou carnes vivas. Começou então a chover pesadamente e o vento aumentou sua fúria. Uma tempestade devastadora. O cataclisma era horrendo e total. E isto durou todo o dia, tôda a noite e ainda todo o dia seguinte.

Mas isto já é coisa do passado. As bombas da segunda guerra mundial tinham cêrca de uma tonelada de poder explosivo e quase destruíram cidades como Londres e Berlim; a bomba de Hiroxima explodiu com uma fôrça de vinte mil toneladas de TNT. Mas como dissemos, isso já é coisa do passado; atualmente já não se mede mais em milhares, mas em milhões de toneladas ou megatons. Modernamente, uma bomba atômica "média" tem duas vêzes e meia do poder da de Hiroxima; uma das grandes, de MEIO mégaton é 25 vêzes mais potente. Mas mesmo isso já está ultrapassado, as bombas de hidrogênio transformam as atômicas em meras pulgas, as menorsinhas têm a potência de um megaton e as médias 10 megatons; os russos já andaram explodindo umas de 50 megatons e outras de 100 megatons ou seja cinco mil vêzes mais potente da que fêz aquele estragosinho em Hiroxima.

Para se ter idéia do que representa um dêsses brinquedinhos, repare que se esplodisse uma bomba de 10 megatons, a resultante bola de fogo aumentaria de tamanho rápidamente para um diâmetro de aproximadamente cinco Km. e meio. O calor da explosão, que persiste por uns vinte segundos, pode, se o dia estiver claro, produzir queimaduras de 3.º grau em pessoas que estiverem a 48 Km. de distância, e de 2.º grau à 40 Km. Se a explosão fôr a 40 Km. de altura, poderá incendiar todo combustível numa área de 12.000 Km². Se fôr na superfície da terra, a cratera produzida teria 76 m de profundidade e 900 m de diâmetro. A distruição seria total num diâmetro de 48 Km e os estragos mais severos iriam à 144 Km. Tôda área afetada teria 1.130 Km². A radioatividade, dependendo da uniformidade da disseminação, causaria efeitos mortais sôbre uma área de 1.200 Km².

E isso tudo, lembrem-se, com uma bombinha de 10 megatons; porque segundo dados da Sub-comissão especial de radiação da comissão conjunta de energia atômica do congresso americano, um ataque de 5.000 megatons mataria 75% da população americana se lançado sôbre os grandes centros, e 60% se lançado discriminadamente sôbre o território. Um ataque de 1.000 megatons mataria 37% da população e um de 20.000, 96%. Caso tivesse um grande número de abrigos e uma população bem treinada a usa-los, os indices diminuiriam respectivamente para 70%, 35% e 95% e caso o ataque fôsse de 50.000 mégatons, 100% da população pereceria e o território americano, independentemente do ataque ser lançado perto ou longe dos centros, haver ou não abrigos; se transformaria em um deserto estéril de vida vegetal ou animal, inabitável durante gerações.

Mas isso não é tudo, pois os americanos possuem cêrca de 150 toneladas de TNT para cada habitante russo, que seriam lançadas logo ao inicio do ataque acima descrito e então...

E então quando o repórter perguntou ao presidente daquela emprêsa que fabrica equipamntos para misseis:

— Que aconteceria ao seu negócio no caso de uma guerra entre os Estados Unidos e a Rússia?

— Como eu já lhe disse (em outra pergunta), explicou o importante senhor — a emprêsa cresceria muito.

— Por quantas horas? Perguntou o jornalista, saindo após nas pontas dos pés.

(Entrevista publicada em "The Nation 4-10-58).

BIBLIOGRAFIA:

Hiroxima — John Hersey
Comunidade do mêdo — Harrison Brown e James Reas.

Estória de uma criança

José Sérgio Leite Lopes

A criança chamava-se Ademir. Era um neguinho que tinha por volta de dez anos.

Ademir morava no Morro da Formiga. Ele todo dia pulava de pedra em pedra, subia escadas e barrancos (que escorregavam muito nos dias de chuva). Era seu caminho da rua até o barraco. Ao contrário de outros garotos, gostava de carregar água até sua casa. Tentava imitar a ginga do Valdir que era um bom passista da escola e jogava de meia-armador.

Sua mãe era doceira de leite e por isso Ademir tinha cinco irmãos menores e em breve teria mais um. Seu pai era biscateiro, e trabalhava (por enquanto) como ajudante de pedreiro.

O grande chapa do Ademir era o Arlindo, que morava mais para cima do morro. Eles se entendiam muito bem em tudo, e para exemplificar isto, faziam tabelinha muito bem. A criança também gostava de dois primos seus que moravam numa casa de cômodos no Cosme Velho. O mais velho deles, Zeca, já tinha se escondido algumas vêzes no morro. Não se dava bem com a polícia e possuia um revólver. Contava suas aventuras para Ademir que ficava muito tempo a ouvi-lo. Zeca era bem revoltado e o pai de Ademir não gostava de sua presença. Outra pessoa de quem Ademir gostava muito era de um rapaz que morava mais pr'a cima, o Manuel. Ele dava-se com todos e conversava muito sôbre a vida que levavam, e todos lhe ouviam. A polícia também já havia procurado por Manuel e êle já tinha ido prêso duas vêzes. Mas Ademir sabia que não eram pelas mesmas razões do que o Zeca. Era por causa de umas coisas que êle não entendia bem e relacionadas com outros operários e uma tal de greve. Ademir admirava-o. Conversavam bastante e Manuel já havia levado Ademir três vêzes ao Maracanã, e todos êles foram grandes dias.

Aquele era um dia chato. Era o primeiro dia de aula e era o 3.º ano que Ademir ia para o 2.º ano primário. Ele não se achava diferente de seus colegas que haviam passado, e na realidade era muito observador e inteligente. Interessava-se por tudo. Ele simplesmente não estudava. Algo lhe dizia que sua casa era um lugar bem diferente da escola. Não lhe dava vontade de estudar em casa, e para dizer a verdade, não havia lugar para isso. O barraco só tinha um cômodo, bem apertado, onde se aglomeravam as sete pessoas. E por isso, e por outras, Ademir já ainda para o 2.º ano. Arlindo repetia todos os anos junto com Ademir, não por coincidência, mas talvez pelos mesmos motivos.

Naquele dia Ademir saiu cedo de casa para ir ao colégio. Pegou um bico de pão duro, beijou os pais e saiu. Antes de se encontrar com o Arlindo lá embaixo, levou um escorregão num barranco e sujou a trazeira. Madrugou também o pé que estava calçado ao pisar numa pedra, pois seu sapato estava furado. Os dois desceram a ladeira. Passaram por um botequim onde alguns operários tomavam uma modia. O bôteco exalava um cheiro que lembrava a Ademir algumas vêzes que seu pai lhe beijava, estando com esse hafo.

Ademir tinha vergonha de estar repetindo o ano e tinha vontade de sair do colégio. Às vêzes pensava na vida do Zeca. Quando estava envergonhado e sangado como naquele dia, lembrava-se dêle. Ficou mais chateado com o que lhe ocorreu na hora da saída. Estavam jogando bôlica e Ademir quebrou a bolinha de Wilson. Wilson era um menino de olhos azuis que in rem os dois pés calçados. de uniforme completo. Êle não era íntimo de Ademir e Arlindo, mas era um bom menino. No entanto, a primeira reação que teve ao ver sua bolinha quebrada foi essa:

— Não precisava quebrar a bolinha, seu preto sujo, vagabundo, repetente.

Essa exclamação saiu de uma maneira esquisita, como se êle estivesse repetindo algo que ouvira em casa ou em outro lugar; não parecia sincero bem criança, mas sim como certos adultos. A primeira coisa que passou pela cabeça de Arlindo se externou dessa forma: — Repetente, mas tua 2ó0 "embaixadas" com bola de couro ou de meia. E dirigiu-lhe algumas palavrões. Ademir ficou com um nó na garganta e não falou nada nem quis brigar. Passou-lhe pelo subconsciente o revólver de Zeca. Aquilo lhe havia ferido profundamente. Wilson saiu para um lado. Arlindo entrou em outro jogo e Ademir saiu do colégio para a rua; isso após ficarem alguns instantes imóveis.

Ademir dirigia-se para casa, pensando muito e nem reparou que já estava gingando parecido com o Valdir. Era uma coisa muito difícil que lhe passava pela cabeça e era difícil captar e entender aquilo. Nunca sentira isso antes. Sabia que era importante e se esforçava para entender.

Um rapaz que aparentava ter tido paralisia infantil, fêz sinal para um ônibus que parou perto de Ademir. De dentro do ônibus uma das janelas havia uma menina loura, com os mesmos olhos de Wilson. A menina fêz um sorriso desse tamanho para o Ademir e lhe deu adeus. Ademir correspondeu. O ônibus ficou parado durante alguns segundos. Mas o olhar e o sorriso duraram uma eternidade. Ademir sentiu algo que nunca tinha sentido antes (bem diferente do que estava sentindo dois minutos atrás); como que satisfação de ser humano.

À noite, em sua cama de madeira forrada de jornais, Ademir pensava muito. Lembrou-se da escola, de seus pais, e de muitas outras coisas. O Zeca aparecia-lhe gingando igual ao Valdir, e o Arlindo lhe dava uns tapinhas da velha amizade nas costas. Pensava em Wilson: tinha culpa de ser preto ou repetente? E, para que estava na escola? Por que viviam daquela maneira? Como poderia melhorar de vida? Tinha vontade de chorar pelo morro inteiro. E por coisas da homem. Era criança e chorou bastante.

Um seu irmão, que dormia espremido ao seu lado, deu um espirro que salpicou-lhe todo o rosto. Ademir lembrou-se então da menina loura, do sorriso, da correspondência. Nunca mais a veria. Mas aquilo dava-lhe a satisfação de ser um sêr social, humano, de viver. Lembrou-se também de Manuel, de sua simpatia e amizade, de suas conversas e conselhos. E do que êle representava.

A menina e Manuel, davam a Ademir a vontade de viver e lutar.

Antes de Ademir adormecer, seu irmão deu outro espirro. Seu pai tossiu. Começou a chover lá fora e pingos provenientes de goteiras começaram a salpicar aquela família.

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO
ODYLO COSTA, NETO

Diretor:
JOSÉ SÉRGIO LEITE LOPES

Equipe:
CARLOS BERNARDO VAINER
FRANKLIN MARTINS
JOSÉ RICARDO PINHEIRO
RAFAEL MIRA Y LOPES

Dep. Fotográfico:
LUIS RENATO BUENO

Dep. Gráfico:
MARCO ANTONIO PEREIRA

Dep. de Artes:
MAIR TAVARES



SUPERPOPULAÇÃO É FOME

RAFAEL MIRA Y LOPEZ

O Mundo de hoje anda tão superlotado de problemas, que vocês decerto não hão de gostar que eu venha lhes apresentar mais um, aumentando assim a lista dos que já lhes faz pesar a consciência. Dizendo isto não quero acusá-los de nada. Não, muito pelo contrário, suponho-os preocupados com os ditos problemas que afetam a paz e o progresso mundial.

Nós não podemos deixar de estar a par dêsses problemas; êles precisam da nossa atenção e nós estamos diante da obrigação de enfrentá-los. Pois não temos o direito de sentir-nos felizes enquanto reinar no Mundo a vontade do mais poderoso (em lugar do mais numeroso) e enquanto injustiças sociais tremendas condenarem 2/3 do Mundo a viverem em condições sub-humanas.

Como primeira idéia sôbre o problema demográfico, convém citar alguns números.

O aumento médio anual da população mundial subiu de 0,88% em 1920 para 1,88% em 1958. Neste ano, 1964, êste excedente já deve ter alcançado um ritmo de 2% ou mais por ano. Isso significa que, para cada grupo de 100 pessoas que existe na Terra, são acrescentadas mais duas no fim do ano. Continuando como está, a população mundial chegará a 7 bilhões no fim dêste século, 31 bilhões no fim do séc. XXI e 1.700 bilhões um século mais tarde.

Antigamente não se dava êsse crescimento porque a uma natalidade elevada correspondia uma mortalidade também elevada, devido às grandes fômes e epidemias. Mas com o progresso da medicina e o combate a essas epidemias, diminuiu a taxa de mortalidade e a população mundial passou a experimentar um sensível e depois explosivo aumento. Isso aconteceu tanto com os países subdesenvolvidos como com os países desenvolvidos, apenas que nestes houve mais tarde um decréscimo na taxa da natalidade, devido a transformações sócio-econômicas, que não ocorreram com aquêles primeiros. Assim ao lado da Europa Ocidental que aumenta apenas de 0,6% por ano, a maior parte dos países subdesenvolvidos aumentam de 2% por ano (alguns ultrapassam 3%).

As causas dessa elevada natalidade podem ser encontradas em motivos de ordem sociológica e psicológica (e não biológica): idade precoce do casamento para a mulher, influências religiosas natalistas, condição inferior da mulher, sua falta de instrução, alimentação que comporta excitantes (geralmente para enganar a fome), ausência de previsão, etc.

É um êrro bastante grave atribuir aos pais de uma família numerosa um primarismo dos instintos sexuais, pois, como veremos, além da tradição que existe desde séculos de uma família grande, socialmente podercsa por seu número, existe ainda um fator econômico: o "custo da formação do indivíduo". Chama-se "custo da formação do indivíduo" ao valor dos gastos que uma criança exige para sua criação e formação, até que ela se torne independente economicamente. Ora, é fácil notar, que para famílias relativamente abastadas a criança representa uma despesa considerável: seu período de formação é longo (nível ginasial pelo menos) e a lei não permite emprêgo assalariado para menores de idade. Assim sendo, o dinheiro que os pais gastam com a criança (alimentação, vestuário, confôrto, diversões, etc.) não é recebido de volta (a criança não trabalha para pagar o pai), e por esta razão muitas vezes a alegria e o orgulho de ser pai é satisfeito com o filho único.

Mas já para famílias como a dos nordestinos brasileiros, de renda baixíssima, a criança representa uma ajuda econômica: ao gasto mínimo a que obriga seus pais com sua nutrição e suas roupas, soma-se a sua apreciável ajuda nos campos, trabalhando a terra ao lado do pai. Isso constitui um estímulo para os pais dessas famílias: já que um filho a mais não representa gasto quase nenhum, aumentam cada vez mais a família, com a esperança de que dessa forma possa advir uma maior estabilidade econômica, aumentando os recursos financeiros da família.

Isso explica porque existe diferença entre as taxas de natalidade dos diversos grupos sociais: podemos dizer que, de um modo geral, quanto maior a renda de uma família (ou grupo social), menor o número de filhos e vice-versa: quanto menor a renda de uma família, maior o número de filhos.

Ao citarmos alguns números do problema demográfico, dissemos que existirá uma população de 7 bilhões no fim dêste século, o que representa uma ameaça de fome generalizada segundo algumas pessoas. Realmente representa, mas nós devemos nos preocupar com uma ameaça que está mais próxima: países como a Índia, não podem aguentar um acréscimo de 30 ou 40 milhões em sua população, sem que se desencadeie uma catastrofe que resolveria o problema de maneira radical "ad aeternum".

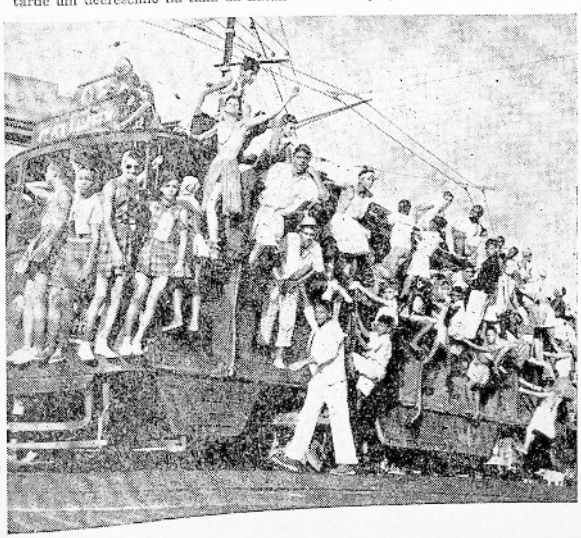
A solução do problema demográfico tem, portanto, um prazo de 10 anos. Essa solução deverá ser um crescimento econômico e uma apreciável melhoria do padrão de vida, o que daria como uma das conseqüências, uma espontânea redução da taxa de natalidade (pois com êsse progresso o custo de formação da criança seria maior).

Nos países desenvolvidos o problema demográfico não existe porque êles possuem uma economia bastante sólida e dinâmica, capaz de aumentar a produção sempre que preciso, a fim de fazer face a um excedente demográfico. Isto é o que precisamos conseguir para todo o Mundo.

Mas, ora bolas, aí é que está a questão! Dizer que é preciso um progresso econômico é o mesmo que dizer quê preciso acabar com o subdesenvolvimento. Verificamos então, a interdependência dos dois problemas: o demográfico e o subdesenvolvimento. Começar a falar aqui sôbre o problema do subdesenvolvimento seria um despropósito. Confiamos em que êle há de ser solucionado **com a ajuda de cada um de nós.**

É claro que o problema demográfico comporta atenuantes. Sem cogitar sequer da política de contrôle da natalidade através de práticas anticoncepcionais, totalmente ineficaz (o caso do Japão é particularíssimo) existem, sem dúvida alguma, possibilidades de uma melhor distribuição da população mundial pelas diversas áreas do globo. A Ciência (Química e Biologia) movimenta infatigáveis pesquisadores na descoberta de uma pastilha que pudesse concentrar em si as calorias necessárias para que o homem que a tomasse fôsse capaz de passar um ano inteiro sem alimentar-se. Mas é preciso que essa partilha seja barata e que apareça antes que o aumento se torne insuportável. E enquanto não se tem certeza sôbre essa pastilha maravilhosa é preciso agir.

Existem ainda grandes reservas de alimento a serem exploradas pelos cientistas: das 350.000 espécies de plantas alimentícias que o homem conhece, apenas 600 são cultivadas. Mas êsses estudos, assim como a conquista espacial, parecem ser de um futuro mais distante. E nós precisamos preocupar-nos antes com o futuro mais próximo.



O que é a Teoria da Relatividade

(Continuamos adaptando a teoria. Aconselhamos que se leia antes desta, o capítulo I, publicado no número passado).

CAPÍTULO II

A Tragédia da Luz

No capítulo I, convencemo-nos do princípio da relatividade do movimento e da existência de incontáveis "estados de repouso" diferentes. Nestes, as leis que regem o movimento dos corpos são semelhantes. Existe, entretanto, um tipo de movimento que, à primeira vista, contradiz o princípio estabelecido acima, e com o qual os físicos batalharam durante muito tempo. É a propagação da luz. A luz não se propaga instantâneamente, mas na verdade sua velocidade é tremenda: 300 000 km/seg! Como geralmente tratamos de velocidades muito menores, é difícil conceber esta velocidade colossal. De todos os corpos com que tratamos, a Terra é o que tem maior velocidade em seu movimento de translação ao redor do Sol. Mesmo assim é de apenas 30 km/seg.

Nós sempre podemos acelerar ou retardar, artificialmente ,o movimento de um corpo. Mesmo de uma bala. Basta colocar uma caixa com areia em sua trajetória. Tendo perfurado a caixa, a bala perderá sua velocidade. O caso é diferente com a luz. Coloquemos uma lâmina de vidro na trajetória de um feixe de luz. Como a velocidade da luz no vidro é menor do que no ar, o feixe viajará mais devagar. Entretanto, depois de atravessar a lâmina, a luz volta a se propagar com a velocidade de 300.000 km/seg! A propagação da luz no vácuo é diferente de todos os outros tipos de movimento, e tem a seguinte propriedade importantíssima: não pode ser acelerada ou retardada. Quaisquer que sejam as mudanças que o feixe de luz sofra no corpo atravessado por êle, êle readquirirá a mesma velocidade logo que emergir, novamente no vácuo.

A velocidade colossal, mas não infinita, da luz do vácuo, leva-nos a um conflito com o princípio da relatividade do movimento. Imaginemos um trem da Central (!) correndo com a tremenda velocidade de 240.000 km/seg. Estamos viajando no vagão da frente, e uma lâmpada elétrica é acendida no último vagão. Imaginemos quais os resultados que obteríamos se medíssemos o tempo gasto pela luz, para ir de uma ponta à outra do trem. 300.000 — 240.000 = = 60.000 km/seg.

Tudo se passa como se a luz estivesse perseguindo o vagão da frente. Se colocássemos a lâmpada no vagão da frente, e medíssimos o tempo gasto pela luz para alcançar o último vagão, pensaríamos que êsse tempo é menor do que o do caso anterior. De fato, a luz deveria viajar com a velocidade de 240.000 + + 300.000 = 540.000 km/seg. A luz e o último vagão movem-se um em relação ao outro. Parecia que num trem em movimento, a luz deveria propagar-se com velocidades diferentes nos dois sentidos, enquanto que num trem parado, a velocidade da luz seria a mesma em ambos os sentidos.

Nosso argumento parece demonstrar que a propagação da luz é incompatível com o princípio da relatividade do movimento. Pareceria que a luz se propaga (num trem com a velocidade de 240.000 km/seg.), aparentemente com uma velocidade 5 vêzes menor numa direção e 1,8 vêzes maior na direção oposta do que a velocidade que teria num trem parado.

Pareceria então, que o estudo da propagação da luz deveria permitir a determinação da velocidade absoluta do movimento de um trem. Haveria esperanças de podermos estabelecer o conceito do estado de repouso absoluto, por meio do fenômeno da propagação da luz. Poder-se-ia dizer que um sistema de referência está no estado de repouso absoluto quando a luz se propaga em relação a êle com a velocidade constante de 300.000 km/seg. em tôdas as direções. A velocidade da luz seria diferente em diferentes direções, em qualquer outro sistema de referência que se movesse uniforme e retilinearmente em relação a êste. Nesse caso, a relatividade do movimento, a relatividade da velocidade e a relatividade do estado de repouso, que vimos no capítulo I, não existiriam.

Essa tragédia perturbou a vida dos físicos durante muitos anos.

O que se deve fazer com essa contradição?

Mas, vejamos uma coisa: a contradição entre a propagação da luz e a relatividade do movimento foi deduzida por nós exclusivamente através do raciocínio. É verdade que êsse raciocínio foi muito convincente. Se nos limitarmos ùnicamente ao raciocínio, porém, imitaremos um velho filósofo que procurou tirar as leis da natureza da sua própria cabeça. O perigo inevitável é que o mundo construído dessa forma poderá resultar completamente diferente do real. Os fatos são o juiz supremo de tôda e qualquer teoria física. Não devemos portanto, nos limitar a argumentos sôbre a forma pela qual a luz se propaga em um trem em movimento, mas devemos recorrer a experimentos capazes de mostrar como a luz se propaga realmente nessas condições.

Um experimento dêsse tipo foi realizado em 1881 por Albert Michelson, um dos maiores experimentadores do séc. XIX, que media a velocidade da luz em sentidos diferentes com um elevado grau de precisão. O experimento de Michelson provou que, contràriamente ao que haviamos imaginado, o fenômeno da propagação da luz, longe de contradizer, concorda completamente com o princípio da relatividade do movimento.

Humor finíssimo foi o daquêle meu amigo que telefonou pr'a mim no dia primeiro de abril, dizendo que tinham feito uma revolução. E eu caí.

A Microquímica a serviço do futuro

A previsão dos acontecimentos do próximo ano, baseada em estudos químicos do Prof. Molibdeno, manganês (*).

Os números são símbolos atômicos, isso todo o mundo sabe; e assim, tomando os números de 1965 teremos:

1 — hidrogênio
9 — fluor
6 — carbono
5 — boro

Os elementos podem também, se combinar, dando fluoreto de bário alcanos, ácidos, etc. Ademais qualquer jogador de bicho sabe quantas combinações na dezena podem ser feitas com os números invertidos do milhar 1965.

15 — fósforo
16 — enxofre
19 — potássio
51 — antimônio
56 — bário
59 — praseodímio
95 — amerício

O elemento predominante será o potássio (19) que juntamente com o térbio (65), forma 1965. O potássio é inflamável quando em contato com a água, prevendo se um ano cheio de sujeiras e que quiser ver as coisas limpas que tome cuidado pois poderá queimar-se.

O fósforo (15) indica que no princípio do ano a coisa deverá pegar fogo em algum lugar.

O enxofre (16) que também pega fogo facilmente, indica que quando alguém quiser jogar água na sujeira (vide potássio) vai sair um bocado de mal cheiro.

O antimônio (51) é usado como liga de tipos de impressão; o antimônio cáustico, é de odor desagradável, asfixiando-se em grandes quantidades; reage com substâncias orgânicas dando densos vapôres, o que indica que a imprensa continuará a ser coisa que não se cheira, tornando as coisas cada vez mais nebulosas.

O bário (56) deve ser hermèticamente guardado em recipientes de vidro, sendo um produto sujeito a riscos, como a situação no próximo ano.

O praseodímio é encontrado no uranio 235 com o qual se fêz a bomba de Hiroxima.

O amerício é um elemento artificial "made in USA" que voltará (a ter grande influência na situação nacional.

Como se vê o ano de 1965 será ácido e cáustico não se encontrando nenhum oasis neste deserto de homens e idéias.

(*) Este processo científico de previsão do futuro por foi apresentado pela 1.ª vez pelo grande humorista — infelizmente não reconhecido atualmente — Barão de Itararé, que apresentou a previsão parao ano de 1955. Agora os elementos são outros, conseqüentemente os acontecimentos também.

DISC 157 P059

PORQUE OS LOUCOS DO VOLANTE O SÃO

José Ricardo Pinheiro

1.º — Prolegômenos.

O cidadão completa dezoito anos. Ora, atualmente, qualquer cidadão ao chegar aos dezoito anos já andou dando suas voltinhas no carro do papai, sem nunca ter sido incomodado pela polícia. Aí êle comete a grande besteira de querer legalizar a sua situação.

2.º — Propriamente dito.

Para início de conversa eu tinha que tirar uma carteira de identidade. Chego à um pôsto do Felix Pacheco que tem aqui perto de casa. A primeira impressão é a pior. Sobe-se as escadas — funciona num sobrado — cujas paredes são tôdas riscadas de prêto; impressões digitais por tudo quanto é lado — se alguém um dia cometesse um crime alí, pelo menos não poderiam dizer que não havia impressões digitais, só que teriam tôda a cidade como suspeitos, menos, talvez, o assassino. Bem, continuando a rota dos dedões sujos — tinha até impressão de dedo de pé — segue-se uma sala assim de tamanho dessas aqui do colegio, um banheiro de ladrilhos exbrancos marcava sua presença com uma poça d'água bem no meio da sala. Duas filas se entrelaçavam como cromossomos: uma para tirar diversos documentos, outra para apanhar os mesmos documentos já prontos. Com isso eu me apavorei e fui embora sem tirar carteira nenhuma. Voltei outro dia, estava pior. Da terceira ou quarta vez estava um pouquinho melhor e eu entrei na fila. Chegada a minha vez, apresentei o bolã.o de documentos e sêlos exigidos.

— Não pode tirar, está faltando o titulo de eleitor.

— Mas o titulo de eleitor demora muito para ficar pronto.

— Serve só o recibinho.

— Obrigado.

Saí da li para tirar o tal titulo, que naquêle tempo ainda tinha algum valor que não o de simples exigência para tirar outros documentos. Procurei a sede da zona eleitoral pelo bairro todo. No fim, já exausto, soube que a zona eleitoral da Tijuca ficava na cidade (!). E lá fui eu. De novo o montão de documentos, etc.

— Não pode, falta o atestado de residência.

— P'ra que?

— P'ra provar que você mora na Tijuca mesmo.

— Mas se a própria sede do juizo não fica lá!

— Não interessa, se não tiver atestado não tira titulo.

— Obrigado.

No dia seguinte voltei eu lá com a certidão e tirei o titulo de eleitor. Voltei correndo ao pôsto do Pacheco contente, entrei na fila, por incrivel não faltava nenhum documento e sou mandado para um bolinho onde se fica esperando ser chamado. Depois de um tempão um sujeito me chamou, eu fui lá, êle pegou as minhas duas mãos e sujou tudo de tinta preta. Tomou a impressão dos meus dez dedos duas vêzes e me soltou por alí com as mãos tôdas sujas de tintas, andando feito bandido, de "mãos ao alto" para não encostar em nada, até que descubro porque as paredes são tôdas sujas de riscos prêtos e dedos idem. Limpo os dedos e vou embora contente.

Um mês depois — tempo que a carteira leva para ficar pronta — volto lá e dou com a cara na porta.

"MUDOU-SE PARA A AVENIDA VENEZUELA — PRAÇA MAUA"

E que tinham tido a brilhante idéia de federalizar os funcionários estaduais de modo que só sobrou funcionário para um pôsto. Agora imagine, tôdas as filas estava muito pior, a fila vinha até o lado de fora, no meio da rua. Estás a vêr que eu não entrei nessa, e que só quando encontrei a fila do lado de dentro foi que entrei.

Depois tive que tirar um atestado de bons antecedentes. Repita-se tudo o que foi descrito para a carteira de identidade e bota mais 15 dias em cima, notando-se que desde que eu resolvi legalizar a minha situação de motorista clandestino, já se passaram dois meses.

Férias e eu fui para fora, ficando as coisas estacionadas por um mês. Voltei, fui finalmente ao serviço de habilitação tratar do meu exame. O raio da repartição ficava lá pros lados de Manguinhos. Cheguei no guichet:

— O que precisa para fazer exame de motorista?

— Primeiro o senhor tem que comprar esta ficha, preencher com letra de imprensa e colar um sêlo de 500, um de 200, dois de 100, um de 10 e um de 5.

— Não vale um de 915?

— Não.

— E depois?

— Depois volta aqui que eu explico o resto.

— Tá, obrigado.

No dia seguinte voltei com a ficha devidamente preenchida e coberta de sêlos. O sujeito deu uma carimbada.

— Daqui a 20 dias o Sr. compareça ao serviço médico na praça Mauá.

— E depois?

— Depois espera três dias e volta aqui.

— Tá, obrigado.

Exame médico — uma coisa simples enfim. Você é chamado com três outros caras. Chega lá o médico pede para mostrar a mão. Agente mostra.

— Tem algum defeito nas pernas?

— Não.

Então o médico pega o estetoscópio e ausculta o coração durante um milésimo de segundo; se não estiver parado, passou.

Três dias depois volto a Manguinhos. Vou entrando:

— Psiu.

— É comigo?

— E, vai ao serviço de habilitação?

— Vou.

— Não é mais aqui, mudou-se para a rua Mem de Sá e só começa a funcionar daqui a dez dias.

— Obrigado.

Dez dias depois vou a rua Riachuelo, chego lá e vou tirar uma licença de praticagem.

— Falta o titulo de eleitor.

— Mas já tem aí a carteira de identidade.

— E daí?

— E daí pra tirar a carteira de identidade preciso de titulo de eleitor.

— Não interessa se não tiver titulo não adianta perder tempo.

— Grrr, obrigado.

Volto com o titulo de eleitor.

— Falta a firma reconhecida no atestado de bons antecedentes.

Vou correndo ao centro da cidade, reconheço a firma e volto.

— Já tem muita gente esperando aqui p'ra ser atendida hoje, agora só amanhã.

Finalmete consegui tirar tudo.

— A partir de amanhã o senhor já pode marcar o seu exame.

Marquei o dia do exame e no mesmo dia o carro quebrou um troço qualquer na caixa de mudança. Eu que já estava meio desesperado — se fizerem as contas, já tem uns quatro meses que eu estou tratando do negócio — resolvi que não ia desmarcar o exame coisa nenhuma. O único carro disponivel então era o da minha prima, que depois de passar algumas noites em claro decidiu arriscar-se a me emprestar o carro. O carro era um volks quase sempre enxutinho — eu digo quase sempre porque o sujeito que o lava taca tanta água em cima do pobre que um dia no meio da rua um homem parou ela p'ra avisar que o carro estava pingando água, coisa incompreensivel em se tratando de uma fusca. Pois bem, eu que nunca tinha dirigido um volks até três dias antes compareci no dito para o exame.

Depois de reprovar todos os candidatos que estavam à minha frente, a banca passou para o meu carro. Eu meti a cabeça até os ombros para lado de fora, para olhar se vinha alguém, depois estiquei o braço duro pra fora e saí devagarzinho, tudo como êles gostam. Lá pro meio do exame, tudo ia bem e eu estava fazendo tôdas aquelas quadradives certinhas, quando o cara que estava do meu lado mandou eu dobrar à esquerda. Não vinha carro nenhum, mesmo assim eu parei, engrenei a primeira, estiquei o braço durão pra fora e já ia saindo quando um burro, puxando uma carroça atravessou na minha frente. O cara da carroça parou, mas o burro parece que não gostou muito e ficou assim meio maroto como quem está parado mas vai andar, aí eu passei prestando atenção pro burro, já que eu não o sou. O mesmo não posso dizer da banca, pois ela deu a bronca:

— Pode parar, o Sr. acaba de ser reprovado, entrou em rua preferencial sem observar o tráfego.

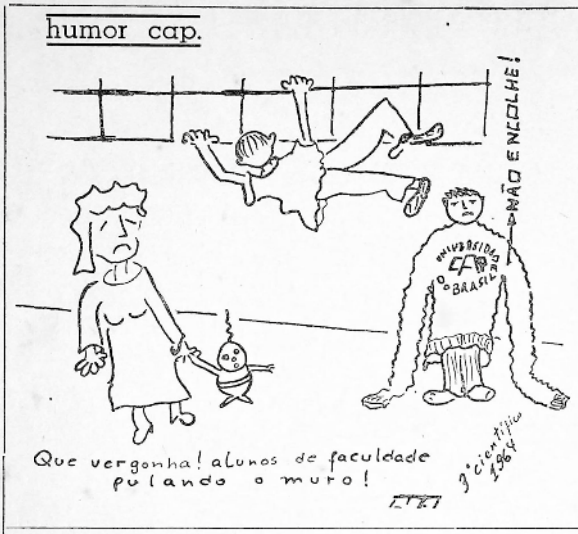
E eu parei e êles saltaram.

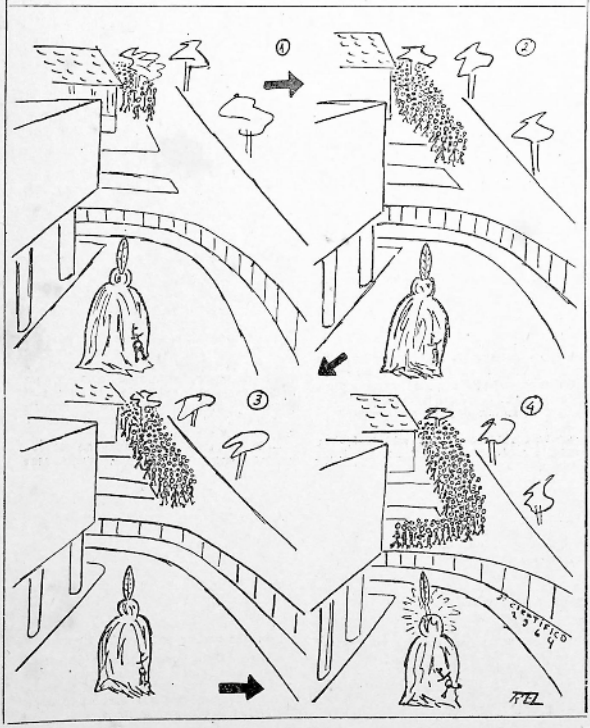
Agora me informa uma coisa, se puder. Que via preferencial, se não tinha nenhuma placa? e que tráfego se a única coisa que tinha passando na rua eram o burro e sua carroça?

Dedução: não pasei por um êrro de preçosição, devia ter olhado p'ra burro em vez de ter olhado p'ro burro.

Enquanto pensa, aguarde o próximo capítulo "Trinta dias depois" Conseguirei ou não passar no segundo exame?

ATENÇÃO — qualquer falta de semelhança com fatos e pessoas reais foi-nos inteiramente impossível. Todos os fatos acima apresentados são, embora pareça incrivel, absolutamente reais.







MAX DEIXA C.Ap.

Ainda que um pouco atrasada, a FORJA quer aqui registrar a saída do Prof. Maximiniano, da Cadeira de Português. Mestre aplicado, estava no Colégio há 7 anos, quase uma vida, o que faz parecer maior ainda a saudade deixada. Agora, em outras salas de aulas, com outros alunos, lá estará o Prof. Max, que nos deixa apenas por motivos de ordem particular. A análise sintática, os verbos, a poesia trovadoresca e Camões não aprenderemos mais através do velho e amigo mestre. Aqui não estará, já dissemos.

Foi substituído o mestre Maximiniano, é lógico. Por outro tão bom. Mas o homem, vale pelo que se impõem e talvez seja por isso que êle valha tanto.

O Mestre não dá adeus. Sempre se revê quem é amigo, e é por isso que nós mesmos dizemos que ainda iremos encontrá-lo.

SER JOVEM

Quantas vêzes dizemos que esta ou aquela pessoa é mais ou menos jovem conforme sua aparência. A juventude, para quase todos, é uma conseqüência direta e exclusiva da idade. Mas se observarmos um pouco mais, veremos que não é assim. A juventude é um estado da alma.

Todos os dias, em todos os lugares, encontramos homens e mulheres com a pele enrugada, os cabelos brancos e que ainda mantêm nos olhos o brilho da juventude. São velhos que procuram compreender o meio em que vivem, que têm confiança no que o mundo lhes pôde dar e aos seus descendentes.

Por outro lado, também há milhares de rapazes e môças que já nasceram velhos e estão mortos para a vida. Seus pensamentos, idéias, versos ou romances são mórbidos, só vêem inutilidade na vida e na Natureza.

Qual desses dois grupos é o jovem? Não resta dúvida que é o primeiro. Ser jovem é precisamente isso: é ver o colorido das rosas, a beleza das manhãs, é ter ideais, é querer consertar o mundo e ter confiança em que o futuro será como for construído por cada um, é saber cair e ter sempre energia para tornar a se levantar, é não ser conformista, é procurar na vida a verdadeira razão de viver, é aceitar dos golpes sofridos a experiência, sem se deixar abater por êles, é deixar que os anos se passem sem disso se aperceber.

M A N P

21

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 Disc 159
EDIÇÃO: A Forja (nº 2/"1965")
DATA: 1/8/1965

Esta edição comemora os 10 anos de A Forja e narra, na primeira página, de maneira breve, a criação e a trajetória do jornal. Em *Prof. Werneck deixa CAp*, os alunos o homenageiam. O artigo *Sobre o problema da escolha profissional* exibe uma carta escrita por um aluno com a sua visão sobre assunto. *Aptidão e vocação* é uma adaptação de parte do livro *Psicologia da Vida Moderna*, do prof. Emílio Mira y Lopez, tratando do problema econômico-profissional do adolescente. *TACAp encena mais uma peça: Inglês Maquinista lota auditório* comenta sobre uma das atividades realizadas no 17º aniversário do colégio e sintetiza as opiniões dos estudantes. Em *Meu futuro*, um professor expõe trecho de uma redação escrita por Odylo Costa Neto, na qual o aluno que morreu assassinado fala de seu futuro. A matéria *Opiniões sobre o grêmio* apresenta as declarações da diretora e do ex-diretor do colégio, do coordenador, de um membro da Associação dos Ex-Alunos e do ex- presidente do grêmio. Foram publicadas, também, uma crônica e um texto humorístico, O *castigo e Piada da penitência*, respectivamente. O artigo *Juventude desorientada*, escrito por um professor, discute os possíveis motivos que levam os jovens a não seguirem o caminho de uma atuação construtiva. Em *Dezessete anos de CAp* são mencionadas as modificações do colégio e a importância dele para os alunos, especialmente. *Colégio inteiro colaborou na festa de S. João* aborda a organização e a programação da festa junina. Em *Astrud visita CAp*, o jornal discorre sobre a apresentação da cantora e ex-capiana Astrud Gilberto. A matéria *Resenha do grêmio* aponta as atividades e as obras promovidas pela sua equipe. Na seção *Esporte*, é anunciada a participação do colégio no campeonato estadual Estácio de Sá. Por fim, há um convite da família de Odylo Costa Neto para a inauguração de uma praça em Santa Teresa que receberá o seu nome.

Disc 159 P059

Werneck da Silva 26 de 4 de 1980

COLÉGIO DE APLICAÇÃO, DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ODYLO COSTA, NETO

N.º 2 — Agôsto de 1965

A FORJA FAZ DEZ ANOS

O primeiro número de A Forja saiu em 1955, no tempo em que o colégio ficava situado no velho casarão da Praça São Salvador.

Há dez anos que os alunos do CAp. se expressam por meio de um órgão oficial de seu grêmio representativo e isto é uma grande coisa. E merece ser noticiada, pois o jornal é um instrumento, um meio de comunicação dos alunos, algum reflexo do que pensam. O valor disto todos nós sabemos e sentimos, vivemos.

Em 1954, foi sugerido pelo antigo conselho da Caixa Escolar, a criação de um órgão oficial dos alunos do nosso colégio. A idéia foi aceita com entusiasmo e, depois disso, procurou-se escolher o seu nome. A escolha seria feita por votação dos conselheiros. Surgiram várias idéias. Foram muitos os alunos que deram seus nomes preferidos. Dentre êles, foram escolhidos cinco: "Lamparina", "A Corujinha", "A Forja", "Aspiração", "Conquista". O nome vitorioso foi "A Forja". Em 2º lugar classificou-se "A Corujinha" (a coruja é o emblema da F.N.Fi.) cuja autora foi Rozélia Póvoas, aluna do 3º ginasial da época. O primeiro número de "A Forja" foi uma revista editada pela Fundação Getúlio Vargas, com a ajuda de "seu" Ari, que saiu em maio de 1955.

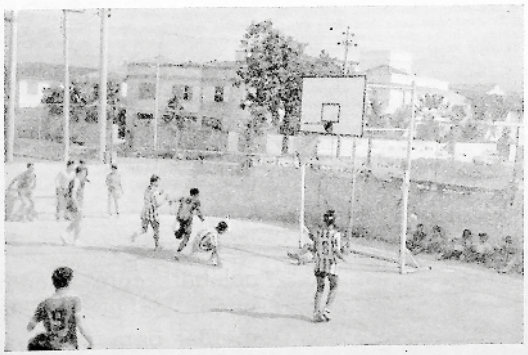
O autor do nome do nosso jornal, Paulo Roberto Cardoso, também da 3ª série ginasial de 1955, explica porque escolheu êsse nome, no primeiro número de "A Forja":

"O que uma forja? Uma oficina, em que ferreiros e outros operários trabalham em peças de metal para caldeá-las. É, portanto, um local de trabalho criador, de onde surgem vários tipos de ligas com variadas aplicações, de utilidade para tôda coletividade.

Igualmente é o nosso colégio uma "forja" onde se preparam aquêles que, mais tarde, nas diversas profissões, utilizarão os conhecimentos adquiridos em prol do progresso da ciência e da nação.

Foi em face da semelhança entre uma forja e um colégio que me veio a idéia de sugerir êste nome".

"A Forja" evolui refletindo as modificações no colégio, na gente do CAp. Nestes 10 anos adquiriu mais maturidade baseando-se nas experiências dos colegas que trabalharam no jornal anteriormente. O que se precisa compreender — e se não o fizermos, estaremos perdendo uma grande coisa — é que o jornal feito por nós é um trabalho criador nosso. Por isso "A Forja" merece luta e amor, uma participação cada vez mais efetiva de todos nós.



mais um gol do CAp (ESPORTE — última página)

PROF. WERNECK DEIXA CAp.

O CAp, apesar de não possuir tempo integral, exige bastante de seus professôres, toma grande parte de seu tempo. Assim, o prof. Werneck deu alguns anos de sua vida na dedicação ao nosso colégio. Êle agora, entrou em nova fase pois foi nomeado para o corpo docente da Faculdade Nacional de Filosofia. Está, também, solicitado pela Universidade Católica, pelo Itamarati e outras instituições.

Embora não o vejamos mais fisicamente três ou quatro vêzes por semana nas dependências que freqüentamos diàriamente, êle continuará no colégio, pois sua atuação está incorporada no modo de ser do CAp, e na formação dos alunos a quem deu aula. Esta a sua contribuição. A prova disto é que o Prof. Werneck será sempre lembrado e citado pela gente do CAp e êle estará presente nos dias de festa e nos dias importantes para o colégio.

Uma das grandes dificuldades humanas é conseguirmos expressar bem o que sentimos. Isto também acontece quando desejamos homenagear uma pessoa que tomou parte ativa na formação de todos nós. Como sabemos que êle compreenderia esta dificuldade, queremos deixar resumido o mais importante: continuaremos amigos e desejamos homenagear aqui principalmente sua pessoa humana.

APTIDÃO E VOCAÇÃO (pág. 3)

JUVENTUDE DESORIENTADA (pág. 5)

MEU FUTURO (pág. 3)

RESENHA DO GRÊMIO (pág. 7)

FORMAÇÃO PROFISSIONAL (pág. 2)

O CASTIGO (pág. 4)

OPINIÕES SÔBRE O GRÊMIO (pág. 3)

Sôbre o problema da escôlha profissional

Para debater o problema da escolha profissional que muitos de nós enfrentamos, desejava fazer um artigo. Entretanto, por não ter autoridade no assunto, abandonei a pretensão e achei mais autêntico dar o meu testemunho vivido para a resolução dêste problema no meu caso particular, apesar de que isto possa parecer egocentrismo de minha parte. Meu objetivo, entretanto, é contribuir na discussão dêstes problemas. Aproveitei, para isto, a maior parte de uma carta que fiz a meus pais que estão fora, expondo-lhes o que tenho pensado a respeito dêstes problemas.

Como uma escolha profissional é uma coisa para tôda a vida, acho que ela deve trazer felicidade para uma pessoa. Acho que me sentiria feliz se meu trabalho satisfizesse minha filosofia de vida. Por isso, procuro fundamentar minhas decisões nos meus objetivos na vida, na minha formação como homem, na minha escala de valôres. Portanto, devo falar alguma coisa sôbre êles.

Acho que todos nós devemos ter um sentido na vida, caso contrário poderemos ficar céticos, achar que ela não serve para nada. Com um sentido na vida, a pessoa pode procurar algo perto da felicidade.

Acho que algo perto da felicidade para o homem, é êle conseguir viver bem com as outras pessoas. Isto é conseqüência da premissa que diz que a coisa mais importante é a pessoa humana. A felicidade, portanto, seguiria o sentido de se conseguir as melhores formas de convivência, a amizade. Creio que é com a ajuda de outras pessoas que um camarada pode consolar-se de infelicidades e também com outras pessoas que pode alcançar as maiores alegrias.

No entanto, esta felicidade está longe de ser conseguida pelos homens, por enquanto. Acredito que devemos procurar a fraternidade, e como isto não existe generalizadamente, devemos lutar para que isto aconteça. Se a felicidade depende tanto de questões sociais, devemos examinar isto melhor.

Sabemos que na maior parte do mundo, a maioria das pessoas tem condições de vida subhumanas tanto econômicamente quanto culturalmente.

Sabemos também que as coisas estão estruturados de tal forma muitas vêzes, que uma minoria vive bem enquanto a maioria da população vive mal. Ainda bem que o que acontece hoje, pode mudar amanhã, quer dizer, a realidade social está em mutação. E o melhor de tudo é quando tomamos consciência de que a sociedade pode ser modificada com certo contrôle do homem, a fim de que a mudança possa ser para melhor.

Porém isto não é coisa fácil. Um número enorme de fatôres e variáveis atuam na realidade dos homens Outra dificuldade é se as soluções para um problema social não acarretam outros problemas diversos. Temos que prever tudo isso, e muitas vêzes os homens podem entrar em grandes contradições. Quais seriam as soluções para isto?

Uma solução que resta ao homem é lutar. Talvez seja algo perto da felicidade a sua própria busca.

Por isto tudo que falei acima, creio que não devo me omitir de dar minha contribuição na resolução de questões humanas. Minha escôlha profissional, portanto, deve seguir esta orientação. (dar minha contribuição para que se trate o homem como homem).

Analisando a questão sôbre outro ângulo, acho que existem dois tipos definidos de comportamento de pessoas quanto a vocações. Existem as pessoas que desde cedo demonstram sua aptidão para um determinado setor e seu campo de escolha fica mais restrito. Existem outras que não apresentam sintomas de aptidões mais específicas e portanto seu campo de escolha é maior. Creio que estou neste segundo caso. Não apresentando aptidões mais específicas, acho que o interêsse demonstrado deve pesar bastante na escolha. Apresentei sempre interêsse por questões mais diretamente ligados ao homem. Outra coisa: para a minha escolha, devo basear-me em dados que já tenho e em experiências que já tive. Tenho que guiar-me com a amostra que já tenho. Um drama para quem está na fase de escolha profissional é justamente que as pessoas não podem conhecer o suficiente de diversas matérias para que possam optar realmente.

Acho que como economista ou pesquisador social poderei satisfazer a meus objetivos e interêsses; defrontar-me depois com problemas que prendem minha atenção e nos quais poderei contribuir com minha visão de vida, com meus valôres, e nestes não posso estar omisso. Poderei estudar soluções para problemas que atinjam a grandes camadas da população. Este argumento está relacionado com a parte de dar minha contribuição social.

Isto pode parecer muito filosófico, mas acredito que não seja apenas uma fase minha e que a coisa é mais profunda. Seguindo por êste caminho, acho que quando ficasse velho poderia concluir que vivi bem, tive sentido e objetivos, consegui grandes coisas da vida.

Sei que para os problemas sociais não se pode conseguir uma boa base experimental, não se pode repetir arbitrariamente e isolar convenientemente fenômenos sociais, o que se consegue em ciências naturais. Não se pode fazer com homens o que se faz com coisas e coboias. Entretanto, independente destas falhas, os problemas continuam existindo, decisivos e para serem resolvidos. Com o grande avanço tecnológico, acho que falta muito a fazer no campo humano, e que a felicidade do homem depende muito das soluções que se encontrar neste campo.

Creio que o importante é a pessoa saber o que quer quando estuda determinadas matérias. A pessoa tendo os objetivos, vai com o correr do tempo escolhendo as matérias e assuntos que satisfazem àquilo que a pessoa se propôs. Devemos pensar e resolver da melhor forma possível êste problema no sentido de que possamos alcançar algo perto da felicidade.

José Sérgio Leite Lopes

TACAP ENCENA MAIS UMA PEÇA

INGLÊS MAQUINISTA LOTA AUDITÓRIO

O Teatro Amador do Colégio de Aplicação, dando seqüência a sua programação artística, levou, para alunos, pais e professôres, a peça "O Inglês Maquinista", de Martins Pena. A peça, que fêz parte do programa de atividades programadas em comemoração ao 17º aniversário do C.Ap., provocou os mais diversos comentários por parte dos espectadores, que a A FORJA vai procurar sintetizar neste artigo, com o intuito de representar realmente a opinião dos alunos do colégio.

A peça, que foi encenada visando à participação do Tacap no Festival Martins Pena, mostra uma vida familiar do século passado, procurando através dêste quadro fazer uma crítica à sociedade da época, assim como às interferências dos inglêses dentro da vida econômica e social brasileira.

OPINIÕES CONTRA

Vários espectadores criticaram bastante a peça, considerando-a de nível fraco, ainda que ressalvassem a atuação muito feliz dos atôres e a da direção. Frisaram que não compreendem como um grupo teatral que encena peças da categoria de um "Auto da Compadecida", venha a encenar o "Inglês Maquinista", cujo texto, no entender dêles, era um dos mais fracos, mesmo dentro da obra do autor.

Estes espectadores, penetrando mais na sua crítica, disseram que ao texto falta um mínimo de profundidade e que o autor não soube manter um meio têrmo entre o jocoso, o dramático e o amoroso dentro da peça, o que constantemente levou a situações quase ridículas, contribuindo bastante para a anarquia formal do espetáculo.

OPINIÕES FAVORÁVEIS

Já outras pessoas acharam que o texto para a época era um avanço e o simples fato de tocar nos fatos que analisa e critica (problemas de famílias, seus interêsses mesquinhos; o enriquecimento à custa da desonestidade, oportunismo do inglês, etc.) dá uma razão de ser à peça. Os maiores elogios, entretanto, foram dirigidos à atuação dos atôres, à direção da peça, ao cenário. Outros espectadores ainda, gostaram do rancho do final da peça. A atuação dos dois garotinhos — que deu um toque de ternura e humor ao espetáculo — foi apreciada por todos.

Foi uma agradável noite a da apresentação de o "Inglês Maquinista" onde teve ocasião de se reunir, mais uma vez, a família capiana. É todos devemos incentivar, estar atentos, e participar das atividades do TACAp. mais um setor onde o aluno do colégio pode completar sua educação e formação.

---

colabore com a campanha da taxa suplementar para as obras do Grêmio.

DISC 159
P059

APTIDÃO E VOCAÇÃO

(adaptado de Psicologia da Vida Moderna do Prof. Emílio Mira y Lopes)

Na lista dos grandes problemas do adolescente é preciso incluir o econômico-profissional. É certo que hoje em dia muitos são os adolescentes de ambos os sexos que parecem ignorá-lo e deixam-se viver no presente confiando em que os recursos financeiros da família sejam inesgotáveis. Entretanto, o que realmente ocorre na maioria dos casos é que o indivíduo nessa idade se pergunte como irá ganhar a vida e a que trabalho irá dedicar-se. A solução para êste problema não é simples, apresentando grandes dificuldades.

Vamos examinar, portanto, os sintomas que as pessoas apresentam e que devem levar em conta a fim de que possam escolher a profissão mais racionalmente; vamos examinar o que sejam aptidão e vocação.

A aptidão é uma habilidade que se encontra vinculada ao nosso modo de ser e que permite realizarmos algo com facilidade e eficiência relativamente maiores que as demonstradas por aquêles que não a possuem. Mas para que isso se dê será necessário que esta disposição encontre uma situação favorável para desenvolver-se, a qual depende do ambiente ou meio externo e também de condições do próprio desenvolvimento individual. Por isso, acontece muito que pessoas possuidoras de certas aptidões não encontrem situações favoráveis e não possam empregá-las. Por exemplo, os analfabetos poderiam vir a ser escritores se gozassem das vantagens de uma certa cultura. Outros exemplos: uma pessoa surda, mesmo possuindo um prodigioso nível de aptidões musicais, não poderia desenvolvê-las pois lhe faltaria o instrumento necessário. Por muito grande que seja a aptidão literária em uma pessoa, esta não nasce sabendo escrever.

Temos pois de admitir que a aptidão é necessária, porém não suficiente, para assegurar o êxito da tarefa a que se propõe.

A vocação significa, etmològicamente, chamado ou apelo procedente de uma voz interior que determina para a pessoa o rumo de sua vida. Essa inclinação nasce, pois, do íntimo da pessoa, e resiste ao tempo, ao infortúnio e a qualquer tipo de obstáculo. Freqüentemente, porém, confundem-se com a vocação os chamados interêsses, que são atrações passageiras. As pessoas pensam que tais interêsses são capazes de satisfazê-las. Daí derivam infelicidades profissionais, pois sòmente mais tarde (às vêzes tarde demais) a pessoa vê que o interêsse passou, que não se satisfez com êle e que o confundiu com a profunda vocação.

Nem sempre vocação e aptidão se combinam e muitas vêzes o que uma pessoa gosta de fazer é oposto àquilo que ela poderia fazer bem. Como resolver isto? Alguns psicólogos sustentam que mesmo na ausência de aptidões correspondentes, a pessoa deve seguir a vocação, pois acham que o ser humano conta com recursos suficientes para substituir a falta de uma habilidade por outra parecida. Entretanto, a pessoa, neste caso, deve possuir uma grande disposição para enfrentar os problemas decorrentes dessa ausência.

A combinação da aptidão (disposição constitucional) com a vocação (inclinação permanente a usar a aptidão) é a mais promissora perspectiva que se pode imaginar para o êxito profissional. Daí a necessidade das pessoas pensarem e discutirem consigo mesmas sôbre sua vocação e aptidões, a fim de que possam encontrar o trabalho que as satisfaça.

OPINIÕES SÔBRE O GRÊMIO

Existe no colégio, um órgão formado de alunos que tem a finalidade de representá-los. Devemos, portanto, ter uma boa noção sôbre o grêmio, quais suas funções, como funciona. Para isto, reunimos aqui algumas declarações sôbre êle, que poderão nos ajudar a formar uma opinião sôbre êsse assunto.

D. Irene, diretora do colégio:

Um grêmio estudantil é um liame entre a direção, o corpo docente e os auxiliares técnicos ou administrativos do colégio e seu corpo discente. Sendo um órgão representativo do aluno, de seus desejos e aspirações, seu papel é relevante, e daí o nosso empenho em apoiar tôdas as iniciativas sérias e construtivas do nosso grêmio.

Ary Sartorato, coordenador desde a fundação do Cap.:

Criada em 1953, vem, desde essa época prestando os mais relevantes serviços, não sòmente à própria classe, mas também ao educandário, com sua colaboração sempre pronta e eficiente. Agem nas decisões a diretoria eleita pelos alunos e o conselho de representantes cujos membros são escolhidos por seus colegas de turma. A diretoria, sempre jovem, porém cheia de idealismo, compreensão e boa vontade, aprende a administrar, aprende a zelar, aprende a controlar e a incentivar; enfim, aprende para a vida. É dever de todos os que estudam e trabalham nesta casa prestigiar, auxiliar e colaborar, no sentido da grandeza do Grêmio dos alunos do Cap.

Prof. Mattos, ex-diretor do Cap.:

Considero o Grêmio, organizado e mantido pelos próprios alunos do Cap., um órgão de vital importância para o nosso educandário. Como órgão representativo de alunos, sua atividade tem se desdobrado em programas de grande utilidade para o colégio e de real valor educativo para os alunos, desenvolvendo nestes o espírito de iniciativa, o hábito de prever e programar seus trabalhos e o senso de responsabilidade e civismo. Por todos êsses motivos, trago aqui a minha palavra de aplauso e de incentivo aos alunos que se congregam no Grêmio, com os meus votos de que esta continue sendo uma instituição dinâmica e sadia, como sempre foi.

Luis Carlos Bevilaqua, da associação dos ex-alunos, colega do ano de 1960:

Senti o Grêmio como algo diferente de balancetes estáticos parados. Senti-o nas reuniões, nas realizações feitas por nossas idéias, e respeitei-o como algo máximo. Como o Cap.

Afrânio Raul Garcia, ex-presidente do Grêmio de 62/63:

Hoje em dia as novas concepções pedagógicas nos mostram que o aluno é o fator principal para sua própria educação. É preciso então que êle participe e se integre na vida do colégio, e a maneira mais fácil de fazê-lo é através do Grêmio.

meu futuro

Odilo de Moura Costa Neto fôra meu aluno, naquele gostoso 3.º Clássico de 1962, no C.Ap. Do Paulo Henrique e do Felipe.

Até hoje não me esqueço da sua forma original e inteligente de apresentar a Revolução de 1930, num dos nossos agitados seminários.

Na véspera de morrer, em 1963, estêve no C.Ap. para que eu lhe devolvesse um livro de Barbosa Lima Sobrinho.

No dia em que morreu, num vestibular de Português êle fêz esta redação que, através de seus pais, chegou-me às mãos.

Entregando-a à "Forja", deposito mais um tanto de saudade na memória do Odilo — nada mais, nada menos, e esplêndidamente, do que um jovem brasileiro.

Basta ler o que se segue.

Prof. Werneck

Meu Futuro

Preferia falar agora de minha vida atual.

Dado, porém, que ela está bastante voltada para o futuro, creio que não seria justo abusar do título.

De qualquer modo, vou ter que resolver com êste vestibular o modo de realizar meus planos (um tanto vagos, ainda) de ajudar os outros.

Se farei isto no interior, ou aqui ou no estrangeiro, numa microestrutura ou numa macroestrutura, é o que me compete resolver esta semana.

Quanto ao mais, tenho conceitos mais definidos: quero comer frutas brasileiras (ou aqui, no quintal da minha casa, ou num país frio, com o paladar aguçado pela saudade), ter filhos, certamente — provàvelmente muitos. Às filhas ensinarei a cozinhar divinamente — e rendo do norte. E acabar de ler os grandes livros.

Meu último desejo: morrer feliz, nunca devagar.

ODYLO DE MOURA COSTA, neto

O "CASTIGO"

Miguel Fernández y Fernández

Os meninos eram bons meninos. Estavam batendo uns papos muito legais numa das pracinhas do Bairro. Tinha também uns chapas de outra turminha. Tinham-se unido por questões de objetivos comuns: não tinham objetivos. De repente o tédio se apossou de todos. Tava muito chata a programação. Um dêles lembrou de uma festa num colégio, e sugeriu irem para lá, abagançar o coreto do pessoal. Após algumas discussões, deram a última puxada na erva, jogaram fora as guimbas, entraram nos seus fuscas e saíram tocando uns 120, pra ver se matavam alguém pelo caminho, e chegaram ao tal do colégio, onde a turma do carro que chegou primeiro gozou a do que chegou em segundo, e êsses se desculparam, dizendo que foi por causa de um coroa que estava passeando na frente dêles, mas também levou uma fechada daquelas. Aí um dêles observou que o mundo estava perdido porque era todo mundo mo'e que nem o coroa, ninguém era como êles. Êles é que fariam o futuro do Brasil. Aí um sargento que fazia parte do grupo chiou, e mandou o outro não falar o nome do país dêle com cigarro de maconha na mão, o outro não gostou e já iam saindo no pau, quando os outros chamaram para entrar no colégio.

Entraram e foram logo gritando "onde estavam as mulheres". A primeira que passou, um dêles, de azul, puxou o cabelo dela, e disse alguma gracinha pouco graciosa, porque a menina virou-lhe a mão, e foi se queixar ao pessoal do colégio. Aí o pessoal do colégio se reuniu, e uns 5 ou 6 mais valentes foram interpelar os rapazinhos, os outros ficaram olhando de longe, para no dia seguinte poderem contar tudo direitinho, como se tivessem agido, e fazer o seu cartaz junto ao eleitorado feminino.

Era o que a turminha queria, o chefão pegou uma garrafa, partiu a garrafa e ficou com o gargalo na mão e disse: — Se acabar o vidro tem aqui a máquina, e mostrou o Colt 45 do pai, que é general, e um pai muito compreensivo.

Estás a ver que o pessoal do colégio tratou de usar a bôca para convencer o outro a largar a garrafa e os outros a se acalmarem, apesar de que cada um repetia constantemente, como uma obcessão:

— Hoje eu brigo. Hoje eu quebro.

Mas quando estava nisso rolou o pau entre um da turminha dêles e outro de uma outra turminha, segura daqui, empurra dali, leva sobra lá, chega a polícia. Aí o chefão se queimou e disse:

— Pessoal, chegou a polícia, agora é prá valer.

E foi sacando da arma. Acontece que o polícia também tinha arma, e tinha cacetete, e foi baixando o dito cujo, e jogou o pessoal nos seus fuscas, mandou-os embora, mandou a outra turma embora também, que não adiantava prender ninguém, os pais viriam logo soltá-los, e a polícia se malocou por ali, para ver se alguém voltava. Daí a pouco voltam os meninos, então a polícia que também não é bôba de ficar se arriscando a toa, deu dois tiros para o ar. Aí foi aquela água; ninguém sabia donde saíram os tiros; cada um só sabia que não tinha sido êle, e então quem estava armado atirou, a polícia ouvindo tiros que não eram os dela, atirou de nôvo, o vigia atirou, quem não tinha arma atirou palavrões, e foi por aí. De repente uma bala atingiu o carro dos meninos, aí êles se mandaram, felizes, pois já tinham cumprido o seu objetivo, e levavam o seu troféu.

Chato foi a decisão do pai do rapaz que levou o carro, que no dia seguinte ao ver o carro com dois vidros quebrados, e o capô perfurado por uma bala, proibiu o Paulinho de usar o carro por uma semana.

Piada da Penitenciária

João roubou uma galinha e foi parar na penitenciária. À noite, ouviu um grito de uma cela distante: cinquenta e cinco! e após o grito, ouviu uma gargalhada geral por todo o corredor. O fato repetia-se. Um prêso gritava um número e os outros riam. No terceiro dia, João intrigado, foi perguntar o que era aquilo a um penitenciário veterano. Este lhe explicou que os prêsos reuniram a tradição de piadas da penitenciária, fizeram um catálogo e as numeraram. Os prêsos as decoraram, e de noite, quando não há mais nada que fazer, um dêles grita um número e os outros lembram-se da piada e riem. O veterano deu uma lista das piadas a João.

Após passar três dias decorando as piadas, João resolve entrar na brincadeira. E grita: noventa e um! — Entretanto ninguém riu. Outro gritou outro número e todos riram. Mas quando João gritava, ninguém ria. João dup'amente intrigado, voltou ao veterano que assim lhe explicou o fenômeno: — Ora calouro, tu não sabe que a graça das piadas tá na maneira de contar?

CURSO VETOR

Engenharia
Ime
Ita
Química
Arquitetura

centro sul — av. presidente vargas, 446 - 12.º s/1204
av. n. s. copacabana, 928 - 4.º andar

JUVENTUDE DESORIENTADA

Se colocarmos de um lado o aspecto psicológico do ser humano como um dado da ordem natural, espontâneo, e de outro uma técnica a ser aplicada com a finalidade de nortear sua rota, seu desenvolvimento imprimindo-lhe uma direção, a tarefa se mostrará, desde logo, complexa, exaustiva, árdua. Nem por isso menos profundamente atrativa.

Porque, freqüentemente, um grande número de jovens não acompanha, mesmo dentro das variações e tonalidades possíveis, o caminho que os levará a uma atuação eficiente, construtiva? O que lhes falta ou desejam que não os satisfaça plenamente? Porque se tornam desorientados, a tal ponto de, muitas vêzes, descambarem para uma conduta francamente anti-social, utilizando-se de todos os meios para incrementar o ceticismo, afundar-se no negativismo e evadir-se na vaporização entorpecida da consciência?

As respostas não se baseiam em uma causa apenas. Nem em várias sucessivas. Antes em muitas, simultâneamente. Escolhemos duas dentre elas, ficando subentendidas as que lhe são afins, atuando como co-causas ou decorrências secundárias, para uma apreciação sumária.

Em primeiro lugar, a intensidade, forte ou fraca, do potencial instintivo de um lado. De outro, a fraqueza ou falência dos mecanismos de inibição, controle, canalização. O jovem quer e necessita se afirmar. Nada mais legítimo. Dentro de seu peculiar esquema psíquico, poderá assumir várias atitudes para conseguir os fins delineados. Poderá adotar atitude de retraimento ou de disposição para a conquista. Ambas visando dominar, omitindo-se ou lutando, os setores cultural, material e social. Diante da complexidade da cultura contra a qual se bate, observa-se, com mais freqüência, o predomínio da segunda atitude. Manifesta-se no comportamento independente, renovador, rebelde, agressivo, oposicionista. Contra o grupo familiar e os outros também. É motivado, em grande parte, pela relativa liberdade de que goza, principalmente se os pais trabalham fora. Se não encontrar substitutivo adequado para modelar e canalizar seu mundo interior, e se atraído pelo que se convencionou chamar as boas coisas da vida, e já predisposto pelo potencial básico de suas reações, é fácil o desencadeamento de um processo ambivalente de busca e esquecimento de si. Procura, então, o maior número possível



de sensações, que muitas vêzes reconhece errôneas para a consolidação de seu caráter, mas irresistíveis pelo próprio nihilismo e irracionalidade que contêm. Também porque chega ao ponto de não mais poder lutar contra elas, pois se converteram no seu estilo de vida, já se estruturaram de maneira tal que se identificam inteiramente com seu nada interior. O terreno está preparado para os desvios de conduta os mais diversos. Entre êles, a fuga nos tóxicos que dão, não só a ilusão da posse de um mundo diferente, como também a coragem para libertar-se completamente de tôda ou da pouca censura que resta ainda e dar vazão a realizar impulsos inconscientes. Culpa, não a si, nesse transbordamento, mas sempre a um outro e commumente ao instrumento utilizado para a liberação.

A segunda causa, e lembro que as duas apontadas e tôdas as outras não se excluem mùtuamente, é de natureza ética, embora em suas raízes estejam sempre motivações psicológicas. Refiro-me à pergunta que se faz sempre o jovem, no sentido de saber encontrar uma fórmula para alcançar seu ser ao seu fazer. Em suma, no problema do sentido da vida. Muitas vêzes, por não ver sentido na existência, racionaliza, afirmando assim agir porque não vê êsse significado, esquecendo-se que está imprimindo um, justamente o mais desaconselhado de todos. Quando tem a ventura de viver em ambiente satisfatório e encontrar êsse sentido na profissão, na política ou nos temas sociais empolgantes, já estará com o caminho quase inteiramente assegurado. Infelizmente, há fôrças que alimentam o ceticismo, a sensação de abandono e a falta de real comunicação com seus semelhantes. Por desconfiança, mêdo ou falta de oportunidade, acabam por cerceir-lhe a aspirada, agradável e sadia sensação de completa integração com a vida. Esquece que para sentir alegria não é necessário chegar ao cúmulo do sensacionalismo paroxístico. Esquece, e muitas vêzes tem razão, que a fôrça dispendida para subir à tona de um mundo que se massifica cada vez mais, aos poucos o leva para onde deveria ir. Esquece que essa mesma energia disperdiçada em vaidade, superficialidade e aparente solidez pode ser aproveitada de modo útil para si e para os semelhantes. Esquece, ou não sabe, que a felicidade é o dom de saber se construir e viver contribuindo para a melhoria do todo. Sim, esquece, ou não sabe, muitas coisas. Mas como não esquecer ou aprender se lhe falta alguém para fazer sobreviver apenas o lado positivo, a confiança, fé, coragem, dando os elementos a fim de formar o sentido de vida adequado? O que aprende é o que vê e ouve. E o que vê e ouve, sem o devido contrôle, parece ter a única preocupação de distorcer-lhe a subjetividade. Quando clama por idealismo, benevolência, quando se entusiasma pelos temas sociais, a resposta se apresenta, quase sempre, trazendo no conteúdo latente a decepção. Não tem mais, como há décadas atrás, um mundo formal em relação ao qual os primeiros passos de iniciação eram os piores. Depois tudo se ajeitava. Hoje, não. O meio ao qual se tem de adaptar é movediço. Renova-se de momento a momento. Não se apercebe por ter ainda possibilidades para uma visão harmônica do todo. E sente-se incapaz de não ver a cisão, de olhá-lo como unidade. Se êle próprio não tem ainda sua unidade assegurada?

Não há, evidentemente, que condenar só o meio ou apenas o indivíduo. É necessário que compreenda que a cultura é móvel. Por outro lado, aquêles que o educam devem fazê-lo não só com êsse objetivo, mas na firme convicção de que tudo é possível, positivamente, para o ser humano, fornecendo-lhe as bases para neutralizar o ceticismo, a falta de objetivo e a de compreensão.

Prof. Reginald Milori

DEZESSETE ANOS DE CAp.

Não podemos deixar de expressar alguma coisa sôbre a passagem do aniversário do colégio e isto porque êle é uma grande parte de nossas vidas.

Muitas modificações ocorreram nesses anos todos no colégio, algumas para melhor, outras para pior.

Mas nos seus 17 anos, desde as salas na Fundação Getúlio Vargas e o velho casarão da Praça São Salvador, até o prédio atual na Lagoa, tem existido a mesma amizade entre tôda sua gente. alunos, professôres, funcionários e licenciandos.

Tôdas as pessoas do CAp, particularmente nós alunos, devemos dar uma contribuição cada vez melhor ao colégio, pois nós podemos levar em conta as experiências por que passaram antigos alunos. Por esta experiência adquirida, devemos tomar cada vez mais consciência do que recebemos e do que damos ao colegio.

O CAp. nos dá objetivos, faz com que vivamos bastante em função dêles. E isto é importante pelo fato de nos dar mais sentido na vida. Muitas vêzes a juventude em geral não dispõe de objetivos nem do que fazer que a satisfaça e escapa por meios de revolta e delinqüência e sofre frustrações.

O colégio pode ser para nós um instrumento de *luta*, onde sentimos que com nosso trabalho, criamos alguma coisa. E isto depende muito de nós próprios.

A FORJA

Orgão oficial do GOCn do Colégio de Aplicação da FNFi.

Diretor:
José Sérgio Leite Lopes

Equipe:
Carlos Bernardo Vainer
Franklin Martins
José Ricardo Pinheiro
Mário Tinoco da Silva
Rafael Mira y Lopez

Fotógrafo:
Pedro Alcântara

Dep. Artístico
Marco Antônio Pereira

COLÉGIO INTEIRO COLABOROU NA FESTA DE S. JOÃO

A idéia de entregar a organização e direção das barracas às turmas, realmente ultrapassou à expectativa, quando posta em prática na nossa festa junina. O nôvo sistema trouxe um espírito de concorrência esportiva, um compromisso de tôdas as turmas no sentido de trabalhar e permitiu que o Setor Social do GOCn concentrasse seus esforços em outras atividades de caráter mais geral.

MANHÃ

Na parte da manhã, além do jôgo realizado contra o Rio de Janeiro, disputou-se uma gincana. Esta foi vencida por dois colegas do 1º ano ginasial A: Ricardo e Teresa.

Mais uma vez, mostramos a nossa fôrça no futebol de salão, ajudados por uma torcida inflamada, derrotando o Rio de Janeiro por 7x5, goa's de Carlos (3), Cid (2) e Luisinho (2). Entre êles, destacou-se o nosso sexto gol, nascido de uma espetacular tabelinha entre Cid e Luisinho. Nossa equipe formou com: Afrânio (Togo), Cid (Eduardo), José Sérgio (José Carlos), Carlos e Luisinho (Cid).

NOITE

Às 17:00 hs. as barracas começaram a funcionar. Umas de alimento — doces e salgadinhos, milho cozido, salsichão e churrasquinho, cachorro quente, além dos doces e salgados de uma baiana — outras barracas de jogos e diversões — pescaria, tiro ao a'vo, porquinho da Índia, quebra-pote, rifas, autorama, poquerola e tiro à bôca do palhaço, esta brincadeira, promovida pelo 3º B, foi a que mais arrecadou, o que, acrescentado à beleza e ao entusiasmo da barraca desta turma, valeu-lhe o primeiro lugar no concurso promovido pelo GOCn.

Às 20:00 hs. iniciou-se a quadrilha, sendo seguida pela festa dançante, que se prolongou até às 23:00 hs.

PREPARAÇÃO

Perto de 1.200 pessoas compareceram à nossa festa junina. Por aí, quem não veio pode calcular o êxito alcançado. Conseguimos vender tudo, até o porquinho da Índia, mas isso não é o importante. O principal é que todos gostaram da festa, ninguém saiu reclamando. E mais importante, ainda, foi o contacto conseguido entre os alunos, através do trabalho de equipe, antes e durante a festa. Aliás, é cada vez maior o número de colegas que traba'ha na preparação das atividades do Grêmio, descobrindo que o trabalho desenvolvido nestas ações é extremamente agradável, divertido, pontilhado de fatos pitorescos e engraçados. Por exemplo: o pessoal do 3º científico, para arranjar bambu para ornamentar a sua barraca, quase pula um muro, o que não se deu, pois a'guns dêles argumentaram que era melhor bater à porta, porque "pegava" menos mal. A maioria concordou com a idéia, pois o muro era bastante a'to. Deram a volta, e quando iam tocar a campainha, leram uma placa com os dizeres: "Consulado da Índia". Mais um pouco e teríamos alunos do CAp nas manchetes dos jornais por terem invadido e saqueado território estrangeiro.

A nossa grande decepção, contudo, foi quando a Márcia, (2º-ci) após ter ganho o porquinho da Índia no sorteio, deu-o de presente. Já contávamos com o convite para um jantar diferente no dia seguinte, o que havia feito o Afrânio mostrar uma alegria poucas vêzes vista em algum aluno do CAp.

Deixamos para o final um fator que consideramos o principal: a afluência do chamado elemento feminino. Esperamos que tôdas as festas a se realizarem no CAp contem com igual prestígio e participação.

ASTRUD VISITA CAp.

Sábado, dia 14 de agôsto, tivemos a visita de Astrud Gilberto, ex-capiana, que atingiu a fama nos Estados Unidos graças aos conhecimentos de Inglês que adquiriu no velho C.Ap. da Praça S. Sa'vador, e, é claro, graças a uma linda voz e muito balanço.

Depois de responder a a'gumas perguntas, como é de praxe, foi-lhe pedido que cantasse. Negou-se a princípio, alegando estar com a garganta inflamada, mas não resistiu à aclamação dos alunos e cantou seus principais sucessos no exterior.

Astrud agradou pela espontaneidade, pela voz carinhosa e, afina', pela originalidade, pois ao que nos consta, nenhuma vez se apresentou no C.Ap. valor artístico de alta expressão que tenha passado pelo Colégio como um de nós.

a CURSO ÁESSE

VESTIBULARES:
C. ECONÔMICAS
C. CONTÁBEIS
C. ESTATÍSTICAS
C. ATUARIAIS

1964
1965

MAIS DA METADE DOS CANDIDADOS APROVADOS FORAM NOSSOS ALUNOS

Direção: Arnaldo Struzberg

CENTRO
RUA DAS MARRECAS, 33 - 7.º andar
Tel. 42-5898

COPACABANA
AV. COPACABANA, 928 - S/602
Tel. 36-6736

DISC 159
P059

RESENHA DO GRÊMIO

franklin martins

Após, pràticamente, dois meses e meio de período letivo de gestão, esta é a primeira vez que a diretoria do Grêmio Odylo Costa, neto, vem, através de um dos seus órgãos de contato com os alunos, dar uma satisfação sôbre a situação geral do GOCn. Espero, agora, em cada FORJA (até o fim do ano ainda editaremos mais três) fazer uma resenha das atividades promovidas pelo Grêmio, com o intuito não só de mostrar o que fizemos, mas também o de abrir cada vez mais o GOCn para o conhecimento e participação dos alunos.

Ninguém desconhece que êste ano esta participação é muito mais efetiva do que antes. Os alunos do CAp, talvez pela primeira vez, entraram maciçamente para os quadros de trabalho do Grêmio, e vêm fazendo dêle um órgão cada vez mais ativo. Contudo, apesar dos progressos, tudo ainda está muito longe do ideal. Ainda existem colegas que não colaboram nem ajudam em quaisquer programações realizadas pelo GOCn.

Talvez, êstes colegas que não vivem o nosso Grêmio, sejam aquêles a quem eu, realmente, deva endereçar esta resenha, para que possam descobrir, como a maioria do CAp já descobriu, que as atividades do GOCn são promovidas pelos alunos e para êles, e que a melhor forma de amar o nosso colégio é de se entender com todos os colegas é através do Grêmio Odylo Costa, neto. Bem, mas vamos à resenha. Setor por setor, eis o que o GOCn tem feito.

SETOR ESPORTE

Além de dar seqüência aos campeonatos internos de futebol de salão, volei e basquete, a atual equipe de esportes iniciou o campeonato para os 1º e 2º anos ginasiais, séries que estavam ameaçados de não participarem de qualquer certame, devido a coincidência de horários com a extra-classe, transferindo os jogos para o clube Carioca. Além disso, participamos brilhantemente das II Olimpíadas da Lagoa, sagrando-nos campeões em futebol e vice e basquete, resultado de um intenso treinamento promovida pelo setor, que vem prosseguindo visando à conquista da Taça Estácio de Sá (uma espécie de campeonato carioca de colégios). Ainda estamos promovendo a visita de vários times ao colégio, com o intuito de apresentar seguidamente o time do CAp para a sua torcida. Nos Jogos Infantis, fomos campeões em xadrez e judô, e a nossa colocação geral foi excelente.

SETOR CINEMA

Êste setor que, geralmente, tinha uma existência puramente simbólica no GOCn vem realmente seguindo à risca o programa traçado pela atual diretoria de passar um filme de alto nível por semana. Além de filmes de caráter recreativo, de desenhos e documentários, já foi realizado o ciclo de cinema norte-americano. Tôdas essas seções de cinema têm sido bastante assistidas, e antes delas são distribuídas apostilas sôbre o filme, visando dar ao capiano um mínimo de cultura cinematográfica.

SETOR TEATRO

O Setor Teatro depois de ter apresentado o "Inglês Maquinista", vem atualmente procedendo à escolha de uma peça para ser apresentada ainda êste ano pelo TACAp. Também vem promovendo a entrada de elementos novos na sua equipe, através da experiência cada vez mais grata do laboratório de teatro, escola de formação de excelentes atôres amadores para o CAp. Falhas, contudo, registram-se neste setor, pois as entradas com desconto prometidas pela atual diretoria não têm sido obtidas com regularidade.

SETOR CULTURAL

Êste setor, devido à sua criação recente, ainda não apresentou um número muito grande de atividades. Contudo, elas serão efetivadas ainda êste mês. Entre as suas realizações podemos citar as conferências realizadas e o Curso de Jornalismo. Após a estruturação dêste setor, suas promoções serão logo notadas, e peço para elas um especial incentivo, a fim de que o setor possa render mais. Prova da estruturação por que passa o Setor Cultural é o recente questionário respondido pelos alunos do CAp, que nêle mostraram o que esperam dêste nôvo departamento do Grêmio.

SETOR MUSICAL

O Setor Música, geralmente, mostrava-se apenas preocupado com o Orfeão. É verdade que eram realizadas noites de música. Este ano, o Setor Música já promoveu uma tarde de bossa nova, e um encontro da cantora internacionalmente consagrada Astrud Gilberto com o CAp, em uma apresentação que foi a única no Rio de Janeiro. Já estão sendo formados os conjuntos de música erudita e popular do CAp, e brevemente serão iniciados os ensaios, para que ainda êste ano possam, êstes conjuntos, se apresentarem para os alunos do colégio.

SETOR SOCIAL

Infelizmente, a primeira atividade promovida por êste setor foi bastante tumultuada, o que provocou uma certa quebra do ritmo de trabalho do setor. A festa junina promovida por êle, um dos maiores sucessos atingidos pelo GOCn até hoje, no entanto, mostrou ao CAp que ainda pode realizar muita coisa. As excursões vêm sendo promovidas mensalmente, conforme o programa da atual diretoria discriminava.

SETOR MURAL

Após um início que, reconhecemos, foi bastante fraco, êste setor vem procurando realizar o programa mínimo da atual diretoria, e esperamos que o consiga para que possa entrosar-se dentro do atual espírito de trabalho do Grêmio. A boa vontade da equipe do setor, que se tem mostrado bastante accessível às críticas formuladas pelos outros elementos do GOCn, e a capacidade de vários dos seus elementos, faz-me esperar uma ascensão no nível e uma regularidade maior na mudança dos artigos do mural.

A FORJA

A FORJA vive problemas que a maioria do colégio desconhece, mas que no entanto não vão impedi-la de editar mais três números até o final do ano, sempre dentro daquele nível que vem caracterizando a FORJA dos últimos anos. Além disso, em colaboração com o Setor Cultural promoverá o Curso de Jornalismo, com o que pretende ampliar a sua equipe. Um dos problemas mais sérios pelos quais atravessa a FORJA é a falta de anúncios. Se algum aluno do colégio tem possibilidade de consegui-los poderia colaborar, entrando em contato comigo, ou com o diretor da "A FORJA", o José Sérgio.

OBRAS

Além dêstes setores, existem outros três que têm por função promover ou facilitar tôdas as atividades do GOCn: o setor de Relações Públicas, o de Propaganda e a Radiofonia, que vem executando a sua tarefa com um saldo bastante positivo. As atividades de sábado, tais como pingue-pongue, xadrez, botão, dama, totó, etc., foram dinamizadas, o que vem provocando uma permanência de um número bem grande de alunos no colégio aos sábados, depois das aulas.

O espêlho do vestiário das meninas sòmente espera a entrega da moldura, que está sendo feita pela cadeira de Trabalhos Manuais, para ser colocado. Existem possibilidades bastante grandes de ampliação dos vestiários, e disso o Grêmio vem cuidando com o maior carinho. Além dessas obras, a atual diretoria do GOCn realizará outra, estando entre a construção das arquibancadas ou a instalação de uma sala de educação física, sendo que esta última alternativa vem sendo apoiada pela coordenação de Educação Física, Prof. Barbosa.

Em suma, o Grêmio vem trabalhando. Isto não quer dizer que êle está fazendo tudo, mas está dando o máximo, e a colaboração que os alunos vêm prestando às suas atividades é uma demonstração de que o CAp não está alheio a isso. Esta colaboração só tem servido de incentivo, que só fará, tenho certeza, com que a atual equipe do Grêmio Odylo Costa, neto, possa realizar uma grande parte dos sonhos de todos os capianos.

CURSO VESTIBULAR C.O.S.

O Curso Líder das Secções de Engenharia, Arquitetura e Química, *agora também com a Secção de Economia*, com a mesma eficiência das demais secções.

TURMAS INTENSIVAS

ECONOMIA
— Início em Setembro

ENGENHARIA
ARQUITETURA
QUÍMICA
— Início em Outubro

BELAS ARTES
— Início em Setembro

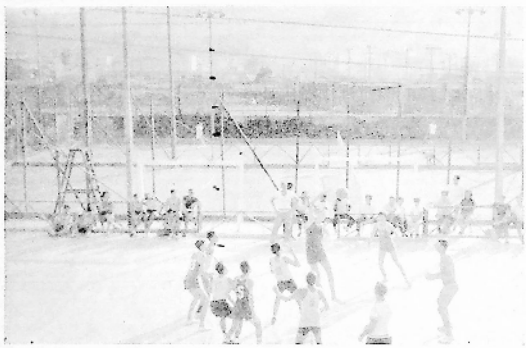
Informações

Sede (Centro)
Av. Presidente Wilson, 210
Secretaria: 4º andar
Tel. 52-8659

Secção Sul (Filial)
Av. N. S. Copacabana, 1.226
Edifício Nicácio
Posto 6

esporte

cap disputará campeonato carioca de colégios



CAp foi vice-campeão da Lagoa em basquete

cap é campeão da lagoa em futebol de salão

Tivemos em fins de maio a realização das Olimpíadas da Lagoa, reunindo vários colégios do bairro. Este ano, os Jogos tiveram uma importância tôda especial, pois os dois primeiros colocados em cada esporte representarão a Região da Lagoa num campeonato que abrangerá todo o Estado. O CAp participou em Futebol de Salão, Basquete e Voltbol, logrando classificar-se nos dois primeiros.

Em Futebol de Salão, após duas partidas duríssimas, sagrando-se campeões, Jogamos primeiro com o Colégio Rio de Janeiro, vencendo por 2x1 (gols marcados por Cid e Carlos), numa partida ardorosamente disputada, em que houve inclusive alguns lances mais ríspidos de parte a parte. O jôgo decisivo contra o Colégio Santo Agostinho transcorreu num clima muito nervoso e terminou 0x0. Foi uma partida um tanto présa em que nenhum dos times, queria se expor. De acôrdo com regulamento do tôrneio, houve decisão por pênaltis e vencemos por 3x2, sendo nossos pênaltis cobrados por Cid. Nesse dia, o CAp contou com uma enorme torcida, já que as turmas de 1.º e 2.º anos foram praticamente em pêso ao Ginásio do Flamengo. Jogaram pelo CAp.: Afrânio (3.ºCi), Cid (2.º Ci), José Sérgio (2.º Ci), José Carlos (2.ºCi) e Carlos (2.ºCi), entrando depois Eduardo (2.ºCi) no lugar de José Carlos.

No Basquete, apesar de estarmos com uma excelente equipe, não conseguimos o título. Enfrentamos inicialmente o Colégio Rio de Janeiro, num jôgo que não nos foi difícil e que vencemos por uma boa margem de pontos. Fizemos então a final com a Escola Americana numa partida dramática, quando comandamos o marcador durante grande parte do jôgo, cedendo à derrota sòmente nos últimos momentos. Faça-se justiça porém aos americanos, que realmente mereceram a vitória, pois apresentaram um quadro melhor armado e com grande noção de conjunto, se bem que individualmente inferior ao nosso. Atuaram: José Antônio (2.ºCi), Erico (4.ºCi), Renato (1.ºCiB), Sérgio (2.ºCi) e Gilberto (1.ºCiB), entrando mais tarde Maurício (1.ºCi) e Milazzo (2.ºCi).

Já no Voltbol, não fomos felizes no sorteio da tabela, pois jogamos a primeira partida contra a melhor equipe do torneio, a do Colégio Rio de Janeiro, que era na verdade, a única superior à nossa. Mas embora derrotados, fizemos uma boa figura. Atuaram: Marcos Tenenbaum (1.ºCi), José Antônio (2.ºCi), Mauro (3.ºCi), Paulo César (2.ºCi), Ari (2.ºCi) e José Carlos (2.ºCi), entrando depois João Sérgio (1.ºCiB).

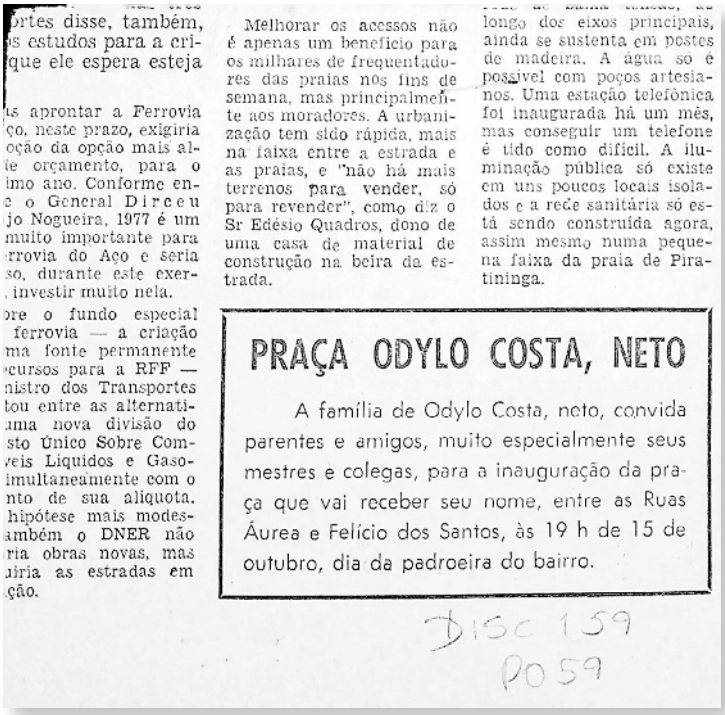
Gostaríamos entretanto de fazer uma crítica ao sistema empregado na classificação. Se o principal objetivo era selecionar dois times para representar a Região, nunca poderia ser feita esta seleção pelo método de eliminatória simples, pois com muita facilidade acontece das duas melhores equipes se encontrarem antes da partida final e nesse caso, a perdedora é automàticamente desclassificada.

Agora no 2.º semestre, em setembro, disputaremos o campeonato estadual Estácio de Sá, concorrendo ao título de campeões colegiais de todo o Estado. As equipes já começaram o treinamento para o campeonato.

Esperamos a grande colaboração do "6.º jogador" — a torcida capiana — que tem incentivado grandemente seus jogadores com seus gritos de guerra clássicos: 'Capião, campeão"; "Ah! Que Azar..."; 'Não faz mal, não faz mal, isto é muito natural", etc.



jôgo contra o col. R. de Janeiro (ver pág. 6)



ortes disse, também,
os estudos para a cri-
que ele espera esteja

ıs aprontar a Ferrovia
ço, neste prazo, exigiria
ção da opção mais al-
te orçamento, para o
imo ano. Conforme en-
e o General Dirceu
jo Nogueira, 1977 é um
muito importante para
rrovia do Aço e seria
so, durante este exer-
, investir muito nela.

ore o fundo especial
ferrovia — a criação
ma fonte permanente
cursos para a RFF —
nistro dos Transportes
tou entre as alternati-
ıma nova divisão do
sto Único Sobre Com-
veis Líquidos e Gaso-
imultaneamente com o
nto de sua alíquota.
hipótese mais modes-
ambém o DNER não
ria obras novas, mas
iria as estradas em
ção.

Melhorar os acessos não é apenas um benefício para os milhares de frequentadores das praias nos fins de semana, mas principalmente aos moradores. A urbanização tem sido rápida, mais na faixa entre a estrada e as praias, e "não há mais terrenos para vender, só para revender", como diz o Sr Edésio Quadros, dono de uma casa de material de construção na beira da estrada.

longo dos eixos principais, ainda se sustenta em postes de madeira. A água só é possível com poços artesianos. Uma estação telefônica foi inaugurada há um mês, mas conseguir um telefone é tido como difícil. A iluminação pública só existe em uns poucos locais isolados e a rede sanitária só está sendo construída agora, assim mesmo numa pequena faixa da praia de Piratininga.

PRAÇA ODYLO COSTA, NETO

A família de Odylo Costa, neto, convida parentes e amigos, muito especialmente seus mestres e colegas, para a inauguração da praça que vai receber seu nome, entre as Ruas Áurea e Felício dos Santos, às 19 h de 15 de outubro, dia da padroeira do bairro.

Disc 159
P059

22

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 Disc 160
EDIÇÃO: A Forja (nº 3/"1965")
DATA: 1/10/1965

A capa desta edição anuncia que o número contará com a colaboração dos dois maiores "homens de cultura brasileiros": Otto Maria Carpeaux e Alceu Amoroso Lima. Além disso, exibe fotos dos homenageados do ano (uma professora, um colega e uma licencianda) e divulga o I Curso de Jornalismo Estudantil do Colégio de Aplicação, promovido pelo Setor Cultural do grêmio. Em *TACAp: do tamanho de um defunto*, há informações sobre o ensaio e a data de apresentação da próxima peça do Teatro Amador, com elogios aos esforços do grupo. O artigo *O dever* exibe o que uma aluna considera ser seu dever na sociedade. A *feitura da Forja* explica o longo processo de montagem do jornal. Já O *vagaroso ônibus* é uma crônica sobre o cotidiano na cidade escrita por um aluno. Otto Maria Carpeaux redigiu a matéria *Estudantes secundários* sobre a importância do universalismo cultural próprio da escola secundária e do ensino de Sociologia e Ciência Política. O texto *Ensino brasileiro e mensagem ao capiano*, escrito por Alceu Amoroso Lima, analisa o sistema educacional, apresenta possíveis soluções para o problema da universidade e encerra com uma mensagem aos capianos. Em *Professor Darcy escreve livro*, há uma entrevista a esse docente. Já o artigo *O problema da universidade* traz uma adaptação do livro *Ciência e desenvolvimento*, do professor José Leite Lopes, e discute sobre diversos pontos negativos presentes nas universidades brasileiras. Este número conta com algumas seções: primeiro, na seção de *Humor*, há alguns desenhos; na de *Esporte*, é comentado sobre o resultado de alguns torneios internos e externos disputados pelos times de basquete e de futebol de salão do CAp; e na de *Cinema*, o jornal destaca os filmes e curta-metragens apresentados nos encontros do cineclube do colégio. Por último, um professor, no texto *Relações afetivas entre adolescentes*, trata do início da juventude, a definição de sentimentos, a necessidade de afirmação e a finalidade do namoro.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO OLAVO COSTA-NETO

Nº 1 — Outubro de 1960

CARPEAUX E AMOROSO LIMA escrevem para a FORJA

Êste número de A FORJA conta com a colaboração de dois dos maiores homens de cultura brasileiros: o Prof. Alceu Amoroso Lima e Otto Maria Carpeaux. Êles fizeram, a nosso pedido, artigos especialmente para nosso jornal.

Otto Maria Carpeaux, jornalista, crítico literário, comentarista político, ensaísta, etc., fêz o artigo "Estudantes Secundários", página 1.

Alceu Amoroso Lima, professor de literatura da F.N.Fi., membro da Academia Brasileira de Letras, pensador católico e comentarista político, desenvolveu perguntas feitas por nós, o que resultou no artigo "Ensino Brasileiro e Mensagem ao Capeano", página 5.

A FORJA deve editar, na maior parte de suas páginas, artigos, criações do aluno do CAp. Entretanto, deve escolher e trazer também a mensagem de homens e educadores que êles têm a nos dar.

Assim é que os artigos do Prof. Amoroso Lima e do sr. Carpeaux relacionam-se a assuntos diretamente ligados a nós estudantes. O objetivo de A FORJA é apresentar os valiosos ensinamentos e conselhos dos dois. Estas experiências estão abertas a espíritos jovens, pois sem idéias e, mais particularmente, seus artigos, expressam as ansias dos estudantes, dos jovens.

Professôra do Ano



De ELLA

Colega do Ano



ARIANO

CURSO DE JORNALISMO

O Setor Cultural do Grêmio Olavo Costa, êste, vem promovendo, juntamente com a FORJA, o I Curso de Jornalismo Estudantil do Colégio de Aplicação. As aulas estão sendo dadas por alunos do colégio que já têm alguma experiência em matéria de jornalismo e bem contam com uma frequência média de 25 pessoas, número bastante elevado se considerarmos que o horário das aulas — sábado à tarde — não é nos mais práticos.

O curso pretende formar novos quadros para A FORJA, dentro da linha de renovação e ampliação por que passa o GOCA, devendo encerrar-se em fins de novembro.

TACAP:

Do tamanho de um Defunto

Após morrer, no início do ano, a peça "O Inglês Maquinista", de autoria de Martins Pena, o Teatro Amador do Colégio de Aplicação vem ensaiando um novo texto para apresentar ao Capi. Trata-se da peça "Do Tamanho de um Defunto", de Millôr Fernandes (Vão Gogo), na qual o autor procura, através da sátira, ensinar que o medo é um problema da coletividade.

Os ensaios que vêm sendo dirigidos pelo prof. Isabel Ribeiro, estão sendo muito intensificados, agora, restando à escrita.

A primeira apresentação para o CAp já está marcada para o dia 3 de novembro.

Pela primeira vez, desde a sua criação, o TACAp sairá duas peças naquele mesmo ano. E, portanto, era vitória que merece, além de registro, um aplauso especial da FORJA e dos alunos do CAp. As dificuldades que estão sendo vencidas pelo grupo de teatro amador, nada mais vez, que vão lhe tirando as capacidades de realizar do aluno do CAp. Demonstram, também, um esforço que precisa ser reconhecido como alentador e inspirador.

DIA DO MESTRE

No sexto de 15 de outubro, D. Ella Gomart, diretora Geral do C. de Aplicação, elevou a dar entre seus alunos, professores, coleg e funcionários do seu, muitos com Agradecimento.

RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE OS ADOLECENTES pág. 7
O PROBLEMA DA UNIVERSIDADE pág. 4
O FACAVIÃO pág. 6
O DEVER pág. 2
O VAGAROSO ÔNIBUS pág. 2

O DEVER

Núria Mira y López

Aprendi a noção do dever quando me dei conta de que a realidade não era "eu" e sim "todos". Essa foi a descoberta mais maravilhosa que já fiz e, provavelmente, saber viré-la será a função de minha vida. Descobri que a felicidade não reside interiorizando dentro de cada um e sim na nossa realização no próximo, ao saber dar ao mesmo tempo que sabes ser receptivo ao mundo que nos cerca implica na consciência do que somos e do que queremos. Encarando a vida sob êste prisma, o dever não constitui uma obrigação, algo que um é impelido, porém uma necessidade, convertendo-se na vivência de um ideal. É' desta forma que eu entendo o dever: seu cumprimento sempre vistas formas. Desde muito cedo, no entanto, compreendi que todo êle se baseava em uma única vigamestra: o amor.

Vivi sempre cercada pelo carinho e pela ternura, e minha educação baseou sempre na compreensão mútua. Acho que por isso compreendi de forma tão imperiosa a fraternidade, a solidariedade, o desejo de comunicação entre os homens. Meu dever é, portanto, fundamentalmente, saber conviver, compartir, revoltar-se contra a injustiça, rebelar-me contra a opressão, lutar pela igualdade entre os homens. Para ser digna de meu pai, que foi um grande humanista, tenho de ter sempre presente a certeza de que um mundo mais justo consistirá em destruir, criar que ser insensível ao que sofre, amar que odiar. E' por isso que transformei meu dever numa alegria; porque tenho fé no amanhã, porque acredito nos homens.

●

LICENCIANDA DO ANO



Magali Oliveira

A FEITURA DA FORJA

A FORJA é um tablóide de somente oito páginas. Sua tiragem é pequena: setecentos exemplares. Geralmente servente três ou quatro números são feitos por ano. Especifica-se: é um jornal colegial.

Apesar disto, A FORJA dá bastante trabalho para ser feita. Sendo um jornal colegial, o dinheiro reservado para sua feitura é mínguado. Devido a isto e ao pequeno número de exemplares (não podendo ser feita em máquinas rotativas que exigem número elevado de exemplares) ela leva cêrca de vinte dias na gráfica antes de ficar pronta. Consequência disto é que, não podendo ser noticioso (atraso das notícias), é um jornal principalmente formativo. Vejamos como se faz uma FORJA depois que tôda sua matéria está pronta e datilografada.

A primeira coisa que fazemos é a escôlha dos tipos de letras que desejamos para cada artigo. A matéria fica, então, cêrca de uma semana na gráfica, sendo composta. Depois disto, recebemos, em tiras de papel, duas cópias de cada artigo. Em uma destas cópias corrigimos os erros da gráfica. As outras cópias são recortadas do papel em que estão e com elas fazemos a paginação, que diner, espaçamos os artigos, fotos, desenhos, etc., onde queremos, colocando-os em oito fôlhas de papel almaço. O passo seguinte é mandarmos as fotos e desenhos para uma clicheria onde levam três a quatro dias para ficarem prontos. Levamos, então, os clichês, a paginação e a correção dos erros tipográficos de volta à gráfica, e alguns dias depois recebemos as provas da paginação, para outra revisão. Em seguida o jornal será impresso e poucos dias depois estará circulando no CAp.

Êste é um esfôrço que nasceu se aperfeiçoado por mais alunos. A satisfação de vermos um trabalho criador nosso realizado é grande. O trabalho dispendido tem como compensação que a experiência adquirida será compreendida da formação que recebemos nestes anos.

O VAGAROSO ÔNIBUS

O ônibus tá numa espécie de vida pelas ruas. O cobrador, calmamente sentado, conta um cigarro fra uma das mãos e escuta a orelha com a outra. Passa mais um gôrro o motorneiro, no limite de tôda a sua potência, correr mais.

Os passageiros daquele ônibus, espalhados pelos bancos, vai dum jornal ao outro, vão um motorista. Um dêles, muito nervoso, não fazia isso: assobiava Tico-Tico no Fubá. No terceiro banco da um indivíduo interessante. Creio que era estrangeiro, pois quase todos já estavam olhando. Certa hora, só porque o motorista ligou o vidente, êle deu um pulo de três metros acompanhado de um berro e gaguejou, apontando para frente com uma expressão de quem estivesse em apuros:

— Ooo ... olha o o ... o ponto ...

O motorista olhou e disse: — Tá longe ainda.

De qualquer maneira, creio que êle deu alguma atenção ao estrangeiro, pois em vez de desviar com o pé, êle segurou o direção com as mãos. De repente um outro atravessa no caminho. Achou que outro atravessa no caminho. Achou que outro atravessa na capota do ônibus, a julgar pelo barulho que ouvi depois, ouvi um ligeiro latejo, sentou silenciosamente. Creio que êle ainda está dentro do canal.

Depois de uma longa demora de cinco minutos, para ir da rótula ao Leblon, chegamos ao fim da linha. O chofer, cansadíssimo, pediu desculpas por ter ultrapassado, ...

P. S. ... Ainda mais ainda me lembro muito vagaroso.

Fernando Pecegueiro do Amaral
1.º ... ginasial

A FORJA

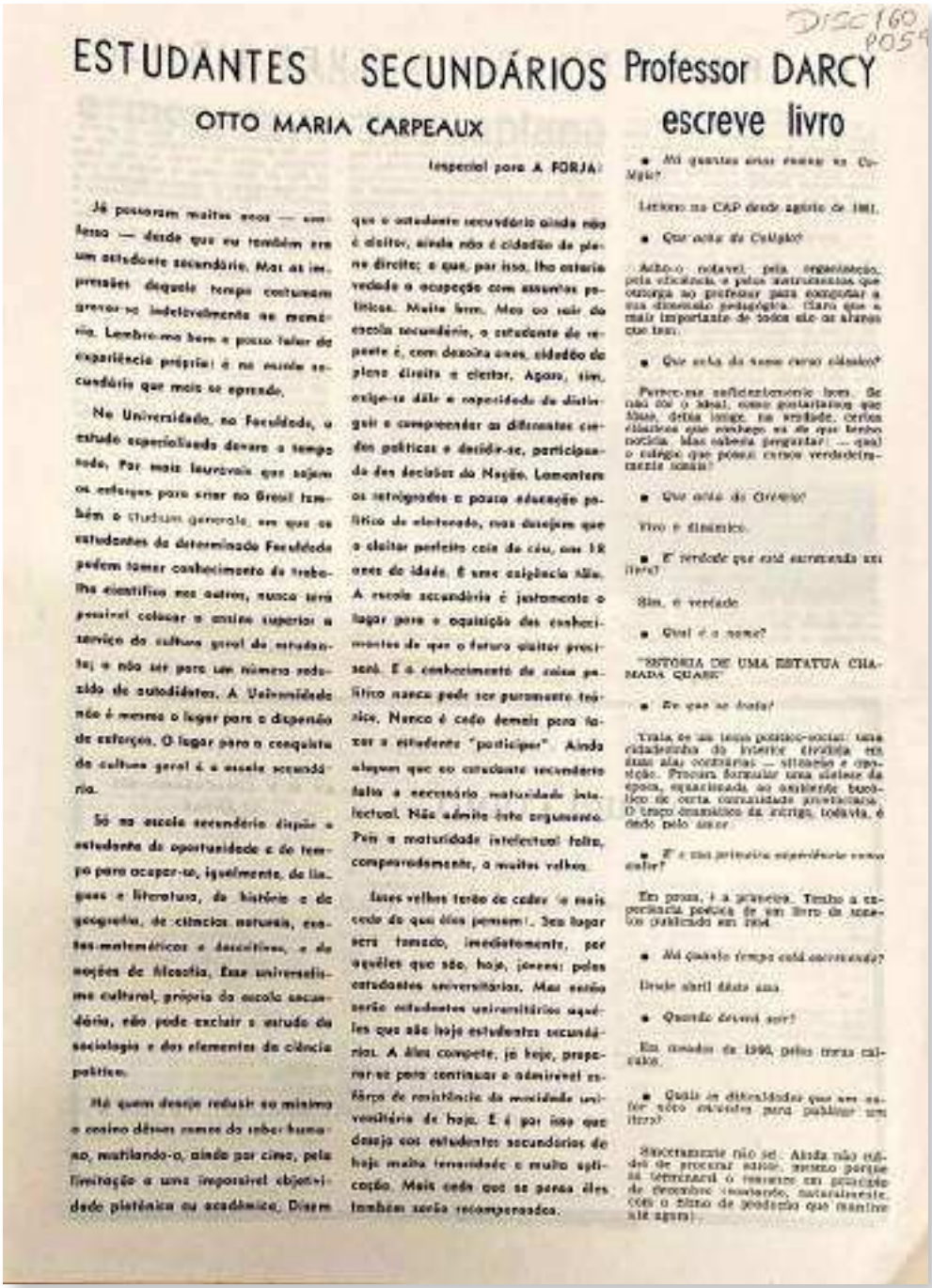
Orgão oficial do GOCn do Colégio de Aplicação da FNFi

Diretor:
José Sérgio Leite Lopes

Equipe:
Carlos Bernardo Vainer
José Ricardo Pinheiro
Maria Tiseco da Silva
Rafael Mira y López

Fotógrafo:
Pedro Alcântara

Desenho:
Marco Antônio Pereira



ESTUDANTES SECUNDÁRIOS

OTTO MARIA CARPEAUX

(especial para A FORJA)

Já passaram muitos anos — confesso — desde que eu também era um estudante secundário. Mas as impressões daquele tempo costumam gravar-se indelevelmente na memória. Lembro-me bem e posso falar de experiência própria: é no ensino secundário que mais se aprende.

No Universidade, na Faculdade, o estudo especializado deverá ocupar todo. Por mais louváveis que sejam os esforços para criar no Brasil também o studium generale, em que os estudantes de determinada Faculdade podem tomar conhecimento do trabalho científico nos outros, nunca será possível colocar o ensino superior a serviço da cultura geral do estudante; e não ser para um número reduzido de autodidatas. A Universidade não é mesmo o lugar para o dispêndio de esforços. O lugar para a conquista da cultura geral é a escola secundária.

Só na escola secundária dispõe o estudante de oportunidade e de tempo para ocupar-se, igualmente, de línguas e literatura, de história e de geografia, de ciências naturais, exatas-matemáticas e descritivas, e de noções de filosofia. Esse universalismo cultural, própria da escola secundária, não pode excluir o estudo da sociologia e dos elementos da ciência política.

Há quem deseja reduzir ao mínimo o ensino dessas coisas do saber humano, mutilando-o, ainda por cima, pela limitação a uma impossível objetividade platônica ou acadêmica. Dizem que o estudante secundário ainda não é eleitor, ainda não é cidadão de pleno direito; e que, por isso, lhe estaria vedado o ocupação com assuntos políticos. Muito bem. Mas ao sair da escola secundária, o estudante de repente é, com dezoito anos, cidadão de pleno direito e eleitor. Agora, sim, exige-se dêle a capacidade de distinguir e compreender as diferentes correntes políticas e decidir-se, participando das decisões da Nação. Lamentam os retrógrados o pouco educação política do eleitorado, mas desejam que o eleitor perfeito caia do céu, aos 18 anos de idade. É uma exigência tôla. A escola secundária é justamente o lugar para a aquisição dos conhecimentos de que o futuro eleitor precisará. E o conhecimento de coisa política nunca pode ser puramente teórico. Nunca é cedo demais para fazer o estudante "participar". Ainda alegam que os estudantes secundários falta a necessário maturidade intelectual. Não admito êste argumento. Pois a maturidade intelectual falta, compreensivelmente, a muitos velhos.

Esses velhos terão de ceder o mais cedo do que êles pensem! Seu lugar será tomado, imediatamente, por aquêles que são, hoje, jovens: pelos estudantes universitários. Mas serão serão estudantes universitários aquêles que são hoje estudantes secundários. A êles compete, já hoje, preparar-se para continuar o admirável esfôrço de resistência da mocidade universitária de hoje. E é por isso que desejo aos estudantes secundários de hoje muita seriedade e muita aplicação. Mais cedo ou se penso êles também serão recompensados.

Professor DARCY escreve livro

• Há quantos anos exerce no Colégio?

Lecionou no CAP desde agôsto de 1961.

• Que acha do Colégio?

Acho-o notável pela organização, pela eficiência e pelos instrumentos que outorga ao professor para conquistar a sua dimensão pedagógica. Claro que a mais importante de todos eles os alunos que têm.

• Que acha do nosso corpo docente?

Parece-me suficientemente bom. Se não fôr o ideal, como gostaríamos que fôsse, deve longe, na verdade. Certos elementos que vinham ao de que temos notícia. Mas cabeça pesquisar! ... qual o colégio que possui corpos verdadeiramente sonia?

• Que acha do Governo?

Vivo e dinâmico.

• É verdade que está escrevendo um livro?

Sim, é verdade.

• Qual é o nome?

"HISTÓRIA DE UMA ESTATUA CHAMADA QUASE"

• De que se trata?

Trata-se de um tema político-social: uma cidadezinha do interior dividida em duas alas contrárias — situação e oposição. Procura formular uma síntese da época, equacionada ao ambiente bucólico de certa comunidade provinciana. O tempo dramático da ação, todavia, é dado pelo amor.

• É esta primeira experiência nesse gênero?

Em prosa, é a primeira. Tenho a experiência poética de um livro de sonetos publicado em 1954.

• Há quanto tempo está escrevendo?

Desde abril dêste ano.

• Quando deverá sair?

Em meados de 1966, pelos meus cálculos.

• Quais as dificuldades que um professor sério encontra para publicar um livro?

Sinceramente não sei. Ainda não tentei de procurar editor, mesmo porque só terminará o romance em princípio de dezembro (contando, naturalmente, com o último de prodrução que tenho até agora).

O PROBLEMA DA UNIVERSIDADE

Este artigo foi adaptado do livro "Ciência e Desenvolvimento", do Prof. José Leite Lopes. Achamos oportuno tal artigo pois contém os ensinamentos do Prof. Leite Lopes que vive este problema nesta, como muitas outras profundas — problema do qual participaremos em breve, pois faltam-nos depois do CAp.

DEFEITOS DE ESTRUTURA

As nossas universidades brasileiras têm, grosso modo, as estruturas. A verdade é que estas universidades foram estabelecidas há algum tempo como um conjunto de escolas que já existiam anteriormente e que se transformaram em universidades pela simples reunião e decretação no papel de escolas e faculdades, continuando independentes, autônomas, sem inter-relação, sem uma vida comum, de maneira que a Universidade, com seu tipo estrutural, não tem podido exercer uma influência preponderante na vida cultural e científica do país.

A CÁTEDRA

O sistema tradicional de escolha de professor catedrático por um concurso de provas — nome um candidato para uma só vaga — não permite a formação de equipes homogêneas de professores-pesquisadores nas faculdades e departamentos, pois uma vez este, quando as cadeiras ficam vagas, quase nas concorrer ao concurso e, em geral vistos especialistas de valor se recusam a submeter-se às normas vigentes de concurso no Brasil. Nos países mais avançados, em geral, os departamentos ou institutos científicos das universidades formam seus corpos docentes mediante o emprego dos melhores homens para tal. Uma carreira de trabalho contínuo dedicada a uma matéria, de investigações publicadas em revistas de reputação internacional, provas de aptidão internacional, onde dos estrangeiros, sem necessidade de concurso algum. São assim um poderoso estrutural atual, largam as pessoas que absolutamente até as universidades universitárias encontrem os países.

PORTAS FECHADAS

O que é grave é que os estudantes que se formam na Universidade e os que querem dedicar-se à pesquisa científica, a trabalhos literários, filosóficos, e que vod especializar-se no estrangeiro, com bolsas de estudo, encontram, em geral, ao regressarem, as portas das universidades fechadas. Não porque as universidades estejam saturadas, pois que elas necessitam ainda de todo de material humano vivo, mas porque o sistema atual lhes cede o acesso, tornando a aperfeiçoamento dessas coletividades impossível, para a própria vitalidade da universidade.

TEMPO INTEGRAL

No caso dos países que têm cultura e civilização, universidade é, antes e acima de tudo, um corpo de professores-pesquisadores e de estudantes-pesquisadores, integralmente dedicados às suas funções de custo e pesquisa na universidade, voltados para ela, por ela absorvidos, vivendo-a em sua vida comum.

O trabalho de investigação científica, e pesquisa literária e filosófica, exigem a atenção voltada para os problemas da natureza daquilo em que se trabalha, todas as horas do dia, todos os dias da vida, todos os meses de ano. Daí uma equipe de homens dedicados a estudar, criticando fundamentalmente o que outros descobriram, e a tentar o que eles próprios não lograram a demonstrar. Daí a necessidade de se dedicar para se compreender melhor. Daí não existir equipe de homens assim dedicados, não existir universidade. E cada equipe, cada material humano, é que é o patrimônio sumário em da universidade.

AMPARO A PROFESSORES E ESTUDANTES

Universidade é, em seguida, a realização das condições necessárias à efetivação dos trabalhos de pesquisa e ensino: equipamento, material de laboratórios e bibliotecas, de um lado; concessão de bolsas a estudantes para que estes possam avançar em seus estudos, sem dificuldades alheias à sua inclinação científica; para que dêem possam render serviços valiosos, em nível superior, ao país que os empregou e que deles necessita ao fornecer.

Não é propriamente uma universidade aquela cujos professores não dedicam a exercer funções alheias às suas atividades universitárias, o fim. Os professores estão ao alcance. Será, ao contrário, um conjunto de escolas em que se realizam conferências mais ou menos brilhantes e em que se passam coisas estranhas.

PROF. V. LEITE LOPES

curso miguel couto

AV. N. S. COPACABANA, 605
1.º ANDAR

VESTIBULARES: MEDICINA, ODONTOLOGIA, FARMÁCIA

DIREÇÃO: PROF. VITOR NOTRICA, PROF. A. J. DE VRIES, PROF. ALCIDES L. GOMES

ensino brasileiro e mensagem ao capiano

ALCEU AMOROSO LIMA

(colaborador)

(especial para A FORJA)

EDUCAÇÃO E ENSINO

Todo sistema educacional supõe a participação de quatro elementos fundamentais:

a) o instituidor;
b) a família;
c) o ambiente social;
d) as instituições escolares.

Não se pode isolar qualquer um destes dos demais. Atuam reciprocamente e dependem um dos outros. A educação não é da responsabilidade de um deles mas de todos juntos. Chamo a atenção para o fato de se tender a confundir "sistema educacional" com "instituições escolares". A Escola é apenas um dos elementos do conjunto e não pode funcionar bem, sem que todos os demais funcionem. Ela não é apenas um produto dos demais elementos. Exerce ela uma função eminentemente estimulante e dinâmica sôbre os demais. Mas do modo algum pode ser entendida como um fator especializado e à parte cujo papel seja apenas educativo e muito menos apenas instrutivo. Ela atua sôbre o indivíduo, sôbre a família e sôbre o ambiente social na proporção direta do apoio que deles encontre.

Cada homem é, antes de tudo, o seu próprio educador. E à medida que passamos dos graus elementares aos graus superiores de formação cultural, sua autonomia de educando é crescente e capital. Todo sistema educativo vale o que valem aquêles que nele se educam. Se a escola é feita para o estudante, não é menos verdade que a escola vale o que vale o estudante. Mas selecionar reformas estruturais ou novos professores do sistema sensar, se o estudante — isto é a finalidade da escola, não colaborar totalmente no funcionamento do sistema. Bons pais, boa escola, nenhum sôbre um mau estudante, do que um bom estudante sôbre uma escola ruim. E o estudante que faz a escola. Não é a escola que faz o estudante.

Tanto um como outro, por sua vez, refletem diretamente o ambiente social e a característica essencial de um povo. Daí a importância capital da família bem organizada, alicerçada numa escola e de um Estado bem aparelhado política e economicamente, para a eficiência de um sistema educacional sadio.

As principais deficiências do sistema escolar brasileiro provêm justamente das causas-deficiências políticas, econômicas, familiares e, por conseguinte, pessoal, pois tudo acaba sempre repercutindo no próprio indivíduo. Este é uma vítima, mais do que um culpado dessas deficiências.

Não pode haver um sistema escolar perfeito num país tão estruturalmente político, justiça social e consciência democrática.

Um dos defeitos mais mortos do sistema educativo brasileiro, por exemplo, é a falta de justiça distributiva na educação. A educação global, um pouco de ser distribuída equitativamente por todo o povo, na medida da capacidade de cada um, é distribuída antidemocràticamente na base dos privilégios econômicos das classes sociais. E com isso se cria entre os maiores males da nossa sociedade, o afastamento entre as elites e as massas, criador de perigosos de ruptura social, na medida violento e, portanto, antidemocrático.

A democratização efetiva do sistema educacional é pervertido a exigência vigital para a correção de uma série de males que se desenvolvem em cadeia, no nosso meio, a partir dêsse desequilíbrio inicial e dêsse privilégio educativo das elites, por motivos econômicos. A correção dêsse mal de raiz, no entanto, não pode ser feita apenas por meio de reformas e leis escolares. É um processo complexo de ações e reações entre os quais elementos acima apontados.

Cre. uma aplicação maciça de recursos, em favor do ensino universitário, era preciso dos outros níveis de ensino, mas por isso resolver o problema qualitativo. Se o ensino resultado, não encontraríamos, como hoje encontramos, uma contradição: ocidente igualmente que sejam as reformas propostas do que aí está. E a prova patente de que os recursos materiais não só não bastam, como representam menos o aspecto mais importante do problema universitário.



Necessário que a cena da sala de aula se repita, para muito maior número de brasileiros.

SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA DA UNIVERSIDADE

Só há três soluções possíveis:

a) deixar como está;
b) transformar radicalmente;
c) reformar gradativamente;

Ninguém pode, em sã consciência, aceitar a primeira.

A segunda é utópica e por isso somos contra ela também.

Resta a terceira solução: reformar gradativamente. Se nada fizermos, pode-se ir falar em demolir e não reformar. Mas o fato é que, mal ou bem, alguma coisa existe e não se pode nem se deve destruir o pouco que há para partir da estaca zero.

É preciso, também, levar em conta as dificuldades reais de reformar, tanto no que diz respeito às verbas financeiras mas ainda no que se refere à falta de espírito universitário.

As dificuldades materiais são mais fáceis de ser vencidas do que as dificuldades psicológicas e temperamentais.

Basta dizer que as cifras de dotações públicas aplicadas à Educação, nos últimos anos, revelam que o Ensino Superior absorveu cêrca de 90% de todas as verbas, cabendo as escolas federais-faculdades de escolas superiores, em todos os Estados.

O mais urgente, sem dúvida — estamos não desprezando o aspecto material e financeiro, que é complementar do aspecto moral e intelectual — é intensificar nos políticos, nos administradores, nos professores e nos alunos, a seriedade universitária.

Esse é o problema capital e primordial. Por aí deve começar tôda reforma universitária, que pretenda ser um fato e não apenas um desejo.

MENSAGEM

A mensagem que posso mandar aos alunos do Colégio de Aplicação é que sejam fiéis ao nome do seu próprio estabelecimento: que sejam aplicados. Não apenas ao estudo, no sentido puramente técnico da expressão, mas aplicados ao processo complexo que prende esses estudos ao conjunto dos movimentos da sociedade brasileira.

Preparem-se a fundo tornando a vida o estudo, sem dúvida. E a condição fundamental para a correção do nosso imediatismo à superficialidade, à improvisação ao diletantismo, como fealdade de estudo.

Mas nunca se esqueçam de que só se estuda bem com pela onda fel liberdade e justiça.

Alceu Amoroso Lima

humor

O PALAVRÃO

desenhos de
marco antônio pereira.



CURSO AESSE

VESTIBULARES:
C. ECONÔMICAS
C. CONTÁBEIS
C. ESTATÍSTICAS
C. ATUARIAIS

1964
1965

MAIS DA METADE DOS CANDIDATOS APROVADOS FORAM NOSSOS ALUNOS

Direção: Arnaldo Struzberg

CENTRO
RUA DAS MARRECAS,
33 - 7.º andar
Tel. 42-5698

COPACABANA
AV. COPACABANA,
928 - S/602
Tel. 36-6716

relações afetivas entre os adolescentes



O processo auto-reflexivo para extrair das novas experiências conteúdos eficientes na adaptação, nos dois anos ainda muito comprometido, prejudicado pela ausência de maturidade. O rapaz/moço que o mesmo e inerme têm os motivos que os levam a se apressurar do seu ponto e insuficiente, falho. Ainda não se demarcou exatamente o limite entre a simples curiosidade, a necessidade de formação de grupos, a curiosidade sexual e a atração por meio de interesses e atividades comuns. Não procuram sim, se preocupam em conhecer a meio que os leva a se interessar mais por um determinado componente do grupo de amigos, ta-quais do quais mais vêm querem aproximar. Para onde caminham seus desejos, imaginação, sonhos, devaneios?

INÍCIO DA JUVENTUDE

Os fenômenos endócrinos e os distúrbios de todo mais claro sinalize um período inicial da adolescência, isto é, por volta dos treze anos. Uma série de modificações, mesmas antes, está implícita na atitude e anseios. É própria da evolução fisiológica e psicológica, que agora principia a surgir e a se impor. A definição dos sentimentos e a definição sexual aparecem com caráter prioritário. O adolescente mais tarde virá com intensidade e essa definição também realiza um problema de ordem acentuadamente metafísica, ética e política. "Os problemas dos primeiros anos da juventude só em parte são conscientes", afirma Spranger. "Todos têm ciência de uma nova, nova época, uma imagem do que devem chegar a ser; são como uma fórmula abstrata de um imperativo categórico, porém como a imagem plástica de uma forma ideal da própria alma" (Buchert). Esta nova acredita existir um núcleo alvo a atuar no interior de cada indivíduo, impulsionando-lhe a sentido necessário para atingir plena realização.

DEFINIÇÃO DOS SENTIMENTOS

O namoro está ligado à definição dos sentimentos. Um pouco antes do início da adolescência, o objeto sexual ainda não está inteiramente determinado, diferenciado. O namoro, a esse alheio, surge, portanto, como expressão de um sentimento difuso e, normalmente de exaltação, admiração e enlêvo e a imaginação sobre com a maior parcela de responsabilidade. Adota, então, uma forma um tanto estática, vendo na própria herança da vida afetiva a beleza do ser em expansão e transbordamento. A pré-adolescência já é o início de uma corrida gradativa de vivências intimistas do amor ideal. É um primeiro passo entre os interesses que a maioria oferece ao tratar cada ser com um conjunto de forças, em constante evolução. O pré-adolescente, porém, se vingerado e se adstrito com a insegurança e dúvida de sentimentos que se agora passam a se estopar. E por isso que são intrínsecos pelo seu apoio e uma projeção de seus próprios sentimentos. Peculiar, também, é a sensibilidade artística para as novas formas que descobre. Como diz Spranger, "toda vida que pode sentir livremente a íntima lei de seu desenvolvimento aparece pela atuação do símbolo de sua carga". "A adolescência tem um sentido diretamente fins para esta classe de vida e de vivências (infelizes), porque se acha mais perto de suas fontes (a parcela inicial da vida). A rigor, toma de si mesmo uma finalidade. Porém, se permanece só, não exerce, intimamente. E necessário que haja um outro ego e preciso que só no encontro entre intelecto encontre-se as condições em que é possível se gerar o amor."

NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO

A curiosidade biológica contar as possíveis campos das funções do ser, adquirido a capacidade de reprodução. Sem atingir ela a maturidade de maturidade afetiva. Em tese todos caminham para a união com o seu oposto, até se constituir a família, garantia da perpetuidade da geração. Os jovens, porém, avançam para lá. O namoro faz parte desse processo. É uma aproximação, uma espécie de atitude preparatória a fim de sondar e investigar os caminhos por onde deverá correr a afetividade: é uma tentativa de dirigir a ser para, a compreensão, o amor, baseando-se no objeto que atrai e que é a finalidade de todos os sentimentos relativos.





Para o adolescente o namoro adquire um significado só gênero. Porque o namoro se transforma em manifestação da capacidade de afirmação. Socialmente, o fato de estar namorando é um meio de assegurar o prestígio dentro do grupo de idade. Psicologicamente, serve para estimular a auto-confiança que ele mesmo pela instabilidade que lhe é natural. Para o rapaz o namoro é uma prova para se mostrar capaz de conquistar; para a moça o de atrair.

FINALIDADE DO NAMORO

A alma do adolescente, mesmo-se por ainda a totalidade da vida interior, é rica, cheia de sensibilidade, de sentimentos elevados nobres. É dominada por ideais autênticos, embora nem sempre esses objetivos idealizamente justificáveis. Assim o namoro adquire várias formas de expressão e sentido. Há adolescentes que namoram pelo prazer de namorar. Podem experimentar alguns sentimento duradouro. As vezes dura tanto tempo quanto a vontade mantenha de conquistador irresistível. Há também o caso daqueles que amam todo o sexo. Talvez por uma dose maior de maturidade e capacidade de relacionamento, quando namoram é "pra valer", isto é, para casar. Alguns insistem podendo sentir dificuldade quando supõem que a aparência física não ajuda.

Entre o namoro, além de mecanismo de afirmação, é o meio de que dois jovens dispõem para se conhecer. A finalidade e o espírito com que é encarado dependem muito da orientação dada pela família e da atmosfera formação do caráter. De qualquer forma, apesar da sociabilidade diversa com que uma grande maioria o vê e encara, é uma via para os jovens estarem em comunicação profunda, no sentido da eleição, da escolha que os conduzirá às formas superiores de amor humano. Isto é o mais importante. Não importam que Albert denominar a seu conteúdo isso e o relacionamento, afirmando que podemos estar conscientes de que vamos "capturados" o segredo do ser humano e do Universo e, ao mesmo, podemos consolá-lo na fala morna de amar.

Prof. Reginald Milori

esporte



Agurcem os esforços para o diretório de pé: J. Sérgio, Afrânio, Prof. Wenceck, Del. Prof. J. Luiz, Prof. José Agostinho; Laizinho, J. Carlos, Francisco e Carlos. Os professôres, com o reforço de Laizinho e J. Carlos venceram por 7x1.

O CAp. está firme no campeonato Estácio de Sá. já venceu 2 partidas, uma por WO e a outra por 7x1. A presença da torcida será indispensável nos próximos jogos.

Como é do conhecimento de todos, o CAp foi classificado em basquete e futebol de salão para o Taça Estácio de Sá, que é um torneio sadio os colégios campeões e vice-campeões de todas as Regiões Administrativas do Estado. Considerando que faltam poucos jogos para a conclusão do campeonato referido, o Setor Esporte tem procurado aproveitar os sábados que nos oferecem as partidas amistosas, visando assim dar maior entrosamento aos times de colégio.

No basquete, participamos de um torneio que contou ainda com a presença dos colégios Sto. Agostinho, Rui de Janeiro e Rui Barbosa, classificando-se 2º lugar. Êste torneio serviu também como observação para uma seleção de alunos que irá ao Paraguai representar o Brasil num campeonato sul-americano estudantil de basquete. Jogaram pelo CAp.: José Antônio, Erico, Renato, Sérgio e Gilberto.

Em futebol de salão fizemos duas partidas. A primeira, dia 11 na nossa quadra, contra uma equipe de ex-alunos. Foi um jôgo fácil para nós, pois nossos adversários estavam fora de forma física e cansaram logo. Vencemos por 7x1 e, se houvesse mais empenho por parte dos capitães, o placar poderia ter sido maior. Atuaram pelo CAp.: Afrânio, Franklin, J. Sérgio, Cid e Carlos, entrando depois Thiago e Eduardo. E pelo ex-alunos: Laerte, Nilo, Ariel, Paulo Henrique e Guilherme.

No dia 18, enfrentamos o Juvenil Central do Pavo, em Gamboa. Mesmo assim uma preliminar das equipes reservas, quando vencemos pela contagem de 5x2. Jogaram pelo CAp: Thiago, Eduardo, J. Luiz, Cláudio e J. Carlos (Sérgio), marcando os gols Cláudio (4) e Eduardo. No jôgo principal mais uma vez nossa equipe brilhou, mantendo a tranquilidade neste ano. Após estar perdendo no 1º tempo por 1x0, reagiu de maneira sensacional e ao final, o marcador assinalava 7x2 pró-CAp. Jogaram: Afrânio, Franklin, J. Sérgio, Cid e Carlos, entrando depois J. Carlos. Marcaram: Cid (4), Sérgio (2) e Carlos. Gostaríamos de registrar o nosso agradecimento ao dirigente e nosso ex-aluno Artur Faria pela valiosa colaboração que nos tem prestado neste término de nosso quadro.

cinema

Aos sábados as 10h30m da manhã, o Cine-Clube do Colégio vem apresentado filmes de arte, de longa e curta-metragem. Em agôsto assistimos "Aventuras Daquela Noite", de Frank Capra. Uma comédia ligeira da época de ouro de Hollywood. "Os Homens têm Três Metros de Altura", de Martin Ritt, e "Como era Verde o meu Vale", de John Ford, o grande diretor americano de "Vinhas da Ira", que aqui focaliza o problema dos trabalhadores na Inglaterra, nos fins do século passado, e de uma luta por melhores condições de trabalho e de vida. Êstes filmes completaram o "ciclo do realismo americano", que havia sido iniciado com uma apresentação de filmes de Charles Chaplin, em junho.

Em setembro, tivemos "A Balada do Soldado", filme russo de Grigori Tchoukrai, um filme tratando do drama da guerra, com todas as consequências que traz não só para o soldado, mas para toda uma população.

Já no primeiro sábado de outubro, tivemos uma apresentação de curtas-metragens infantis, do Museu de Arte Moderna. Está nos planos do Cine-Clube a apresentação de mais filmes técnicos ainda êste ano.



O time do CAp. perdeu para os professores mas está firme no campeonato interno do colégio.

ELLA

23

LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 161
EDIÇÃO: A Forja (Ano XI, nº 4)
DATA: 1/8/1966

Esta edição se inicia com *O CAp e a Ames*, que conta a história da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames) e a participação do CAp no fortalecimento do movimento estudantil. Em *Conselheiro Cultural da Embaixada da França visita o CAp*, é registrada a presença de Georges Scavino, conselheiro cultural da Embaixada da França, que fez uma visita ao colégio e palestrou em algumas turmas. A capa do jornal conta com duas imagens da revista francesa Paris Match de uma campanha mundial contra o neonazismo. Ainda na primeira página, o diretor de A Forja, Franklin Martins, faz um esclarecimento e algumas críticas dirigidas ao periódico e se posiciona em defesa do jornal. A segunda página é toda ocupada pelo artigo *Contos de fada*, escrito por Jorge Faure Pontual. Na terceira página do jornal, há *Terceira enquete da Forja*, com a opinião de cinco alunos de diferentes séries e turmas sobre o estilo musical "Iê- Iê- Iê". O artigo *Nazismo hoje*, escrito por Eduardo Homem e Franklin Martins, ocupa a quinta página e aborda o assunto do nazismo ao redor do mundo, dando foco a Argentina e Alemanha. Logo, há o artigo *Amadurecer para a liberdade*, escrito por Carlos Bernardo Vainer, e uma entrevista exclusiva com uma ex-diretora de A Forja, atualmente licencianda do CAp. Ao lado, há um artigo que foi censurado pela direção do colégio, por "criticar autoridade". A sexta página conta com alguns artigos como *O I-Forjal vai ao Jóquei, Humoristas brasileiros: Marcos Vasconcellos*, uma história chamada *Uma artimanha do diabo, JóquiClubi e Sobre as festas*, além de algumas ilustrações. Em *TACAp: a vez da colaboração* são expostos os problemas que o Teatro Amador do CAp enfrentava e pede a ajuda dos alunos e a compreensão dos professores. Ao lado, há um poema *Os montes azuis*, escrito por Sérgio Flaksman. Na última página, o artigo *A atualidade de Brecht*, narra a história do dramaturgo Bertolt Brecht e apresenta um de seus poemas, *Aos que vierem depois de nós*, que foi traduzido por Manuel Bandeira.

O C. Ap. e a A.M.E.S.

DIZER que ser estudante no Brasil é um privilégio, num país que tem um dos maiores índices de analfabetismo, é tão verdadeiro porém mais cansativo que falar da necessidade de associação dos secundaristas cariocas, um ou outra entidade de representação, que é a Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários (AMES).

Antes talvez seja interessante, já que pouco se fala sobre ela, AMES nasceu em 1946, como fruto das lutas que os estudantes travaram durante todo o Estado Novo. Foi assim que se formou a AMES, e que cada vez mais se identificou com a juventude e jamais deixou de pugnar pelas mais sentidas reivindicações dos secundaristas.

Ela que surge o movimento de abril na nossa História e a AMES que funcionava em uma sala na sede da UME incendiada, vê-se por algum tempo privada do seu meio estudantil.

Realizado o Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundários (UBES) em fevereiro do presente ano, volta-se uma ala da Governativa, encarregada de organizar a AMES. Foi assim que a AMES teve o seu XIX Congresso Metropolitano, marcado para o mês de maio, onde seria eleita sua diretoria e deveriam ser tiradas as teses. Impedido o realizar do congresso, a AMES não somente uma simples tarefa, ciente da responsabilidade existente em uma associação que tem por finalidade a coordenação e representação de aproximadamente 300.000 estudantes no Estado da Guanabara. Adiou seu congresso e no [illegible] segundo, julho último ou [illegible] Geral Provisória Estudantil, que devido a dificuldades só pôde sair nos últimos dias de março, sendo programada sua distribuição no CAp, onde chegou exatamente no último dia, abril, quando muitos alunos já se entregavam às férias.

Dentro disto contudo, um pouco difícil, a AMES vem diretamente aos estudantes do CAp, convidando-os a escrever no seu Jornal, a participar de suas atividades programadas, como os seus seminários de Imprensa, Estudantil, o Grandinho e um Concurso Nacional de Teatro dentro secundarista, além de outros.

Esta participação virá confirmar o que se disse em diferentes Estudantis, no artigo «Saúde da Grêmio», fazendo cisma a importância do grêmio, consequentemente será a da entidade que coordena os grêmios (AMES) amalgamando as especificações de fator numa perspectiva de interpretação do passo e transformação da sociedade. E justamente aqui verificamos na importante participação do CAp, onde existe um tradicional e combativo grêmio.

Por estarmos certos da necessidade da formação de uma classe estudantil secundarista consciente e coesa é que continuamos a nossa trabalho na AMES. A união de toda a classe estudantil secundarista é tanto mais necessária para que consigamos atingir nossos objetivos, e vencer as nossas lutas pelas mais justas reivindicações estudantis. A importância, a necessidade e a força de uma união ficou provada com a grandiosa vitória obtida pelos estudantes secundaristas cariocas com o arquivamento de anteprojeto que transformaria o Pedro II em Fundação.

A união da classe estudantil também foi fator principal que permitiu outra grande vitória obtida pelos estudantes, quando da realização do XXVIII Congresso da UNE.

Não só esses, mas também outras vitórias, mais recentes ou mais remotas, foram conseguidas pela união e conciliação da classe estudantil.

A AMES é um importante fator da união da classe estudantil secundarista da Guanabara e não de CAp temos um importante papel a desempenhar no movimento estudantil secundarista carioca e na AMES. E assim continua a entidade à frente de luta pelos 50% de desconto nos transportes coletivos, pela barateamento do material escolar e pela esperada e necessária realização do XIX [illegible] Metropolitano.

A FORJA

ÓRGÃO OFICIAL DO GRÊMIO ODYLO COSTA FILHO

Colégio de Aplicação da F.N.F.

ANO XI — AGÔSTO 1966 — Nº 4

Terminou dia 31 de agôsto o prazo para inscrição no 1 Concurso de Contos d'A FORJA. Objetivando o que muitos números de candidatos se apresentem, foram elevados os prêmios para Cr$ 20.000, Cr$ 10.000 e Cr$ 10.000, em livros.

Com a solenidade de entrega dos prêmios aos primeiros colocados, encerrou-se no dia 8 de agôsto o Concurso de Contos e Poesias do I Festival da Juventude, promovido pela «Diário de Notícias» e Secretaria de Turismo da GB. Os vencedores foram Pedro Kretzer de Sousa, com a poesia «O Poder», e André Fernandes, com o conto «Os Condenados». Alunos do C.Ap., obtiveram ótimas colocações: Sérgio Fialkoman (2º CL), com a poesia «Noite Amiga», classificou-se em segundo lugar, e Miguel Pichar (1º E), com a poesia «O Destino de um Índio», obteve o sexto lugar com menção honrosa. Os vinte melhores contos e poesias constituirão um livro, a ser editado pela BRADIL, em janeiro próximo. Veja neste número a poesia «Noite Amiga».

CONSELHEIRO CULTURAL DA EMBAIXADA DA FRANÇA VISITA C. AP.



Na página 4, A FORJA mostra que o nazismo não está tão morto quanto se pensa. As fotografias acima são da revista francesa PARIS-MATCH, publicação que vem realizando uma campanha mundial contra o neonazismo. A primeira foto mostra a «Juventude Hitlerista», quando homenageava o aliador aleonino em 1945. A segunda, jovens da organização «Os Aguias», de inspiração nazista em reunião realizada neste ano. O espírito e a mentalidade das duas organizações são semelhantes. Uma diferença: os nazistas modernos substituíram a suástica pela águia.

ATENDENDO ao convite da professôra Sory Mauser Steinberg, a professor Georges Scavino, Conselheiro Cultural da Embaixada da França, visitou, recentemente, a Colégio de Aplicação. O ilustre representante da cultura francesa veio em companhia do professor Drillon.

Os visitantes foram recebidos pela diretora do Colégio de Aplicação, D. Irene Estêvão de Oliveira, com o qual mantiveram prolongada palestra, tendo D. Irene explicado aos representantes da Govêrno francês as finalidades do Colégio de Aplicação e seu funcionamento.

A seguir, os professôres franceses conheceram tôdas as dependências do Colégio de Aplicação, tendo visitado a sala especialmente destinado ao ensino audiovisual na língua francesa.

O professor Scavino, que tem sido um grande entusiasta do ensino do Francês em nosso país, doou, ao Colégio de Aplicação, excelente material didático e [illegible] rial audiovisual, tendo manifestado seu apoio à introdução do método audiovisual do CREDIF em nosso colégio, o qual será aplicado em breve pela professôra Sory, que obteve o diploma do CREDIF em Antibes.

Durante o visita que nos fêz, o Sr. Georges Scavino também teve a oportunidade de palestrar com D. Adolphine Portella Bonepace, professôra de Didática da Faculdade e responsável pelo ensino do Francês no colégio.

O Conselheiro Cultural permaneceu cêrca de uma hora nas seguintes turmas: 1.º Clássico e 2.º Ginasial "A". Conversou com os alunos dessas turmas sôbre diversos assuntos. Em seguida, respondeu às perguntas que lhe foram feitas pelos integrantes das turmas visitadas.

O Sr. Georges Scavino mostrou-se vivamente impressionado com tudo o que viu no Colégio de Aplicação. No dia seguinte ao da sua visita ao CAp, o Conselheiro Cultural pronunciou uma conferência na Associação dos Professôres de Francês no Rio de Janeiro. Antes de iniciá-la, o professor Scavino mencionou, várias vêzes, nosso querido colégio.

Ao Conselheiro Cultural da Embaixada da França, que deixará, em poucos dias, o Brasil, para ocupar, com o mesmo brilho, cargo diplomático em outro país, os sinceros agradecimentos do Colégio de Aplicação.

Conversa

COMEÇO de segundo semestre, mais uma A FORJA. Antes de tudo queremos uma relação dos artigos dêste número, dando uma alternada para o que há de mais importante, vamos lutar um pouco. Um agradecimento, inicialmente. A relativa facilidade com que estamos lançando novas edições de nosso jornal não é só trabalho da equipe d'A FORJA, mas de grande número de alunos do CAp que, espontâneamente, vêm procurar-nos com artigos, sugestões etc. E há também os professôres, que nos criticam, e os movimentam, colaborando, arranjando alunos ou escrevendo qualquer coisa.

Aqora, um esclarecimento. Um jornal como o nosso tem que atender a quatro critérios diferentes (tem nome, dizem bem, geral): um acompanhe pelos alunos dos dois primeiros séries ginasiais, outro pelas duas últimas, um terceiro formado pelo científico e um último pelos colegas de clássico. Assim, nunca está um jornal perfeito, pois é difícil mas ele não pode paradar inteiramente, pois há mais gente de um outro grupo que não o seu que também quer ser contemplado. As vêzes, não fazemos um jornal muito intelectual, muito pesado. Então, o pessoal das primeiras séries reclama com razão. Mas é difícil acertarmos num meio têrmo. Talvez a melhor fórmula para isso seja a maior colaboração do alunado d'A FORJA. E isso que ele, ele sente no jornal, enfim. Portanto, quem tiver alguma coisa para publicar, trate-me ou fale com a [illegible]

Comecemos-se hoje este vice amor da morte de um dos maiores teatrólogos e poetas de todos os tempos, Bertold Brecht. Como homenagem e reconhecimento a este grande homem, mostramos um pouco de sua vida e obra na página 6. Carlos Valter discorre em sua coluna (pág. 5) sôbre a liberdade. Este sentimento que angustia todos os homens, sentimento pleno e positivo Cecília Meireles, poetisa versou:

Liberdade — esta palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!

Nesse singelo dístico nômore é sôbre o [illegible] falo. 3). Falamos de monstruosa no mundo, na pág. 4. Espero que este artigo reste a contins atento ao problema, para que não se sentive [illegible] uma das mais trágicas experiências da Humanidade. Falamos um estudo sôbre contos de fadas, na pág. 3. Abordamos problemas da nossa entidade estudantil, a AMES, na pág. 7. Aos interessados, os que gostam de sofrer, indicamos a página 8, onde está a PORTAL.

Falamos ainda sôbre outros, TACAp, festas no CAp etc.. O melhor mesmo é você dar uma olhada em todo o jornal.

FRANKLIN MARTINS

Fadas na balança

☆ *Jorge Faure Pontual*

«FOGUETES AO INVÉS DE FADAS» — Numa pesquisa realizada nos literatos especializados em literatura infantil concluiu-se que muito mais interessada está a criança de hoje pelas fadinhas, pelo mistério, pela energia, do que pelas histórias de fadinhas «piores» ou «bonitas». Comentando a pesquisa realizada pela revista «Literatura Pequena», do Chile. Argumentou que «as histórias de comentos de princesas com sapinhos são falsas e perigosas, induzindo as crianças em êrro, além de «destituídas de qualquer valor ideológico e comunitário, «Realidade», 2-7-56.

IA COMEÇAR A ESCREVER êste artigo sôbre o conto de fadas, há um mês atrás, quando encontrei essas duas manchetes — elas só reforçaram a necessidade de pesar o respeito. Pois parece que as fadas estão em decadência: há os que as tratam de inúteis, as crianças que a elas preferem os heróis especiais, outras que hiperbolicamente declaram-se conhecê-los por serem «anticonvencionais». E, no entanto, de um modo ou de outro, todos sabem quem são, e talvez não haja criança que não tenha ouvido histórias de fadas, até mesmo aquelas que não puderam comprar os belos livros em que estão contidas ou que não puderam ler-las. Porque na verdade êste «gênero literário» (dos que mais cresceu na literatura) tem dominado largamente a literatura para crianças e é de origem popular, embora portanto fiel às suas origens as lendas pagãs e os mitos folclóricos, é como de fadas em sua forma popular tem sido muitas vezes desviado de sua origem e absorvido no longo dos tempos muitos elementos novos. Assim êle tem sabido conservar-se sempre em voga, até hoje. Mas será que isso continuará para o futuro ou estamos realmente assistindo ao enterro das fadas, dos gnomos, das bruxas e das princesas. Essas duas notícias serviram de estudo do conto passados no conto de fadas já moribundos?

Que é o conto de fadas?

Sempre a primeira dificuldade que encontra quem aborda êste tema é a definição do que seja o conto de fadas. Será necessário que estes seres delicados, ora corpóreos, às vêzes até aladas, estejam presentes? Contas como o «engraçadinho» «Barba-Azul» de Perrault, no qual o maravilhoso não entra de forma alguma, merecem o nome de conto de fadas? Parece-me que não. É necessário que o elemento mágico esteja presente (já que o conto de fadas pertence à vasta família da literatura fantástica), se bem que possa aparecer sob uma forma inginua (ao contrário do conto fantástico) e nem sempre como uma fada: o «Gato de Botas» do mesmo Perrault, uma vez que o gato é falante, é inegàvelmente um conto de fadas, mesmo estando êste nascente. Não o é a fábula, onde entretanto também falam os animais. Isto porque nela êsse elemento imprescindível não é essencial: aqui os animais representam alegòricamente os homens, é natural que a fabulista lhes transfira qualidades humanas. No conto de fadas, no entanto, o maravilhoso aparece como «deus-ex-machina» dentro de uma narrativa que, embora alegórica, permanece presa ao real e que é passível de transformar-se, pela intervenção do sobrenatural, qualquer que êle seja. É isto que caracteriza o conto de fadas.

Repousam os contos de fadas nas narrações que se mais velhos falam aos mais jovens de fatos extraordinários. Basicamente, eram êsses contos velhas lendas que os anciãos iam aos seus havidos aprendido de seus avós, e cujos personagens eram sêres mitológicos, deuses das religiões politeístas etc., e iam desde a Europa, passando pelos Árabes, até a China. Mas cada povo contador não propriamente acrescia mas refundia as histórias que ouvira, adaptando-as à sua própria experiência, ou seja, transformando-as em alegorias dos fatos reais vividos por êle. Esse fabulação, refundição e refundição quase inconscientemente: a velha transmite alegòricamente um experiência para o jovem, sem intenção de transmitir diretamente ensinamento, sem impor a crueza da história: o jovem é livre para aproveitar como quiser a história ouvida, adaptando-a, por sua vez, à sua própria experiência. Andersen, o grande contista infantil, diz no início do conto «A Filha do Rei do Brejo»: «As cegonhas sabem muitas histórias que vão contando aos filhos. E todas essas histórias falam de brejos e banhados. E as cegonhas sabem também adaptá-las à idade e compreensão das crianças... Algumas destas histórias, são mais compridas e de mais antigas, foram assim conservadas pelas cegonhas. Há muito, há mil anos que as mães cegonhas vão passando essas histórias umas às outras, e cada bico sempre as contava melhor que a anterior: até que hoje em dia nós podemos contá-las melhor ainda que todas elas». (1) Isto, além de resumir o que foi dito acima, introduz um fato novo: a depuração progressiva da história (que se vai tornando «melhor», ou seja, mais verdadeira, por agluitinar as sucessivas experiências que finalmente se anulam numa experiência despersonalizada). O conto tende assim a refletir uma experiência geral dentro de grupo em que nasce e se desenvolve.

A escola junguesana de psicologia, que estuda o «inconsciente coletivo», chama os símbolos encontrados nos contos de fadas, nas religiões, nos loucos, de «arquétipos», que são os componentes do todo que constitui o «inconsciente coletivo». Essa vêem uma grande parcela nos «arquétipos» dos contos de fadas, justamente devido à depuração de que falei acima. Esses símbolos, que permanecem livres, têm o mesmo valor para todos devido à sua pureza «arquetípica». (2) Assim estão transformados em símbolos «universais» a princesa, a fada, o caçador, o herói etc. Felizmente os junguesanos admitem a influência cultural, ou seja, do meio, da época etc., na transformação das estruturas arquetípicas. Evidentemente o conto de fadas não é fixo, imutável; penso que quando um conto chega à sua forma «melhor» êle pode ser findo — é a tarefa do escritor —, mas novos contos com novos símbolos e novas interpretações dos antigos estão constantemente surgindo; não posso muito da teoria junguesana dos «arquétipos», na medida em que ela os erige em valores absolutos, válidos para todos os homens de tôdas as épocas, só aceitando modificações na estrutura do conto.

A propósito do escritor, de que falei há pouco, é preciso um parêntese. Êle recolhe no povo o conto consagrado por todos e, enfeitando-o, aprimorando o estilo e adaptando-o ao gôsto da época, fixa-o definitivamente e porfunto veículo-o para o grande público. Seu trabalho é portanto imprescindível. Os mais célebres foram Andersen, os Irmãos Grimm e Perrault, que se serviram diretamente do folclore. O primeiro construiu sua obra sôbre as lendas dinamarquêsas, enriquecendo-as com uma extraordinária imaginação, conservando ao mesmo tempo sua autenticidade; os irmãos Grimm publicaram no início do século XIX uma coletânea de contos de fadas baseados na pesquisa do folclore alemão; Perrault, que viveu no século XVII, transcreveu em versos contos que ficaram então famosos, como «Cinderela», «Pequeno Polegar», «A Bela Adormecida». A melhor coletânea de contos de fadas em Portugal é o livro «Histórias de Tia Nastácia», de Monteiro Lobato, que reúne contos de fadas de origem portuguesa, uma vinte contos de fadas de origem portuguesa nas transformados pelos negros, como «A Madrasta» (Cap. 10, passarinho / A) não logues o biquinho / Vai-te embora pra teu ninho...»), e outros, recolhidos quase que sem adaptação brasileira. Desde o século XVII vem-se publicando um grande número de livros com contos de fadas, nos quais poucos ficaram. Entre os muitos que desaparecerem, estão os «moralizantes», os que adaptaram os contos folclóricos a máximas morais, como se fôssem fábulas. Êsse enlaçamento certidão nesses contos está ultrapassado, e em geral contrária a moral que se lhes quer tirar; esta característica foi totalmente respeitada pelos quatro grandes que citei acima.



Pedagogia e crítica social

O trecho de Andersen, reproduzido acima, traz uma frase bastante significativa: «As cegonhas sabem... adaptar (as histórias)... a idade e compreensão das crianças». Isto nos faz ver qual a linguagem e a estrutura do conto de fadas devem ser simples, acessíveis à criança, isto porque êle tem uma finalidade pedagógica. As cegonhas falam aos filhotes dos brejos e banhados, ou seja, do mundo em que vão viver. Fui encontrar no estudo da Bolanes des Fées (3), de Michel Butor, de quem roubo o título dêste artigo, um excelente desenvolvimento desta idéia aplicada ao conto de fadas francês, mas que pode ser estendido ao gênero em quase todas as suas manifestações, acrescido de um estudo das diversas estruturas que aparecem comumente nos contos.

Logo que se abanda um conto de fadas com espírito de análise, nota-se a exageração das qualidades dos heróis e a simplificação das relações entre êles. Essa história que um ancião conta a uma criança deve ser compreendida por ela. Daí as noções costumeiras, as relações simplificadas, como por exemplo a oposição do bem e do mau, do belo e do feio, do rico e do pobre. Por outro lado a criança deve perceber que se trata de acontecimentos imaginários, que ela se encontra no domínio do jogo, e perceber que ela não se deixe enganar pelas aparências, embora ainda que no fundo e certo se refere à realidade, mesmo que não conto, ao relato acontecam de um modo diferente. Assim fica-se na criança a compreensão da realidade como coisa estável e segura, que se distingue bem, que se domina e compreende, por oposição ao mundo imaginário das fadas. «A fada é a pérgola encarnação do inverossímil. E ela que liga a abóbora à carruagem, o rato ao cocheiro e compreendido, por fadas; a criança não corre o risco de ver excessivamente nelas: elas estão aí justamente para que não se leia nos contos. Dizer que é a fada que transforma a abóbora em carruagem, é antes de tudo uma forma de assinalar que, na realidade, tal coisa tem poucas chances de se dar mais bondosas que já se viu e os anões são mais feios que se conheceram desde que há anões, e acontecem as coisas mais prodigiosas. Butor considera a objeção que poderia ser feita a criança termina acreditando um pouco nas fadas. «É porque não desejamos que a realidade seja um pouco diferente do que os adultos dizem delas. E essa possibilidade que o conto de fadas deixa entrever, que responde sua função pedagógica.»

Facilitando uma espécie de cumplicidade entre o adulto e a criança — por ser um mundo comum aos dois, que os dois conhecem da mesma maneira, o que não se dá com o mundo real, no qual a visão do adulto é fatalmente mais elaborada que a da criança —, o conto cotidiano mais elaborada que a da criança —, o conto de fadas permite que o mais velho transmita indiretamente ao jovem aquela experiência de mundo que está refletida nêle, conto, sem o obstáculo da moral oficial, cuja hipocrisia êle substitui por uma moral prática. Os contos que, mesmo obscurecidos, fecham cheio de algumas maneira para o adulto, serão muitos que êle transmitirá à criança. Essa utilidade e essa moral prática estão na natureza do conto de fadas: ao mesmo tempo que êle é uma interpretação do real é também crítica dêle, crítica que recai sôbre êle, pois «convida a transformá-lo, a colocar no lugar o que nêle está condenado».

Infelizmente é preciso observar que a conto de fadas apenas os desníveis sociais quando aparecem numa imagem violentamente contrastadas das diferenças existentes na sociedade e da dificuldade que existe para atravessar essas desigualdades. Os reis são ainda mais ricos, mais poderosos, mais felizes que os reis de verdade; o futuro marquês de Carabás e o mais pobre dos três filhos de um pobre moleiro, e Pequeno Polegar é o enteado de uma família de lenhadores muito pobre. Só quando a interferência do maravilhoso subverte a situação: Cinderela torna-se rainha, o marquês de Carabás casa-se com a princesa, o Pequeno Polegar consegue o lugar de mensageiro do rei e muitas riquezas. Essa inversão da situação real tem um primeiramente o poder de sonhar que não há diferenças imutáveis entre o rico e o estimpanhês — mudanças abolitadas do crico e do opobres, de efracos e de opressores. O casamento de conto terminado rei. Mas como o conto tem uma finalidade de moral imediata, êle aponta no herói como único caminho de uma hipotética ascensão social e casamento (lembremos de que o conto de fadas nasceu numa estrutura social arcaica). Cinderela Cinderela com o príncipe e são os dois muito felizes. Mas o papel principal do conto de fadas nêste caso é denunciar, pelo recurso do nivelamento social através de um «deus ex-machina», a existência de uma injustiça social, escondida sob as aparências de um falso equilíbrio. E se nos seus modestos recursos o conto acaba de criticar profôlo como solução a casamento com a princesa, êle deixa bem claro que nada há de natural nêsse casamento: nem é uma fada quem veste miraculosamente a Gata Borralheira, aceitá só a aceitou e a desmentidade do Gato de Botas ou a ingenuidade do Pequeno Polegar podem levá-los a tanto. Mas é importante é que o conto de fadas descobre ao pobre lavrador um filho rei escondido.

Latente ainda no conto de fadas, além dêsse seu aspecto engajado, está um reflexo de problema sexual que a criança deverá enfrentar na adolescência. São as histórias em que os heróis devem ultrapassar perigosos obstáculos, todos simbólicos, e sofrer grandes penas para alcançar a vitória final, que em geral são grandes riquezas e felicidades, além, claro, das esposalhas pela «donzela». Aqui não se fala da desigualdade social, ou sendo muito pôr além. Em geral ele fala em todos os mais profundos. Só o herói, ou a heroína, deve perder tudo para recuperá-lo depois através de um sexual simbolizado. Assim Branca de Neve cai a Bela Adormecida e muitos outros personagens, como o Soldadinho de Chumbo, de Andersen. Daí, vemos, o conto mostra, por trás dos obstáculos da moral oficial que cerca a criança e peria o sexo, uma grande e furiosa realização de personagem através da sexualidade. Uma vez desenvolver aqui uma outra estrutura do conto de fadas, o «herói pais-filhos», que tem estreita ligação com as outras duas já citadas.

Lêgados, portanto, estão os contos de fadas às estruturas sociais e morais da época em que foram criados. É possível fazê-los refletir os desníveis da sociedade contemporânea? Será preciso uma muito complexa para que estes possam representá-los de modo correto, dando consciência ou artificialidade do equilíbrio social expressa pelo que se cria e ele ainda é positivo nos contos de fadas modernos, e com êle a possibilidade da realização sexual. Mas não é obrigatória a fixação dos tipos: reis, elementos da nossa sociedade podem ser projetados disfarçados em novos símbolos. Por isso não acreditamos na decadência do gênero.

E as notícias que nos dão contra do contrário? Quanto à princesa, não nos alarmas: dia-nos também que os livros de Monteiro Lobato ainda são os mais procurados nas obras um grande amor pelo conto de fadas tradicional nere. Enquanto êle fôr lido, o conto de fadas sobrevivera: se na verdade o conto de fada, não contraria a inteligência marxista (pois tem uma estrutura contrária a inteligência), como ela, como os vírus, pode que não ultrapasse de por outro lado resistir à instauração do Estado socialista, contos. Mas, como sabemos, o trabalho da estinção das classes ainda não pôde ser completada na China; quando êle e fôr os contos de fadas automàticamente deverão perder sua razão de ser e se continuarem será para substituir as fadas irreais por uma revolução bem concreta.

Mas nem a revista «Literatura Popular», nem os livreiros, nem nós devemos preocupar-nos quanto à sua sobrevivência, se soubermos ler e fazer compreender o conto de fadas como êle merece.

---

(1) «Contos de Andersen», ed. Globo, trad. Pepita de Leão.
(2) Revista «Quatrième Go».
(3) In «Répertoires», ed. de Minuit, 1954, p. 67-93.

DISC 161
F059

TERCEIRA ENQUETE DA FORJA:

O IÊ-IÊ-IÊ



José Maurício Gradel – 2ºC1

Na minha opinião o «ié-ié» não representa revolta contra qualquer situação, pelo menos não uma revolta ativa, que quer modificar a sociedade. Abomino a revolta passiva, pois pensa ser inútil e mesmo contraproducente.

Apto a selecionar o que considero bom no «ié-ié» (Como o valor musical de certos conjuntos, determinadas músicas que me agradam e até mesmo a Jovem Guarda em certos sentidos), que porém diametralmente contra uma música imposta a um público que não tem capacidade seletiva, aceitando sem restrições isto e qualquer produto que uma propaganda bem dirigida possa oferecer.

O fanatismo do «ié-ié», além de negativo por sua própria condição de ação irracional, é perniciosa quando diminui o interêsse e a potencialidade dos jovens para um desligamento alienado e inconseqüente.

Quanto à extensão da influência da propaganda no fenômeno «ié-ié», sàpenho ser uma simples questão de técnica publicitária: «O que é necessário para vender um produto em tôda as partes do mundo, principalmente aos jovens?» Esta pergunta já foi respondida. Quando as vendas baixarem, novas planos entrarão em ação, e o «ié-ié» será substituído por qualquer outro produto, até que encontremos um modo de realizar à propaganda, quando então, espero e confio, poderemos ser autênticos.

Henri Acselrad – 3ºC1

O «ié-ié» é um mero nome que se atribuiu a vários já existentes e comercialmente segundos. Do ponto de vista musical o «ié-ié» não acrescentou nada aos que o precederam, contendo a mesma subalternização técnica e rudeza dos rocks, twists, frugs, shakings, etc. Disse festival da mediocridade pederneiras, porém, considerar os Beatles como sendo, dentro das limitações de uma arte de consumo, um caso à parte. A originalidade de algumas de suas músicas e o emprêgo de artifícios interessantes de instrumentação (guarnita de cordas, frases melódicas, empreendidas à maneira barroca) fizeram com que a sua penetração abrangesse também setores mais inteligentes da classe consumidora.

A predileção atitude de rebeldia que muitos atribuem aos ídolos e idólatras do «ié-ié» não deve ser considerada como tal. Ao conformar a sociedade nos seus aspectos secundários dêste constituem uma manifestação da chamada rebeldia alienada, ou seja, que atinge em nada a estrutura social. A prova disso está no apoio pelos citados dominantes através da divulgação e até mesmo do estímulo da própria à tais comportamentos... Uma rebeldia institucionalizada não deve ser considerada como tal mas sim como um instrumento de um grupo ou classe de controlar a mão dos mesmos jovens. Quanto maior for a massa de pessoas que delira é se enquadra pelos meandros de uma educação melhor será o grau de conformismo na sociedade.

Paulo César Oliveira – 4ºB

O problema do «ié-ié-ié» pode ser considerado sob muitos aspectos exatamente por êle ter sido causa de muita polêmica. Seu alcance, no Brasil, é prejudicial a meu ver: a alienação cultural de nosso povo é suficientemente abundante pelo mínimo suficiente de idéias conscientes e tenha dificuldade de integração problemática. Além disso, nossa música é relegada a segundo plano, pois o povo brasileiro dá música em geral, não sendo educada e auditoriar, acaba o «ié-ié» com as necessárias restrições, desprezando o que de melhor existe nos nossos compositores. E claro que os gritos dos Beatles, mas é difícil que não possa admitir Roberto Carlos e artistas semelhantes. Por outro lado, são poucos os conjuntos estrangeiros que satisfazem minha apreciação musical e só me lembro de citar, ainda, os «Rolling Stones».

Quanto ao «ié-ié», como revolta da juventude, creio que é um meio inócuo para as fins a que talvez se proponha: há formas mais inteligentes de reivindicar um sequeno social. Os próprios Beatles afirmam que continuam sendo os mesmos e a juventude «ié-ié», longe de ter alcançado um índice de satisfação emocional, que da maneira mais frustrada possível, e haverão de concordar que isto é uma atitude de rebeldia inconseqüente, sem qualquer intenção de reformular. Tal consideração aplica-se aos ingleses. Visto que, quanto aos brasileiros, êstes jovens são totalmente acomodados a tudo, em sua maioria.

Ana Cristina Zahar – 2º Gin. A

Considerando o «ié-ié-ié» do ponto de vista exclusivamente musical, acho-o bom, por ser um ritmo alegre, contagiante. Podemos notar que nesse baile os feitos e pessoal só se anima quando tocam músicas movimentadas, nas quais possuem despontar bastante energia; parece que assim conseguem dar vazão temporária à concentração de sentimentos que está em seu íntimo.

O «ié-ié-ié» expande-se principalmente porque os donos das casas noturnas são obrigados a tocá-lo, pois os jovens querem divertir-se, e o que será de uma boite desanimada.

Nesse item finalmente falando) julga o «ié-ié-ié» instante positivo.

Julgo trágica a influência do «ié-ié-ié» na sociedade. Sem porque uma parte da juventude parece ficar de tal modo sedenta por um ritmo que se esquece dos seus deveres para com a sociedade. Dessa parte da juventude não se pode dizer que VIVE — pois viver é participar da vida em todos os seus aspectos, boas e maus — mas uma VEGETA. Tais pessoas vivem de nada para o nada querem construir a presente (à moda dêles) ou que tudo o mais vá pro inferno. São indiferentes a tudo mais e não tem o menor interêsse pelo mundo que as rodeia; ainda, a meu ver, elas não assim por estas bons mesmo mundo, onde elas nada encontrarão, ou melhor, só a desilusão. Mas aí notamos, também que problemas psicológicos, pois êles não tiveram coragem nem vontade para continuar enfrentando a vida; preferiram retirar-se para uma outra vida, onde tudo lhes dera. Estar onde está — seja bom ou mau — eu que êste não tivemos lutar com o dia-a-dia, uma vida, podemos dizer ainda ao resto do mundo.

O «ié-ié-ié» apresenta também uma face bastante diversa daq que à vimos, quando ele é explorado para a comercialização, principalmente na zona de vanguarda, pois os jovens querem vestir-se (ou seja, caracterizar-se) de acordo com seus ídolos (ex: cuica calhambeque de R.C. ou a chapeuzinho dos Beatles).

Uma coisa interessante que podemos notar é o contraste que existe nestas músicas: o ritmo é agitadíssimo e as letras falam de amor; é lógico que há exceções, pois há também o «ié-ié-ié» calmo.

Acho que nestas músicas êles conseguem juntar seus principais anseios: no ritmo frenético — a alegria, o divertimento, nas letras de amor — o amor, o compreensão que geralmente não têm e pelo qual anseiam.

Flávia Cavalcanti – 3ºB

Apesar de considerar um certo valor musical no «ié-ié», creio que seu principal meio de divulgação não foi, infelizmente, seu conteúdo, e sim uma forma de publicidade.

Atualmente, de modo sem a situação de cada país, o «ié-ié» é encarado como revolta de jovens, mas creio que não: a letra, forma mais direta de comunicação a vários os direitos sociais, não demonstra nenhuma atitude de reestruturação.

Para mim, o «ié-ié» representa simplesmente um meio de divertir, sem maiores consequências, pois tenho percebido os resultados até que ponto chega êste divertimento. Mas quero ressaltar que, para a juventude em geral, êste movimento traz uma influência bastante negativa, pois o jovem é um estado de inconsciência, não oferecendo solução alguma aos seus problemas.

curso vetor

Engenharia
Ime
Ita
Química
Arquitetura

curso miguel couto

AV. N. S. COPACABANA, 605
10º ANDAR

VESTIBULARES: MEDICINA
ODONTOLOGIA
FARMACIA

DIREÇÃO: PROF. VITOR NOTRICA
PROF. A. J. DE VRIES
PROF. ALCIDES L. GOMES



Página 4 — A FORJA — Agôsto — 1966

NAZISMO HOJE

Eduardo Homem

e

Franklin Martins

QUANDO Adolf Eichmann foi raptado por agentes israelenses na Argentina, seu filho declarou aos jornais de todo o mundo: «o nazismo continua vivo e é hoje uma organização mundial, cuja matriz se acha na América do Sul». Então o mundo parecem despertar para o significado do grande número de ex-nazistas que se encontram em liberdade.

Ao mesmo tempo, outras denúncias apontaram o nosso continente como refúgio dos mais importantes criminosos nazistas como Martin Bormann, Joseph Mengele e Çukurs, êste já executado no Paraguai por agentes israelitas.

Apesar da crescente melhoria nas relações entre Israel e a Alemanha Ocidental, grande número de ex-nazistas encontram-se em cargos bastante importantes de administração, Exército e diplomacia germânica.

Na mês de julho passado, logo após a ascensão ao poder do General Onganía na Argentina, a imprensa daquele País protestou contra uma violenta onda de anti-semitismo ocorrida na região platina.

Diante disto tudo, o mundo pergunta a si mesmo se o nazismo foi realmente sepultado ou se êle apenas foi adormecido por um período, rearticulando-se agora, sob as mais diversas formas, camuflando-se perante à grande opinião pública mundial.

Taquara e anti-semitismo na Argentina

O movimento anti-semita na Argentina é o mais forte da América Latina, havendo, inclusive, organizações, sobressaindo o Taquara, que coordenam suas ações.

No Govêrno Illia, entretanto, o anti-semitismo sofreu forte repressão devido a medidas governamentais, eclesiásticas e sindicais. Segundo o "Jornal do Brasil", a ex-Presidente argentina, "procurou mostrar a sinceridade do Govêrno tomando, entre outras, a iniciativa de convidar um rabino para assistir o seu lado, da palanque oficial, à parada militar de 9 de julho do ano passado".

Assim, aproximadamente há um ano, observou-se uma trégua na perseguição aos judeus. No entanto, os vestígios do anti-semitismo não desapareceram, devido à atividade dos seus dirigentes, quase sempre filiados à Taquara; esta é uma entidade de "nazismo organizado" surgido em 1960, quando jovens ditos nacionalistas, saíram à rua dispostos a espancar judeus, sendo impedidos. Mas a Taquara não arrefeceu o seu ímpeto e, como exemplo, vimos, aos gritos de "Heil Hitler", "Judeus ao forno" etc., seus membros, estendendo os braços, saudarem, em ato pública, o aniversário da fuga dos Nações Árabes, o que foi chamado de vergonhoso pela imprensa argentina.

No momento atual, com a ascensão ao poder da General Onganía, foram tomadas medidas governamentais como o fechamento de mais de 50 casas comerciais, devido ao fato de dois comerciantes judeus terem sido presos como contrabandistas. Por uma estranha coincidência, aquelas cinqüenta e tantas casas também pertenciam a judeus. Disso se aproveitaram as organizações extremistas para reorganizarem o movimento anti-semita, sendo a DAIA (Delegação de Associações Israelitas Argentinas) obrigada a pedir uma palavra presidencial que evite os sobressaltos da colônia judia cada vez que seus interêsses são julgados. "Isto porque logo se ilumina o rastro do ódio provocando ataques que o Govêrno reprime, a Igreja condena, o povo repudia, o imprensa lamenta e a opinião pública mundial infarmada critica, mas que um minoria sectária, extremamente ativa e ousada, insiste em praticar, sob qualquer pretexto", como afirmou um periódico argentino.

Alemanha

Há cêrca de um ano, o Professor Gregório Bermann, conceituado catedrático de Psiquiatria e Neurologia da Universidade de Córdoba (Argentina), no regressar de uma viagem à Europa, afirmou preocupado, à imprensa, que "a dissolução da família pode trazer de volta o nazismo à Alemanha Ocidental". Frisou, ainda, que uma das coisas que mais o havia impressionado na Europa era "o impressionante egocentrismo das populações da Alemanha Ocidental, o que pode ser atribuído à herança do nazismo, que ainda perdura".

Confirmando as palavras do Professor Bermann, graves acontecimentos vêm verificando-se na Alemanha Ocidental. O jornal judeu norte-americano "Morning Freiheit" denuncie que, segundo relatórios do Ministério do Interior Alemão, os atos, insultos e ultrajes públicos de orientação nazista vêm acontecendo com uma freqüência cada vez maior. Para 171 casos anotados em 1964, registraram-se 521 em 1965. Uma associação de juventude néo-nazista queimou livros em praça pública, exatamente como Hitler fizera em 1933 para atemorizar intelectuais e artistas. Um professor esbofeteou um aluno porque êste afirmou em sala que Hitler era uma vergonha para a Alemanha.

Estes fatos revelam a intranqüilidade e a agitação que a lembrança do nazismo traz à Alemanha. Contudo, êstes acontecimentos obedecem a uma planificação que tem por núcleo a PND (Partido Nacional Democrata), de inspiração néo-nazista e que nas últimas eleições municipais impressionou os observadores com uma maciça votação em algumas regiões do País. Em uma cidade da Baviera obtiveram 92 por cento de votação, elegendo o Prefeito e grande número de conselheiros municipais. Nas eleições para o Parlamento, o PND obteve 2 por cento dos assentos (Hitler não obteve nem isso para o seu partido em 1928), mas em algumas regiões, a votação triplicou.

O inegável é que o PND ganha fôrça, com uma grande contra-ofensiva do Govêrno alemão. O programa do PND prevê, entre outras coisas, a reunificação alemã, o retôrno às antigas fronteiras, o fim dos processos de guerra e a reabilitação do III Reich. Seu névo führer é Fritz Thielen que é um industrial em Bremen. O número de inscritos do PND é de 2.000 pessoas.

Outras organizações agem entre a juventude alemã. A mais importante delas é a que congrega cêrca de 800 membros entre 9 e 18 anos. Seu lema: "Fidelidade a Deus, à Pátria, aos pais". A "Juventude Viking" é outra entidade de princípios nazistas que atua na Alemanha.

A revista francesa "Paris-Match" publicou, há pouco tempo, fotos de uma reunião de jovens nazistas, citando nomes etc.

O Ministério do Interior Alemão refutou a veracidade da foto, mas a "Paris-Match" apresentou provas que realmente não deixam dúvidas e lamentou a falta de empenho do Govêrno alemão em levantar o véu que encobre as atividades neonazistas na Alemanha Ocidental.

Atualmente, só há uma ex-nazista presa por crime de guerra. Chama-se Rudolph Hess e encontra-se semilouco. Era o maior teórico do nazismo.

O Livro Pardo do Govêrno da Alemanha Oriental denuncia, com impressionante documentação, inclusive com a apresentação de fotocópias e documentos, a colocação de milhares de ex-membros do Partido Nacional Socialista (de Hitler), da SS, da Gestapo, em pontos chaves da administração, finanças, polícia, exército, justiça, diplomacia etc. A documentação é tão impressionante que só nos resta realmente acreditar no que diz o Livro Pardo.

No resto do mundo

Segundo pesquisas do Govêrno Britânico, existem, atualmente, 24 partidos neonazistas no mundo.

Nas últimas eleições italianas, o partido neofascista obteve uma votação que, se não foi espetacular, pelo menos mostrou a fôrça latente de fascismo. Na Itália, ultimamente, organizações de orientação direitista promoveram distúrbios e quebra-quebras, procurando intimidar a população.

Nos EUA, é notória a existência de organizações nazistas. A mais famosa é a Ku-Klux-Klan, que age principalmente no sul do País, promovendo atos terroristas, metendo negros e judeus, em nome de uma pretensa superioridade racial. Encapuçados, atacam firmemente convictos de estarem livrando a sua pátria dos "negros imundos", dos judeus e dos comunistas. Além desse entidade tão bem organizada e difícil de combater, país entre os seus membros estão elementos encarregados da segurança pública, existem outros de principios não menos anti-democráticos e humanos. Há pouco descobriu-se, numa cidade americana, um arsenal, com armas, munições e até bandeiras e estandartes de uma destas tão "patrióticas" organizações.

Não há dúvida, portanto, que o nazismo, vencido a custo das vidas de cinqüenta milhões de sêres humanos, ainda não foi totalmente enterrado. As manifestações mais modernas e sutis são prova disto. É preciso lembrar bem os horrores da sua mentalidade, que marcaram o século como uma das mais dolorosas eras da História, para que estejamos atentos contra quaisquer tentativas de sua ressurreição.

REEMBÔLSO POSTAL

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO

O MAIS AMPLO PANORAMA DAS DUAS LITERATURAS EM LÍNGUA PORTUGUESA:

ROTEIRO LITERÁRIO DE PORTUGAL E DO BRASIL

ORGANIZADO POR ÁLVARO LINS E AURÉLIO BUARQUE DE HOLLANDA

Obra única em nosso idioma não só por suas proporções mas também por sua estrutura e critério de seleção. As mais belas páginas dos mais significativos escritores portugueses e brasileiros de poesia e prosa. Livro adotado no Colégio Pedro II e em várias Faculdades de Filosofia do País.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO - GB

D52 161 P059

Amadurecer para a liberdade

LIBERDADE. *Esta é uma palavra que, possivelmente, já foi gritada em quatro cantos do mundo, mas, sem dúvida alguma, ficou sufocada em vem outros. Muitos morreram para conquistá-la. Outros, alguns poucos, para impedi-la. A História dos homens para lançar-se daqueles que a têm usufruído acorrentado econômica, política e intelectualmente. A História é a exteriorização desse guerra sangrentas batalhas vêm sendo entoadas pelos oprimidos, pelos que desejam nossa liberdade. Enquanto uma elite julgar ter se libertado de dominação, ela própria acreditará estar botando fora a liberdade humana, e, assim, era capaz de qualquer para ser livre! — é o sinal de liberdade que existe arraigado em todos os oprimidos. Na busca e praticamente continua tolhida pela liberdade, contudo, os classes que lutaram contra a opressão em determinada fase, uma vez obtida a vitória, esfriaram-se ao lado dos inimigos da liberdade para defender novos privilégios" (Erich Fromm, Medo à Liberdade). Assim passou de oprimida a opressora, de libertadora a libertada. Desse modo, nenhum exército florescem jamais para desenvolver a luta, uma nova batalha, a mesma guerra. Não obstante muito ter sido sacrificada por interêsses de pequenos grupos, obtendo em alguns momentos a parecer um ideal atingido, a liberdade foi conseguindo algumas vitórias: o fim da escravidão e da servidão, a queda da monarquia absoluta. A democracia política, embora com ela subsistam a opressão econômica e uma série de outras deficiências, pelo de qualquer modo mostrou que, na História, forças conservadoras sem sempre perdendo, mesmo quando conseguem resistir por longo tempo, favorado-se do obstáculo ao progresso da humanidade, que, num processo inexorável, permitirá o aparecimento de um homem total, senhor do mundo e de si mesmo: Um Homem Livre.*

Embora inexorável o ritmo desse processo não é uniforme; nele se alternam períodos de relativa estabilidade e aparente tranquilidade com momentos de extrema ofuscação. E' a êsses períodos de aceleração, possibilitados por reformas estruturais da sociedade (políticas, econômicas, sociais, etc.) que se denomina revolução. A luta não é fácil, a História o tem provado, mas o prêmio da vitória justifica qualquer sacrifício.

O que é a liberdade

Tendências mostrou acima o que seria a liberdade. Certamente, não seria a simples liberdade de pensamento, nem a simples possibilidade de um povo escolher seus governantes. O que importa é que seja possível a plena realização das potencialidades do indivíduo e de sua capacidade para pensar de maneira ativa e expondo, relacionando-se com o mundo de maneira consciente e positiva. A vitória da liberdade só será real quando o indivíduo, seu crescimento, sua satisfação material e intelectual forem o móbil principal da cultura e da sociedade, onde o indivíduo não seja tachado de força alguma estiver a ele, seja coagido e violentado, seja propagando, seja pela fome e da miséria. Concluí-se daí que a concretização da verdadeira liberdade está intimamente ligada e profundas transformações econômicas e sociais e, mesmo, subordinadas a elas.

Embora a democracia política seja muito pouco relativamente ao caminho que devemos percorrer para alcançar esse liberdade a qual nos referimos, não podemos nos permitir perder qualquer uma de suas conquistas fundamentais: o governo civil, pelo povo e responsável perante êste, as direitos garantidos e todos os elementos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tampouco podemos esquecer que a sociedade é responsável por cada um de seus membros, e, portanto, é responsável pelos que vivem à margem, pelos que morrem de fome.

A necessidade de ser livre

Sou dúvida alguma aparecerão muitos farseus que, em defesa de seus próprios interêsses, conseguirão a barrar: "Não adianta lutar pela liberdade. O povo ainda não está madura para a liberdade. O Homem ainda não sabe ser livre". Vejamos como o filósofo alemão Emanuel Kant (1723-1804) encarava esse problema:

"Confesso não poder hesitar-me a essa expressão usada mesmo por homens sensatos: um certo povo — ocupado em elaborar sua liberdade legal — não está madura para a liberdade; os servos de um latifundiário não estão ainda maduros para a liberdade; estão como os homens não estão, também, maduros para a liberdade de consciência. Por uma hipótese dêsse tipo a liberdade não se produzirá jamais, pois não se pode amadurecer para a liberdade se não se é previamente posto em liberdade (é necessário ser livre para poder servir-se utilmente de suas forças na liberdade). Os primeiros ensaios dêsse caráter serão provàvelmente grosseiros e ligados a uma condição mais penosa e mais perigosa do que quando ainda nos encontrávamos sob as ordens de outrem como bandeira confiados a seus cuidados. Nunca ninguém amadureceu para a razão por outros meios que não fôssem esses tentativos pessoais — e é necessário ser-se livre para poder confiar-lhe.

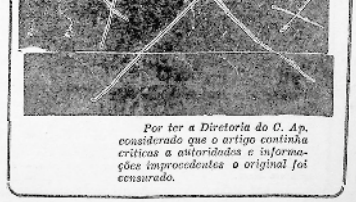
Querer exigir como princípio que a liberdade, de uma maneira geral, de nada vale para aquêles que se encontram subjugados e pretender que se tenha direito de atentar-lhe dela, é atentar contra os direitos soberanos da própria dignidade que criou o homem para a liberdade. Efetivamente, quando se começar impor tal princípio, governar o Estado a Família e a Igreja é bem mais cômoda. Será também, no entanto, mais inútil."

Carlos Bernardo Vainer

Entrevista com ex-diretora d'A FORJA

A entrevistada é atualmente licenciada no CAp. Mas, já foi aluna do nosso colégio e diretora da FORJA. Nosso repórter foi Paulo César Oliveira.

Perguntas	Respostas
1) Você que conheceu o CAp de outros tempos, nota alguma diferença no que êle é hoje, isto no que se refere ao espírito estudantil?	1) Acho que fundamentalmente o espírito do CAp não mudou. Tenho visto, atualmente, a mesma vibração e a mesma entusiasmo, quer pelo estudo em si, quer pelas atividades do grêmio.
2) Quais as dificuldades que você enfrentou quando teve a direção d'"A Forja" em suas mãos?	2) Acredito que tenha enfrentado dificuldades financeiras e, principalmente, dificuldades surgidas da crise psicológica, da adolescência, tôda uma série de aceitas uma série de desentendimentos, mas acho que não foi nada realmente importante e acredito que hoje devem haver as mesmas dificuldades.
3) O que você pensa a respeito da nossa juventude?	3) Acho que a juventude, em geral, tem muitas qualidades, principalmente o seu impulso renovador, a sua vontade de trabalhar, e penso que isso, no CAp, é muito desenvolvido. O que note também, é uma grande boa vontade a uma participação nos ideais da Nação e nas da Humanidade, visto que o jovem, ampliando o seu universo, tem a natural tendência de trabalhar em favor dêles. Isto, no CAp, se caracteriza ostensivo.
4) Você acha que o jovem deve tomar parte ativa na vida de sua país?	4) Acho que o jovem deve tomar parte ativa na vida do País, na medida em que é parte integrante dela. Em outra resposta, falamos da impeto renovador e criador da juventude — aí está a sua atividade, que se efetua principalmente dentro da escola.
5) Que pensa você sôbre o problema educacional brasileiro?	5) O problema educacional brasileiro é o problema brasileiro, se não pensarmos que a educação está inteiramente ligada com todo um processo de desenvolvimento. É evidente que há falhas e falhas muito graves, no nosso sistema educacional. Acredito, porém, que o problema será naturalmente resolvido.
6) Você acompanha as atividades do CAp, muito embora não pertença mais a êle?	6) Na medida do possível, sim, principalmente êste ano, em que
7) Sinceramente, em caráter de crítica construtiva, o que pensa você sôbre as publicações do Jornal Mural?	7) Acho que fundamentalmente o espírito do CAp não mudou. Tenho visto, atualmente, a mesma vibração e a mesma entusiasmo, quer pelo estudo em si, quer pelas atividades do grêmio.
8) Você acha que os estudantes devem reivindicar?	8) Acho que o jovem deve tomar parte ativa na vida do País, na medida em que é parte integrante dela. Em outra resposta, falamos da impeto renovador e criador da juventude — aí está a sua atividade, que se efetua principalmente dentro da escola.
9) Que pensa você sôbre a escolha de autores modernos, como Jorge Amado, p. ex., para os adolescentes?	9) O problema educacional brasileiro é o problema brasileiro, se não pensarmos que a educação está inteiramente ligada com todo um processo de desenvolvimento. É evidente que há falhas e falhas muito graves, no nosso sistema educacional. Acredito, porém, que o problema será naturalmente resolvido.
10) O que, realmente, você julga importante para a formação moral de um adolescente?	10) Um ambiente sadio e muita atividade construtiva.
11) Que autores, falando na nossa literatura, você acha que é indispensável o aluno conhecer, para ter uma visão básica do Brasil como aspecto cultural?	11) Pensando em têrmos de cultura brasileiras não há autor literàriamente válido que não traga um aspecto dela, em sentido lato e estrito. Pensando em têrmos de unidade cultural, os de predominância de aspectos sócios ou sociais, acredito que seriam fundamentais Gregório de Matos, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Mário de Andrade, José Lins do Rêgo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto.
12) Você tem lido "A Forja"? Que acha dela?	12) Andei folheando as últimas números d'A Forja e verificou que houve um desenvolvimento
13) Finalmente, que mensagem você daria a seus colegas cariocas a título de orientação pa-	grande de minha época para cá, e parece que os problemas primordiais da juventude têm sido tratados muito bem, com muita liberdade e sensibilidade. Também me parece que houve uma dinamização no parte gráfica; enfim, o que é mais sério, é que n'A Forja» desenvolveu, e procura desenvolver cada vez mais, porque é realmente uma realização admirável da juventude cariocas.
	13) Aproveitando o preparo intelectual e humano que se tem através do CAp, é obrigação de cariocas estudar muito, cada vez mais, se interessando sinceramente por determinada campo, e aí, então, desenvolver-se ao máximo e contribuir para o progresso. Isso é o fundamental, ao responsabilidade do aluno de CAp, que tem sido sempre dito como integrante da elite estudantil brasileira.



Por ter a Diretoria do C. Ap. considerado que o artigo continha críticas a autoridades e informações improcedentes o original foi censurado.

O I-FORJAL VAI AO JÓQUEI

José Rodrigues e Mauricio Mendonça

Editorial, minha gente

PELA PRIMEIRA vez na vida, o I-FORJAL não tem a mínima intenção de fazer graça; hoje nossa intenção é, mais do que nunca, invectivar o diretor de a FORJA, Franklin Martins, encontrado por nós no JOCKEY CLUB(!)

Sim, amigos, jogava dinheiro em cavalos do Grande Prêmio. Não ganhou nada, é verdade; mas, se nada ganhou, foi por pura estupidez crônica; em vez de apostar em Zinabre, barbada vencedora, jogou em Ferrugem, cavalo em fim de carreira que, apesar de não existir, correu como um doido, em direção aos banheiros.

Além disso, F. Martins passou o tempo todo a andar com as mãos no chão e os pés pro ar. É que havia prometido a sua mãe nunca mais pôr os pés no JOCKEY, cumprindo à risca o prometido, e fazendo-nos desejar tivesse prometido não mais pôr os pés no CAp.

O Mendonça, nosso descalcista, tirou várias fotos, onde aparece o estrepre mal-pensante, e vicidíssimo érrimo diretor do jornal em que temos a atração principal.

Oração do velho MOSHE: «perdoai, ó pai, os pobres de espírito, pois que dêles será o reino dos céus!»

Comentário de F. Martins: «e por quê não o JOCKEY CLUB?»

GUDESTEU RODOVALHO Jr.



Humoristas brasileiros:

Marcos de Vasconcellos

MARCOS DE VASCONCELLOS faz um humor inteligente. Tendo colaborado nas revistas Senhor e Pif-Paf, mostrou ser um escritor moderno na medida em que coleciona suas histórias o espanto do mundo diante da Ciência e dos negativos. Suas histórias não se prendem a nenhuma lógica convencional e são concebidas na mais mupia liberdade criadora. O seu humor é espontâneo e provêm da maneira livre de criar e narrar.

Apesar do jovem, Marcos de Vasconcellos pretende o domínio de considerável experiência de vida, dizendo: «Vi footing nas praças de domingo, vi cadeiras nas calçadas e os corcós. Vi mil ciros. Vi cair o Gabinete. Vi nascer o edifício do Ministério da Educação e Saúde. Vi que Energia era, simplesmente, igual à Massa multiplicada pelo quadrado da Velocidade da Luz. Vi o primeiro átomo de hidrogênio romper com a Lei que o continha. Já vi bossa demais, vi vejo lustro passageiro, o belo tipo faceiro que o senhor tem a seu lado. E, no entretanto, acredite, quase morreu de bronquite. Salvou-o o Rhum Creosotado. Tudo isto faz de mim uma das coisas mais antigas do Brasil». Reuniu suas histórias sob o nome de «30 Contos Redondos», onde, segundo Otto Lara Rezende, engride tudo que há de quadrado e com seu senso de humor, servido por alguns rasgos de audaciosa originalidade, opera em nosso espantoso século XX desarticulando a visão convencional com que todos estamos em princípio comprometidos.

UMA ARTIMANHA DO DIABO

Um velho general capeta convocou os seus auxiliares e considerou que apenas uma frente estava resistindo aos ataques de suas tropas: o seminário. E decidiu, com apoio unânime, enviar tropas reforçadas com forte munição de tentações para ocupar aquêle baluarte.

Os seminaristas eram chefiados por um padre novo mas sábio que, quando soube, por espião, que um ataque de grandes proporções estava para ser lançado contra seu seminário, recebeu-o à sua cela para deliberar.

Quando uma patrulha de capetas voltou, após uma missão de reconhecimento ao seminário, trazia informações que deixou o Estado-Maior dêles muito intrigado, êles que já o são de natural, conhecendo, como conhecem, tôda a malandragem do mundo. As portas do seminário estão escancaradas — contou o chefe da patrulha — e o pessoal está todo reunido no pátio jogando bola. Nem deram bola pra gente. Aí tem coisa!... O Estado-Maior então decidiu atacar sem mais delongas e silenciosamente aproximaram-se do seminário.

De fato as portas estavam escancaradas e os seminaristas estavam jogando bola na maior alegria. O time sem camisa ganhava de dois a zero. Na porta maior tinha um cruz de madeira enterrada.

O Estado-Maior então decidiu ir pessoalmente reconhecer o local. Examinaram a cruz e verificaram não estar minada.

O velho general capeta, então, disse para os demais integrantes do seu Estado-Maior: — Este padre é dos tais que pensam que a gente pode ser afugentada por uma cruz de madeira. Vamos entrar lá no pedaço.

Dito isto atacaram.

Quando passaram os umbrais foram recebidos pelas esguichos de dez mangueiras do Corpo de Bombeiros que foram enchê-las de seu colaboração à resistência do seminário. Logo prestar a foram rechaçados pois a água apagou, em tempo útil, o fogo.

Os seminaristas, após a vitória, ficaram sem entender a malícia do padre. Não entenderam, sobretudo, se o que lhes garantira a vitória fôra a artimanha ou a grosseira pura e simples.

— Foi a artimanha — disse o padre jovem mas sábio. — A água era benta.

COMPOSIÇÃO INFANTIL

O JÓQUI CLUBI

O Jóqui Clubi é um lugar onde a gente joga e perde; é o único lugar do mundo em qui se joga prá perdê. O Jóqui Clubi tá cheio di cavalos, até parece a fpica. A deferença entri o Jóqui I a fpica é qui os dois tem cavalo. O negócia é qui na fpica os cavalo pula, i no Jóqui Clubi só quem pula é os jóqui. O jôgo do Jóqui num tem juiz; é purquê cavalo num escuta apitu. Os cavalo é maleducado, vive aguahando dus jóqui. Os cavalo do Jóqui num gosta di grama; onde êles corre tá sempre cheio de grama, mas êles nem pára prá cumê. O jóqui, prá ser jóqui, num pode ser igual diretor di jornau di grêmiu di colégio não; tem di ser piquno e inteligenti, viu?

Eu num gosto di Jóqui, mas, comso tamém num gosto di Franklin, escrivi sôbre Jóqui, só prá num iserevê sôbre Franklin!

Zé Gradel

A FORJA

Órgão oficial do Grêmio Odylo Costa, neto

Ano XI — Agôsto de 1966 — Nº 4

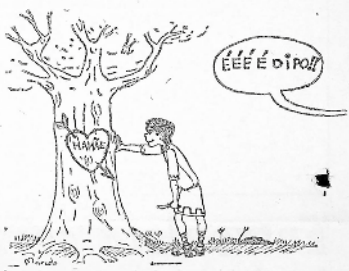
Diretor:
FRANKLIN MARTINS

Equipe:
CARLOS BERNARDO VAINER
EDUARDO HOMEM
ELEONORA ALIANO
JORGE PONTUAL
HENRI ACSELRAD
MARCOS DANTAS LOUREIRO
PAULO CÉSAR OLIVEIRA
SÉRGIO GOLDENSTEIN
WILTON ALBUQUERQUE FONSECA

Dep. Fotográfico:
PEDRO ALCANTARA

Composta e impressa nas Oficinas Gráficas do O DIA e A NOTICIA

Os originais d'A FORJA são revistos e censurados pelo diretor do C.Ap.



Sôbre as festas

Vânia Almeida

NÃO SEI se os alunos do C.Ap. já repararam que as nossas festinhas dançantes têm sido bem animadas. Os alunos de outros colégios já notaram isto, tanto que uma menina do Pedro II, que compareceu ao último «arrasta», perguntou me se era verdade que nós, do Grêmio, dariamos um Hi-Fi todos os sábados. Mesmo meus colegas de turma ficaram entusiasmados com a alegria existente no salão e o número de pessoas que lá se encontravam dando «show» de dança.

Ora, se temos todos os fatôres que proporcionam, ou podem proporcionar, uma boa festa, por que não aumentamos seu número? Evidente que não pedimos uma festa todos os sábados, mas, se possível, uma festa por mês.

O setor social tem tomado tôdas as providências para evitar incidentes desagradáveis, como o que ocorreu no ano passado. Durante as festas os policiais, solicitados pelos alunos, permanecem na porta, ao lado dos bilheteiros, evitando, assim, qualquer desordem. Tudo tem funcionado muito bem, sem oferecer problemas aos PMs ou aos alunos que ficam na bilheteria.

Nós sempre ouvimos dizer que devemos dançar a música que se toca. A dança da moda é o «monkey», portanto a radiofonia, que está na onda, mora, procura tocar músicas tais para que os dançarinos do «monkey» não se sintam inibidos. No entanto esquecem que um bom samba também é gostoso de dançar, é alegre e é brasileiro. O objetivo visado não é que se excluam as músicas do «monkey», e sim que as intercale com uma bossa-nova, ou qualquer coisa no gênero. Isto, além de dar oportunidade àqueles que, embora jovens, sejam apreciadores ùnicamente da velha guarda, dá um tempinho de descanso ao pessoal. Além do mais elevaria o gabarito de nossas festinhas, que precisam aparecer com mais freqüência, pois contam com a presença de grande número de alunos do colégio e com a alegria que é peculiar aos festivos.

DISC 161 POST

TACAP: a vez da colaboração

NOSSA finalidade neste artigo é reforçar a importância de um assunto que foi tratado em nosso último número, além de analisar o problema de forma a torná-lo mais ao alcance das soluções, as quais dependem de muito trabalho e espírito de colaboração.

Se relembrarmos os tempos do "Auto da compadecida", encontraremos, em relação ao inter equipe, por gente interessada em teatro, estudioso do riso mo, humilde em sua condição de porta-voz de um difícil de ser formada. Seus integrantes, muitos dos quais cursando os últimos anos no colégio, forçam prosseguir seus estudos fora dêle, e deixaram vagos os lugares conseguidos com esforço. Êste é um problema que o teatro amador enfrenta normalmente. e sua solução depende dos que vão formar a nova equipe. Assim sendo, em parte justificada, o declínio maior alcance para colocá-los no palco com um mínimo de experiência teatral? A exigência nesse sentido, como base e, em seguida, o teatro de laboratório virá completar a atividade. Então sim: do que previsto e frequentar o laboratório, mas a verdade é que ele anda da inércia, contando atualmente com apenas três elementos fixos. É necessário que todos que dizem apreciar o teatro apareçam para trabalhar, mas notam bem que não nos interessam jovens que procuram apenas andar na moda, fazendo sessões de teatro sem comprometimentos; assumindo consigo mesmos, o que é importante. Precisamos de gente construtiva e válida.

Pediríamos falar, também, de pessoas que nos apoiariam: as fixo que aparecemos; os indivíduos que restam da antiga equipe da "Compadecida", e que hoje são os responsáveis pelo andamento do TACAp. Tais elementos não estão agindo de maneira errada, e nem demonstraram amor ao teatro do colégio, pois muitas de suas dependências vivem com as portas abertas, com a sua material dali arrebatado, muito embora tudo isto custe dinheiro, e, uma vez perdido, não é com facilidade que o Grêmio poderá obtê-lo de novo. Até mesmo a parte técnica está abandonada.

Tais pessoas voltam a errar: caíram em fôrmo de si um clima de "genialidade", que somente a custo de convivência diária outras pessoas podem quebrar. Tomar atitudes temperamentais, dificultar o clima de trabalho. O êrro agrava-se, e é preciso que alguns dêstes "gênios" abaixe a crista, e reconheça que a simplicidade lhe será tirada em qualquer aspecto, seja na coordenação de que anda fazendo, seja na aquisição de material humano. Os professôres responsáveis pelo TACAp. Dizem-se cansados de muita coisa e pouco resultado.

Mas há mais a edificar: os textos não fracos, não cumprem um objetivo, não têm validade em si. É necessário que aquêles que os apresam em definitivo sejam mais liberais, reconhecido que a atividade artística não tem relação alguma com a atividade ideológica de cada um, e que um bom texto falando de nossos hábitos ou problemas, obterá uma comunicação maior com a nossa platéia estudantil, e também lhe dará uma oportunidade de sentir e entender determinado aspecto problemático, sem tomar por causa disto qualquer posição política que não aquela que lhe é inerente. Se chegamos até aqui, podemos pôr as coisas em pratos limpos: o grande mêdo é fruto do alcance político que determinados textos possam ter, e tais alegações, em se tratando de assunto de teatro, são ridículas e falhas. Teatro não é escola de linha ideológica; é um meio de comunicação entre os homens, uma forma de expor situações e problemas, um reflexo da época em que se vive. Ninguém procura fixar idéias através dêle, mas sim transmiti-las, para que sejam aceitas ou não. O teatro é entretanto um meio de esclarecimento, e não pode, nem deve, ser visto de preconceitos.

Penso que agora vimos todos os problemas que devem ser resolvidos: a necessidade de uma equipe boa e trabalhadora, a urgência de mudança de atitude de pessoas internas ao TACAp., a atuação embasbacada dos nossos leitor cortadas. Cerca vêem, a mancha, estendo-se a alunos e professores sem distinção. É tempo de ajudar o TACAp., pois o colégio é de clube, como se diz por aí, e não se justifica não possuir um teatro à altura. Alunos devem esforçar-se, serem leais para com tais objetivos, serem amigos dos colégios que lutam por êste meio de expressão incidental, serem receptivos para com os nossas tentativas falhas. Professôres devem compreender-nos, que nós não queremos de afirmar que somos jovens: isto nos leva para frente, e por isto não devemos ser mal orientados, e devemos receber incentivo maior para trabalhar com zêlo.

Para finalizar, dizemos a vocês que há um grupo bem intencionado, mas que sòzinho nada pode fazer.

PAULO CESAR CORRÊA DE OLIVEIRA

OS MONTES AZUIS

Montado em cavalo branco,
rindo do vento,
eu vou para os montes azuis

Do fim do campo de flôres,
que de onde vêm não sei,
eu vou para os montes azuis

Fugindo do meu espectro
que está me chamando de cego,
eu vou para os montes azuis

Em busca de lança, ou couraça
pra poder voltar mais tarde,
eu vou para os montes azuis

Não sabendo o quê esperar,
buscando por que chorar,
eu vou para os montes azuis

Com mêdo do próximo passo,
incerto do sim-e-não,
eu vou para os montes azuis

Montado em cavalo branco,
rindo do vento,
eu vou, amor, para os montes azuis.

SÉRGIO FLAKSMAN-GG

MOREIRA LEITE ESPORTES

CAMISAS — O TIPO E CÔR DE SUA ESCOLHA

- CALÇÕES
- MEIÕES
- CHUTEIRAS
- BOLAS
- TAÇAS
- MEDALHAS
- TROFÉUS
- FLÂMULAS

E TUDO O MAIS PARA O SEU CLUBE

OS MELHORES ARTIGOS PELOS MENORES PREÇOS

VISITE-NOS E COMPRE COM DESCONTOS ESPECIAIS

AVENIDA RIO BRANCO, 120-LOJA 14 — TEL. 42-8676

RUA SENHOR DOS PASSOS, 20 (QUASE ESQUINA DE URUGUAIANA) — TEL. 43-6346

TRAVESSA DO COMÉRCIO, 13 – TEL. 31-2562

Henri Aserald e Wilton Fonseca

A atualidade de Brecht

HÁ 10 ANOS morreu Bertolt Brecht. Viveu pràticamente meio século, mas não sòmente viveu como também participou ativamente de sua época, época conturbada, por duas guerras mundiais e pelas várias revoluções e crises.

«Cresci como filho
De pessoas que têm bens. Meus pais
Puseram-me um colarinho em volta do pescoço e
Habituaram-me a ser servido
E ensinaram-me a arte de mandar

Mas quando cresci e olhei à minha volta
Não me agradaram nem as pessoas de minha classe,
Nem o comando nem tampouco ser servido.
Abandonei minha classe e associei-me
Às pessoas inferiores».

E um dos dramaturgos mais discutidos da atualidade, sendo ao mesmo tempo direto e dissimulado, simples e complexo, arraigado ao povo e ao intelectual. Tem um duro compromisso com uma causa política, mas em momento algum deixa de ser um verdadeiro artista, verdadeiro criador e renovador, drenando suas concepções para sempre novidade na história do teatro.

Um mês à primeira guerra mundial, da qual ela participou como boa representante da oposição perdida, escreve suas poemas, e as palavras que vêm ao papel são ainda ardentes, sangue, cuspe, decomposição, putrefação, morte... Terminada a guerra, ela se lança contra certos valores e crenças caros a milhares de patriotismo, os cheiros pós da guerra, e o slogan «Still mit uns» (Deus conosco). Desta vez, num bar de Munique, ao ler a sua «História do Soldado Marter», os velhos combatentes já gastarão seus copos de cerveja à guisa de aplausos. Ninguém vai publicar seus versos.

Suas primeiras peças (Baal, A Vida de Eduardo II de Inglaterra, Na Floresta das Cidades), bem como suas poesias («Os Sermões Domésticos») são fracassos. Estas com exceção de «Tambores na Noite», não contêm crítica social propriamente dita. Estão presentes aí o niilismo, o sarcasmo, o cinismo, a inquietação filosófica, mas não a revolução. Era a época da destruição dos ídolos burgueses — e só. Era a época de Kafka. Os dois têm muito em comum. Viveram um mesmo momento histórico e ambos procuraram uma representação da realidade social através da alienação. O método foi o mesmo, mas a atitude diante dessa realidade foi diversa. Kafka sentia-se deprimido e no seu desespero negava o progresso, enquanto Brecht, no amadurecer de sua obra, acreditava no constante aparecimento de novas coisas em luta contra as velhas.

A peça mais importante para a vida artística e pessoal de Brecht foi «Na Floresta das Cidades», que representou uma evolução no pensamento do autor. A ação da peça se desenrola em Chicago, entre 1912 e 1915. São esse cenas sôbre «as inexplicável lógo de hoxe entre dois homens". Diz destas cenas são dedicadas à luta, e a primeira ao início do conflito, fora do ringue. O tema é parcialmente filosófico — a impossibilidade de se estabelecer contato permanente entre os homens — e das conclusões de Garga, o herói da peça. Brecht tira as suas próprias; então é importante ser o mais forte, mas por o ser brevíveres. Idealismo, heroismo, individualismo, liberdade — palavras. São muito importantes para Brecht as conclusões filosóficas desta obra. Vê ele que o seu niilismo não inspiraria nenhuma criação e que se o seu individualismo o levaria ao caos, seria necessário abandoná-lo. A saída para o seu desespero existencial foi o socialismo, após a loucura. Ela, a fé na literatura... não o eram, mas a ordenou.

Por volta de 1928, Brecht começa a tomar forma no Colégio Marxista Operário de Berlim. Suas peças e suas poesias tornam-se cada vez mais despojadas, mais simples. E desta época «Ópera dos Três Vinténs», adaptação de uma peça inglesa do século XVIII. Está nela uma das características de Brecht e do artista engajado: a renovação e a atualização de temas e obras. Adapta também peças de Schiller, Shakespeare, Marlowe.

A Alemanha de após-guerra é cenário no artista um campo vastíssimo de pesquisas. Tudo era luta, tudo era movimento, pois de tôda a parte miséria, miséria. Era Berlim um centro cultural intenso, com um grande número de teatros, autôres e atôres de gênio. Em poucos anos Brecht se torna célebre e monta suas pequenas peças dadaísticas por tôda a capital.

Com a ascensão de Hitler, Brecht é obrigado a se retirar do país, indo para a Dinamarca, Finlândia e, finalmente, para os EUA, num exílio que se prolongou por quinze anos. Datam desta época de exílio peças como «As Cabeças Redondas e as Cabeças Pontudas», satirizando a teoria racial, "A Ascensão Irresistível de Arturo Ui», que nos era outra se não o próprio Fuehrer, "A Vida de Galileu» e «Terror e Miséria do III Reich», retrato lúcido de um povo acorrentado pelo medo. Na vida quotidiana retratada (baseou-se em notícias verídicas dos jornais da época) um grito é lançado na última palavra da peça: Não!

Além de trabalhar como roteirista em Hollywood, Brecht ainda escreveu diversas peças importantes antes de retornar à Alemanha. Já em Berlim, dirige, com sua mulher, Helene Weigel, o teatro oficial da Alemanha Oriental, o Berliner Ensemble.

Num ensaio intitulado «Cinco Dificuldades ao Escrever a Verdade», publicado em 1934, Brecht fala do poder que o artista tem em transformar sua arte em uma arma. Êste livro é mais um libelo contra o nazismo com uma boa argumentação. Condena êle que o homem, num mundo como o nosso, não pode ser bom. O homem se torna mau se não participa dos acontecimentos e quem participa dos acontecimentos, por uma série de condicionamentos, torna-se mau. Mas isto não é fatalismo, pois as causas do mal-dade podem ser observadas, analisadas e combatidas. A maldade, para Brecht, confunde-se com a própria classe social da qual êle fazia.

Teatro épico e sociologia da forma

A revolta contra a arrogância dos poderosos, contra tôda a disciplina cega, contra certas classes que são fatôres que não fazer com que o autor se sinta capaz de expressar com as palavras e segundo as regras dos gêneros literários dos outros artistas. Como os outros não alcançam a massa, e é a massa que Brecht quer alcançar, êle «cria» a balada em oposição ao poema lírico, o teatro épico em oposição à tragédia clássica. Isto foi chamado de sociologia da forma, ou seja a adaptação e a mudança de gênero, e formas literárias vigentes no momento social. Tudo isto Brecht conseguiu quando recriou peças e temas de escritores finlandeses, ingleses, poloneses, russos, japoneses e chineses, sendo mesmo acusado de plágio. Como um estudante conscienciosso fez exercício para si mesmo com um tema cada vez mais difícil, as peças para aprender.

O teatro épico de Brecht foi e nunca deixa a um todo de ilusão e motivo de uma revolução das idéias e dos costumes, sobretudo à supressão dramática. Enquanto que na tradicional forma dramática a cena «encerra» a peça, faz a expectação participar dela provocando seus sentimentos, no teatro épico a cena contém a peça, faz do espectador um observador crítico, desorientado sua ação através de recursos de sua concepção. Na forma dramática, a expectação encontra-se no meio da ação, acabo o teatro por mexia do espectador, enquanto que na forma épica o espectador está oposto à ação, cabendo o teatro provocar os argumentos. O efeito épico tem um caráter dialético, considerando o homem não como suposamente conhecido, mas como objeto de pesquisa, não como universal e imutável, mas como ser que muda e que pode ser mudado, considerando que não há tal coisa como «a natureza humana».

O distanciamento crítico (ou «efeito de estranhamento») consiste em fazer com que o espectador, como também a direção e a dominação, caindo entretanto todo o seu peso sobre o ator. Brecht diz que o ator deve dar à sua interpretação uma função histórica, justamente porque crê que o espectador deve ser o juiz da realidade. Ao interpretar um papel, o ator deve dizer o seu propósito era dizer que aquele homem falava, em tal época de sua vida, era assim que êle comia, era assim que as pessoas de sua classe agiam, e eu vou especular sua vida. Além dessa distância que deveria haver entre o ator e o personagem Brecht acrescentava ainda o «gesto» que, além das recomendações do diretor.

Oportunidade de Brecht

Em 1955, no Congresso pelo Desarmamento Geral e pela Paz, Sartre lançou um desafio aos artistas de todo o mundo ao recomendar a coexistência pacífica entre os diversos partidos dentro da arte, Dessa maneira êle virava a que exporia aos olhos da nobreza a competência cultural desenvolveu uma capacidade de escolha entre a arte participante e a arte não conformista, e de caráter digestivo. Sartre sòzia ser o único político pouco inteligente, pois HOA assim como o teatro moderno na URSS. A discriminação feita pelos produtores teatrais do ocidente em relação à obra de Brecht tem sua razão de ser. Suas peças colocam em debate o sistema pelo qual os próprios capitalistas, que financiam o teatro americano, alcançaram a fortuna. E isso que explica o fato de escritor ter sido recusado de atividades subversivas durante a sua estada em solo americano. Brecht foi um autêntico representante do teatro de ação social sem o sentido de mostrar que o homem tem a capacidade e o direito de transformar o mundo em que vive. A sua filosofia está inteiramente de comunhidade e por isso o seu teatro tem condições de resistir a desafio de Sartre. A arte que representa os interêsses dos que desejam manter o status quo deve coexistir com a dos que lutam por uma mudança. A análise do escritor político, assim, chegar mais perto da verdade. Certamente não o é a afirmação; participou ou se acomodar. Então, para muitos, a arte de Brecht se apresentará desnutrida, mas para aqueles que almejam a justiça e a progresso social ela será, pelo contrário, muito cara.

Os temas focalizados em suas peças são ainda o mesmo tôda a problemática do nosso século. É por isso que, dos seus artigos sôbre o marxismo, podemos inferir diversas analogias com situações presentes e lançam próximas de nós: «A dependência, entre cada coisa e uma série de outras, que muitas vêzes desconhecemos, é um pensamento antigos para a dialética. ... Os governos que lêem as massas a miséria, bem de evitar que na miséria, as massas se lembrem de governo». Falam muita do destino, e os governantes mais têm culpa na pobreza. Quem pretende as origens da pobreza será pràtica antes do poder, mostrar sua verdadeira causa. Mas é possível enfrentar o polarizado do governo mas tendo o de do homem é proposição pelo homem».

Brecht e a juventude

«Precisamente porque as coisas estão como estão, digo, uma nova e confirmadora — um pouco mais comedida que a de Brecht»

A opinião de Brecht sôbre o ser, do mundo sôbre o ser-político. A presença ainda atuante levam-o a crer (ela) ao homem a certeza de que liberta-se das coisas que o prendem a fórmulas e sistemas arcaicos. A filosofia de vida baseada na ação é o elo entre Brecht e a juventude.

Pensando no futuro do homem, Brecht assim escreveu:

AOS QUE VIEREM DEPOIS DE NÓS

Realmente, vivemos tempos sombrios!
A inocência é loucura. Uma fronte sem rugas denota insensibilidade. Aquêle que ri ainda não ouviu a terrível notícia que está para chegar.

Que tempos são êstes, em que
é quase um delito
falar de coisas inocentes,
Pois implica silenciar tantos horrores!
Esse que cruza tranquilamente a rua
não poderá jamais ser encontrado
pelos amigos que precisam de ajuda?

É certo: ganho o meu pão ainda.
Mas acreditai-me: é pura casualidade.
Nada do que faço justifica
que eu possa comer até fartar-me.
Por enquanto as coisas me correm bem (se a sorte me abandonar,
estou perdido).
Ei dizem-me: «Bebe, come! Alegra-te,
pois tens a quem!»

Mas como posso comer e beber,
se as famintos arrebato o que como,
se o copo de água falta ao sedento?
E todavia continuo comendo e bebendo.

Também gostaria de ser um sábio.
Os livros antigos nos falam da sabedoria:
é quedar-se afastado das lides do mundo
e, sem temores,
deixar correr o breve tempo. Mas
evitar a violência,
retribuir o mal com o bem,
não esquecer os desejos antes esquecê-los
é o que chamam sabedoria.
E eu não posso fazê-lo. Realmente,
vivemos tempos sombrios.

Para as cidades vim em tempos de desordem,
quando reinava a fome.
Misturei-me aos homens em tempos turbulentos,
e indignei-me com eles.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

Comi o meu pão em meio às batalhas,
Deitei-me para dormir entre os assassinos,
Do amor me ocupei descuidadamente
e não tive paciência com a Natureza.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na terra.

No meu tempo as ruas conduziam aos rebeldes,
A palavra trai-me ante o verdugo.
Era muito pouco o que eu podia. Mas os governantes
se sentiam, sem mim, mais seguros, — espero.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na Terra.

As forças eram escassas. E a meta
achava-se muito distante.
Pude divisá-la claramente,
ainda quando parecia, pois mim, inatingível.
Assim passou o tempo
que me foi concedido na Terra.

Vós, que surgireis da maré
em que perecermos,
lembrai-vos também,
quando falardes das nossas fraquezas,
lembrai-vos dos tempos sombrios
de que pudestes escapar.

Iamos, com efeito,
mudando mais frequentemente de país
do que de sapatos,
através das lutas de classes,
desesperados,
quando havia só injustiça e nenhuma indignação.

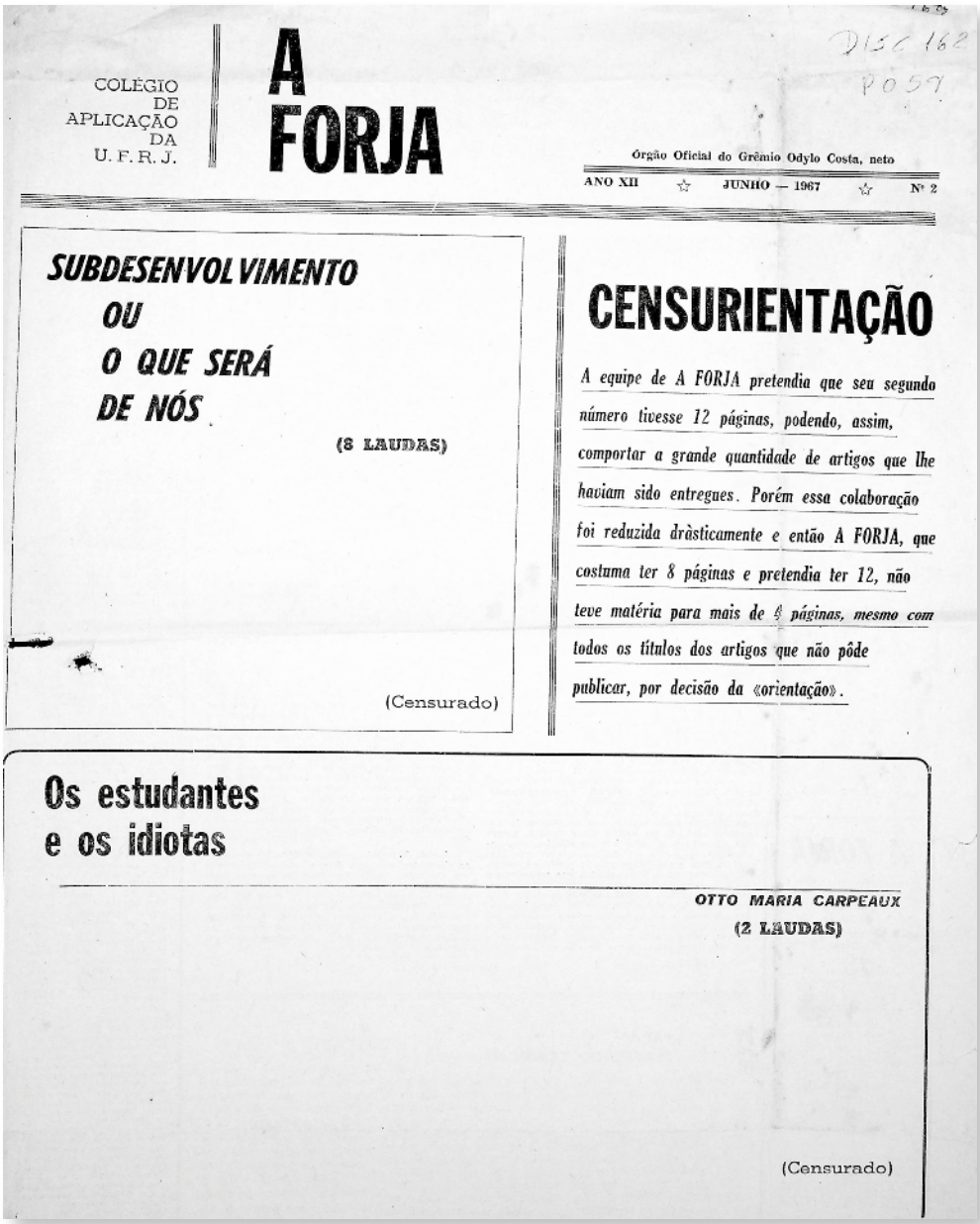
E, contudo, sabemos
que também o ódio contra a baixeza
endurece, ao fulgor
que também a cólera contra a injustiça
estiola a voz. Ah, os que queremos
preparar terreno para a bondade
não podemos ser bons.
Vós, porém, quando chegar o momento
em que o homem seja bom para o homem,
lembrai-vos de nós
com indulgência.

BERTOLT BRECHT
Tradução de
MANUEL BANDEIRA

24

EDIÇÃO: A Forja (Ano XII, nº 2)
LOCALIZAÇÃO: CAp 059 DISC 162
DATA: 1/6/1967

Na primeira página do jornal, há um esclarecimento com o sugestivo título *Censurientação*, que explica aos leitores de A Forja o porquê desta edição ter sido reduzida de 12 páginas para apenas quatro, tendo sido excluídos vários artigos por pressão da Orientação. Os títulos de todas as matérias censuradas foram exibidos na referida edição, indicando-se, ainda, o número de laudas de cada uma delas. Na segunda página, Eleonora Cavalcante Albano escreve sobre a vida do poeta Mário de Andrade. Outra matéria discorre sobre o cineasta Glauber Rocha e seu filme *Terra em Transe*. *TACAp: mantendo a tradição* trata das apresentações feitas pelo setor no aniversário do CAp. O artigo *O ensino e o grêmio* discorre sobre a importância da existência do grêmio estudantil e seus impactos na formação social e intelectual do jovem estudante. Há também o discurso do novo presidente eleito para o Grêmio Odylo Costa Neto do ano de 1967. Por fim, há o anúncio do Concurso Intercolegial de Poesia de A Forja. Dentre os artigos censurados estão: Subdesenvolvimento ou o que será de nós, *Os estudantes e os idiotas*, *Westmoreland: o paladino do Sudeste*, *Fome: mito e realidade*, *O I-Forjal: não sai porque o momento não é para rir* e *L.S.D: mais um capítulo do idealismo americano*.



DISC 162
P059

COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA U. F. R. J.

A FORJA

Órgão Oficial do Grêmio Odylo Costa, neto

ANO XII ☆ JUNHO — 1967 ☆ Nº 2

SUBDESENVOLVIMENTO OU O QUE SERÁ DE NÓS

(8 LAUDAS)

(Censurado)

CENSURIENTAÇÃO

A equipe de A FORJA pretendia que seu segundo número tivesse 12 páginas, podendo, assim, comportar a grande quantidade de artigos que lhe haviam sido entregues. Porém essa colaboração foi reduzida dràsticamente e então A FORJA, que costuma ter 8 páginas e pretendia ter 12, não teve matéria para mais de 8 páginas, mesmo com todos os títulos dos artigos que não pôde publicar, por decisão da «orientação».

Os estudantes e os idiotas

OTTO MARIA CARPEAUX

(2 LAUDAS)

(Censurado)

WESTMORELAND: O PALADINO DO SUDESTE

Eleonora Cavalcante Albano

MÁRIO DE ANDRADE

Fevereiro de 1922. Realizava-se em São Paulo a Semana da Arte Moderna, que foi sem dúvida, o acontecimento artístico brasileiro mais comentado de nosso século. Havia no ar uma chama de euforia, renovação, antipassadismo. Os loures do parnasianismo eram desfolhados alertamente, enquanto por toda a parte se desentocavam os arautos do simbolismo. A jovem geração de escritores, inflamada por um espírito renovador, manifestava seu soberbo desdém pelos fardões empoeirados da Academia Brasileira de Letras. Foi, pois, em meio a um ambiente fortemente iconoclasta e revolucionário que surgiu Mário de Andrade, com a publicação de seu livro de poemas «Pauliceia Desvairada» (1922). O nome de Mário de Andrade está tão intimamente ligado ao movimento modernista que se vê muitas vezes associando erroneamente aos primeiros ímpetos agressivos da mesma. Como toda estética em evolução, o modernismo teve seus excessos e suas polêmicas, originados pelo desejo de combater as escolas ultrapassadas, que não mais condiziam com o cenário social brasileiro e mundial. Passados, porém, êsses primeiros impulsos, o que ficou foi um movimento fecundo, onde se pudia em evidência a necessidade de criar-se uma arte que sintetizasse os valôres culturais brasileiros. E, dêsse momento literário, o que há de mais fiel e representativo — ultrapassado, no entanto, a uma categoria de arte universal — é a obra de Mário de Andrade.

Mário de Andrade, contràriamente ao que muitos pensam, não foi um destruidor, um violador gratuito da ordem estabelecida. Possuia, antes de tudo, um grande espírito crítico, que fêz dêle um esteta e um pesquisador. Como pesquisador, trabalhava em função da estética, procurando chegar às raízes artístico-culturais do povo brasileiro. Vasculhou os quatro cantos do país, com tôdas as suas tradições, seu folclore, seus regionalismos em busca de uma língua e de um espírito que o representassem. Há quem pense, ingênuamente, que Mário de Andrade ignorava os princípios gramaticais da língua Portuguêsa. Longe disso, êle os conhecia profundamente, tendo, portanto, autoridade bastante para desrespeitá-los, segundo a sua tese que defendia a expressão literária fundamentada nas tendências da linguagem oral. Assim, muitas vêzes, feria os gostos dos leitores acostumados à prosa clássica, que, encontrando uma nova estrutura, reagiram agressivamente. Tôda a sua linguagem, da poesia ao romance, tem êsse cunho experimental, que representa a fusão de expressões típicas usadas em diversas partes do país. Mário de Andrade, porém, não se dedicou apenas à estética literária; foi, paralelamente, um estudioso e admirador da música moderna, sôbre a qual escreveu vários ensaios críticos. Essa música, caracterizada por inúmeras dissonâncias e por um ritmo estranho aos ouvidos conservadores, foi uma das fontes de inspiração da técnica poética. Tentando valorizar a palavra tanto pelo conteúdo como pelo efeito sonoro, ele a aplicou, muitas vêzes, de modo a causar uma impressão chocante, contrária a todo ritmo poético usual. O objetivo dessa pesquisa estética era filtrar o falar do povo, elaborando-o artisticamente, a fim de mostrar as belezas inexploradas da língua brasileira. Por trás dêsse objetivo formal havia, porém, um outro: o humano. Mário de Andrade amava profundamente o agentes brasileiro, colocando-se a favor do povo nas lutas sociais. Para êle, o escritor, como todo artista, tinha a responsabilidade irrevogável de tomar um partido. «Acho que o artista, mesmo que queira, jamais deverá fazer uma arte desinteressada», disse êle, pouco antes de morrer (vide «A Forja — junho 1966 — trechos de uma entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa). Vivendo num mundo agitado, que culminou com a Segunda Guerra Mundial, Mário de Andrade tentou exprimir em seus trabalhos a necessidade do artista se definir numa posição política coerente com seus ideais humanos — a fim de não se tornar mero instrumento dos regimes sôbre os quais pretende não se manifestar.

A sua obra-prima, o romance «Macunaíma — se é que êsse livro se pode chamar de romance — é a expressão mais completa dos seus ideais lingüísticos e sociais. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, é um personagem impessoal, que funde as raízes do homem brasileiro, do índio ao caboclo, do português ao imigrante. Perdo, porém, êsse caráter de mera fusão cultural para representar o espírito brasileiro autêntico, ainda titubeante, inseguro, mas consciente do seu despertar. Todo o livro caracteriza-se por aquela linguagem mista de elaboração e informalidade, que Mário de Andrade cultivou em tôda a sua obra, chocando, muitas vêzes, o leitor desprevenido com a liberdade da sentnaçõ e da composição. Numa conferência realizada em 1942, o autor acusou a si próprio e à sua geração de manter apenas um contato indireto com o povo. Foi, talvez, sê. um pouco injusto consigo mesmo, pois jamais houve tentativa mais sincera de representação do povo brasileiro do que «Macunaíma», com a sua mistura de folclore, lirismo, ironia e musicalidade.

A vida do grande escritor paulista foi uma eterna cinquietação gostosa de procurar». «Deus queira que não ache nunca», nos disse êle, porque seria então o descanso em vida parar mais detestável que a morte». Incontestável curioso sabemos que sempre foi. Discordamos, porém, de que nada tenha encontrado. Da sua procura era fundo do mito-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gentes. Dela ficou também uma mensagem humana, que perdurará por muitas gerações.

(Censurado)

A FORJA

Órgão oficial do Grêmio Odylo Costa, Neto

Ano XII
Junho de 1967 — nº 2

Diretor
José Maurício Gradel

Equipe
Carlos Henrique Vianna Pereira
Eleonora Albano
Antonio Monteiro Guimarães
Sérgio Flaksman
Paulo César Oliveira
Luis Carlos Rotberg
Paulo Brandi
Paulo Machado
Miguel Paiva
Marcelo Gomes

Dep. Fotográfico
Pedro Alcântara

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «O Dia» e «A Noticia» - R. Riachuelo, 25, 4º and. Os originais d'A FORJA são revistos e orientados por um professor designado pelo diretor do C. Ap.

TACAP MANTENDO TRADIÇÃO

Como se tornou já uma tradição, o TACAp leveu à cena sua mocadn em mais um 20 de maio, trozendo-nos Tchechov otrovés de dois de seus textos teatrais dos mais conhecidos: "O Pedido de Casamento" e o monólago "Sôbre os Males que o Fumo Produz".

Como também se tornou uma quase tradição, o tempo foi pouco e o resultado, no fim dos contas, positivo. Os componentes reuniram-se e apresentaram o resultado do seu esfôrço conjunto, o que de mais importante existe em qualquer iniciotivo. Elogios e críticas cobem a todos, mas perder-se-iam completamente, pôsto que o espetáculo não foi uma realização que pudesse ser vista dentro do plonitude das possibilidades dos participantes, e assim nenhum dêles poderio ser criticado por um desempenho aquêm de que poderio ter apresentado. Assim mesmo o aplouso a todos, que sempre é gostnsa de dar e de receber, porque é sincero.

Agora, não se pode deixar escapar o que se conseguiu: o entendimento e a vontade de fazer teatro. Isto já existe. Com o indispensável tempêro de estudo, muito coisa boa poderá vir. É o que todos esperamos.

TERRA EM TRANSE

Edna Palatnik

Depois de quase três anos de aparente ausência mas de busca e pesquisa incessante, Glauber Rocha volta a afirmar seu valor como cineasta e artista brasileiro com «Terra em Transe». Já é a evolução e o caminho da maturidade de autor consciente de «Deus e o Diabo». Assim como aquêle, «Terra em Transe» é livre e rico, ideológica e cinematogràficamente, conseguindo levar o espectador a um processo crítico, à suposição ou discussão, a caminhos mais elucidatórios. Justamente por isso, por seu dinamismo clíptico, por sua simbologia poética e alegórica e aliado por muitos de hermético valendo-se de temas, nopulares destinados a uma clite intelectual. Mas Glauber, é coerente consigo mesmo e sbre comunicação sem fazer concessão porque segundo êle «fazer concessão é mentir». Filme popular no Brasil será sinônimo de filme comercial e isto que dizer apresentar a uma platéia a alienação reiscs já definidas ou estratificadas. Reage assim, tendo um outro propósito, bdo é forçar uma tomada de posição através do enchimento, apresentar o debate, a escolha, tudo que encaminhará o espectador a uma maior consciencia dos problemas.

«Terra em Transe» é uma segunda epopéia. É o prolongamento de «Deus e o Diabo» no sentido de dicotomia, da racionalidade e jalização consciclada dentro do autor o personagens, é a sendalidade da própria cinemata: Um filme político sôbre a política, denso, um cinema extraordinário, por fissimo e essencialmente pela própria temática e estrutura, do qual o espectador que leva no real valor e ver paralisado ou preciso, é a dendência da uma situação ou momento histórico através da imagem e da palavra, é a demolidificação de valôres já estabelecidos.

Como em «Deus e o Diabo», Glauber apresenta personagens alegóricos, mas desta vez alegóricos e vivos: Paulo Martins, o poeta idealista e utópico, debatendo-se internamente, passando por um amaraslismo mental até uma definição ideológica satisfatória onde encontra soluções válidas e fôrça para lutar. Corisco, herói épico, também atravessou uma dualidade: Manoel, ao contrário de Rosa, luta e descobre o mar, seu verdadeiro sentido existencial; Dias, o político que vive na irrealidade de cenários estão fora de dentro de uma realidade oposta; Vieira dentro de sua constante perplexidadé e incapacidade de ação. Fuentes, representando o poderio esmagador; Silva, com sua mudez sintomática e inexpugnável; o povo, que morre enforcado.

«Terra em Transes é a busca de uma verdade através de uma maiêutica ideológica e cinematográfica, é a união daquêles vários elementos numa audaciosa fórmula que consegue chegar a um cinema urbano brasileiro que seja aceita influências mas não a cópia, e a conservação do estilo pessoal de autor mesmo com a mudança de gênero (cinema de cangaço para cinema urbano), é sobretudo a insistência em manter uma relação dialética com o espectador. «Terra em Transe» é comunicação porque atinge, porque faz pensar, porque não é um filme fácil mas uma elaboração complexa de idéias e dúvidas reais.



A FORJA

Página 3

Fome: mito e realidade

(Cinco laudas)

(Censurado)

O ensino e o Grêmio

No Brasil, em função de sérios problemas de ordem econômica e social, o Ensino é deficiente. A prova disso é a percentagem absurda de analfabetos, aproximadamente 50% da população, e o índice mínimo de estudantes que conseguem as escolas superiores, cerca de 1%. Note-se que êstes são fatôres altamente alunantes em nosso subdesenvolvimento, repercutindo violentamente nas mais variadas partes da configuração sócio-econômica do país.

No que tange ao ensino secundário, infelizmente nossos país não tem, ainda, condições de permitir ao estudante a multiplicidade de atividades extra-escolares, como ocorre em nações mais desenvolvidas, de modo a abrir o estudante ao colégio durante todo o dia. Suprindo esta deficiência, está o Grêmio, elemento que na conjuntura atual do ensino, é imprescindível para a formação social e intelectual do jovem adolescente.

O Grêmio é então elemento que visa completar a formação e educar. Entre suas atribuições principais está o desenvolvimento, de um sentido crítico no aluno, abrindo-lhe novos campos como: teatro, cinema etc., dando enfim oportunidade ao jovem de expressar, sob as mais diversas formas, suas idéias e sentimentos. Outra de suas principais atribuições, é o constante relacionamento do estudante com a realidade que o cerca, o que se verifica sob as mais variadas formas, como palestras e jornais (tanto murais como impressos). Esta integração cria os laços de sua interpretação e de cunhal importância para o amadurecimento intelectual do estudante, bem como contribui para uma atuação essencialmente consciente perante a evolução social, política e cultural.

Além disso a Grêmio facilita e incrementa o convívio social (de grande importância) na formação do adolescente, pois lhe faculta meio propício à troca de idéias e experiências.

Enfim, para que um Grêmio possa desempenhar plenamente suas funções, é indispensável uma integração sob todos os aspectos entre êle e os estudantes, o que se dá através da participação e apoio dêstes às atividades do Grêmio, pois que a partir daí êle terá um significado mais amplo, pois representa (de forma atuante), os anseios, pensamentos e necessidade dos estudantes, podendo então exteriorizar-se e evoluir em benefício dos mesmos.

DISCURSO DE POSSE DO NÔVO PRESIDENTE DO G. O. C, n

Senhora Diretora;
Prezados Professôres;
Senhores Pais;
Queridos Colegas;

Inicialmente gostaria de agradecer aos colegas pela confiança demonstrada nas eleições do último dia 12.

Queria agradecer, também, a tôda a equipe que estêve comigo nessa fase pré-eleitoral, pelo esfôrço de cada um ao realizar sua parte em nosso trabalho. Todos podemos sentir, nessa primeira fase, a fôrça de nossa equipe, o encontro de cada um com seus próprios objetivos, a posterior identificação com os companheiros, o indissolúvel laço de solidariedade que, cada vez mais forte, certamente continuará ultrapassando quaisquer barreiras e sendo uma das marcantes características dos alunos do Cap.

O jovem secundarista defronta-se no decorrer de sua vida estudantil, com necessidades de sérias opções, principalmente no campo profissional, opções estas que encerram tôda uma maneira de encarar os homens e o mundo.

O que se faz necessário, então?

Faz-se necessário que êle tenha, entre outras coisas, ao menos uma noção do que sejam o mundo e os homens. E' preciso que êle se informe para que possa se formar — para que possa optar livre e conscientemente sôbre aquilo que êle — jovem — vai fazer de sua vida — para que êle perceba que à sua vida estão ligadas muitas outras e estas a outras tantas e assim por diante.

É aí que reside a importância do nosso trabalho e é por isso que êle não deve ser alvo de sanções e limitações no seu papel de esclarecimento e formação nossa e de todos os estudantes, a fim de que possa alcançar a plenitude de seu objetivo.

O Grêmio não é um partido político, nem instrumento de qualquer um dêles.

Seu trabalho é parte importante da vida estudantil. As posições por êle tomadas refletem ùnica e exclusivamente as aspirações dos colegas, vetadas por seus próprios representantes em consultas e assembléias. Daí o destaque que deve ser dado à atuação dos representantes de turma e, por intermédio dela, a de todos os capianos.

Quando trabalhamos numa comunidade, como no caso específico do Cap, ou passamos nela parte de nossa vida e esta comunidade exerce sôbre nós influências marcantes, não é apenas um direito a participação nos seus destinos, é mais que isso: constitui uma obrigação de cada um para consigo mesmo e para com os demais. É indispensável que todos tomem uma posição seja ela favorável ou contrária. O que não é válido é a completa omissão e a subordinação passiva àquilo que não condiz com seus pensamentos. É preferível uma oposição honesta e constante ao total abandono de personalidade, verificada em alguns colegas.

O GOC, vem tentando há vários anos a formação de uma mentalidade sadia em tôrno de nossos trabalhos e objetivos. É certo que tem havido falhas; por vêzes erramos, mas, como dissemos anteriormente, estamos procurando e, graças ao nosso trabalho conjunto, conseguindo progressivamente respostas cada vez mais satisfatórias e completas.

É preciso que subsista entre nós aquilo a que chamávamos espírito capiano, aquela imensa compreensão e amizade que regiam nossa vida e devem continuar caracterizando todos os alunos do Cap, e se estender a todos os jovens de nosso tempo.

Álvaro Lemos

O I — Forjal

Não
sai
porque
o
momento
não
é
para
rir

Artapherphes "Ih"
Fricatez III



Página 4 ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ A FORJA ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ Junho - 1967

A FORJA promove concurso intercolegial de poesia

A FORJA promoverá a partir de julho um concurso intercolegial de poesia, para o qual vai abaixo o regulamento.

Está também nas pretensões da FORJA que êsse concurso não se limite a premiar o melhor e ficar só nisso, mas que êle sirva de traço de união entre os muitos poetas jovens que não encontram possibilidades de expor seus trabalhos e de se reunirem e trocarem idéias e objetivos.

Assim, A FORJA procurará também promover encontros entre os participantes, como dêstes com críticos, poetas e quem mais lhes interessar, prestigiando qualquer tentativa feita por êsses participantes no sentido de criar um meio de, juntos, mostrarem e que fazem e o que pretendem.

Concurso Intercolegial de Poesia de A FORJA

1 Poderão ser inscritos poemas de qualquer natureza, não havendo distinção quanto a forma, conteúdo ou número de linhas.

2 Cada concorrente poderá inscrever até 5 (cinco) poemas, sendo que a cada poema deverá corresponder um pseudônimo.

3 Os poemas deverão ser apresentados em 4 (quatro) vias datilografadas (espaço 2), e deverão ser assinadas sob pseudônimo, trazendo anexo um envelope fechado com o pseudônimo no sobrescrito e contendo indicações de nome, endereço, telefone, colégio, série e idade do concorrente.

4 O prazo de entrega vai até o dia 20 de setembro, a partir do dia da publicação em A FORJA dêste regulamento.

5 O concorrente deverá ser, obrigatòriamente, estudante, e ter no máximo 21 anos, sem mínimo de idade estipulado.

6 Os poemas serão submetidos a um júri composto por três pessoas, a saber:
— Prof. Luis Costa Lima, crítico literário e professor de Sociologia da Literatura na PUC.
— Prof. Sebastião Uchoa Leite, crítico literário e ex-professor da Universidade de Recife.
— Prof. José Darcy de Carvalho, professor de letras clássicas do CAp.
As atividades do júri serão assistidas por um representante de A FORJA.

7 Será estabelecida uma premiação de 10 (dez) poemas, em ordem do 1º ao 10º lugar. Os poemas premiados merecerão publicação em caderno especial de A FORJA, afora os prêmios que serão estabelecidos, sendo que o 1º prêmio será de no mínimo NCr$ ... 100,00 (cem cruzeiros novos) em livros. O júri poderá, também, conceder quantas menções achar conveniente.

8 O júri poderá deixar de conceder um ou mais dos prêmios, se assim lhe aprouver em decisão unânime.

9 Os poemas poderão ser entregues na Secretaria do CAp, diàriamente (salvo aos domingos), entre 8 e 11 horas, ou enviados pelo correio para:
— A FORJA — Prêmio Otyło Costa, neto; Colégio de Aplicação FFi da UFRJ - Rua J. J. Seabra s/n - ZC-20.

10 Não serão devolvidos ao concorrente os poemas inscritos.

11 Os casos omissos serão estudados pelo júri, que decidirá a atitude a ser tomada.

José Maurício Gradel
Diretor de A FORJA

Álvaro [illegible]anos
Presidente do GOCn

L. S. D.

MAIS UM CAPÍTULO DO IDEALISMO AMERICANO

(3 LAUDAS)

(Censurado)

TABELA

A FORJA (CAP-UFRJ) - ARQUIVO PROEDES				
PASTA	**DOC**	**DATA**	**ESPÉCIE**	**DESCRIÇÃO**
CAP 059	DISC 138	1/5/1955	Jornal do CAP	A Forja (Ano I, nº 1)
CAP 059	DISC 139	16/9/1960	Jornal do CAP	A Forja (Ano V, nº 22)
CAP 059	DISC 140	7/10/1960	Jornal do CAP	A Forja (Ano V, nº 23)
CAP 059	DISC 141	28/10/1960	Jornal do CAP	A Forja (Ano V, nº 25)
CAP 059	DISC 142	18/11/1960	Jornal do CAP	A Forja (Ano V, nº 26)
CAP 059	DISC 143		Jornal do CAP	A Forja (Ano VI, s/nº)
CAP 059	DISC 144	21/9/1961	Jornal do CAP	A Forja (Ano VI, nº 4)
CAP 059	DISC 145	17/11/1961	Jornal do CAP	A Forja (Ano VI, nº 6)
CAP 059	DISC 146	20/6/1962	Jornal do CAP	A Forja (Ano VII, nº 1)
CAP 059	DISC 147	29/9/1962	Jornal do CAP	A Forja (Ano VII, nº 2)
CAP 059	DISC 148	12/12/1962	Jornal do CAP	A Forja (Ano VII, nº 3)
CAP 059	DISC 149	1/4/1963	Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 1)
CAP 059	DISC 150	20/5/1963	Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 3)
CAP 059	DISC 151	4/6/1963	Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 4)

A FORJA (CAP-UFRJ) - ARQUIVO PROEDES				
CAP 059	DISC 152	1/8/1963	Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 5)
CAP 059	DISC 153		Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 6)
CAP 059	DISC 154	1/10/1963	Jornal do CAP	A Forja (Ano VIII, nº 7)
CAP 059	DISC 155		Jornal do CAP	A Forja (nº 1/"1964")
CAP 059	DISC 156	17/5/1905	Jornal do CAP	A Forja (nº 2/"1964")
CAP 059	DISC 157	17/5/1905	Jornal do CAP	A Forja (nº 3/"1964")
CAP 059	DISC 158	1/5/1965	Jornal do CAP	A Forja (no 1/"1965") Edição não encontrada
CAP 059	DISC 159	1/8/1965	Jornal do CAP	A Forja (nº 2/"1965")
CAP 059	DISC 160	1/10/1965	Jornal do CAP	A Forja (nº 3/"1965")
CAP 059	DISC 161	1/8/1966	Jornal do CAP	A Forja (Ano XI, nº 4)
CAP 059	DISC 161	1/6/1967	Jornal do CAP	A Forja (Ano XII, nº 2)

Esta coleção está disponível no link
https://pantheon.ufrj.br

Outros títulos da coleção:









SUA ESCOLA TEM HISTÓRIA

www.suaescolatemhistoria.com.br